

**KATHOLIEKE UNIVERSITEIT NIJMEGEN**

**GRAMÁTICA DA LÍNGUA KANOÊ**

descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção,  
falada ao sul do Estado de Rondônia, Brasil

por

**Laércio Nora Bacelar**

**Nijmegen, Holanda  
2004**



# GRAMÁTICA DA LÍNGUA KANOÊ

een wetenschappelijke proeve op het gebied van de Letteren

Proefschrift

ter verkrijging van der graad van doctor aan de  
Katholieke Universiteit Nijmegen,  
op gezag van de Rector Magnificus Prof. Dr. C. W. P. M. Blom,  
volgens besluit van het College van Decanen  
in het openbaar te verdedigen  
op Maandag 19 April 2004  
des namiddags om 1:30 uur precies

door

Laércio Nora Bacelar

geboren op 17 november 1955 te Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazilië

*Promotiecomissie:*

*Promotor:* Prof. Dr. Pieter C. Muysken, Katholieke Universiteit Nijmegen

*Co-Promotor:* Dr. Hein van der Voort, Katholieke Universiteit Nijmegen

*Manuscriptcommissie:*

Prof. Dr. Max P.A.M. Kerkhof, Katholieke Universiteit Nijmegen

Dr. Sérgio Meira, Universiteit Leiden

Prof. Dr. W. Leo Wetzels, Vrije Universiteit Amsterdam

ISBN 90-9017958-5

Copyright © 2004 by Laércio Nora Bacelar. All rights reserved.

Printed in The Netherlands

*“um índio descerá  
de uma estrela colorida brilhante  
de uma estrela que virá  
numa velocidade estonteante  
e pousará no coração do hemisfério sul na américa num claro instante  
depois de exterminada a última nação indígena  
e o espírito dos pássaros  
das fontes de água límpida  
virá...”*

(Caetano Veloso, em: “Um índio”)



## Agradecimentos

Ao povo Kanoê, em especial a *Munuzinho Kanoê (in memoriam)* e *Maria Atiminaké (in memoriam)*, *Tutuá (in memoriam)*, *Txinamanty* e *Purá*, e carinhosamente a *Teresa Kanoê*, todos meus informantes lingüísticos; que me receberam com simpatia e colaboraram para que este trabalho se realizasse, na medida do possível;

Ao Prof. Dr. *Pieter Muysken*, lingüista da Universidade Católica de Nijmegen, Holanda, pela orientação precisa, conhecimentos transmitidos, paciência e apoio técnico e financeiro, importantíssimos para a continuidade da pesquisa da língua Kanoê, sem os quais o presente trabalho não teria chegado a este estágio, minha mais profunda gratidão e admiração;

Ao Prof. Dr. *Aryon Dall'Igna Rodrigues*, do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pelos muitos conhecimentos transmitidos e orientações sempre oportunas, entre as quais a opção pela documentação da língua Kanoê;

Ao Dr. *Hein van der Voort*, lingüista da Universidade Católica de Nijmegen, Holanda, pela atenção redobrada, pelas observações sempre oportunas, estímulo e apoio à continuidade desta pesquisa; pela hospitalidade, generosidade e amizade, sou-lhe muitíssimo grato;

À Dra. *Mily Crevels*, lingüista da Universidade Católica de Nijmegen, Holanda, pelo intercâmbio de conhecimentos, estímulo, atenção e gestos de simpatia e amizade, toda minha gratidão;

Ao Dr. *Sérgio Meira*, da Universidade Real de Leiden, pela leitura atenta, especialmente do segundo capítulo, e observações importantes;

À Dra. *Marian Klamer*, da Universidade Real de Leiden, Holanda, pela atenção local, transmissão de conhecimentos, receptividade e apoio; à Profª. Dra. *Anna Siewierska*, da Universidade de Lancaster, Inglaterra, pela simpatia, receptividade de transmissão de conhecimentos em curso em Leiden, Holanda; à Profª Dra. *Colette Grinevald Craig*, da Universidade Lumière, Lyon 2, França, pela atenção, simpatia e transmissão de conhecimentos em Leiden e durante o curso em Bogotá, Colômbia;

À Srta. *Marga van der Schaaf*, pela atenção e acolhida carinhosa em Amsterdam;

À FUNAI - Fundação Nacional do Índio, pelas autorizações para ingresso em áreas indígenas; e ao CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa, pelo financiamento parcial das duas primeiras sessões de trabalho de campo; ao Sr. *Marcelo dos Santos* e ao Sr. *Altair José Algayer*; técnicos indigenistas da FUNAI, na Frente de Proteção Eco-Ambiental do Guaporé; à Sra. *Amélia de Jesus Veiga*, Auxiliar de Enfermagem da FUNASA, pela simpatia e apoio; ao Sr. *João Maciel*, no acampamento da FUNAI no Omeré;

Ao Dr. *Celso Ferrarezi Júnior*, Diretor do Campus da Universidade Federal de Rondônia, em Guajará-Mirim, RO, pela admiração, apoio e hospitalidade; à ainda Dra. *Maria Cristina Vitorino França* e Dra. *Yara Maria Teles*, da mesma instituição;

Aos colegas da Universidade Católica de Nijmegen, pela receptividade;

Ao jovem *Ricardo Rodrigues de Araújo*, pelo apoio logístico em Goiânia, sobretudo por ocasião das sessões de trabalho de campo e viagens à Holanda; e a *Rosemary Gannon*, sempre amiga, pelo apoio em Porto Velho;

A meus familiares e amigos, especialmente a meu pai *Alonso Bacelar (in memoriam)* e minha mãe *Filomena*, meu irmão *Eber* e minha irmã *Édina*, sempre solidários e prestativos;

Enfim, a todos, minha profunda gratidão.

Guajará-Mirim, RO, Brasil, 31 de janeiro de 2004.

*Laércio Nora Bacelar*





## SUMÁRIO

Abreviaturas e convenções	16
Lista de Quadros e Diagramas	18
Mapa 1: Localização dos falantes da língua Kanoê	20
Mapa 2: Áreas culturais indígenas brasileiras 1900-1959, segundo Galvão	20
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>21</b>
1.1 Objetivo	21
1.2 Kanoê: a língua e o povo	21
1.2.1 Classificação genética	21
1.2.2 Citações bibliográficas anteriores	22
1.2.3 Contexto geográfico	24
1.2.4 Contexto sócio-econômico e histórico	25
1.2.5 Contexto sociocultural	29
1.2.6 A comunidade Kanoê: traços culturais e demografia	30
1.2.6.1 Os Kanoê de Deolinda-Rio Guaporé	32
1.2.6.2 Os Kanoê isolados do Omeré: o contato e seus desdobramentos	33
1.2.7 História social dos Kanoê	38
1.3 O trabalho de campo e a análise dos dados	42
1.3.1 A 1ª sessão: junho de julho de 1991	42
1.3.2 A 2ª sessão: janeiro de 1997	43
1.3.3 A 3ª sessão: agosto e setembro de 2002	43
1.3.4 A 4ª sessão: agosto a outubro de 2002	43
1.3.5 Metodologia na análise dos dados e resultados	44
<b>2 FONOLOGIA</b>	<b>46</b>
2.1 O sistema fonológico da língua Kanoê	46
2.1.1 Fonemas consonantais	47
2.1.2 Inventário, descrição, realizações e oposições fonológicas dos fonemas consonantais	48
2.1.3 Resíduos da avaliação fonológica dos fonemas consonantais	55
2.1.4 Fonemas vocálicos	58
2.1.5 Inventário descrição, realizações e oposições fonológicas dos fonemas vocálicos orais	59
2.1.6 Inventário descrição, realizações e oposições fonológicas dos fonemas vocálicos nasais	64
2.1.7 Resíduos da avaliação fonológica dos sons vocálicos	68
2.1.8 Quadros sinóticos dos fonemas e suas respectivas realizações fonéticas	73
2.2 O acento de intensidade silábica	75
2.3 Estruturas silábicas	76
2.3.1 Padrões silábicos	76
2.3.2 sílaba fonológica <i>versus</i> sílaba fonética	78
2.3.3 Ditongos e tritongos	78
2.3.4 Hiatos	82
2.4 Processos morfofonológicos	83
2.4.1 Queda de vogais nasalizadas e alomorfia	84
2.4.2 Vocalização de / <i>ñ</i> / e alomorfia	85
2.4.3 Ditongação e alomorfia	85

2.4.4	Metátese e velarização de /n/	86
2.4.5	Distribuição complementar e alomorfia: /r/ → [r] ~ [d]	86
2.5	A entoação	88
2.5.1	Entoação ascendente: frases interrogativas	89
2.5.2	Entoação descendente: frases imperativas	89
2.5.3	Entoação ascendente-descendente: frases declarativas	90
2.5.4	Entoação ascendente-descendente: frases comparativas	90
2.5.5	Entoação descendente: frases exortativas	90
2.6	Proposta de alfabeto para o Kanoê	91
2.6.1	Considerações preliminares	91
2.6.2	Grafemas para os fonemas consonantais	92
2.6.3	Grafemas para os fonemas vocálicos	94
2.6.4	Alfabeto Kanoê: versão preliminar	96
2.6.5	Texto	97
<b>3</b>	<b>MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE</b>	<b>98</b>
3.1	Tipologia morfológica da língua Kanoê	98
3.2	Processos morfológicos: formação de palavras	99
3.2.1	Composição	99
3.2.1.1	Composição por justaposição	100
3.2.1.2	Composição por aglutinação	100
3.2.2	Derivação	101
3.2.2.1	Derivação por incorporação de raiz nominal	101
3.2.2.2	Derivação por sufixação	102
3.2.2.3	Reduplicação e onomatopéias	102
3.2.2.4	Onomatopéias verbais	103
3.3	Classes de palavras	104
3.4	Morfossintaxe nominal	106
3.4.1	Distinção entre morfemas nominais recorrentes	106
3.4.2	Nomes simples <i>versus</i> nomes compostos	108
3.4.2.1	Estrutura dos nomes simples	109
3.4.2.2	Estrutura das nominalizações ou nomes deverbais	111
3.4.2.3	Estrutura dos nomes compostos	113
3.4.3	A marcação do gênero nominal	114
3.4.3.1	Gênero inerente: concordância com {-kỹj} ‘MASC’ ou {-nake} ‘FEM’	115
3.4.3.2	Gênero expresso por {-kwã} ‘MASC’ ou {-nake} ‘FEM’	115
3.4.3.3	{-kwã} <i>versus</i> {-kỹj}: marcadores de categorias distintas	116
3.4.3.4	Gênero expresso por <i>ævo</i> para ‘MASC’ e por <i>e</i> para ‘FEM’	116
3.4.3.5	Gênero expresso por <i>ævo-re</i> para ‘MASC’ ou <i>e-re</i> para ‘FEM’	117
3.4.4	A inexistência da marcação de número nos nomes	118
3.4.5	Diminutivo: o acréscimo de {-tsĩkwa}	119
3.4.6	Considerações sobre classificadores nominais	119
3.4.6.1	Classificadores nominais semanticamente transparentes	121
3.4.6.2	Classificadores nominais semanticamente opacos	131
3.4.7	Morfossintaxe nominal	134
3.4.7.1	O sintagma nominal	134
3.4.7.2	Ordem canônica de palavras nos sintagmas nominais	134
3.4.7.3	O sintagma nominal possessivo	136
3.4.7.3.1	Funções sintáticas dos sintagmas nominais possessivos	138
3.4.7.4	Concordância de gênero nos sintagmas nominais	139
3.4.7.5	Concordância de classificadores no sintagma nominal	140

3.5 Morfossintaxe pronominal	140
3.5.1 Pronomes pessoais livres	140
3.5.1.1 Pronomes pessoais livres enfáticos	141
3.5.1.2 Marcação de gênero e concordância na 3ª. pessoa	142
3.5.1.3 Concordância entre pronomes pessoais e flexão pessoal	143
3.5.2 Pronomes possessivos	144
3.5.2.1 Pronomes possessivos no âmbito do SN	145
3.5.2.2 Concordância entre pronomes possessivos e flexão pessoal	146
3.5.3 Pronomes demonstrativos	148
3.5.3.1 Pronomes demonstrativos no escopo do SN	148
3.5.4 Pronomes indefinidos	148
3.5.4.1 Marcação de gênero nos pronomes indefinidos	149
3.5.4.2 Funções sintáticas dos pronomes indefinidos	150
3.5.5 Locuções pronominais interrogativas	150
3.5.5.1 Marcação de genitivo possessivo em locução pronominal interrogativa	151
3.5.5.2 Marcação de gênero em locução pronominal interrogativa	151
3.5.5.3 Funções sintáticas das locuções pronominais interrogativas	152
3.5.6 Os pronominais {- <i>kjũ</i> } e {- <i>njũ</i> }	153
3.6 Numerais e quantificadores	155
3.6.1 Numerais e quantificadores no âmbito do SN	156
3.6.2 O quantificador <i>arakere</i>	156
3.6.3 Numerais verbalizados como determinantes de SN	157
3.6.4 Marcação de gênero no SQ	157
3.6.5 Sintagma quantificador interrogativo	158
3.7 Morfossintaxe adverbial	159
3.7.1 Expressões adverbiais de tempo	159
3.7.2 Expressão adverbial espaço ou lugar	162
3.7.3 Advérbios de dúvida ou probabilidade	164
3.7.4 Expressão adverbial de modo	164
3.7.5 Expressão adverbial de intensidade	165
3.7.6 Expressão adverbial de inclusão	165
3.7.7 Sintagmas adverbiais interrogativos	165
3.7.8 O sufixo oblíquo {- <i>ni</i> }	166
3.7.9 Conectivos e partículas	167
3.7.9.1 <i>tõ</i> : conectivo explicativo	167
3.7.9.2 <i>tsoke</i> : conectivo disjuntivo	167
<b>4 MORFOSSINTAXE VERBAL</b>	<b>168</b>
4.1 Concordância verbal	168
4.1.1 Concordância entre sujeito pronominal e estrutura verbal	170
4.1.1.1 Classe I: sintagmas verbais com flexão pessoal na cabeça da estrutura	170
4.1.1.2 Classe II: sintagmas verbais transitivas com flexão pessoal sufixal	172
4.1.1.3 Classe III: flexão pessoal apenas no domínio de TMA	174
4.1.2 Concordância entre estrutura verbal e sujeito nominal	178
4.1.3 Concordância de gênero entre estrutura verbal e sujeito	178
4.1.4 Concordância entre estrutura verbal transitiva e objeto direto	178
4.1.5 Concordância entre estrutura verbal e argumento periférico	184
4.2 Classificadores e aplicativos verbais	184
4.2.1 Os papéis morfossintáticos e semânticos dos classificadores verbais	185
4.2.2 Os papéis semânticos dos argumentos	186
4.2.3 O papel classificatório de {- <i>ro</i> }	189

4.2.3.1	Raízes verbais intransitivas que jamais exigem {-ro} e {-to}	190
4.2.3.2	Raízes verbais intransitivas que exigem {-ro}	191
4.2.3.3	Raízes verbais transitivas que jamais exigem {-ro}	192
4.2.3.4	Raízes verbais transitivas que sempre exigem {-ro}	192
4.2.4	O papel classificatório de {-to}	193
4.2.4.1	Raízes verbais transitivas que exigem apenas {-to}	193
4.2.5	Aspectos morfológicos e semânticos da alternância entre {-ro} e {-to}	194
4.2.6	Alomorfia dos morfemas {-ro} e {-to}	194
4.2.6.1	A alomorfia de {-ro}	195
4.2.6.2	A alomorfia de {-to}	195
4.2.7	O morfema {-ry}	195
4.2.8	O morfema {-o}	198
4.2.9	O aplicativo {-mo}	199
4.2.10	Os classificadores verbais e a categoria de voz	201
4.3	Morfemas direcionais	202
4.3.1	O direcional {-to}: movimento para o interior	202
4.3.2	O direcional {-tu}: movimento para o exterior	202
4.3.3	O direcional {-ja}: movimento para baixo	202
4.3.4	O direcional {-mu}: movimento para cima	203
4.3.5	O direcional {-vo}: movimento para baixo	204
4.4	Incorporação nominal instrumental	205
4.5	Outros morfemas verbais:	206
4.5.1	O morfema {-ve}	206
4.5.2	O morfema {-twa}	208
4.5.3	O morfema {-kÿj}	208
4.5.4	O morfema {-ky}	209
4.5.5	O morfema {-mu}	210
4.5.6	O morfema {-tsi}	210
4.5.7	O morfema {-vi}	211
4.6	Sintagmas verbais atributivos	212
4.6.1	Predicativos atributivos em construções negativas	212
4.6.2	Concordância em predicados atributivos:	213
4.6.2.1	Concordância de gênero	213
4.6.2.2	Incorporação nominal em predicados atributivos	213
4.6.2.3	Incorporação de classificador	214
4.6.3	Sintagmas verbais atributivos comparativos	214
4.6.4	Sintagmas verbais descritivos cromáticos	215
4.7	As categorias de modo e as modalidades	216
4.7.1	Modo declarativo	216
4.7.1.1	Modo declarativo-afirmativo	216
4.7.1.2	Modo declarativo-negativo	216
4.7.2	Modo interrogativo	217
4.7.2.1	Modo interrogativo-positivo	217
4.7.2.2	Modo interrogativo-negativo	218
4.7.3	Modo imperativo	218
4.7.3.1	Modo imperativo-afirmativo	218
4.7.3.2	Modo imperativo-negativo	219
4.7.4	Exortatividade	219
4.7.5	Volitividade	219
4.8	Tempo e aspecto	220
4.8.1	O presente progressivo <i>versus</i> o passado perfectivo	221
4.8.2	O passado imperfectivo	223

4.8.3 O futuro	223
4.8.4 O infinitivo	223
4.8.5 O aspecto freqüentativo ou iterativo	224
4.8.6 O aspecto intensivo	225
4.8.7 Possíveis marcadores aspectuais	225
4.8.7.1 O morfema {-e}	225
4.8.7.2 O morfema {-ũ}	226
4.8.8 O auxiliar {-re}	226
<b>5 SINTAXE E SEMÂNTICA</b>	<b>228</b>
5.1 Considerações preliminares	228
5.2 Classificação tipológica	228
5.3 Estrutura sintática das sentenças simples	229
5.3.1 Ordem básica de constituintes	229
5.3.2 Papéis sintático-semânticos de sujeito e objeto	230
5.3.3 O sujeito pronominal	232
5.3.4 Sujeito e objeto direto: os papéis semânticos atribuídos por {-ry}	233
5.3.4.1 Argumento composto com papéis simultâneos de agente e paciente	233
5.3.4.2 Nome semanticamente plural com papéis simultâneos de agente e paciente	234
5.3.5 Objeto direto versus argumentos periféricos	234
5.3.5.1 Argumento periférico como complemento recipiente	234
5.3.5.2 Argumento periférico como complemento benefactivo	235
5.3.5.3 O complemento genitivo possessivo	236
5.3.6 Os argumentos oblíquos e seus papéis semânticos	236
5.3.6.1 Argumento oblíquo locativo	237
5.3.6.2 Argumento oblíquo instrumental	239
5.3.6.3 Argumento oblíquo temporal	240
5.3.6.4 Argumento oblíquo comitativo	240
5.4 Tipologia do predicado oracional	243
5.4.1 Predicados nucleados por raízes nominais	243
5.4.1.1 Predicados equativos e inequativo	244
5.4.1.2 Predicados com raízes nominais determinativas	245
5.4.1.3 Predicados quantitativos nucleados por numerais	245
5.4.2 Predicados nucleados por raízes verbais	246
5.4.2.1 Predicados verbais quantitativos nucleados por <i>ara-k-e-re</i>	247
5.4.2.2 Predicados verbais atributivo-qualificativos	247
5.4.2.3 Predicados verbais comparativos equativos e inequativos	248
5.4.2.4 Predicados verbais existenciais	249
5.4.2.5 Predicados verbais meteorológicos	249
5.4.2.6 Predicados verbais temporais	250
5.4.2.7 Predicados verbais possessivos	250
5.4.2.8 Predicados verbais locativos	251
5.4.2.9 Predicados verbais posicionais e posturais	251
5.4.2.10 Predicados verbais locativo-posicionais ou locativo-posturais	252
5.5 Inversões da ordem básica de constituintes	253
5.5.1 Focalização de SN na função objeto direto	253
5.5.2 Focalização de complementos periféricos adverbiais	254
5.5.2.1 Complemento oblíquo instrumental focalizado	254
5.5.2.2 Sintagma adverbial temporal focalizado	254
5.5.2.3 Sintagma adverbial locativo focalizado	255
5.5.2.4 Sintagma adverbial dubitativo topicalizado	255

5.5.3 Focalização de sintagmas interrogativos	255
5.5.4 Posposição de constituintes em orações declarativas	256
5.5.4.1 Posposição de sujeito	256
5.5.4.2 Posposição de objeto direto	256
5.5.4.3 Posposição de complemento benefactivo	257
5.5.4.4 Posposição de complementos adverbiais	257
5.5.5 Posposição de constituintes em orações imperativas	258
5.5.5.1 Posposição de sujeito	258
5.5.5.2 Posposição de objeto direto	258
5.6 Vocativo parentético	259
5.6.1 Posposição de vocativo	259
5.7 Coordenação no do plano dos constituintes oracionais	260
5.7.1 Argumento composto na função de sujeito	260
5.7.2 Argumento composto na função de objeto direto	260
5.7.3 Complemento benefactivo composto	261
5.7.4 Complementos oblíquos compostos	261
5.7.4.1 Complemento oblíquo locativo composto	261
5.7.4.2 Complemento oblíquo instrumental composto	261
5.7.4.3 Complemento oblíquo temporal composto	262
5.7.4.4 Complemento comitativo composto	262
5.8 Sintaxe das sentenças complexas	262
5.8.1 Coordenação interoracional em sentenças complexas	262
5.8.1.1 Coordenação por justaposição	263
5.8.1.2 Coordenação adversativa ou disjuntiva	264
5.8.1.3 Coordenadas explicativas justapostas	265
5.8.1.4 Coordenação por paralelismo sintático	265
5.8.2 Co-subordinação interoracional em sentenças complexas	266
5.8.2.1 Orações co-subordinadas argumentais	266
5.8.3 Orações co-subordinadas de natureza adverbial	268
5.8.3.1 Co-subordinadas causais	268
5.8.3.2 Co-subordinadas comparativas equativas e inequativas	269
5.8.3.3 Co-subordinadas concessivas	269
5.8.3.4 Co-subordinadas condicionais	270
5.8.3.5 Co-subordinadas temporais	270
5.8.3.6 Co-subordinadas finais	270
<b>6 LÉXICO E SEMÂNTICA</b>	<b>272</b>
6.1 Campos léxico-semânticos	272
6.2 Terminologia para partes, órgãos e detalhes do corpo humano ou de animal	272
6.2.1 Partes, detalhes e órgãos da cabeça e termos afins	272
6.2.2 Partes, detalhes e órgãos do tronco, internos e externos, e termos afins	273
6.2.3 Partes, detalhes dos membros e termos afins	275
6.3 Terminologia para doenças, sintomas e afins	275
6.4 Terminologia de órgãos e partes das plantas e termos afins	276
6.5 Terminologia dos laços de parentesco	276
6.5.1 Terminologia das relações de parentesco consangüíneo	277
6.5.2 Terminologia de parentesco afim	279
6.6 Antropônimos	282
6.6.1 Antropônimos derivados de nomes de animais e plantas	283
6.6.2 Antropônimos derivados de nomes de outros elementos naturais e afins	284
6.6.3 Antropônimos compostos decorrentes de características físicas	284

6.6.4 Antropônimos compostos decorrentes de características comportamentais	285
6.6.5 Antropônimos de significação indeterminada	285
6.7 Etnônimos e afins	286
6.8 Mitônimos	287
6.9 Hidrônimos	289
6.10 Hiperonímia	290
6.11 Metáforas	292
6.12 Polissemia	294
6.13 Sinonímia	294
6.14 Empréstimos lingüísticos	296
6.14.1 Empréstimos do Português	296
6.14.2 Empréstimos de etimologia Tupi	297
6.15 Algumas semelhanças entre Kanoê e Kwaza (Koaiá)	297
<b>7 ADENDO: TEXTOS</b>	299
7.1 Considerações preliminares	299
7.2 Texto 1	300
7.3 Texto 2	300
7.4 Texto 3 “A morte de Turué”	301
7.5 Texto 4 “Diálogo sobre os Akuntsum”	302
7.6 Texto 5 Canção A: “O cujubim está voando”	303
7.7 Texto 6 Canção B: “Avavá está brilhando”	304
7.8 Texto 7 Canção C: “As estrelas estão brilhando”	304
7.9 Texto 8 Canção D: “Vamos comer milho com tatu”	304
7.10 Texto 9 Canção E: “Eu sou”	304
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	305
<b>ANEXOS</b>	311
1: Genealogias de algumas famílias Kanoê	311
2: Relação das famílias de remanescentes Kanoê	316
3: Fotos	318
<b>RESUMO</b>	321
<b>SAMENVATTING</b>	322
<b>ABSTRACT</b>	324
<b>BIOGRAFIA SUCINTA DO AUTOR</b>	326

## ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

<b>ADV</b> = advérbio, adverbial	<b>Lit.</b> = sentido literal
<b>ag</b> = agente	<b>LOC</b> = locativo
<b>alt</b> = alto	<b>MAK</b> = Maria Atiminaké Kanoê
<b>ant</b> = anterior	<b>MASC</b> = masculino
<b>APL</b> = aplicativo	<b>MK</b> = Munuzinho Kanoê
<b>aprox</b> = aproximante	<b>N</b> = nome substantivo
<b>ASP</b> = aspecto, aspectual	<b>N<sub>raiz</sub></b> = raiz nominal
<b>atrib</b> = atributivo	<b>n.d.a.</b> = nos demais ambientes
<b>AUX</b> = verbo auxiliar	<b>nas</b> = nasal
<b>baix</b> = baixo	<b>NEG</b> = negação, negativo
<b>ben</b> = benefactivo	<b>NLZ</b> = nominalizador
<b>CAdv</b> = Complemento adverbial	<b>NUM</b> = numeral
<b>c</b> = contóide oral	<b>OBL</b> = oblíquo
<b>C</b> = consoante oral	<b>OD</b> = objeto direto
<b>ẽ, C</b> = contóide / consoante nasal	<b>OI</b> = objeto direto
<b>CLE</b> = classificador nominal específico	<b>pac</b> = paciente
<b>CLG</b> = classificador genérico	<b>palat</b> = palatal
<b>CLV</b> = classificador verbal	<b>PASS</b> = passado, pretérito
<b>COL</b> = coletivizador	<b>Pf</b> = prefixo
<b>COM</b> = comitativo	<b>PK</b> = Purá Kanoê
<b>cons</b> = consonantal	<b>PL</b> = plural
<b>cont</b> = contínuo	<b>POSS, poss</b> = possessivo, possuidor
<b>cons</b> = consonantal	<b>post</b> = posterior
<b>COP</b> = verbo copulativo	<b>PRO</b> = Pronome, pronominal
<b>Cpl</b> = complemento	<b>prox</b> = próximo
<b>DECL</b> = Declarativo	<b>QUA</b> = quantificador
<b>DEM</b> = pronome demonstrativo	<b>RC</b> = relacional de contigüidade
<b>Det</b> = determinante	<b>RED</b> = reduplicação
<b>DIM</b> = sufixo diminutivo	<b>REL</b> = relativizador
<b>DIR</b> = direcional	<b>REFL</b> = refletivo
<b>dist</b> = distante	<b>S</b> = sujeito
<b>DU</b> = dual	<b>Suj</b> = sujeito
<b>enf</b> = enfático	<b>SAdv</b> = sintagma adverbial
<b>esp.</b> = espécie	<b>SG</b> = singular
<b>fam.</b> = família	<b>sil</b> = silábico
<b>FEM</b> = feminino	<b>SO</b> = sintagma oracional
<b>fen</b> = fenomenológico	<b>SN</b> = sintagma nominal
<b>FP</b> = flexão pessoal	<b>SQ</b> = sintagma quantificador
<b>FUT</b> = futuro	<b>SV</b> = sintagma verbal
<b>GEN</b> = gênero	<b>SUJ</b> = sujeito
<b>IMP</b> = imperativo	<b>Sf</b> = sufixo
<b>IN</b> = incorporação nominal	<b>TK</b> = Teresa Kanoê
<b>inat</b> = verbo não-ativo	<b>TRA</b> = transitivo
<b>INDEF</b> = indefinido	<b>TxK</b> = Txinamanty Kanoê
<b>instr</b> = instrumental	<b>V</b> = vogal oral
<b>INT</b> = interrogativo	<b>V<sub>raiz</sub></b> = raiz verbal
<b>INTR</b> = intransitivo	<b>ṽ, V</b> = vocóide nasal / vogal nasal
<b>lab</b> = labial	<b>v</b> = vocóide surdo
<b>líqu</b> = líquido	<b>V</b> = verbo



**VE** = verbo de estado  
**vel** = velar  
**VM** = verbo de movimento  
**vs** = *versus*  
**verb** = verbo, verbal  
**voc** = vocálico (fonologia)  
**VOC** = vocativo (sintaxe)  
**VOL** = volitivo  
**voz** = vozeado  
**VT** = verbo transitivo  
**V.raiz** = raiz verbal  
**1SG** = 1<sup>a</sup>. pessoa do singular  
**1PL** = 1<sup>a</sup>. pessoa do plural  
**2SG** = 2<sup>a</sup>. pessoa do singular  
**2PL** = 2<sup>a</sup>. pessoa do plural  
**3SG** = 3<sup>a</sup>. pessoa do singular  
**3PL** = 3<sup>a</sup>. pessoa do plural  
**1** = 1<sup>a</sup>. pessoa, singular ou plural  
**2** = 2<sup>a</sup>. pessoa, singular ou plural

**3** = 3<sup>a</sup>. pessoa, singular ou plural  
[ ] = transcrição fonética  
/ / = transcrição fonológica  
{ } = morfemas presos  
( ) = ocorrência facultativa ( morfologia)  
[ ] = constituinte encaixado (sintaxe)  
> **f** = maior frequência  
< **f** = menor frequência  
# = pausa, silêncio  
∅ = zero, silêncio, vazio fonético  
~ = em variação com, variando com.  
→ = “realiza-se como”  
> = “é reduzido para”  
♂ = gênero masculino  
♀ = gênero feminino  
% = sentença agramatical  
(?) = dúvida

## LISTA DE QUADROS E DIAGRAMAS

### CAPÍTULO 2: FONOLOGIA

Quadro 1: Feixes de traços distintivos para a descrição dos fonemas consonantais	46
Quadro 2: Feixes de traços distintivos para a descrição dos fonemas vocálicos	47
Quadro 3: Subsistema dos fonemas consonantais	47
Quadro 4: Comparação de dados relativos a registros de oclusão glotal	56
Quadro 5: Comparação de dados relativos a realização ou não de [h] e dados afins	57
Quadro 6: Subsistema dos fonemas vocálicos	58
Quadro 7: Fonemas consonantais e suas respectivas realizações fonéticas	73
Quadro 8: Variações de /ts/	74
Quadro 9: Fonemas vocálicos orais e suas respectivas realizações fonéticas	74
Quadro 10: Fonemas vocálicos nasais e suas respectivas realizações fonéticas	75
Quadro 11: Ambientes fonotáticos dos padrões silábicos	76
Quadro 12: Ditongos orais e respectivas combinações fonotáticas consonantais	77
Quadro 13: Ambientes de ocorrência dos ditongos orais	79
Quadro 14: Ditongos nasais e respectivas combinações fonotáticas consonantais	80
Quadro 15: Ambientes de ocorrência dos ditongos orais	81
Quadro 16: Ambientes de ocorrência dos ditongos nasais	81

### CAPÍTULO III: MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE

Quadro 1: Classes de palavras a partir de parâmetros morfológicos	105
Quadro 2: Classes de palavras a partir de parâmetros morfofossintáticos	106
Quadro 3: Distinções entre os tipos de morfemas nominais mais recorrentes	107
Quadro 4: Distribuição dos morfemas nominais mais recorrentes	108
Quadro 5: Distinções os tipos de morfemas nominais mais recorrentes	121
Quadro 6: Classificadores nominais semanticamente transparentes	130
Quadro 7: Tipologia dos classificadores a partir de parâmetros semânticos	131
Quadro 8: Classificadores nominais semanticamente opacos	134
Quadro 9: Paradigma dos pronomes pessoais livres	141
Quadro 10: Pronomes pessoais livres e marcas flexionais	143
Quadro 11: Paradigma dos pronomes pessoais possessivos	145
Quadro 12: Concordância entre pronominais possessivos e marcas de flexão pessoal, I	147
Quadro 13: Concordância entre pronominais possessivos e marcas de flexão pessoal, II	147
Quadro 14: Distribuição dos pronomes demonstrativos	148
Quadro 15: Distribuição dos pronomes indefinidos	149
Quadro 16: Distribuição dos pronomes interrogativos	150
Quadro 17: Numerais e quantificadores	155
Quadro 18: Advérbios de tempo	160
Quadro 19: Expressões adverbiais espaço-distais	162

### CAPÍTULO IV: MORFOSSINTAXE VERBAL

Quadro 1: Categorização verbal com posição de flexão pessoal	176
Quadro 2: Pronomes pessoais e flexão pessoal por referência cruzada	176
Quadro 3: Distribuição da flexão pessoal	177
Quadro 4: Variações da raiz relativa a “comer” e respectivos classificadores	183
Quadro 5: Variações formais de { <i>vara-</i> } “falar” a partir da...	188
Quadro 6: Variações formais de { <i>pat eñu-</i> } “conhecer” a partir da...	189

Quadro 7: Variações formais de { <i>memu-</i> } “gostar” a partir da...	189
Quadro 8: Distribuição dos classificadores e aplicativos verbais	200
Quadro 9: Distribuição dos direcionais	205
Quadro 10: Categorias e subcategorias de modo	220
Quadro 11: Marcação dos tempos verbais	221

### **CAPÍTULO V: SINTAXE**

Quadro 1: Ordem de constituintes em orações transitivas declarativas	229
Quadro 2: Traços característicos dos predicados nominais e verbais	243
Quadro 3: Distribuição dos elementos conjuntivos	262

### **CAPÍTULO VI: SEMÂNTICA**

Diagrama 1: Terminologia das relações de parentesco consanguíneo	278
Diagrama 2: Terminologia das relações de parentesco afim	281



Mapa 1:  
Localização geográfica aproximada dos últimos falantes de Kanoê em Rondônia, Brasil, em 2003.



Mapa 2:  
Áreas culturais indígenas brasileiras 1900-1959, segundo Galvão (1960).

# 1

## INTRODUÇÃO

### 1.1 Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma descrição gramatical da língua **Kanoê**<sup>1</sup>, com enfoque em seus aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais e semânticos e algumas de suas propriedades discursivas. Para tal, neste capítulo introdutório, faz-se a apresentação dessa língua, suas respectivas fontes bibliográficas anteriores, e são descritos os contextos geográfico e sócio-cultural em que o Kanoê sobrevive, o povo Kanoê, seus traços culturais mais proeminentes, e o que foi possível resgatar de sua história social.

### 1.2 Kanoê: a língua e o povo

#### 1.2.1 Classificação genética

A língua **Kanoê**, também referida como *Kapixaná* (Kapishana) ou *Kapixanã*<sup>2</sup>, é falada atualmente por apenas cinco pessoas, remanescentes de uma ou duas tribos indígenas de igual autodenominação, que vivem relativamente dispersos na região sul do Estado de Rondônia, Brasil, na fronteira com a Bolívia (*vide* Mapa 1). Nessa região ainda sobrevivem trinta línguas indígenas, a maioria das quais relacionadas a cinco macrofamílias ou troncos lingüísticos e três línguas “isoladas”, ou seja, línguas para as quais ainda não foram descobertas evidências consistentes de parentesco genético com outra língua e/ou família de línguas.

Esses falantes de Kanoê pertencem a dois grupos. O primeiro grupo, em alto grau de inculturação<sup>3</sup>, é composto de aproximadamente 97 pessoas, das quais apenas três idosos ainda falam o Kanoê. Quanto aos demais, alguns adultos são bilíngües em Português e uma outra língua indígena eventualmente, ao passo os jovens são monolíngües em Português.

O segundo grupo, descoberto em 1995, hoje está reduzido a uma única família de dois adultos monolíngües em Kanoê, e uma criança de apenas dois anos, últimos remanescentes de uma aldeia Kanoê, que recebia a denominação de “Cabeça Seca”, segundo Munuzinho Kanoê, em entrevista em janeiro de 1997.

Em termos de genealogia, o Kanoê tem sido classificado como uma língua “isolada” (*vide* Rodrigues, 1986 e Adelaar, 1991), ainda que Greenberg tenha tentado relacioná-la ao Kunsá (Atakama), língua extinta, outrora falada na Bolívia e no Chile. Com efeito, Greenberg (1987: 94-98) apresenta algumas evidências para postular a classificação do Kanoê, nomeado

---

<sup>1</sup> A grafia dos nomes de povos e línguas indígenas citados neste trabalho obedece à convenção da ABA - Associação Brasileira de Antropologia, publicada na *Revista de Antropologia* (1954: 150-152), cujos pontos principais podem ser encontrados em Rodrigues (1986: 10-11). O ideal seria grafar Kanoê [*kano'ε*], em virtude de, na língua, a vogal final ser sempre aberta. Entretanto, uma vez que na grande maioria das citações aparece Kanoê ou Canoê [*kano'e*], e como os próprios índios assinam “Canoê”, de acordo como registro em seus documentos pessoais, e pronunciam a vogal final fechada, optou-se aqui por manter a tradição.

<sup>2</sup> Os informantes Kanoê desconhecem a denominação Kapixaná (Kapishana) e sua variação Kapixanã.

<sup>3</sup> Preferiu-se aqui empregar o termo “inculturação”, no sentido de perda traumática e irreversível da identidade etnocultural e lingüística, além de destribalização, pela absorção gradual e contínua de traços e valores da cultura opressora, por meio de engajamento compulsório, em substituição ao tradicional termo “aculturação”, que parece traduzir somente a assimilação de elementos da cultura majoritária, como se o povo dominado não tivesse sua própria autenticidade cultural.

Capixana, como língua relacionada ao tronco Macro-Tucano (1987: 383). Essas evidências se reduzem a quinze itens, extraídos de “Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé” (1955), por Etta Becker-Donner, entre os quais são verificáveis alguns desvios de transcrição fonética ou de interpretação dos dados elicitados, como se pode observar nas considerações abaixo:

1) em Kanoê, a palavra para “seio ” não é *njanõ*, pois [na nũ] /ñã nu/ significa literalmente “meu seio”, onde /ñã/ é pronome possessivo de primeira pessoa do singular;

2) para “lagarto”, genericamente, a palavra Kanoê não é *tare*, mas [kometã'kãw] /kometakãw/ “lagartixa” e, para “crocodilo”, [ũrɔ' mũ] /uromu/; [ta' rɛ] /tare/ é uma espécie de lagarto, o calango;

3) para “homem”, Greenberg cita *miaʔ*, que é uma transcrição fonética imprecisa de Becker-Donner (1955), quando em kanoê a palavra é [æ' wɔ] /ævo/ “homem, marido”;

4) a palavra para “ovo” é [ĩ' nãj] /iñaj/, e não *inaĩ*;

5) para “sol”, a palavra é [kwi' kaj] /kwikaj/ e não “waruwaru”, pois em Kanoê [wariwa' rɪ] /varyvary/ é literalmente “estrela”;

6) o pronome de primeira pessoa do singular é [aj] /aj/, e não *ja*;

7) de fato, em Kanoê, a expressão verbal para “falar” é *vararoere*; porém, essa estrutura verbal significa “(ele) falou”, na qual a raiz verbal é somente /vara-/.

Descontados esses equívocos, as evidências apontadas por Greenberg ficam reduzidas a menos de uma dezena de itens lexicais, o que parece ser insuficiente para se assegurar a classificação do Kanoê como língua Macro-Tucano. Aliás, há controvérsias quanto a essa classificação, pois, para Swadesh (1959), o Kapishana (Kanoê) se classifica como língua macro-Páezana. Na reclassificação de Kaufman (1990: 34, 48-49, 55), o Kapishaná (Kanoê) seria integrante provavelmente do tronco Kunsá-Kapishaná, mais precisamente uma língua macro-Chibchana, ao lado do Jeoromitxi (Jabuti), do Tarasako e da família Nambikwára.

Comparando Kwaza (*Koayá*) e Kanoê, Van der Voort (2000a,b, 2004) apresenta 61 itens que permitem estabelecer algumas correlações fonéticas entre as duas línguas, algumas das quais podem indiciar algum parentesco – ainda que longínquo – entre as mesmas. Em alguns itens, onde há igualdade fonética, nas duas línguas, entre os vocábulos comparados, tais como [ati'ti] “milho” ou [kuraku'ra] “galinha”, numa primeira hipótese essa igualdade poderia ser resultado de empréstimo lingüístico para coisas em que houve difusão intertribal na área. Numa segunda hipótese, poderia haver, de fato, uma evidência de parentesco genético entre Kwaza e Kanoê, como, por exemplo, a coincidência ou similaridade entre alguns classificadores nominais nas duas línguas. Em trabalho mais recente (2004), Van der Voort apresenta uma série de possíveis correspondências não só entre Kwaza e Kanoê, mas também entre essas e outras línguas de Rondônia: Aikanã, Akütsü, Arikapu, Jeoromitxi, Latundê, Makurap, Mekens, Nambikwara, Salamã, Tupari e Wayuru. Com uma argumentação consistente e riqueza de exemplos, Van der Voort aponta uma série de evidências lexicais, fonéticas, fonológicas e morfossintáticas, que sustentam a hipótese de uma origem comum para essas línguas.

### 1.2.2 Citações bibliográficas

Provavelmente o documento mais antigo não publicado acerca da língua Kanoê é o *Vocabulário das tribos Massacá, Salamã, Coaiá e Canoê*, de Estanislau Zack (1943)<sup>4</sup>. Em relatório de expedição da Comissão Rondon, Zack apresenta uma lista de itens lexicais, comparando os vocabulários das línguas Aikanã, Kwaza, Kanoê e Salamã, adaptando o material fonético dessas línguas à ortografia do Português. No que se refere ao Kanoê, uma

<sup>4</sup> Único documento constante no *Catálogo do Material Lingüístico da Comissão Rondon* (cf. Boletim do Museu do Índio, 1982). Em Rondinelli (1995), no *Inventário analítico do arquivo do SPI*, não constam registros de documentos referentes ao Kanoê (Kapixaná).

avaliação dos 201 dados revelou o autor conseguiu transcrever muitos itens com relativa margem de fidelidade, o que torna o documento ainda mais valioso.

Becker-Donner (1955) apresenta 280 itens lexicais e algumas notas relativas a um possível quadro das vogais e consoantes do Kanoê. Embora haja certa margem de fidelidade nas transcrições (fonéticas), há também equívocos, o que absolutamente não desmerece o trabalho da antropóloga austríaca. Porém, a limitação do corpus restringe não só a análise fonológica, mas também estudos relativos à morfologia, à sintaxe e a outros aspectos da estrutura e da funcionalidade da língua.

Tão valiosos quanto o de Becker-Donner, outros documentos são uma lista de 70 itens lexicais, sob o subtítulo *Kapišanã*, por Curt Nimuendajú (1955: 196-197), cujos dados foram elicitados em 1928, e um manuscrito de Bontkes (1967) contendo 341 itens, que compõem uma amostra do léxico Kanoê, ainda que alguns equívocos de interpretação e de transcrição fonética dos dados elicitados sejam observáveis.

Loukotka (1950: 123-144) discorre sobre o possível parentesco entre línguas da bacia do Madeira, tratando Kanoê e Kapišana como línguas distintas. A primeira, falada na nascente do rio Mequéns, seria pertencente ao grupo IV - Huari, e a segunda, falada na cabeceira do rio Guajarú, faria parte do grupo V - Kapišana. Posteriormente, Loukotka (1963: 48) retoma essa distinção, baseando-se apenas em 16 itens extraídos dos documentos de Becker-Donner, para “Kanoã”, e de Nimuendajú, para “Kapišana”. A análise dos dados Kanoê apresentados revela alguns equívocos de elicitación ou transcrição, uma vez que possessivo de 1PS [ɲa] /ñã/, transcrito *nya-*, aparece aglutinado ao nome que determina, gerando uma suposta diferença com os dados de *Kapišana*. Por exemplo, para “boca” aparecem *i-kerá* em Kapišana e estranhamente *muin-gärä*, em Kanoê. Na verdade, o que o informante provavelmente disse foi [iɛ'ra] /ikera/ “lábio” e [ɲa iɛ'ra] /ñã ikera/ “meu lábio”, pois, em Kanoê, a palavra para “boca” é [i'a] /ia/. Para “língua”, aparecem *i-táu*, em Kapišana, e *nyai-tal*, em Kanoê, cuja tradução exata é [ɲa i'taw] /ñã itaw/ “minha língua”. Parece haver um equívoco nessa transcrição, pois é estranha a ocorrência de [l], já que, em mais de sete mil dados, não registramos nenhum caso de realização desse contóide. Loukotka toma exatamente alguns itens nos quais há equívocos de Becker-Donner e de Nimuendajú.

Outros dados apresentam problemas similares, de tal forma que a comparação das duas listas o induziram a postular duas línguas distintas, mas muito aparentadas. Em outro trabalho, Loukotka (1968: 123, 163-164) reafirma a condição de isolamento do Kanoê em relação às famílias e troncos lingüísticos sul-americanos e apresenta 13 itens lexicais, num quadro comparativo com outras línguas vizinhas.

Rodrigues (1986: 94 e 97) apresenta uma pequena amostra de 16 itens do léxico Kanoê, entre os quais seis, relativos a partes ou a órgãos do corpo humano, são transcrições apenas aproximadas. Mencionando o trabalho de Nimuendajú, Tovar (1961: 78) apenas registra a existência da língua, como fazem Pottier (1983) e Asher (1994).

Price (1978) levanta a hipótese de o Kanoê estar relacionado à família Nambikwára, mas, em trabalho posterior (1983), comparando vocabulários Sabanê e Kanoê, refuta tal possibilidade. Em Pottier (1983: 422 e 441), aparecem Canoé (=Ra), indexada como língua Tupí-Guaraní, e Kanoé (=Rd), como língua Tuparí. Por sua vez, Montserrat (1994: 102) faz menção ao Kanoê como língua isolada e à dispersão de seus últimos falantes. Grimes (1996: 28) somente a cita como língua já extinta.

Outras referências esparsas à língua são encontráveis em Campbell (1997: 173, 327), como Kapixaná e Capixana. Dixon & Aikhenvald (1999: 20) fazem apenas uma menção ao Kanoê como língua sobre a qual nada podem afirmar, por não possuírem mais informações. Em *As línguas amazônicas hoje*, de Queixalós & Renault-Lescure (orgs.), Rodrigues (2000: 20-21) e Adelaar (2000: 34) referem-se ao Kanoê como língua isolada ou família de uma única língua no panorama das línguas amazônicas. Porém, no *Ethnologue Language Family Index*, versão eletrônica do *Ethnologue: Languages of the World*, editado por Grimes & Grimes (2000), o Kanoê aparece relacionado ao tronco Tupí como língua da família

Tupari: “KANOÊ [KXO] Brazil. Ethnic group: 30 (1995 SIL). *Alternate names*: CANOÊ, GUARATÊGAYA, GUARATEGAJA, KOARATIRA, GUARATIRA, AMNIAPÊ, MEQUENS. *Classification*: Tupi, Tupari”.

Como língua Tupari, também aparece em Maldini Meireles (1991) e em *Povos Indígenas no Brasil — 1991/1995* (1996), editado pelo Instituto Socioambiental, mas, em artigo disponível no site do mesmo Instituto, Rodrigues (1997) reafirma o Kanoê (Kapixaná) como língua única de uma família de mesmo nome.

Como se observa, em boa parte dessas fontes de referência, há, no mínimo, uma série de equívocos decorrentes da confusão gráfica, geográfica etnológica entre Canoé (Guarategaja? Koaratira? Amniapé? Mekéns? Canoeé?), uma língua já extinta, provavelmente um subgrupo Tupí-Tupari, e o Kanoê ou Kanoã, língua “isolada”, dada a homonímia entre esses nomes tribais. Para citar um caso, Becker-Donner (1955: 286, 287, 298-304), grafia Kanoã, mas no mapa do mesmo trabalho, registra Canoeé (p. 297), e, em trabalho posterior (1962: 147-149), refere-se a Canoé e a Kapishana. Para citar mais um exemplo, leia-se a observação de Melatti (1996): “A língua dos canoês é incluída por Maldini (1991) na família tupari na p. 215, ao referir-se à classificação de Aryon Dall’Igna Rodrigues, porém considerada língua isolada na p. 217. Pelo menos uma parte dos índios que estão nos primeiros contatos no igarapé Omerê, entendem a língua canoê”.

Essa confusão também decorre do fato de os dois povos terem habitado áreas muito próximas, na região sul de Rondônia, como atestam os mapas histórico-etnográficos de Becker-Donner (1955), Caspar (1975), Nimuendajú (1981) e Price (1978). No entanto, pode-se assegurar aqui que os informantes Kanoê consultados desconhecem quaisquer outras denominações tribais a eles atribuídas (cf. nota 2, neste trabalho). Logo, diante de tal confusão etnológica e terminológica, salvo as de Rodrigues (1986, 1997), as demais tentativas de classificação do Kanoê parecem-nos ainda precipitadas ou equivocadas.

Os estudos lingüísticos específicos sobre o Kanoê começaram a ser desenvolvidos a partir de 1990, na Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues. Bacelar (1992), sob a forma de Dissertação de Mestrado, apresentou uma análise fonológica preliminar, com base em 615 dados colhidos em trabalho de campo em 1991, tendo como informantes MK e TK. Uma síntese dessa análise foi publicada na revista *Signótica* (1994), sob o título “*Fonologia segmental da língua Kanoê*”. Bacelar (1996) apresenta um “*Vocabulário Português-Kanoê*” com o léxico Kanoê transcrição fonológica, a partir da análise preliminar efetuada em 1992.

Bacelar & Pereira (1996) tecem algumas considerações iniciais sobre alguns aspectos morfossintáticos do Kanoê e Bacelar & Silva Jr. (1996) abordam a negação e o fenômeno da litotes. Bacelar (2000a) esboçou um primeiro estudo sobre as classes de palavras e, ainda em 2000, elaborou uma cartilha para subsidiar a assistência médico-odontológica no Omerê.

Quanto a citações não-lingüísticas, Mindlin (1995 e 1999), em duas antologias de mitos indígenas regionais, inclui versões de duas narrativas míticas feitas por Francisco Kanoê, um dos últimos falantes da língua. No mapa *Povos Indígenas do Brasil e Presença Missionária* (Aguirre e Rodrigues 1985), do CIMI – Conselho Indigenista, o Kanoê aparece indicado pelo número 172, com uma estimativa de 20 falantes (*vide* Rodrigues, 1986: 98).

### 1.2.3 Contexto geográfico

O Estado de Rondônia, onde ainda sobrevivem os remanescentes do povo Kanoê, localiza-se no sudoeste da Região Norte do Brasil, compreendendo uma área de 238.378,7 km<sup>2</sup>. A Norte, faz divisa com o Estado do Amazonas; a Leste, com o Estado de Mato Grosso; a Sul e a Oeste, tem uma longa fronteira com a Bolívia e, ainda a Oeste, uma pequena fronteira com o Estado do Acre.

O relevo da região é marcado pela chapada dos Parecis e chapada dos Pacaás Novos, que atravessam o Estado no sentido sudeste-noroeste; por planaltos (platôs baixos) ao



norte e a leste; e, a sul, por uma planície aluvial, onde correm os afluentes do rio Guaporé. Mais de 60% do território de Rondônia se encontra entre 100 m e 300 m de altitude e 30% entre 300 m e 800 metros. O clima predominante é o equatorial, quente e úmido, mas, de maio a outubro, pode ocorrer o fenômeno da friagem, caracterizado por uma baixa repentina da temperatura, por invasão de frentes frias polares. As chuvas são abundantes (1800 mm/ano) e a temperatura média anual é a de 26 °C.

Do ponto de vista hidrográfico, todos os rios do estado pertencem à bacia do rio Madeira, afluente do Amazonas. A chapada dos Parecis funciona como o divisor de águas entre os rios que correm diretamente para o Madeira, como os rio Pimenta Bueno e Comemoração, que formam o rio Machado; e os que correm para o Guaporé e o Mamoré, entre os quais o Corumbiara e o Mekéns.

Quanto à vegetação e à fauna, o território compreende uma zona de transição entre o cerrado e a floresta amazônica, de tal modo que espécies típicas dos dois ecossistemas são encontráveis em território rondoniense, como, por exemplo, o buriti (*Mauritia flexuosa*), palmeira símbolo do cerrado, e a seringueira (*Hevea brasiliensis*), árvore típica da floresta amazônica. De fato, um mapa das formações vegetais na região deixa entrever um longo braço de cerrado adentrando a região, no sentido sul-noroeste, ao longo do qual se deu a colonização do Estado. que possui quase dois terços cobertos pela floresta amazônica, Rondônia, a “nova fronteira agropecuária”, é, sem dúvida, uma das regiões do Brasil onde o desmatamento avança vertiginosa e descontroladamente, com conseqüências eco-ambientais e sócio-culturais desastrosas, a par de outras perdas. A ocupação dessa região se fez muito lentamente, do Descobrimento do Brasil até o século XVIII, período em que a colonização territorial esteve restrita praticamente a algumas missões religiosas.

#### **1.2.4 Contexto histórico e sócio-econômico**

Para se entender o baixíssimo número de falantes não só do Kanoê, mas também de outras línguas indígenas rondonienses, é importante detalhar aqui o contexto sócio-histórico em que viveram e vivem os povos indígenas a partir da colonização e neocolonização de Rondônia, sobretudo a partir dos anos 80.

A descoberta do ouro na região de Cuiabá, capital de Mato Grosso, deu início às explorações bandeirantes pelo vale do rio Guaporé, o que provocou um ligeiro aumento de população imigrante ainda em meados do século XVIII. Todavia, já no final do século XIX e início do XX, a partir do chamado “ciclo da borracha” e com a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, intensificou-se a migração de população nordestina brasileira para a região. Assim, Porto Velho, hoje a capital do Estado, originou-se de um núcleo de colonos enviados para a construção da ferrovia, cuja razão de ser envolveu um acordo diplomático para resolver a “Questão do Acre”, uma região de litígio entre Brasil e Bolívia.

Formado por terras então pertencentes aos estados do Amazonas e Mato Grosso, em 13/9/1943, foi criado o Território do Guaporé, sob administração federal. Em 17/02/56, o Guaporé passou à denominação de Território Federal de Rondônia, homenagem ao Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon, sertanista, geógrafo e antropólogo brasileiro que, entre 1907 e 1917, chefiando a Comissão Rondon, instalou 2.270 km de linhas telegráficas, cortando regiões até então desconhecidas e pacificando, com luta, os índios Bororo, até então vítimas de trucidamentos por parte dos brancos. Já em 1981, o Território Federal de Rondônia emancipou-se e ganhou autonomia como um novo Estado da federação brasileira.

Essa região, desde o século XVI, foi visitada por sertanistas e missionários católicos, estes com pretensões catequéticas. Na segunda metade do século XIX e no início do século passado, com o extrativismo da borracha, a presença de seringueiros deu impulso à colonização. Como conseqüência do “ciclo da borracha” em Rondônia, o inevitável e cada vez mais intenso contato entre as nações indígenas locais e a sociedade nacional majoritária implicou não só o processo de “inculturação”, mas também de opressão e

“engajamento compulsório” (cf. Ribeiro, 1996: 380) a que foram submetidos esses povos. Iniciava-se então a invasão dos territórios indígenas, ocasionando-lhes mortes pela violência das armas de fogo e, sobretudo, por doenças para as quais não tinham e muitos ainda não têm qualquer defesa biológica.

Some-se a isso que, a partir do Tratado de Petrópolis, em 1903, para solucionar diplomaticamente a “Questão do Acre”, foi iniciada a construção da “ferrovia do diabo”, concluída em 1912, que atraiu milhares de imigrantes nordestinos brasileiros e centenas de estrangeiros (presidiários alemães, negros de Barbados, gregos e espanhóis). Durante as obras, milhares de trabalhadores morreram acometidos de malária, sem que pudessem prestar os serviços esperados. Tanto quanto o “ciclo da borracha” e simultânea a ele, a implantação da ferrovia também contribuiu, e muito, para a submissão dos povos indígenas que habitavam as margens dos rios Madeira e Mamoré, de Porto Velho a Guajará-Mirim. Malgrado os relatos de tentativas de resistência dos indígenas, o fato é que a ferrovia afugentou boa parte deles, obrigando-os a disputarem territórios com outros povos indígenas vizinhos. Assim como muitos dos “civilizados” morreram em decorrência de doenças tropicais, muitos indígenas também morreram, vitimados por doenças como a gripe, a varíola, o sarampo e a coqueluche, entre outras.

A Madeira-Mamoré funcionou por algum tempo, mas, com a escassa produção boliviana e regional e dados os elevados custos de manutenção da ferrovia, ela se tornou obsoleta e totalmente deficitária, até que, na década de 70, foi substituída pela construção de rodovias. Além disso, a área de influência da Madeira-Mamoré durante limitava-se ao trecho entre Guajará-Mirim e Porto Velho, ou seja, ao trecho não-navegável do rio Madeira.

Até a década de 1940, a economia rondoniense estava baseada principalmente na mineração de cassiterita, nos pescados e no extrativismo da borracha, da castanha-do-pará e de produtos típicos regionais, como, por exemplo, peles raras de animais silvestres. Gradativamente, a cidade de Porto Velho foi recebendo uma melhor infra-estrutura social e econômica, com investimentos federais e com a instalação de colônias agrícolas próximas à capital, tais como a Nipo-Brasileira e a Treze de Setembro, em 1954, e a Paulo Leal, em 1959.

Na década de 70, o discurso oficial alegava que, se o Brasil não integrasse de modo definitivo a Amazônia ao resto do País, correria o risco de “internacionalização” da região, um ambicioso plano dos países ricos, liderados pelos Estados Unidos. Assim, durante os governos militares, de acordo com a ideologia da segurança nacional, sob o lema “Integrar para não entregar”, o Governo Federal procurou implantar a malha rodoviária da região.

Para tanto, foram construídas as estradas BR-319, ligando Porto Velho (RO) a Manaus (AM), a BR-425, de Guajará Mirim à BR-364; e a própria BR-364, de Cuiabá a Rio Branco. Esta se tornou a mais importante, pois possibilitou a ligação direta de Rondônia com Cuiabá e São Paulo, desligando a região da antiga e onerosa dependência fluvial com Manaus e Belém. Por conseguinte, a rodovia BR-364 aumentou a influência de São Paulo, que começou a se expandir pelo norte de Mato Grosso, sul da Amazônia e Rondônia.

Como na década anterior, nos anos 80 a colonização agrícola, a partir das margens da BR-364, continuou a ser orientada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com projetos de assentamento de famílias de trabalhadores rurais para absorção da mão-de-obra migrante. Esses projetos não fracassam, mas, mais tarde, resultaram na expulsão dos pequenos proprietários e de trabalhadores rurais sem-terra. Assim, foi intensa a ocupação por lavradores vindos da região Sul à procura de terras para cultivar, iludidos e atraídos por suas riquezas naturais. Acrescente-se aí a exploração do minério de cassiterita com nova tecnologia - a de lavra mecanizada -, por grandes mineradoras nacionais e internacionais, o início das obras da Usina Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari, a introdução da monocultura da soja e da pecuária de corte extensiva, que, somados ao aumento dos fluxos de contrabando, tanto de metais como de mercadorias e tóxicos, constituíram os marcos da organização social e econômica da região.

No início da década de 80, com a elevação de Rondônia à categoria de Estado, iniciaram-se as obras de pavimentação asfáltica da BR-364 – de Cuiabá a Porto Velho, a implantação de estradas vicinais no interior de Rondônia. Nesse período, para supostamente resolver alguns conflitos de terra no País, o Governo Federal promoveu uma intensa migração para Rondônia, com a distribuição de glebas de terras ao longo das rodovias implantadas, intensificando projetos que estavam sendo desenvolvidos na década anterior.

As rodovias pavimentadas eram necessárias para fomentar a migração, o assentamento de colonos, escoar a produção agrícola em franco crescimento e o minério de cassiterita, que representava 85% da produção nacional. A mineração e as rodovias geravam exportações, fontes de receita para o Novo Estado através de impostos e milhares de empregos. Porém, além do rastro de problemas eco-ambientais, elas acarretavam problemas sociais, sobretudo em relação às populações indígenas locais. As rodovias eram também o suporte para as linhas de ônibus interestaduais, longuíssimas, ligando outras cidades muito distantes a Porto Velho. Essas linhas foram criadas para fomentar e transportar as diversas correntes migratórias. Acrescente-se aí o poder de barganha das grandes construtoras nacionais, interessadas em grandes obras públicas. Assim, propaganda governamental anunciava Rondônia como “novo eldorado” e “nova fronteira agrícola”, terra de grandes oportunidades para quem se dispusesse a migrar para lá.

Some-se a isso que, paralelamente, a descoberta de ouro no leito de rios locais, sobretudo no Madeira, alimentou em muitos o sonho de enriquecimento rápido. Uma imensa massa de garimpeiros, algo em torno de 40.000 pessoas, passou a vasculhar as profundezas do rio à procura de ouro. Os resultados apareciam: só em 1985 os pontos de garimpo, no leito do rio Madeira, próximos a Porto Velho, teriam produzido cerca de 9 toneladas de ouro/ano. As conseqüências ambientais e sociais, no entanto, eram desastrosas.

Não bastasse a poluição do rio pelos detritos do garimpo, as águas eram envenenadas com o mercúrio usado na lavagem do minério de ouro. Socialmente, em torno dos garimpos proliferava a prostituição, o tráfico de drogas, o alcoolismo e a violência social inerente à atividade. Mas a nova “corrida do ouro” alimentava as esperanças de muitos numa atividade onde, na realidade, poucos se beneficiavam.

No período de 1980 a 1986, a capital Porto Velho recebeu três vezes mais habitantes do que possuía: saltou de aproximadamente 120.000 para quase 400.000 habitantes, sem infra-estrutura adequada para receber tamanho contingente populacional. Os problemas da falta de energia elétrica e água potável eram gritantes e aumentavam com a migração. A conclusão da Usina Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari e a construção de pequenas usinas termelétricas nas cidades do interior, a edificação de conjuntos habitacionais, a urgente necessidade de implantação de escolas, da universidade federal local (UNIR), de postos de saúde e hospitais, entre outras tantas obras, atraía o excedente de mão-de-obra disponível em outras regiões do País. Assim, Rondônia confirmava a propaganda oficial: era uma terra de oportunidades para todos, do trabalhador braçal aos técnicos especializados e os de formação superior, em quaisquer áreas de atuação profissional.

Com a inchação das cidades, as obras de infra-estrutura urbana se faziam urgentes, o que gerava milhares de novos empregos e isso implicava diretamente o aumento do fluxo migratório. Desse modo, alguns pequenos povoados tornaram-se rapidamente cidades e logo se emanciparam como municípios, mesmo sem ter a infra-estrutura básica para atender às demandas populacionais. Em contrapartida, durante um período de dez anos, na transição da condição de Território Federal para Estado da União, o Governo Federal ainda respondeu por boa parte da folha de pagamento do funcionalismo público local. Com isso, mesmo num momento em que o Brasil enfrentava uma forte crise inflacionária, os salários médios em Rondônia eram os mais altos do País.

Por outro lado, a distância geográfica e o alto custo do frete rodoviário ou fluvial tornavam os preços de alimentos e outros produtos em Rondônia e no Acre mais caros que em qualquer outra região. Com a migração intensa, o problema de moradia era muito

grave, pois os aluguéis eram praticados a preços exorbitantes, o que, como uma bola de neve, implicava em salários também inflacionados. Como consequência, isso criava a ilusão de que Rondônia era uma terra para se ganhar muito dinheiro. De fato, corria muito dinheiro no Estado não só pela avantajada produção de ouro como também pelas necessidades de circulação de produtos e pelas atividades de implantação de infra-estrutura.

Paralelamente, no interior do Estado, ao longo das rodovias e estradas vicinais, o desmatamento aumentava de forma descontrolada e vertiginosa, e até mesmo criminosa. A rigor, muitos dos neocolonos foram usados para beneficiar a terra, desmatando-a e começando a cultivá-la para, logo depois, sem as condições materiais para se manterem, vendê-las aos detentores do capital, sobretudo a alguns dos que já detinham o poder político e econômico local. Esse processo acarretava também a proliferação de indústrias madeireiras e a prática da “escravidão branca”, ainda existente nos rincões do Brasil: muitos trabalhadores braçais são contratados sob falsas promessas, mas submetidos à exploração, sem qualquer garantia de respeito a seus direitos trabalhistas mínimos.

Esse violento modelo de ocupação da terra e de crescimento econômico da região na década de 80 trouxe, para os povos indígenas, não só a perda de suas terras como também a redução de suas respectivas populações. O avanço do desmatamento cedendo lugar a pastos e à agricultura principalmente de café, soja, milho e cacau não respeitava os direitos dos índios em relação à posse de suas terras. Assim, os povos indígenas rondonienses foram sendo confinados a áreas de mata cada vez menores, ao mesmo tempo em que a população das aldeias diminuía abruptamente, seja pelas mortes trazidas por doenças, seja por atritos com os neocolonizadores.

A violência contra os índios no meio das florestas, não raro sem o conhecimento e controle das autoridades, aumentava na mesma proporção em que o desmatamento e as queimadas eram praticados. Não se sabe exatamente onde, quando e como muitos índios foram assassinados ou cometeram assassinato nos atritos pela posse de terra. Os números nos documentos oficiais não refletem a realidade, mesmo porque não havia interesse em divulgá-los com exatidão.

Por outro lado, o modelo econômico implantado impunha a necessidade de “amansar” os índios para supostamente integrá-los ao sistema produtivo, de acordo com a ideologia assimilacionista. Na verdade, além da perda de parte significativa de suas terras, senão de toda ela, as tribos indígenas locais estavam e continuam sendo submetidas a um processo não de “mudança cultural”, que é inerente ao desenvolvimento das sociedades humanas e é feito de dentro para fora, mas de “transfiguração etnocultural” ou “inculturação”, de fora para dentro, caracterizado pela imposição de elementos alienígenas da cultura do dominador sobre os povos dominados, implicando a destribalização, como aconteceu com os Kanoê. O resultado é desastroso: os fatores causais da transfiguração étnica e da destribalização transformam os povos indígenas numa população culturalmente amorfa e mal-situada.

Para complicar, o modelo agrário brasileiro ainda vigente estimula a formação de latifúndios para a prática da pecuária extensiva, que requer grandes áreas de pastagem para alimentação do gado de corte ou leiteiro. O resultado é a ganância por áreas cada vez maiores para um rebanho, sobretudo bovino, cada vez maior. Assim, a demarcação oficial das terras indígenas em Rondônia e em outras regiões do País se contrapõe aos interesses expansionistas dos pecuaristas e da agroindústria. Sirva-se de exemplo a propriedade das terras nas quais foram localizados os remanescentes Kanoê e Akuntsum, “isolados do Omeré”: o mesmo proprietário possui outras 31 fazendas, em Rondônia e outros estados.

Hoje, a par de tudo, o processo de desmatamento da região e a prática de queimadas continuam acelerados, transformando áreas de florestas em pastos para a pecuária de gado de corte ou para atividades agrícolas monoculturais, sobretudo de soja e café, com o uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos. Para agravar mais o quadro social, acrescentem-se aí a expansão das indústrias madeireiras e o extrativismo de palmitos, em alguns casos de forma absolutamente ilegal, por falta de fiscalização diária eficaz e pela eficiência dos

mecanismos de corrupção. Do mesmo modo, vez ou outra o sistema injusto de aliciamento e contratação de mão-de-obra agro-industrial continua sendo praticado inescrupulosamente em algumas fazendas e madeireiras locais (cf. Perdigão, 1990), apesar das denúncias de entidades defensoras dos direitos humanos, imprensa, sindicatos e organizações não-governamentais.

Diante desses fatos irreversíveis e apesar dos protestos de órgão de classe, entidades não-governamentais, ambientalistas nacionais e estrangeiros, não causa estranheza que vários povos indígenas tenham sofrido redução brusca de população e perda significativa de suas condições materiais de vida. Não é de se estranhar também que alguns grupos indígenas, já muito reduzidos, tenham se refugiado nas reservas de mata e fugido da aproximação com os ditos “civilizados”, na tentativa de se defenderem, como os Kanoê e dos Akuntsum no Omeré.

### 1.2.5 Contexto sociocultural

Segundo Galvão (1979), o território geográfico de Rondônia compreende a Área Cultural Indígena do Guaporé (*vide* Mapa 2: III), que representa uma das regiões de maior diversidade lingüística na América do Sul. Mais precisamente, essa área cultural abrange os territórios à margem direita do rio Guaporé e o território sul da bacia do rio Madeira, os quais se caracterizam por serem efetivamente faixas de transição entre o ecossistema do cerrado e o da floresta amazônica.

Lévi-Strauss (1948b: 371) identificou duas subáreas etnoculturais: a primeira, no baixo rio Guaporé, entre os rios Branco e Mamoré, que é dominada pelos “Grupos Txapakura” (Pakaasnovos, Urupá e os já extintos Rokorona, Kotemoka, Huanyam e Jarú). A segunda, compreendendo as bacias dos rios Branco, Mequéns e Corumbiara, seria domínio de “Grupos Tupi” (Aruá, Makuráp, Waioró, Amniapé, Guarategajá, Kipkiriwat, Sanamaiká e Puruborá, e ainda pelos Jabutí (Jeoromitxi), língua de tronco isolado, porém culturalmente influenciados pelos grupos tupi. Embora os Nambikwara não se filiem diretamente aos dois grupos, dada a simplicidade de sua cultura e de suas peculiaridades lingüísticas, Lévi-Strauss os considera integrantes da área etnocultural do Guaporé.

Segundo Galvão (1979: 213-14), essa área caracteriza-se pelo cultivo generalizado principalmente de amendoim, milho, mandioca, cará, taioba, batata-doce, pimenta, algodão, tabaco, melancia e mamão. Como um dos traços culturais mais característicos, os povos indígenas do Guaporé preparam vários tipos de bebidas fermentadas, conhecidas como “chicha”. Há, assim, “chichas” feitas de milho, cru ou cozido, de macaxeira ou de mandioca, de banana, entre outras. Marca-a também o uso de instrumentos musicais específicos (Snethlage, 1939) e o desenvolvimento de cerâmica simples e a cestaria cilíndrica trançada em talas de folhas de palmeiras, a fiação de algodão ou de tucum (*Astrocaryum standleyanum*), exceto entre os grupos Nambikwara, dos quais são tecidos redes e os embornais nomeados de “maricos”, geralmente usados a tiracolo, traço comum aos povos indígenas da região, o que permitiu a Maldí (1991) nomear essa área como “complexo cultural do marico”.

Além da agricultura, atividades extrativistas como a coleta de castanhas e frutos, larvas de insetos e abdômenes de tanajuras (formiga saúva), somadas às atividades de pesca e caça de aves e animais constituem a economia de subsistência dos povos da área cultural do Guaporé. Some-se a isso o largo uso de canoas entre os grupos ribeirinhos, o emprego do veneno dos cipós para flechas e pesca, o uso de rapé alucinógeno, de paricá ou de tabaco, em rituais de pajelança, a crença em forças sobrenaturais que podem ser manipuladas pelo pajé (xamamismo), as organizações sociais patrilineares e as malocas (casas comunais) do tipo colméia, o mais generalizado.

No entanto, dado o intenso processo de neocolonização agropecuária de Rondônia, nas duas últimas décadas, muitos dos povos indígenas “inculturados” do vale do Guaporé (Kanoê, Arikapú, Jabuti, Puruborá, Kwaza etc.) estão reduzidos a remanescentes de seus grupos etnoculturais, com a conseqüente perda gradual, já quase absoluta, não só de suas respectivas identidades lingüísticas, mas também de suas tradições sociais.

O contato diário e cada vez mais intenso com os neocolonizadores implica a imposição do Português como língua única, sobretudo para os mais jovens. Somam-se aí: a introdução de novos hábitos alimentares, inclusive frutos não-nativos (p. ex.: laranjas) para consumo e comércio; a necessidade de ferramentas e utensílios de ferro e aço, a dependência de meios de transporte motorizado, o consumo de bebidas alcoólicas industrializadas, entre outros tantos elementos que interferem e vão sendo incorporados à vida desses povos em substituição aos hábitos de seus ancestrais. Acrescente-se ainda a imposição de valores morais, estéticos e higiênicos e a opressão religiosa, a partir da proliferação de templos de igrejas oportunistas, ou seitas evangélicas duvidosas, que atuam sobretudo junto aos estratos sociais mais pobres.

As conseqüências tanto do ponto de vista eco-ambiental quanto do sociológico e etnológico continuam sendo desastrosas. Não bastasse a destruição brutal e desenfreada do meio-ambiente, os povos indígenas do Guaporé estão sendo transformados em população pobre e dependente de tutela oficial, já expropriados de suas terras. Com a caça cada vez mais escassa e seus territórios cada vez menores, muitos ainda não demarcados, esses povos estão cada vez mais oprimidos pela sociedade nacional majoritária, que lhes impõe, de forma unilateral, uma visão de mundo diametralmente oposta à de seus ancestrais.

Nesse sentido, Darcy Ribeiro (1996: 295-96) destacou duas grandes causas que contribuem para a marginalidade sócio-psicológica das tribos indígenas no contato com a civilização nacional majoritária, a saber: “1. o engajamento compulsório dos índios em nosso sistema econômico, para cuja competição não estão preparados; 2. a traumatização da cultura tribal ao impacto com uma sociedade dotada de equipamento material esmagadoramente superior (...)”.

Das descrições antropológicas feita por Lévi-Strauss em (1948a,b) aos dias de hoje, muita coisa mudou vertiginosamente nas últimas décadas. Boa parte dos remanescentes dos povos indígenas do Guaporé, sobretudo os mais idosos, são indivíduos divididos entre dois mundos, duas grandes formações culturais, a dos povos indígenas e a do “homem civilizado”, que se impõe impiedosamente sobre a primeira. Assim, os traços culturais genéricos do “complexo cultural do marico” e/ou específicos de cada um desses povos indígenas, a rigor, são mantidos apenas pelos indivíduos idosos, poucos dos quais ainda conservam suas línguas nativas apenas na memória, pois já não têm situação social para usá-las. Isso significa que, em curtíssimo prazo, algumas dessas línguas estarão completamente extintas e, junto com elas, todo um patrimônio etnocultural único.

Ainda que alguns líderes indígenas tenham adquirido uma consciência política de seus direitos e queiram resgatar e preservar um mínimo da identidade lingüístico-cultural de seus povos, como prevê o *Estatuto do Índio* (Lei 6001, de 19/12/73), a burocracia oficial e a falta de recursos, entre outros obstáculos, retardam a possibilidade de ações concretas para tal resgate.

O apoio de organizações não-governamentais e das universidades públicas não tem sido suficiente, mesmo porque interesses políticos e econômicos de outra ordem, sobretudo numa região de concentração latifundiária, se impõem, se fazem valer e, quando contrariados, não raro procuram criar obstáculos aos projetos e atividades ligadas aos interesses indígenas.

Felizmente, nos últimos anos foram obtidas algumas conquistas em nível nacional, entre as quais uma revisão do Estatuto do Índio (em tramitação) e preocupação oficial com as línguas indígenas, conforme o *RCNEI - Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* (Ministério da Educação e do Desporto/SEF, 2002: 111-155).

### **1.2.6 A comunidade Kanoê: traços culturais e demografia**

Atualmente, os remanescentes Kanoê estão divididos em dois grupos, que refletem diferentes estágios de contato com a cultura nacional dominante. Para efeito de descrição e distinção, o primeiro grupo será aqui denominado “os Kanoê de Deolinda-Rio Guaporé” e o segundo será nomeado “os Kanoê isolados do Omeré”.

Os mapas dos documentos científicos, já históricos, tais como os de Becker-Donner (1955: 297; 1962: 147), Caspar (1975: 8), Nimuendajú (1981) e Price (1983), localizam os Kanoê sempre na mesma região, ora na cabeceira dos rios Tanaru, ora no médio e alto rio Corumbiara, do qual o igarapé Omeré é afluente. Assim também no mapa elaborado pelo engenheiro Victor Dequech (1942), chefe da Expedição Urucumacuan, a serviço de Rondon. Nesse mapa, os Kanoê (grafado “Canoês”) são localizados na cabeceira do rio Omeré, aos pés da serra do Tanaru. Em três sessões de trabalho de campo, como Munuzinho, Teresa afirmou ter nascido na cabeceira do Tanaru, portanto, do outro lado da serra. Se Teresa Kanoê nasceu em 1929, nesse local, e se em 1942 (cf. mapa de Dequech) estavam na cabeceira do Omeré, do outro lado da serra, é possível perceber um pequeno deslocamento da aldeia no sentido leste. No mesmo mapa, aparece grafado “Índios Capichanãs” na cabeceira dos rios Mutuca, Cachoeira Perdida e Borboleta, afluentes do rio Apediá, tributário do Pimenta Bueno. Ora, se Kanoê e Kapixaná (Kapixanã) são uma mesma língua e um mesmo povo, logo esse mapa atesta a existência de duas aldeias próximas, de nomes distintos. O engenheiro Dequech (1943: 23), em relatório da Comissão Urucumacuan, faz menção aos Kanoê na mesma região, às margens do Apediá e acentua: “*Os Canoês andaram desconfiados durante dois anos, mas ultimamente vieram visitar-nos.*” Esses mapas confirmam não só que o primeiro grupo, hoje aculturado, foi verdadeiramente expropriado de suas terras e levado para a região do P.I. Guaporé, mas também seu recrutamento para trabalho na extração da borracha, em território alheio, o que também se confirmou nas entrevistas com MAK, MK e TK.

Culturalmente, o povo Kanoê partilhava traços comuns ao “complexo cultural do marico”: confecção de maricos de algodão ou tucumã; preparação e consumo de vários tipos de “chicha”; rituais de pajelança e consumo de rapé; cerâmica simples; a cestaria cilíndrica trançada; a tecelagem de redes de fios de algodão ou de tucum; agricultura de amendoim, milho, macaxeira, cará, taioba, batata-doce, pimenta, algodão e tabaco. Quanto à religião, os Kanoê acreditavam na existência de vários personagens mitológicos que representam deuses ou espíritos (*moã*), masculinos e/ou femininos, relacionados a elementos e fenômenos da natureza, tais como água, árvores, fogo, mel, pedra, trovão etc. Alguns desses espíritos eram homenageados com festas, entre os quais *kwaryry* “deus do milho”, na ocasião da colheita do milho verde. Destacam-se ainda *arakwamu* e *toãkũ*, que foram relacionados a Jesus Cristo, por MK e também por TK, o que revela sincretismo religioso.

Face à destribalização, desestruturação e à desorganização social decorrentes do brutal processo de “inculturação” dos Kanoê” entre 1930 e 1940, já não é possível reconstituir com exatidão a morfologia da estrutura social desse povo antes do contato com a civilização majoritária. Pelo que ainda se pôde resgatar, as aldeias eram formadas por casas de famílias nucleares (*enuetere*), que se organizavam em clãs (*tekjjurue*), cujas linhagens eram patrilineares e patrilocais.

Segundo MK e TK, dentro desse sistema, as famílias eram extensas, compostas de duas ou três gerações, e, assim, as famílias nucleares pertencentes a um mesmo clã habitavam uma grande casa comunal, que constituía a unidade residencial básica. A aldeia era composta de várias dessas casas, habitadas pelas famílias extensivas, distribuídas na periferia de um pátio central circular. As casas dos Kanoê também eram circulares. As paredes laterais eram construídas com cascas de árvore justapostas, à meia altura. A cobertura era feita de folhas da palmeira aricuri ou alicuri (*Cocos coronata*), bem trançadas.

Os casamentos eram exogâmicos, ou seja, o indivíduo deveria se casar fora de seu próprio clã. Segundo TK, o pai era quem decidia as possibilidades de casamento tanto do filho quanto das filhas (logo após a primeira menstruação), evitando as relações de parentesco consanguíneo de primeiro grau. Definido o casamento, o pai fazia um cercado de esteiras dentro da própria casa comunal, onde a moça ficava presa por duas semanas, até o dia do casamento. Nesse período, a nubente só podia tomar chicha de milho branco cozido e comer carne de nambuaçu assada.

No dia do casamento, a avó, a mãe e as irmãs davam um banho de ervas na moça, pintavam-lhe o corpo com tinta de jenipapo, adornavam-na com colares de dente de macaco e pulseiras feitas de rabo de tatu, enfeitavam-na com braceletes, tornozeleiras e grinalda de palha de buriti. O mesmo acontecia com o noivo: o rapaz também tinha o corpo pintado e ornamentado com colares, pulseiras e um chapéu, enfeitado de penas de arara, geralmente vermelhas. O cerimonial de casamento culminava numa grande festa, com muita comida e bebidas (*chichas*), que se arrastava por toda noite até o amanhecer.

Nota-se que o sistema de organização social dos Kanoê apresentava alguns traços comuns a povos do “complexo cultural do marico”, entre os quais os Ajuru (Waioró), os Makuráp e os Jabuti (Jeoromitxi), conforme Maldí (1991: 266-67). Ainda que os clãs tenham se desfeito em decorrência das perdas territorial e populacional, o sistema de patrilinearidade e patrilocalidade parece ser o único traço ainda preservado entre os remanescentes. Hoje, há vários casos de mães solteiras, casos de separação conjugal e até mesmo o caso de um rapaz solteiro ser pai de sete filhos, cada qual com uma mulher diferente, sem que o casamento de fato tenha se consumado e, em decorrência, a família se estruturado.

### 1.2.6.1 Os Kanoê de Deolinda-Rio Guaporé

Este grupo caracteriza-se por estar em avançado grau de inculturação, ou seja, embora sejam índios aos olhos da Lei, tanto é que são tutelados pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Já perderam não só a identidade lingüística e suas tradições culturais, mas também a referência de seu próprio território. Contudo, ainda têm a consciência de que são uma etnia indígena, um povo unido uma origem comum e por vínculos de parentesco.

Entre os Kanoê de Deolinda-Rio Guaporé, atualmente contam-se apenas três falantes de sua língua nativa: Teresa Kanoê, de aproximadamente 74 anos<sup>5</sup>, em Guajará-Mirim; Júlio Kanoê, também setuagenário, na Área Indígena de Sagarana; e Francisco Kanoê, o mais idoso, com mais ou menos 75 anos, na Área Indígena de Rio Guaporé. Esses falantes são potencialmente bilíngües em Português e Kanoê, mas onde e como vivem hoje não há mais situação social em que possam falar sua língua nativa (*vide* Braga & Bastos, 1998: 136). Há pelo menos um outro caso de bilingüismo: Lúcia Kanoê é falante de Português e Aikanã, por ter sido criada entre os Aikanã (Masaká), e, assim, não aprendeu sua língua materna.

Como se observa, esse primeiro grupo vive relativamente disperso: alguns na cidade de Guajará-Mirim e a maioria ao longo da margem direita do rio Guaporé; uma família no P. I. Deolinda e algumas famílias em na A. I. Sagarana, área onde predominam os Pakaanóva (Txapakúra); e a maioria na A. I. Rio Guaporé, nas quais convivem com remanescentes de outras etnias (Mukuráp, Jabutí, Ajurú, Tuparí, Arikapú, Aikanã, e Cujubim ou Kuyubí). Há ainda uma única mulher Kanoê no P. I. Negro-Ocaia. Segundo o depoimento de Munuzinho Kanoê em janeiro de 1997, possivelmente ainda existam outros de seus parentes, vivendo em outras regiões de Rondônia, como uma de suas filhas (Meduciana) e um irmão de Teresa (Carlos)<sup>6</sup>, que foram viver na capital do Estado e não deram mais notícias.

A dificuldade em quantificar a demografia do povo Kanoê advém dos casamentos intertribais realizados pelos mesmos e até casamentos com não-índios. Ora, como um dos traços do “complexo cultural do marico” é a ascendência patrilinear, não é fácil determinar se os filhos de uma mulher Kanoê com um homem de outra etnia ou com um civilizado podem ser considerados Kanoê. É o caso, por exemplo, dos filhos de Teresa, que os teve vivendo com um homem não-índio, um caboclo cearense, pois, segundo ela, por ser filha de cacique, não poderia se casar. No entanto, seus filhos são referidos como sendo Kanoê, assim se auto-identificam etnicamente e têm documentos como tais. Do mesmo modo, os netos de Maria Atiminaké, cuja filha se casou com um homem “branco” e foram criados na cidade, vivendo à

<sup>5</sup> Estimados em 2002. Nos documentos pessoais de Teresa consta 1921 como data de nascimento.

<sup>6</sup> Mais tarde, soube-se que Carlos, recentemente falecido, trabalhou numa agência dos Correios, em Porto Velho.



moda dos “civilizados”, não são considerados Kanoê, ou os filhos de Francisca Kanoê com Agostinho Mekém, os quais são Mekém e não Kanoê, pela ascendência patrilinear.

Embora pelo critério da patrilinearidade alguns não possam ser considerados legítimos Kanoê, em 1997, Munuzinho arrolou 84 nomes (Bacelar, 1997), agrupados em famílias, os quais – sob seu ponto de vista – ele considerava como sendo Kanoê. Esse número é relativo não só em virtude dos casamentos intertribais, uma vez que reflete uma visão unilateral; mesmo porque bastam alguns nascimentos e algumas mortes para alterá-lo. De fato, dois dos idosos falantes do Kanoê já faleceram: Atiminaké há algum tempo (1996), e o próprio Munuzinho Kanoê, em junho de 2001. Assim, o que se pode afirmar é que esse primeiro grupo está reduzido a menos de uma centena de pessoas, das quais apenas três ainda mantêm a língua viva na memória. Pelo levantamento feito em setembro de 2002, durante a 4ª. sessão de trabalho de campo, a partir dos depoimentos de Teresa Kanoê e de José Augusto Kanoê, que se intitula cacique, os Kanoê são hoje 97 pessoas, dentre as quais causa alguma surpresa que duas moças sejam efetivamente loiras. No apêndice deste trabalho acrescentamos uma lista dos remanescentes Kanoê, atualizada em agosto de 2003 (*vide* Anexo 1), sob o critério de auto-identificação etnocultural (cf. Melatti, 1993: 25), com base nas informações prestadas por Teresa Kanoê, Mazaropi Kanoê, Valcemir Kanoê e Lindalva Kanoê.

No site oficial relativo aos Jogos Indígenas, do Ministério do Desporto, os Kanoê são quantificados em 155 pessoas, o que não corresponde à realidade.

#### **1.2.6.2 Os Kanoê isolados do Omeré: o contato e seus desdobramentos**

Este grupo hoje está reduzido a apenas três pessoas de uma única família, constituída por Txinamanty, mulher de estimados 30 anos; seu irmão, Purá, aparentando 27 anos; e uma criança, nascida no início de 2002. Essa família é monolíngüe em Kanoê.

Os “isolados do Omeré”, refugiando-se numa reserva de floresta dentro da área de uma fazenda, conseguiram viver apartados do contato direto com o homem “civilizado” e com outros grupos indígenas, salvo com os Akuntsum, único grupo indígena vizinho, que também vivia apartado. Assim, durante muito tempo os Kanoê de Deolinda-Rio Guaporé não sabiam da existência dos “isolados do Omeré”, assim como estes não sabiam da existência daqueles.

Em 1984, madeireiros que trabalhavam na fazenda Yvipytã comunicaram à FUNAI um primeiro contato com índios desconhecidos, que teriam disparado flechas contra eles. Em 1985, Marcelo dos Santos encontrou vestígios da presença dos índios e evidências de um possível massacre na área da mesma fazenda (Santos, 1996). Em 1986, Marcelo conseguiu que a FUNAI, os Ministérios do Interior e da Justiça interditassem a área para fins de pesquisa; mas, por outro lado, o proprietário das terras também agiu no plano federal e obteve a reintegração de posse da fazenda ainda em formação. Quando os técnicos indigenistas retornaram para mais uma inspeção, encontraram muitos homens e tratores trabalhando no desmatamento e no plantio de pastos: boa parte da área já havia sido destruída rapidamente, inclusive os locais nos quais havia vestígios de presença indígena.

Marcelo e Altair decidiram continuar sigilosamente as investigações e, apoiando-se em fotos de satélites, que indicavam algumas pequenas clareiras nas reservas de mata, levantaram a hipótese de serem roças indígenas. De fato, com ajuda de alguns índios Nambikwara, os técnicos fizeram várias expedições, nas quais encontravam roças indígenas, mas nunca os próprios índios.

No final de agosto de 1995, respaldado de liminar judicial, Marcelo dos Santos e seus auxiliares conseguiram realizar nova expedição até que, após quatro dias de investigações na floresta, conseguiram chegar à aldeia dos Kanoê, a mais ou menos 20 km do local onde anteriormente haviam encontrado os indícios de presença indígena. O grupo foi finalmente contactado em 3 de setembro de 1995 pelos técnicos indigenistas Marcelo dos Santos, o chefe da expedição, e Altair Algayer, ambos da FUNAI, depois de dez anos de investigações.

Por meio da linguagem gestual e da oferta de presentes, Marcelo dos Santos e sua equipe conseguiram a aproximação com os Kanoê isolados, sem, no entanto, terem condições de identificá-los como tais. Os momentos emocionantes do primeiro contato foram registrados pelo fotógrafo Marcos Mendes, da Agência Estado, e documentados em vídeo pelo cinegrafista Vincent Carelli, cinegrafista do CTI – Centro de Trabalho Indigenista. Apesar das limitações da comunicação gestual, Marcelo e Altair compreenderam que os Kanoê estavam indicando a presença de outro grupo indígena na mesma área, aos quais se referiam como “Akuntsum”.

Com efeito, um mês depois, a expedição conseguiu estabelecer contato o grupo referido como Akuntsum pelos Kanoê. Mais tarde, coordenando sua equipe, Marcelo dos Santos (1998; 2000: 595) descobriu a existência de um único índio, o “isolado do Tanaru”, cuja língua e identificação étnica ainda são desconhecidas, vivendo em outra área não desmatada de uma fazenda, ainda absolutamente arredio ao contato com o homem branco. Foram feitas várias tentativas de aproximação, com a participação de alguns intérpretes de outras línguas indígenas regionais, inclusive Kanoê, mas foram todas frustradas. Esse índio não respondeu às tentativas e mostrou-se hostil às possibilidades de contato (*vide* Sakamoto, 2000).

A primeira grande surpresa em relação aos “Kanoê do Omeré” foi o fato de os mesmos não andarem efetivamente nus e usarem vários colares multicoloridos feitos com material plástico. Além disso, nunca se apresentavam sem estarem usando um chapéu típico, de mesmo formado do chapéu do homem branco, porém confeccionado com talas vegetais de palmeira entrelaçadas e, na aba, fitas de lona plástica preta. Usavam algumas peças de roupas em tecido industrial, as quais eles mesmos confeccionaram com relativo esmero. Some-se a isso que, na aldeia, foram encontrados alguns utensílios tais como garfos e facas de metal, vasilhame de alumínio e embalagens plásticas de produtos diversos. Esses utensílios, restos de acampamentos de madeireiros, seringueiros e palmiteiros, teriam sido coletados pelos Kanoê nas incursões pela floresta.

A segunda grande surpresa foi o fato de os Kanoê terem feito uma cerca de madeira quase intransponível no meio da floresta, separando o seu território do território dos Akuntsum. A relação entre os dois grupos indígenas isolados nem sempre foi muito amistosa e sempre difícil por não falarem uma língua comum. Pelo que Marcelo dos Santos pôde resgatar, através de Munuzinho Kanoê como intérprete, Tutuá Kanoê insistia em aproximar seus filhos dos Akuntsum, na esperança que Babá, o cacique, cedesse uma das moças – uma menina de aproximadamente 15 anos, para esposa de seu filho Purá. Ao mesmo tempo, Tutuá esperava que sua filha Txinamanty e sua sobrinha Aimoró se engravidassem ou de Pupaki, o único rapaz Akuntsum, ou do próprio cacique Babá. Mas as tentativas eram frustradas. Toda vez que se aproximavam, acabavam surgindo atritos e ameaças de morte em relação aos Kanoê, o que acabou fatalmente acontecendo: por ser mais nervosa e agressiva em relação a eles, Aimoró foi assassinada pelos Akuntsum, em meados de 1997. Essa morte abalou ainda mais as já estremecidas relações entre os Kanoê e os Akuntsum.

Segundo Altair Algayer, com a morte de Aimoró, os Kanoê tornaram-se relativamente mais tristes do que já eram, pois a moça tinha um espírito mais alegre, mais festivo. Era ela quem organizava alguns rituais que os Kanoê ainda mantinham. O problema das desavenças continuou, apesar de a família Kanoê insistir em aproximar-se mais e tentar uma convivência pacífica com os Akuntsum, as ameaças continuavam. Para minimizar o problema e evitar mais mortes, os técnicos da FUNAI entrevistaram e sugeriram aos Kanoê que mudassem sua aldeia para a outra reserva de floresta, do lado oposto, a margem esquerda do rio Omeré, aproximadamente a 3 km do acampamento.

Apesar da instabilidade da convivência entre os dois grupos isolados, Txinamanty conseguiu engravidar-se do cacique Babá e, em outubro de 1996, nasceu um menino. O rapaz Kanoê cedeu seu nome, que era Operá (“onça”) para o recém-nascido e adotou o nome de Purá (“cigarra”). Esse menino nasceu com sérios problemas de coordenação

psicomotora e até os cinco anos, ainda não era capaz de andar nem de falar uma só frase simples, balbuciava palavras soltas. A auxiliar de enfermagem da Fundação Nacional de Saúde, Sra. Amélia de Jesus Veiga, atuando no acampamento da FUNAI, não media esforços para ajudar a mãe no desenvolvimento do menino, cuidando carinhosamente de sua saúde, nutrição e desenvolvimento psicomotor. Infelizmente, depois de um longo trabalho de recuperação, o menino Operá e sua avó Tutuá faleceram em meados de fevereiro de 2003, provavelmente por causa de uma intoxicação alimentar, ainda não plenamente esclarecida.

A convivência entre os dois grupos é difícil não só pela barreira lingüística, mas também pelas acentuadas diferenças culturais entre os mesmos. Os Kanoê parecem ser mais agricultores que caçadores, não andam nus e são extremamente perfeccionistas, dentro de suas limitações. Esse perfeccionismo pode ser notado na aldeia: o pátio é muito limpo e varrido, inclusive o caminho que dá acesso ao igarapé Omeré. Além disso, criam galinhas e porcos-domato (queixadas), fazem roças de mandioca, cana-de-açúcar, milho, cará, batata-doce, amendoim e fumo. Cultivam ainda banana, mamão e abacaxi.

Os Kanoê tecem com esmero a cobertura de sua maloca tanto quanto são caprichosos ao fabricarem suas flechas, arcos e adereços de uso pessoal. Como não gostam de ser vistos nus, pois já têm pudor da própria nudez, usam roupas de modelos copiados dos “civilizados”, confeccionados a partir de pedaços de tecido que encontram aqui e ali na floresta ou nos pastos. Após a visita de Munuzinho ao acampamento, pediram a doação de peças de roupas e calçados, no que foram atendidos. Somente Tutuá andava com o busto nu, mas parcialmente encoberto por uma boa quantidade de colares sobrepostos, uns de material plástico, outros de conchas e sementes.

Os colares de plástico, uma das marcas da indumentária dos Kanoê, são compostos de peças triangulares ou circulares de uma única cor ou de cores alternadas, unidas por linhas enceradas feitas de fios de tucum ou de algodão. Essas peças plásticas parecem ser recortadas de bacias ou baldes de plástico velhos, encontrados nos pastos ou na floresta. Embora pareçam ser volumosos e pesados, os colares atestam o caráter perfeccionista dos Kanoê, pois as peças têm exatamente o mesmo formato. Essas peças são sobrepostas monocromaticamente ou com alternância de cores, o que torna o efeito visual belo. Predominam colares de cor laranja e os brancos, que combinam com brincos, feitos do mesmo material plástico, com a mesma forma geométrica e mesmo tamanho. As mulheres, Tutuá e Txinamanty usam brincos brancos e Purá, o rapaz, brincos laranja-avermelhados. Em Becker-Donner (1955: 286) há uma ilustração de um colar típico dos Kanoê, exatamente do mesmo modelo usado no Omeré, o que indicia os estreitos laços entre os dois grupos.

Completa-lhes a indumentária uma longa grinalda de fibras de buriti soltas; braceletes diversos, alguns dos quais similares aos colares; caneleiras e tornozeleiras de palha trançada ou de tecido. Além disso, os Kanoê usam eventualmente duas longas penas vermelhas, de arara, que são encaixadas num pequeno botoque, feito de osso de tucum, colocado num furo entre as narinas. Quando estão em sua aldeia, os Kanoê nem sempre estão usando todos esses adereços, mas não abrirem mão de seus colares, braceletes e da grinalda de fibra de buriti. Tão logo alguém se aproxima, procuram imediatamente colocar o chapéu ou, no mínimo, um gorro. Por outro lado, quando visitam o acampamento da FUNAI, na maioria das vezes se paramentam usando todos seus adereços, inclusive as penas de arara transversais no nariz.

O chapéu típico é fabricado em dois modelos. O primeiro é inteiriço, feito de um trançado de palha de talo de folha de palmeira, especialmente de buriti, de aba fixa, exatamente igual à do segundo modelo. Esse outro tipo de chapéu é composto de duas peças independentes. A primeira peça é uma espécie de gorro ou boina em forma de meia esfera, feito em gomos triangulares de couro de animal ou de tecido, unidos entre si por costura feita à mão, com acentuado perfeccionismo. A segunda peça é uma aba circular solta, na medida da cabeça do usuário, trançada em talos finos de folhas de palmeira, unidas e envoltas por estreitas fitas de lona plástica preta, e atadas por palha de buriti, de tal modo que formam um desenho geometricamente regular. No arremate final, as pontas de taquara são unidas

por uma amarra feita com palha de buriti. Nesse ponto de arremate, encaixam longas penas de arara, sobretudo vermelhas. Essa aba solta é encaixada na cabeça, após vestirem o gorro, dando a impressão de o chapéu é inteiriço. Em sua aldeia, muitas vezes usam apenas o gorro.

Do ponto de sua compleição física, os Kanoê do Omeré não são corpulentos. Em relação a outros povos indígenas e aos Akuntsum, podem ser considerados franzinos. Têm estatura mediana, mais ou menos 1,70 m. Usam os cabelos aparados bem baixos, razão pela qual Munuzinho Kanoê afirmou que esses seus parentes eram conhecidos como “Cabeça Seca”. Todavia, com essa denominação, só foi possível localizar uma única referência, que aparece em Martins (1978: 191), a propósito da população do Parque Nacional do Aripuanã, insuficiente para garantir que se tratava de um grupo Kanoê: “*Presume-se que em todo o parque viviam 5 mil índios: Suruí, Cinta-Larga, Gavião, Arara, Cabeça Seca e outros grupos ainda não conhecidos, nas regiões mais inacessíveis da selva...*” (grifos nossos).

Quanto ao perfil psicológico, embora vivam relativamente tristes em decorrência das condições materiais de vida e da falta de perspectivas, os Kanoê são dóceis e receptivos, o que talvez explique o fato de o outro grupo Kanoê ter sido subjugado e inculturado. Outro traço psicológico é o de serem curiosos e exímios observadores das atividades dos “civilizados” e, quando podem, querem imitá-los. Uma prova disso é a estrutura física de sua aldeia. Tão logo foi instalado o acampamento da FUNAI no Omeré, os indigenistas construíram uma grande maloca, coberta por folhas de palmeira, dispostas e entrelaçadas no sentido horizontal. Posteriormente, foi feita uma cobertura frontal, onde foi instalada a cozinha. Os Kanoê, que visitam quase diariamente o acampamento, acompanharam a construção. Pouco tempo depois, começaram a construir uma nova maloca e, em seguida, uma cobertura externa em anexo, onde instalaram a cozinha, exatamente nos mesmos moldes do acampamento da FUNAI. Além disso, passaram a dispor as folhas de palmeira das respectivas coberturas trançando-as agora no sentido horizontal e não vertical, como antes o faziam. Atrás da maloca central, construíram outra cobertura, onde se vê uma bancada de madeira, na qual armazenam água e guardam o vasilhame básico de cozinha, e um jirau, uma armação de varas suspensa a 1 m do solo, sobre a qual armazenam milho, castanhas e frutas.

Outra marca de perfeccionismo é dada pelo relativo capricho na feitura de suas roças, sobretudo se comparadas às dos Akuntsum. O local é desmatado, queimado, destocado e capinado. As plantações parecem organizadas em setores específicos: cana-de-açúcar aqui, mandioca ali, amendoim acolá. O mesmo capricho revela-se também no trato aos animais que criam: as galinhas têm um galinheiro, muito bem feito, para protegê-las. Os porcos do mato também têm duas casas cujas paredes foram feitas de toras de madeira fincadas lado a lado e cobertas por folhas de palmeira trançadas. As portas, feitas de tábuas de madeira lascada, têm um sistema de travas que lhes permite prender os porcos-do-mato em segurança e protegidos de outros animais carnívoros, sobretudo onças, durante a noite.

Em frente à maloca central onde dormem, sob a cobertura que lhes serve de cozinha, cada um parece ter seu local marcado. Nas visitas à aldeia, quando estavam todos presentes e reunidos, sentavam-se sempre nas mesmas posições: a mãe, Tutuá, ao lado esquerdo do fogão, Txinamanty – cuidando de seu filho Operá ou alimentando-o, numa das extremidades da área da cozinha, frontal à posição de sua mãe; e Purá, na outra metade da cozinha, onde também amarram os caititus ou porcos-do-mato (*Tayassu tajacu*), nos momentos em que os alimentam.

O perfeccionismo dos Kanoê é ainda mais visível na confecção de suas flechas e adereços. Purá possui uma bolsa de couro, na qual guarda todo o material de que necessita para a confecção de arcos e flechas. As penas de aves são cuidadosamente separadas em conjuntos por tipo e por cor, e presas por linhas enceradas de fibras de tucum. Na mesma bolsa, Purá guarda ainda, bem enrolados, os estoques de linhas vegetais ou de material plástico, e os tufos de cera preta de abelha com os quais impermeabiliza das linhas e solda as ataduras das penas e do bico da flecha.

Pudemos observar que, para confeccionar uma flecha, escolhia-a cuidadosamente entre um maço de taquaras, examinava-a várias vezes, segurando-a horizontalmente diante dos olhos a fim de verificar sua retidão ou possível empeno. Depois, submetia a taquara à aprovação de sua mãe. Abria a bolsa, retirava os materiais de que necessitava, verificando cuidadosamente o tamanho das penas e seus respectivos perfis aerodinâmicos. Separado o material, com extrema habilidade, paciência e perfeccionismo, se punha a confeccionar a flecha, da ponta para a extremidade de encaixe da linha do arco. Cada etapa, feita com uma técnica específica e agilidade, sem perder a calma e o senso de perfeccionismo, era submetida à apreciação de Tutuá, que respondia afirmativamente com palavras ou com um olhar e uma interjeição simultâneos. Segundo os depoimentos de Marcelo dos Santos e Altair Algayer, esse traço perfeccionista dos Kanoê talvez seja um dos motivos de relações difíceis com os Akuntsum, embora a cultura material dos dois grupos seja semelhante.

Ainda quanto a seu perfil comportamental, os Kanoê revelaram-se hospitaleiros e corteses com seus visitantes. Nas visitas à aldeia, tão logo se chega, imediatamente oferecem uma farta caneca de chicha de milho, fria e refrescante, levemente adocicada. Quando se deixa a aldeia, na despedida procuram sempre ofertar alguma coisa, sobretudo bananas. Do mesmo modo, quando visitam o acampamento da FUNAI, sempre que podem levam algum agrado, seja um peixe, seja um pedaço de caça, sejam algumas frutas.

Outro traço que os caracteriza é a disposição para o trabalho. Durante a 3<sup>a</sup>. sessão de trabalho de campo no Omeré, observamos que Tutuá Kanoê acordava sempre muito cedo e, munida de um facão, de seu arco, suas flechas e de um grande cesto dorsal, saía à procura de cachos de coco, sobretudo na área do acampamento onde ainda há muitas palmeiras. Depois de colhê-los, arrancava cada fruto dos cachos, acomodava-os num cesto e voltava à aldeia. Além disso, colhia carás, macaxeira e mamões na roça da FUNAI, completando a carga do cesto, sempre muito pesado. Embora idosa, ela caminhava quase três quilômetros com o cesto às costas, mas atenta às possibilidades de encontrar alguma caça. De volta à maloca, torrava os cocos, aos punhados, nas brasas do fogão. Depois, quebrava-os um a um e, com uma faca, retirava-lhes a polpa assada e, à medida que fazia isso, jogava as pequenas porções de massa para os porcos se alimentarem. Era uma tarefa diária, repetitiva, que – no entanto – ela parecia fazer sempre bem disposta. Essa disposição para o trabalho também se sobressai quando estão cuidando ou ampliando suas roças. Até mesmo o caminho que dá acesso à aldeia estava sendo limpo e destocado por Purá, a fim de que os funcionários da FUNAI ou membros das equipes médica e odontológica que lhes prestam assistência regular pudessem chegar até eles de motocicleta.

O perfeccionismo e a disposição para o trabalho como traço psicológico e cultural também pôde ser observado nas sessões de trabalho de campo anteriores. Há, nos dados gravados, frases nas quais Munuzinho Kanoê enfatiza o fato de os Kanoê fazerem tudo com perfeição, “bem feitinho”, e o fato de serem muito trabalhadores. Nas mesmas entrevistas, Munuzinho deixou vazar certa identificação com os Makuráp pelo fato de os mesmos também serem trabalhadores e caprichosos como os Kanoê. Por outro lado, em relação a outros grupos indígenas, os referidos como “Urudão” (subgrupo Txapakúra), Munuzinho acentuou o fato de serem preguiçosos e relaxados com suas coisas.

A partir do primeiro contato em 03 de setembro 1995, o primeiro desafio dos técnicos indigenistas Marcelo dos Santos e Altair Algayer foi o de identificar o grupo etnolinguístico a que os mesmos pertenceriam ou não. Através da FUNAI, finalmente conseguiram que os Ministérios da Justiça e do Interior interditassem a área. A partir daí, os técnicos indigenistas instalaram um acampamento na entrada de um das reservas de florestas, às margens de um pequeno igarapé afluente do Omeré. Aos poucos, a infra-estrutura foi sendo montada e, assim, a FUNAI pôde enfim proteger os dois grupos indígenas da ganância dos madeireiros, palmiteiros e fazendeiros.

A fim de preservar-lhes a saúde e garantir-lhes a assistência, conseguiram que uma equipe médica e outra odontológica, ambas da Fundação Nacional de Saúde

(FUNASA), passassem a fazer visitas mensais regulares às duas aldeias e, além disso, que houvesse uma assistente de enfermagem apta a primeiros socorros, de plantão no acampamento durante três semanas mensais contínuas. Providenciaram a contratação de um funcionário braçal, um caseiro, não só para proteger os índios, na ausência da chefia, de eventuais interferências de curiosos ou intrusos (sobretudo vaqueiros, madeireiros e palmiteiros etc.), bem como para vigiar o acampamento de possíveis retaliações dos interesses dos latifundiários e madeireiros contrariados.

Na imprensa brasileira, foi matéria de *O Estado de São Paulo* (09/09/95); *Isto é* (04/10/95), *Caminhos da Terra* (Nanne, 1996), entre outras. No entanto, a maior divulgação foi em 10 de outubro de 1995, pelo programa dominical “*Fantástico*”, da Rede Globo de Televisão. Em tom relativamente sensacionalista, o programa foi aberto com a manchete: “Encontro de sertanistas com índios desconhecidos em Rondônia”. A reportagem mostrava parcialmente o vídeo de Vincent Carelli, que acompanhava as expedições de Marcelo dos Santos. As cenas do momento do primeiro contato e a fala nervosa de Txinamanty Kanoê emocionaram o País, dada a grande audiência do programa.

Nesse meio tempo, o contato com os Kanoê passou a ser mais freqüente, porém restava identificá-los enquanto grupo étnico. O lingüista Nilson Gabas Jr. identificou a língua como sendo Kanoê, baseando-se em uma primeira lista de 91 palavras coletadas no Omeré por Inês Hargreaves (1995), ainda em setembro de 1995. No início de 1996, Marcelo dos Santos conseguiu autorização legal da FUNAI para levar Munuzinho Kanoê ao Omeré, por ter a informação de que o mesmo falava outras línguas indígenas. Assim, alguns meses depois Munuzinho também reconheceu o grupo como sendo Kanoê, seus parentes etnolingüísticos, falantes de sua própria língua. Munuzinho foi então contratado para permanecer por alguns meses no Omeré trabalhando como intérprete.

Se, por um lado, a presença de Munuzinho Kanoê no Omeré facilitava o trabalho de comunicação e assistência aos “isolados”; por outro, trazia problemas pelo fato de o mesmo estar inculcando-lhes uma visão protecionista e assistencialista distorcida em relação ao trabalho da equipe da FUNAI, como se a mesma tivesse se instalado ali não só para protegê-los, mas também para suprir-lhes as todas as necessidades básicas. Além disso, Munuzinho condenava-lhes a maneira de ser, instigando-os a assimilarem o *modus vivendi* do “civilizado” e a rejeitarem o modo como até então viviam. Mais que isso, Munuzinho passou a inculcar-lhes valores religiosos do Cristianismo, passando-lhes uma visão cristã e apocalíptica do mundo, condenando-lhes a crença em seus próprios mitos. Para tanto, chegou a comprar uma Bíblia, mesmo sem saber lê-la. MK voltou para o P.I. Deolinda, assim que seu contrato terminou.

Para substituí-lo como intérprete, Marcelo dos Santos conseguiu levar Teresa Kanoê ao Omeré, mas o resultado foi dramático. Já no primeiro contato, Teresa mostrou-se um pouco agressiva em relação a seus co-irmãos etnolingüísticos: avançou sobre Txinamanty e Aimoró e tentou arrancar-lhes os colares e adereços típicos, enquanto nervosamente lhes condenava a maneira de ser, Teresa os teria considerado como muito “primitivos” e queria que os mesmos vivessem como ela, integrados à cultura do homem branco. Os técnicos da FUNAI perceberam que a presença de Teresa seria prejudicial à preservação dos Kanoê do Omeré e, por isso, providenciaram seu retorno imediato a Guajará-Mirim. Em depoimentos mais recentes, TK revelou o desejo de retornar à área, para trazer seus parentes “que estão vivendo ainda como caboclo bravo”.

### **1.2.7 História social dos Kanoê**

Resgatar parte da história social dos Kanoê não é tarefa fácil, diante da carência de informações sobre os mesmos. Nos documentos e livros sobre o processo de ocupação de Rondônia, desde a instalação das linhas telegráficas aos mais recentes, as raras referências aos Kanoê ou Kapixanã limitam-se a atestar a existência desse povo ao lado de outros grupos

indígenas. Reproduzimos aqui o que pôde ser resgatado nas sessões de trabalho de campo a partir das entrevistas com Munuzinho, Maria Atiminaké e Teresa Kanoê.

De acordo com os informantes, os Kanoê eram pacíficos, unidos e habitavam malocas extensas às margens do igarapé Kauruá, na região dos rios Carvão e Machado e Pimenta Bueno, ao sul do Estado de Rondônia. Maldí Meireles (1984: 113) afirma que “a região do Pimenta Bueno era *habitat* de outros grupos, entre os quais os *Kanoê*” e que, “em 1940, parte desses índios foram forçados a se retirar de suas aldeias e levados para o Guaporé, onde foram estabelecidos no P. I. Ricardo Franco (atual T. I. Guaporé). Ainda segundo a autora, “pouco tempo contraíram sarampo. A mortandade foi tamanha que os Kanoê foram praticamente exterminados”.

Munuzinho informou que, até sua geração, viviam parcialmente nus, praticavam a agricultura de milho, algodão, taioba, amendoim e fava, entre outras, caçavam e pescavam. Eram “bravos” e foram se “amansando” no contato com os “civilizados” por ação dos missionários. O contato com os civilizados lhes trouxe a morte por doenças como a coqueluche e o sarampo. Munuzinho Kanoê, por exemplo, perdeu um dos seus oito filhos vitimado pela coqueluche (Marcelino), dois por sarampo (Mariléia e Maria de Lourdes), um por “bicho na barriga” (Marcos Paulo) e uma de suas filhas (Meduciana) teria desaparecido em Porto Velho. Sua esposa Lúcia faleceu depois do último parto.

Além da morte por doenças “de branco”, o contato com os civilizados lhes trouxe também a morte pelas armas de fogo. Muitos dos homens Kanoê teriam sucumbido nos conflitos com os “brancos”, sobretudo madeireiros, jagunços, garimpeiros, aventureiros e “bolivianos”. Somem-se a isto os atritos com outros grupos indígenas regionais pela posse da terra, na medida em que esses povos perdiam seus territórios para os “civilizados”.

Assim, no final da década de 1920, chegou-se a um momento em que o número de mulheres era muito superior ao de homens e, na estrutura social dos Kanoê, já não havia mais como realizar os casamentos. Por isso, muitas das mulheres se casaram com homens de outras tribos (Aikanã, Jabuti, Aruá, Mekém, Makuráp, Cujubim) e seguiram seus maridos, com a conseqüente perda da identidade étnica, lingüística e cultural de seus filhos. A desintegração final do grupo se deu depois da morte do último tuxaua, pai de Teresa, provavelmente em 1932<sup>7</sup>, pois já não havia um homem habilitado, de acordo com as tradições Kanoê, a ocupar o posto do falecido.

Os depoimentos e o cruzamento de informações permitem assegurar que, na década de 30, os Kanoê foram recrutados para trabalharem como “caucheiros” semi-escravizados nos seringais.<sup>8</sup> A partir daí passaram a habitar separadamente em áreas diversas. Munuzinho criou seus filhos em na T. I. Rio Branco e depois em Deolinda; Júlio, casado com uma Cujubim, mora na Área Indígena de Sagarana; Francisco, com a família mais numerosa, na Terra Indígena de Rio Guaporé; Teresa atualmente vive com o neto numa casa de madeira alugada, próxima ao porto da FUNAI, em Guajará-Mirim. Maria Atiminaké (já falecida) vivia com a filha, genro e netos num dos bairros dessa cidade.

Sem precisar bem as datas, narrando com lapsos de memória e digressões, Munuzinho lembrou-se de um período, provavelmente no final dos anos 30 e início de 40, em que ele e outros de seu povo foram trabalhar numa fazenda, na qual foram submetidos a um processo de exploração: eram escravizados e vigiados por jagunços. Nessa fazenda, um menino Kanoê, de 11 anos, teria sido estuprado por dois jagunços e, com isso, os Kanoê se revoltaram para se vingarem da atrocidade praticada contra a criança. Houve muita violência entre os índios e a

---

<sup>7</sup> Essa data foi obtida através de cálculos de dados biográficos de Teresa Kanoê, a partir de sua ida, aos 14 anos, para Guajará-Mirim, em 1943. Assim, Teresa teria nascido em 1929 e, como ela contava com três anos quando seu pai morreu, logo isso se deu em 1932, se não houve equívoco de datas.

<sup>8</sup> Maldí (1991: 239) informa que, em 1934, quando os Koaratira foram levados para o barracão do seringueiro Jácomo Cassara, em Corumbiara, os Kanoê já estavam lá, com os quais “intensificaram-se os casamentos intersocietários”.

jagunçagem. Um dos jagunços foi morto, mas alguns Kanoê também morreram. O outro teria conseguido fugir para Porto Velho, mas o pai do menino o perseguiu até capital do estado. No entanto, não mais voltou.

Os depoimentos de Teresa, colhidos no período de agosto a dezembro de 2003, confirmam que o povo Kanoê vivia nas cabeceiras dos rios Omeré, afluente do Corumbiara, e do Tanaru, afluente do rio Pimenta Bueno. Ali, a leste, tinha os Salamã (Tsanawere) como vizinhos e amigos, e os Aikanã, próximos a Cascata; a oeste, “onde senta o sol”, três grupos vizinhos hostis por ela nomeados Kurapé<sup>9</sup>, “Caboclo Tiá” (Kwaza) e Akuntsum<sup>10</sup>. Estes últimos eram excessivamente agressivos e teriam matado muitos dos Kurapé. Por isso, não se podia andar próximo ao território deles durante o dia. A aldeia Kanoê situava-se entre esses quatro grupos. Essas informações parecem explicar o convívio difícil com os Akuntsum, ainda hoje, e correspondem com relativa precisão ao mapa de Becker-Donner (1955: 297), mais exatamente à área onde foram localizados os “isolados do Omeré”.

Segundo TK, Munuzinho Kanoê, com doze anos, já órfão de pai e mãe, foi morar com os Salamã, razão pela qual falava bem a “gira” deles e cometia alguns desvios ao falar sua própria língua. Ela, por sua vez, foi morar com os Aikanã, pois sua mãe casou-se com um deles após a morte de seu pai. Por essa razão, Teresa falava diariamente mais Aikanã que o próprio Kanoê. Afirmou ainda que, aos 14 anos, a família foi morar em Guajará-Mirim, posteriormente, durante um ano em Porto Velho, depois novamente Guajará-Mirim, de tal modo que o Português passou a ser cada vez mais sua língua diária.

A descoberta dos Kanoê isolados do Omeré em 1995 permite conjecturar que, num passado já distante, havia pelo menos duas tribos Kanoê, irmanadas pela mesma língua, originárias de um grupo único, que se teriam separado por alguma vicissitude. Possivelmente, por algumas razões, entre as quais o contato com a civilização, os grupos foram se afastando e vivendo apartados um do outro, de tal modo que cada deles tomou algumas feições próprias, sem perder a unidade lingüística.

Essa hipótese se sustenta nos seguintes argumentos, posto que, na literatura, ora Kanoê e Kapixaná são tratados ora como etnônimos sinônimos, ora como termos distintos: 1<sup>o</sup>.) Loutotka (1963), como se viu, postulou a existência de duas línguas aparentadas; 2<sup>o</sup>.) em Becker-Donner (1962: 148) aparece essa distinção, tratando-os como duas etnias; 3<sup>o</sup>.) no mapa de Dequech (1942), “Canoê” e “Capichanãs” são distintos no nome e ocupam áreas próximas mas, ao mesmo tempo, também distintas; 4<sup>o</sup>.) o próprio Munuzinho Kanoê, em 1997, informou a existência de um outro grupo Kanoê, aos quais se referiu como “Cabeça Seca”, porque mantinham o corte de cabelo muito baixo, o que hoje pode ser observável no corte de cabelo dos “isolados do Omeré”. Logo, não se pode descartar aqui a hipótese de dois grupos étnicos de nomes diferentes ou duas aldeias Kanoê irmanadas pela mesma língua.

De fato, o relatório de Estanislau Zack à Comissão Rondon, em 20 de abril de 1943, anunciava a presença dos Kanoê à margem esquerda do Omeré, afluente do Corumbiara, segundo Maldi (1991: 263). Por outro lado, Becker-Donner (1962: 148) informa que, em 1954, no Posto Indígena Ricardo Franco, encontrou 60 índios, das etnias Masaká, Kanoê, Makuráp, Salamã e Kapixaná<sup>11</sup> e um Txapakúra. Dois anos depois, em 1956, havia apenas 12 índios, entre os quais alguns Kanoê e uns poucos indivíduos de outras etnias. Os demais haviam morrido. Becker-Donner acentua que os encontrou em alto grau de inculturação, já falando o Português em detrimento de sua própria língua, restrita apenas aos mais idosos. Diante do fato, a antropóloga destacou a irreversibilidade da situação e a necessidade urgente de resgatar e documentar o pouco que ainda restava de seus traços culturais e de sua língua.

Essas informações e datas confirmam a hipótese da preexistência de duas aldeias Kanoê ou a divisão da mesma em dois grupos. Uma das aldeias ou grupos aproximou-se do

<sup>9</sup> Não foi possível identificar com exatidão grupo indígena nomeado “Kurapé”.

<sup>10</sup> Subgrupo Nambikwara, nomeados “Akuntsum” pelos Kanoê, ainda hoje, no Omeré.

<sup>11</sup> Aqui Becker-Donner faz uma distinção entre Kanoê e Kapixaná, referindo-se a dois grupos da mesma área.



contato com os “civilizados”. Por serem dóceis, os Kanoê foram se “amansando”, sem maior resistência, ao mesmo tempo em que eram rapidamente inculturados. Desses, restam os remanescentes que habitam o eixo Deolinda-Rio Guaporé. O outro grupo, supostamente os “Cabeça Seca”, já desligado do primeiro, preferiu fugir do contato com os “civilizados” e, por isso, refugiou-se na floresta, vivendo em absoluto isolamento em relação ao primeiro, de tal modo que ambos perderam o contato entre si. De fato, isso pôde ser confirmado na ocasião da descoberta dos “isolados do Omeré”: os dois grupos até então não tinham conhecimento da existência um do outro.

Em relação à história social específica dos Kanoê do Omeré, Marcelo dos Santos e Altair Algayer conseguiram resgatar parcialmente o porquê de restar tão-somente a família de Tutuá. De acordo com as traduções feitas por Munuzinho Kanoê, o grupo vivia isolado e, devido a mortes por doenças ou assassinatos, chegou a um momento em que as probabilidades de casamento eram impossíveis. A aldeia contava então com aproximadamente 50 pessoas, das quais a maioria era composta por mulheres e crianças. Um certo dia, os homens se reuniram e decidiram que partiriam todos, inclusive os meninos, em expedição à procura de outras tribos, com as quais pudessem negociar alguns casamentos, através da troca de mulheres. As mulheres tomaram conhecimento dessa decisão.

Os homens Kanoê, dos idosos aos meninos mais crescidos, partiram todos. As mulheres ficaram a sós com suas crianças. Mas os dias se passaram e os homens não voltavam e, com isso, a aflição entre as mulheres aumentava a cada dia. Duas delas resolveram então partir à procura dos homens e se embrenharam na mata. Três ou quatro dias depois, voltaram desesperadas com a trágica notícia: seus maridos e filhos ou netos estavam todos mortos, assassinados. As mulheres entraram em pânico e o desespero provocou a loucura coletiva.

Sem perspectivas, decidiram então pelo suicídio coletivo. Traumatizadas, prepararam um veneno, deram-no de beber a suas crianças e se envenenaram. Tutuá mal começou a ingerir o veneno, ainda encontrou forças para lutar pela vida e conseguiu vomitar o que havia ingerido. Conseguiu fazer com que seus filhos Txinamanty e Purá, sua irmã e sua sobrinha Aimoró também se salvassem. Os Kanoê do Omeré ficaram então reduzidos a duas mulheres adultas e três crianças. Mas a irmã de Tutuá já não era a mesma. Enlouquecida, não acreditando que os homens estavam mortos, entregou a filha Aimoró aos cuidados de Tutuá e partiu sozinha à procura de seu marido. Tutuá ainda tentou impedir que ela fizesse isso, mas foi em vão: sua irmã partiu e dela não se teve mais notícias. Essa versão coincide com o depoimento de MK em janeiro de 1997, por ocasião da 2a. sessão de trabalho de campo.

Valadão (1996:545) apresenta outra versão, segundo a qual houve a interferência quatro homens estranhos, dois negros e dois brancos, que, depois de conviverem algum tempo na aldeia Kanoê, desapareceram levando consigo os filhos homens, de tal modo que a aldeia ficou reduzida às mulheres, que já eram maioria. Estas, abandonadas e sem perspectivas existenciais, praticaram o suicídio coletivo, envenenando a própria comida, exceto Mõe<sup>12</sup> (Tutuá), que havia dado a luz a um menino (Operá, hoje Purá), pegou seus filhos e a sobrinha Oaymoró (Aymoró) e fugiu. Algum tempo depois, os Kanoê contataram o grupo ao qual se referem como *Akuntsum*, e pelo qual são chamados de *Emãpriá*.

Tutuá, sozinha, criou seus filhos e a sobrinha, refugiando-se na floresta. Porém, tão logo travou contato com os *Akuntsum*, passou a tentar aproximar-se deles, na esperança de encontrar uma possibilidade de casamentos para os filhos. Daí para cá, toda vez que os *Akuntsum* se mudavam, os Kanoê também se mudavam para algum local próximo. Mas ainda não conseguiram acertar o casamento entre Purá e uma das meninas *Akuntsum*. Apesar disso, Txinamanty engravidou-se de Babá, o cacique *Akuntsum*, e assim nasceu Operá, que faleceu

---

<sup>12</sup> Os funcionários do acampamento da FUNAI, desde o início do contato, habituaram-se a tratar Tutuá por “Mõe” ou “Nhamũj”, como era chamada por seus filhos Purá e Txinamanty. Na verdade, estão dizendo “mãe” [mũ] ou [ja mũj] “minha mãe”. Na 2a. sessão de trabalho de campo, Munuzinho afirmou que o nome correto é Tutuá, o que pôde ser confirmado pela própria informante, na 3a. sessão, em agosto de 2000.

recentemente (2003). Por outro lado, como se viu, a sobrinha Aimoró foi morta num conflito pessoal com os Akuntsum, algum tempo depois de os dois grupos terem sido descobertos pela equipe da FUNAI.

Observa-se que os dois grupos remanescentes dos Kanoê têm uma história social dramática e entrelaçada, mas não muito diferente da história de muitos outros povos indígenas brasileiros. Os “isolados do Omeré” viveram uma tragédia, da qual restou tão-somente uma única família, que ainda luta como pode para a sobrevivência da etnia. Isso explica o fato de serem relativamente tristes. Por telefone (jun/2003), Amélia de Jesus Veiga, assistente de enfermagem, informou que, após a morte de Tutuá e do menino Operá, Purá e Txinamanty tornaram-se ainda mais deprimidos, hospedaram-se no acampamento da FUNAI, abandonaram sua aldeia e resistiam à idéia de voltarem a viver lá.

### **1.3 O trabalho de campo e a análise dos dados**

A idéia da presente pesquisa nasceu durante o Curso de Mestrado em Lingüística na Universidade de Brasília. Sob a orientação do Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, a opção por pela língua Kanoê se deu por três grandes motivos: 1<sup>o</sup>) tratar-se de uma língua prioritária no Programa Nacional de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras/ CNPq, já que a mesma corria o sério risco de extinção a curto prazo; 2<sup>o</sup>) tratar-se de uma língua “isolada”, ou seja, sem parentesco lingüístico reconhecível com outras línguas indígenas; 3<sup>o</sup>) tratar-se de uma língua sobre a qual não existiam estudos específicos aprofundados, uma vez que as referências eram muito restritas.

#### **1.3.1 A 1<sup>a</sup> sessão: junho e julho de 1991**

Sob título *Análise e Documentação da Língua Kanoê*, o projeto foi iniciado em agosto de 1988, com previsão de que a 1<sup>a</sup> sessão de trabalho de campo se realizasse no ano seguinte. Mas, durante o Governo Collor, as abruptas mudanças político-econômicas e monetárias no país obrigaram o CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa – a retardar o financiamento do projeto que, embora aprovado, não tinha fomento disponível e nem previsão para tal. Isso implicou adiar em mais de um ano o trabalho de campo programado.

Nesse meio tempo, o Dr. Denny Moore, do Museu Goeldi, gravou duas fitas cassete C-60, com dados elicitados com TK, e as enviou ao Prof. Aryon, a fim de eu pudesse ter um primeiro contato com o material sonoro da língua. Assim, depois de transcrever foneticamente os dados, pus-me a confrontá-los com os documentos anteriores, sobretudo Becker-Donner (1955). O material, entretanto, ainda era insuficiente para uma análise da fonologia da língua: uma ampliação do corpus se impunha.

Cansado de esperar pelo financiamento governamental via CNPq, optei então por fazer o trabalho de campo com recursos próprios. Assim, em junho de 1991, na cidade de Guajará-Mirim, foi iniciada a primeira sessão de trabalho de campo, com Teresa e Munuzinho Kanoê.

Foi então possível gravar oito fitas cassete C-60 que, somadas a duas já gravadas com Teresa, perfizeram as 10 primeiras horas de gravação. As orientações para a elicitação dos dados foram feitas em comunicação pessoal pelo Prof. Aryon, respaldadas pelas leituras de Gudschinsky (1967), e Samarin (1967) e Burling (1987).

Os sucessivos adiamentos da primeira sessão de trabalho de campo, em decorrência do atraso no financiamento, da burocracia oficial e das sucessivas greves e de um erro burocrático na Universidade de Brasília, como conseqüência, acarretaram a diminuição dos prazos acadêmicos legais para a redação da dissertação final a ser defendida. Sem outra alternativa, pela exigüidade de tempo, foi feita a análise fonológica, sob a orientação do Prof. Aryon D. Rodrigues, na linha segmental, segundo o modelo encontrável em Pike (1943, 1947) e em Kindell (1981), delimitada às três primeiras horas de gravação. Os resultados dessa análise foram apresentados no Departamento de Lingüística e Línguas Vernáculas, do

Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob o título *Fonologia Preliminar da Língua Kanoê*, em maio de 1992.

### **1.3.2 A 2<sup>a</sup> sessão: janeiro de 1997**

Financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa, a segunda sessão de trabalho de campo, foi projetada em meados de 1995, já na Universidade Federal de Goiás. Por uma série de motivos teve que ser adiada por várias vezes, sobretudo o atraso de mais de um ano na liberação dos recursos, e só pôde ser realizada em janeiro e fevereiro de 1997, para não coincidir com o calendário escolar da UFG. Inicialmente, a mesma seria dividida em duas etapas: a primeira, junto aos falantes já aculturados; segunda, junto os “isolados do Omeré”, dos quais já se tinha a informação de que, de fato, eram falantes de Kanoê, segundo Van der Voort, em comunicação pessoal. Entretanto, pela limitação dos recursos liberados, só se pôde realizar a primeira etapa na Área Indígena de Deolinda e na cidade de Guajará-Mirim.

O informante básico foi, mais uma vez, Munuzinho Kanoê. Maria Atiminaké já havia falecido e Teresa Kanoê não se fazia presente. Apesar dos problemas de saúde de Munuzinho, acometido de uma forte gripe, o trabalho rendeu 10 horas de gravação, que foram registradas em fitas magnetofônicas C-60. O corpus foi ampliado em termos de léxico e de estruturas sintáticas mais complexas e textos.

Na ocasião, ao informante foi exibida em videocassete a cópia da reportagem do programa “Fantástico”, da Rede Globo, exibido em 1995. Munuzinho Kanoê reconheceu os “isolados do Omeré” como seus parentes etnoculturais e como falantes de sua própria “gira” (língua), embora se referindo aos mesmos como “caboclo Cabeça Seca”, em função do corte de cabelos, dando a entender que seriam membros um outro grupo Kanoê.

### **1.3.3 A 3<sup>a</sup> sessão: agosto de 2000**

A partir de financiamento por meio da Universidade de Leiden, Holanda, já sob orientação e vínculo contratual com o Prof. Dr. Pieter Muysken, desde novembro de 1999, e ainda com o apoio do Dr. Hein van der Voort, a 3<sup>a</sup> sessão foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2000, junto aos falantes monolíngües “isolados do Omeré”. Nessa ocasião, foram entrevistados os três falantes adultos – Tutuá (ainda viva), Txinamanty e Purá. Essa sessão permitiu confirmar que não existem diferenças substanciais entre o Kanoê outrora falado pelo grupo representado por Munuzinho e o Kanoê praticado no Omeré.

Entretanto, como o grupo é muito reduzido, não se podia interferir muito em suas atividades diárias, já difíceis pela escassez de caça e pesca, de acordo com as instruções de Altair Algayer, então chefe do acampamento do FUNAI no Omeré. Assim, na medida do possível, foram feitas quase sete horas de gravação junto aos falantes locais. Além disso, foi feita a audição parcial de dados nas sessões de trabalho de campo anteriores, com cada um dos três falantes. Alguns pequenos reajustes nas transcrições fonéticas dos dados anteriores se fizeram necessários. Foram confirmados alguns lapsos de memória cometidos por MK, alguns equívocos de interpretação. Confrontando as transcrições fonéticas dos dados gravados junto a um e outro grupo dos Kanoê, pôde-se constatar tão-somente variações pequenas fonéticas desprezíveis, sem qualquer valor fonológico, o que permite assegurar que o Kanoê falado no Omeré é a mesma língua que Teresa, Francisco e Júlio Kanoê ainda preservam na memória.

### **1.3.4 A 4<sup>a</sup> sessão: agosto a dezembro de 2002**

A partir do início de agosto de 2002, com o pesquisador já residindo em Guajará-Mirim, foi iniciada a 4<sup>a</sup> sessão de trabalho de campo, a partir de encontros semanais sistemáticos com Teresa Kanoê. Para essa sessão, foram precisas e indispensáveis as orientações do Prof. Dr. Pieter Muysken, em comunicação pessoal ainda na

Universidade de Leiden e, posteriormente na Universidade Católica de Nijmegen. Somam-se aí os conselhos, a troca de experiências, as observações e as indicações bibliográficas sempre oportunas do lingüista Dr. Hein van der Voort, pessoalmente ou via internet, entre as quais o embasamento teórico em Baker (1988), Spencer (1991), Whaley (1997) e Payne (1997).

Assim, com a pesquisa em estágio mais avançado e já com um esboço da gramática, aos poucos muitas dúvidas foram se esclarecendo ao longo desses encontros semanais com Teresa Kanoê, embora algumas ainda persistam. O trabalho resultou em aproximadamente 1600 novos dados, boa parte dos quais estruturas sintáticas mais complexas que as colhidas nas sessões anteriores. Com isso, o corpus sob análise perfaz aproximadamente 7.200 dados.

### **1.3.5 A metodologia na análise dos dados e na apresentação dos resultados**

Para a análise do material lingüístico do Kanoê, a partir das gravações os dados foram enumerados de modo contínuo e transcritos foneticamente à mão, na ordem em que foram elicitados e gravados desde a primeira sessão, e, posteriormente, levados ao computador.

Alguns princípios metodológicos norteiam a análise aqui apresentada: 1<sup>o</sup>.) descrever o maior número possível de itens lexicais e sentenças, pois, em se tratando de uma língua isolada e em vias de extinção, quanto mais dados forem registrados e analisados, maior será a compreensão do conjunto; 2<sup>o</sup>.) evitar, na medida do possível, a repetição dos mesmos exemplos, com o propósito de enriquecer a análise com o maior número possível de dados contextualizadas em ambientes oracionais; 3<sup>o</sup>.) optar pela terminologia totalmente em língua portuguesa, a fim de que torná-la mais acessível, quem sabe mais tarde, aos próprios índios Kanoê; 4<sup>o</sup>.) optar por uma análise descritiva, com referência restrita aos conceitos teóricos básicos, para que o trabalho tenha uma acessibilidade menos temporária e, simultaneamente, garanta a documentação de vários aspectos da língua; 5<sup>o</sup>.) enumerar a citação de exemplos, quadros ou tabelas de forma independente a cada capítulo temático, a fim de facilitar a remissão interna durante a leitura; 6<sup>o</sup>.) fazer a coleta, a análise e a interpretação de textos, ainda que os informantes básicos já demonstrem muita dificuldade para produzi-los.

A partir deste capítulo introdutório, esta descrição preliminar da gramática da língua Kanoê está assim estruturada:

2. FONOLOGIA: apresentação de uma reavaliação do sistema fonológico do Kanoê, muito ampliada em relação à apresentada por Bacelar (1992), com a postulação de vogais nasais; a descrição do acento de intensidade e das estruturas silábicas; descrição dos encontros vocálicos (ditongos) e consonantais (hiatos). Além disso, são enfocados alguns dos processos morfofonológicos; a entoação frasal e respectiva tipologia; culminando com a proposição de um sistema ortográfico preliminar para a língua Kanoê;

3. MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE NOMINAL: tipologia morfológica do Kanoê, os processos básicos de formação de palavras, os critérios para a delimitação das classes de palavras como categorias gramaticais; descrição detalhada das categorias de nomes ou substantivos, pronomes, numerais e advérbios; suas características morfofossintáticas em termos de estrutura morfológica e no âmbito dos sintagmas que nucleiam;

4. MORFOSSINTAXE VERBAL: a partir da descrição da concordância verbal, são delineadas cinco grandes classes e subclasses de raízes verbais; descrição dos classificadores e aplicativos verbais e dos morfemas direcionais; a tipologia das estruturas predicativas e suas características morfofossintáticas, tipologia das categorias de modo, tempo e aspecto verbal;

5. SINTAXE: descrição da estrutura dos sintagmas oracionais: tipologia da língua Kanoê quanto à sintaxe, a estrutura básica das sentenças simples, a ordem básica de constituintes, os argumentos, suas funções sintáticas e possíveis papéis semânticos; tipologia do predicado oracional, inversões da ordem básica de constituintes e descrição das estruturas oracionais complexas, tipologia, processos de coordenação e subordinação;

6. LÉXICO E SEMÂNTICA: considerações sobre a distribuição parcial do léxico em alguns dos campos léxico-semânticos, entre os quais a terminologia para partes e

órgãos do corpo humano ou de animais; a terminologia para os laços de parentesco, antropônimos, etnônimos, hidrônimos; além de descrição parcial de processos metafóricos e fenômenos tais como hiperonímia, polissemia e sinonímia; alguns empréstimos lingüísticos e semelhanças entre Kanoê e Kwaza;

7. TEXTOS: a título de “adendo”, aqui são apresentados alguns textos na língua, em transcrição fonológica;

A BIBLIOGRAFIA básica antecede os ANEXOS finais, nos quais são apresentadas as árvores genealógicas de algumas famílias de remanescentes Kanoê, uma lista de famílias residentes em Rio Guaporé, e algumas fotos dos Kanoê.

Os nomes científicos das espécies e famílias taxionômicas de animais e vegetais, bem como os respectivos adjetivos correlatos, citados ao longo deste trabalho, têm como fontes básicas os verbetes do *Dicionário Aurélio Eletrônico* (Holanda, 1994) e as citações na *Suma etnológica brasileira – edição atualizada do Handbook of South American Indians*, vol. 1 – *Etnobiologia* (Ribeiro, 1987). Em alguns casos, não foi possível citá-los porque não foi possível localizá-los.

Evidentemente, não se trata de uma gramática “acabada” e “definitiva”: o trabalho de descrição gramatical de uma língua natural é uma tarefa tão árdua quanto contínua, visto que exige paciência, dedicação, metodologia e um certo distanciamento do objeto, mas nunca é algo efetivamente concluído. Assim, por exemplo, a *gramática da língua portuguesa* vem sendo descrita ao longo dos séculos, iniciada por Fernão de Oliveira, em 1536, e João de Barros, em 1540, mas até hoje não está concluída (e não o será tão cedo), porque a cada dia novos fenômenos até então não plenamente percebidos são descobertos ou enfocados sob um novo ponto de vista. Do mesmo modo, neste trabalho, tem-se tão-somente um ponto de partida, um esboço de descrição gramatical do Kanoê, sujeito a revisões críticas e conceituais. De qualquer modo, espera-se garantir, no mínimo, a sobrevivência científica da gramática dessa língua, já que sua extinção absoluta, em curto prazo, se impõe como inevitável.

## FONOLOGIA

### 2.1 Sistema fonológico da língua Kanoê

Com base em 672 dados elicitados em 1990, uma análise preliminar do sistema fonológico da língua Kanoê (*vide* Bacelar, 1992) resultou num sistema composto por onze consoantes e apenas oito vogais orais. Nessa análise, como solução analítica, a nasalidade vocálica foi interpretada como fenômeno decorrente de variação ambiental, condicionada por contigüidade a consoante nasal. Entretanto, com a elicitación de novos dados em 1997, 2000 e 2002, ampliando o corpus disponível, uma reavaliação das oposições fonológicas em Kanoê se fez imprescindível, porque foram observados muitos casos de vogais nasais sem qualquer motivação ambiental. Logo, fez-se necessário distinguir as vogais nasais propriamente ditas e as vogais foneticamente nasalizadas por condicionamento ambiental.

Considerado o sistema fonológico em seu todo, na descrição individual dos fonemas aqui postulados, serão empregados os principais traços fonéticos articulatorios, tomando-se por base a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Vale antecipar que, como em Kanoê o acento tônico não tem qualquer função distintiva, incidindo sempre sobre a sílaba final da palavra, nas transcrições fonológicas, de um modo geral, o mesmo não é representado, salvo quando isso for oportuno.

Na formulação das regras fonológicas serão empregados os símbolos de transcrição fonético/fonológica convencionais, quando essa for a solução mais econômica, em nome da clareza e da simplicidade, como, por exemplo, /õ/ → [õ] ~ [õ̃]. Em outros casos, quando um feixe de traços distintivos se impuser como a solução mais abrangente, os fonemas serão caracterizados em termos de seus traços fonéticos mais proeminentes, como, por exemplo:

$$\left( \begin{array}{l} + \text{ voc} \\ - \text{ nas} \end{array} \right) \rightarrow [+ \text{ nas}] / \left( \begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{array} \right) \_$$

Para tanto, as seguintes tabelas de traços distintivos serão empregadas na formulação das regras fonológicas de realização ou de distribuição complementar dos fonemas:

TRAÇO DISTIN- TIVO	ABRE- VIA- TURA	FONEMAS CONSONANTAIS											
		<i>p</i>	<i>t</i>	<i>k</i>	<i>m</i>	<i>n</i>	<i>ñ</i>	<i>v</i>	<i>ts</i>	<i>r</i>	<i>w</i>	<i>j</i>	
vocálico	voc	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+
labial	lab	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-
palatal	palat	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+
velar	vel	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
contínuo	cont	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nasal	nas	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
vozeado	voz	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+
vibrante	vibr	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
aproximante	aprox	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+

Quadro 1: Feixes de traços distintivos para a descrição dos fonemas consonantais

TRAÇO DISTIN- TIVO	ABRE- VIA TURA	FONEMAS VOCÁLICOS													
		a	æ	e	i	y	o	u	ã	æ̃	ẽ	ĩ	ỹ	õ	ũ
alto	alt	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	+	-	+
baixo	baixo	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-
anterior	ant	-	+	+	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-
posterior	post	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+
nasal	nas	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+

Quadro 2: Feixes de traços distintivos para a descrição dos fonemas vocálicos

Nas transcrições fonéticas ao longo deste trabalho, ainda que eventualmente possa causar alguma estranheza, preferimos manter o símbolo  $[w̥]$ , no qual o diacrítico subscrito assinala a co-articulação, i. e., fricativização e posteriorização simultâneas da aproximante bilabial sonora, dando continuidade à notação iniciada em Bacelar (1992), sob a orientação do Prof. Dr. Aryon D. I. Rodrigues, por falta de outra solução que se imponha como mais adequada. Esse som, em Kanoê, é intermediário entre  $[w]$  e  $[v]$ . Sua representação fonética tem como base o sistema de transcrição de Pike (1943, 1947), modelo analítico adotado em 1992. Estudando o caso, o Prof. Dr. Jean Pierre Angenot, em comunicação pessoal, sugeriu a notação  $[v̥]$  como alternativa, na qual o diacrítico representaria a articulação antecipada de  $[v]$ , de acordo com o A.F.I. Assim como  $[w̥]$ , no presente trabalho optou-se também por manter o símbolo  $[ts]$  / $ts$ /, interpretando o fone e o respectivo fonema como africados, a usar  $[c]$ , al como nas transcrições de Bacelar (1992).

### 2.1.1 Fonemas consonantais

Na presente versão não foram feitas grandes alterações em relação à versão preliminar apresentada por Bacelar em 1992, na qual os glides / $w$ / e / $j$ / foram interpretados como consoantes. O quadro abaixo demonstra o subsistema consonantal do Kanoê:

FONEMAS CONSONANTAIS				
MODO DA ARTICULAÇÃO	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
PLOSIVO	/p/	/t/		/k/
NASAL	/m/	/n/	/ɲ/	
FRICATIVO	/v/			/h/
AFRICADO		/ts/		
VIBRANTE		/r/		
APROXIMANTE	/w/		/j/	

Quadro 3: Subsistema dos fonemas consonantais

## 2.1.2 Inventário, descrição, realizações e oposições fonológicas consonantais

**2.1.2.1 /p/:** consoante plosiva oral bilabial surda, *fortis*. Ocorre apenas em fronteira inicial de vocábulo ou de sílaba. Realiza-se como [p], em variação com o implosivo [β], antes [æ] e [ɔ], em baixíssima frequência<sup>13</sup>, restrita à fronteira inicial de vocábulo, e como [p] nos demais ambientes, conforme a seguinte regra:

$$/p/ \rightarrow \begin{cases} [p] \sim [\beta] / \# \_ \begin{matrix} [æ] \\ [ɔ] \end{matrix} \\ [p] / \text{n.d.a.} \end{cases}$$

Exemplos:

- (1) [pa'pa] /papa/ 'pai'
- (2) [pæ nɛ' rɛ] ~ [βæ<sup>2</sup> nɛ' rɛ] /pæ nɛrɛ/ 'é limpo, está limpo'
- (3) [pɛrɛpɛ' rɛ] /pɛrɛpɛrɛ/ 'tiririca, cupim alado', inseto da ordem dos isópteros.
- (4) [pæ' tæj<sup>h</sup>] /pætæj/ 'buriti' (*Mauritia vinifera*), espécie de palmeira
- (5) [pi' kɔ] /piko/ 'unha'
- (6) [pɪ' ræ] /pyræ/ 'rato, ratinho'
- (7) [pɔnɛ' rɛ] ~ [ponɛ' rɛ] ~ [βɔ<sup>2</sup>nɛ' rɛ] /ponɛrɛ/ 'pescou, capturou'
- (8) [pu' ra] /pura/ 'cigarra', inseto homóptero da família dos cicadídeos
- (9) [ti' pi] /tipy/ 'bicho preguiça, macaco-preguiça' (mamífero bradipodídeo)
- (10) [ɔpɛ' ra pũpũna' ɛ] /opɛra pũpũña' e/ 'onça pintada' (*Panthera Jaguaris*)

As seguintes oposições fonológicas confirmam o *status* fonêmico de /p/:

/p/ – /m/:

- |                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| (11) [pɔku' ta] /pokuta/ 'cabaça' | (12) [mɔku' ta] /mokuta/ 'guaranhém' <sup>14</sup> |
| (13) [pɛja' ɛ] /pejae/ 'dia'      | (14) [mɛja' ɛ] /mejae/ 'terreiro'                  |
| (15) [kɔpɛ' kɔ] /kopeko/ 'café'   | (16) [kɔmɛ' kɔ] /komeko/ 'cupuaçu' <sup>15</sup>   |

/p/ – /t/:

- |                                      |                              |
|--------------------------------------|------------------------------|
| (17) [pẽ] /pẽ/ 'carapanã' (mosquito) | (18) [tẽ] /tẽ/ 'coco'        |
| (19) [ma' pi] /mapi/ 'flecha'        | (20) [ma' ti] /mati/ 'fruta' |
| (21) [pɛj] /pyj/ 'cupim'             | (22) [tɛj] /tyj/ 'casa'      |

/p/ – /v/:

- |                                     |                                     |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| (23) [pɔpɔ' tʃi] /popotsi/ 'taioba' | (24) [vɔvɔ' tʃi] /vovotsi/ 'coruja' |
| (25) [pajrɔ' ɛ] /pajroe/ 'risada'   | (26) [vajrɔ' ɛ] /vajroe/ 'fumaça'   |

**2.1.2.2 /t/:** consoante plosiva oral alveolar surda, *fortis*. Ocorre e realiza-se como [t] em fronteira inicial de vocábulo ou de sílaba. /t/ → [t] / \_\_ V. Exemplos:

- (27) [ta' ra] /tara/ 'urucum' (*Bixa orellana*), árvore da família das bixáceas.

<sup>13</sup> A frequência de /p/ realizando-se alofonicamente como [β] é muito baixa: em 7.200 dados, está restrita a uns poucos exemplos como (2) e (7).

<sup>14</sup> Guaranhém ou buranhém (*Pradosia lactescens*), é árvore da família das sapotáceas.

<sup>15</sup> Árvore (*Theobroma grandiflorum*) da família das esterculiáceas, e respectivo fruto.



- (28) [tæ' ræj pɛ' nē] /tæræj pene/ 'pacupeba' (Myleus setiger), peixe caracídeo.  
 (29) [tɛ' pi] ~ [tɛ' pi̋] ~ [tɛ' pi<sup>h</sup>] /tepy/ 'terra, chão'  
 (30) [ati' ti] /atiti/ 'milho' (*Zea mays*)  
 (31) [tɔ' ki] /toky/ 'mamão, papaia' (*Carica papaya*), planta da fam. das caricáceas  
 (32) [tɔjtsi' kwa] /tyjtsikwa/ 'cabana para tocaia'  
 (33) [tutu' rɛ] /tuture/ 'rolinha', ave passeriforme da fam. dos columbídeos  
 (34) [tuutu] /tuutu/ 'lírio'

As oposições abaixo indiciam o valor fonológico de /t/:

/t/ – /p/:

- (35) [tæ' ko] /tæko/ 'grilo' (36) [pæ' ko] /pæko/ 'cesto para amendoim'  
 (37) [ti̋' tʃi] /tyytsi/ 'saúva' (38) [pi̋' tʃi] /pyytsi/ 'mutum'<sup>16</sup>  
 (39) [nū' ti] /nūti/ 'neto' (40) [nū' pi] /nūpi/ 'pênis'

/t/ – /k/:

- (41) [i' taw] /itaw/ 'língua' (42) [i' kaw] /ikaw/ 'perna'  
 (43) [i' ta] /ita/ 'pele, roupa' (44) [i' ka] /ika/ 'madeira do arco'  
 (45) [ja' tɔ] /jato/ 'nosso' (46) [ja' kɔ] /jako/ 'costas, lombo'

/t/ – /n/:

- (47) [tē' kɔ] /tēko/ 'cacho de coco' (48) [nē' kɔ] /nēko/ 'de repente'  
 (49) [kūti' nī] /kūtinī/ 'no pilão' (50) [kūni' nī] /kunini/ 'na água'  
 (51) [kwi' tɛ] /kwite/ 'garça branca' (52) [kwi' nɛ] /kwine/ 'escama'

/t/ – /ts/:

- (53) [ɔ' ti] /oti/ 'algodão' (54) [ɔ' tʃi] /otsi/ 'macaco guariba'  
 (55) [uru' ti] /uruti/ 'pama'<sup>17</sup> (56) [uru' tʃi] /urutsi/ 'cesto dorsal'  
 (57) [tū' kwæ] /tukwæ/ 'irmão' (58) [tʃu' kwæ] /tsukwæ/ 'índio, nu'

/t/ – /r/:

- (59) [iku' ta] /ikuta/ 'cabeça' (60) [iku' ra] /ikura/ 'calor'  
 (61) [aj' tɛ] /ajte/ 'nós' (62) [aj' rɛ] /ajre/ 'eu sou'  
 (63) [ia' ti] /iati/ 'flor' (64) [ia' ri] /iari/ 'peito, tórax'

**2.1.2.3 /k/:** consoante plosiva oral velar surda, *fortis*. Ocorre e realiza-se como [k] em fronteira inicial de vocábulo ou de sílaba: /k/ → [k]. Exemplos:

- (65) [karanatsi' kwa] /karanatsikwa/ 'bacaba' (*Oenocarpus circumtextus*), palmeira  
 (66) [kɛki' twa] /kɛkytwa/ 'louva-a-deus', espécie de inseto mantídeo  
 (67) [a' ki] /aki/ 'pedra'  
 (68) [kwi' kaj] /kwikaj/ 'sol'  
 (69) [kiki' nū] /kykynu/ 'beija-flor, colibri, guanambi'  
 (70) [korokɔ' rɔ] /korokoro/ 'mutuca', inseto díptero da fam. dos tabanídeos

<sup>16</sup> Ave galiforme da família dos cracídeos.

<sup>17</sup> Espécie de fruto silvestre não identificado.

- (71) [epi 'kwã] /epykwã/ 'amendoim' (*Arachis hypogaea*), erva leguminosa  
 (72) [erejkwakjũ] /erejkwakjũ/ 'bicho de seringueira (animal folclórico)'  
 (73) [aʷæ 'kĩj] /avaekỹj/ 'primo'

Os pares mínimos a seguir atestam a oposição fonológica entre /k/ e /t/:

/k/ – /t/:

- (74) [i 'kaw] /ikaw/ 'canela'                      (75) [i 'taw] /itaw/ 'língua'  
 (76) [i 'ka] /ika/ 'madeira do arco'            (77) [i 'ta] /ita/ 'pele, roupa'  
 (78) [ja 'kɔ] /jako/ 'costas, lombo'            (79) [ja 'tɔ] /jato/ 'nosso'

**2.1.2.4 /m/:** consoante nasal bilabial sonora. Realiza-se como [m]. Ocorre frequentemente em fronteira inicial de sílaba, mas, em alguns casos raríssimos, pode ocorrer também em travamento de sílaba, em decorrência de processo morfofonológico (cf. 2.5.1.). Regra: /m/ → [m]. Exemplos:

- (80) [mamu 'i] /mamui/ 'paineira' (*Chorisia speciosa*), árvore da família das bombacáceas  
 (81) [tina 'mã] /tinama/ 'aranha'  
 (82) [kɔmɛ 'ta] /kometa/ 'fava, feijão verde'  
 (83) [mimitono 'wɛ] /mimitonowe/ 'pipira, sanhaço, pássaro família dos traupídeos  
 (84) [mĩtoku 'tæ] /mitokutæ/ 'fruta de pariri' fruto de árvores do gênero *Lucuma*  
 (85) [mɔna 'kɛ] ~ [mõna 'kɛ] /monake/ 'mulherzinha-do-mato, duende feminino'  
 (86) [mõw mõw mõw pja] /mow mow mow pja/ 'sete'  
 (87) [mũ 'nãw] /munaw/ 'rede (para dormir)'

Oposição fonológica fundamental:

/m/ – /n/:

- (88) [mi 'nĩ] /mini/ 'hoje, agora'            (89) [ni 'nĩ] /nini/ 'novamente'  
 (90) [mũ] /mũ/ 'mãe!'                      (91) [nũ] /nũ/ 'cocô, fezes'  
 (92) [ækĩ 'mũ] /ækymu/ 'chicha'            (93) [ækĩ 'nũ] /ækynu/ 'umbigo de banana'

**2.1.2.5 /n/:** consoante nasal alveolar sonora. Realiza-se como [n] e ocorre regularmente em fronteira inicial de sílaba. Por metátese, pode realizar-se como [ŋ] em travamento de sílaba, em decorrência de processo morfofonológico (vide 2.5.1.2 e 2.5.4), de acordo com seguinte regra geral e exemplos:

$$/n/ \rightarrow \begin{cases} [\eta] / \_ [k] \\ [n] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

Exemplos:

- (94) [ka 'nĩ] ~ [kã 'nĩ] ~ [kã̃n] ~ [kã̃²] /kani/ 'criança'  
 (95) [kanĩ 'tɛ] ~ [kã̃n 'tɛ] /kanĩte/ 'muitas crianças, criançada'  
 (96) [mæ 'næ] /mæ 'næ/ 'mentira'  
 (97) [ja nĩkɛrɛ] ~ [ja ã̃pkɛ 'rɛ] /ja nikere/ '(ele) não quer'  
 (98) [ɔni 'kɔ] /onyko/ 'coquinho', fruta silvestre, semelhante a um coco miúdo'  
 (99) [nɔ 'ɛ] /kanoɛ/ 'Kanoê (autodenominação tribal)'

- (100) [pĩ 'nẽ] /pynẽ/ 'físgada, pontada dolorosa'  
 (101) [ɔnu 'rɛ] /onure/ 'juritido-campo', ave da família dos columbídeos

Oposições fonológicas entre /n/ e fonemas adjacentes:

/n/ – /m/:

- (102) [ɲɔ 'nũ] /ñonu/ 'juá bravo'<sup>18</sup> (103) [ɲɔ 'mũ] /ñomu/ 'roça'  
 (104) [nũ 'kũ] /nuku/ 'caba, vespa' (105) [mũ 'kũ] /muku/ 'amarra'

/n/ – /ñ/:

- (106) [nũ 'wi] /nũvi/ 'ninguém'' (107) [nũ 'wi] ~ [jũ 'wi] /ñuvi/ 'veado'  
 (108) [nã 'kɛ] /nake/ 'mulher' (109) [nã 'kɛ] /ñake/ 'tucano', pássaro  
 (110) [kano 'ɛ] /kanoe/ 'Kanoê' (111) [kaɲɔ 'ɛ] /kañoẽ/ 'botoque nasal'<sup>19</sup>

/n/ – /r/:

- (112) [kano 'ɛ] /kanoe/ 'Kanoê' (113) [karo 'ɛ] /karoe/ 'músculo, bíceps'  
 (114) [pĩ 'nɛ] /pynẽ/ 'físgada' (115) [pĩ 'rɛ] /pyrɛ/ 'rato'

**2.1.2.6 /ñ/:** consoante nasal palatal sonora. Ocorre somente em fronteira inicial de sílaba. Realiza-se como [ɲ] ou [j], em variação livre, conforme a regra abaixo:

$$/ñ/ \rightarrow [ɲ] \sim [j] / \left( \begin{array}{c} (\#) \\ (V) \end{array} \right) \_ V$$

Exemplos:

- (116) [ɲa] ~ [nã] ~ [jã] /ña/ 'meu, minha, meus, minhas'  
 (117) [ĩ 'ɲãj] ~ [ĩ 'jãj] /iñaj/ 'ovo'  
 (118) [ɲɛɲɛ 'rɔ] ~ [ɲẽɲẽ 'rɔ] /ñẽñero/ 'bem-te-vi' (*Pitangus sulphuratus*), pássaro  
 (119) [ñĩñĩ 'kɔ] /ñiñiko/ 'fruto silvestre não comestível (espécie)'  
 (120) [kwipẽɲɔ 'ɛ] ~ [kwipẽjɔ 'ɛ] /kwipejñoẽ/ 'gameleira' (*Ficus anthelmíntica*)  
 (121) [ñũki 'tĩ] /ñukyty/ 'espécie de cipó (timbó) venenoso usado para pescar'  
 (122) [ikã 'ɲũ] ~ [ika 'ɲũ] ~ [ika 'jũ] /ikañu/ 'nariz, bico'

Oposições fonológicas de /ñ/ em relação a fonemas contíguos:

/ñ/ – /n/:

- (123) [nũ 'wi] /nũvi/ 'veado' (124) [nũ 'wi] /nuvi/ 'ninguém'  
 (125) [nã 'kɛ] /ñake/ 'tucano' (126) [na 'kɛ] ~ [nã 'kɛ] /nake/ 'moça'  
 (127) [kaɲɔ 'ɛ] /kañoẽ/ 'botoque nasal' (128) [kano 'ɛ] /kanoe/ 'Kanoê'

/ñ/ – /j/:

- (129) [ɲa] /ña/ 'meu' (130) [i 'a] ~ [ja] /ia/ 'boca'  
 (131) [ɲa 'kɔ] /ñako/ 'mutamba'<sup>20</sup> (132) [ja 'kɔ] /jako/ 'costas, lombo, dorso'

<sup>18</sup> Juá-bravo ou arrebenta-cavalo: erva da família das solanáceas (*Solanum aculeatissimum*).

<sup>19</sup> Pequeno pedaço de osso de mutum, colocado num furo entre as narinas, no qual são fixadas penas de arara.

2.1.2.7 /ts/: consoante africada oral alveolar surda. Realiza-se como [ts] ~ [tʃ] ~ [s] ~ [ʃ], em regime de variação livre, e ocorre somente em fronteira inicial de sílaba:

/ts/ → [ts] ~ [tʃ] ~ [s] ~ [ʃ] / \_\_V

Exemplos:

- (133) [piku' tsa] ~ [piku' tʃa] /pikutsa/ 'colher, concha'  
 (134) [tʃɛ' rɔ] ~ [sɛ' rɔ] ~ [tʃɛ' rɔ] ~ [ʃɛ' rɔ] /tsero/ 'chicha'  
 (135) [tsɔwi' ri] ~ [tʃɔwi' ri] /tsoviri/ 'nambu-relógio' (*Crypturellus strigulosus*)  
 (136) [tʃirɔkɔ' kɔ] /tsirokoko/ 'espécie de mosquito miúdo'  
 (137) [tsũtsũnu' nɛ] ~ [tʃũtʃũnu' nɛ] /tsũtsũnune/ 'martim-pescador', pássaro

O valor fonológico de /ts/ fica evidenciado a partir das seguintes oposições:

/ts/ - /t/:

- (138) [i' tsa] /itsa/ 'anoitecer' (139) [i' ta] /ita/ 'roupa'  
 (140) [i' tsæ] /itsæ/ 'anta' (141) [i' tæ] /itæ/ 'bebe'  
 (142) [ɔ' tʃi] /otsi/ 'urtiga' (143) [ɔ' ti] /oti/ 'algodão'

/ts/ - /k/:

- (144) [a' tʃi] /atsi/ 'medo' (145) [a' ki] /aki/ 'pedra'  
 (146) [i' tsɔ] /itso/ 'dedo' (147) [i' kɔ] /iko/ 'botão de aricuri'<sup>21</sup>

2.1.2.8 /r/: consoante vibrante alveolar sonoro. Realiza-se como [d] antes de [a], [ɛ], [ĩ], [w] e [ɔ], nesse último caso, sobretudo em somente algumas das estruturas verbais negativas por {-k} (vide 2.4.5); e como [r], intervocálico, em sílabas mediais e finais; conforme a seguinte regra:

$$/r/ \rightarrow \begin{cases} [d]^{22} / \left\{ \begin{array}{l} (\#) \\ (V) \end{array} \right\} \_ \left\{ \begin{array}{l} ([w]) \\ ([ɔ]) \\ ([ĩ]) \\ ([ɛ]) \end{array} \right\} \\ [r] / V \_ V \end{cases}$$

Exemplos:

- (148) [pu' ra] /pura/ 'cigarra', inseto himenóptero da família dos cicadídeos  
 (149) [æɾæ' ræ] /æɾæɾæ/ 'banco', assento de madeira  
 (150) [aj dɛõɛ' rɛ] /aj reõere/ 'eu matei'  
 (151) [mænæ' rɛ] ~ [mænæ' dɛ] /mænære/ 'peneira'  
 (152) [tirimɔɛ' rɛ] /tiri moere/ 'é azedo, tem azedo'  
 (153) [mama' ndɛ] ~ [mama nɛ' rɛ] /mananere/ 'está mordendo'  
 (154) [dwadɔkɔɛ' rɛ] /rwarokoere/ 'está machucado (joelho)'  
 (155) [urɔɛ' rɛ] ~ [udɔɛ' rɛ] /uro ere/ 'comeu'  
 (156) [udɔkɛ' rɛ] /uro kere/ 'não comeu'

<sup>20</sup> Árvore da família das tiliáceas (*Guazuma ulmifolia*).

<sup>21</sup> Grande botão, em forma de cápsula, onde brotam as flores do cacho de aricuri (*Cocos coronata*).

<sup>22</sup> A frequência de realização de /r/ como [d] é relativamente baixa: em cerca de 7.200 dados, na maior parte dos casos, esse alofone só ocorre em construções morfossintáticas verbais, como nos exemplos (156) e (157).

- (157) [ $\text{wariwa}^1 \text{rĩ}$ ] /varyvary/ ‘estrela’  
 (158) [ $\text{turumaretsĩ}^1 \text{kwa}$ ] /turumaretsĩkwa/ ‘picapauzinho-real’<sup>23</sup>

Os pares mínimos a seguir atestam o *status* fonológico de /r/:

/r/ – /n/:

- (159) [ $\text{karo}^1 \text{ɛ}$ ] /karoe/ ‘biceps’      (160) [ $\text{kano}^1 \text{ɛ}$ ] /kanoē/ ‘Kanoê’  
 (161) [ $\text{i}^1 \text{ri}$ ] /iri/ ‘figado’      (162) [ $\text{i}^1 \text{nĩ}$ ] /ini/ ‘fogo’  
 (163) [ $\text{uroe}^1 \text{rɛ}$ ] /u roere/ ‘comeu’      (164) [ $\text{unoe}^1 \text{rɛ}$ ] /u noere/ ‘quer comer’

**2.1.2.9 /v/:** consoante fricativa bilabial oral sonora. Ocorre geralmente como [ $\text{w}$ ], aproximante fricativo, um som intermediário entre [ $\text{w}$ ] e [ $\text{v}$ ], em fronteira inicial de sílaba. Esparsamente, /v/ realiza-se como [ $\beta$ ], em flutuação com [ $\text{w}$ ], antes de [ $\text{u}$ ]. Regra:

$$/v/ \rightarrow \begin{cases} [\beta] \sim [\text{w}] / \_ [\text{u}] \\ [\text{w}] / \_ \text{V} \end{cases}$$

Exemplos:

- (165) [ $\text{wa}^1 \text{wɔ} \text{toe}^1 \text{nẽ}$ ] /vavo toene/ ‘batata-doce’, erva da fam. das convolváceas  
 (166) [ $\text{wæt} \text{u}^1 \text{wæ}$ ] /vætuvæ/ ‘catarro’  
 (167) [ $\text{kotsowɛpãne}^1 \text{rɛ}$ ] /kotosoveña nere/ ‘Está lavando o rosto.’  
 (168) [ $\text{tsutsuwutsĩ}^1 \text{kwa}$ ] ~ [ $\text{tʃutʃuβutsĩ}^1 \text{kwa}$ ] /tsutsuvutsĩkwa/ ‘calango’  
 (169) [ $\text{wɔrokeɾa}^1 \text{ɛ}$ ] /vorokerae/ ‘Lábios Roxos’, antropônimo  
 (170) [ $\text{wɔrurune}^1 \text{rɛ}$ ] ~ [ $\beta \text{ururune}^1 \text{rɛ}$ ] /vururu nere/ ‘Está trovejando.’

Oposição fonológica:

/v/ – /w/:

- (171) [ $\text{wæ}^1 \text{tʃi}$ ] /vætsi/ ‘chuva forte’      (172) [ $\text{wæ}^1 \text{tʃi}$ ] /wætsi/ ‘capim’  
 (173) [ $\text{a}^1 \text{wa}$ ] /ava/ ‘arara’      (174) [ $\text{a}^1 \text{wa}$ ] /awa/ ‘formiga-cabaça’<sup>24</sup>

**2.1.2.10 /h/:** consoante fricativa velar surda. Trata-se de um fonema de baixíssima frequência e de ocorrências muito restritas, realizando-se como [ $\text{x}$ ] diante de [ $\text{ĩ}$ ] apenas em sílaba final de determinadas estruturas verbais, razão pela qual é impossível encontrar “pares mínimos” que demonstrem seu *status* fonológico. Exemplos:

- (175) [ $\text{ɛpæne}^1 \text{xĩ}$ ] /epæ nehĩ/ ‘nasceu, germinou, brotou’  
 (176) [ $\text{ipæne}^1 \text{xĩ}$ ] /ipæ nehĩ/ ‘flechou, matou’  
 (177) [ $\text{tũoe}^1 \text{xĩ}$ ] /tũo ehĩ/ ‘morreu’

Como /h/ só ocorre antes de /ĩ/, isso leva a crer que, a rigor, não seria um fonema em Kanoê, porque, além de sua rara frequência, não se comporta como os demais fonemas consonantais. Por outro lado, interpretá-lo como um caso de alofonia, em distribuição complementar (cf. Bacelar (1992), não parece plenamente satisfatório. Uma outra solução seria tratá-lo como um *ideofone* (Payne: 1997: 363), porém, uma vez que suas propriedades

<sup>23</sup> Designação comum a várias espécies de aves piciformes, da família dos picídeos, gênero *Picumnus* Tem.

<sup>24</sup> Inseto himenóptero, da família dos formicídeos (*Dolichoderus gibbosus*).

funcionais no plano discursivo ainda não estão claras, essa possibilidade foi, por enquanto, adiada. Diante do impasse, como solução temporária, optou-se aqui por tratá-lo como um fonema de ocorrências muito restritas.

**2.1.2.11 /w/:** semiconsoante aproximante oral bilabial sonora. Realiza-se como [w̃] após vogal nasal ou nasalizada. Ocorre em ditongos, orais ou nasais, em fronteira inicial e final de vocábulo ou de sílaba, conforme a regra abaixo:

$$/w/ \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [w̃] / \left\{ \begin{array}{l} [+nas] \\ [-nas] \end{array} \right\} \_ \\ [w] / \# \_ \end{array} \right.$$

Exemplos:

- (178) [a<sup>1</sup> kew] /akew/ ‘botoque labial’  
 (179) [awākwātsī<sup>1</sup> kwa] /awākwātsīkwa/ ‘socozinho’, pássaro da fam. dos ardeídeos  
 (180) [i<sup>1</sup> rāw̃] /irāw/ ‘carne’  
 (181) [itoki<sup>1</sup> twa] /itokytwa/ ‘gogó, pomo-de-adão’  
 (182) [kwi<sup>1</sup> nī] /kwini/ ‘peixe’  
 (184) [wako<sup>1</sup> tɛ] /wakote/ ‘esteios’

As seguintes oposições fonológicas dão a /w/ o status de fonema:

/w/ – /v/:

- (185) [wæ<sup>1</sup> tʃi] /wætsi/ ‘capim’      (186) [væ<sup>1</sup> tʃi] /vætsi/ ‘chuva forte’  
 (187) [a<sup>1</sup> wa] /awa/ ‘formiga-cabaça’      (188) [a<sup>1</sup> va] /ava/ ‘arara’<sup>25</sup>

Por “pares análogos”, na impossibilidade de se formarem “pares mínimos” perfeitos:

/w/ – /u/:

- (189) [i<sup>1</sup> kaw] /ikaw/ ‘canela, tibia’      (190) [ika<sup>1</sup> u] /ikau/ ‘seruaia’<sup>26</sup>  
 (191) [ti<sup>1</sup> kwa] /tikwa/ ‘cartucho’      (192) [tiku<sup>1</sup> a] /tikua/ ‘pau-de-cubiú’<sup>27</sup> para espingarda’

**2.1.2.12 /j/:** semiconsoante aproximante oral palatal sonora. Ocorre em ditongos em geral. Realiza-se como [j̃], após vogal nasal ou nasalizada; raramente como [j<sup>h</sup>], em travamento de sílaba final; e como [j] contíguo a consoante oral ou vogal oral; de acordo com a seguinte regra:

$$/j/ \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [j̃] / [+nas] \_ \\ [j^h] / V \_ \# \\ [j] / \left\{ \begin{array}{l} [-nas] \\ \# \end{array} \right\} \_ \end{array} \right.$$

<sup>25</sup> Ave da família dos psitacídeos.

<sup>26</sup> Árvore de pequeno porte, da família das leguminosas (*Cassia leiandra*).

<sup>27</sup> Árvore da família das icacináceas (*Clavapetalum elatum*).

Exemplos:

- (193) [ajatiɛ 'tæ] /ajatietæ/ ‘chapéu trançado de tucumã com penas de arara’  
(194) [æ 'w̥jũ] /ævjũ/ ‘paca’ (*Cuniculus paca*), mamífero roedor cuniculídeo  
(195) [erej 'kwa] /erejkwa/ ‘seringueira’ (*Hevea brasiliensis*), árvore do látex  
(196) [ĩ 'nãj] ~ [ĩ 'nãj] /iñaj/ ‘ovo’  
(197) [ja 'tɔ] /jato/ ‘nosso, nossa, nossos, nossas’  
(198) [ja 'tĩ] /jaty/ ‘fio de folha de tucum’ (*Bactris setosa*)  
(199) [kɔkɔj 'nɛ] /kokojne/ ‘pamonha cozida’, bolo cozido, de massa de milho’  
(200) [kwipẽjɲɔ 'ɛ] /kwipẽjñoɛ/ ‘gameleira’ (*Ficus anthelmíntica*), esp. de árvore  
(201) [pæ 'tæj<sup>h</sup>] /pætæj/ ‘buriti’ (*Mauritia flexuosa*), palmeira  
(202) [tse 'mãj] /tsemaj/ ‘piranha’, peixe teleósteo caracídeo

Oposições fonológicas entre /j/ e outros sons foneticamente próximos, a partir de pares apenas análogos, na impossibilidade de serem formados “pares mínimos” perfeitos, posto que ocorrem em configurações silábicas distintas:

/j/ – /i/:

- (203) [ta 'ruj] /taruj/ ‘casa de cupim’      (204) [taru 'i] /tarui/ ‘pimenta’

/j/ – /y/:

- (205) [kĩj] /kyj/ ‘ferrão de vespa’      (206) [kĩ 'ĩ] /kyy/ ‘sal vegetal’  
(207) [ta 'ruj] /taruj/ ‘casa de cupim’      (208) [taru 'ĩ] /taruy/ ‘camarão’

### 2.1.3 Resíduos da avaliação fonológica dos sons consonantais

Nos tópicos abaixo são apresentados os resíduos da avaliação fonológica dos sons consonantais, que, como fenômenos fonéticos, não foram objeto de representação fonológica, e nem poderiam sê-lo, pois não apresentaram função distintiva.

#### 2.1.3.1 A oclusão glotal

A presente reavaliação do sistema fonológico do Kanoê confirma a análise de Bacelar (1992), no que diz respeito ao fenômeno da oclusão glotal. De fato, em todo o *corpus* analisado, é possível encontrar um único par mínimo que dê à oclusão glotal [ʔ] um *status* fonêmico. Além disso, a baixa frequência de realização desse fone, geralmente condicionada por ambiente intervocálico, não assegura a funcionalidade desse contóide como fonema.

Becker-Donner (1955: 298-320) registra 269 dados do Kanoê, elicitados junto a TK, nos quais o contóide [ʔ] aparece apenas 18 vezes, representado por [ʔ]. Desse total, 6 casos ocorrem após [pa] “1SG”, transcrito [nya] pela antropóloga austríaca. Entretanto, esse pronominal possessivo é um monossílabo iniciado pela palatal /ñ/, e, quando seguido de vocábulo iniciado por vogal ou por consoante velar em contexto sintagmático, tem-se a ilusão auditiva da ocorrência de oclusão glotal, ou, de fato, uma pequena glotalização da vogal precedente pode ocorrer, mas como fenômeno fonético, sem qualquer valor fonológico. Nos demais casos registrados por Becker-Donner, a oclusão glotal aparece após sílaba tônica final, como em [kõ'] “Weg” (‘caminho’), ou em formas verbais cuja raiz é composta de sílaba reduplicada, como por exemplo em [pam'pam'oerõärä] “springen” (‘pular, saltitar’), ou em [ä'äro ðerä] “erbrechen” (‘vomitar’), nitidamente onomatopaico.

Do mesmo modo, Bontkes, em seu *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras* (1967) postula a oclusão glotal como fonema em Kanoê e, em 341 dados, registra apenas 22 ocorrências desse

fone, representado por [ʔ]. Uma leitura atenta do documento de Bontkes revela alguns equívocos de transcrição em vários itens, de tal modo que alguns dados se tornam inconsistentes, sobretudo os que apresentam o registro de oclusão glotal. Os registros de Bontkes deixam entrever que, em alguns casos, a oclusão glotal parece ter sido confundida com acento tônico em sílaba final, e, em outros, ela se revela como fenômeno fonético, sem qualquer implicação distintiva na fonologia Kanoê. Tanto em Becker-Donner (1955) quanto em Bontkes (1967), não é possível encontrar um único par mínimo que assegure o valor fonológico de [ʔ].

A observação dos dados transcritos por Bontkes deixa entrever que a maior parte dos registros de oclusão glotal ocorrem onde Becker-Donner e Bacelar não a registram, sobretudo em fronteira inicial e fronteira final de palavra. A rigor, a comparação demonstra que Bontkes interpretou como [ɛʔ] o que Becker-Donner e Bacelar interpretaram como [æ], no mesmo ambiente de ocorrência, sem registro de glotal ou de glotalização vocálica. Nos dados de Bacelar, o fone [ʔ] aparece registrado em [æʔæʔɛɾɔɛ'ɾɛ] '(ele) está vomitando' e em [pæmʔpæmʔɛɾɔɔɛ'ɾɛ] 'Ele está pulando', confirmável também pela comparação com os dados correspondentes em Becker-Donner. No quadro abaixo são comparadas as transcrições de alguns itens lexicais do Kanoê, em relação aos registros de oclusão glotal:

BECKER-DONNER (1955)	BONTKES (1967)	BACELAR (1992, 1997, 2000, 2002)
Brust <i>nya'kotšī</i>		<i>na iko'tʃi</i> 'meu tórax'
Busen <i>nya'nō</i>		<i>na nū</i> 'meu seio'
Freund <i>miā'aiwó</i> <sup>28</sup>		<i>na tsyki'kāw</i> 'meu amigo'
Gatte <i>miā'àwó</i>	marido <i>æ'wɔ</i>	<i>na æ'wɔ</i> 'meu marido'
Mann <i>miā'</i>		<i>æ'wɔ</i> 'homem, marido'
Neffe, Nichte <i>miā'koro</i>		<i>na ko'ɾɔ</i> 'meu sobrinho'
Weg <i>kō'</i>	caminho <i>ko</i>	<i>kū</i> 'caminho'
Bruder <i>nya'ūru</i>		<i>na urutu'kwæ</i> 'meu irmão'
Tante <i>ātā'</i>		<i>ā'tā</i> 'tia'
Inhambu <i>tùmpú'</i>		<i>tū'pū</i> 'nambu'
Stechfliege, Pium <i>tiu'</i>		<i>twī</i> 'pium, borrachudo'
Blatt <i>'aü</i>	folha <i>a<sup>u</sup></i>	<i>æ: ~ æj<sup>h</sup></i> 'folha'
taub <i>sere'unteūō</i>		<i>tsereūtoke'ɾɛ</i> 'cego, não vê'
erbrechen <i>ä'äro òerä</i>	ele está vomitando <i>ɛɾewikāoaʔaroirɛ</i>	<i>æʔæʔɛɾɔɛ'ɾɛ</i> 'está vomitando'
springen <i>pam'pam'erōōärä</i>		<i>pæmʔpæmʔɛɾɔɛ'ɾɛ</i> 'pula'
Tapir <i>itsá</i>	anta <i>i'tsɛʔ</i>	<i>i'tsæ ~ i'tʃæ</i> 'anta'
Flügel <i>iti'sæ</i>	asa <i>iti'sɛʔ</i>	<i>iti'tsæ ~ iti'sɛ</i> 'asa'
Nacht <i>itsayärä</i>	noite <i>itsɛʔ</i>	<i>itsaj ~ itsajɛ'ɾɛ</i> 'anoitecer'
Haar <i>īr</i>	cabelo <i>ʔi'yu</i>	<i>jy<sup>h</sup></i> 'cabelo'
Haut <i>nya-i'tâ</i>	pele <i>i'tɛʔ</i>	<i>i'ta</i> 'pele'
Frau <i>míà'ä</i>	a sua mulher <i>oyo'ʔɛ</i>	<i>oj'ɔ ɛ:</i> 'a mulher dele' <i>na ɛ:</i> 'minha mulher'

Quadro 4: Comparação de dados relativos a registros de oclusão glotal

<sup>28</sup> Em Becker-Donner, *ä* = [æ]; *ó* = [ɔ]; *ü* = [ɨ]. Como a autora não apresenta uma tabela de convenções, deduz-se isso do quadro fonético das vogais (1955: 336). O uso do itálico parece indicar vogais nasalizadas.



A comparação entre os dados acima revela — no mínimo — a baixa frequência e o caráter facultativo da oclusão glotal em Kanoê. Por um lado, observa-se que, nos dados transcritos por Becker-Donner, em boa parte dos casos as ocorrências da glotal /' / se verificam na fronteira do possessivo com a palavra seguinte. Talvez a antropóloga não tenha percebido que, na elicitación de um dado como /*nya'nõ*/ “Busen” (seio), a informante estava dizendo [*na nũ*] ‘meu seio’, assim como em /*miã'àwó*/ “Gatte” (esposo) estava, na realidade, dizendo ‘meu marido’. Bacelar registra [*na æ'wɔ*] ‘meu marido’.

Postas essas divergências, nota-se que a oclusão glotal em Kanoê é desprezível em termos fonológicos, ainda que em outras línguas amazônicas possa ter status de fonema. A ocorrência de glotal parece ser decorrente não só do ambiente fonético, mas também resultante da formação de algumas raízes verbais, cuja motivação é icônica, no primeiro exemplo, ou do aspecto freqüentativo da ação verbal, como no segundo exemplo. É bom lembrar que não são possíveis as ocorrências isoladas de [*æ<sup>2</sup>*] e de [*pæ<sup>m2</sup>*], de tal modo que não se pode falar em reduplicação da raiz verbal. Mais alguns exemplos de ocorrências esparsas de glotalização em casos análogos:

(209) [*ew<sup>2</sup>ew<sup>2</sup>erɔðe' rɛ*] /*eweweroðere*/ ‘Eu estou arrotando.’

(210) [*o<sup>2</sup>o<sup>2</sup>dɔe' rɛ*] /*ooroere*/ ‘está roendo’

(211) [*kwa<sup>2</sup>atʃi' ɛ*] /*kwaatsie*/ ‘sapo’

### 2.1.3.2 O contóide [*h*] como fenômeno apenas fonético

Como se observa em [*tɛ'pi*] ~ [*tɛ'pi<sup>h</sup>*] /*tepy*/ ‘terra, chão’, a realização fonética de [*h*] não tem correspondência na representação fonológica. Para o mesmo item, Becker-Donner (1955: 300) registra “Land, Erde, Boden” *tápúyärä* que, a rigor, seria [*tɛpiɛ' rɛ*] ~ [*tɛ'pi<sup>h</sup>ɛ' rɛ*] ‘é terra’. Por sua vez, Bontkes (1967: 06) transcreve *tepi<sup>x</sup>* “terra”, e postula /*x*/ como fonema, embora nessa posição seja essa a única ocorrência nos 341 dados apresentados. O lingüista americano registra ainda um fonema muito próximo, /*h*/, inexistente nas transcrições de Becker-Donner e também nas de Bacelar. Confrontem-se os dados do quadro a seguir:

BECKER-DONNER (1955)	BONTKES (1967)	BACELAR (1992, 1997, 2000b)
Nase <i>nya-kanyo</i>	meu nariz <i>ya' ikayō</i>	<i>na ika'nũ</i> ‘meu nariz’
	seu nariz <i>pia' ikayō</i>	<i>pja ika'nũ</i> ‘teu nariz’
	seu nariz (dele) <i>huyɔikayō</i>	<i>oj' o ika'nũ</i> ‘seu nariz’
Fuß <i>nya-itätsí</i>	meu pé <i>nuäi' tsoti</i>	<i>na itso'tsi</i> ~ <i>na itso'tʃi</i> ~ <i>na itʃo'tʃi</i> ‘meu pé’
	seu pé <i>piaitso'tsi</i>	<i>pja itso'tsi</i> ‘teu pé’
	seu pé (dele) <i>wioitso'tsi</i>	<i>oj' o itso'tsi</i> ‘seu pé (dele)’
Mund <i>muingärä</i>		<i>na ike'ra</i> ‘meu lábio’
	sua boca <i>huyɔi'a'</i>	<i>na i'a</i> ‘minha boca’
Frau <i>míã' ä</i>	a sua mulher (dele) <i>oyɔ' ʔɛ</i>	<i>oj' o ɛ:</i> ‘a mulher dele’ <i>na ɛ:</i> ‘minha mulher’
Grass,Grünfütter <i>hoiätiä</i>		<i>urumati</i> ‘fruta verde’

Quadro 5: Comparação de dados relativos a registros de realização ou não de [*h*] e dados afins

Comparando-se os dados do quadro acima, nota-se que, para o pronome possessivo de 3PS, Bontkes registra a realização de [*h*] em “seu nariz” *huyɔikayō* e em “sua boca” *huyɔi'a'*, mas não em ‘sua mulher’ *oyɔ' ʔɛ*. Em Becker-Donner não há registros de pronome de 3PS e, em Bacelar, o mesmo item é transcrito sem [*h*] inicial, conforme

*oj' o ika' nũ* “seu nariz” (= ‘o nariz dele’) e *oj' o ε:* “sua mulher” (= ‘a mulher dele’). Logo, há que se questionar a realização de [h] em início de vocábulo, que aparece restrita a algumas ocorrências do possessivo de 3PS nos dados de Bontkes. Assim, as divergências encontráveis nos próprios dados do lingüista norte-americano permitem pressupor que [h] é facultativo, admitindo-se que o mesmo se realizou foneticamente e não houve equívoco de Bontkes, que trabalhou com MK, o mesmo informante de Bacelar em 1992 e 1997.

Com efeito, no conjunto dos dados disponíveis, parte dos quais gravados junto aos falantes monolíngües ‘isolados do Omeré’, não há um único registro de [h] em início de vocábulo. Quando o mesmo se realiza, é medial ou em final de vocábulo, e, a rigor, representa o ensurdecimento parcial de uma vogal alongada. Em posição medial, Bacelar (1992) registra [h] apenas [*o<sup>h</sup>' ti*] /*oti*/ ‘algodão’, que pode se realizar como [*o:<sup>'</sup> ti*] ~ [*oɔ<sup>'</sup> ti*]. Em posição final, as ocorrências esparsas desse fone se reduzem a casos raros e análogos ao de [*tε' pĩ*] ~ [*tε' pĩ<sup>h</sup>*] /*tepy*/ ‘terra, chão’, que também pode soar [*tε' pĩ:*] ~ [*tε' pị̃*]. Portanto, não é possível postular a existência de [h] como fonema no sistema no fonológico do Kanoê, mesmo porque é impossível encontrar um único par mínimo que dê *status* fonêmico a esse fone, ainda que Bontkes o tenha tratado como tal.

#### 2.1.4 Fonemas vocálicos

Em Kanoê, as vogais podem ocorrer em fronteira inicial e final, de sílaba, maiores sem restrições. Desse modo, para evitar a redundância, não é preciso descrever, um a um, todos os ambientes de ocorrência de cada uma delas, pois é possível generalizá-los na seguinte regra:

$$V \left\{ \begin{array}{c} \# \\ (V.) \\ (C) \end{array} \right\} - \left\{ \begin{array}{c} \# \\ (.V) \\ (.C) \end{array} \right\}$$

Em relação à análise apresentada por Bacelar (1992), no sistema vocálico foram feitas alterações substanciais. Com a ampliação gradual do corpus, ficou evidente que, a par da nasalização de vogais orais por contigüidade a consoante nasal, a língua Kanoê, de fato, apresenta vogais nasais. Nesses casos, a nasalidade não decorre de condicionamento fonético ambiental. Assim, na segunda e terceira sessões de trabalho de campo, isso foi confirmado e surgiram alguns ‘pares mínimos’ suficientes para assegurar a postulação de um subsistema de vogais nasais em oposição ao subsistema de vogais orais. Com isso, o aprofundamento da análise revelou que o subsistema total de vogais do Kanoê é composto por sete fonemas vocálicos orais e sete fonemas vocálicos nasais, como se observa no quadro a seguir:

FONEMAS VOCÁLICOS						
MODO DA ARTICULAÇÃO	ANTERIOR NÃO – ARREDOND.		CENTRAL NÃO – ARREDOND.		POSTERIOR ARREDONDADO	
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL
ALTO FECHADO	/i/	/ĩ/	/y/	/ỹ/	/u/	/ũ/
MÉDIO ABERTO	/e/	/ẽ/			/o/	/õ/
BAIXO ABERTO	/æ/	/æ̃/	/a/	/ã/		

Quadro 6: Subsistema dos fonemas vocálicos

## 2.1.5 Inventário, descrição, realizações e oposições fonológicas das vogais orais

2.1.5.1 /a/: vogal oral central baixa aberta não-arredondada. Realiza-se como [a] ~ [ʌ] em flutuação com [ã] ~ [ã̃], quando contígua a consoante nasal; e como [a] nos demais ambientes, conforme a regra abaixo e exemplos subseqüentes:

$$/a/ \rightarrow \begin{cases} \left\{ \begin{array}{l} [ʌ] \sim [\ã̃] \\ [a] \sim [\ã] \end{array} \right\} / [+nas] \_ ([+nas]) \\ [a] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

- (212) [aʷa'wa] /avava/ 'Avavá (antropônimo)'  
 (213) [ika'nũ] ~ [ikã'nũ] ~ [ikʌ'nũ] ~ [ikã'nũ] /ikañu/ 'nariz'  
 (214) [mãmãjtɔ'kɔ] ~ [mãmãjtɔ'kɔ] /mamajtoko/ 'gavião', ave falconiforme  
 (215) [naka'ti] /nakati/ 'formiga preta', espécie de inseto himenóptero formicídeo  
 (216) [para'we] /parawe/ 'fogão, trempe ou cavalete para cozinhar'  
 (217) [ʷajrɔ'ɛ] /vajroε/ 'fumaça'

Oposições fonológicas entre /a/ e os fonemas mais próximos:

/a/ – /æ/:

- (218) [ju'ta] /juta/ 'cinto de buriti' (219) [ju'tæ] /jutæ/ 'sete estrelas, plêiades'  
 (220) [i'tsa] /itsa/ 'anoitecer' (221) [i'tsæ] ~ [i'tʃæ] /itsæ/ 'anta'<sup>29</sup>

/a/ – /e/:

- (222) [ja'kɔ] /jako/ 'costas' (223) [jε'kɔ] /jeko/ 'longe'  
 (224) [a'wa] /ava/ 'arara' (225) [a'wε] /ave/ 'mariposa, bruxa'<sup>30</sup>  
 (226) [mĩ'ta] /mita/ 'lua' (227) [mĩ'tε] /mite/ 'vocês'

/a/ – /y/:

- (228) [a'ki] /aki/ 'pedra' (229) [ĩ'ki] /yki/ 'marico'  
 (230) [a'pε] /ape/ 'abelha (esp.)' (231) [ĩ'pε] /ype/ 'dente'  
 (232) [a'tʃi] /atsi/ 'medo' (233) [ĩ'tsi] /ytsi/ 'banho'

/a/ – /o/:

- (234) [a'ti] /ati/ 'macaco taruacu'<sup>31</sup> (235) [ɔ'ti] ~ [ɔ<sup>h</sup>'ti] /oti/ 'algodão'  
 (236) [ĩ'ka] /ĩka/ 'inajá', palmeira<sup>32</sup> (237) [ĩ'kɔ] /iko/ 'morcego'  
 (238) [i'wa] /iva/ 'tripa' (239) [i'wɔ] /ivo/ 'cará'<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Mamífero perissodáctilo da família dos tapirídeos (*Tapirus terrestris* (L.)).

<sup>30</sup> Insetos lepidópteros noturnos ou crepusculares, cujas antenas são filiformes ou clavadas.

<sup>31</sup> Animal mamífero primata da família dos cebídeos, gênero *Pithecia* Desm.

<sup>32</sup> Palmeira da família das palmáceas (*Pindarea concinna*).

<sup>33</sup> Designação comum a várias espécies de "cará-de-rama", providas de tubérculos alimentares. Não se trata do tubérculo do inhame, também conhecido como "cará" ou "cará-roxo" em outras regiões do Brasil.

**2.1.5.2 /æ/:** vogal oral anterior baixa aberta não-arredondada. Realiza-se como [æ:] ~ [ǣ], se contígua a consoante nasal; como [æ:] em vocábulo monofonêmico; e como [æ] na absoluta maioria dos casos, conforme a seguinte regra e respectivos exemplos:

$$/æ/ \rightarrow \begin{cases} [æ] \sim [ǣ] / [+nas] \_ [+nas] \\ [æ] \sim [æ:] / \# \_ \# \\ [æ] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

- (240) [mænæ' ræ] ~ [mǣnæ' ræ] /mænære/ 'peneira'  
 (241) [æ:] /æ/ 'folha, fumo, tabaco'  
 (242) [æ' tʃi] /ætsi/ 'pau-pombo' (*Tapirira guianensis*), árvore da fam. das anacardiáceas  
 (243) [pæræ' tæ] ~ [pǣræ' tæ] /pærætæ/ 'prato'  
 (244) [itsæ' kɔ] ~ [itʃæ' kɔ] /itsæko/ 'sobrancelhas'  
 (245) [twī' pæ] /twīpæ/ 'curica', ave psitaciforme, da família dos psitacídeos.

Oposições fonológicas entre /æ/ e outras vogais próximas:

/æ/ – /a/:

- (246) [i' tsæ] /itsæ/ 'anta' (247) [i' tsa] /itsa/ 'anoitecer'  
 (248) [ju' tæ] /jutæ/ 'plêiades' (249) [ju' ta] /juta/ 'cinto de buriti'  
 (250) [æ' tʃi] /ætsi/ 'pau-pombo' (251) [a' tʃi] /atsi/ 'medo'

/æ/ – /ǣ/:

- (252) [pænɛ' rɛ] /pænere/ 'limpo' (263) [pǣnɛ' rɛ] /pǣnere/ 'pesado'

/æ/ – /e/:

- (254) [tæ' kɔ] /tæko/ 'grilo' (255) [tɛ' kɔ] /teko/ 'chocalho de cabaça'  
 (256) [tæ' ki] /tæky/ 'bico de flecha' (257) [tɛ' ki] /teky/ 'lagarta de casulo'  
 (258) [æ:] /æ/ 'folha, fumo, tabaco' (259) [ɛ:] /e/ 'mulher'

/æ/ – /ɔ/:

- (260) [æ' ki] /æky/ 'banana' (261) [ɔ' ki] /oky/ 'cobra, serpente'  
 (262) [i' tsæ] /itsæ/ 'anta'(tapirídeo) (263) [i' tsɔ] /itso/ 'dedo'

**2.1.5.3 /e/:** vogal oral anterior média aberta não-arredondada. Realiza-se como [ē] em variação com [ǣ], quando contíguo a consoante nasal; como [e], depois de [s] ~ [ts] ~ [tʃ], se adjacente a aproximante; como [ɛ:], em vocábulo monofonêmico; como [j] em processos de ditongação (*vide* 2.5.2.1), e como [ɛ] nos demais ambientes. Regra:

$$/e/ \rightarrow \begin{cases} [ē] \sim [ǣ] / [+nas] \_ [+nas] \\ [ɛ] \sim [e] / ts / \_ \\ [ɛ] \sim [e] / ([+aprox]) \_ ([+aprox]) \\ [ɛ] \sim [j] / CV \_ \# \\ [ɛ:] / \# \_ \# \\ [ɛ] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

Exemplos:

- (264) [aɛ¹rɛ] ~ [aj¹rɛ] /aere/ ‘machado’  
 (265) [ɛ:] /e/ ‘mulher’  
 (266) [kɛɛɛɛ¹nẽ] ~ [kɛɛɛɛ¹nẽ] /kɛɛɛɛne/ ‘bico de flecha para matar macaco’  
 (267) [memɛtsa¹ru] /memetsaru/ ‘Memetsaru (antropônimo)’  
 (268) [pɛpɛjɾɔnɛ¹rɛ] ~ [pɛpɛjɾɔnɛ¹rɛ] /pɛpɛjɾo nɛɾe/ ‘está colhendo’  
 (269) [itɛ¹nũ] ~ [itẽ¹nũ] ~ [itẽ¹nũ] /iteñu/ ‘orelha’  
 (270) [tʃutʃira¹ɛ] ~ [tʃutʃiraj] /tsutsirae/ ‘terçado’

Oposições fonológicas sistemáticas entre /e/ e fonemas próximos:

/e/ – /a/:

- (271) [ɛtʃi¹ɛ] /etsie/ ‘urina’ (272) [a¹tʃi] ~ [atʃi¹ɛ] /atsie/ ‘medo’  
 (273) [jɛ¹kɔ] /jeko/ ‘longe’ (274) [ja¹kɔ] /jako/ ‘costas’  
 (275) [mĩ¹tɛ] /mite/ ‘vocês’ (276) [mĩ¹ta] /mita/ ‘lua’

/e/ – /æ/:

- (277) [ɛ:] /e/ ‘mulher’ (278) [æ:] /æ/ ‘folha, fumo, tabaco’  
 (279) [pẽnɛ¹rɛ] /penere/ ‘vermelho’ (280) [pænɛ¹rɛ] /pænere/ ‘limpo’

/e/ – /i/:

- (281) [tɛ¹pi] /tepy/ ‘terra’ (282) [ti¹pi] /tipy/ ‘bicho preguiça’<sup>34</sup>  
 (283) [ɛ¹a] /ea/ ‘cumaru-ferro’<sup>35</sup> (284) [i¹a] /ia/ ‘boca’  
 (285) [tɛ¹kwa] /tekwa/ ‘semente’ (286) [ti¹kwa] /tikwa/ ‘cartucho de  
 espingarda’

/e/ – /o/:

- (287) [kɔ¹rɛ] /kore/ ‘papagaio’<sup>36</sup> (288) [kɔ¹rɔ] /koro/ ‘sobrinho’  
 (289) [ja¹kɛ] /jake/ ‘seis horas’ (290) [ja¹kɔ] /jako/ ‘costas, lombo’  
 (291) [mĩ¹tɛ] /mite/ ‘vocês’ (292) [mĩ¹tɔ] /mito/ ‘pariri’<sup>37</sup>

**2.1.5.4 /i/:** vogal oral anterior alta fechada não-arredondada. Ocorre como [i] em variação livre com [ĩ], se contíguo a consoante nasal; esporadicamente como [i:] em variação com [i] em início de vocábulo; e como [i] nos demais ambientes:

$$/i/ \rightarrow \begin{cases} [i] \sim [ĩ] / [+nas] \_ ([+nas]) \\ [i] \sim [i:] / \# \_ \\ [i] / n. d. a \end{cases}$$

<sup>34</sup> Mamífero arborícola desdentado da família dos bradipodídeos.

<sup>35</sup> Espécie de árvore da família das leguminosas.

<sup>36</sup> Designação comum a várias espécies de aves da família dos psitacídeos.

<sup>37</sup> Espécie de árvore (*Lucuma pariry*), da família das sapotáceas.

Exemplos:

- (293) [akikiɛɾɔɛ' rɛ] /akikieronere/ 'está gritando'  
 (294) [ati' ti] /atiti/ 'milho' (*Zea mays*)  
 (295) [inɛ' rɛ] ~ [i:nɛ' rɛ] /inere/ 'está chorando'  
 (296) [iririrɔɛ' rɛ] /iririro nere/ 'está correndo'  
 (297) [kanĩtsĩ' kwa] /kanitsĩkwa/ 'neném, bebê de colo'  
 (298) [mi' nĩ] ~ [mĩ' nĩ] /mini/ 'agora, hoje'  
 (299) [pipitsæ' ko] /pipitsæko/ 'libélula', inseto da ordem dos odonatos  
 (300) [jũ' ʷi pẽnẽ] /jũvi pene/ 'veado vermelho', mamífero da fam. dos cervídeos

As oposições fonológicas abaixo confirmam o valor fonológico de /i/:

/i/ – /e/:

- (301) [ti' pi] /tipy/ 'bicho-preguiça'<sup>38</sup> (302) [tɛ' pi] /tepy/ 'terra'  
 (303) [ɛ' a] /ea/ 'cumaru-ferro'<sup>39</sup> (304) [i' a] /ia/ 'boca'  
 (305) [ti' kwa] /tikwa/ 'cartucho' (306) [tɛ' kwa] /tekwa/ 'semente'

/i/ – /y/:

- (307) [kiki' ɔ] /kykyo/ 'prego' (308) [kiki' ɔ] /kikio/ 'do periquito'  
 (309) [ja' ti] /jati/ 'flor' (310) [ja' tɨ] /jaty/ 'fio de tucum'  
 (311) [i' tso] /itso/ 'dedo' (312) [ɨ' tso] /ytso/ 'pau, vara, caibro'

/i/ – /o/:

- (313) [ja' ti] /jati/ 'flor' (314) [ja' to] /jato/ 'nosso, nossa'

/i/ – /u/:

- (315) [i' ka] /ika/ 'madeira do arco' (316) [u' ka] /uka/ 'dente de pente'  
 (317) [i' rɨ] /iry/ 'macaco, símio' (318) [u' rɨ] /ury/ 'imbititi'<sup>40</sup>

**2.1.5.5 /y/:** vogal oral central alta fechada não-arredondada. Realiza-se como [ɨ] em contigüidade a consoante nasal, como [ɨ] em variação com [ɐ], após consoante plosiva surda; como [ɨ:], em vocábulo monossilábico; e apenas como [ɨ] nos demais ambientes:

$$/y/ \rightarrow \begin{cases} [ɨ] \sim [ɨ] / [+nas] \_ [+nas] \\ [ɨ] \sim [ɐ] / \left( \begin{array}{l} + \text{cont} \\ - \text{voz} \end{array} \right) \_ \\ [ɨ:] / \# \_ \# \\ [ɨ] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

Exemplos:

- (319) [ɛ' pi] ~ [ɛ' pɐ] /epy/ 'castanha', 'castanheira' (*Bertholletia excelsa*), árvore  
 (320) [ɨ:] /y/ 'espinho'

<sup>38</sup> Mamífero desdentado da família dos bradipodídeos.

<sup>39</sup> Árvore da família das leguminosas (*Dipteryx odorata*).

<sup>40</sup> Espécie de palmeira amazônica

- (321) [i'ki] /yki/ 'marico', embornal tecido em fibra de algodão, tucum ou tucumã  
 (322) [piki'ti] ~ [pikə'ti] /pykyti/ 'colar de caroço de murumuru'<sup>41</sup>,  
 (323) [pi'ti] ~ [pə'tə] /pyty/ 'tatu-de-rabo-mole', tatu da fam. dos dasipodídeos  
 (324) [tɨj] ~ [təj] /tyj/ 'maloca, casa, cabana'

Oposições fonológicas:

/y/ - /i/:

- (325) [taru'i] /taruy/ 'camarão'      (326) [taru'i] /tarui/ 'pimenta'  
 (327) [kiki'ɔ] /kykyo/ 'prego'      (328) [kiki'ɔ] /kikio/ 'do periquito'  
 (329) [ja'ti] /jaty/ 'fio de tucum'      (330) [ja'ti] /jati/ 'flor'

/y/ - /u/:

- (331) [iro'ɛ] /yroe/ 'aroma, cheiro'      (332) [uro'ɛ] /uroe/ 'comida'  
 (333) [i'pɛ] /ype/ 'dente'      (334) [u'pɛ] /upe/ 'caruncho'<sup>42</sup>

**2.1.5.6 /o/:** vogal oral posterior média aberta arredondada. Em baixa frequência, pode realizar-se como [ɔ], em flutuação com [ɔ], após /p/, /m/ e aproximante palatal; como [õ], quando adjacente a uma consoante nasal; e como [ɔ] nos demais ambientes, conforme a seguinte regra e exemplos:

$$/o/ \rightarrow \begin{cases} [ɔ] \sim [o] / \left( \begin{array}{l} + \text{lab} \\ - \text{cont} \end{array} \right) \_ \\ [o] \sim [õ] / [+ \text{nas}] \_ [+ \text{nas}] \\ [o] / \# \_ [j] \\ [ɔ] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

- (335) [pɔnɛ're] ~ [po nɛ're] ~ [bɔ² nɛ're] /po nere/ 'pescou, capturou'  
 (336) [mɔrɛ're] ~ [more:'re] /more ere/ 'é bonito, é bom'  
 (337) [pɔ'mũ] ~ [põ'mu] ~ [põm] /ñomu/ 'roça'  
 (338) [oj'tɛ] /ojte/ 'eles'  
 (339) [okɨ'ɔ i'a] /okyo ia/ 'boca da cobra'  
 (340) [ɔrɔ'rɔ] /ororo/ 'juriti', ave da família dos columbídeos  
 (341) [mata'kɔ] /matakɔ/ 'macaco zogue-zogue', primata da fam. dos cebídeos  
 (342) [tso'tɔ] ~ [tʃɔ'tɔ] /tsoto/ 'mambira', mamífero da fam. dos didelfídeos

Oposições fonológicas entre /o/ e vogais adjacentes:

/o/ - /a/:

- (343) [ɔ'tʃi] /otsi/ 'guariba'<sup>43</sup>      (344) [a'tʃi] /atsi/ 'medo'  
 (345) [mĩ'tɔ] /mito/ 'pariri'<sup>44</sup>      (346) [mĩ'ta] /mita/ 'lua'

<sup>41</sup> Espécie de palmeira (*Astrocaryum murumuru*).

<sup>42</sup> Nome genérico para espécies de insetos coleópteros xilófagos.

<sup>43</sup> Macaco-guariba: designação comum aos símios platirrinos, da família dos cebídeos, do gênero *Alouata*.

<sup>44</sup> Árvore da família das sapotáceas (*Lucuma pariry*).

/o/ - /e/:

- (347) [kɔ<sup>1</sup> rɔ] /koro/ ‘sobrinho’      (348) [kɔ<sup>1</sup> rɛ] /kore/ ‘papagaio’  
(349) [mĩ<sup>1</sup> tɔ] /mito/ ‘pariri’      (350) [mĩ<sup>1</sup> tɛ] /mite/ ‘vocês’

/o/ - /u/:

- (351) [ɔ<sup>1</sup> kɨ] /oky/ ‘cobra’      (352) [u<sup>1</sup> kɨ] /uky/ ‘cesto dorsal feminino’  
(353) [ɔ<sup>1</sup> kɔ] /oko/ ‘furo supralabial’      (354) [u<sup>1</sup> kɔ] /uko/ ‘palha de milho’

**2.1.5.7 /u/:** vogal oral posterior alta fechada arredondada. Realiza-se como [ũ] em contigüidade a consoante nasal; esparsamente como [u] ~ [u:], em fronteira inicial de vocábulo; e como /u/, nos demais ambientes, de acordo com a regra e exemplos a seguir:

$$/u/ \rightarrow \begin{cases} [u] \sim [\tilde{u}] / [+nas] \_ ([+nas]) \\ [u] \sim [u:] / \# \_ \\ [u] / \text{n.d.a} \end{cases}$$

- (355) [itẽ<sup>1</sup> nũ] ~ [itẽ<sup>1</sup> jũ] /iteñu/ ‘orelha’  
(356) [kɔpɛkɔ<sup>1</sup> mũ] /kɔpɛkomu/ ‘café (bebida)’  
(357) [mũkɔ<sup>1</sup> kɔ] /mukoko/ ‘pupunha’, ‘pupunheira’ (*Guilielma speciosa*), palmeira  
(358) [piuru<sup>1</sup> ru] /piururu/ ‘bico-de-brasa’ (*Monasa morphoeus*), esp. de pássaro  
(359) [puratʃĩ<sup>1</sup> kwa] /puratsikwa/ ‘cigarrinha’, inseto homóptero cercopídeo  
(360) [tuturuna<sup>1</sup> kɛ] /tuturunake/ ‘tucunaré’, peixe teleósteo da fam. dos ciclídeos  
(361) [unɛ<sup>1</sup> rɛ] ~ [u:nɛ<sup>1</sup> rɛ] /u nere/ ‘está comendo’

Oposições fonológicas entre /u/ e vogais adjacentes:

/u/ - /i/:

- (362) [pu<sup>1</sup> ra] /pura/ ‘cigarra’      (363) [pi<sup>1</sup> ra] /pira/ ‘verde (cor)’  
(364) [i<sup>1</sup> ru] /iru/ ‘bojo, bacia’      (365) [u<sup>1</sup> ru] /uru/ ‘novo, verde’

/u/ - /y/:

- (366) [u<sup>1</sup> pɛ] /upe/ ‘caruncho’      (367) [ĩ<sup>1</sup> pɛ] /ype/ ‘dente’

/u/ - /o/:

- (368) [u<sup>1</sup> kɨ] /uky/ ‘cesto dorsal fem.’      (369) [ɔ<sup>1</sup> kɨ] /oky/ ‘cobra’  
(370) [u<sup>1</sup> kɔ] /uko/ ‘palha de milho’      (371) [ɔ<sup>1</sup> kɔ] /oko/ ‘furo supralabial’

## 2.1.6 Inventário, descrição, realizações e oposições fonológicas das vogais nasais

**2.1.6.1 /ã/:** vogal nasal central baixa fechada não-arredondada. Ocorre como [ã] em flutuação com [ã̃], conforme a regra: /ã/ → [ã] ~ [ã̃]. Exemplos:

- (372) [ã<sup>1</sup> tã] ~ [ã̃<sup>1</sup> tã̃] /ãtã/ ‘tia’  
(373) [ɛpĩ<sup>1</sup> kwã] ~ [ɛpĩ<sup>1</sup> kwã̃] ~ [ɛpɐ<sup>1</sup> kwã̃] /ɛpykwã/ ‘amendoim’  
(374) [ipãpi<sup>1</sup> kwa] ~ [ipã̃pi<sup>1</sup> kwa] /ipã̃pikwa/ ‘cabeça da tibia, maléolo tibial’  
(375) [kãpɔ<sup>1</sup> rɛ] ~ [kã̃pɔ<sup>1</sup> rɛ] /kãpɔrɛ/ ‘jacu’, ave galiforme, da fam. dos cracídeos



(376) [wã<sup>1</sup> kɔ] ~ [wã<sup>1</sup> kɔ] /wãko/ ‘alto, nas alturas’

Oposições fonológicas:

/ã/ – /a/:

(377) [i<sup>1</sup> kwã] /ikwã/ ‘chifre, corno’

(378) [i<sup>1</sup> kwa] /ikwa/ ‘casulo’

(379) [wã<sup>1</sup> kɔ] /wãko/ ‘alto’

(380) [wa<sup>1</sup> kɔ] /wako/ ‘esteio, haste’

(381) [ju<sup>1</sup> tã] /jutã/ ‘osso’

(382) [ju<sup>1</sup> ta] /juta/ ‘tornozela de buriti’

/ã/ – /ã̃/:

(383) [ãkĩjɛ<sup>1</sup> rɛ] /ãkỹjere/ ‘é alto’

(384) [ãkĩjɛ<sup>1</sup> rɛ] /ãkỹjere/ ‘é pesado’

/ã/ – /ẽ/:

(385) [ã<sup>1</sup> tã] /ãtã/ ‘tia’

(386) [ẽ<sup>1</sup> tẽ] ~ [ẽ<sup>1</sup> tẽ] /ẽtẽ/ ‘estragado’

**2.1.6.2 /ã̃/:** vogal nasal anterior baixa fechada não-arredondada. É um fonema de ocorrências esparsas, geralmente em fronteira inicial ou final de determinados vocábulos, realizando-se sempre de acordo com a regra: /ã̃/ → [ã̃]. Exemplos:

(387) [ãkĩjɛ<sup>1</sup> rɛ] /ãkỹj ere/ ‘é gordo’

(388) [ãkĩjɛ<sup>1</sup> rɛ] /ãkỹj kere/ ‘é magro’

(389) [ãnake<sup>1</sup> rɛ] /ãnake ere/ ‘é gorda’

(390) [ãnake<sup>1</sup> rɛ] /ãnake kere/ ‘é magra’

(391) [tu<sup>1</sup> kwã] ~ [tũ<sup>1</sup> kwã] /tukwã/ ‘irmão mais velho’

Oposições fonológicas:

/ã/ – /ã̃/:

(392) [tsukwã] /tsukwã/ ‘índio, nu’

(393) [tsukwã] /tsukwã/ ‘gostoso’

/ã̃/ – /ẽ/:

(394) [pã̃nɛ<sup>1</sup> rɛ] /pã̃ nere/ ‘pesado’

(395) [pẽ̃nɛ<sup>1</sup> rɛ] /pẽ̃ nere/ ‘vermelho’

**2.1.6.3 /ẽ̃/:** vogal nasal anterior média fechada não-arredondada. Realiza-se como [ẽ̃] em variação com [ẽ̃], conforme a regra: /ẽ̃/ → [ẽ̃] ~ [ẽ̃]. Exemplos:

(396) [tẽ̃] ~ [tẽ̃] /tẽ̃/ ‘coco, coqueiro’, palmeiras em geral

(397) [tẽ̃<sup>1</sup> kɔ] /tẽ̃ko/ ‘cacho de coco’

(398) [ju<sup>1</sup> kẽ̃] /jukẽ̃/ ‘juruvoa’ (*Laplacea semiserrata*), arbusto da família das teáceas

(399) [tẽ̃j<sup>1</sup> ti] ~ [tẽ̃j<sup>1</sup> ti] /tẽ̃jti/ ‘toco de árvore’

(400) [tẽ̃<sup>1</sup> kĩ] /tẽ̃ky/ ‘piolho’, inseto maléfago e/ou anopluro, ectoparasita de vertebrados

(401) [uka<sup>1</sup> tẽ̃] /ukatẽ̃/ ‘mariquita’, ave passeriforme, da fam. dos compsotlipídeos

Oposições fonológicas:

/ẽ/ – /e/:

- (402) [kɛ 'kẽ] /kəkẽ/ ‘joão-bobo’<sup>45</sup> (403) [kɛ 'kɛ] /kɛkɛ/ ‘avó’  
(404) [tẽ 'kĩ] /tẽky/ ‘piolho’ (405) [tɛ 'kĩ] /teky/ ‘lagarta de casulo’

/ẽ/ – /æ/:

- (406) [tẽ 'kɔ] /tẽko/ ‘cacho de coco’ (407) [tæ 'kɔ] /tæko/ ‘grilo’

/ẽ/ – /ã/:

- (409) [pẽɪpkɛ 'rɛ] /pẽ nikere/ ‘não é vermelho’  
(409) [pãɪpkɛ 'rɛ] /pã nikere/ ‘leve (não é pesado)’

/ẽ/ – /ĩ/:

- (410) [pẽ] /pẽ/ ‘carapanã, mosquito’ (411) [pĩ] /pĩ/ ‘taciba, formiga taciba’  
(412) [tẽ] /tẽ/ ‘coco’ (413) [tĩ] /tĩ/ ‘piolho de cobra, embuá’<sup>46</sup>

2.1.6.4 /ĩ/: vogal nasal anterior alta fechada não-arredondada. Realiza-se como [ĩ], em quaisquer ambientes, conforme a regra: /ĩ/ → [ĩ]. Exemplos:

- (414) [aĩ 'ka] /aĩka/ ‘tipió’ espécie de pássaro  
(415) [ĩka 'kɔ] /aĩka/ ‘coco de inajá’, fruto da palmeira inajá (*Pindarea concinna*)  
(416) [ĩkũ 'nĩ] ~ [ĩku 'nĩ] /ĩkuni/ ‘sangue’  
(417) [pitsi 'kwĩ] ~ [pitʃi 'kwĩ] /pitsikwĩ/ ‘pipira, sanhaço’, esp. de pássaro  
(418) [twitʃĩ 'kwa] /twitsíkwa/ ‘pium, borrachudo’, inseto da fam. dos simulídeos

Oposições fonológicas:

/ĩ/ – /i/:

- (419) [ĩ 'ka] /ĩka/ ‘inajá’ (420) [i 'ka] /ika/ ‘madeira do arco de flecha’  
(421) [ĩ 'kɔ] /ĩko/ ‘morcego’ (422) [i 'kɔ] /iko/ ‘botão da flor de alicuri’

/ĩ/ – /y/:

- (423) [tɔ 'kĩ] /tokĩ/ ‘caimberana’<sup>47</sup> (424) [tɔ 'kĩ] /toky/ ‘mamão, papaia’

/ĩ/ – /ỹ/:

- (425) [pæ 'kĩ] /pækĩ/ ‘uru-corcovado’<sup>48</sup> (426) [pæ 'kĩ] /pækỹ/ ‘crisálida’  
(427) [tɔ 'kĩ] /tokĩ/ ‘caimberana’ (428) [tɔkĩ] ~ [tɔkĩ 'ni] /tokyni/  
‘(acertou) no mamão’

<sup>45</sup> Ave pisciforme, da família dos buconídeos (*Nystalus chacuru* (Vieil.)).

<sup>46</sup> Designação comum a várias espécies de insetos miriápodes das famílias dos júlidas e polidésmidas.

<sup>47</sup> Árvore da família das moráceas (*Brossimum lecointei*), caimberama, aité, uaitá.

<sup>48</sup> Designação comum às aves galiformes, da família dos fasianídeos (*Odontophorus capueira* (Spix), do centro-oeste do Brasil, ou *O. gujanensis* (Gmel.), da região amazônica.

/ĩ/ – /ũ/:

(429) [mĩ] /mĩ/ ‘tu, você’

(430) [mũ] /mũ/ ‘mãe!’

(431) [ĩ'kɔ] /ĩkɔ/ ‘morcego’

(432) [ũ'kɔ] /ũkɔ/ ‘aquele’

**2.1.6.5 /ỹ/:** vogal nasal central alta fechada não-arredondada. Trata-se de um fonema de baixa frequência. Realiza-se como [ĩ] em quaisquer ambientes: /ỹ/ → [ĩ]. Exemplos:

(433) [ĩ'kĩ] /ỹky/ ‘ingá’, árvore do gênero *Inga*, da família das leguminosas

(434) [ĩkĩtʃĩ'kwa] /ỹkytsĩkwa/ ‘ingá-mirim’ (*Inga marginata*), árvore leguminosa

(435) [mænækĩjɛ'ɾɛ] /mænækỹj ɛɾɛ/ ‘é mentiroso’

(436) [mõkĩjɛ'ɾɛ] /mõkỹj ɾɛɾɛ/ ‘está dormindo’

As seguintes oposições fonológicas comprovam o *status* fonêmico de /ỹ/:

/ỹ/ – /y/:

(437) [ĩ'kĩ] /ỹky/ ‘ingá’

(438) [ĩ'kĩ] /yky/ ‘cipó-de-cobra’<sup>49</sup>

(439) [tɔ'kĩ] /tokyni/ ‘no mamão’

(440) [tɔ'kĩ] /toky/ ‘mamão’

/ỹ/ – /ĩ/:

(441) [pæ'kĩ] /pækỹ/ ‘crisálida’

(442) [pæ'kĩ] /pækĩ/ ‘uru-corcovado’

(443) [tɔ'kĩ] /tokyni/ ‘no mamão’

(444) [tɔ'kĩ] /tokĩ/ ‘caimberana’<sup>50</sup>

/ỹ/ – /ũ/:

(445) [nũ'kĩ] /nukỹ/ ‘tucuré’<sup>51</sup>

(446) [nũ'kũ] /nukũ/ ‘caba, vespa’

**2.1.6.6 /õ/:** vogal nasal posterior médio fechada arredondada. Realiza-se como [õ] em variação livre com [õ], segundo a regra: /õ/ → [õ] ~ [õ]. Exemplos:

(447) [õ'kĩ] /õky/ ‘lagarta mede-palmo’, larva de inseto lepidóptero geometrídeo

(448) [kæjõtɔõɛɾɛ] /kæjõto õɛɾɛ/ ‘(eu) arranco (amendoim)’

(449) [õ'tʃi] ~ [õ'tʃi] /õtsi/ ‘jacareúba’ (*Calophyllum brasiliense*), árvore gutífera

(450) [tʃõjɾa'ɛ] /tsõjɾaɛ/ ‘beijo’

(451) [tsõ'tsõ] /tsõtsõ/ ‘guanambi-mirim’, espécie de beija-flor, colibri

Oposições fonológicas:

/õ/ – /o/:

(452) [tõ'kĩ] /tõky/ ‘lagarta mede-palmo’

(453) [tɔ'kĩ] /toky/ ‘mamão’

(454) [õ'tsi] /õtsi/ ‘jacareúba’<sup>52</sup>

(455) [ɔ'tʃi] /otsi/ ‘macaco’<sup>53</sup>

<sup>49</sup> Nome comum às espécies de trepadeiras ramosas, da família das aristoloquiáceas ou das menispermáceas.

<sup>50</sup> Árvore da família das moráceas (*Brossimum lecointei*).

<sup>51</sup> Espécie de pássaro, para a qual não foi possível localizar o nome científico, nem sinônimos em Português.

<sup>52</sup> Árvore da família das gutíferas (*Calophyllum brasiliense*).

<sup>53</sup> Espécie de macaco, símio platirrino, da família dos cebídeos, do gênero *Alouata*.

/õ/ – /ũ/:

(456) [tsõtsõ] /tsõtsõ/ ‘guanambi-mirim’ (457) [tsũtsũ] /tsũtsũ/ ‘chupar’

2.1.6.7 /ũ/: vogal nasal posterior alta fechada arredondada, realizando-se sempre como [ũ], conforme a regra: /ũ/ → [ũ]. Exemplos:

(458) [ũko<sup>1</sup> nĩ] /ũkoni/ ‘lá, ali, naquele lugar’

(459) [ĩkũkũ<sup>1</sup> te] /ĩkũkũte/ ‘tracajá’<sup>54</sup>

(460) [iritekwã<sup>1</sup> kũ] /irytekwākũ/ ‘macaco preto’, primata da fam. dos cebídeos

(461) [jũ] /jũ/ ‘este, esta, estes, estas’

(462) [tũ<sup>1</sup> pũ] /tũpũ/ ‘inhambu, nambu’, ave tinamiforme da família dos tinamídeos

Oposições fonológicas que asseguram o valor fonológico de /ũ/:

/ũ/ – /u/:

(463) [ũ<sup>1</sup> ko] /ũko/ ‘aquele’

(464) [u<sup>1</sup> ko] /uko/ ‘palha de milho’

(465) [tsũ<sup>1</sup> tsũ] /tsũtsũ/ ‘chupar’

(466) [tʃu<sup>1</sup> tʃu] /tsutsu/ ‘avô’

/ũ/ – /õ/:

(467) [tsũ<sup>1</sup> tsũ] /tsũtsũ/ ‘chupar’

(468) [tsõ<sup>1</sup> tsõ] /tsõtsõ/ ‘guanambi-mirim’

/ũ/ – /ĩ/:

(469) [ũ<sup>1</sup> ko] /ũko/ ‘aquele’

(470) [ĩ<sup>1</sup> ko] /ĩko/ ‘morcego’

(471) [mũ] /mũ/ ‘mãe!’

(472) [mĩ] /mĩ/ ‘tu, você’

/ũ/ – /ỹ/:

(473) [nũ<sup>1</sup> kũ] /nukũ/ ‘caba, vespa’

(474) [nũ<sup>1</sup> kĩ] /nukỹ/ ‘tucuré’, pássaro

## 2.1.7 Resíduos da avaliação fonológica dos sons vocálicos

Nos tópicos a seguir são abordados os resíduos da avaliação fonológica vocóides, a saber: duração ou quantidade vocálica, ensurdecimento parcial de vocóide alongado, a crase, a nasalidade e a nasalização.

### 2.1.7.1 Duração ou quantidade vocálica

Neste capítulo, em (258): [æ:] /æ/ ‘folha, fumo, tabaco’ e em (259): [ɛ:] /e/ ‘mulher’, por exemplo, observa-se que a duração vocálica não foi objeto de representação fonológica. Em Bontkes (1967: 7) o mesmo item é transcrito como “173. mulher ɛ:”, mas, em “179. esposa, a sua mulher (dele) oyo<sup>1</sup> ʔɛ”, esse vocóide aparece precedido de glotal e sem alongamento. Bontkes registra ainda “44. cachorro ɔ:pɛ<sup>1</sup> rɛ”, com o alongamento vocálico de [ɔ:], mas em “45. Ele bate no cachorro ɔpɛ<sup>1</sup> rɛ imuku<sup>1</sup> tɛrɛ”, no qual a mesma vogal é transcrita sem alongamento. Para citar mais um caso, o linguista americano grafa “88. fruta na:<sup>1</sup> ti”, que Becker-Donner (1955: 314) registra como “Frucht ma<sup>1</sup> ti”

<sup>54</sup> Réptil da ordem dos quelônios, da família dos pleomedusídeos (*Podocnemis unifilis*).

e, em Bacelar (1992), aparece transcrito [ma' ti] /mati/ 'fruta'. A partir da comparação entre essas transcrições, pode-se concluir que o alongamento vocálico é facultativo.

Com efeito, a duração vocálica em Kanoê não tem funcionalidade distintiva no plano da fonologia segmental e nem mesmo constitui fonema suprasegmental, reduzindo-se a um fenômeno apenas fonético, que desempenha um papel no plano da entoação frasal. Não há, por assim dizer, a oposição sistemática entre vogais breves e vogais longas ou alongadas, pois não existem pares mínimos que sustentem tal contraste. Conseqüentemente, um vocóide breve [v] ou esporadicamente longo [v:], como [ɛ] e [ɛ:] por exemplo, são realizações alofônicas de um mesmo fonema vocálico em Kanoê: /V/ → [v] ~ [v:].

### 2.1.7.2 Ensurdimento parcial de vocóide alongado

Em 2.1.3.2, a propósito das ocorrências de [h], foram feitas algumas considerações sobre as ocorrências restritas desse fone como fenômeno fonético, como em [tɛ' pɪ] ~ [tɛ' pɪɪ] ~ [tɛ' pɪ<sup>h</sup>] /tepy/ 'terra' e [ɔ:' ti] ~ [ɔɔ' ti] ~ [ɔ<sup>h</sup>' ti] /oti/ 'algodão'. Observa-se que [h] pode ser uma alternativa de representação de ensurdimento parcial final de vocóide alongado. Trata-se, pois, de uma representação alternativa de um fenômeno fonético, sem qualquer implicação funcional no sistema fonológico do Kanoê.

### 2.1.7.3 Crase

Em Kanoê, no plano fonético, não raro encontro de duas vogais idênticas pode resultar em crase, em casos como os abaixo exemplificados, e outros análogos:

- (475) [mɔrenakɛɛ' rɛ] > [mɔrenakɛ' rɛ] /morenake ere/ 'é bonita'  
 (476) [tsɪnikɛ' rɛ] > [tsɪɪnkɛ' rɛ] > [tsɪnkɛ' rɛ] /tsɪ nikere/ 'é pequeno'  
 (477) [mõõkĩjõɛ' rɛ] > [mõkĩjõɛ' rɛ] /moõkỹj õere/ 'durmo'

### 2.1.7.4 A nasalidade e a nasalização

No que diz respeito à nasalidade, o Kanoê é uma língua caracterizada não só pela série de consoantes nasais e pela presença de vogais nasais, mas também por ditongos e tritongos nasais e ainda por vogais e semiconsoantes nasalizadas. O fenômeno da nasalização não é tão simples quanto parece, pois devem ser consideradas três situações distintas, a saber:

#### 1ª.) nasalização das semiconsoantes /j/ e /w/:

Em Kanoê, as semiconsoantes /j/ e /w/, quando contíguas a vogais nasais ou vogais nasalizadas por adjacência a consoante nasal, também se nasalizam, conforme regra abaixo:

$$\left( \begin{array}{l} + \text{ aprox} \\ - \text{ nas} \end{array} \right) \rightarrow [+ \text{ nas}] / \{ [+ \text{ nas}] \} \_$$

Exemplos:

- (478) [ikĩj' mũ] /ikỹjmu/ 'lágrima'  
 (479) [ĩ' nãj] /iñaj/ 'ovo'  
 (480) [kũ' kũj] /kũkũj/ 'cinza'  
 (481) [mãmãjtɔ' kɔ] /mamajtoko/ 'gavião', ave falconiforme  
 (482) [tsemãj] /tsemaj/ 'piranha', peixe teleósteo caracídeo

Se a semiconsoante precede a uma vogal nasal, a nasalidade é facultativa. Exemplos:

- (483) [i' tsæ kũmjũ] ~ [itʃæ kũmjũ] /itsækumju/ 'cavivara'<sup>55</sup>  
 (484) [írítɛkwã' kũ] ~ [írítɛkwã' kũ] /yrytekwãkũ/ 'macaco-aranha, cuatá'<sup>56</sup>  
 (485) [twĩ' pæ] ~ [tũĩ' pæ] /twĩpæ/ 'maitaca', esp. de ave da fam. dos psitacídeos

**2ª.) nasalização de vogais contíguas a consoantes nasais:**

a) nasalização de /u/ em fronteira final de vocábulo:

Nesse caso, a propagação da nasalidade é condicionada pela presença de consoante nasal em sílaba tônica final, de tal forma que o traço [+ nas] se propaga para a vogal /u/:

$$/u/ \rightarrow [ũ] / \left( \begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{array} \right) \_ \#$$

Exemplos:

- (486) [kujæ' mũ] /kujæmu/ 'bacurau', ave da família dos caprimulgídeos  
 (487) [kɔre' nũ] /korenu/ 'irara, papa-mel' (*Tayra barbara* Lin.), carnívoro mustelídeo  
 (488) [irí' o itẽ' nũ] /iryo iteñũ/ 'orelha do macaco'

b) nasalização de /u/ após /ñ/:

Tanto em sílabas tônicas quanto em sílabas átonas, após /ñ/, a vogal se nasaliza, pois o traço [+ nas] se propaga para a vogal /u/, segundo a regra e exemplos a seguir:

$$/u/ \rightarrow [ũ] / \{ /n/ \} \_$$

Exemplos:

- (489) [inũpũ' ti] /inuñuti/ 'taúba', madeira para fazer canoa  
 (490) [nã' nũ] ~ [nã' jũ] /nañũ/ 'abelha', espécie de abelha  
 (491) [nũkĩ' rĩ] /ñukyry/ 'cabatatu' (*Synoeca cyanea*), inseto da família dos vespídeos

c) nasalização de outras vogais após [ɲ]:

Exceto /u/, nasalização das demais vogais após /ñ/ é facultativa, conforme a regra e exemplos abaixo:

$$\left( \begin{array}{l} - \text{ post} \\ - \text{ alt} \\ - \text{ nas} \end{array} \right) \rightarrow [- \text{ nas}] \sim [+ \text{ nas}] / [ɲ] \_$$

- (492) [ɲa] ~ [ɲã] ~ [jã] /ñã/ 'meu, minha, meus, minhas'  
 (493) [ɲakɔ] ~ [ɲãkɔ] /ñako/ 'mutamba' (*Guazuma ulmifolia*), árvore da fam. tiliácea  
 (494) [ɲɛɲɛ' rɔ] ~ [ɲẽɲẽ' rɔ] /ñeñero/ 'bem-te-vi' (*Pitangus sulphuratus*), pássaro  
 (495) [ɲipi' kɔ] ~ [ɲĩpi' kɔ] /ñiñiko/ 'fruto silvestre', espécie (não-identificada)  
 (496) [ɲɔ' mũ] ~ [ɲõ' mũ] ~ [ɲũm] /ñomu/ 'roça, plantação'

<sup>55</sup> Mamífero roedor da família dos cavídeos (*Hydrochoerus hydrochoeris* (L.)),

<sup>56</sup> Mamífero primata da família dos cebídeos, gênero Ateles E. Geof.

A regra anterior pode ser vista como um recorte específico de uma regra mais geral, que inclui as demais consoantes nasais. Assim, exceto a nasalização obrigatória de /u/ após /ñ/, a transmissão do traço [+nas] para as vogais adjacentes a consoante nasal é facultativa, segundo a regra abaixo e respectivos exemplos:

$$V \rightarrow ([+nas]) / \_ \left( \begin{array}{l} [+cons] \\ [+nas] \end{array} \right)$$

- (497) [ape' nũ] ~ [ape' nũ] /apenu/ 'abóbora de casa dura' (*Cucurbita pepo*)  
 (498) [mãmãjtɔ' kɔ] ~ [mamãjtɔ' kɔ] /mamajtoko/ 'gavião', ave falconiforme  
 (499) [mu' kãw̃] ~ [mũ' kãw̃] /mukãw/ 'porta'  
 (500) [tikene' nẽ] ~ [tikenẽ' nẽ] ~ [tikẽnẽ' nẽ] /tykenene/ 'borboleta'  
 (501) [tso' nũ] ~ [tʃõ' nũ] /tsonu/ 'nádegas, bunda, rabo'  
 (502) [kunuku' nu] ~ [kunũku' nũ] ~ [kũnũkũ' nũ] /kunukunu/ 'quatipuru'

De fato, em Kanoê, muitos vocábulos atestam o caráter facultativo da propagação do traço [+nas] para vogais contíguas a consoante nasal. Embora a nasalização pareça ser uma tendência na língua, também podem ser listados casos nos quais vogais contíguas à consoante nasal não sofreram nasalização em vários registros. Para citar alguns exemplos:

- (503) [atʃi' mi] /atsimi/ 'rapé'  
 (504) [kunena' ke] /kunenake/ 'abelha mumbuca' (*Melipona capitata*)  
 (505) [minitonow' ε] /mimitonowe/ 'pipira, sanhaço', ave da família dos traupídeos  
 (506) [miriki' ε] /myrykie/ 'marimbondo-chapéu', inseto da família dos vespídeos  
 (507) [nunuku' ta] /nunukuta/ 'pirambóia', peixe da família dos lepidossirenídeos

Por outro lado, em alguns casos o traço [+nas] parece, de fato, se propagar por todo o vocábulo, nasalizando as vogais e as semiconsoantes, no caso de ditongos:

- (508) [ĩ' nãj] ~ [ĩ' nãj] /iñaj/ 'ovo'  
 (509) [nĩjõpũ' õ] ~ [nĩjõpũ' õ] /niñopuõ/ 'espécie de formiga muito venenosa'<sup>57</sup>

Como a nasalização implica um leve fechamento de vogais abertas, ela pode nivelar foneticamente duas vogais e, como consequência, provocar a crase, como neste exemplo:

- (510) [põõε' rε] > [põõε' rε] > [põε' rε] /põõere/ 'capturei, peguei, pesquei'

### 3ª.) nasalização de vogais orais por presença de vogal nasal:

Nessa situação, alinham-se exemplos nos quais não se verifica consoante nasal, mas vogais nasais ou nasalizadas, onde, em primeira hipótese, ocorre propagação da nasalidade de uma para outra, o que, de fato, pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (511) [awa' kwã] ~ [awã' kwã] /awakwã/ 'socoí de cabeça castanha'<sup>58</sup>  
 (512) [peõjaõε' rε] ~ [pẽõjãõε' rε] /peõja õere/ 'estou deitado'

<sup>57</sup> Espécie de formiga de abdômen avermelhado, que vive em troncos de árvores apodrecidos (no Omeré).

<sup>58</sup> Ave ciconiforme, da família dos ardeídeos (*Zebrilus undulatus*).

Contudo, podem ser arrolados alguns itens nos quais a ocorrência de uma vogal nasal não implica nasalização das demais vogais. Logo, parece que, na maioria dos casos, a presença de uma vogal nasal não acarreta a propagação da nasalidade. Exemplos:

(513) [ikwã' tɛ] /ikwãte/ 'braçadeira de algodão'

(514) [oj iêtoɛ' rɛ] /oj iêtoere/ 'ele sabe'

(515) [ĩto' rɔ] /ĩtoro/ 'caranguejo'

#### 4<sup>a</sup>). falsa impressão de propagação da nasalidade:

É importante mencionar aqui os casos nos quais parece ocorrer propagação da nasalidade, quando isso verdadeiramente não acontece. Em Kanoê, nota-se que há vocábulos cuja estrutura mórfica é constituída de morfemas que contêm vogais nasais e, assim sendo, na junção desses morfemas, o vocábulo soa parcial ou totalmente nasalizado, gerando a falsa impressão de propagação da nasalidade de uma vogal para outra. Comparem-se:

(516) [uru' ã ãkỹjɛ' rɛ] → /uru' ã ã-kỹj e-re/ 'O rapaz é alto.'  
 rapaz      alto-MASC    DECL-AUX

(517) [ɛ ãnakɛɛ' rɛ] → /e ã-nake e-re/ 'A mulher é alta.'  
 mulher alto-FEM    DECL-AUX

(518) [æ' wɔ tēpũkỹjɛ' rɛ] → /ævo tēpũ-kỹj e-re/ 'O homem é velho.'  
 homem    velho-MASC    DECL-AUX

(519) [ɛ tēpũnakɛ' rɛ] → /e tēpũ-nake e-re/ 'A mulher é velha.'  
 mulher    velho-FEM      DECL-AUX

Da comparação entre (516) e (517) depreende-se o morfema {ã-} 'alto', constituído apenas pela vogal nasal /ã/. Comparando-se esses exemplos a (518) e (519), depreende-se o morfema {-kỹj}, que contém um ditongo nasal em sua constituição fonêmica. Ora, da junção desses dois morfemas, tem-se uma seqüência silábica (e morfêmica) cujas vogais são nasais, resultando a impressão de que houve transmissão do traço [+nas] de uma sílaba para a outra. Observa-se, porém, que em (517) e (519), embora se tenha a presença de consoante nasal, não há propagação da nasalidade.

Em um outro caso, a falsa impressão de propagação da nasalidade é decorrente da reduplicação de raízes verbais, como em [t̃wĩt̃wĩɛ' rɛ] 'está nadando'. Assim, para se compreender o fenômeno da nasalidade em Kanoê, há que se considerar também, em muitos dados, a estrutura mórfica do vocábulo, visto que a ocorrência de muitas vogais nasais nem sempre significa que houve transmissão de nasalidade de uma para outra.

A partir das oposições fonológicas entre as vogais orais e nasais, além das situações acima descritas, pode-se chegar às seguintes conclusões:

1<sup>a</sup>.) constituem os casos obrigatórios de nasalização: a) nasalização de semiconsoantes após vogal nasal ou nasalizada; b) nasalização de /u/ em sílaba tônica após consoante nasal; c) nasalização de /u/ após /ñ/, independentemente da intensidade silábica;

2<sup>a</sup>.) por conseguinte, a nasalização de vogais orais contíguas a consoantes nasais, exceto a de /u/, é assistemática e, por isso mesmo, facultativa;

3<sup>a</sup>.) em alguns casos, o traço [+nas] de uma consoante ou de uma vogal nasal pode se propagar por toda a palavra, contaminando algumas ou até mesmo todas as demais vogais;

4<sup>a</sup>.) pode haver a neutralização da função distintiva entre vogais orais e vogais nasais, após consoante nasal, se o traço [+nas] se propagar para uma vogal oral;



5ª.) em Kanoê, há que se distinguir as vogais nasais propriamente ditas e vogais nasalizadas por adjacência a uma consoante nasal ou vogal nasal ou a outra vogal nasalizada;  
6ª.) não existem semiconsoantes nasais no plano fonológico.

## 2.1.8 Quadros sinóticos dos fonemas

### 2.1.8.1 Fonemas consonantais e suas respectivas realizações fonéticas

	bilabiais	alveolares	palatais	velares
<b>plosivos:</b>	$/p/ \rightarrow \begin{cases} [p] \\ [\beta] \end{cases}$	$/t/ \rightarrow [t]$		$/k/ \rightarrow [k]$
<b>nasais:</b>	$/m/ \rightarrow [m]$	$/n/ \rightarrow \begin{cases} [ŋ] \\ [n] \end{cases}$	$/ɲ/ \rightarrow \begin{cases} [ɲ] \\ [j̃] \end{cases}$	
<b>fricativos:</b>	$/v/ \rightarrow \begin{cases} [w̃] \\ [\beta] \end{cases}$			$/h/ \rightarrow [x]$
<b>africado:</b>		$/ts/ \rightarrow \begin{cases} [s] \\ [ts] \\ [tʃ] \\ [ʃ] \end{cases}$		
<b>vibrante:</b>		$/r/ \rightarrow \begin{cases} [d] \\ [r] \end{cases}$		
<b>semiconsoantes:</b>	$/w/ \rightarrow \begin{cases} [w̃] \\ [w] \end{cases}$		$/j/ \rightarrow \begin{cases} [j^h] \\ [j̃] \\ [j] \end{cases}$	

Quadro 7: Fonemas consonantais e suas respectivas realizações fonéticas

Na descrição do sistema consonantal do Kanoê, a diferença fundamental entre a versão de 1992 e a atual análise é a postulação de  $/h/$  como fonema não como alofone de  $/k/$ , que será discutida *a posteriori* quando forem abordados os processos morfofonológicos do Kanoê. Num estudo posterior talvez se possa propor fonemas labializados, tais como  $[p^w]$  ou  $[t^w]$  e  $[k^w]$ , haja vista a freqüência de consoantes plosivas seguidas do glide  $[w]$ . Por enquanto, isso não foi possível pela carência de oposições fonológicas que assegurem consistentemente essa possibilidade.

Dos fonemas consonantais aqui arrolados, sem dúvida, o que mais apresenta variações alofônicas é  $/ts/$ , considerado como fonema único e não como seqüência de fonemas. Como se viu, qual pode se realizar como  $[s]$  ou  $[ts]$  ou  $[tʃ]$  ou ainda raramente como  $[ʃ]$ . Com base na freqüência de realizações de cada uma dessas variações, preferiu-se representá-lo aqui por  $/ts/$  e não por  $/s/$  ou  $/c/$ , antevendo uma proposta de alfabeto ortográfico mais ajustado e, medida do possível, coerente com as realizações fonéticas da língua, para evitar uma distância muito grande entre a representação gráfica e o alfabeto fonológico. Os alofones  $[tʃ]$  e  $[ʃ]$ , mais freqüentes antes de  $/i/$  e  $/u/$ , também ocorrem diante de outras

vogais e são resultantes de processos de palatalização e fricativização, respectivamente. Em Becker-Donner (1955) e Bontkes (1967), essas variações também foram registradas, como se observa no seguinte quadro comparativo:

BECKER-DONNER (1955)	BONTKES (1967)	BACELAR (1992, 1997, 2002)
Brust <i>nya'kotšī</i>		<i>na iko'tʃi</i> 'minha costela'
Handfläche <i>nya-itso</i>	mão <i>i:'so</i>	<i>na i'tso</i> 'minha mão'
Fuß <i>nya-itsatsí</i>	pé <i>itso'si</i>	<i>na itso'tsi</i> 'meu pé'
Manyok <i>tšuwá</i>	mandioca <i>tsyi'we</i>	<i>tʃu'æ</i> 'mandioca'
Kleinkind, Säugling <i>káuntsīkoá</i>	criança, bebê <i>ka'ni ~ kansiq'kua</i>	<i>ka'ni ~ kanĩtsĩ'kwa ~ uruka'nĩ</i> 'bebê'
Wasser, Igarapé <i>kontsīkoá</i>	rio <i>ku'nĩ</i>	<i>kunĩtsĩ'kwa</i> 'igarapé'
Messer, Bohrer?, Spachtel? <i>siritsinkirá, tsitsirá</i>	faca <i>tirasin'kua</i>	<i>tʃutʃi'raj</i> 'terçado' <i>tʃutʃirajtsĩ'kwa</i> 'faca'
Fett <i>tsuärä</i>	espesso, grosso <i>'siräre</i>	<i>tʃue're</i> 'gordo, espesso'
Xixa (Manyok) <i>säró</i>		<i>sero ~ tsero ~ ʃero</i> <i>ʃero ~ tʃero</i> 'chicha'
Tapir <i>itsá</i>	anta <i>i'tseʔ</i>	<i>i'sæ ~ i'tsæ</i> 'anta'

Quadro 8: Variações de /ts/

## 2.1.8.2 Fonemas vocálicos e suas respectivas realizações fonéticas

### a) fonemas vocálicos orais

	anteriores	centrais	posteriores
<b>altos:</b>	$/i/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [i] \\ [i:] \\ [i] \\ [i] \end{Bmatrix}$	$/y/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [ĩ] \\ [i^h] \\ [ĩ] \\ [ə] \end{Bmatrix}$	$/u/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [ũ] \\ [u:] \\ [u] \end{Bmatrix}$
<b>médios:</b>	$/e/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [j] \\ [ẽ] \\ [ẽ] \\ [e:] \\ [e] \end{Bmatrix}$		$/o/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [õ] \\ [õ] \\ [o] \\ [o:] \\ [o^h] \\ [o] \end{Bmatrix}$
<b>baixos:</b>	$/æ/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [æ̃] \\ [æ:] \\ [æ] \end{Bmatrix}$	$/a/ \rightarrow \begin{Bmatrix} [ã] \\ [ã] \\ [a:] \\ [a] \end{Bmatrix}$	

Quadro 9: Fonemas vocálicos orais e suas respectivas realizações fonéticas

## b) fonemas vocálicos nasais

	anteriores	centrais	posteriores
<b>altos:</b>	/ĩ/ → [ĩ]	/ɣ̃/ → [ɣ̃]	/ũ/ → [ũ]
<b>médios:</b>	/ẽ/ → $\left\{ \begin{array}{l} [ẽ] \\ [ẽ̃] \end{array} \right\}$		/õ/ → $\left\{ \begin{array}{l} [õ] \\ [õ̃] \end{array} \right\}$
<b>baixos:</b>	/ã/ → [ã]	/ã̃/ → $\left\{ \begin{array}{l} [ã̃] \\ [ã] \end{array} \right\}$	

Quadro 10: Fonemas vocálicos nasais e suas respectivas realizações fonéticas

## 2.2 O acento de intensidade silábica

Em Kanoê, o acento de intensidade silábica recai sistematicamente sobre a última sílaba, de tal forma que não é possível encontrar pares de palavras, idênticas no plano dos segmentos fonéticos, nas quais a distinção semântica seja dada pela posição do acento tônico, que funcionaria como um fonema suprasegmental. Logo, uma vez que o acento de intensidade em Kanoê é um fenômeno fonético, previsível e sem valor fonológico, sua função é meramente *demarcativa*, delimitando a fronteira entre vocábulos, conforme Weiss (1980: 68): “Quando a posição do acento é fixa, ocorrendo sempre na mesma sílaba, dá certo ritmo à fala. Quando exerce a função demarcativa, o acento não muda o sentido das palavras: é apenas um traço da língua”.

Considerada a previsibilidade do acento em Kanoê, nas transcrições fonéticas de palavras isoladas apresentadas ao longo deste trabalho, o acento tônico é marcado com um apóstrofo simples [ 'CV] antes da sílaba tônica, mas, nas transcrições fonológicas de palavras simples ou compostas descontextualizadas, o mesmo é dispensável:

- (520) [ãtãpæ' tæ itsi' tse tʃimo' ε] /ãtãpætæ ititse tsimoe/ ‘avião’  
(Lit.: ‘canoá (que) tem asa’)
- (521) [a' ɰa ara' tʃi] /ava aratsi/ ‘arara-azul’ (*Anodorhynchus leari.*), pássaro
- (522) [ketseɰe' tsoj] /ketsevetsoe/ ‘calo d’água’
- (523) [tsuætʃi' nũ kata' nẽ] /tsuætĩnu kata' ne/ ‘sopa de macaxeira’
- (524) [ɰawni' ra] /vawnira/ ‘coruja grande’ (*Pulsatrix perspicillata*), ave estrigiforme

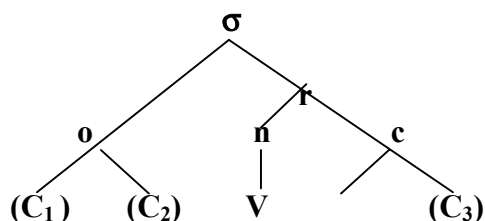
Entretanto, no âmbito da sentença, quando o acento é mais forte, coincidindo com o tom alto da sílaba tônica que representa o ápice da entoação, sobretudo nas interrogativas, o mesmo será marcado com o apóstrofo duplo nas transcrições fonéticas e com o simples, nas transcrições fonológicas, como nos exemplo abaixo:

- (525) [mĩ tse' ro i' tæ mi"tsi]      (526) [pja atso' nĩ jeko"tsi]  
/mi tsero itæ mi-'tsi/                      /pja atsoni jeko-'tsi/  
2SG chicha beber 2-INT                      2-INT2SG aldeia longe-INT  
‘Você bebe chicha?’                              ‘Tua aldeia está longe?’

## 2.3 Estruturas silábicas

### 2.3.1 Padrões silábicos

Na constituição das palavras do Kanoê, no plano fonológico, ocorrem as seguintes estruturas silábicas: /V/, /VC/, /CV/, /CVC/, /CCV/, confirmadas ao longo desta reavaliação da língua. Considerando que as configurações /V/ e /CV/ ocorrem indiscutivelmente com maior frequência e que, além disso, não estão sujeitas a restrições de ocorrência no nível fonotático, pode-se dizer que o modelo canônico de sílaba é /(C)V/, do qual decorrem os demais padrões silábicos pela inserção de um glide, seja /w/ ou /j/. Em representação arbórea, onde  $\sigma$  = sílaba,  $\mathbf{o}$  = ataque ou *onset*,  $\mathbf{n}$  = núcleo,  $\mathbf{r}$  = rima, e  $\mathbf{c}$  = coda, tem-se a seguinte estrutura, na qual o único elemento obrigatório é o V:



Logo, as configurações silábicas na fórmula geral:  $(C_1) (C_2) V (C_3)$ . Como não existem tritongos no plano fonológico, a ocorrência de uma semiconsoante em  $(C_2)$  implica que  $(C_3)$  fique vazia, e vice-versa.. As posições silábicas são preenchíveis do seguinte modo: a) em  $(C_1)$  podem ocorrer quaisquer consoantes; b) em  $(C_2)$  apenas /w/ e /j/; c) em V, qualquer vogal; d) em  $(C_3)$  somente /w/ e /j/ e, eventualmente, /m/ e /n/, em casos muitíssimo limitados, em decorrência de processo morfofonológico (vide 2.4.1).

No Quadro 11, a seguir, são analisadas as combinações fonotáticas entre consoantes e vogais, orais e nasais, em sílabas do padrão CV, exceto as de /w/ e /j/.

VOGAIS	AMBIENTES FONOTÁTICOS DE OCORRÊNCIA : /C__									
	p__	t__	k__	m__	n__	ñ__	v__	ts__	r__	/h__
/a/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/ã/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/æ/	+	+	+	+	-	-	+	+	+	-
/æ̃/	+	+	+	+	-	-	+	-	-	-
/e/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/ẽ/	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-
/i/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/ĩ/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
/y/	+	+	+	+	-	-	+	+	+	-
/ỹ/	+	+	+	-	-	-	+	-	-	-
/o/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/õ/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/u/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/ũ/	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-

Quadro 11: Combinações fonotáticas entre vogais e consoantes

No quadro acima, nota-se que não há muitas restrições de combinações fonotáticas entre vogais e consoantes, salvo as de /h/, que só aparece antes de /ĩ/. Observa-se

ainda que não foram registradas ocorrências de /ts/ e /r/ antes de /ã/, /ẽ/ e /ỹ/, nem das consoantes nasais /n/ e /ñ/ antes de /ã/, /y/ e /ỹ/.

No Quadro 12, a seguir, a distribuição seqüencial dos padrões silábicos do Kanoê é demonstrada e exemplificada:

AMBIENTES DE OCORRÊNCIA	PADRÕES SILÁBICOS				
	V	VC	CV	CVC	CCV
#__#	<i>e</i> ‘mulher’	<i>aj</i> ‘eu’	<i>tẽ</i> ‘coco’	<i>pyj</i> ‘cupim’	<i>pja</i> ‘teu, tua’
V.__#	<i>a. e</i> ‘vegetação’		<i>e. py</i> ‘castanha’	<i>i. taw</i> ‘língua’	<i>æ. vjũ</i> ‘paca’
VC.__#			<i>aj. te</i> ‘nós’		<i>oj. twa</i> ‘gripe’
CV.__#	<i>ky. y</i> ‘sal’	<i>ka. pe. ãw</i> ‘Vamos!’	<i>ke. ke</i> ‘avó’	<i>tæ. ræj</i> ‘pacu’	<i>te. kwa</i> ‘semente’
CVC.__#			<i>twĩ. pæ</i> ‘curica’	<i>o. roj. kaj</i> ‘assado’	<i>e. rej. kwa</i> ‘seringueira’
CCV.__#	<i>kwe. o</i> ‘botoque labial’		<i>kje. te</i> ‘casca’	<i>kwi. kaj</i> ‘sol’	
(C)V.__V	<i>e. a. e. re</i> ‘tuxaua’		<i>i. ka. u</i> ‘seruaia’		<i>te. kwa. e. re</i> ‘grávida’
__.CV	<i>æ. ky</i> ‘banana’	<i>oj. te</i> ‘eles’	<i>ka. ra. na. ko</i> ‘pataua’	<i>tyj. ko</i> ‘bicho-de-pê’	<i>kwi. te</i> ‘garça branca’
V.__CV	<i>a. e. ni</i> ‘no mato’		<i>ĩ. ka. ko</i> ‘coco injá’	<i>e. nej. pe</i> ‘grandiúva’	<i>i. kwa. tæ</i> ‘bracelete de algod.’
V.__CCV			<i>i. kũ. kwa</i> ‘coração’	<i>e. rej. kwa</i> ‘seringueira’	
VC.__V			<i>oj. te. o</i> ‘deles’	<i>ej. kaw. e. re</i> ‘grande + IN’	<i>ej. kwa. e. re</i> ‘grande + CLE’
VC.__C			<i>ej. ka. ñu</i> ‘nariz grande’		
CV.__V			<i>ta. ru. i</i> ‘pimenta’		<i>tso. e. ky. pwa. e</i> ‘bagre’
CV.__CV	<i>py. y. tsi</i> ‘mutum’		<i>ma. pi. ka</i> ‘arco de flecha’	<i>pu. raj. ko</i> ‘cigarra grande’	<i>e. py. kwa. mu</i> ‘chicha de amendoim’
CVC.__V			<i>pwi. ni. ky</i> ‘tatarana (esp.)’		
CVC.__CV	<i>kwi. o. ni</i> ‘na arapuca’		<i>kwi. ni. te</i> ‘muitos peixes’		
CCV.__V	<i>kwi. o.</i> ‘arapuca’		<i>kwi. ni. o</i> ‘de peixe’		
CCV.__C(C)V	<i>kwa. a. tsi. e</i> ‘sapo’		<i>ta. ma. kwi</i> ‘jaburu’	<i>kwi. vej. taw</i> ‘barbear-se’	
#__.V	<i>i. a</i> ‘boca’		<i>ky. y</i> ‘sal vegetal’		<i>kwe. o</i> ‘botoque’
#__.VC		<i>ew. ew. ro. e. re</i> ‘arrotou’	<i>py. ej. tâw</i> ‘sopra!’		
#__.CV	<i>o. ti</i> ‘algodão’	<i>ej. ka. ñu</i> ‘bico grande’	<i>ko. re</i> ‘papagaio’	<i>vaj. ro. e</i> ‘fumaça’	<i>pja. to</i> ‘de vocês’
#__.CVC	<i>u. paw</i> ‘mão de pilão’		<i>na. kaw</i> ‘perereca’	<i>tsõj. tsõj</i> ‘colibri (espécie)’	<i>pwã. kÿj</i> ‘nome’
#__.CCV	<i>i. kwã</i> ‘chifre, corno’	<i>oj. twa. e</i> ‘gripe’	<i>ti. kwa</i> ‘cartucho’	<i>rwa. kwa. mo. e</i> ‘quebrado (braço)’	<i>twĩ. twĩ. ne. re</i> ‘está nadando’

Quadro 12: Ambientes fonotáticos dos padrões silábicos

No quadro anterior, nota-se que, quanto às posições de ocorrência, a distribuição sequencial dos padrões silábicos do Kanoê não apresenta muitas restrições, de sorte que eles podem ocorrer: a) isolados; b) em posição inicial, c) em posição medial; d) em posição final. Em todos esses casos, na configuração silábica dos vocábulos, os padrões silábicos podem ocorrer precedendo ou seguindo uns aos outros, na grande maioria dos casos. Somente o padrão VC tem probabilidades de ocorrências muito restritas, analisados todos os ambientes fonotáticos possíveis.

### 2.3.2 Sílabas fonológica versus sílaba fonética

Em Kanoê não coincidem necessariamente as configurações silábicas fonéticas e fonológicas, embora isto ocorra em boa parte dos casos. As possibilidades de realização de sílaba fonológica no plano fonético são ilustradas pelos exemplos abaixo, nos quais V = vogal oral ou nasal, C = consoante oral ou nasal; v = vocóide oral, v̄ = vocóide nasal, c = contóide oral; c̄ = contóide nasal; ɣ = vocóide assilábico ou semivogal:

(527) /y/	V	[í]	v	‘espinho’
(528) /oj/	VC	[oj]	vc	‘ele’
(529) /i.ni/	V.CV	[i.nĩ]	v.cv̄	‘fogo’
(530) /i.ni/	V.CV	[ĩn]	v̄c̄	‘fogo’
(531) /jũ/	CV	[jũ]	ɣv̄	‘este’, ‘esta’
(532) /ka.ni/	CV.CV	[kãñ]	c̄v̄c̄	‘criança’
(533) /ku.ni/	CV.CV	[kũñ]	c̄v̄c̄	‘água’
(534) /ño.mu/	CV.CV	[nõm]	c̄v̄c	‘roça’
(535) /oj.te/	VC.CV	[oj. 'tɛ]	vɣ.cv	‘eles’
(536) /na.kaw/	CV.CVC	[nã. 'kaw]	c̄v̄.cvɣ	‘perereca’
(537) /twĩ.pæ/	CCV.CV	[twĩ. 'pæ]	cɣv̄.c̄v̄	‘curica’
(538) /i.rãw/	V.CVC	[i. 'rãw]	v.c̄v̄v̄	‘carne’
(539) /ĩ.kũ.kũ/	V.CV.CV	[ĩ'kũ. 'kũ]	v̄.c̄v̄.c̄v̄	‘jabuti’
(540) /tso.æ.ky.pwa.e/	CV.V.CV.CCV.V	[tso.æ.kĩ.pwa. 'ɛ]	cv.v.c̄v̄.c̄v̄.c	‘mandi’

Foi registrado um caso muito peculiar de diferença entre os padrões silábicos fonológicos e fonéticos: trata-se da ocorrência de c̄cv no plano fonético, como resultado da queda medial de [ɛ] /e/, na fronteira final de algumas estruturas verbais, apenas na fala distensa. De fato, comparando-se os exemplos (541) e (542), abaixo, nota-se que um vocábulo tetrassilábico é reduzido a trissilábico, em decorrência da queda da vogal supracitada. O fenômeno acarreta o encontro de [n] /n/ e [r] /r/ numa mesma sílaba e, com isso, possivelmente por assimilação regressiva, /r/ se realiza como [d]:

(541) /ma.ma.ne.re/	CV.CV.CV.CV	[ma.ma. 'ndɛ]	cv.v.c̄cv	‘está mordendo’
(542) /ma.ma.ne.re/	CV.CV.CV.CV	[ma.ma.nɛ.rɛ]	cv.cv.c̄v.cv	‘está mordendo’

### 2.3.3 Ditongos

Numa primeira análise, como os fonemas /w/ e /j/ estão sendo interpretados como consoantes, não há ditongos em Kanoê. Assim, esses fonemas apenas entram na configuração dos padrões silábicos VC e CV ou das estruturas silábicas mais complexas, dos padrões CVC e CCV. De um modo geral, podem ocorrer após as demais consoantes, exceto /h/.

Por outro lado, as semiconsoantes /w/ e /j/ são também fonemas semivocálicos, já que apresentam traços comuns a vogais e consoantes. Logo, podem ser interpretados como semivogais, que compõem os tipos de sílabas mais complexos. Nessa linha de

raciocínio, em Kanoê são encontráveis ditongos orais e nasais, ambos resultantes da combinação das vogais orais e nasais com essas semivogais. Não existem tritongos.

Com efeito, /w/ e /j/ podem ocorrer antes ou após as vogais, orais ou nasais, salvo nas combinações /wy/, /wỹ/, /wu/, /wũ/, /ij/ e /ĩj/. No plano fonético, de acordo com as regras de nasalização das vogais, os ditongos orais se nasalizam após as consoantes nasais. Os ambientes fonotáticos dos ditongos são descritos nos subtópicos a seguir.

### 2.3.3.1 Ambientes fonotáticos de ocorrência dos ditongos orais

Para uma da análise das probabilidades fonotáticas de ditongos, após cada uma das consoantes do sistema fonológico do Kanoê, foi feita uma tabela, em cuja primeira coluna vertical à esquerda foram colocadas todas as possibilidades virtuais de ditongos orais em Kanoê, a partir da combinação das vogais orais com as semiconsoantes. Nas colunas à direita, após a verificação dos dados disponíveis, para cada caso de ditongos foram assinaladas as ocorrências fonotáticas encontradas. Os ditongos virtuais, i. e., aqueles para os quais não se encontraram casos de realização concreta, como por exemplo /æw/, foram eliminados, de tal modo que, como resultado final, restaram apenas os ditongos reais, conforme o Quadro 13:

DITONGOS ORAIS	AMBIENTES FONOTÁTICOS DE OCORRÊNCIA : / C__									
	/p__	/t__	/k__	/m__	/n__	/ñ__	/v__	/ts__	/r__	/h__
/aw/	+	+	+	+	+	-	+	+	+	-
/ew/	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/iw/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/yw/	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
/ow/	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
/aj/	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
/æj/	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-
/ej/	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-
/yj/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/oj/	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-
/uj/	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-
/wa/	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-
/we/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/wi/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/ja/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/je/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-

Quadro 13: Ditongos orais e suas respectivas combinações fonotáticas

Observa-se que a maioria dos ditongos orais potencialmente pode ocorrer após as consoantes plosivas surdas, mas existem restrições de ocorrência em relação às demais consoantes, exceto /aj/, que pode ocorrer após qualquer uma delas, exceto /h/. O mesmo procedimento foi empregado para a análise dos ambientes de ocorrência dos ditongos nasais no corpo do vocábulo. No Quadro 14, a seguir, são demonstradas as possibilidades de ocorrência dos ditongos orais, em relação aos ambientes fonotáticos, no corpo do vocábulo:

DITONGOS ORAIS	AMBIENTES DE OCORRÊNCIA								
	# __#	#_.V	# __.C	V. __.V	V. __.C	C __.V	C __.C	V. __#	C __#
/aw/	-	+	-	-	-	+	+	-	+
/ew/	-	+	-	-	-	-	-	-	-
/iw/	-	-	-	-	-	-	+	-	+
/aj/	+	+	+	+	+	+	-	-	+
/æj/	+	-	+	-	-	-	+	-	-
/ej/	-	-	+	-	-	-	-	-	-
/yj/	+	-	-	-	-	+	-	-	+
/oj/	+	+	+	-	-	-	+	-	-
/uj/	-	-	-	-	-	+	+	-	+
/wa/	-	-	-	-	-	-	+	-	+
/we/	-	-	-	-	-	+	-	-	-
/wi/	-	-	-	-	-	-	-	-	+
/ja/	-	+	+	+	-	-	+	-	+

Quadro 14: Ambientes de ocorrência dos ditongos orais

### 2.3.3.2 Tipologia dos de ditongos orais e respectivos exemplos:

#### a) Ditongos orais do tipo vogal oral + semiconsoante:

/aw/	Ex.: (543) [u <sup>1</sup> paw] /u. paw/ ‘mão de pilão’, (544) [nã <sup>1</sup> kaw] /na. kaw/ ‘perereca’, anfíbio anuro arborícola
/ew/	(545) [ewewõrɔɛ <sup>1</sup> rɛ] /ew. ew. õ. ro. e. re/ ‘estou arrotando’
/iw/	(546) [ɛ <sup>1</sup> tsiw] ~ [ɛ <sup>1</sup> tʃiw] /e. tsiw/ ‘maracanã’, pássaro <sup>59</sup>
/aj/	(547) [ajtɛ <sup>1</sup> ɔ] /aj. te. o/ ‘nosso, nossa’, nossos, nossas’ (548) [kwi <sup>1</sup> kaj] /kwi. kaj/ ‘sol’
/æj/	(549) [æj <sup>1</sup> mu] /æj. mu/ ‘chá de folha’ (550) [pæ <sup>1</sup> tæj] /pæ. tæj/ ‘buriti’ ( <i>Mauritia vinifera</i> , <i>M. flexuosa</i> )
/ej/	(551) [ĩpakej <sup>1</sup> kÿj] /ĩ. na. kej. kÿj/ ‘murici’, muricizeiro <sup>60</sup>
/yj/	(552) [ki <sup>1</sup> j] /kyj/ ‘ferrão de vespa’
/oj/	(553) [oj <sup>1</sup> tɛɔ] /oj. teo/ ‘dele, dela, deles, delas’ (554) [orɔj <sup>1</sup> kaj] /o. roj. kaj/ ‘assado’
/uj/	(555) [ta <sup>1</sup> ruj] /ta. ruj/ ‘casa de cupim’

#### b) ditongos orais do tipo semiconsoante + vogal oral:

/wa/	Ex.: (556) [wa <sup>1</sup> kɔ] /wa. ko/ ‘esteio, haste’ (557) [otɔki <sup>1</sup> twa] /i. to. ky. twa/ ‘garganta’
------	--

<sup>59</sup> Designação comum de aves psitacíformes, da família dos psitacídeos: a) *Propyrrhura maracana* (Vieil), b) *Diopsittaca nobilis* (L.), da região amazônica. c) *Psittacara leucophthalma* (Mul.).

<sup>60</sup> Nome comum a várias espécies de árvores do gênero *Byrsonima*, da família das malpighiáceas.



/we/	(558) [pwe <sup>1</sup> nê] /pwe.ne/ ‘cozido’ (559) [kwe <sup>1</sup> o] /kwe.o/ ‘botoque labial’
/wi/	(566) [kwi <sup>1</sup> nî] /kwi.ni/ ‘peixe’ (560) [tama <sup>1</sup> kwi] /ta.ma.kwi/ ‘jaburu’, ave ciconídea
/ja/	(561) [ja <sup>1</sup> to] /ja.to/ ‘nosso, nossa, nossos, nossas’ (562) [pja] /pja/ ‘teu, tua, teus, tuas’
/je/	(563) [eju <sup>1</sup> kje] /ej.u.kje/ ‘lado direito’ (564) [kje <sup>1</sup> tɛ] /kje.te/ ‘casca (de amendoim)’

### 2.3.3.3 Ambientes fonotáticos de ocorrência dos ditongos nasais

O procedimento analítico para os ditongos nasais foi idêntico ao dos orais. Os ditongos nasais virtuais, i. e., aqueles para os quais não se encontraram casos de realização concreta, como por exemplo /êw/ e /ÿw/ foram eliminados, de tal modo que, como resultado final, restassem apenas os ditongos nasais reais, como no Quadro 15:

DITONGOS NASAIS	AMBIENTES FONOTÁTICOS DE OCORRÊNCIA : / C__									
	p__	t__	k__	m__	n__	ñ__	v__	ts__	r__	/h__
/ãw/	+	+	+	-	-	-	-		+	-
/ôj/	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
/ũj/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/wã/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/wê/	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
/wî/	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
/jũ/	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-

Quadro 15: Ditongos nasais e suas respectivas combinações fonotáticas consonantais

O quadro acima revela que todos os ditongos nasais, em geral, podem ocorrer após as consoantes plosivas surdas, mas há restrições de ocorrência em relação às demais consoantes, sobretudo /h/. Os ditongos nasais /ôj/ e /wã/ têm ambientes muito restritos e, além disso, são de baixíssima frequência na língua. Em Kanoê, o ditongo nasal por excelência é /jũ/ que, ao contrário dos demais, pode configurar uma forma livre, tem alta frequência e maior amplitude em relação às probabilidades de ocorrência.

Por outro lado, os ambientes fonotáticos dos ditongos nasais são demonstrados no Quadro 16:

DITONGOS NASAIS	AMBIENTES DE OCORRÊNCIA								
	# __#	# __.V	# __.C	V. __.V	V. __.C	C __.V	C __.C	V. __#	C __#
/ôj/	-	-	-	-	-	-	-	-	+
/ũj/	-	-	-	-	-	-	-	-	+
/wã/	-	-	+	-	+	-	+	-	+
/wê/	-	-	-	-	-	-	-	-	+
/wî/	-	-	-	-	-	-	+	-	+
/jũ/	+	-	+	+	+	+	+	-	+

Quadro 16: Ambientes de ocorrência dos ditongos nasais

### 2.3.3.4 Tipologia dos ditongos nasais e respectivos exemplos

a) ditongos nasais do tipo vogal nasal + semiconsoante:

/ãw/	Ex.: (565) [i' rãw̃] /i. rãw/ 'carne'
	(566) [kape' ãw] /ka. pe. ãw/ 'Vamos!'
/ỹj/	(567) [i' kĩj̃] /i. kũj/ 'olho'
	(568) [mõkĩj̃nɛ' rɛ] /mo. kũj. ne. re/ 'está dormindo'
/õj/	(569) [tʃõjraɛ] /tsõj. ra. e/ 'beijo'
	(570) [tsõtsõj' ko] /tsõ. tsõj. ko/ 'besouro', esp. de inseto
/ũj/	(571) [kũ' kũj̃] /kũ. kũj/ 'cinza'

b) ditongos nasais do tipo semiconsoante + vogal nasal:

/wã/	Ex.: (572) [i' kwã] /i. kwã/ 'chifre'
	(573) [wãko] /wã. ko/ 'alto, nas alturas'
/wã̃/	(574) [tʃu' kwã̃] /tsu. kwã̃/ 'índio, nu'
/wĩ/	(575) [pĩtsi' kwĩ] /pi. tsi. kwĩ/ 'pipira, sanhaço'
/jũ/	(576) [jũ] /jũ/ 'este, esta, estes, estas'
	(577) [æw̃jũ] /æ. vjũ/ 'paca' ( <i>Agouti paca</i> ), mamífero roedor

### 2.3.4 Hiatos

Considerando que os padrões silábicos canônicos mais produtivos do Kanoê são V e CV, nota-se que, tanto no plano fonético quanto no fonológico, a língua se caracteriza por um grande número de hiatos (encontro de vogais de sílabas distintas), para os quais parece não haver restrições de ocorrência, embora eles ocorram, com maior frequência, no interior e no final das palavras. Em hipótese, não há quaisquer impedimentos fonotáticos para a realização dos diversos tipos de hiatos resultantes de todas as possibilidades de encontros vocálicos. No plano fonético, evidenciam-se todas essas possibilidades, considerando-se que as vogais orais podem sofrer nasalização, quando ocorrem contíguas a consoante nasal ou a outra vogal nasal. Para ilustrar, vejam-se alguns exemplos, nos quais ocorrem hiatos entre vogais orais e nasais:

(578) [niñõpũ' õ] ~ [niĩjõpũ' õ] /ni. ño. pũ. õ/ 'aranha d'água', esp. de inseto

(579) [aj pɛõjaõɛ' rɛ] ~ [aj pẽõjãõɛ' rɛ] /aj pe-õ-ja õ-e-re/

1SG deitar-1-DIR 1-DECL-AUX

'Eu estou deitado.'

(580) [aj na tĩjni wĩriõtoõɛ' rɛ] /aj na tyj-ni vyry-õ-to õ-e-re/

1SG POSS1SG casa-OBL entrar-1-DIR 1-DECL-AUX

'Eu estou deitado.'

Em (578), morfologicamente indecomponível, observa-se o encontro de duas vogais nasais no fim da palavra, talvez por propagação da nasalidade à distância. Já em (579) e (580), a ocorrência de {-õ}, marca flexional de primeira pessoa, implica a realização de hiatos entre a vogal nasal e a vogal oral no plano fonológico. Assim, num primeiro caso, a composição fonêmica de um vocábulo pode, em si mesma, conter um hiato, como em (578). Num segundo caso, a configuração morfológica das palavras, como em (579) e (580), pode favorecer à realização dos diversos tipos de hiatos em fronteiras de morfemas, sobretudo nas estruturas verbais. No plano fonológico, um levantamento preliminar revelou as seguintes possibilidades de ocorrência de hiatos, claramente perceptíveis na pronúncia:

/a/./e/	Ex.:	(581) [aɛ' nĩ] /a. e. nĩ/ 'no mato'
/a/./i/		(582) [aʷai' ko] /a. va. i. ko/ 'pena de arara'
/a/./ĩ/		(583) [aĩ' ka] /a. ĩ. ka/ 'tipió' ( <i>Sicalis luteola luteiventris</i> ), pássaro
/a/./y/		(584) [ĩtaitʃi' ɛ] /y. ta. y. tsi. e/ 'barba'
/a/./o/		(585) [ɔpɛra' ɔ i' kĩj] /o. pe. ra. o i. kũj/ 'olho da onça'
/a/./u/		(586) [ika' u] /i. ka. u/ 'seruaia' ( <i>Cassia leiandra</i> ), esp. de árvore
/æ/./o/		(587) [uræ' ɔ] /u. ræ. o/ 'de porco, do porco'
/e/./a/		(588) [ɛ' a] /e. a/ 'cumaru-ferro', árvore da fam. das leguminosas
/e/./ã/		(589) [ɛrɛãɛ' rɛ] /e. re. ã e. re/ 'é grande'
/e/./i/		(590) [karotie' i] /ka. ro. ti. e. i/ 'pinguela, ponte rústica'
/e/./o/		(591) [ɔʷɛokĩ' kɛ] /o. ve. o. ky. kɛ/ 'coelho'
/e/./õ/		(592) [tsakeoki' ti] /tsa. ke. õ. ky. ty/ 'do outro lado'
/e/./u/		(593) [pɛuta' ɛ] /pe. u. ta. e/ 'tapioca, beiju'
/i/./a/		(594) [ũromũ' ɔ i' a] /ũ. ro. mu. o i. a/ 'boca do jacaré'
/i/./ã/		(595) [ɛmi' ã] /e. mi. ã/ 'abelha lambe-olho', inseto meliponídeo
/i/./e/		(596) [weti' ɛ ja' ti] /wæ. ti. e ja. ti/ 'capim-estrela', erva
/i/./o/		(597) [kiki' ɔ] /ki. ki. o/ 'do periquito'
/y/./y/		(598) [tĩĩ' tʃi] /ty. y. tsi/ 'saúva', inseto da fam. formicídea
/y/./o/		(599) [ɔki' ɔ] /o. ky. o/ 'da cobra'
/i/./o/		(600) [imi' ɔ] /i. mi. o/ 'arapuca', armadilha para pássaros
/i/./u/		(601) [piuru' ru] /pi. u. ru. ru/ 'bico-de-brasa', esp. de pássaro
/y/./e/		(602) [tɛpiɛ' rɛ] /te. py. e. re/ 'é terra'
/y/./y/		(603) [piĩ' tsi] /py. y. tsi/ 'mutum', ave galiforme cracídea
/y/./o/		(604) [kiki' ɔ] /ky. ky. o/ 'prego'
/o/./a/		(605) [moakã] /mo. a. kã/ 'alma, espírito'
/o/./ã/		(606) [toãkũ] /to. ã. kũ/ 'Toankum (personagem mítica)'
/o/./æ/		(607) [itɔæ' tæ] /i. to. æ. tæ/ 'queixo'
/o/./e/		(608) [ɛmo' ɛ] /e. mo. e/ 'sêmen'
/o/./i/		(609) [mũjɔitẽ' nãj] /mu. jo. i. te. ñaj/ 'tio materno'
/o/./y/		(610) [kunĩɔ' i] /ku. ni. o. y/ 'anzol'
/o/./o/		(611) [o <sup>2</sup> o <sup>2</sup> dɔɛ' rɛ] /o. o. do. e. re/ 'está roendo'
/u/./a/		(612) [mũku' a] /mu. ku. a/ 'cera preta de abelha'
/u/./ã/		(613) [uruã' tɛ] /u. ru. ã. te/ 'rapazeada, muitos rapazes'
/u/./æ/		(614) [tʃu' æ] /tsu. æ/ 'mandioca'
/u/./e/		(615) [tu' ɛ] /tu. e/ 'caucho' ( <i>Castilloa ulei</i> ), árvore morácea
/u/./i/		(616) [taru' i] /ta. ru. i/ 'pimenta'
/u/./y/		(617) [taru' i] /ta. ru. y/ 'camarão de água doce'
/u/./o/		(618) [munu' o mũj] /munu. o muj/ 'a mãe de Munu'
/u/./u/		(619) [tuu' tu] /tu. u. tu/ 'lírio, flor de lírio'
/ã/./o/		(620) [ɲa' ãtã' o] /ɲa. ã. tã. o/ 'de minha tia'
/ẽ/./a/		(621) [ẽtẽæ' rɛ] /ẽ. tẽ. a. e. re/ 'está estragado'
/õ/./õ/		(622) [mõõ' kũjõɛ' rɛ] /mo. õ. kũj. õ. e. re/ 'durmo'
/ũ/./o/		(623) [tɔãkũ' ɔ mũj] /to. ã. kũ. o muj/ 'mãe de Toankum'

## 2.4 Processos morfofonológicos

Em Kanoê, além dos casos de alofonia que implicam automaticamente alomorfia, em determinados casos a variação morfêmica também pode ser decorrente de alguns processos morfofonológicos, os quais serão abordados dos tópicos a seguir:

### 2.4.1 Queda de vogais nasalizadas e alomorfia

A queda de vogais altas nasalizadas após consoantes nasais é um fenômeno de baixa frequência na língua. Pode ocorrer em posição medial, i.e., no interior do vocábulo e, sobretudo, em fronteira final de algumas palavras bi- ou trissilábicas. Após a transmissão da nasalidade para a vogal precedente, a vogal nasalizada que ocorre após uma consoante nasal sofre queda. Isso implica uma reacomodação da configuração silábica, de tal modo que os vocábulos trissilábicos são reduzidos a dissilábicos e, por sua vez, os dissilábicos reduzidos a monossilábicos. Alguns exemplos:

(624)  $[kamĩ' tʃi] > [kãm' tʃi] > [kã' tʃi] \rightarrow /ka.mi.tsi/$  ‘ontem’  
 $cv. \tilde{c}\tilde{v}. cv > c\tilde{v}\tilde{c}. cv > c\tilde{v}. cv \quad /CV.CV.CV/$

Conseqüentemente, em (624),  $\{kamĩtsi\}$  apresenta alomorfia, conforme a regra abaixo, onde (<f) = menor frequência e (>f) = alta frequência, destacada em negrito:

$$\{kamĩtsi\} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [kami' tsi] \\ [kãm' tsi] \\ [kã' tsi] \end{array} \right\} \begin{array}{l} (<f) \\ (<f) \\ (>f) \end{array} = \text{‘ontem’}$$

(625)  $[omĩ' kwa] > [õm' kwa] > [õ' kwa] /omikwa/$  ‘pássaro’  
 $v. \tilde{c}\tilde{v}. ccv > \tilde{v}\tilde{c}. ccv > \tilde{v}c. ccv > \tilde{v}c. ccv \quad /V.CV.CCV/$

Logo, o morfema  $\{okwã-\}$  ‘pássaro’, apresenta as seguintes realizações alomórficas:

$$\{okwã-\} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [omĩkwa] \\ [õmikwa] \\ [õkwa] \end{array} \right\} \begin{array}{l} (<f) \\ (<f) \\ (>f) \end{array} \text{ ‘pássaro’}$$

Num raciocínio inverso, nos alomorfes  $[kami' tsi]$  e  $[omikwã-]$  poderia ser postulada a *epêntese* de /i/, porque o fenômeno se dá em sílaba medial. Mas há outros casos de queda medial de /i/, como em (627), abaixo. Além disso, por analogia com os demais casos de queda de /i/ ou de /u/ em final de vocábulo, torna-se mais econômico e mais coerente interpretar esses casos raros também como supressão de fonema. Assim, elimina-se qualquer possibilidade de vogais epentéticas. É bom lembrar que apenas essas duas vogais altas são suprimidas e que isso só acontece na fala distensa. Caso contrário, se a pronúncia é menos relaxada, /i/ e /u/ se realizam plenamente.

Uma vez que o morfema é uma entidade abstrata, pertencente ao domínio da *langue* (“língua”) enquanto unidade mínima da primeira articulação, e não da *parole* (“fala”), no sentido saussuriano dos termos, diante do fenômeno da queda de vogais nasais, no presente trabalho o mesmo será representado por sua realização alofônica mais produtiva, razão pela qual aparece a forma  $\{\tilde{o}-\}$  no exemplo acima. A intenção é não criar uma distância muito grande entre a representação abstrata e a realidade fonética da língua, vislumbrando sua representação posterior numa proposta de alfabeto ortográfico. Constituem casos análogos de alomorfia decorrentes do mesmo processo:

(626)  $[ka' nĩ] > [kã' nĩ] > [kãn] /ka.ni/$  ‘criança, menino(a), filho(a)’

(627)  $[kanĩ' tɛ] > [kãn' tɛ] /ka.ni.te/$  ‘criaçada, muitas crianças’

(628)  $[i' nĩ] > [ĩn] /i.ni/$  ‘fogo’

(629)  $[ku' nĩ] > [kun] > [kũn] /ku.ni/$  ‘água’

- (630) [nɔ' mũ] > [nõm] > [nũm] /ño.mu/ 'roça, plantação'  
 (631) [urɔ' mũ] > [urõm] /u.ro.mu/ 'jacaré', réptil da família dos aligatorídeos

#### 2.4.2 Vocalização de /ñ/ e alomorfia

Um outro processo que se verifica com relativa frequência no material fonético do Kanoê é a vocalização de /ñ/, que se realiza como [n] e, alternativamente, como [j], sobretudo em posição inicial ou intervocálica, gerando alomorfia, conforme a seguinte regra facultativa e respectivos exemplos:

$$/ñ/ \rightarrow [n] \sim [j] / \left( \begin{array}{c} (\#) \\ (V) \end{array} \right) \_V$$

- (632) [nũ' wi] ~ [jũ' wi] /ñuvi/ 'veado'  
 (633) [na] ~ [nã] ~ [jã] /ñã/ 'meu, minha, meus, minhas'  
 (634) [ɔpẽ' ra pũpũ' nɛ] ~ [ɔpẽ' ra pũpũ' jẽ] /opera pupujñe/ 'onça pintada'<sup>61</sup>  
 (635) [tẽɲɔ' ɛ] ~ [tẽjɔ' ɛ] /teñoe/ 'abelha do canudo vermelho'<sup>62</sup>  
 (636) [ikã' nũ] ~ [ika' nũ] ~ [ika' jũ] /ikañu/ 'nariz, bico'

#### 2.4.3 Ditongação e alomorfia

O processo mais evidente de ditongação pode ser notado nos hiatos /a.e/ e /o.e/, em fronteira final de vocábulo, gerando alomorfia, em alguns nomes terminados por esses encontros vocálicos, e nos nomes deverbais, nos quais a vogal /e/ constitui por si mesma o morfema nominalizador {-e}. Nos dois casos, essa vogal sofre processos de palatalização e consonantização simultâneos e, por isso, realizando-se como [j], ditonga-se com a vogal precedente. No nível fonético, esse fenômeno obviamente acarreta reestruturação silábica e, no nível morfológico, a alomorfia da raiz nominal, ou do morfema nominalizador, nos nomes deverbais. Exemplos:

- (637) [kũko' ɛ] ~ [kũ' koj] /kũkoe/ 'tatu', mamífero da fam. dos dasipodídeos  
 (638) [i' tsa] ~ [i' tʃa] ~ [itsa' ɛ] ~ [i' tsaj] /itsae/ 'anoitecer'  
 (639) [pajɔ' ɛ] /pajroe/ 'risada'  
 (640) [tʃutʃiro' ɛ] ~ [tʃutʃi' roj] /tsutsi-ro-e/ 'terçado, facão'  
 (641) [tĩwɔ' ɛ] ~ [tĩ' wɔj] /tyvoj/ 'assado, moquém, grelhado'

Em alguns nomes é difícil determinar se houve ou não ditongação, pois o processo parece ter se cristalizado de tal modo que, sistematicamente, nas transcrições fonéticas das três sessões de trabalho de campo, não foram registradas palavras com o hiato /a.e/, mas somente o ditongo /aj/. Um bom exemplo é [kwi' kaj] /kwikaj/ 'sol' que, em todas as gravações, aparece com essa mesma forma fonética. Entretanto, quando se compara esse item com a transcrição de Bontkes (1967: 6), verifica-se que o lingüista norte-americano registrou [kuika' ɛ]. Ainda que se atribua a diferença de transcrição a divergências de percepção individual na audição do mesmo dado, por analogia com outros casos, é possível perceber aí o fenômeno da ditongação.

Por outro lado, se o mesmo item for comparado a [i' tsa] /itsa/ 'anoitecer', nota-se que esse nome, em outros registros, pode se realizar como [itsa' ɛ], onde se verifica o hiato, ou como [itsaj], que é inegavelmente a forma fonética de maior frequência, na qual acontece a ditongação. Assim sendo, comparando-se [kwikaj] e

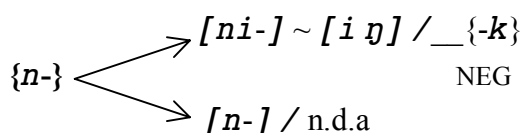
<sup>61</sup> Jaguapinima, mamífero carnívoro família dos felídeos (*Panthera [Jaguarius] onça*).

<sup>62</sup> Espécie de inseto da superfamília apoidea.

*[i' tsa]*, observa-se que o último pode se realizar sem o nominalizador, o que não acontece o primeiro, do qual não se tem nenhum registro apenas como *[kwi' ka]*. Diante do impasse, na 3ª. sessão de trabalho de campo junto aos informantes Kanoê do Omeré, esse item foi novamente testado com os três falantes monolíngües (Purá, Txinamanty e Tutuá) e o resultado foi sistematicamente *[kwi' kaj]*. Chegou-se à conclusão de que a ditongação já se cristalizou em determinados vocábulos. Assim, na presente análise, casos similares a esse estão sendo interpretados como ditongos fossilizados; e os casos análogos ao de *[itsaj]* como ditongação.

#### 2.4.4 Metátese e velarização de /n/

Em Kanoê, foi observado um único caso de metátese entre /n/ e /i/, componentes do alomorfe *[-ni]*, relativo a {-n}, marca flexional verbal de terceira pessoa, a qual ocorre antes do morfema negativo {-k}, com significativa frequência, apenas em formas verbais. Decorrentemente, /n/ antes de /k/ se velariza e se realiza como *[ŋ]*, gerando alomorfia, conforme a regra:



Exemplos:

(642) *[mɔɾɛnikɛ' rɛ] ~ [mɔɾɛiŋkɛ' rɛ]*  
*/more ni-k-e-re/*  
 bom 3-NEG-DECL-AUX  
 'ruim, é ruim, feio, é feio'

(643) *[aj kãn õtsinikɛ' rɛ] ~ [aj kãn õtsi:ĩŋkɛ' rɛ]*  
*/aj kani õ-tsi õ-k-e-re/*  
 1SG criança 1-ter 1-NEG-DECL-AUX  
 'Eu não tenho filho.' (Lit: 'Eu não tenho criança'.)

(644) *[jɛ'ko nikɛ' rɛ] ~ [jɛ'koĩŋkɛ' rɛ]*  
*/jeko ni-k-e-re/*  
 longe 3-NEG-DECL-AUX  
 'está perto' ou 'é perto' (Lit.: 'não é longe', por litotes).

#### 2.4.5 Distribuição complementar e alomorfia: /r/ → [r] ~ [d]

Em *Fonologia Preliminar da Língua Kanoê* (Bacelar, 1992), na análise das realizações fonéticas de /r/, o resultado a que se chegou foi a distribuição complementar entre *[r]* e *[d]* como seus respectivos alofones. Assim, como a alofonia acarreta alomorfia, as variações ambientais e distribucionais de /r/ são fontes de realizações alomórficas dos itens onde o mesmo ocorre. Alguns exemplos:

(645) *[mænæ' rɛ] ~ [mænæ' dɛ] /mænære/* 'peneira'

(646) *[oj urɔɛ' rɛ] /oj u-ro e-re/* 'Ele comeu.'  
 3SG comer-CLV DECL-AUX

(647) [oj udokε' rε] /oj u-ro k-e-re/ 'Ele não comeu.'  
 3SG comer-CLV NEG-DECL-AUX

Em (645), num nome simples, verifica-se a alternância entre [r] e [d], sem qualquer condicionamento morfofonológico aparente. Logo, a alofonia de /r/ acarreta a alomorfia de {-ro} e da raiz {mænære}. Por sua vez, em (646), nota-se que o morfema {-ro}, inserido após a raiz verbal numa sentença afirmativa, realiza-se foneticamente como [rɔ]. Já em (647), numa sentença negativa, realiza-se como [dɔ]. Isso só acontece em casos raros, após algumas raízes verbais monofonêmicas: {-u} “comer” e {-y} “cheirar, ter cheiro”. Não foi possível determinar ainda, com exatidão, quais os condicionamentos acarretam essa alofonia: os dados são escassos.

Há, ainda, dois outros casos específicos de alternância entre [r] e [d], que também resultam em alomorfia, a saber:

1º.) em alguns dados elicitados com MK, PK e TxK, a terminação verbal /(-n)-e-re/ ‘(3)-DECL+AUX, em algumas ocorrências esparsas, soou como [ndε], na fala distensa. Quando os informantes repetiram o mesmo item, de modo um pouco mais tenso, essa terminação soou [n-ε-rε], como na absoluta das formas verbais. Exemplos:

(648) [aj miro mīn tʃεrɔ tʃɔɔ'ndε aj]  
 /aj miro<sup>63</sup> mini tsero tso ãere aj/  
 ‘Eu certamente vou preparar chicha hoje’.

(649) [tʃεrɔ tʃɔɔ' rε aj]  
 /tsero tso õnere aj/  
 ‘Vou preparar chicha.’

(650) [mama'ndε] ~ [mamanε' rε]  
 /mama n-e-re/ ‘morde’ (Lit.: ‘está mordendo’)  
 morder 3-DECL-AUX

Nesses exemplos, nota-se que a realização de [d] é concomitante com a queda de [ε], forma fonética do morfema {-e} ‘DECL’. Essa queda implica a reacomodação dos fones, com a formação de um tipo de sílaba fonética inusitado *ɔcv* para os padrões do Kanoê, no qual o contóide nasal [n] precede o contóide plosivo sonoro [d]. Conseqüentemente, nesse caso específico, o fenômeno gera a alomorfia de {-re} ‘AUX’:

$$\{-re\} \rightarrow [r\varepsilon] \sim [d\varepsilon]$$

É importante destacar que esse fenômeno é ainda observável também em uma frase feita, constituída de uma única expressão verbal cristalizada:

(651) [anɛkjũ'ndε] /anɛkjũnere/ ‘Assim é que é!’

Essa expressão verbal foi eventualmente empregada pelos informantes PK e TxK, durante as primeiras horas de gravação no Omeré. Na elicitación de itens lexicais descontextualizados, ela não ocorreu. Mas, na elicitación de estruturas frasais, (651) foi inserida no final de uma sentença, como se os informantes quisessem confirmar ou enfatizar como se fala algo em Kanoê. De fato, segundo as traduções de TK, essa expressão cristalizada

<sup>63</sup> Para esse item ainda não foi possível precisar o sentido com exatidão. Parece algo como afirmativo ou similar, razão pela qual foi traduzido por “certamente”, em caráter precário.

tem valor confirmativo: “Assim é que é!”, “É desse jeito”, “É assim!” ou “É assim mesmo!”  
Vejam-se os exemplos abaixo.

(652) [*æ' wɔ epikwã kæjũtonɛ' rɛ # anɛkjũ' ndɛ*]  
/ævo epykwã kæjũto nere # anɛkjũ nere/  
‘O homem está arrancando amendoim. Assim é que é.’

(653) [*aj tʃuæ mǎpũõɛ' rɛ # anɛkjũ' ndɛ*]  
/aj tsuæ mañuõere # anɛkjũ nere/  
‘Eu estou arrancando macaxeira. Assim é que é.’

(654) [*aj iẽtokɛ' rɛ ma' pi pɔɔ' ɛ # anɛkjũ' ndɛ*]  
/aj iẽtokere mapi poroe # anɛkjũ nere/  
‘Eu não sei fazer flecha. Assim é que é.’

2º.) para o item /*iroko*/ ‘joelho’, em todas as ocorrências como forma livre, tem-se a realização [*iro' kɔ*]. Todavia, quando a raiz nominal {-*roko*} é incorporada na estrutura verbal, soa como [*-dɔ' kɔ*], como se observa no único exemplo para esse caso:

(655) [*kǎnĩɔ iroko dwa-dɔko-ɛ- ' rɛ*]  
/kani-o i-roko rwa-roko ere  
criança-POSS RN-joelho machucar-joelho DECL-AUX  
‘O joelho do menino está machucado.’

Nesse mesmo exemplo, nota-se ainda uma outra realização esparsa de /*r*/ como [*d*]. Trata-se de um alofone em distribuição complementar, pois ocorre em fronteira inicial de vocábulo, posição na qual [*r*] nunca se realiza. Logo, ficam aí confirmadas não só a alofonia de /*r*/, mas também as variações alomórficas que ela acarreta.

## 2.5 Entoação frasal

Entendendo a entoação como a linha melódica determinada pela variação de altura do tom das sílabas, no encadeamento fonotático dos sintagmas nominais e, decorrentemente, dos sintagmas oracionais, pode-se afirmar aqui que, em Kanoê, a entoação frasal tem força ilocucionária na expressão dos modos verbais, tais como o declarativo, o interrogativo, o imperativo, o exortativo etc. Assim, a propriedade modal, inerente ao conteúdo semântico da frase, é dada por uma entoação específica.

Além disso, como em outras línguas, a entoação Kanoê tem ainda função de atribuir ao enunciado um caráter de emotividade, expressividade ou afetividade, exprimindo estados de emoção tais como alegria, tristeza, raiva, ironia etc, dependendo do contexto situacional ou ‘moldura’ (‘frame’), em que as frases são proferidas. Assim, às variações de altura do tom somam-se os eventuais alongamentos vocálicos, ou ainda fenômenos expressivos como os de ênfase ou relevo, de acordo com a intenção do falante.

É importante acrescentar aqui que o Kanoê é fonologicamente uma língua *não-tonal*, uma vez que não existem ‘pares mínimos’ que assegurem a funcionalidade do tom no plano fonológico. O tom alto, incidindo sobre um vocábulo ou sobre a raiz verbal, pode ocorrer e geralmente ocorre, apenas dos pontos de vista fonético, discursivo e pragmático, sem que haja qualquer implicação fonológica transparente.

De fato, embora não tenham sido ainda objeto de gravação magnética, na 3ª. sessão de trabalho de campo junto aos falantes monolíngües do Omeré, foi possível testemunhar

<sup>64</sup> A diferença de formas para “arrancar” diz respeito aos modos de “colher arrancando”.



algumas situações emocionais em que, nitidamente, as variações de entoação ganhavam contornos específicos, expressando os estados psíquico-emocionais em que as frases estavam sendo proferidas. Nesse sentido, os resultados aqui apresentados são apenas preliminares, pois se faz necessário não só observar ainda mais as alterações de comportamento emocional dos falantes do Omeré, a fim de que a entoação possa ser estudada com maior precisão.

Por outro lado, enquanto resultados preliminares, pode-se afirmar aqui que, a par de suas funções *emotiva* e *expressiva*, a entoação em Kanoê pode ser *ascendente*, *descendente*, *ascendente-descendente*, de acordo com a tipologia da frase, seja ela declarativo-afirmativa, declarativo-negativa, interrogativa, imperativa, exortativa. Por assim dizer, a entoação em Kanoê manifesta-se por excelência no nível morfossintático ou, mais precisamente, apenas sintático. A partir dessas observações, é possível arrolar aqui uma tipologia das frases com base na entoação quais sejam: a) entoação ascendente: frases interrogativas; b) entoação descendente: frases imperativas; c) entoação ascendente-descendente: frases declarativas; d) ascendente-descendente: sentenças comparativas; e) entoação descendente: frases exortativas. Essa tipologia será descrita e exemplificada nas seções a seguir.

### 2.5.1 Entoação ascendente: frases interrogativas

As frases interrogativas se caracterizam pela *entoação ascendente*, representada abaixo pela linha superposta, de tal modo que a sílaba mais proeminente do enunciado interrogativo coincide com o final da mesma. Nesse aspecto, a *entoação ascendente* é redundante, pois as interrogativas são morfossintaticamente marcadas pelo morfema {-*tʃi*}, como se observa nos exemplos a seguir:

- (656) [*mĩ tʃe'ro i'tæ mi'tʃi*]  
 /*mi tʃero itæ mi-'tʃi*/  
 2SG chicha beber-2-INT  
 ‘Você bebe chicha?’

### 2.5.2 Entoação descendente: frases imperativas

As frases imperativas, geralmente mais curtas, são marcadas pelos morfemas {*tʃo*} ‘deixa, pára’, de valor “proibitivo”, que ocorre em posição focal, e/ou {-(*k*)*ãw*} IMP, no final da sentença, e ainda pela entoação descendente, conforme os seguintes exemplos:

- (657) [*"tʃo mama're*]  
 /*tʃo mama're*/  
 pára morder -AUX  
 ‘Pára de brigar! (Lit.: ‘Pára de morder!’)

- (658) [*"tʃo akikiɛmiro'kãw*]  
 /*tʃo akiki-e-mi-ro-'kãw*/  
 parar gritar -ASP-2-CLV- NEG-IMP  
 ‘Pára de gritar!’

### 2.5.3 Entoação ascendente-descendente: frases declarativas

As declarativas têm a entoação ascendente-descendente, de tal sorte que o ápice da subida de tom incide ou sobre a raiz verbal ou sobre o classificador verbal, após a raiz, conforme os seguintes exemplos:

- (659)  $[oj\ m\tilde{o}''k\tilde{i}\tilde{j}n\epsilon'\ r\epsilon]$   
 /oj mo-ø-kỹj n-e-'re/  
 3SG dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está dormindo.’

- (660)  $[o'k\tilde{i}\ k\tilde{w}aats\tilde{j}i'\ \epsilon\ to''ron\epsilon'\ r\epsilon]$   
 /oky kwaatsie toro n-e-'re/  
 cobra sapo engolir 3-DECL-AUX  
 ‘A cobra está engolindo o sapo.’

### 2.5.4 Entoação em sentenças comparativas

As frases comparativas são compostas por duas orações coordenadas justapostas. Assim, a entoação é soma de duas frases declarativas, havendo, portanto, dois ápices:

- (661)  $[ũro'mũ\ \epsilon r\epsilon''\tilde{a}\ \epsilon'\ r\epsilon\ \#\ k\tilde{o}m\epsilon ta'k\tilde{a}w\ \epsilon r\epsilon''\tilde{a}k\epsilon'\ r\epsilon]$   
 /uromu ereã e-'re # kometakãw ereã k-e-'re/  
 jacaré grande DECL-AUX lagartixa grande NEG-DECL-AUX  
 ‘O jacaré é maior que a lagartixa.’

- (662)  $[k\tilde{i}k\tilde{i}'\ t\epsilon\ \epsilon r\epsilon''\tilde{a}k\epsilon'\ r\epsilon\ \#\ n\tilde{a}'k\tilde{a}w\ \epsilon r\epsilon''\tilde{a}\ \epsilon'\ r\epsilon]$   
 /kykyte ereã k-e-re nãkaw ereã e-re/  
 perereca grande NEG-DECL-AUX sapo grande DECL-AUX  
 ‘A perereca é menor que o sapo.’

### 2.5.5 Entoação descendente: frases exortativas

As frases exortativas são marcadas pelo morfema sufixal {-ãw}, em fronteira final de vocábulo topicalizado, geralmente a raiz verbal {kape-} ‘vamos’, de valor exortativo, e pela entoação descendente, conforme os exemplos abaixo:

- (663)  $[''kape'\ \tilde{a}w\ \tilde{o}mkwats\tilde{i}'\ k\tilde{w}a\ p\tilde{i}r\tilde{i}r\tilde{i}'\ w\tilde{a}]$   
 /kape-'ãw òkwa-tsíkwa pyryry-væ/  
 vamos-IMP pássaro-DIM flechar -DU  
 ‘Vamos flechar passarinhos!’

(664) [<sup>h</sup>"kapē' aw tɔ' kɨ pōwæ' kɨ]  
 kape-'ãw tokɨ pō-væ-ky  
 vamos-IMP mamão comer-DU-CLE.fruta  
 'Vamos comer melancia!'

## 2.6 Proposta de alfabeto para o Kanoê

### 2.6.1 Considerações preliminares

Elaborar uma proposta de alfabeto para uma língua ágrafa não é tarefa fácil por dois grandes motivos:

O primeiro deles diz respeito à complexa relação entre os fonemas, suas realizações fonéticas (alofones) e os grafemas convencionados para representá-los. De fato, por mais que se tente propor um alfabeto baseado no princípio de correspondência biunívoca entre fonema e grafema, segundo as idéias de Pike (1947), corroboradas por Nida (1970) e Gudschinsky (1967), entre outros, há fatores de ordem fonética, tais como a variação ambiental livre ou condicionada, a relação entre nasalidade e processos de nasalização etc., que devem ser considerados. Assim, propor um alfabeto baseado tão-somente numa relação mecânica entre o fonema e um grafema para representá-lo, sem considerar aspectos outros como a prosódia, as configurações silábicas, os pés e os processos fonético-fonológicos aí envolvidos seria reduzir a língua a uma linearidade que, a rigor, não existe.

O segundo motivo é de ordem psicológica e sociolingüística, pois envolve tanto os fatores socioculturais, inerentes ao uso da língua, quanto os fatores políticos, educativos e ideológicos, que influenciam não só no processo de aquisição de uma língua indígena sob a forma escrita, mas também a relação entre a língua em foco e a língua oficial padronizada. O ideal seria elaborar uma proposta de alfabeto com a participação ativa de pelo menos alguns membros da comunidade Kanoê, sobretudo aqueles que já atuam com professores na escola indígena. Para tanto, faz-se necessária uma nova sessão de trabalho de campo específica para esse fim, uma vez que o atual cacique Kanoê e o professor local assim a desejam.

De fato, posto que os próprios Kanoê aparentam estar interessados no resgate de sua própria língua e almejam reintroduzi-la na comunidade, paralelamente ao uso e ensino escolar do Português, é importante atender – em curto prazo – essa demanda da comunidade. Nesse sentido, planeja-se a elaboração de um projeto especial para esse fim, o qual inclui não só a elaboração de um alfabeto, mas também a produção de material didático (cartilhas escolares, cartazes etc.) e um curso de formação de professores em Deolinda, Sagarana e Rio Guaporé. O projeto prevê ainda o resgate das tradições culturais e sua respectiva documentação em fitas magnéticas e vídeos, com a assessoria de um antropólogo. Diante de tais fatos, a proposta de alfabeto aqui apresentada tem caráter provisório, pois tem como base apenas os resultados da análise fonológica desenvolvida.

Ainda que o alfabeto proposto venha a ser objeto de discussão na comunidade, ele não sofrerá muitas modificações, pois, na maior parte dos casos, a relação entre os fonemas, suas respectivas realizações alofônicas e a proposta de grafema correspondente não é problemática, posto que é possível uma relação biunívoca entre o fonema e sua representação gráfica. Para o fonema /y/ → [ɨ], optou-se por seguir a tradição de representar essa vogal central alta pela letra ípsilon, solução observável em outras propostas de alfabetos para línguas indígenas brasileiras. Por outro lado, há casos mais delicados que exigem cuidado, pois o princípio de correspondência fonema e grafema pode falsear a realidade fonética da língua sob a forma escrita, como, por exemplo o do fonema /r/, que pode se realizar ora como [r], ora como [d], conforme a distribuição complementar. Some-se a isso que,

especialmente os grafemas “ä” para /æ/ → [æ], ou “ñ” para /ñ/ → [ɲ], e ainda um novo valor ortográfico de “j” para /j/ → [j], provocariam algum estranhamento, porque são desconhecidos dos índios que já foram alfabetizados e dos que estão iniciando a alfabetização em Português. De qualquer modo, não há muitas alternativas para quaisquer alterações que porventura venham a ser feitas. A par desses problemas, a proposta de alfabeto abaixo não é e nem pode ser tomada como definitiva, acabada. Antes, precisa ser discutida com os principais interessados: a comunidade indígena Kanoê.

### 2.6.2 Grafemas para os fonemas consonantais

FONEMA	REALIZAÇÃO FONÉTICA / ALOFONIA	GRAFEMAS minúsculo / maiúsculo	TRADUÇÃO
--------	--------------------------------	-----------------------------------	----------

/p/                      [p] ~ [β]                      p / P

Exemplos:

(665) /perepere/	[peɾeɾe 'ɾe]	perepere	‘tiririca’
(666) /piko/	[pi 'kɔ]	piko	‘unha’
(667) /pyrætsîkwa/	[pɨɾætʃi 'kwa]	pirätsîkwa	‘ratinho’
(668) /po nere/	[pɔnɛ 'ɾe] ~ [βɔ <sup>2</sup> nɛ 'ɾe]	po nere	‘pescou’

/t/                      [t]                      t / T

Exemplos:

(669) /tara/	[ta 'ra]	tara	‘urucum’
(670) /atiti/	[ati 'ti]	atiti	‘milho’
(671) /tuture/	[tutu 'ɾe]	tuture	‘rolinha’

/k/                      [k]                      k / K

Exemplos:

(672) /kwikaj/	[kwi 'kaj]	kwikaj	‘sol’
(673) /kykynu/	[kiki 'nũ]	kykynu	‘beija-flor’
(674) /kore/	[kɔ 'ɾe]	kore	‘papagaio’

/m/                      [m]                      m / M

Exemplos:

(675) /mamui/	[mamu 'i]	mamui	‘paina’
(676) /tinama/	[tina 'mã]	tinamã	‘aranha’
(677) /kometa/	[kɔmɛ 'ta]	kometa	‘fava’

/n/                      [n]                      n / N

Exemplos:

(678) /onyko/	[ɔni 'kɔ]	onyko	‘fruta silvestre’
---------------	-----------	-------	-------------------

(679) /pyne/	[pɨ'ne]	pyne	‘fiscada’
(680) /ununure/	[ununu'ɾɛ]	ununure	‘pio de pássaro’
/ñ/	[ɲ] ~ [j]	ñ / Ñ	

Exemplos:

(681) /iñaj/	[i'ɲãj]	iñaj	‘ovo’
(682) /kañoē/	[kãɲo'ɛ]	kañoē	‘botoque nasal’
(683) /ñeñero/	[ɲẽɲẽ'ɾo]	ñeñero	‘bem-te-vi’
/v/	[w̥] ~ [β]	v / V	

Exemplos:

(684) /ævo/	[æ'wɔ]	ävo	‘homem, marido’
(685) /ævjũ/	[æ'w̥jũ]	ävjũ	‘paca’
(686) /vovotsi/	[wɔwɔ'tsi]	vovotsi	‘coruja (esp.)’
/ts/	[ts] ~ [s] ~ [tʃ] ~ [ʃ]	ts / TS	

Exemplos:

(678) /pikutsa/	[piku'tʃa]	pikutsa	‘concha’
(688) /tsero/	[tse'ro] ~ [tʃe'ro] ~ [se'ro]	tsero	‘chicha’
(689) /tsoviri/	[tsɔwi'ri]	tsoviri	‘nambu-relógio’
/r/	[d] [r]	d / D r / R	

Exemplos:

(690) /kore/	[ko'ɾɛ]	kore	‘papagaio’
(691) /mænære/	[mænæ'ɾɛ]	mänäre	‘peneira’
(692) /uroere/	[urɔɛ'ɾɛ] ~ [udɔɛ'ɾɛ]	uroere	‘comeu’
(693) /renere/	[dɛnɛ'ɾɛ]	denere	‘matou’
(694) /rwakwa moere/	[dwakwamɔɛ'ɾɛ]	dwakwa moere	‘quebrou (braço)’
/h/	[x]	h / H	

Exemplos:

(695) /re nehĩ/	[dɛnɛ'xĩ]	denehĩ	‘matou’
(696) /epæ nehĩ/	[ɛpænɛ'xĩ]	epänehĩ	‘nasceu’
(697) /tũky nehĩ/	[tũki'xĩ]	tũkyehĩ	‘cresceu’
/w/	[w] ~ [w̃]	w / W	

Exemplos:

(698) /irãw/	[i'ɾãw̃]	irãw	‘carne’
--------------	----------	------	---------

(699) /kwini/	[kwi 'nĩ]	kwini	‘peixe’
(700) /kywo/	[kĩ 'wɔ]	kywo	‘tatu médio’
/j/	[j] ~ [j̃]	<b>j / J</b>	

Exemplos:

(701) /iñaj/	[ĩ 'nãj]	iñaj	‘ovo’
(702) /jaty/	[ja 'tĩ]	jaty	‘fio de tucum’
(703) /tsemaj/	[tsɛ 'mãj]	tsemaj	‘piranha’

### 2.6.3 Grafemas para os fonemas vocálicos

/a/	[a] ~ [ʌ] ~ [ã] ~ [ã̃]	<b>a / A</b>	
-----	------------------------	--------------	--

Exemplos:

(704) /ava/	[a 'wa]	ava	‘arara’
(705) /ikwamu/	[ikwa 'mũ]	ikwamu	‘braço’
(706) /kani/	[ka 'nĩ] ~ [kã 'nĩ] ~ [kã̃ 'nĩ]	kani	‘criança’

/ã/	[ã] ~ [ã̃]	<b>ã / Ã</b>	
-----	------------	--------------	--

Exemplos:

(707) /âtã/	[ã 'tã]	âtã	‘tia’
(708) /epykwã/	[ɛpĩ 'kwã]	epykwã	‘amendoim’
(709) /ikwã/	[i 'kwã]	ikwã	‘chifre’

/æ/	[æ]	<b>ä / Ä</b>	
-----	-----	--------------	--

Exemplos:

(710) /æ/	[æ:]	ä	‘folha, tabaco’
(711) /ækÿ/	[æ 'kĩ]	äkÿ	‘banana’
(712) /mænærɛ/	[mænæ 'rɛ]	mänäre	‘peneira’
(713) /tsuæ/	[tʃu 'æ]	tsuä	‘macaxeira’
(714) /twĩpæ/	[twĩ 'pæ]	twĩpä	‘curica’

/ã̃/	[ã̃]	<b>än / Än / ÄN</b>	
------	------	---------------------	--

Exemplos:

(715) /äkÿjere/	[ækĩjɛ 'rɛ]	änkÿjere	‘é gordo’
(716) /tukwã̃/	[tũ 'kwã̃]	tukwän	‘irmão mais velho’
(717) /tsũkwã̃/	[tʃu 'kwã̃]	tsukwän	‘índio, nu’

/e/	[ɛ] ~ [j] ~ [e] ~ [ẽ]	<b>e / E</b>	
-----	-----------------------	--------------	--

Exemplos:

(718) /e/	[ɛ] ~ [ɛ:]	e	‘mulher’
(719) /eaere/	[ɛaɛ'ɾɛ]	eaere	‘tuxaua’
(720) /tsoækypwae/	[tsoækɪpwa'ɛ]	tsoækypwae	‘mandi’
/ẽ/	[ẽ]	ẽ / Ĕ	

Exemplos:

(721) /ětẽ/	[ẽ'tẽ]	ětẽ	‘estragado’
(722) /jukẽ/	[ju'kẽ]	jukẽ	‘juruvoca’ <sup>65</sup>
(723) /tẽ/	[tẽ]	tẽ	‘carapanã’ <sup>66</sup>
/i/	[i] ~ [ĩ]	i / Ī	

Exemplos:

(724) /atiti/	[ati'ti]	atiti	‘milho’
(725) /kani/	[ka'nĩ]	kani	‘criança’
(726) /mini/	[mi'nĩ]	mini	‘agora’, ‘hoje’
/ĩ/	[ĩ]	ĩ / Ĭ	

Exemplos:

(727) /aĩka/	[aĩ'ka]	aĩka	‘tipió’ <sup>67</sup>
(728) /ĩko/	[ĩ'ko]	ĩko	‘morcego’
(729) /pitsikwĩ/	[pitʃi'kwĩ]	pitsikwĩ	‘pipira’
/y/	[ɨ] ~ [ə] ~ [ɥ] ~ [õ]	y / Y	

Exemplos:

(730) /y/	[ɨ:]	y	‘espinho’
(731) /yky/	[ɨ'kɨ]	yky	‘cipó-de-cobra’
(732) /pyty/	[pɨ'tɨ]	pyty	‘tatu de rabo mole’ <sup>68</sup>
/ỹ/	[ɥ] ~ [õ]	ỹ / Ỹ	

Exemplos:

(733) /ỹky/	[ɥ'kɥ]	ỹky	‘ingá’ <sup>69</sup>
(734) /ikỹj/	[i'kɥj]	ikỹj	‘olho’
(735) /mokỹj nere/	[mõkɥjɾɛɾɛ]	mokỹj	‘dorme’

<sup>65</sup> Árvore de pequeno porte, da família das teáceas (*Laplacea semiserrata*).

<sup>66</sup> Espécie de mosquito, inseto díptero, da família dos culicídeos.

<sup>67</sup> Ave passeriforme, da família dos fringilídeos (*Sicalis luteola luteiventris*).

<sup>68</sup> Espécies de tatu da família dos dasipodídeos, gênero Cabassous Mac Murt.

<sup>69</sup> Árvore do gênero Inga, da família das leguminosas.

/o/ [ɔ] ~ [o] ~ [õ] ~ [õ̃] o / O

Exemplos:

(736) /ojte/	[oj' tɛ]	ojte	‘eles’
(737) /okyo ia/	[ɔki' ɔ i' a]	okyo ia	‘boca da cobra’
(738) /tsoto/	[tsɔ' tɔ]	tsoto	‘mambira’ <sup>70</sup>

/õ/ [õ] ~ [õ̃] õ / Õ

Exemplos:

(739) /õky/	[õ' ki]	õky	‘lagarta mede-palmo’ <sup>71</sup>
(740) /tsõjrae/	[tʃõjra' ɛ]	tsõjrae	‘beijo’
(741) /tsõtsõ/	[tsõ' tsõ]	tsõtsõ	‘guanambi-mirim’ <sup>72</sup>

/u/ [u] u / U

Exemplos:

(742) /iteñu/	[itẽ' nũ]	iteñu	‘orelha’
(743) /piururu/	[piuru' ru]	piururu	‘bico de brasa’ <sup>73</sup>
(744) /pura/	[pu' ra]	pura	‘cigarra’

/ũ/ [ũ] ũ / Û

Exemplos:

(744) /ikūkūte/	[ikūkū' tɛ]	ikūkūte	‘tracajá’
(746) /tūpū/	[tū' pū]	tūpū	‘nambu’
(747) /ũko/	[ũ' kɔ]	ũko	‘aquele’

#### 2.6.4 Alfabeto Kanoê: versão preliminar

Nesta primeira versão, o alfabeto Kanoê seria composto de 27 grafemas, inclusive um dígrafo (*ãn*), correspondentes aos 26 fonemas, dos quais 14 são vogais e 12 são consoantes, de acordo com a ordem a seguir:

*a ã ä äñ d e ã h i ã j k m n ã o õ p r t ts u ã v w y ã*

Entretanto, a título de simplificação, para efeito didático, considerando-se o til (~) um diacrítico, ou seja, como a representação escrita da nasalidade (que incide sobre as vogais), o alfabeto pode ser simplificado. No entanto, para evitar a superposição de diacríticos sobrescritos, no caso específico do fonema /ã̃/, a representação da nasalidade seria dada por “n” no dígrafo “ãn”. Por outro lado, no caso de /r/, em função da distribuição complementar de seus alofones, é inevitável sua representação por dois grafemas. Assim, o alfabeto

<sup>70</sup> Animal mamífero marsupial da família dos didelfídeos.

<sup>71</sup> Larvas de inseto lepidóptero da família dos geometrídeos.

<sup>72</sup> Espécie de beija-flor, ave micropodiforme, da família dos troquilídeos.

<sup>73</sup> Ave piciforme, da família dos buconídeos (*Monasa morphoeus*).



ortográfico para o Kanoê ficaria mais coerente, mais prático e simples, de modo que possa ser escrito à mão, em letra cursiva, sem muitos dígrafos e sinais diacríticos:

#### 2.6.4.1 Grafemas minúsculos

a ä än e d h i j k m n ñ o p r t t s u v w y [+ (~)]

#### 2.6.4.2 Grafemas maiúsculos

A Ä ÄN D E H I J K M N Ñ O P R T T S U V W Y [+ (~)]

Por convenção, os nomes próprios (antropônimos, hidrônimos e topônimos) e palavras em início de sentença serão grafados com iniciais maiúsculas. Uma vez que o acento tônico é previsível, incidindo sempre sobre a última sílaba do vocábulo, não há necessidade de acento gráfico para marcá-lo. Quanto à pontuação, as pausas mediais marcadas por vírgula e as finais por ponto, na maioria dos casos, a fim de se estabelecer a fronteira entre duas sentenças.

Como é usual na tradição escrita de outras línguas (e. g. Português), as sentenças interrogativas diretas serão marcadas por ponto de interrogação e, nos diálogos, precedidas de um travessão. As imperativas e exclamativas pelo ponto de exclamação. As eventuais interrupções do fluxo normal da frase serão marcadas por reticências.

O texto abaixo exemplifica como ficaria a escrita Kanoê a partir dessa proposta de alfabeto.

#### 2.6.5 Texto: A morte de Turué<sup>74</sup>

Munu oke kanire. Ojo papa ojo tyjtsĩkwa poroere ava ævætseronehĩ ytseni. Munuo papa Munu ainda era criança. O pai dele fez sua cabaninha na árvore para tocaiar araras. O pai de Munu

parajaneko tsikutaekjũ tũoere. Paraokere ojo kani. Ojo kani inere arakere. Tepyni tujtjonere, caiu, bateu a cabeça e morreu. Não estavam seus filhos. Seus filhos choraram muito. No cemitério foi enterrado,

tõ tsikutaekjũ. Aj e kaniõere maere. Aj iõere iẽveryroere, tõ ña mujoiteñaj tũoere. porque bateu com a cabeça. Eu era menina também. Eu chorei, fiquei triste, porque meu tio morreu.

---

<sup>74</sup> Narração de Teresa Kanoê, setembro de 2002. *Vide* 7.4.

## MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE

### 3.1 Tipologia morfológica da língua Kanoê

No âmbito da tipologia lingüística (cf. Greenberg, 1963; Robins; 1981, 342-51), quanto à classificação do Kanoê em termos de Morfologia, pode-se afirmar que se trata de uma língua *polissintética*. Payne (1997: 61) afirma que, nas línguas polissintéticas, as palavras mais complexas são geralmente os verbos. Com efeito, em Kanoê, embora existam palavras monofonêmicas e/ou monossilábicas, que ocorrem como formas livres (p. ex.: *e* “mulher”), os vocábulos em geral são constituídos por seqüências de morfemas, a maioria dos quais formas presas<sup>75</sup>, tanto em sintagmas nominais quanto verbais e adverbiais. Assim, o grau de complexidade morfológica dos vocábulos é variável, oscilando de formas monomorfêmicas a polimorfêmicas, sobretudo em se tratando de estruturas verbais, cuja constituição interna transcende os limites do conceito de “palavra”, pois se situam no plano morfossintático. Além disso, o Kanoê tende a ser uma língua relativamente mais *aglutinante* que *fusional*, haja vista que apresenta a tendência de expressar cada componente do sentido, salvo TMA, por um morfema específico (cf. Payne, 1997: 28). Nos exemplos abaixo, sobressaem-se as tendências polissintéticas e aglutinantes da língua:

- (1) *opera-tsíkwa* ‘maracajá’ (2) *aj mō-ō-kỹj ō-e-re* ‘Eu durmo.’  
 onça-DIM 1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX

Em (1) *opera-tsíkwa* “maracajá”, o vocábulo é constituído por uma seqüência de morfemas, um dos quais é o sufixo diminutivo, que não tem valor flexional, mas derivacional. A raiz ou semantema *opera* é um hiperônimo aplicável a vários animais (onça, cachorro, gato etc.), mas, com o acréscimo do sufixo {-*tsíkwa*}, efetiva-se o processo de derivação por sufixação e, desse modo, *opera-tsíkwa* significa mais precisamente “maracajá”, uma espécie de gato selvagem. Não se pode, pois, postular a flexão de grau, mas a derivação por sufixação. Em termos etimológicos, o sufixo {-*tsíkwa*} é decomponível em {-*tsí*} ‘DIM’ e {-*kwa*} ‘CLE’, um classificador específico já cristalizado. De fato, numa estrutura sintagmática complexa, {-*kwa*} estabelece relações de concordância, como neste exemplo:

- (3) *ōkwa-tsíkwa voro-kwa erej-kwa* ‘tiziú’ (Lit.: ‘passarinho preto bola.’)  
 pássaro-CL.dim preto-CLE bola-CLE

Por sua vez, em (2), *aj mō-ō-kỹj-ō-e-re* “eu estou dormindo”, o sintagma verbal é constituído pela raiz {*mō-*} “dormir”, após a qual se insere {-*ō*}, marca flexional de primeira pessoa, seguindo-se a incorporação da raiz nominal {-*kỹj*} “olho”. No domínio do auxiliar, tem-se novamente {-*ō*}, antecedendo {-*e*} ‘DECL’ e a {-*re*} ‘AUX’. A estrutura predicativa concorda com o pronome *aj* ‘1SG’, na função de sujeito, em referência cruzada. Como essa seqüência de morfemas constitui uma única palavra fonológica, em boa parte dos casos, nem sempre são nítidas as fronteiras entre a estrutura verbal principal e a estrutura verbal auxiliar.

<sup>75</sup> Para os conceitos de formas livres, presas e dependentes aqui empregados, vide Câmara Jr. (1964).

### 3.2 Processos morfológicos: formação de palavras

Na descrição da morfologia do Kanoê, além dos processos de *composição* e *derivação*, é importante considerar a formação de palavras por *reduplicação*. Nesse caso, a forma duplicada deve ocorrer como forma livre simples. Um outro processo, não propriamente morfológico, é a formação de palavras por *onomatopéia*, que se traduz pela reprodução fonética aproximada de um ruído característico do referente, a partir de reduplicação silábica. Em resumo, os processos de formação de palavras, detalhados a seguir, são: a) *composição*; b) *derivação*; c) *reduplicação*; d) *onomatopéias*.

#### 3.2.1 Composição

Em Kanoê, o processo de composição se divide em dois subprocessos, a saber: composição por justaposição e composição por aglutinação. Esses subprocessos são descritos e exemplificados a seguir:

##### 3.2.1.1 Composição por justaposição

Nesse subprocesso, tem-se a mera justaposição de elementos: os constituintes internos podem ocorrer como formas livres, uma vez que por si mesmos já são nomes simples. Com efeito, em Kanoê, são encontráveis raízes nominais que se comportam como “termos de classe” (cf. Rosch, 1978), isto é, classificadores nominais. Essas raízes recorrentemente se agregam a outras raízes na formação de palavras compostas. É o caso, por exemplo, de {*kaña*} “farinha”, que pode ocorrer eventualmente como forma livre, mas na maioria dos casos funciona como os classificadores nominais. O processo de composição por justaposição é produtivo e encontrável na formação de locuções nominais, sem que haja acréscimo de morfemas derivacionais, nos seguintes casos:

1º.) locução nominal formada dois nomes justapostos, cada qual com acento próprio, dos quais o primeiro é o núcleo e o segundo é complemento especificativo, de acordo com a regra: SN → N N. Exemplos:

- (4) *kwini æky* ‘jaturana’<sup>76</sup>                      (5) *opera kuni* ‘aririnha’<sup>77</sup>  
peixe      banana    onça              água

2º.) locução nominal possessiva, formada por dois nomes relacionados entre si por meio de morfema possessivo, dos quais o primeiro é o núcleo, marcado como possuidor, e o segundo é um complemento possuído, de acordo com a regra: SN → N-POS N. Exemplos:

- (6) *nañu-o kyj*    (7) *kuni-o y*  
abelha-POSS ferrão    água-POSS espinho’  
‘ferrão de abelha’    ‘anzol’ (Lit.: ‘espinho d’água’)

3º.) locução nominal formada por um nome, como núcleo, seguido de uma ou mais de uma nominalização descritiva, geralmente deverbal, na posição de complemento, conforme a seguinte regra: SN → N ((V-NLZ) (V-NLZ)) . Exemplos:

<sup>76</sup> Peixe teleosteo, caraciforme, da família dos caracídeos (*Hemiodus microlepis* Kner).

<sup>77</sup> Mamífero carnívoro, da família dos mustelídeos (*Pteromura brasiliensis*).

(8) *ñuvi y-tsi-mo-e*  
 veado espinho-ter-APL.poss-NLZ  
 ‘veado campeiro’<sup>78</sup>

(9) *ñake ej-kañu-e pira-kanũ-e*  
 tucano grande-nariz-NLZ azul-nariz-NLZ  
 ‘tucano-de-bico-verde’<sup>79</sup>

4º.) numeral cardinal composto de duas (ou até cinco) formas livres numerais simples, segundo a regra: Num → Num [(Num) (Num) (Num) (Num)] . Exemplos:

(10) *mow pja* ‘três’  
 dois um

(11) *mow mow mow mow pja* ‘nove’  
 dois dois dois dois um

### 3.2.1.2 Composição por aglutinação

A composição por aglutinação implica a perda de padrão acentual, no primeiro elemento, a perda de morfema inicial e, conseqüentemente, a queda de segmento fônico no segundo elemento. Exemplos:

(12) *i' ta + i- 'kỹj > ita- 'kỹj* ‘botão de roupa’  
 roupa RN-olho roupa-olho

(13) *y' tse + i-ka' tsi > ytse-ka' tsi* ‘raiz de árvore’  
 árvore RN-raiz árvore-raiz

Nos exemplos acima, nota-se que, na formação do composto, o segundo elemento perde a raiz neutra inicial. É importante lembrar que, com essa raiz, tanto *i-kỹj* ‘olho’ quanto *i-katsi* ‘raiz’ ocorrem como formas livres mas, sem ela, são formas presas. Nesses casos, a hipótese de aglutinação é reforçada pela coexistência de alguns compostos paralelos, de natureza sintagmática, para nomear o mesmo referente, como se pode observa comparando (14) a (15) e (16):

(14) *y' tse + i-ka' tsi > ytse-ka' tsi* ‘raiz de árvore’  
 árvore RN-raiz árvore-raiz

(15) *y' tse + -o + i-ka' tsi > ytse- 'o i-ka' tsi* ‘raiz de árvore’  
 árvore POSS RN-raiz árvore-POSS RN-raiz

(16) *ytse- 'o + i-ka' tsi > ytse-o-ka' tsi* ‘raiz de árvore’  
 árvore-POSS RN-raiz árvore-POSS-raiz

Desse modo, à luz da lógica inerente ao sistema gramatical do Kanoê, é possível conjecturar que as formas sincrônicas de alguns nomes também tenham sido resultantes de processos de composição por justaposição e posterior aglutinação, uma vez que os nomes assim formados apresentam o padrão acentual dos nomes simples, com o acento tônico recaindo apenas na última sílaba do composto, como atestam os seguintes exemplos:

(17) *e + -o + nu > e-o- 'nu > eonu* ‘seio, mama, teta’  
 mulher POSS + seio

(18) *nu + -o + -ñu > nu-o- 'ñu > nuoñu* ‘mamilo’  
 seio POSS CLE.saliência<sup>80</sup>

<sup>78</sup> Mamífero artiodáctilo, da família dos cervídeos (*Ozotocerus bezoarticus*).

<sup>79</sup> Espécie de tucano (*Ramphastos dicolorus*), ave da família dos ramfástídeos.

- (19) *væj* + *-o* + *i-kañu* > *væj-o-ka<sup>1</sup>ñu* > *væjokañu* ‘narina’  
 buraco POSS RN-nariz (Lit.: ‘buraco do nariz’)

### 3.2.2 Derivação

Os processos de *derivação* envolvem raízes nominais, raízes verbais incorporativas e morfemas sufixais, sobretudo os que compõem um complexo sistema de classificadores nominais, descritos e exemplificados em 3.4.6. A derivação ocorre nos seguintes casos:

#### 3.2.2.1 Derivação por incorporação de raiz nominal

A derivação por incorporação de raiz nominal se divide em dois subprocessos similares, a saber: 1<sup>o</sup>.) a uma raiz verbal descritiva presa agrega-se, em posição sufixal, uma raiz nominal livre; 2<sup>o</sup>.) a uma raiz neutra agrega-se uma raiz nominal presa, em posição sufixal. Nas duas situações, as raízes nominais são passíveis de sofrer a incorporação também numa estrutura verbal, no âmbito da frase. Esses casos são exemplificados a seguir:

1<sup>o</sup>.) V.<sub>raiz</sub> + N.<sub>raiz</sub>

- (20) *uru-kani* ‘bebê’ (21) *uru-nake* ‘moça’  
 novo-criança novo-mulher

Esse caso poderia ser interpretado como justaposição de raízes e, assim sendo, o processo seria composição e não derivação. No entanto, a comparação entre os dados a seguir revela que as raízes nominais {*kani*} ‘criança’ e {*nake*} ‘mulher, FEM’, embora sejam livres em outras ocorrências, comportam-se como sufixo classificador em (16). Comparem-se:

- (22) *uru-kani more-kani e-re* ‘O bebê é bonito.’  
 novo-criança bonito-criança DECL-AUX (Lit.: ‘A criança nova é bonita.’)
- (23) *uru-nake more-nake e-re* ‘A moça é bonita.’  
 novo-mulher bonito-mulher DECL-AUX (Lit.: ‘A mulher nova é bonita.’)
- (24) *kometaw uru-taw tsu-taw e-re* ‘Feijão verde é gostoso.’  
 fava novo-CLE gostoso-CLE DECL-AUX (Lit.: ‘Fava nova é gostoso.’)

b) 2<sup>o</sup>. caso: RN + N.<sub>raiz</sub>

- (25) *i-kanamu* ‘mandíbula’ (26) *i-taw* ‘língua’  
 RN-mandíbula RN-língua
- (27) *i-tseko* ‘sobrancelhas’ (28) *i-pera* ‘ombro’  
 RN-sobrancelhas RN-ombro

Nos exemplos acima, verifica-se que, à raiz neutra {*i-*} somam-se as raízes nominais presas, na posição sufixal. Essa raiz neutra, ou seja, esse morfema, destituído de significação, funciona como base da estrutura morfológica do vocábulo. Por sua vez, as raízes nominais incorporadas, embora não sejam propriamente sufixos, comportam-se como tais. O processo é

<sup>80</sup> O valor semântico de {-ñu} ‘CLE’ será descrito em 3.4.6.1.

produtivo na não só formação da absoluta maioria dos nomes de partes do corpo humano ou dos animais, mas também de algumas partes dos vegetais. Exemplos:

- (29) *i-katsi* ‘raiz’  
RN-raiz
- (30) *i-ati* ‘flor’  
RN-flor

### 3.2.2.2 Derivação por sufixação

A derivação por sufixação se efetiva pelo acréscimo de um morfema sufixal a uma raiz nominal livre, em três casos análogos:

a) raiz nominal mais o sufixo {-*tsíkwa*} ‘DIM’, conforme a regra: N → N-DIM. Exemplos:

- (31) *kani-tsíkwa* ‘neném, bebê’  
criança-DIM
- (32) *ñake-tsíkwa* ‘araçari, tucaninho’<sup>81</sup>  
tucano-DIM
- (33) *tæræj-tsíkwa* ‘pacumirim’<sup>82</sup>  
pacu-DIM
- (34) *kuni-tsíkwa* ‘igarapé, ribeirão’  
água-DIM

b) raiz nominal mais classificador nominal específico, conforme a regra: N → N-CLE. Exemplos:

- (35) *kope-ko*<sup>83</sup> ‘café (fruto)’  
café-CLE.coco
- (36) *mapi-ka* ‘arco de flecha’  
flecha-CLE.duro
- (37) *oti-ty* ‘fio de algodão’  
algodão-CLE.fio
- (38) *atiti-tekwa* ‘arroz’  
milho-CLE.semente

c) nome derivado (= N-CLE) + classificador nominal específico, conforme a seguinte regra: N → [N-CLE]-CLE}. Exemplos:

- (39) *kope-ko-mu* ‘café’, bebida  
café-CLE.coco-CLE.líqu
- (40) *mapi-ka-ty* ‘corda do arco de flecha’  
flecha-CLE.duro-CLE.fio
- (41) *mutyri-ko-mu* ‘vinho de açaí’  
açaí-CLE.coco-CLE.líqu
- (42) *atiti-tekwa-tinu* ‘sopa de arroz’  
flecha-CLE.semente-CLE.pastoso.

### 3.2.2.3 Reduplicação e onomatopéias

Os processos de *reduplicação morfológica* em Kanoê são produtivos, sobretudo em se tratando de raízes verbais, denotando o aspecto *frequentativo* ou intensivo. Exemplos:

- (43) *aj oroe manamana õ-e-re*  
1SG barro apertar.RED 1-DECL-AUX  
‘Eu estou amassando barro.’

<sup>81</sup> Ave piciforme da família dos ranfastídeos.

<sup>82</sup> Peixe teleosteo da família dos caracídeos (*Mylossoma duriventris* Cuv.).

<sup>83</sup> Observe que {*kope*} ‘café’, empréstimo lingüístico, se ajusta perfeitamente ao sistema gramatical do Kanoê, assim como outros itens oriundos de empréstimos também se ajustaram.

(44) *opera i-utã oo-e-ro e-re*  
 cachorro RN-osso comer.RED-ASP-CLV DECL-AUX  
 ‘O cachorro está roendo osso.’

(45) *ɟwãw boj-o i-rãw mañumañu n-e-re*  
 João boi-POSS RN-carne mastigar.RED 3-DECL-AUX  
 ‘João está mastigando carne de boi.’

Em relação aos nomes, em vários casos não é fácil decidir se o caráter da reduplicação é efetivamente morfológico ou se tem motivação onomatopaica. O fato de uma raiz nominal, que geralmente aparece reduplicada, não ocorrer como forma livre simples enfraquece a hipótese de reduplicação morfêmica. Por outro lado, reforça a hipótese de reduplicação onomatopaica, sobretudo porque algumas palavras assim formadas são relativas a nomes de aves e animais, como nos seguintes exemplos:

(46) <i>kurakura</i>	‘galo, galinha’	(47) <i>tsōjtsōj</i>	‘colibri miúdo’ <sup>84</sup>
(48) <i>kunukunu</i>	‘quatipuru’ <sup>85</sup>	(49) <i>korokoro</i>	‘mutuca’ <sup>86</sup>
(50) <i>perepere</i>	‘tiririca’ <sup>87</sup>	(51) <i>varyvary</i>	‘estrela’

Em (46) é possível postular a onomatopéia, pois, até certo ponto, a seqüência fonêmica reduplicada parece, de fato, imitar o cacarejar de aves galináceas, assim como em (47) a sonoridade do vocábulo lembra o som emitido por colibris. Em (48) e (49), seria preciso conhecer bem os sons característicos emitidos pelos animais nomeados para se confirmar ou não o caráter onomatopaico do vocábulo.

Todavia, há casos em que o mesmo fenômeno é observável, mas, pelo fato de o objeto referente não emitir som audível, descarta-se a hipótese de reduplicação onomatopaica, como em (50) *perepere* “tiririca”, entre outros. Em casos raros, a reduplicação pode ser dada pela percepção sensorial do referente, tal como, por exemplo, o cintilar imanente ou a quantidade das estrelas, em *varyvary* ‘estrela’. Em itens como esse, a reduplicação não se baseia na audição, mas em um outro tipo de iconicidade, em um outro tipo de simbolismo. Enfim, a *reduplicação onomatopaica*, embora não seja muito produtiva, possivelmente se limite à formação dos nomes de alguns animais, sobretudo aves e pássaros, como se viu acima.

### 3.2.2.4 Onomatopéias verbais

No caso dos sintagmas verbais, sobressaem-se os casos em que, ao lado do valor aspectual *freqüentativo* e *durativo* da reduplicação já lexicalizada da raiz, o fenômeno parece ser também onomatopaico. Com efeito, observa-se isso nas estruturas verbais que se referem a ações sintomáticas involuntárias, inerentes ao funcionamento do corpo humano, as quais implicam a emissão de ruídos repetitivos, tais como: {*ewew-*} ‘arrotar’, {*ehehe-*} ‘tossir’ e {*ææ-*} ‘vomitar’. Exemplos:

(52) [*aj ew<sup>2</sup>ew<sup>2</sup>õε'rε*]  
*aj ewew õ-e-re*  
 1SG arrotar.RED 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou arrotando.’

<sup>84</sup> Espécie de ave micropodiforme, da família dos troquilídeos.

<sup>85</sup> Serelepe, mamífero roedor ciurídeo, do gênero *Sciurus* L.

<sup>86</sup> Inseto díptero da família dos tabanídeos.

<sup>87</sup> Inseto da ordem dos isópteros.

(53) [kani æ<sup>2</sup>æ<sup>2</sup>roε're]
   
kani-tsíkwa ææ-ro e-re
   
criança-DIM vomitar.RED-CLV DECL-AUX
   
'O neném está vomitando.'

(54) [kanitsíkwa exexenε're]
   
kani-tsíkwa ehehe n-e-re
   
criança-DIM tossir.RED 3 DECL-AUX
   
'O neném está tossindo.'

Como nos exemplos supracitados, para “espirrar”, a raiz verbal é, sem dúvida, uma onomatopéia, produto de reduplicação parcial, e, conseqüentemente, sua nominalização:

(55) [oj atʃitʃĩ nε're]
   
oj atsitsĩ n-e-re
   
3SG espirrar 3-DECL-AUX
   
'Ele está espirrando.'

(56) [atʃitʃĩε]
   
atsitsĩ-e
   
espirrar-NLZ
   
'espirro'

Alguns desses casos de reduplicação da raiz verbal voltarão a ser abordados em 4.8.5, na descrição do aspecto freqüentativo.

### 3.3 Classes de palavras

A partir dos critérios de Rosch (1978), foram determinadas as seguintes classes de palavras em Kanoê:

a) **nomes**: nessa categoria aberta incluem-se todas as palavras que, além de ocorrerem como formas livres, podem receber eventual marcação ou determinação de gênero em casos específicos; apresentam classificadores nominais (lexicalizados ou não); exercem as funções sintáticas argumentais de núcleo do sujeito ou um objeto direto ou indireto ou ainda núcleo de um complemento adverbial locativo ou instrumental; e que, do ponto de vista semântico, representam a nomeclatura referencial da língua Kanoê para objetos do universo físico, do imaginário ou do abstrato.

b) **pronomes**: são desta categoria fechada e suas respectivas subcategorias todas as palavras que, além de potencialmente ocorrerem como formas livres, são referenciais ou dêiticos, alguns dos quais sujeitos à marcação de gênero e às variações de número e pessoa. Os pronomes exercem as funções de núcleo do sujeito ou de um objeto direto (*pronomes pessoais livres, indefinidos e interrogativos*); determinante possessivo num sintagma possessivo (*pronomes possessivos*); determinante demonstrativo num sintagma nominal (*pronomes demonstrativos*). Outros são passíveis de incorporação na estrutura verbal, numa relação de concordância cruzada com o núcleo do sujeito e/ou do objeto direto (*pronominais flexionais presos*). Além disso, do ponto de vista textual ou discursivo, os pronomes funcionam como anafóricos e, do ponto de vista pragmático, nos casos específicos, funcionam como dêiticos.

c) **numerais e quantificadores**: pertencem a esta categoria fechada as raízes nucleares de formas livres, simples ou compostas, sujeitas à marcação de gênero (quando for o caso), que funcionam como núcleo de determinantes quantificadores atribuíveis a nomes referentes a objetos contáveis ou quantificáveis, no escopo de um sintagma nominal.

d) **verbos**: são dessa categoria aberta raízes de natureza descritiva, qualificativa e/ou atributiva, e as efetivamente verbais, transitivas, bitransitivas ou intransitivas, passíveis de ocorrerem como núcleos de estruturas sujeitas a variações de pessoa tempo, modo e aspecto. Tais raízes são núcleos de predicados verbais atribuídos a um argumento na função de sujeito ou agente de um sintagma oracional e, além disso, denotam ações, processos,



fenômenos naturais, estados ou mudanças de estado. Segundo Dixon (1977: 20-21), os adjetivos podem não existir numa determinada língua ou existirem como uma classe fechada. Em Kanoê, não existem adjetivos, no sentido tradicional do termo, mas somente uma categoria de raízes descritivas, qualificativas ou atributivas, as quais funcionam como núcleos de estruturas morfossintáticas, de natureza predicativa, atribuíveis ao sujeito ou ao objeto no domínio de um sintagma oracional.

e) **advérbios**: compõem esta categoria fechada as raízes de natureza adverbial, potencialmente formas livres, invariáveis em relação a gênero, número, pessoa, modo, tempo e aspecto; que funcionam como núcleo de um complemento circunstancial, denotativas de tempo cronológico, espaço físico, modo ou intensidade da ação verbal.

f) **partículas e conectores**: nos demais casos, não se pode falar exatamente em classe ou categoria de palavra, pois, como outras línguas, o Kanoê apresenta uma série de formas presas e de formas dependentes<sup>88</sup>, de natureza gramatical, cuja função precípua é estabelecer relações sintáticas e semânticas no domínio de um sintagma verbal ou no âmbito de um sintagma oracional, simples ou complexo, conforme o caso. Assim, não chegam a ser plenamente “palavras”, pois não têm autonomia semântica nem discursiva. Podem ser generalizadas e arroladas numa classe aqui denominada **partículas e conectores**, os quais serão comentados no âmbito da sintaxe, onde, de fato, se realizam como tais.

As classes de palavras acima arroladas podem ser caracterizadas por parâmetros efetivamente morfológicos, os quais são dados pela possibilidade de ocorrência — ou não — dos principais elementos afixais na língua, quais sejam: a) sufixo possessivo, coletivizador, pluralizador, nominalizador; b) sufixo oblíquo {-*ni*}; c) sufixos classificadores nominais específicos ou genéricos; d) marca de flexão pessoal; e) marca de gênero; d) classificadores verbais; e) aplicativos verbais. Assim, a caracterização das classes de palavras em Kanoê pode ser vislumbrada no Quadro 1, a seguir, onde os parênteses indicam não-obrigatoriedade:

elementos	classes de palavras											
	nome		pronome			num	verbo				adv	conec e part
	possui- dor	possuí- do	pessoal	poss	dem		metere- ológico	descri- tivo	intran- sitivo	transi- tivo		
suf. possessivo	+	-	-	(+)	-	-	-	-	-	-	-	-
suf. coletiviz.	(+)	(+)	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-
suf. nominaliz.	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	-
suf. diminutivo	(+)	(+)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
suf. oblíquo	(+)	(+)	(+)	-	-	-	-	-	-	-	(+)	-
class. nom. esp	(+)	(+)	-	-	-	-	-	(+)	-	(+)	-	-
class. nom. gen	(+)	(+)	-	-	-	-	-	(+)	-	(+)	-	-
flexão pessoal	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-
marc. de gên.	(+)	(+)	(+)	-	-	(+)	-	(+)	-	(+)	-	-
classif. verbal	-	-	-	-	-	-	(+)	-	(+)	+	-	-
aplicativo	-	-	-	-	-	-	-	(+)	(+)	(+)	-	-

Quadro 1: Classes de palavras a partir de parâmetros morfológicos

<sup>88</sup> Para os conceitos de “formas livres”, “presas” e “dependentes” aqui empregados, *vide* Câmara Jr. (1971).

Por outro lado, as classes de palavras também podem ser caracterizadas a partir de parâmetros morfossintáticos, dados pelas possibilidades de exercerem — ou não — uma função nuclear ou uma periférica função numa estrutura oracional, tais como: a) determinante de um núcleo nominal; b) núcleo de SN na função de sujeito; c) núcleo de SN na função de objeto direto; d) núcleo de SN na função de objeto indireto; e) complemento adnominal possessivo (genitivo); f) complemento adnominal especificativo; g) núcleo de SV na função de predicado; h) núcleo de complemento adverbial. O Quadro 2, abaixo, reflete a distinção entre as classes, com base nesses parâmetros:

função morfossintática	CLASSES DE PALAVRAS											
	nome		pronome			num	verbo				adv	conec e part
	possui- dor	possuí- do	pes- soal	poss	dem		metere- ológico	descri- tivo	intran- sitivo	transi- tivo		
determinante de SN	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
núcleo de SN-sujeito	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
núcleo de SN-objeto direto	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
núcleo de SN-objeto indireto	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
compl. nominal genit. possessivo	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
núcleo de compl. nom. especific.	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
núcleo de SV-predicado	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
núcleo de compl. adverbial (obl.)	(+)	(+)	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-

Quadro 2: Classes de palavras a partir de parâmetros morfossintáticos

### 3.4 Morfossintaxe nominal

#### 3.4.1 Distinção entre morfemas nominais recorrentes

Para a descrição da morfologia nominal, antes de tudo, faz-se necessário descrever os critérios que permitem fazer a distinção entre os morfemas sufixais mais frequentes, a fim de que os mesmos possam receber um tratamento mais específico nas subseções deste capítulo.

Na configuração morfológica dos nomes, os critérios fundamentais utilizados para se fazer distinção entre marcadores de gênero, classificadores nominais, sufixo diminutivo e sufixo coletivizador são: o caráter flexional ou derivacional, a aplicabilidade aos nomes dos referentes (humanos, animais, plantas e coisas) e os parâmetros semânticos tais como o sexo e as propriedades físicas (forma, consistência e tamanho ou outra característica dos referentes).

A marcação morfológica de gênero é mais restrita e tem caráter flexional, pois só ocorrem nos nomes relativos a referentes humanos, sobretudo na terminologia das relações de parentesco (consanguíneo ou por afinidade), estabelecendo a determinação dos sexos. Em decorrência disso, os marcadores de nominais gênero tecem relações de concordância cruzada os com marcadores verbais de gênero, a saber:  $\{-k\tilde{y}j\}$  ‘MASC’ e  $\{-nake\}$  ‘FEM’.

É verdade que existem uns raríssimos casos em que {-*nake*} ‘FEM’ aparece sufixado num nome de animal, como em *tuturunake* ‘tucunaré’, espécie de peixe. Mas, nesses casos, esse morfema já está lexicalizado, pois já não é possível segmentá-lo. O mesmo não ocorre com {-*kwã*} ‘MASC’: não existe a possibilidade de ocorrência de \**tuturukwã*, em oposição sistemática a *tuturunake*.

Por sua vez, os classificadores nominais são tipicamente derivacionais, pois, quando afixados a uma raiz nominal, acrescentam ao vocábulo alguns traços semânticos relativos a propriedades físicas dos referentes (forma, consistência, tamanho) ou a alguma característica proeminente dos objetos que nomeiam. Some-se a isso que, na absoluta maioria dos casos, os classificadores nominais ocorrem, em geral, nos nomes de alguns animais e principalmente nos de seres assexuados, como plantas, elementos da natureza e coisas. Nesses casos, jamais acrescentam traço semântico relativo à distinção entre os sexos.

Já o sufixo {-*tsíkwa*} ‘DIM’ aplica-se tanto a nomes de referenciais humanos e não humanos, sem maiores restrições de ocorrência, daí sua alta produtividade. Todavia, em suas ocorrências, o acréscimo desse sufixo tem caráter derivacional, pois forma um novo vocábulo derivado, aplicável a um outro referente. Finalmente, o sufixo {-*te*} ‘COL’, de ocorrências muito limitadas na categoria dos nomes, é encontrável também na estrutura morfológica dos pronomes pessoais livres e pronomes demonstrativos, o que não acontece com os demais morfemas enfocados. O quadro abaixo reflete essas distinções entre os marcadores de gênero (GEN), os classificadores nominais (CLE) e os sufixos {-*tsíkwa*} ‘DIM’ e {-*te*} ‘COL’:

MORFEMA	caráter		aplicabilidade aos referentes				parâmetros semânticos			
	flexional	derivacional	sexuados		assexuados		sexo	propriedades físicas		
			humano	animal	plantas	coisas		forma	consist.	tamanho
GEN	+	-	+	(+)	-	-	+	-	-	-
CLE	-	+	-	+	+	+	-	+	+	+
DIM	-	+	+	+	+	+	-	-	-	+
COL	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-

Quadro 3: Distinções entre os tipos de morfemas nominais mais recorrentes

Por outro lado, esses morfemas também se distinguem a partir de critérios efetivamente morfossintáticos, tais como as possibilidades de afixação sufixal ou, em casos específicos, de justaposição às raízes das diversas classes de palavras e, ainda, as probabilidades de incorporação na estrutura verbal. Com efeito, nota-se que os morfemas marcadores de gênero, os classificadores nominais específicos e genéricos, o sufixo diminutivo e o coletivizador têm distribuição diversificada, o que justifica interpretá-los como morfemas de natureza e função distintas. O quadro a seguir não apenas reflete a distribuição desses morfemas, mas também reforça a distinção entre em classes de palavras:

MORFEMAS		CLASSES DE PALAVRAS										
categ	marca morfológica	nome		pronomes / loc. pronominal				numer /quant	verbo			
		humano	não-hum	livre	poss	indef	int		DESCR	INTR	TRA	
GEN	M	-kwã	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		-kÿj	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+
		ævo	+	(+)	+	-	-	-	-	-	-	-
	F	-nake	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+
		e	+	(+)	-	-	-	-	-	-	-	-
CLE	vários	-	+	-	-	-	-	-	+	+	+	
CLG	alguns	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	
DIM	-tsíkwa	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	
COL	-te	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	

Quadro 4: Distribuição dos morfemas nominais mais recorrentes

### 3.4.2 Nomes simples versus nomes compostos

Uma primeira análise da constituição morfológica do léxico nominal em Kanoê permite vislumbrar a categoria dos nomes em dois grandes grupos, a saber: *nomes simples* e *nomes compostos*. Para tal distinção, é importante considerar quatro critérios básicos:

1º) do ponto de vista prosódico, os nomes que apresentam um único padrão acentual primário em oposição ao que apresentam mais de um padrão acentual primário;

2º) do ponto de vista morfológico, a estrutura interna dos nomes simples em oposição à dos nomes compostos, isto é, os que têm uma única raiz nominal em contraste com os que apresentam mais de uma raiz nominal;

3º) do ponto de vista sintagmático, a ordem usual dos constituintes;

4º) do ponto de vista semântico, a amplitude da significação.

Assim, foram considerados *nomes simples* os que apresentam: a) um único padrão acentual, que recai sempre na última sílaba da palavra; b) os que têm como núcleo uma única raiz à qual se agregam morfemas periféricos; c) os que são o núcleo determinado na cadeia sintagmática; d) os que têm significação primária generalizante. Por sua vez, são *compostos*, por *justaposição* ou por *aglutinação*, os nomes formados por mais de uma raiz nominal, mas que mantêm o mesmo padrão acentual dos nomes simples.

Os demais casos de seqüências nominais serão tratados como sintagmas nominais formados justaposição, como em *kwini æky* [*kwi'nĩ æ'ky*] “jatarana”, no qual cada vocábulo do composto mantém sua autonomia acentual. Em geral, o segundo elemento é determinante do primeiro, mas o significado não é a mera soma algébrica dos significados parciais. Assim sendo, as formas {*kwini*} “peixe” e {*æky*} “banana” compõem um todo significativo, ainda que de natureza metafórica funcional<sup>89</sup>: “jatarana” é literalmente “peixe parecido com uma banana”, em Kanoê.

<sup>89</sup> Para o conceito de “metáfora funcional”, vide Ferrarezi Jr. (2000: 127-140).

É importante ressaltar a possibilidade de estruturas nominais ainda mais complexas, maiores do que um nome composto, e menores que uma oração. São os sintagmas nominais que, marcados por {-*ni*} ‘OBL’, exercem a função sintática de complementos adverbiais locativos, como *ikuta-ni* “na cabeça”; ou instrumentais, como *tsutsiraetsikwa-ni* “com a faca”.

Há que se destacar também os casos específicos em que a nomeação é dada por uma locução oracional descritiva, tal como em *varyvary piræ pæræneræ* “estrela cadente” (Lit.: “estrela rato correndo”), ou como *okykūti moreere* “arco-íris” (Lit.: “A sucuri está bonita.”), que são verdadeiras expressões metafóricas funcionais.

### 3.4.2.1 Estrutura dos nomes simples

Em Kanoê, há vários níveis de complexidade morfológica dos nomes *simples*, desde os monomorfêmicos, os constituídos de apenas uma única forma livre, até os polimorfêmicos, constituídos por formas livres e presas, cujas estruturas nominais são gradualmente mais complexas. Contudo, há um número significativo de nomes indecomponíveis numa análise sincrônica, então monomorfêmicos, posto que os elementos constituintes de suas respectivas estruturas internas, sobretudo os classificadores nominais, já fossilizaram ou se lexicalizaram. Assim sendo, somente numa perspectiva diacrônica seria possível decompô-los em unidades menores, em termos etimológicos. Nesta análise, os nomes que contêm uma raiz neutra, destituída de conteúdo semântico, serão interpretados como nomes simples.

De qualquer modo, a estrutura fundamental da grande maioria dos nomes simples pode ser representada por uma única fórmula configuracional generalizante, exceto para alguns dos nomes deverbiais:

$$N \rightarrow (RN)+ N_{\text{raiz}} + \left\{ \begin{array}{l} (CLE) \\ (DIM) \\ (COL) \\ (GEN) \\ (POSS) \end{array} \right\} + (NOM)$$

A partir dessa regra são deriváveis nove tipos básicos de estruturas nominais, a saber:

a) raiz simples (ou reduplicada):  $N \rightarrow N_{\text{raiz}}$ . Exemplos

- |                      |                   |                      |                       |
|----------------------|-------------------|----------------------|-----------------------|
| (57) <i>ava</i>      | ‘arara’           | (58) <i>ype</i>      | ‘dente’               |
| (59) <i>korokoro</i> | ‘vespa’ (espécie) | (60) <i>kunukunu</i> | ‘quatipuru, serelepe’ |

b) raiz neutra seguida de raiz nominal:  $N \rightarrow RN+N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- |                                |         |   |                    |
|--------------------------------|---------|---|--------------------|
| (61) <i>i-kerá</i><br>RN-lábio | ‘lábio’ | (62) <i>i-rãw</i><br>RN-carne               | ‘carne’            |
| (63) <i>i-nã</i><br>RN-rosto   | ‘rosto’ | (64) <i>i-toroti</i><br>RN-coluna vertebral | ‘coluna vertebral’ |

c) raiz nominal mais classificador nominal específico:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}}+CLE$ . Exemplos:

- |   |          |   |           |
|---|----------|---|-----------|
| (65) <i>atiti-kaña</i><br>milho-CLE.farinha | ‘paçoca’ | (66) <i>mapi-tinu</i><br>flecha-CLE.pastoso | ‘pólvora’ |
|---|----------|---|-----------|

- (67) *tê-ko* ‘coco, cacho de coco’  
coqueiro-CL.coco
- (68) *onu-ko* ‘coco de murumuru’<sup>90</sup>  
murumuru-CLE.coco

d) raiz nominal mais classificador específico, seguida de outro classificador específico:  $N \rightarrow [N_{\text{raiz}} + \text{CLE}] + \text{CLE}$ . Exemplos:

- (69) *kome-ko-mu* ‘suco de cupuaçu’<sup>91</sup>  
cupuaçu-CLE.coco-CLE.líqu
- (70) *mutyry-ko-mu* ‘vinho de açaí’<sup>92</sup>  
açaí-CLE.coco-CLE.líqu
- (71) *tarua-ky-ko* ‘bicho-pau’  
‘bicho-pau’-CLE.oblongo-CLE.coco
- (72) *erej-kwa-mu* ‘látex de seringueira’  
bola-CLE-CLE.líqu

e) raiz nominal seguida de um sufixo diminutivo:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} + \text{DIM}$ . Exemplos:

- (73) *natæ-tsíkwa* ‘caneca, caneco’  
cuia-DIM
- (74) *kwite-tsíkwa* ‘garça-branca pequena’<sup>93</sup>  
garça-DIM
- (75) *ta-tsíkwa* ‘carrapatinho’<sup>94</sup>  
carrapato-DIM
- (76) *pura-tsíkwa* ‘cigarrinha’<sup>95</sup>  
cigarra-DIM

f) raiz nominal mais sufixo coletivizador:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} + \text{COL}$ . Exemplos:

- (77) *kani-te* ‘criançada’  
criança-COL
- (78) *uruã-te* ‘rapazeada’  
rapaz-COL
- (79) *kwini-te* ‘peixes, cardume’  
peixe-COL
- (80) *vako-te* ‘esteios, grade’  
esteio-COL

g) raiz nominal mais sufixo nominalizador:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} + (\text{DECL})$ . O nominalizador, em alguns casos é facultativo, como em (83) e (84), ou já fossilizado, como em (85) e (86):

- (81) *paraw-e* ‘fogão, trempe’  
‘fogão-NLZ
- (82) *myryky-e* ‘marimbondo chapéu’<sup>96</sup>  
‘marimbondo-chapéu’-NLZ
- (83) *mita-(e)* ‘lua’  
lua-(DECL)
- (84) *itsaj-(e)* ‘anoitecer’  
anoitecer-(DECL)
- (85) *mimie* ‘orelha de pau’<sup>97</sup>  
‘orelha-de-pau’
- (86) *kwaatsie* ‘sapo’  
sapo

h) raiz seguida de marcação de gênero:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} + \text{GEN}$ . Exemplo:

- (87) *tu-kwã* ‘irmão’  
irmão-MASC
- (88) *tu-nake* ‘irmão’  
irmão-FEM

<sup>90</sup> Espécie de palmeira (*Astrocarym murumuru*).

<sup>91</sup> Fruto da árvore cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), da família das esterculiáceas.

<sup>92</sup> Vinho ou refresco do fruto da palmeira açaí (*Euterpe oleracea*).

<sup>93</sup> Ave ciconiforme, da família dos ardeídeos.

<sup>94</sup> Espécie de inseto artrópode, aracnídeo, acarino, da família dos ixodídeos.

<sup>95</sup> Espécie de inseto homóptero da família dos cicadelídeos.

<sup>96</sup> Inseto himenóptero, da família dos vespídeos (*Apoica pallida* Oliv.).

<sup>97</sup> Urupê, espécie de fungo da família das poliporáceas (*Polyporus sanguineus*).

- (89) *vae-kwã* ‘primo’ (90) *vae-nake* ‘prima’  
 primo-MASC primo-FEM

i) raiz mais sufixo possessivo + nominalizador: N → N<sub>raiz</sub> + POSS+NOM. Exemplo:

- (91) *kañ-o-e* ‘botoque para nariz’ (Lit.: ‘de nariz’)  
 nariz-POSS-DECL

### 3.4.2.2 Estrutura das nominalizações ou nomes deverbais

Compreendendo-se nominalização *lato sensu* como um processo de criação de um substantivo a partir de qualquer outra classe de palavra e nominalização *stricto sensu*, a que estabelece uma relação paradigmática entre formas verbais e nomes (Basílio, 1987: 74; Payne, 1997: 223-231), pode-se afirmar aqui que, em Kanoê, são encontráveis apenas alguns casos do segundo tipo, representáveis pela fórmula geral simplificada: V → N.

De fato, em Kanoê, em alguns nomes ocorre a presença do morfema {-e}, que funciona como “nominalizador”. Em outros casos — sobretudo nas construções verbais — existe um morfema homófono que marca o modo declarativo de uma sentença. O que indicia a possibilidade de interpretá-lo como nominalizador é a relação que se pode estabelecer entre um nome deverbal e um predicado verbal. Exemplos:

- (92) ña kani i-rāw u-ro n-e-re  
 POSS1SG criança RN-carne comer-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Minha filha está comendo carne.’

- (93) jato u-ro-e topi e-re  
 POSS1PL comer-CLV-NLZ podre DECL-AUX  
 ‘Nossa comida está estragada.’

Em (92) ocorre a seqüência da raiz verbal {u-} “comer” seguida de {-ro}, que é um classificador verbal. Em (93), ocorre a mesma seqüência, seguida de {-e} e, nesse caso, essa estrutura deverbal tem valor nominal: uro-e “comida”. Sintaticamente, é núcleo do sujeito de um predicado atributivo, função típica dos nomes. Pode-se concluir-se que {-e} funciona, de fato, como nominalizador.

Além da relação transparente com algumas raízes verbais, o mesmo morfema aparece, é opaco na fronteira final de alguns nomes, pois, em vários casos, parece estar fossilizado, como na possível estrutura morfológica subjacente a *pe jakawe*:

- (94) *pæ-ja-kaw<sup>98</sup>-e*  
 dançar-DIR-canela-NLZ  
 ‘tornozeleira de fibras trançadas’

Há, porém, um outro grupo itens lexicais terminados em “e”, para os quais não se pode postular a ocorrência de morfema nominalizador, pois não há uma relação intrínseca com uma forma verbal correlata. Em caráter provisório, o “e” na fronteira final desses itens será interpretado como fonema integrante da forma fonológica da raiz nominal. Exemplos:

- (95) *ae* ‘mato, vegetação’ (96) *ajatie* ‘chapéu’ (típico dos Kanoê)

<sup>98</sup> Aqui parece haver a incorporação da raiz de *i-kaw* ‘canela’.

(97) *kūkoe* ‘tatu’ (98) *pirawe* ‘botoque para nariz’

Em Kanoê, a nominalização de raízes verbais não acarreta a perda de valência. Assim, se uma raiz verbal é transitiva e exige um argumento na função de objeto direto, mesmo quando nominalizada essa raiz conserva sua transitividade. Por sua vez, uma raiz intransitiva se mantém como tal. Embora se incluam na classe dos nomes, as nominalizações deverbais se caracterizam por rejeitarem determinantes possessivos em nível do sintagma nominal. Podem ocorrer eventualmente como formas livres, mas são mais freqüentes em orações subordinadas, como nos seguintes exemplos:

(99) *mi pi-pateñu-tsi mapi po-ro-e*  
 2SG 2-conhecer-INT flecha fazer-CLV-NLZ  
 ‘Você sabe fazer flecha?’

(100) *aj i-ẽ-to e-re po-ro-e*  
 1SG 1-saber-TRA DECL-AUX fazer-CLV-NLZ  
 ‘Eu sei fazer flecha.’

Em geral, os nomes deverbais apresentam a seguinte configuração morfológica:

$$N \rightarrow V_{\text{raiz}} \left\{ \begin{array}{l} (\text{CLE}) \\ (\text{CLV}) \\ (\text{DIR}) \end{array} \right\} + \text{NLZ} + (\text{DIM})$$

A partir dessa regra são derivados os seguintes casos específicos de nominalização:

a) raiz verbal seguida nominalizador:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + \text{NLZ}$ . Exemplos:

(101) *teva-e* ‘brinquedo’ (102) *iva-e* ‘dor’  
 brincar-NLZ dor-NLZ  
 (103) *atsi-e* ‘medo’ (104) *tšojra-e* ‘beijo’  
 temer-NLZ beijar-NLZ

b) raiz verbal mais classificador nominal e nominalizador:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + \text{CLE} + \text{NLZ}$ . Ex.:

(105) *etsivi-kwa-e* ‘bexiga’  
 urinar-CLE-NLZ

c) raiz verbal mais classificador verbal e nominalizador:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + \text{CLV} + \text{NLZ}$ . Ex.:

(106) *paj-ro-e* ‘risada’ (107) *u-ro-e* ‘comida’  
 rir-CLV-NLZ comer-CLV-NLZ  
 (108) *vara-ro-e* ‘língua, idioma’ (109) *koko-ro-e* ‘vassoura’  
 falar-CLV-NLZ varrer-CLV-NLZ

d) raiz verbal mais direcional e nominalizador:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + \text{DIR} + \text{NLZ}$ . Exemplos:

(110) *pæ-ja-e* ‘dança’ (111) *aj-ja-e* ‘assento’  
 dançar-DIR-NLZ sentar-DIR-NLZ



e) raiz verbal seguida classificador verbal e de nominalizador, mais o acréscimo de sufixo diminutivo:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + \text{CLV} + \text{NLZ} + \text{DIM}$ . Exemplo:

- (112) *tsutsi-ro-e-tsikwa* ‘faca’  
cortar-CLV-NLZ-DIM

### 3.4.2.3 Estrutura dos nomes compostos

Para os nomes compostos, considerando-se a complexidade e a grande variedade de estruturas morfológicas, não foi possível estabelecer uma regra única e generalizante, que seja capaz de englobar todos os casos. Assim sendo, abaixo são arrolados os principais casos de nomes compostos, quais sejam:

a) raiz nominal mais raiz nominal:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} + N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- (113) *kurakura kani* ‘pintinho’ (114) *æky kani* ‘muda de bananeira’  
galináceo criança banana criança
- (115) *oky kūt i* ‘sucuri’ (116) *ævo iñaj* ‘testículo’ (Lit.: ‘ovo de homem’)  
cobra pilão homem ovo

b) raiz verbal descritiva mais raiz nominal:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- (117) *uru-kuteñu* ‘pau-brasil’<sup>99</sup> (118) *erej-pærætæ* ‘panela redonda’  
novo-‘pau-brasil’ bola-panela

c) raiz nominal, seguida de raiz verbal descritiva mais raiz nominal incorporada:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} [V_{\text{raiz}} + N_{\text{raiz}}]$ . Exemplos:

- (119) *ava ej-kanũ* ‘arara-do-bico-’ (120) *turumare pẽ-kutæ* ‘pica-pau-da-cabeça-’  
arara grande-nariz grande<sup>100</sup> ‘pica-pau’ vermelho-cabeça vermelha<sup>101</sup>
- (121) *ñake ej-kanũ* ‘tucano-do-bico-’ (122) *mamaj toko pæ-kutæ* ‘gavião-de-’  
tucano grande-nariz grande<sup>102</sup> gavião branco-cabeça penacho<sup>103</sup>

d) raiz nominal seguida de raiz verbal descritiva e classificador nominal específico, de acordo com a regra:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} [V_{\text{raiz}} + \text{CLE}]$ . Exemplos:

- (123) *epy uru-kwa* ‘castanha nova’ (124) *kometaw uru-taw* ‘fava, feijão verde’  
castanha novo-CLE fava novo-CLE

e) raiz verbal descritiva mais raiz nominal e marca de gênero:  $N \rightarrow V_{\text{raiz}} + N_{\text{raiz}} + \text{GEN}$ .

- (125) *uru-tũ-kwæ* ‘irmão mais novo’ (126) *uru-tũ-nake* ‘irmã mais nova’  
novo-irmão-MASC novo-irmão-FEM

<sup>99</sup> Árvore da família das leguminosas (*Caesalpinia echinata*). Aqui o informante deve ter se confundido, pois “pau-brasil” não é espécie típica da região amazônica e sim de mata atlântica. TK não soube explicar a dúvida.

<sup>100</sup> Ave da família dos psitacídeos (*Guaruba guaroupa*).

<sup>101</sup> Ave piciforme, da família dos picídeos (*Phloeocestes robustus* (Lich.)).

<sup>102</sup> Ave piciforme da família dos ranfastídeos.

<sup>103</sup> Ave falconiforme, da família dos acipitrídeos (*Morphnus guianensis* (Daud. C.)).

f) raiz nominal seguida de raiz verbal descritiva, marca de flexão pessoal de terceira pessoa mais sufixo nominalizador:  $N \rightarrow N_{\text{raiz}} V_{\text{raiz}} + \text{FP} + \text{NLZ}$

- (127) *ñuvi pe-n-e* ‘veado-vermelho’<sup>104</sup> (128) *mamajtoko voro-n-e* gavião-preto<sup>105</sup>  
veado vermelho-3-NLZ gavião negro-3-NLZ

g) raiz nominal mais sufixo possessivo, seguida de raiz nominal, que representa um nome possuído:  $N \rightarrow [N_{\text{raiz}} + \text{POSS}] N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- (129) *æky-o æj* ‘folha de bananeira’ (130) *kuni-o y* ‘anzol’ (Lit.: ‘espinho  
banana-POSS folha água-POSS espinho d’água’)

h) raiz neutra mais raiz nominal e sufixo possessivo, seguida de raiz nominal que representa um nome possuído:  $N \rightarrow [\text{RN} + N_{\text{raiz}} + \text{POSS}] N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- (131) *i-kañu-o væj* ‘narina’ (132) *i-teñu-o nu* ‘canal auricular’  
RN-nariz-POSS buraco RN-orelha-POSS orifício corporal
- (133) *i-tsotsi-o piko* ‘unha do pé’ (134) *i-kwamu-o i-utã* ‘osso do braço’  
RN-pé-POSS unha RN-braço-POSS RN-osso

i) raiz neutra, mais raiz nominal e sufixo possessivo, seguida de raiz verbal nominalizada, que representa um nome possuído:  $N \rightarrow [\text{RN} + N_{\text{raiz}} + \text{POSS}] N_{\text{raiz}}$ . Exemplos:

- (135) *i-kuta-o iva-e* ‘dor de cabeça, cefaléia’  
RN-cabeça-POSS doer-NLZ

- (136) *i-tekwa-o iva-e* ‘dor de estômago’  
RN-barriga-POSS

j) raiz neutra mais raiz nominal, mais raiz nominal, mais sufixo possessivo, seguida de raiz nominal que representa um nome possuído:  $N \rightarrow [\text{RN} + N_{\text{raiz}} + N_{\text{raiz}} + \text{POSS}] N_{\text{raiz}}$ . Ex.:

- (137) *i-ta-kÿj-o væj* ‘casa’ (Lit.: ‘buraco do olho da pele’)  
RN-pele-olho-POSS buraco

### 3.4.3 A marcação do gênero nominal

Como se viu em 3.4.1, na maior parte dos casos, a marcação de gênero nominal se restringe a nomes de referentes humanos, com destaque para alguns dos termos de parentesco. Assim sendo, pode-se dizer que, em Kanoê, não há flexões paradigmáticas de gênero extensíveis à categoria dos nomes em sua totalidade. Por outro lado, existem dois morfemas nominais específicos que não apenas marcam morfologicamente um determinado nome quanto ao gênero, mas também podem estabelecer relações de concordância entre nomes ou pronomes e estruturas verbais, quais sejam:  $\{-kw\tilde{a}\}$  ‘MASC’ e  $\{-nake\}$  ‘FEM’. Além desses morfemas, as formas livres *ævo* ‘homem’ e *e* ‘mulher’, em casos específicos, também podem funcionar como marcadores de gênero no domínio de um sintagma nominal. Nos casos em que o gênero é marcado, essa categoria gramatical é expressa de quatro modos, a saber:

<sup>104</sup> Mamífero artiodáctilo cervídeo (*Mazama americana*).

<sup>105</sup> Ave falconiforme da família Accipitridae (*Buteogallus urubupitinga*).

- 1<sup>o</sup>) é semanticamente *inerente* ao vocábulo;  
 2<sup>o</sup>) é marcado na constituição morfológica do vocábulo por {-*kwǎ*} para “masculino” ou por {-*nake*} para “feminino”;  
 3<sup>o</sup>) pela *anteposição* das formas livres *ævo* “homem”, para masculino, e *e* “mulher”, para feminino, a um substantivo neutro, no escopo do sintagma nominal;  
 4<sup>o</sup>) pela *posposição* de *ævo-re* “ser homem” (= “ser macho”) ou de *e-re* “ser mulher” (= “ser fêmea”) a um nome não-marcado ou neutro, no âmbito do sintagma nominal.

Para cada um desses casos, vejam-se os seguintes exemplos:

### 3.4.3.1 Gênero inerente: concordância com {-*kỹj*} ‘MASC’ ou {-*nake*} ‘FEM’

- (138) *ævo* ‘homem, marido, macho, masculino’  
 (139) *e* ‘mulher’, ‘esposa’, ‘fêmea’, ‘feminino’  
 (140) *tsutsu* ‘avô’  
 (141) *keke* ‘avó’  
 (142) *mujoiteñaj* ‘tio’  
 (143) *ātā* ‘tia’  
 (144) *papa* ‘pai’  
 (145) *muj* ‘mãe’  
 (146) *nake* ‘mulher, moça’

Como se pode observar, os dados acima são relativos a termos de parentesco. Nesses, a marcação de gênero não é feita em nível de constituição interna do vocábulo, mas a inerência do gênero se evidencia na relação de concordância com um sintagma atributivo ou qualificativo, mais precisamente no interior da estruturas predicativas, a partir dos morfemas {-*kỹj*} ‘MASC’ e de {-*nake*} ‘FEM’, como demonstram os negritos nos exemplos a seguir:

- (147) *jato papa tēpū-kỹj e-re* (148) *ña muj tēpū-nake e-re*  
 POSS1PL pai velho-MASC DECL-AUX POSS1SG mãe velho-FEM DECL-AUX  
 ‘Nosso pai está velho.’ ‘Minha mãe está velha.’  
 (149) *ña ævo ã-kỹj e-re* (150) *ña e ã-nake e-re*  
 POSS1SG homem gordo-MASC DECL-AUX POSS1SG mulher gordo-FEM DECL-AUX  
 ‘Meu marido está gordo.’ ‘Minha esposa está gorda.’

### 3.4.3.2 Gênero expresso por {-*kwǎ*} ‘MASC’ ou {-*nake*} ‘FEM’

- (151) *tu-kwǎ* ‘irmão mais velho’ (152) *tu-nake* ‘irmã mais velha’  
 irmão-MASC irmão-FEM  
 (153) *uru-tu-kwǎ* ‘irmão mais novo’ (154) *uru-tu-nake* ‘irmã mais nova’  
 novo-irmão-MASC novo-irmão-FEM  
 (155) *tsu-kwǎ* ‘caboclo, índio’ (156) *tsu-nake* ‘cabocla, índia’  
 nu-MASC nu-FEM  
 (157) *taja-kwǎ* ‘toalha masculina’ (158) *taja-nake* ‘toalha feminina’  
 enxugar-MASC enxugar-FEM

Em (157) e (158) é interessante notar a marcação de gênero em relação um nome verbal referente a objeto de uso pessoal. Curiosamente, esses dados foram elicitados junto

aos informantes “isolados do Omeré”, que provavelmente não conheciam o objeto antes do contato com a FUNAI. Trata-se de casos únicos, posto que não há exemplos similares.

### 3.4.3.3 {-kwæ} versus {-kỹj}: marcadores de categorias distintas

Considerando que a marcação de gênero masculino pode ser dada por {-kwæ} ou por {-kỹj}, a tendência é pressupor que essas duas formas sejam, na verdade, realizações alomórficas de um único morfema. No entanto, nos exemplos supracitados, pode-se verificar que todas as ocorrências de {-kwæ} são restritas à fronteira final de vocábulo nominal, enquanto as de {-kỹj} são verificáveis sobretudo incorporadas no interior de estruturas atributivas e de outras estruturas verbais, depois da raiz e antes do auxiliar {-re}. Assim, esses morfemas têm distribuição distinta, ao passo que {-nake} ‘FEM’, com o qual ambos contrastam, tem distribuição mais geral, porque pode ocorrer como forma livre. Logo, {-kwæ} e {-kỹj} são morfemas distintos, pois pertencem a categorias morfossintáticas diferentes: o primeiro é nominal; o segundo, preponderantemente verbal, como se viu em 3.4.1, Quadro 4.

### 3.4.3.4 Gênero expresso por ævo para ‘MASC’ e por e para ‘FEM’

O contraste entre alguns dados do Kanoê deixa claro que, quando se quer ou quando há necessidade de especificar o sexo do referente, o gênero pode ser marcado pela anteposição de ævo “homem”, para o masculino, e de e “mulher”, para o feminino. É o caso de kani: com alta frequência, esse nome ocorre não determinado quanto a gênero, podendo significar ora “criança” ou “bebê”, ora “menino” ou “menina”, ora “filho” ou “filha”; e ainda “filhote” (se aplicado a animais), “larva” (se aplicado a larvas de insetos) e “muda” (se aplicado a plantas). Exemplos:

(159) *kani pa e-re mini*

criança nascer DECL-AUX hoje

‘O neném nasceu hoje.’

(Lit: ‘A criança nasceu hoje.’)

(160) *kani iriri-ro e-re*

criança correr-CLV DECL-AUX

‘O menino está correndo.’

(Lit.: ‘A criança está correndo.’)

(161) *kani atsi n-e-re vovotsi*

criança temer 3-DECL-AUX ‘coruja.grande’

‘A menina tem medo da coruja.’

(Lit.: ‘A criança tem medo da coruja grande (espécie).’)

(162) *ña kani tũvo e-re*

POSS1SG criança adoecer DECL-AUX

‘Minha filha está doente.’

(Lit.: ‘Minha criança está doente.’)

(163) *ña kani mo-ø-kỹj n-e-re*

POSS1SG criança dormir-3-olho 3-DECL-AUX

‘Minha filha está dormindo.’

(Lit.: ‘Minha criança está dormindo.’)

Nos casos acima, a inerência de gênero de *kani* é dada pelo contexto. Porém, notem-se os casos em que o mesmo vocábulo pode ocorrer com o gênero marcado pela anteposição das formas livres *ævo* “homem” ou de *e* “mulher”, compondo um sintagma nominal, onde tais elementos funcionam como determinantes. Exemplos:

(164) *ævo kani tũvo n-e-re*

homem criança adoecer 3-DECL-AUX

‘O menino está doente.’ (Lit.: ‘O homem criança está doente.’)

(165) *e kani tũvo n-e-re*

mulher criança adoecer 3-DECL-AUX

‘A menina está doente.’

(Lit.: ‘A mulher criança está doente.’)

(166) *ævo kani i-roko rwa-roko e-re*

homem criança RN-joelho machucar-joelho DECL-AUX

‘O menino machucou o joelho.’

(167) *e kani i-roko rwa-roko e-re*

mulher criança RN-joelho machucar-joelho DECL-AUX

‘A menina machucou o joelho.’

Assim, do ponto de vista pragmático, essa marcação gênero é facultativa, pois, no uso efetivo da língua, está ligada ao contexto discursivo ou à intencionalidade do falante. Por outro lado, há ainda os casos em que, para o mesmo item, a determinação de gênero é feita pelos marcadores de gênero  $\{-k\tilde{y}j\}$  e  $\{-nake\}$ , incorporados na estrutura verbal. Exemplos:

(168) *kani pe-ø-ja-kỹj e-re*

criança deitar-3-DIR-MASC DECL-AUX

‘O menino está deitado.’

(169) *kani pe-ø-ja-nake e-re*

criança deitar-3-DIR-FEM DECL-AUX

‘A menina está deitada.’

### 3.4.3.5 Gênero expresso por *ævo-re* para ‘MASC’ ou *e-re* para ‘FEM’

Tratando-se de hiperônimos referentes a espécies de animais, o gênero do sintagma nominal é dado pela posposição dos predicativos equativos acima especificados:

(170) *opera ævo-re* ‘onça macho’ (171) *opera e-re* ‘onça fêmea’  
 onça homem-AUX onça mulher-AUX

(172) *kurakura ævo-re* ‘galo’ (173) *kurakura e-re* ‘galinha’  
 galináceo homem-AUX galináceo mulher-AUX

(174) *iry ævo-re* ‘macaco macho’ (175) *iry e-re* ‘macaco fêmea’  
 macaco homem-AUX macaco mulher-AUX

Observa-se que categorização de gênero é feita por um predicativo constituído pelo item nominal determinante de gênero mais  $\{-re\}$  ‘AUX’ que, nesse caso, tem o valor mais preciso de copulativo equativo, traduzível aproximadamente por “ser”. Assim, sem

marcador declarativo precedente, {-re} funciona como um marcador de participio, de tal sorte que a tradução literal para os predicativos supracitados seria “sendo macho” e “sendo fêmea”.

### 3.4.4 A inexistência da marcação de número nos nomes

Em Kanoê, não existem flexões nominais paradigmáticas de número. No entanto, foram registrados casos esparsos de nomes contáveis, animados ou inanimados, marcados pelo sufixo {-te}, como fica evidente no contraste entre os pares de exemplos abaixo, dentre os quais apenas (170) e (172) ocorrem com alguma frequência:

(176) <i>kani</i>	‘criança’	(177) <i>kani-te</i>	‘criançada’
(178) <i>uruã</i>	‘rapaz’	(179) <i>uruã-te</i>	‘rapazeada’
(180) <i>kwini</i>	‘peixe’	(181) <i>kwini-te</i>	‘cardume’

Nas últimas sessões de trabalho de campo foi testada a possibilidade de {-te} aplicar-se somente a coisas contáveis. Para tanto, o mesmo morfema foi agregado hipoteticamente a nomes referentes a objetos unitários que, assim, se revelaram formas agramaticais:

(182a) <i>kwikaj</i>	‘sol’	(182b) * <i>kwikaj-te</i>	‘(muitos) sóis’
(183a) <i>mita</i>	‘lua’	(183b) * <i>mita-te</i>	‘(muitas) luas’
(184a) <i>akita</i>	‘céu’	(184b) * <i>akita-te</i>	‘(muitos) céus’

Do mesmo modo, verificou-se a possibilidade de {-te} aplicar-se a alguns nomes de referentes incontáveis, líquidos ou massivos, tais como “sangue”, “água”, “terra”, “comida” e “milho”. Como se previa, os informantes não reconheceram as formas assim compostas:

(185a) <i>kuni</i>	‘água’	(185b) * <i>kuni-te</i>	‘muita águas’
(186a) <i>ikuni</i>	‘sangue’	(186b) * <i>ikuni-te</i>	‘muito sangues’
(187a) <i>tepy</i>	‘terra’	(187 <sup>a</sup> ) * <i>tepy-te</i>	‘muitas terras’
(188a) <i>uroe</i>	‘comida’	(188b) * <i>uroe-te</i>	‘muita comida’
(189a) <i>kaña</i>	‘farinha’	(189b) * <i>kaña-te</i>	‘muitas farinhas’

Testou-se também a hipótese de tais nomes ocorrerem determinados por numerais na estrutura de um sintagma nominal. Como se previa, no caso de nomes de referentes naturalmente unitários ou líquidos ou massivos, o resultado, em princípio, é agramatical:

(190) * <i>mow pja kwikaj</i>	‘três sóis’
(191) * <i>mow mow mita</i>	‘quatro luas’
(192) * <i>mow mow pja kuni</i>	‘cinco águas’
(193) * <i>mow mow tepy</i>	‘duas terras’
(194) * <i>mow pja uroe</i>	‘três comidas’
(195) * <i>mow pja kaña</i>	‘três farinhas’

Logo, pode-se concluir que a língua Kanoê distingue objetos contáveis e não contáveis. Desse modo, nos quatro casos arrolados, a regra seria dada pela fórmula N-PL, onde N é um nome contável, portanto pluralizável, e {-te} um pluralizador. Todavia, não havendo um paradigma de flexão sistemática de número para os nomes, como segunda conclusão, preferiu-se interpretá-lo como um “coletivizador”. Por conseguinte, os vocábulos marcados por {-te} são aqui tratados como coletivos derivados por sufixação. Desse modo, elimina-se a flexão de número para toda a classe nominal, exceto alguns pronominais (*vide* 3.5.1), dada a baixa produtividade de {-te}.

Em Kanoê o recurso gramatical mais produtivo para se expressar a idéia de “quantidade” em relação a nomes de coisas contáveis e não contáveis é a anteposição de *arakere* “muitos, muitos”. Esse quantificador pode ocorrer irrestritamente. Exemplos:

- (196) *arakere kuni* ‘muita água’  
 (197) *arakere uroe* ‘muita comida’  
 (198) *arakere mapi* ‘muitas flechas’  
 (199) *arakere æky* ‘muitas bananas’  
 (200) *arakere kani* ‘muitas crianças’  
 (201) *arakere itevæ* ‘muita gente, muitas pessoas’

### 3.4.5 Diminutivo: o acréscimo de {-*tsíkwa*}

A formação de nomes diminutivos em Kanoê é resultante de processo de derivação sufixal. Desse modo, a um nome agrega-se o sufixo {-*tsíkwa*}, muito produtivo, de acordo com a fórmula N-DIM. Entretanto, vale repetir, o acréscimo desse sufixo composto a nome implica hiponímia ou subcategorização semântica, de tal modo que não há flexão de grau, mas um processo de derivação, cujo resultado é a formação de um nome aplicável a outro referente similar, como se verifica a partir do confronto entre os seguintes pares de exemplos:

- |                               |                                   |  |                            |
|-------------------------------|-----------------------------------|--|----------------------------|
| (202) <i>opera</i><br>onça    | ‘onça’                            | (203) <i>opera-tsíkwa</i><br>onça-DIM    | ‘maracajá’ <sup>106</sup>  |
| (204) <i>karana</i><br>patauá | ‘patauá, bacabaçu’ <sup>107</sup> | (205) <i>karana-tsíkwa</i><br>patauá-DIM | ‘bacabinha’ <sup>108</sup> |
| (206) <i>e</i><br>mulher      | ‘mulher’                          | (207) <i>e-tsíkwa</i><br>mulher-DIM      | ‘menina’                   |

### 3.4.6 Considerações sobre classificadores nominais

Em Kanoê é possível distinguir os “termos de classe” (Rosh: 1978) dos classificadores nominais específicos. De fato, em alguns nomes compostos é possível perceber raízes nominais que se comportam como classificadores, ainda que lexicalizadas. É o caso, por exemplo de {-*tekwa*} “semente” que, potencialmente, pode ocorrer como forma livre, mas já cristalizada em *atititekwa* ~ *atitekwa* “arroz”. É o caso também de {-*kuta*} “em forma de cabeça, redondo”, que, sendo precedido da raiz neutra {-*i*}, ocorre como a forma livre: *i-kuta* “cabeça”. Porém, sem o mesmo prefixo, só ocorre como forma presa e entra na constituição de muitos compostos, entre os quais *erejkwakuta* “bola de seringa”.

Apesar de essa distinção ser possível, no presente trabalho os *termos de classe* serão tratados como classificadores nominais específicos, não só por um bom número de casos não serem efetivamente claros, mas também por economia na descrição, deixando essa questão para uma análise mais avançada, tão logo as conclusões sejam mais seguras. Por outro lado, de acordo com Mithun (1986: 379-397), os sistemas de classificadores podem ser distribuídos em três grandes grupos:

a) *sistema classificador numeral*, cujos morfemas básicos são formas léxico-sintáticas obrigatórias em expressões de quantidade e se comportam como formas dependentes;

<sup>106</sup> Mamífero carnívoro, físsipede, da família Felidae (*Pantera [Jaguaris] pardalis*).

<sup>107</sup> Espécie de palmeira (*Oenocarpus bacaba*).

<sup>108</sup> Espécie de palmeira (*Oenocarpus minor*).

b) *sistema classificador de concordância*, cujos morfemas, sob a forma de afixos ou de clíticos, expressam relações de concordância de classe e/ou categoria gramatical, constituindo um paradigma fechado;

c) *sistema classificador verbo-incorporativo*, apresentam morfemas que são itens lexicais incorporáveis à estrutura do sintagma verbal, os quais assinalam anaforicamente alguma característica proeminente da entidade já referida em um sintagma nominal associado, sujeito ou objeto direto do mesmo verbo, num sistema de referência cruzada.

Segundo Craig (1986, 1992), os tipos de classificação nominal constituem sistemas léxico-sintáticos que provêm uma evidente categorização lingüística de nomes diferentes e que podem ser distintos pela semântica, pelo tamanho de seu inventário e por seu uso pragmático. Craig ressalta o papel anafórico dos classificadores, especialmente em línguas amazônicas, nas quais essa função é relevante no discurso natural, pois preenche a lacuna da falta de identificação completa de determinadas expressões nominais.

Em relação à tipologia dos sistemas de classificadores acima referenciados, pode-se assegurar que o sistema do Kanoê é do tipo *verbo-incorporativo*. Contudo, funciona também estabelecendo relações de concordância no âmbito dos sintagmas nominais e verbais. Logo, o sistema de classificação nominal do Kanoê é relativamente misto, similar ao do Munduruku, do Kwaza, do Aikanã, do Movima, e de outras línguas da região da bacia dos rios Mamoré e Guaporé. Nesse sentido, Derbyshire & Payne (1990: 246) citam línguas que, embora sejam do tipo *verbo-incorporativo*, também apresentam relações de concordância por classificadores: “In some languages, what are primarily verb-incorporated systems, have developed numeral and/or concordial functions (Munduruku, Amaracaeri, Chayahuita, Waorani)”.

A língua Kanoê apresenta um complexo sistema de classificadores nominais, os quais, de acordo com os respectivos traços semânticos referenciais, agrupam nomes de coisas que apresentam alguma propriedade em comum, como, por exemplo, a forma do objeto. Em outras palavras, na estrutura morfológica dos sintagmas nominais, os classificadores são, em larga maioria, morfemas presos que se agregam a determinadas raízes nominais (ou semantemas), acrescentando-lhes alguns semas<sup>109</sup>, i. e., traços semânticos distintivos relativos a algumas propriedades físicas salientes dos objetos referenciais nomeados.

É importante observar que, ao longo deste trabalho, os “termos de classe” estão sendo glossados pelo seu conteúdo semântico referencial, como, por exemplo {-*kaña*} “farinha”; os classificadores nominais específicos como ‘CLE’ e os classificadores nominais genéricos como ‘CLG’.

A posição canônica dos classificadores é sufixal, ocorrendo, na maioria dos casos, após a raiz nominal, tal como: N → N-CLE. Vale salientar que, ao lado de classificadores etimologicamente transparentes, em um bom número de casos, muitos classificadores nominais já se encontram lexicalizados, de tal sorte que se tornaram opacos, não sendo possível, numa análise sincrônica, separá-los de sua raiz. Em outros casos, trata-se tão-somente de homofonia entre as últimas sílabas de alguns nomes.

Considerando que o sistema de classificação nominal do Kanoê engloba os “termos de classe”, os CLEs e os CLGs, a distinção entre essas subcategorias pode ser feita com base num conjunto de parâmetros morfológicos, semânticos graduais (alto ou absoluto, médio ou relativo, baixo ou mínimo), e um parâmetro discursivo, quais sejam:

a) a possibilidade de sufixação à raiz neutra {-*i*-}, como em *i-tekwa* ‘semente’, se restringe aos “termos de classe”;

b) a possibilidade de sufixação a raiz nominal se verifica nos termos de classe e nos CLEs, ao passo que os CLGs só se evidenciam quando incorporados numa estrutura verbal;

c) o grau de lexicalização e/ou fossilização é baixo em relação aos “termos de classe”; médio e variável em relação aos CLEs; e muito alto em relação aos CLGs;

---

<sup>109</sup> Para o conceito de “sema” aqui empregado, ver Lyons (1977, cap. 9).



d) o grau de transparência dos “termos de classe” é absoluto e maior que o dos CLEs, enquanto a transparência dos CLGs só se sobressai, de forma relativa, quando incorporados na estrutura verbal, numa relação de concordância cruzada com o nome a que se referem;

e) o grau de opacidade é baixo entre os “termos de classe”; médio para os CLE e muito alto em relação aos CLGs;

f) o grau de semanticidade, isto é, de conteúdo semântico próprio, é muito alto para os “termos de classe”; médio-baixo para os CLEs; e muito baixo para os CLGs;

g) o grau de referencialidade, ou seja, de aplicar-se transparentemente como nome a um determinado referente extralingüístico é absoluto e muito específico para os “termos de classe”, como *i-tekwa* “semente”; os CLEs se aplicam a determinadas propriedades físicas dos referentes, como {-*mu*} “líquido”; e os CLGs, por sua vez, apenas generalizam, de modo indireto e vago, um grupo restrito de referentes, como {-*ti*} “frutas”, por exemplo;

h) finalmente, quanto à probabilidade de ocorrência livre, isto é, a possibilidade de figurar sozinho numa resposta a uma pergunta do tipo “O que é isto?”, por exemplo, observa-se que os “termos de classe” têm autonomia discursiva, ao passo que CLEs e CLGs só ocorrem como formas presas, apresentam significação dependente e, assim, não têm nenhuma autonomia discursiva.

O Quadro 5, abaixo, sintetiza essas possíveis distinções:

PARÂMETROS CARACTERÍSTICOS		TERMO DE CLASSE	CLE	CLG
sufixação	a raiz neutra { <i>i</i> -}	+	-	-
	a raiz nominal	+	+	-
incorporação em estrutura verbal		+	+	+
lexicalização / fossilização		-	+ / -	+
transparência		+	+	-
opacidade		-	+ / -	+
semanticidade		+	+ / -	-
referencialidade	muito específica	+	-	-
	relativ. específica	-	+	-
	genérica	-	-	+
autonomia discursiva		+	-	-

Quadro 5: Distinções os tipos de morfemas nominais mais recorrentes

Os parâmetros de transparência e opacidade permitem distribuir os classificadores nominais em dois grandes grupos abaixo descritos e exemplificados:

### 3.4.6.1 Classificadores nominais semanticamente transparentes

Os classificadores nominais considerados “transparentes” são aqueles cujo conteúdo semântico se sobressai, quando se analisa um grupo de itens lexicais que os apresentam. Além disso, em boa parte dos casos, esses classificadores têm etimologia mais ou menos clara. São eles:

a) Estrutura: N-{- *kaña*} ‘CLE.farinha = ‘farinha, massa, massivo’:

- (208) *atiti-kaña* ‘farinha de milho’  
 (209) *epy-kaña* ‘paçoca de castanha’  
 (210) *epykwa-kaña* ‘paçoca de amendoim’  
 (211) *tsuæ-kaña* ‘farinha ou massa de macaxeira’  
 (212) *tsurune-kaña* ‘paçoca de amendoim e milho’

Numa estrutura sintática complexa, formada por orações coordenadas, esse morfema aparece incorporado redundantemente, estabelecendo relações de concordância:

- (213) *ña kani tsurune-kaña po-ro-e-ko o-õ-kaña tsu-kaña e-re*  
 POSS1SG criança paçoca-CLE.farinha fazer-CLV-NLZCOP comer-1-CLE.farinha gostoso-CLE.farinha DECL-AUX  
 ‘Minha filha fez paçoca gostosa e eu comi (paçoca) gostosa.’

b) Estrutura: N-{-*tinu*} ‘CLE. pastoso’ = ‘sopa’, ‘estado pastoso ou gelatinoso’:

- (214) *atiti-tinu* ‘sopa de milho’  
 (215) *ivo-tinu* ‘sopa de cará’  
 (216) *popotsi-tinu* ‘sopa de taioba’  
 (217) *tsuæ-tinu* ‘sopa de mandioca’  
 (218) *vavo-tinu* ‘sopa de batata doce’

O mesmo classificador aparece ainda em:

- (219) *æj-tinu* ‘cinza de cigarro’ (Lit: ‘pó de folha’)  
 (220) *ikÿj-tinu* ‘remela’ (Lit: ‘pasta do olho’)  
 (221) *kope-tinu* ‘pó de café’  
 (222) *mapi-tinu* ‘pólvora’ (Lit: ‘pó de folha’)  
 (223) *oroë-tinu* ‘lama, barro, argila’ (Lit: ‘pasta de barro’)  
 (224) *ytse-tinu* ‘serragem’ (Lit: ‘pó de árvore’)

O contraste entre as séries (214)-(218) e (219)-(224) revela que {-*tinu*} somente pode ser traduzido por “sopa” se vier posposto a algo comestível. Assim, na última série, o classificador refere-se a um estado da matéria que não é exatamente o líquido, tampouco o sólido, mas algo próximo a “pastoso” ou “cremoso”. Sob essa interpretação, esse classificador agrupa “sopa”, “lama” e até mesmo “pó” e “pólvora”.

Em Kwaza, língua da mesma área geográfica e etnocultural do Kanoê, existe um classificador análogo, {-*nu*}, com valores semânticos similares (cf. Van der Voort, 2000b: 97).

c) Estrutura: N-{-*ko*} ‘CLE.coco’ = ‘coco, fruto de casca dura, arredondado’:

Em Kanoê, a forma livre frutos em geral, é *matí*; mas, em princípio, esse parece ser um hiperônimo aplicável somente a frutos de casca não muito rígida, de tal modo que ficam aí excluídas as espécies de cocos e de frutas secas, como a “castanha” que, em verdade, é semente. Na formação de nomes específicos de boa parte dos frutos duros, principalmente os relativos aos cocos de palmeiras, e inclusive o fruto do café, o morfema sufixal {-*ko*} soma-se à raiz nominal. Exemplos:

- (225) *karana-ko* ‘patauá, coco de patauá’ (*Oenocarpus batava*)  
 (226) *kome-ko* ‘cacau-do-mato’, fruto do cacauzeiro (*Theobroma silvestris*)  
 (227) *kome-ko* ‘cupuaçu, fruto do cupuaçuzeiro’ (*Theobroma gradiflorum*)  
 (228) *kope-ko* ‘café em coco, fruto de cafeeiro’ (*Coffea arábica*)  
 (229) *muko-ko* ‘pupunha, fruto da pupunheira’ (*Guilielma speciosa*)  
 (230) *mutyry-ko* ‘açai, fruto da palmeira açai’ (*Euterpe oleracea*)  
 (231) *onu-ko* ‘bacaba, fruto de bacabamirim, bacabinha’ (*Oenocarpus minor*)  
 (232) *oroni-ko* ‘cajá, fruto do cajazeiro’ (*Spondias lútea*)  
 (233) *pata-ko* ‘buriti, fruto de buriti’ (*Mauritia vinifera*)  
 (234) *pætsæ-ko* ‘tucumã, fruto de tucumã’ (*Astrocaryum tucumã*)

(235) *tê-ko* ‘coco, fruto de coqueiro ou palmeira’ (nome genérico)

Em Kwaza, existe um classificador similar, conforme o descreve Van der Voort (2000b: 95): “(209) *wade-‘ko* ‘(cacho de) cocos (verdes) de tucum’.”

d) Estrutura: N-{-*ko*} ‘CLE.coco’ = ‘coco, inseto arredondado, duro’:

- (236) *aky-ko* ‘abelha caga-fogo, abelha-de-fogo’ (*Trigona cagafogo*)  
(237) *kora-ko* ‘gafanhoto’, inseto ortóptero, subordem acridoídea  
(238) *na-ko* ‘besouro’, inseto coleóptero, holometabólico  
(239) *opera-ko* ‘caçununguçu’, marimbondo da família dos pompilídeos  
(240) *puraj-ko* ‘cigarra grande’, espécie de inseto cicadádeo  
(241) *pipitsæ-ko* ‘libélula’, inseto da ordem dos odonatos  
(242) *taraky-ko* ‘bicho-pau com asa’, inseto fasmídeo ou filídeo  
(243) *tæ-ko* ‘grilo’, inseto ortóptero, da subordem Grylloidea  
(244) *tsiroko-ko* ‘mosquito miúdo’, inseto díptero, da família dos culicídeos

Para relacionar os itens apontados em (d), onde {-*ko*} agrupa “cocos e frutos duros arredondados” aos de (e), acima, onde {-*ko*} agrupa determinados insetos, é possível que esse classificador faça referência a *objetos esféricos* ou *arredondados*, relativamente duros.

Com efeito, a forma esférica dos frutos, em geral, poderia ter correlação com a forma ou do corpo ou, mais precisamente, com a forma de uma parte do corpo dos insetos, o abdômen. Além disso, pelo fato de os insetos apresentarem um esqueleto quitinoso, talvez possa haver relação entre isso e a rigidez da casca dos cocos e de certos frutos, como o cupuaçu. Em primeira instância, esses parecem ser os únicos traços semânticos que possam reunir os dois grupos de nomes numa mesma classe. Assim, o possível conteúdo semântico de {-*ko*} seria “objeto duro, esférico, oval ou arredondado”.

Por extensão, talvez pertençam à mesma classe alguns nomes de objetos diversos que, em comum, parecem apresentar também algum traço de “duro e arredondado”, como nos exemplos a seguir:

(245) *æ-ko* ‘cachimbo’  
folha-CLE.coco

(246) *atsimi-ko* ‘taboca comprida para aspirar rapé’  
rapé-CLE.coco

e) Estrutura: N-{-*ky*} ‘CLE.oblongo’ = ‘ferrão, cônico, alongado e pontiagudo’:

- (247) *mu-ky* ‘abelha bijuri’, insetos himenópteros da superfamília Apoidea  
(248) *tarua-ky* ‘bicho-pau’, inseto fasmídeo ou filídeo  
(249) *tê-ky* ‘piolho humano’ (*Pediculus humanus humanus*), inseto anopluro  
(250) *ini-ky* ‘lagarta-de-fogo (*espécie*)’

Não foi possível determinar com exatidão a motivação semântica desse classificador. No caso dos animais acima mencionados, insetos ou larvas de insetos, talvez a motivação seja dada pelo fato de tais insetos ferroarem ou apresentarem algo em forma de “espinho” ou “ferrão”, numa possível relação etimológica com esses termos:

- (251) *y* ‘espinho’  
(252) *kyj* ‘ferrão de abelha’

Nesse sentido, note-se estrutura aglutinante de um dos termos para “anzol”, similar a de “espinho de peixe”:

(253) *kuni-o y* → *kuñoy* ‘anzol’ (Lit.: ‘espinho d’água’).  
 água-POSS-espinho

(254) *kwini-o-y* → *kwinioy* ‘espinho de peixe’  
 peixe-POSS-espinho

Numa segunda hipótese, é válido supor que o conteúdo significativo do mesmo possa se relacionar a alguma outra característica física dos referentes. Talvez o mesmo classificador ocorra já fossilizado<sup>110</sup> junto a raízes basóides, portanto opaco, em alguns nomes, tais como:

(255) *æky* ‘banana’  
 (256) *kwini æky* ‘jatuarana (lit: ‘peixe-banana’)  
 (257) *oky mamare* ‘cobra cascavel’  
 (258) *oky tamamajnake* ‘jararacuçu’

Como se observa, {-*ky*} pode estar classificando *objetos cônicos ou cilíndricos, alongados e pontiagudos*. Se esta hipótese for válida, essa relação semântica se estabelece com os insetos arrolados em (f). Em alguns casos, isso parece se confirmar, pois uma “lagarta” ou uma “larva de casulo” também são referentes alongados e cilíndricos. Logo, pela forma, é possível relacioná-los a “cobra” e “banana”. Nos demais itens, {-*ky*} provavelmente faça referência à forma aerodinâmica do corpo como um todo ou apenas do abdômen dos insetos. Um outro morfema homófono parece ocorrer já lexicalizado na estrutura morfológica de partes do corpo humano, a saber:

(259) <i>i-teñu-ky-kwamu</i> RN-orelha-CLE.oblongo-braço ‘cotovelo’ (Lit. aprox.: ‘orelha do braço’)	(260) <i>i-teñu-ky-tsotsi</i> RN-orelha-CLE.oblongo-pé ‘calcanhar’ (Lit. aprox.: ‘orelha do pé’)
---	---

f) Estrutura: N-{-*mu*} ‘CLE. líqu’ = ‘líquido’:

(261) *æj-mu* ‘chá de folha’  
 (262) *erejkwa-mu* ‘látex de seringueira’  
 (263) *ikỹj-mu* ‘lágrima’ (Lit. ‘líquido de olho’)  
 (264) *karanako-mu* ‘vinho de patauí’  
 (265) *kopeko-mu* ‘café (bebida)’  
 (266) *mutyryko-mu* ‘vinho de açaí’  
 (267) *kuni-mu* ~ *kuni* ‘rio’ (~ ‘água’)  
 (268) *nu-mu* ‘leite’ (Lit. ‘líquido de seio’)  
 (269) *tsero atiti-mu* ‘chicha de milho cru’  
 (270) *tsero æky-mu* ‘chicha de banana’  
 (271) *tsero tsuæ-mu* ‘chicha de macaxeira’  
 (272) *tune-mu* ‘veneno, cachaça, aguardente, álcool’  
 (273) *ytse-mu* ‘seiva’ (Lit.: ‘líquido de árvore’)

Não há dúvidas de que {-*mu*} traduz a idéia de “líquido”. Em Kwaza e Aikanã, também existe um classificador foneticamente idêntico e com o mesmo valor semântico (*vide*

<sup>110</sup> Para o conceito de *fossilização* aqui empregado, vide Rocha (1998: 94).

Van der Voort, 2000b: 96), o que pode ser um indício de alguma afinidade tipológica entre essa língua e o Kanoê ou um fenômeno lingüístico areal limitado. É importante salientar que o mesmo morfema talvez já esteja lexicalizado na estrutura dos nomes de alguns animais e objetos relacionados a líquido, sobretudo água. Exemplos:

- (274) *kwini ajtemu* ‘pirapitinga’, peixe teleósteo da família dos caracídeos  
 (275) *tæmu* ‘pato, pato-do-mato’, ave anseriforme, da família dos anatídeos  
 (276) *uromu* ‘jacaré’, réptil crocodiliano, da família dos aligatorídeos  
 (277) *værætoemu* ‘remo’

Há um outro grupo de nomes aparentemente marcados por {-*mu*} para os quais não há qualquer relação imediata com “água” ou “líquido”. São somente casos de homofonia entre a última sílaba desses nomes e o classificador em foco:

- (278) *ekomu* ‘papagaio estrela’, espécie de ave da fam. psitacídea  
 (279) *ereremu* ‘galega’ (*Columba rufina sylvestris*), ave da fam. columbídeos  
 (280) *jūtæmu* ‘cesta pequena’

O classificador {-*mu*} pode ocorrer incorporado numa estrutura verbal, estabelecendo concordância morfossintática e relação semântica com a idéia de “líquido” de um sintagma nominal (marcado por {-*ni*} ‘OBL’), na função de complemento adverbial locativo, cujo núcleo seja um nome relacionado a “água”, como, em negrito, nos seguintes exemplos:

- (281) *oky-kūti kuni-ni wryy-to-mu n-e-re*  
 cobra-pilão água-OBL deslocar-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
 ‘A sucuri entrou no rio.’ (Lit: A cobra pilão entrou no rio.)

- (282) *oky-kūti kuni-ni wryy-tu-mu n-e-re*  
 cobra-pilão água-OBL deslocar-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
 ‘A sucuri saiu do rio.’ (Lit: A cobra pilão saiu do rio.)

g) Estrutura: N-{-*nu*} ‘CLE.saliência’ = ‘protuberância ou saliência pontiaguda’:

- (283) *kore-nu* ‘irara, papa-mel’ (*Tayra barbara*), animal da fam. mustelídea  
 (284) *kurakura-nu* ‘jacu-cigano’ (*Opisthocomus hoazin*), espec. de ave galiforme  
 (285) *kwinio numu-nu* ‘poraquê’ (*Electrophorus electricus*), peixe electroforídeo  
 (286) *kyky-nu* ‘beija-flor, colibri’, ave da família dos troquilídeos  
 (287) *numu-nu* ‘borduna’  
 (288) *tsākã-nu* ‘arraia de ferrão’ (*Paratrygon motoro*), peixe elasmobrânquio

A leitura desses dados indicia que o classificador {-*nu*} agrupa seres e objetos que apresentam algum tipo de protuberância laminar ou de alguma saliência pontiaguda, ou o próprio corpo em forma de “ferrão” ou “lâmina de espada”, como (285) *kwinio numu-nu* ‘poraquê’ e (287) *numu-nu* ‘borduna’. Do mesmo modo, o item (283) *kore-nu* ‘irara, papa-mel’, pelo fato de o animal de língua comprida e pontiaguda, pertenceria à mesma classe de (284) *kurakura-nu* ‘jacu cigano’ e (286) *kyky-nu* ‘beija-flor, espécies de aves cujo bico é comprido e pontiagudo.

h) Estrutura: N-{-*ñu*} ‘CLE.saliência’ = ‘protuberância ou saliência pontiaguda’:

Esse classificador parece estar fossilizado na estrutura de alguns nomes de partes do corpo, cujos referentes, de algum modo, são protuberâncias corporais:

(289) <i>i-kañu</i>	‘nariz’
(290) <i>i-kañu</i>	‘bico de ave, bico de pássaro’
(291) <i>i-ñu</i>	‘chifre’
(292) <i>i-teñu</i>	‘orelha’
(293) <i>kykynu i-kañu</i>	‘bico de beija-flor’
(294) <i>opera-o i-teñu</i>	‘orelha de onça’

Comparando-se os itens arrolados em (g) e (h), observa-se que as duas séries de nomes têm, em comum, nomes se referem a objetos que apresentam algum tipo de protuberância laminar ou saliência pontiaguda. Portanto, pode-se postular que {-ñu} seja uma realização alomórfica de {-nu}, resultante de um processo de palatalização de /n/. Contudo, não foi possível estabelecer uma regra morfofonológica para explicar que tipo de condicionamento implica palatalização e, por isso, {-nu} e {-ñu} serão considerados, *a priori*, classificadores distintos, ainda que remetam a um conteúdo semântico próximo.

i) Estrutura: N-{-ty} ‘CLE.fio’ = ‘fio, linha, corda, objeto linear ou oblongo’:

(295) <i>ja-ty</i>	‘tucum’, ‘fibra de tucumã’
(296) <i>ju-ty</i>	‘corda, linha’
(297) <i>mapika-ty</i>	‘corda do arco de flecha’
(298) <i>murete-ty</i>	‘flauta de taboca com quatro furos’
(299) <i>oti-ty</i>	‘fio de algodão’
(300) <i>pætæj-ty</i>	‘fibra, linha de buriti’
(301) <i>tynu-ty</i>	‘cipó, ‘cipó timbó’ (planta trepadeira leguminosa)
(302) <i>ury-ty</i>	‘fibra de imbiriti’, espécie de palmeira
(303) <i>ytse-ty</i>	‘embira’, fibra de casca de árvore’ (Lit: ‘linha de árvore’)

Como se vê, o acréscimo de {-ty} à raiz nominal classifica ou especifica o referente como objeto linear ou relativamente retilíneo, de tal modo que há coerência na sugestão de um traço semântico que introduz a idéia de “fio”, “linha” ou “corda”, comum a todos os objetos. Esse classificador parece ocorrer como raiz verbal na constituição morfológica de alguns predicados, cujo conteúdo semântico imanente sugere uma ação instrumentalizada com o uso de linha, fio ou corda, tais como “amarrar” e “enrolar”. Exemplos:

(304) *aj mapi-ka tyry-õ-ka õ-e-re*  
 1SG flecha-CLE.duro amarrar-1-CLE.duro 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou amarrando o arco.’

(305) *aj tynu-ty tyja-to õ-e-re*  
 1SG cipó-CLE.fio enrolar-TRA 1-DECL-AUX  
 ‘Eu enrolo a linha.’

Talvez haja uma intrínseca relação entre o classificador em foco e a raiz verbal {-ty}. Essa raiz ocorre com frequência na estrutura morfológica de algumas expressões verbais de movimento, sobretudo aquelas que traduzem “deslocamento em linha reta” ou idéia semanticamente afim, tais como “ir”, “vir”, “chegar” e “encontrar”, entre outras. Exemplos:

(306) *aj pja tũ-kwæ ty õ-e-re*  
 1SG POSS2SG irmão-MASC movimentar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu encontrei teu irmão.’

- (307) *jato koro ty-e-ro n-e-re*  
 POSS1PL irmão movimentar-ASP-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Nosso irmão está indo embora.’

j) Estrutura: N-{-*tekwa*} ‘CLE.semente’ = ‘semente, sementinha, caroço’:

- (308) *tekwa* ‘semente’  
 (309) *atiti-tekwa* ‘arroz’  
 (310) *kanawa-tekwa* ‘semente de mulungu’  
 (311) *komeko-tekwa* ‘semente de cacau’  
 (312) *mati-tekwa* ‘semente de fruta’  
 (313) *tara-tekwa* ‘semente de urucum’  
 (314) *toky-tekwa* ‘semente de mamão’  
 (315) *ỹky-tekwa* ‘semente de ingá’

Existe ainda uma raiz nominal homófona {-*tekwa*} ‘barriga’, talvez de mesma origem etimológica, cuja relação semântica com {-*tekwa*} ‘semente’, pode estar relacionada à idéia de gravidez, gestação, como se nota nos seguintes exemplos:

- (316) *i-tekwa* ‘barriga’  
 (317) *ã-tekwa-e* ‘grávida’ (lit.: ‘barriga gorda’)  
 (318) *kani-o i-tekwa* ‘barriga da criança’  
 (319) *iry-o i-tekwa* ‘barriga de macaco’

l) Estrutura: N-{-*tikwa*} ‘CLE.semente’ = ‘similar a semente, caroço’:

- (320) *aere-tikwa* ‘cará, acará’, espécie de peixe da família dos ciclídeos  
 (321) *æky-tikwa* ‘banana-baié’, espécie de banana  
 (322) *æry-tikwa* ‘acariaçu’ (*Pseucanthicus histrix*), peixe da fam. dos locarídeos  
 (323) *mapi-tikwa* ‘cartucho para espingarda’  
 (324) *peni-tikwa* ‘tatarana, lagarta-de-fogo’, lagarta de inseto lepidóptero.

Pouco produtivo, pelo conteúdo semântico é muito provável que {-*tikwa*} tenha origem etimológica em {-*tekwa*}, ou, num outro raciocínio, não passe de um alomorfe deste último. Até que isso se confirme, optou-se por considerá-los distintos.

m) Estrutura: N-{-*kwa*} ‘CLE’ = ‘miúdo, pequeno’:

- (325) *arukwa* ‘árvore’, espécie não identificada  
 (326) *etekikwa* ‘samaúma’ (*Ceiba pentandra*), árvore da fam. das bombáceas  
 (327) *itoakwa* ‘fruto silvestre’ não-identificado, do qual são feitos colares  
 (328) *matikwa* ‘caju, fruto do cajueiro’ (*Anacardium occidentale*)  
 (329) *pyryrykwa* ‘piaba, espécie de peixe miúdo’  
 (330) *pyrykywkwa* ‘besourinho, espécie de besouro’  
 (331) *yrype kwipekwa* ‘araçari de nuca vermelha, espécie de pássaro’

Uma análise preliminar revelou que o sufixo classificador {-*kwa*} remete a um traço semântico de “pequeno, miúdo”, comum a propriedades de seres e coisas, embora se encontre fossilizado na maioria de suas muitas ocorrências, inclusive em *tekwa* “semente”. Como se viu em 3.1, esse morfema também já está fossilizado na estrutura morfológica do sufixo derivacional {-*tsikwa*} ‘DIM’. Mais alguns pares de exemplos:

(332) <i>kapajre</i> 'tatu-canastra'	'tatu' <sup>111</sup>	(333) <i>kapajre-tsíkwa</i> 'tatu-canastra'-DIM	'tatu-galinha' <sup>112</sup>
(334) <i>ore</i> tamanduá	'tamanduá' <sup>113</sup>	(355) <i>ore-tsíkwa</i> tamanduá-DIM	'tamanduá-mirim' <sup>114</sup>
(336) <i>ñeñero</i> 'bem-te-vi'	'bem-te-vi' <sup>115</sup>	(337) <i>ñeñero-tsíkwa</i> 'bem-te-vi'-DIM	'bem-te-vizinho -do-brejo' <sup>116</sup>
(338) <i>tsoviri</i> inambu	'inhambu-preto' <sup>117</sup>	(339) <i>tsoviri-tsíkwa</i> inhambu-DIM	'inhambumirim' <sup>118</sup>
(340) <i>twĩ</i> borrachudo	'borrachudo' <sup>119</sup>	(341) <i>twĩ-tsíkwa</i> borrachudo-DIM	'borrachudo'

Enquanto classificador, {-*kwa*} ocorre com alta frequência em Kanoê, estabelecendo relações morfossintáticas de concordância nominal e verbal (*vide* 3.1). Exemplos:

(342) *aj epy mati-kwa pẽ-kwa-e põ-õ-kwa õ-e-re*  
1SG castanha fruta-CLE vermelho-CLE-NLZ comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
'Eu estou comendo castanha de caju vermelho.'

(343) *õkwa-tsíkwa voro-kwa erej-kwa pære n-e-re*  
pássaro-DIM preto-CLE bola-CLE voar 3-DECL-AUX  
'O tiziu está voando.'

n) Estrutura: N-{-*ka*} 'CLE.duro = 'duro, madeira, resistente, madeira':

(344) <i>i-ka</i>	'madeira'
(345) <i>jety-ka</i>	'paxiúba (palmeira), 'madeira de paxiúba'
(346) <i>mapi-ka</i>	'arco de flecha'
(347) <i>penene-ka</i>	'breu, resina de árvore, defumada, negra'

Os itens acima têm, em comum, algo relacionado a "madeira". Esse classificador se torna evidente, quando ocorre incorporado em determinadas estruturas verbais, tal como neste exemplo:

(348) *pja papa ojo mapi-ka tyry-ka n-e-re*  
POSS2G pai POSS3SG flecha-CLE.duro amarrar-1-CLE.duro 3-DECL-AUX  
'Teu pai está amarrando o arco dele.'

De outra forma, se interpretado como "sólido, resistente", {-*ka*} englobaria os itens supracitados e incluiria outros, ainda que o mesmo tenha se fossilizado, como em *jũtsika*

<sup>111</sup> Mamífero desdentado (*Priodontes giganteus*), da família dos dasipodídeos.

<sup>112</sup> Mamífero desdentado (*Dasyus novemcintus*), da família dos dasipodídeos.

<sup>113</sup> Mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos.

<sup>114</sup> Tamanduá-colete, mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos (*Myrmecophaga tetradactyla*).

<sup>115</sup> Ave passeriforme da família dos tiranídeos (*Pitangus sulphuratus*).

<sup>116</sup> Ave passeriforme da família dos tiranídeos (*Philohydor lictor*).

<sup>117</sup> Espécie de ave da família dos thinamídeos (*Cinereous tinamou*).

<sup>118</sup> Espécie de ave da família dos thinamídeos (*Cryptellus tataupa*).

<sup>119</sup> Espécie de inseto díptero da família dos simulídeos.



“cascalho”. Parece haver uma relação tenha alguma relação etimológica entre {-ka} ‘CLE’ e a raiz verbal {-karo} ‘duro, sólido’. Restam ainda outros itens para os quais não há qualquer relação imediata com “madeira” ou “sólido”. Foram interpretados como homofonia entre a última sílaba desses nomes e o classificador {-ka}, tal como em *ika* “abelha inajá”.

o) Estrutura : N-{-kuta}-(NLZ) ‘cabeça’ = ‘em forma de cabeça ou de bola’:

(349) <i>i-kuta</i>	‘cabeça’
(350) <i>erejkwa-kuta</i>	‘bola de seringa’
(351) <i>kuni-kuta</i>	‘filtro de barro para água’ (lit.: ‘bola de água’)
(352) <i>mitokuta</i>	‘fruto de pariri’ ( <i>Lucuma pariry</i> ), árvore da fam. sapotácea
(353) <i>nunukuta</i>	‘pirambóia’ ( <i>Lepidosiren paradoxa</i> ), peixe lepidossirenídeo
(354) <i>pokuta</i>	‘cabaça’
(355) <i>pykyro ej-kuta</i>	‘urna funerária em forma de bola grande’
(356) <i>tsue-kuta</i>	‘bola de chaucho’
(357) <i>tsutsumokuta</i>	‘casa de cupim em forma de bola, cupim de terra’
(358) <i>tūpekuta</i>	‘nambu-relógio’ ( <i>Crypturellus strigulosus</i> ), ave tinamídea
(359) <i>uræñūkuta</i>	‘caititu’ ( <i>Tayassu tajacu</i> ), mamífero da família dos taiacuídeos

Os nomes acima compartilham um traço semântico que faz referência a “cabeça” ou “em forma de bola”. Com efeito, esse classificador parece originário da raiz nominal {-kuta} “cabeça”. No caso nos nomes de animais, é possível conjecturar que esse classificador se relacione a alguma característica da cabeça dos referentes. Em Kwazá, existe um classificador fonética e semanticamente análogo {-kuty}, originário da raiz nominal *tsuty* “cabeça”, conforme Van der Voort (2000b: 88).

p) Estrutura: N-{-tæ} ‘CLE’ fossilizado = ‘redondo, côncavo e/ou achatado’:

As ocorrências do sufixo {-tæ} permitem agrupar nomes que compartilham os traços semânticos de “arredondado”, “côncavo” e “relativamente achatado”, sugerindo a idéia algo como “prato”, “gamela” ou “cocho”. Em alguns, senão em todos, esse classificador está fossilizado. Exemplos:

(360) <i>ãtãpætæ</i>	‘coxo, canoa, gamela’
(361) <i>natæ</i>	‘cuia’
(362) <i>pætætæ</i>	‘beiju de milho, tapioca’
(363) <i>værætæmu</i>	‘remo’

Embora não restem muitas dúvidas sobre o conteúdo semântico da maioria dos classificadores enfocados, a análise de todo o sistema de classificação nominal do Kanoê ainda precisa ser revista e aprofundada, a fim de que se possa determinar com maior precisão os casos não muito claros. O Quadro 6, abaixo, sintetiza o sistema de classificadores nominais transparentes:

CLASSIFICADORES NOMINAIS SEMANTICAMENTE TRANSPARENTES			
CLASSIFICADOR	ORIGEM ETIMOLÓGICA	ITENS CLASSIFICADOS	EXEMPLO
<i>-kaña</i>	<i>kaña</i> ‘farinha’	farinhas, massas, paçocas	<i>atiti-kaña</i> ‘farinha de milho’
<i>-tinu</i>	<i>tinu</i> ‘sopa’	sopas, pastas, lama, barro, argila, coisas pastosas	<i>ivo-tinu</i> ‘sopa de cará’
<i>-ko</i>		cocos, frutos de casca dura e arredondados e afins	<i>karana-ko</i> ‘fruto de patauí’
<i>-ko</i>		insetos (arredondados)	<i>nã-ko</i> ‘besouro’
<i>-ky</i>	<i>y</i> ‘espinho’	insetos com ferrão, objetos cônicos e alongados	<i>tarua-ky</i> ‘bicho-pau’
<i>-mu</i>		líquidos (bebidas), relacionado a líquido	<i>æj-mu</i> ‘chá de folha’
<i>-nu</i>			<i>numu-nu</i> ‘borduna’
<i>-ñu</i>		objetos pontiagudos, protuberâncias pontiagudas	<i>i-ka-ñu</i> ‘nariz, bico de ave, bico de pássaro’
<i>-ty</i>		fios, linhas, cordas, cipós, objetos lineares	<i>oti-ty</i> ‘fio de algodão’
<i>-tekwa</i>		sementes, caroços e afins	<i>atiti-tekwa</i> ‘arroz’
<i>-tikwa</i>	<i>tekwa</i> ‘semente’	sementes, caroços e similares	<i>mapi-tikwa</i> ‘cartucho para espingarda’
<i>-kwa</i>		objetos naturalmente miúdos	<i>pyryry-kwa</i> ‘piaba’
<i>-ka</i>		madeira, duro como madeira	<i>mapi-ka</i> ‘arco de flecha’
<i>-kuta</i>	<i>i-kuta</i> ‘cabeça’	cabeça, em forma de cabeça, bola, relacionado à cabeça	<i>po-kuta</i> ‘cabaça’
<i>-tæ</i>		côncavo e arredondado, objetos similares ou afins	<i>parætæ</i> ‘prato, panela etc.’

Quadro 6: Classificadores nominais semanticamente transparentes

De qualquer modo, numa visão preliminar do sistema, esses classificadores podem ser distribuídos em três grupos tipológicos, de acordo com três parâmetros semânticos básicos, a saber: a) forma; b) consistência; c) tamanho. Logo, segundo a tipologia proposta por Grinevald (2000), o sistema de classificação nominal do Kanoê se baseia nas propriedades físicas dos objetos nomeados.

Os grupos de classificadores nominais transparentes, definidos por parâmetros semânticos, são apresentados no quadro a seguir:

PARÂMETRO	CLASSIFICADOR / GLOSA	TRAÇOS SEMÂNTICOS CLASSIFICATÓRIOS
forma	{-ty} ‘CLE.fio’	‘fio, linha, corda, objeto linear ou oblongo’
	{-ko} ‘CLE.coco’	‘coco’; ‘fruto de casca dura, arredondado’
	{-ko} ‘CLE.coco’	‘arredondado, similar a coco (inseto)’
	{-tæ} ‘CLE’ (fossiliz.)	‘redondo, côncavo e achatado’
	{-ky} ‘CLE.oblongo’	‘ferrão, cônico ou cilíndrico, alongado e pontiagudo’
	{-nu} ‘CLE’ (fossiliz.)	‘protuberância ou saliência pontiaguda’
	{-ñu} ‘CLE’ (fossiliz.)	‘protuberância ou saliência pontiaguda’
	{-tekwa} ‘CLE.semente’	‘semente, caroço, similar a semente’
	{-tikwa} ‘CLE.semente’	‘semente, caroço, similar a semente’
consistência	{-kuta} ‘cabeça’	‘cabeça, em forma de bola, esférico’
	{-kaña} ‘CLE.farinha’	‘massa, ‘massivo’, pasta, ‘farinha’
	{-tinu} ‘CLE.pastoso’	‘estado pastoso ou gelatinoso, sopa, pó’
	{-mu} ‘CLE.líqu’	‘líquido’:
tamanho	{-ka} ‘CLE.duro’	‘madeira, sólido, duro, resistente’:
	{-kwa} ‘CLE’ (fossiliz.)	‘miúdo, pequeno’

Quadro 7: Tipologia dos classificadores a partir de parâmetros semânticos

### 3.4.6.2 Classificadores nominais semanticamente opacos

Em Kanoê, há outra série de classificadores nominais que, por estarem fossilizados na estrutura dos nomes em que ocorrem, têm conteúdo semântico opaco. Assim, não foi possível determinar com segurança a motivação semântica dos mesmos. Porém, nota-se que, quando ocorrem incorporados numa estrutura verbal, a relação de concordância cruzada evidencia que são, de fato, classificadores já fossilizados. Exemplo:

(364) *ævjũ atiti o-ø-ti e-re*  
paca milho comer-3-CLE DECL-AUX  
‘A paca comeu milho.’

No exemplo acima, observa-se que a última sílaba (em negrito) do nome na função de objeto direto é incorporada na estrutura da forma verbal, funcionando tipicamente como um classificador específico. Essa relação de concordância por incorporação entre a forma verbal e o objeto direto indicia que, no nome, a sílaba final de *atiti*<sup>120</sup>, acomodou-se ao sistema gramatical do Kanoê. Assim, essa sílaba se comporta tal qual um classificador, embora esse nome seja um empréstimo lingüístico, pois o mesmo é observável em outras línguas amazônicas. Por outro lado, essa acomodação pode ter sido o resultado de analogia com um classificador preexistente: para frutas em geral (exceto cocos e similares), tem-se {-ti} ‘CLG’. Todavia, quando se trata de nomes de frutas específicas, o classificador é {-ky}. Tais classificadores se sobressaem nas estruturas nucleadas pela raiz verbal {põ-} ‘comer (frutas)’:

(365) *aj mati põ-ø-ti õ-e-re*  
1SG fruta comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
‘Eu como frutas.’

<sup>120</sup> Nos dados disponíveis, a variação *atititekwa* ~ *atitekwa* indica que {-ti} pode ser eventualmente opcional. Logo, a raiz nominal básica, em Kanoê, é {ati-} em *atiti* “milho” *atititekwa* “arroz”.

(366) *aj æky po-õ-ky õ-e-re*  
 1SG banana comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou comendo banana.’

(367) *oj toky po-ø-ky n-e-re*  
 3SG mamão comer-3-CLE 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está comendo mamão.’

Em casos análogos, alguns desses classificadores somente se tornam transparentes a partir da relação morfossintática entre o nome na função de objeto direto e a incorporação do respectivo CLE em certas estruturas verbais (p.ex.: “comer” e variações formais). Com efeito, é possível depreender o processo de lexicalização desses morfemas na constituição dos nomes. Por outro lado, há casos nos quais nem mesmo a relação entre verbo e nome, como sujeito ou objeto, torna transparente a ocorrência ou não de classificadores, pois, na maioria das estruturas verbais, a incorporação depende da natureza da raiz verbal, se *incorporativa* ou se *não-incorporativa* (ver 4.1.1.3).

a) Estrutura: N.(-*ky*) ‘CLE.fruta’ = ‘determinadas frutas especificadas’<sup>121</sup>:

(368) *æky* ‘banana’  
 (369) *toky* ‘mamão, papaia’  
 (370) *toky-tekwa*<sup>122</sup> ‘semente de mamão’

b) Estrutura: N.(-*ni*) ‘CLE’ = ‘relacionado a água ou a líquido’:

(371) *ikuni* ‘sangue’  
 (372) *kuni* ‘água’  
 (373) *kujejni* ‘rio (hidrônimo)’  
 (374) *kwini* ‘peixe’

Em (371), acima, talvez se possa postular relação etimológica entre *ikuni* “sangue” e *ikukwa* “coração”, posto há contigüidade semântica entre os nomes, dada pela relação biológica imanente entre os referentes. Considerando-se a hipótese de que houve propagação de nasalidade à esquerda, é possível que, em tais casos, a raiz neutra {*i*-} se realize foneticamente como [*ĩ*]. Assim, a segmentação morfológica desses nomes doravante será:

(375) *i-kūkwa* ‘coração’ (376) *i-kūni* ‘sangue’  
 RN-coração RN-sangue

c) Estrutura: N.(-*ræ*) ‘CLE’ = ‘determinados mamíferos’:

(377) *pyræ* ‘rato’  
 (378) *uræ* ‘porco, queixada, porco do mato’ (*Tayassu pecari*)  
 (379) *uræñukutæ* ‘caititu’, mamífero da família dos taiacuídeos  
 (380) *uræ ytsimoe* ‘porco-espinho, ouriço-cacheiro’, mamífero eretizontídeo

d) Estrutura: N.(-*re*) ‘CLE’ = ‘aves e pássaros’:

(381) *kãpore* ‘cujubim’, ave galiforme da família dos cracídeos

<sup>121</sup> A transparência desse classificador só se evidencia em exemplos como (365).

<sup>122</sup> Zack (1943) registra *tokytekwa* como “melancia”.

- (382) *onure* ‘juriti-do-campo’, pássaro da família dos columbídeos  
 (383) *turumare* ‘pica-pau real’, ave passeriforme da família dos picídeos  
 (384) *tuture* ‘rolinha’, ave passeriforme da família dos columbídeos  
 (385) *kore* ‘papagaio’, ave passeriforme da família dos psitacídeos

e) Estrutura: N.(-*re*) ‘CLE’ = ‘determinados mamíferos’:

- (386) *kapajre* ‘tatu-canastra’ (*Priodontes giganteus*), mamífero dasipodídeo  
 (387) *ore* ‘tamanduá’, mamífero mimercofagídeo  
 (388) *ore jatwa* ‘tamanduá-bandeira’ (*Myrmecophaga tridactyla*)  
 (389) *ore tsoto* ‘mambira’, mamífero marsupial didelfídeo  
 (390) *mitsire* ‘quatipuru’, mamífero roedor da família dos ciurídeos

f) Estrutura: N.(-*ro*) ‘CLE’ = ‘determinados pássaros’:

- (391) *ñeñero* ‘bem-te-vi’, pássaro da família dos tiranídeos  
 (392) *ororo* ‘juriti’, ave passeriforme da família dos columbídeos  
 (393) *tokoro* ‘uirapuru-pedrez’, ave passeriforme da família dos piprídeos

g) Estrutura: N.(-*ti*) ‘CLE’ = ‘grão, semente miúda, frutinha’:

- (394) *atiti* ‘milho’  
 (395) *atiti-tekwa* ‘arroz’  
 (396) *mati* ‘fruta’

Esse classificador se torna transparente em estruturas oracionais como (365) e, ainda, em predicados atributivos, tais como:

- |                                 |                 |                          |
|---------------------------------|-----------------|--------------------------|
| (397) <i>atiti karo-ti-e-re</i> | (398) <i>jū</i> | <i>mati karo-ti-e-re</i> |
| milho duro-CLE-DECL-AUX         | DEM.prox        | fruta duro-CLE-DECL-AUX  |
| ‘O milho está duro.’            |                 | ‘Esta fruta é dura.’     |

h) Estrutura: N.(-*tsi*) ‘CLE’ = ‘grande’

- (399) *i-kotsi* ‘costela’  
 (400) *i-tsotsi* ‘pé’  
 (401) *atsi* ‘guariba, macaco guariba’, símio da família dos cebídeos  
 (402) *onatsi* ‘brinco de conchas’  
 (403) *otsi* ‘urtiga’, erva urticante  
 (404) *pyytsi* ‘mutum’, ave galiforme da família dos cracídeos  
 (405) *pyytsi totone* ‘mutum-da-várzea’, ave galiforme da família dos cracídeos  
 (406) *tyytsi* ‘formiga saúva’, inseto himenóptero da fam. dos formicídeos  
 (407) *vovotsi* ‘coruja grande, murucututu’ (*Pulsatrix perspicillata*)

Esse classificador é homófono à raiz verbal {*tsi*-} ‘ter’ e ao marcador interrogativo {-*tsi*}. Numa primeira análise, é quase possível afirmar que seu real conteúdo semântico seja “grande”. Note-se, por exemplo, que *i-tsotsi* “pé” é, do ponto de vista etimológico, derivado por sufixação de *i-tso* “dedo, mão”. Porém, diante da lexicalização de {-*tsi*}, restam dúvidas em boa parte dos casos. Os possíveis classificadores opacos arrolados são sintetizados no Quadro 8:

CLASSIFICADORES NOMINAIS SEMANTICAMENTE OPACOS			
CLASSIFICADOR	ETIMOLOGIA	ITENS CLASSIFICADOS	EXEMPLO
. <i>ky</i>		frutas	<i>æky</i> ‘banana’
. <i>ni</i>	<i>kuni</i> ‘água’	relacionado a água, a líquido	<i>kuni</i> ‘água’
. <i>ræ</i>		determinados mamíferos	<i>pyræ</i> ‘rato’
. <i>re</i>		aves e pássaros	<i>kore</i> ‘papagaio’
. <i>re</i>		determinados mamíferos	<i>kapajre</i> ‘tatu canastra’
. <i>ro</i>		aves e pássaros	<i>ororo</i> ‘jurití’
. <i>ti</i>		sementes e frutas	<i>mati</i> ‘fruta’
. <i>tsi</i>		tamanho do objeto: “grande”	<i>vovotsi</i> ‘coruja’

Quadro 8: Classificadores nominais semanticamente opacos

Além desses, seria possível postular outros classificadores semanticamente opacos como, por exemplo, {-*taw*} “igual, semelhante”<sup>123</sup>. Como são pouco produtivos a ponto de constituírem ocorrências muito esparsas, não serão listados aqui, mas serão identificados no momento oportuno, ao longo do presente trabalho. Alguns se tornam transparentes no sistema de concordância por incorporação nominal parcial. Exemplo:

(408) *aj kometaw uru-taw o-õ-taw õ-e-re*  
 1SG fava verde-CLE comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu como feijão verde.’

### 3.4.7 Morfossintaxe nominal

#### 3.4.7.1 O sintagma nominal

A estrutura morfossintática do sintagma nominal em Kanoê é dada por um núcleo (*nome* ou *pronome*) obrigatório ao qual se agregam elementos periféricos facultativos, sejam eles determinantes ou complementos. A posição de determinante pode ser preenchida por pronomes possessivos, pronomes demonstrativos, numerais e quantificadores. Por sua vez, a posição de complemento pode ser preenchida por outro nome, especificativo ou modificador, ou por um marcador de gênero, ou ainda por estruturas verbais atributivas ou qualificativas. Assim sendo, a estrutura básica dos sintagmas nominais pode ser visualizada a partir das seguintes regras de reescrita:

SN → (Det) N (Compl)  
 Det → (POSS/DEM/Num/Quant)  
 Compl → (N, N-POSS, [N-POSS-N]-POSS, nominalização)

#### 3.4.7.2 Ordem canônica de palavras nos sintagmas nominais

Quanto à ordem de constituintes no sintagma nominal, em Kanoê os pronominais possessivos e demonstrativos e os quantificadores ocupam obrigatoriamente a posição Det, à esquerda do núcleo nominal N. Por sua vez, os nomes especificativos, qualificativos ou atributivos ocupam a posição Compl, ocorrendo à direita, de acordo com a seguinte fórmula geral: SN → (Det) N (Compl). Contudo, no caso específico de SNs possessivos genitivos, o complemento ocorre à esquerda, precedendo o nome nuclear: SN → (Det) [Compl N].

<sup>123</sup> Em Kanoê, existe a raiz {-*taw*-} “o mesmo, igual, semelhante”, da qual talvez se origine esse classificador. Observe que “feijão” pode ter se acomodado como “igual a fava”.

A ocorrência de uma forma pronominal livre como núcleo de um SN exclui a possibilidade de preenchimento das posições Det e Compl, salvo na terceira pessoa, que pode eventualmente receber marcações de gênero (*vide* 3.4.7.3.).

Se o núcleo do SN é um nome, a posição Det pode ser preenchida por: a) pronominal possessivo; b) pronome demonstrativo; c) quantificador. Os exemplos a seguir ilustram cada um desses casos:

a) sintagma nominal constituído de pronome possessivo, na função de determinante, e de nome (possuído), na função de núcleo: SN → (POSS) N. Exemplos:

(409) *nã i-kuta*  
 POSS1SG RN-cabeça  
 Det N  
 ‘minha cabeça’

(410) *pja tyj*  
 POSS2SG casa  
 Det N  
 ‘tua casa’

b) sintagma nominal constituído de pronome demonstrativo, como determinante, e de nome, como núcleo: SN → (DEM) N

(411) *jũ itevæ*  
 DEM.prox gente  
 Det N  
 ‘este homem’

(412) *ũko itevæ*  
 DEM.dist gente  
 Det N  
 ‘aquele homem’

c) sintagma nominal constituído de quantificador verbal, na função de determinante, e de nome, como núcleo: SN → (QUANT) N

(413) *pja ara k-e itevæ*  
 um pouco NEG-NLZ gente  
 Det N  
 ‘só um homem (‘apenas um homem’)

(414) *ara k-e-re itevæ*  
 pouco NEG-DECL-AUX gente  
 Det N  
 ‘muitos homens’

Por sua vez, a posição de complemento pode ser opcionalmente preenchida por: a) por um nome especificativo; b) por um sintagma verbal atributivo nominalizado; c) por um nome ao qual se afixa {-o} ‘POSS’, no caso dos sintagmas nominais possessivos genitivos. Esse último caso, por sua especificidade, será aprofundado em 3.4.7.3. Os dois primeiros casos são exemplificados a seguir:

a) sintagma nominal constituído de pronome demonstrativo, como determinante de um de núcleo nominal, que é seguido de outro nome, como complemento nominal especificativo: SN → (Det) [N (Compl)]<sup>124</sup>, onde Compl → N. Exemplos:

(415) *jũ [kwini æky]*  
 DEM.prox peixe banana  
 Det [N Compl]  
 ‘esta jatuarana’

(416) *ũko [ævo kani]*  
 DEM.dist homem criança  
 Det [N Compl]  
 ‘aquele menino’

b) sintagma nominal constituído de pronome demonstrativo como determinante de um núcleo nominal, seguido de predicado verbal atributivo nominalizado, como complemento: SN → (Det) [N (Compl)], onde Compl → nominalização. Exemplos:

<sup>124</sup> Neste capítulo e nos seguintes, nas transcrições fonológicas os colchetes representam estruturas encaixadas.

(417) *ũko* [opera voro-n-e]  
 DEM.dist onça preto-3-NLZ  
 Det [ N Compl ]  
 ‘aquela onça preta’

(418) *ũko* [pærætæ ej-ru-n-e]  
 DEM.dist panela grande-estômago-3-NLZ  
 Det [ N Compl ]  
 ‘aquela panela grande’

### 3.4.7.3 O sintagma nominal possessivo

O sistema de possessividade em Kanoê é simples. A língua possui um conjunto regular de pronomes possessivos (*vide* 3.5.2) e um sufixo {-o} ‘POSS’, que marca um nome complementar e periférico como possuidor em relação ao nome nuclear, o possuído. Assim sendo, há que se distinguir dois tipos de estruturas sintagmáticas nominais possessivas:

1º.) sintagma nominal cujo núcleo nominal (possuído) é determinado por um pronome adnominal possessivo. A estrutura canônica invariável é: SN → (POSS) N;

2º.) sintagma nominal constituído de dois nomes, dos quais o primeiro é o nome complementar, que representa o elemento possuidor, e o segundo, o núcleo, que representa o item possuído. Essa estrutura pode ser precedida de determinante, conforme a seguinte regra geral: SN → (Det) [[N-POSS] N].

Esses casos são detalhados e exemplificados a seguir:

1º.) SN → (POSS) N

(419) *ũa* *i-kuta*  
 POSS1SG RN-cabeça  
 Det N  
 ‘minha cabeça’

(420) *jato* *muj*  
 POSS1PL mãe  
 Det N  
 ‘nossa mãe’

(421) *pja* *i-roko*  
 POSS2SG RN-joelho  
 Det N  
 ‘teu joelho’

(422) *pjato* *kani-te*  
 POSS2PL criança-COL  
 Det N  
 ‘os filhos de vocês’

(423) *ojo* *i-kañu*  
 POSS3SG RN-nariz  
 Det N  
 ‘o nariz dele’

(424) *ojoteo* *papa*  
 POSS3PL pai  
 Det N  
 ‘o pai deles’

2º.) SN → (Det) [[N-POSS] N ]

(425) *iry-o* *i-kuta*  
 macaco-POSS RN-cabeça  
 Compl N  
 ‘cabeça do macaco’

(426) *kani-o* *ype*  
 criança-POSS dente  
 Compl N  
 ‘os dentes do menino’

(427) *atsoni-o* *meja*  
 aldeia-POSS terreiro  
 Compl N  
 ‘o pátio da aldeia’

(428) *jũ* [*mapi-o* *kytso*]  
 flecha-POSS lâmina  
 Det [Compl N ]  
 ‘esta lâmina de flecha’

(429) *jũ* [*iry-o* *i-kuta*]  
 DEM.prox macaco-POSS RN-cabeça  
 Det [Compl N ]  
 ‘esta cabeça do macaco’

(430) *mow pja* [*iry-o* *ype*]  
 dois um macaco-POSS dente  
 Det [Compl N ]  
 ‘três dentes de macaco’



Como se nota no conjunto de exemplos acima, nos sintagmas nominais possessivos desse tipo, o nome possuidor, marcado pelo sufixo {-o}, precede o nome possuído. Logo, essas estruturas sintagmáticas possessivas se caracterizam por apresentarem o complemento (genitivo) anteposto ao núcleo, de acordo com a regra: SN → (Det) [Compl N]

Do cruzamento entre os dois casos básicos acima descritos decorrem outras estruturas sintagmáticas possessivas mais complexas, quais sejam:

1º.) ao núcleo de um SN, agrega-se o sufixo {-o}, que o marca como complemento possuidor, em relação a outro nome, o possuído. Em outras palavras, a um nome possuído é atribuído, por meio do sufixo {-o}, um complemento genitivo, representado por um SN, cujo núcleo é determinado por um pronome possessivo, conforme a regra: SN → [[SN]-POSS] N; ou, mais precisamente: SN → [[POSS N]-POSS] N. Exemplos:

(431) [[*ñã kani*]-o] *ype*  
 POSS1SG criança-POSS dente  
 [Det N ]-POSS] N  
 ‘os dentes de meu filho’

(432) [[*pja nuti*]-o] *mapi-ka*  
 POSS2SG neto-POSS flecha-CLE.duro  
 [Det N ]-POSS] N  
 ‘o arco de flecha de seu neto’

(433) [[*ñã keke*]-o] *tyj*  
 POSS1SG avó-POSS casa  
 [[Det N ]-POSS] N  
 ‘a casa de minha avó’

(434) [[*jato atsoni*]-o] *meja*  
 POSS1PL aldeia-POSS terreiro  
 [[Det N ]-POSS] N  
 ‘o pátio de nossa aldeia’

2º.) sintagma nominal constituído de determinante possessivo atribuído a outro SN, cuja estrutura contém uma relação de posse entre dois nomes, o primeiro dos quais é o complemento genitivo possuidor, marcado pelo sufixo {-o}, e o segundo é o núcleo possuído. Regra geral: SN → (POSS) [N-POSS N]. Exemplos:

(435) *ñã [kani-o muj]*  
 POSS1SG criança-POSS mãe  
 [Det N ]-POSS] N  
 ‘minha esposa’  
 (Lit.: ‘minha mãe da criança’)

(436) *ñã [i-tsotsi-o piko]*  
 POSS1SG RN-pé-POSS unha  
 Det [Compl N ]  
 ‘minhas unhas dos pés’

Na nomeclatura de parentesco, alguns itens apresentam esse mesmo tipo de estrutura sintagmática possessiva cristalizada, como nestes exemplos:

(437) *ñã [nuti-o-muj]*  
 POSS1SG neto-POSS-mãe  
 Det [Comp N]  
 ‘minha nora’  
 (Lit.: ‘a mãe de meu neto’)

(438) *na [e-kani-o-ævo]*  
 POSS1G mulher-criança-POSS-homem  
 Det [Compl N]  
 ‘meu genro’  
 (Lit.: ‘o homem de minha mulher-criança’)

Na nomeclatura de parentesco, alguns itens apresentam esse mesmo tipo de estrutura sintagmática possessiva cristalizada, como nestes exemplos:

(439) *ñã [nuti-o-muj]*  
 POSS1SG neto-POSS-mãe  
 Det [Comp N]  
 ‘minha nora’  
 (Lit.: ‘mãe de meu neto’)

(440) *na [e-kani-o-ævo]*  
 POSS1G mulher-criança-POSS-homem  
 Det [Compl N]  
 ‘meu genro’  
 (Lit.: ‘homem de minha mulher-criança’)

3º.) sintagma nominal possessivo cujo elemento possuidor é representado por um nome composto. Nesse caso, a marca de possessividade incide sobre o composto como um todo, embora se afixe ao segundo elemento do composto. Regra geral: SN → (POSS) [ [N N]-POSS] N].

- (441) [[*opera voro-n-e*]-o] *i-kuta rwa-kuta e-re*  
 [onça preto-3-NLZ]-POSS RN-cabeça machucar-cabeça DECL-AUX  
 Compl N SV  
 ‘A cabeça da onça preta está machucada.’

- (442) [[*oky kūti*]-o] *i-a ej-a e-re*  
 [cobra pilão]-POSS RN-boca grande-boca DECL-AUX  
 Compl N SV  
 ‘A boca da sucuri é grande.’

4º.) sintagma nominal possessivo cujo elemento possuidor é representado por um nome composto, dentro do qual já existe uma relação de possessividade cristalizada. Nesse caso, uma segunda marca de possessividade incide sobre o composto como um todo, embora se afixe ao segundo elemento do composto. Regra geral: SN → (POSS) [ [N N]-POSS] N].

- (443) *pja [nuti-o-papa]-o tyj ej-turo e-re*  
 POSS2SG [neto-POSS-pai]-POSS casa grande-espaço DECL-AUX  
 Det [Compl N]-POSS N SV  
 ‘A casa de teu genro é grande.’ (Lit.: ‘A casa de teu pai do neto meu neto é grande.’)

- (444) *ña [nuti-o-muj]-o tsyke-nake more-nake e-re*  
 POSS1SG [neto-POSS-mãe]-POSS outro-FEM bom-FEM DECL-AUX  
 Det [Compl N]-POSS N SV  
 ‘A amiga de minha nora é bonita.’ (Lit.: ‘A outra de minha mãe do neto é boa.’)

### 3.4.7.3.1 Funções sintáticas dos sintagmas nominais possessivos

No âmbito da estrutura oracional, os diversos tipos de sintagmas nominais possessivos podem ocorrer como argumentos de um predicado, seja na função de sujeito, seja na função de objeto direto, e, em alguns casos, na função de complemento adverbial locativo, se o núcleo ocorrer marcado por {-*ni*} ‘OBL’. Alguns exemplos:

- (445) [*ũko uru-nake-o muj*] [*ña tsyke-kỹj-o kani*] *ø-memu-ro-to k-e-re*  
 [DEM.dist novo-FEM-POSS mãe] [POSS1SG outro-MASC-POSS criança] 3-gostar-CLV-TRA NEG-DECL-AUX  
 ‘A mãe daquela moça não gosta dos filhos de meu amigo.’

- (446) [*ña tsyke-kỹj-o e*] [*ojo kani-o i-kuta*] *kotso-ve-kuta n-e-re*  
 [POSS1SG outro-MASC-POSS mulher] [POSS3SG criança-POSS RN-cabeça] lavar-CLV-cabeça 3-DECL-AUX  
 ‘A mulher de meu amigo está lavando a cabeça do filho dela.’

- (447) [*ña tũ-kwã-o nuti*] [*ojo keke-o tyj-ni*] *mo-ø-kỹj no-e-re*  
 [POSS1SG irmão-MASC-POSS neto] [POSS3SG avó-POSS casa-OBL] dormir-3-olho VOL-DECL-AUX  
 ‘O neto de meu irmão quer dormir na casa da avó dele.’

### 3.4.7.4 Concordância de gênero nos sintagmas nominais

No escopo do sintagma nominal, não há concordância de gênero entre possessivos ou demonstrativos e o nome que determinam, pois esses pronominais são sempre neutros quanto a gênero. Os quantificadores serão abordados oportunamente. No entanto, como foi descrito em 3.4.3, nos sintagmas nucleados por nomes neutros quanto a gênero, a posição de Compl pode ser preenchida por outro nome ou estrutura nominal, que funciona como complemento atributivo de gênero, nas seguintes ocorrências: a) posposto ao núcleo determinado; b) anteposto ao núcleo, em casos esparsos; Exemplos:

a) SN → (Det) [N (Gen)]

(448) *jũ* [kani ævo]  
DEM.prox criança homem  
Det [N Gen]  
'este menino' (Lit.: 'esta criança homem')

(449) *jũ* [kani e-tsíkwa]  
DEM.prox criança mulher-DIM  
Det [N Gen]  
'esta menina'  
(Lit.: 'esta criança mulher-pequena')

(450) *jũ* [opera-tsíkwa ævo-re]  
DEM.prox onça-DIM homem-AUX  
Det [N Gen]  
'este gato'  
(Lit.: 'este gato homem (ou macho).')

(451) *jũ* [opera-tsíkwa e-re]  
DEM.prox onça-DIM mulher- AUX  
Det [ N Gen]  
'esta gata'  
(Lit.: 'este gato mulher (ou fêmea).')

b) SN → (DET) [(Gen) N]

(452) *jũ* [ævo kani]  
DEM.prox homem criança  
Det [Gen N]  
'este menino'  
(Lit.: 'este homem criança')

(453) *jũ* [e kani]  
DEM.prox mulher criança  
Det [Gen N]  
'esta menina'  
(Lit.: 'esta mulher criança')

Estes exemplos também podem ser interpretados como casos de nomes compostos por justaposição. Nesse caso, não haveria marcação de gênero, pois *ævo* ‘homem’ e *e* ‘mulher’ seriam o núcleo do composto e *kani* ‘criança’ seria o complemento: SN → (DET) [N N].

### 3.4.8.4 Concordância de classificadores no sintagma nominal

O sistema de classificadores nominais específicos em Kanoê, em muitos casos, implica relações de concordância interna entre os constituintes de um sintagma nominal complexo e, no âmbito da oração, com a estrutura verbal, quando há incorporação. Exemplo:

(454) *ña mūjoiteñaj<sup>125</sup> kometaw uru-taw o-ø-taw no-e-re*  
 POSS1SG tio fava novo-CLE comer-3-CLE VOL-DECL-AUX  
 ‘Meu tio quer comer feijão verde.’

## 3.5 Morfossintaxe pronominal

### 3.5.1 Pronomes pessoais livres

O sistema de pronomes pessoais livres em Kanoê é simétrico e regular, composto por formas livres monomorfêmicas, no singular, e formas livres bimorfêmicas, no plural. As formas do singular são monomorfêmicas ao passo que as do plural são bimorfêmicas, ou seja, são formadas pelo acréscimo, às formas do singular, do morfema sufixal {-*te*}, que traduz a idéia de ‘coletividade’. O paradigma de formação das pessoas do plural obedece à seguinte fórmula: PRO.pl → PRO.sg + COL, onde PRO é uma forma pronominal do singular e -COL o morfema pluralizador. Logo, os pronomes pessoais do plural podem ser assim reescritos:

(455) *ajte* → *aj-te*                      (456) *mite* → *mi-te*                      (457) *ojte* → *oj-te*  
 1PL    1SG-COL                                      2PL    2SG-COL                                      3PL    3SG-COL

Por conseguinte, trata-se de flexão paradigmática de “número coletivo”, verificável também sistema de pronomes pessoais possessivos. Com efeito, posto que morfema {-*te*}, tem valor coletivizador em *kanite* “meninada” e *uruâte* “rapazeada”, isso pressiona a interpretá-lo como ‘COL’ também no caso dos pronominais.

(458) *aj ore õ-ry e-re*  
 1SG cansar-1-REFL DECL-AUX  
 ‘Eu estou cansado.’

(459) *ajte ore õ-ry e-re*  
 1PL    cansar 1-REFL DECL-AUX  
 ‘Nós estamos cansados.’

(460) *mi ore pe-ry e-re*  
 2SG cansar-2-REFL DECL-AUX  
 ‘Você está cansado.’

(461) *mite ore pe-ry e-re*  
 2PL    cansar-2-REFL DECL-AUX  
 ‘Vocês estão cansados.’

(462) *oj ore ø-ry e-re*  
 3SG cansar-3-REFL DECL-AUX  
 ‘Ele está cansado.’

(463) *ojte ore ø-ry e-re*  
 3PL    cansar 3-REFL DECL-AUX  
 ‘Eles estão cansados.’

<sup>125</sup>Nome composto, mas de segmentação duvidosa: {*muj*} ‘mãe’ + {-*o*} ‘POSS’+ {*iteñaj*} ‘irmão da mãe, tio’. Ainda não foi possível esclarecer essa dúvida.

O Quadro 9 revela a regularidade no paradigma dos pronomes pessoais livres:

PRONOMES PESSOAIS		
PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1	<i>aj</i> ‘eu’	<i>ajite</i> ‘nós’
2	<i>mi</i> ‘você’	<i>mite</i> ‘vocês’
3	<i>oj</i> ‘ele’, ‘ela’	<i>ojite</i> ‘eles’, ‘elas’

Quadro 9: Paradigma dos pronomes pessoais livres

Como se nota, em Kanoê não há distinção inclusivo/exclusivo para a primeira pessoa do plural. Considerando as orações declarativas, observa-se que as formas pronominais livres, no âmbito do sintagma oracional, exercem precipuamente os papéis de *sujeito*, agente ou experienciador, ou de *objeto direto* ou, mais raramente, de *objeto indireto* de um predicado, conforme demonstram os exemplos abaixo:

(464) *aj æky pejka-e po-õ-ky e-re*

1SG banana assado-NLZ comer-1-CLE DECL-AUX

‘Eu como banana assada.’

(465) *nukū aj ry õ-e-re*

caba 1SG ferrear 1-DECL-AUX

‘A caba me ferrou.’

(466) *mi ã-pe-kỹj k-e-re*

2SG gordo-2-MASC NEG-DECL-AUX

‘Você não está gordo.’

(467) *aj mi i-memu-ro õ-e-re*

1SG 2SG 1-gostar-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu gosto de você.’

(468) *jū e aj mi vara-õ-ro-to-kjū kjū-re*

DEM.prox mulher 1SG 2SG falar-1-CLV-TRA-3.IR 3.IR-AUX

‘Esta é a mulher da qual eu falei com você.’

### 3.5.1.1 Pronomes pessoais livres enfáticos

Por ênfase, como uma das propriedades discursivas da língua, os pronomes pessoais, na função argumental de *sujeito*, podem vir ocasional e redundantemente repetidos no final de uma oração simples, o que configura um caso de focalização. Neste trabalho, essa anáfora do sujeito pronominal foi rotulada como “sujeito enfático”. Esse fenômeno foi registrado, com maior frequência, nos dados elicitados junto aos “Kanoê isolados do Omeré” e, com menor frequência, nos dados fornecidos por MK e TK. Exemplos:

(469) *aj mo-õ-kỹj õ-e-re ña munaw-ni aj*

1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX POSS1SG rede-OBL 1SG

‘Eu durmo na minha rede.’

(470) *aj kuni itæ õ-e-re aj*  
 1SG água beber 1-DECL-AUX 1SG  
 ‘Eu bebo água.’

(471) *mi tsero itæ mi-e-re mi*  
 2SG chicha beber 2-DECL-AUX 2SG  
 ‘Você bebe chicha.’

### 3.5.1.2 Marcação de gênero e concordância na 3<sup>a</sup>. pessoa

Quanto à marcação de gênero, para os pronomes de terceira pessoa, ou seja, *oj* “ele, ela” e *ojte* “eles, elas”, foram registrados casos em que os mesmos aparecem marcados pela posição de *ævo* “homem” ou de *nake* ‘FEM’, concordando com os respectivos marcadores incorporados ao SV. Logo, do ponto de vista pragmático, quando se quer ou há necessidade de indicar o sexo do referente, no âmbito do sintagma nominal nucleado por um pronome pessoal livre de terceira pessoa, singular ou plural, a marcação de gênero é feita pela aplicação da seguinte fórmula: SN → PRO (Gen). Comparem-se os exemplos:

(472) *oj ævo more-kỹj e-re*  
 3SG homem bom-MASC DECL-AUX  
 ‘Ele é bonito.’  
 (Lit.: ‘Ele homem é bonito.’)

(473) *oj nake more-nake e-re*  
 3SG FEM bom-FEM DECL-AUX  
 ‘Ela é bonita.’  
 (Lit.: ‘Ela mulher é bom.’)

(474) *ojte ævo ã-kỹj more-kỹj e-re*  
 3PL homem alto-MASC bom-MASC DECL-AUX  
 ‘Eles são altos e bonitos.’  
 (Lit.: ‘Eles homens são altos e bonitos.’)

(475) *ojte nake ã-nake more-nake e-re*  
 3PL FEM alto-FEM bom-FEM DECL-AUX  
 ‘Elas são altas e bonitas.’  
 (Lit.: ‘Elas mulheres são altas e bonitas.’)

Nos exemplos acima, não se pode interpretar *oj* ‘3SG’ e *ojte* ‘3PL’ como pronomes demonstrativos “neutros”, por analogia com alguns casos esparsos de marcação facultativa de gênero com os demais pronominais livres, como nos seguintes pares de exemplos:

(476) *aj ævo ã-kỹj õ-e-re* (477) *oj ã-kỹj n-e-re*  
 1SG homem alto-MASC DECL-AUX 3SG alto-MASC 3-DECL-AUX  
 ‘Eu sou alto.’ ‘Eu sou alto.’

(478) *mi nake ã-nake mi-k-e-re* (479) *mi ã-nake mi-k-e-re*  
 2SG mulher alto-FEM 2-DECL-AUX 2SG alto-FEM 2-DECL-AUX  
 ‘Você é baixa.’ ‘Você é baixa.’  
 (Lit.: ‘Você mulher não é alta.’) (Lit.: ‘Você não é alta.’)

### 3.5.1.3 Concordância entre pronomes pessoais e flexão pessoal

Os pronomes pessoais livres têm formas presas correspondentes em pessoa, mas não em número, as quais, em condições específicas, ocorrem em três posições básicas:

a) na cabeça na estrutura verbal, antes da raiz, para uma classe restrita de construções verbais;

b) após a raiz verbal e antes de classificador verbal ou de incorporação nominal, para um segundo grupo de construções verbais;

c) após a raiz, na terminação da estrutura verbal, antes de (NEG)-DECL-AUX, um terceiro grupo de construções verbais.

É o tipo de classe verbal que determina a posição de ocorrência dessas marcas flexionais. O Quadro 10 demonstra a correlação entre os pronominais livres e as respectivas marcas de flexão pessoal:

PRONOMES PESSOAIS E RESPECTIVAS MARCAS FLEXIONAIS					
pessoa	número	pronome	marca flexional		
			prefixal	sufixal	prefixal
1	SG	<i>aj</i>	<i>i-</i>	<i>-õ</i>	<i>õ-</i>
	PL	<i>ajte</i>			
2	SG	<i>mi</i>	<i>pi-</i>	<i>-p, -pe-, -mi</i>	<i>pe-, mi-</i>
	PL	<i>mite</i>			
3	SG	<i>oj</i>	<i>ø-</i>	<i>-ø, -ni</i>	<i>n-, ni-</i>
	PL	<i>ojte</i>			
ambientes de ocorrência			<i>___V<sub>raiz</sub></i>	<i>V<sub>raiz</sub> ___</i>	<i>__ (NEG)-DECL-AUX</i>
escopo			raiz verbal principal		AUX (TMA)

Quadro 10: Pronomes pessoais livres e marcas flexionais

a) ocorrências de flexão pessoal prefixal:

(480) *aj toky i-memu-ro e-re*  
1SG mamão 1-gostar-CLV DECL-AUX  
'Eu gosto de mamão.'

(481) *ajte toky i-memu-ro e-re*  
1PL mamão 1-gostar-CLV DECL-AUX  
'Nós gostamos de mamão.'

(482) *mi toky pi-memu-ro e-re*  
2SG mamão 2-gostar-CLV DECL-AUX  
'Você gosta de mamão.'

(483) *mite toky pi-memu-ro e-re*  
2PL mamão 2-gostar-CLV DECL-AUX  
'Vocês gostam de mamão.'

(484) *oj toky ø-memu-ro e-re*  
3SG mamão 3-gostar-CLV DECL-AUX  
'Ele gosta de mamão.'

(485) *ojte toky ø-memu-ro e-re*  
3PL mamão 3-gostar-CLV DECL-AUX  
'Eles gostam de mamão.'

b) ocorrências de flexão pessoal sufixal após a raiz e antes de raiz nominal:

(486) *aj oj-õ-twa e-re*  
1SG gripar-1-pescoço DECL-AUX  
'Eu estou gripado.'

(487) *ajte oj-õ-twa e-re*  
1PL gripar-1-pescoço DECL-AUX  
'Nós estamos gripados.'

(488) *mi oj-pe-twa e-re*  
2SG gripar-2-pescoço DECL-AUX  
'Você está gripado.'

(489) *mite oj-pe-twa e-re*  
2PL gripar-2-pescoço DECL-AUX  
'Vocês estão gripados.'

(490) *oj oj-ø-twa e-re*  
3SG gripar-3-pescoço DECL-AUX  
'Ele está gripado.'

(491) *ojte oj-ø-twa e-re*  
3PL gripar-3-pescoço DECL-AUX  
'Eles estão gripados.'

c) ocorrências de flexão após a raiz verbal e antes de (NEG)-DECL-AUX:

(492) *aj toky ja õ-k-e-re*  
1SG mamão querer 1-NEG-DECL-AUX  
'Eu não quero mamão.'

(493) *ajte toky ja õ-k-e-re*  
1PL mamão querer 1-NEG-DECL-AUX  
'Nós não queremos mamão.'

(494) *mi toky ja pe-k-e-re*  
2SG mamão querer 2-NEG-DECL-AUX  
'Você não quer mamão.'

(495) *mite toky ja pe-k-e-re*  
2PL mamão querer 2-NEG-DECL-AUX  
'Vocês não querem mamão.'

(496) *oj toky ja ni-k-e-re*  
3SG mamão querer 3-NEG-DECL-AUX  
'Ele não quer mamão.'

(497) *ojte toky ja ni-k-e-re*  
3PL mamão querer 3-NEG-DECL-AUX  
'Eles não querem mamão.'

### 3.5.2 Pronomes possessivos

O paradigma dos pronomes possessivos é tão simétrico quanto o dos pronomes pessoais. As formas *ña* 'POSS1SG' e *pja* 'POSS2SG' são monomorfêmicas ao passo que *ojo* 'POSS3SG' é bimorfêmica, formada pela seqüência de *oj* '3SG' mais {-o} 'POSS'. As formas do plural, trimorfêmicas, são formadas pelo acréscimo, de {-to}, às formas do singular. Não restam dúvidas de que {-to} é resultante da contração {-te} 'COL' e {-o} 'POSS', pois, do ponto de vista fonético, foram registrados alguns casos de flutuação entre [*pjateo*] e [*pjato*] assim como entre [*ojoteo*] e [*ojoto*]. As formas aglutinadas são muito mais freqüentes.

A formação dos possessivos plurais pode ser sintetizada na seguinte fórmula geral: PRO.POSS.PL → PRO.SG-PL-POSS, onde PRO é possessivo singular, PL o morfema {-te} e -POSS {-o}. Exemplos:

(498a) *ña* → *ja + te + o* → (498b) *ja-te-o ~ jato*  
POSS1SG POSS1SG + COL + POSS POSS1PL

(499a) *pja* → *pja + te + o* → (499b) *pja-te-o ~ pjato*  
POSS2SG POSS2SG + COL + POSS POSS2PL

(500a) *ojo* → *ojo + te + o* → (500b) *ojo-te-o ~ ojoto*  
POSS3SG POSS3SG + COL + POSS POSS3PL



Da contração não obrigatória entre  $\{-te\}$  e  $\{-o\}$  resulta o alomorfe o  $[-t]$ , em função da queda de  $/e/$ , conforme a regra:  $\{-te\} \rightarrow [t]/\_ \{-o\}$ .

O quadro a seguir, resume o subsistema de pronomes possessivos:

PRONOMES PESSOAIS POSSESSIVOS		
PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1	<i>ñã</i> ‘meu, meus’	<i>jato</i> ‘nosso, nossos,’
2	<i>pja</i> ‘teu, teus’	<i>pjato</i> ‘de vocês’
3	<i>ojo</i> ‘dele’, ‘dela’	<i>ojoto</i> ‘deles’, ‘delas’

Quadro 11: Paradigma dos pronomes pessoais possessivos

Em relação ao POSS1SG, nesta análise, preferiu-se representá-lo por *ñã*, já que esta forma é de alta frequência em relação às demais, realizando-se foneticamente como  $[na] \sim [nã]$ . Há, contudo, alguns registros raros de realizações de POSS1SG como  $[jã] \sim [jã]$ .

Comparando-se as formas pronominais possessivas, sobretudo *ñã* ‘POSS1SG’ com *jato* ‘POSS1PL’, pela simetria do sistema, é possível que, em sua origem, o POSS1SG fosse *ja*, que, por processos de nasalização e consonantização da semivogal  $/j/$ , resultou em *ñã*  $[na] \sim [nã]$ . A mudança então seria: *ja*  $[ja] > [jã] > [na] \sim [nã] = ñã$ .

### 3.5.2.1 Pronomes possessivos no âmbito do SN

Como se viu em 3.4.8.2, no âmbito do SN, os pronomes possessivos só ocorrem na função de determinantes e, em termos de ordem sintática preferencial, à esquerda do núcleo; SN  $\rightarrow$  (POSS) N. Nos exemplos a seguir, ocupam a posição de Det de um SN sujeito:

(501) *ñã i-kỹj vaj-õ-kỹj e-re*  
 POSS1SG RN-olho arder-1-olho DECL-AUX  
 ‘Meu olho está ardendo.’

(502) *pja i-kañu ikuni tsa e-re*  
 POSS2S RN-nariz sangue excretar DECL-AUX  
 ‘Teu nariz está sangrando.’

(503) *ojo i-tekwa iva e-re*  
 POSS3S RN-barriga doer DECL-AUX  
 ‘A barriga dele está doendo.’

(504) *jato papa tũ-o e-re*  
 POSS1PL pai morrer-INTR DECL-AUX  
 ‘Nosso pai morreu.’ ou ‘Nosso pai está morto.’

(505) *pjato kan-te iriri-ø-ro n-e-re*  
 POSS2PL criança-COL correr-3-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Os filhos de vocês estão correndo.’

(506) *ojoto mūj tūvo e-re*

POSS3PL mãe adoeecer DECL-AUX

‘A mãe deles adoeceu.’

### 3.5.2.2 Concordância entre pronomes possessivos e flexão pessoal

Em 3.5.1.3, demonstrou-se que as formas da 2ª pessoa, tanto do singular quanto do plural, são marcadas por {*pe-*}, quando são contrastadas com as formas de primeira pessoa, singular ou plural. Essa é uma das variações da marca de 2ª pessoa, cuja concordância é visível no sistema de referência cruzada entre sujeito e predicado atributivo. Exemplos:

(507) *pja i-kỹj voro-pe-kỹj e-re*

POSS2SG RN-olho preto-2-olho DECL-AUX

‘Teu olho é preto.’

(508) *pja i-kuta tēky pe-tsi mo e-re.*

POSS2SG RN-cabeça piolho 2-ter APL.poss-DECL-AUX

‘Tua cabeça tem piolho.’

(509) *pjato i-kañu ej-pe-kañu k-e-re*

POSS2PL RN-nariz grande-2-nariz NEG-DECL-AUX

‘Os narizes de vocês são pequenos.’

(Lit: ‘Os narizes de vocês não são grandes’)

Nesses exemplos nota-se que o possessivo está exercendo a função de Det de um SN, cujo núcleo é preenchido por um nome inerentemente possuído. Contudo, quando o núcleo do SN não é um objeto inerentemente possuído, não há concordância com o possessivo, mas com o núcleo do SN, na 3ª. pessoa, cuja marca é {-*ø*}, ou com um classificador nominal. Ex.:

(510) *pja tyj ej-ø-turo ni-k-e-re*

POSS2SG casa grande-3-espaco 3-NEG-DECL-AUX

‘Tua casa é pequena.’ (Lit.: ‘Tua casa não é grande espaço.’).

(511) *pja mapi-ka more-ø-ka e-re.*

POSS2SG flecha-CLE bom-3-CLE.duro DECL-AUX

‘Teu arco de flecha está bom.’

Do mesmo modo, o possessivo de 1ª. ou 2ª. pessoa, na função de Det de um SN-sujeito cujo núcleo é objeto inalienavelmente possuído, também concorda com as marcas de flexão pessoal nas estruturas verbais atributivas.

O possessivo de 3ª. pessoa não apresenta concordância explícita, mas está relacionado à ausência de flexão (= morfema “zero”). Exemplos:

(512) *ña i-kỹj pira-ō-kỹj e-re*

POSS1SG RN-olho verde-1-olho DECL-AUX

‘Meu olho é verde.’

(513) *oyo i-kañu ej-ø-kañu e-re*

POSS3SG RN-nariz grande-3-nariz DECL-AUX

‘O nariz dele é grande.’

Em caso de SN cujo núcleo é nome de um referente não inalienavelmente possuído, a concordância em 3<sup>a</sup>. pessoa é opaca nos predicados atributivos afirmativos, ou marcada por  $\{-ni\}$ , antes de  $\{-k\}$  ‘NEG’, em predicativo negativo. Exemplos:

(514) *pja tyj ej-ø-turo e-re*

POSS2SG casa grande-3-espaço DECL-AUX

‘Tua casa é grande.’ (Lit.: ‘Tua casa é grande espaço.’)

(515) *ña mapi-ka more-ø-ka e-re.*

POSS1SG flecha-CLE.duro bom-3-CLE DECL-AUX

‘Meu arco de flecha é bom.’

(516) *ojo tyj ej-ø-turo e-re*

POSS3SG casa grande-3-espaço DECL-AUX

‘A casa dele é grande.’

(517) *ojo mapi-ka more-ø-ka ni-k-e-re.*

POSS3SG flecha-CLE.duro bom-3-CLE- 3-NEG-DECL-AUX

‘O arco dele é ruim.’ (Lit.: ‘O arco dele não é bom.’)

As relações de concordância entre possessivos e as respectivas marcas flexão pessoal nas estruturas verbais são sintetizadas nos Quadros 12 e 13, a seguir:

SN					FLEXÃO PESSOAL NO SV	
Det (pron. possessivo)		Núcleo do SN (nome inalienável)	Núcleo do SN (nome alienável)	concordância com pronominal possessivo	concordância com o núcleo do SN	
1	SG	<i>ña</i>	+	-ø	-	
	PL	<i>jato</i>	+			
2	SG	<i>pja</i>	+	-pe	-	
	PL	<i>pjato</i>	+			
3	SG	<i>ojo</i>	+	-ø	-	
	PL	<i>ojoto</i>	+			

Quadro 12: Concordância entre pronominais possessivos e marcas de flexão pessoal, I

SN					FLEXÃO PESSOAL NO SV	
Det (pron. possessivo)		Núcleo do SN (nome inalienável)	Núcleo do SN (nome alienável)	concordância com o Det	concordância com o núcleo do SN	
1	SG	<i>ña</i>	-	-	-ø, -ni	
	PL	<i>jato</i>	-			
2	SG	<i>pja</i>	-	-		
	PL	<i>pjato</i>	-			
3	SG	<i>ojo</i>	-	-		
	PL	<i>ojoto</i>	-			

Quadro 13: Concordância entre pronominais possessivos e marcas de flexão pessoal, II

### 3.5.3 Pronomes demonstrativos

Em Kanoê, são apenas dois os demonstrativos, de função dêitica, invariáveis quanto a gênero e a número: *jũ* ‘este, esta’ para seres objetos próximos; *ũko* ‘aquele, aquela, aquilo’, para seres e objetos distantes, em relação aos interlocutores, conforme o quadro abaixo:

PARA OBJETO PRÓXIMO AOS INTERLOCUTORES	PARA OBJETO DISTANTE DOS INTERLOCUTORES
<b>jũ</b> ‘este, esta, estes, estas’	<b>ũko</b> ‘aquele, aquela, aqueles, aquelas’

Quadro 14: Distribuição dos pronomes demonstrativos

Exemplos:

(518) *jũ ævo ereã k-e-re*  
DEM.prox. homem grande NEG-DECL-AUX  
‘Este homem é baixo.’ (Lit.: ‘Este homem não é alto.’)

(519) *ũko ævo ereã e-re*  
DEM.dist homem grande DECL-AUX  
‘Aquele homem é alto.’

#### 3.5.3.1 Pronomes demonstrativos no escopo do SN

Na estrutura de um SN, como se viu em 3.4.8.2, os pronomes demonstrativos somente ocorrem na função de determinantes e, em termos de ordem sintática preferencial, à esquerda do núcleo que determinam: SN → (DEM) N. Nos exemplos a seguir, os demonstrativos ocupam a posição de Det de um SN-sujeito:

(520) *jũ tovekawa tō e-re*  
DEM.prox mel-CLE doce DECL-AUX  
‘Esta cana é doce.’

(521) *ũko tovekawa tiri mo-e-re*  
DEM.dist cana azedo APL-DECL-AUX  
‘Aquele cana é azeda.’ (Lit.: ‘Aquele cana tem azedo’).

(522) *mi ũko e pi-jê-to mi-tsi*  
2SG DEM.dist mulher 2-saber-TRA 2-INT  
‘Você conhece aquela mulher?’

#### 3.5.4 Pronomes indefinidos

Os dados disponíveis revelam a existência de quatro formas de pronomes indefinidos, a saber: *nuvi* ‘alguém’, ‘ninguém’; *naj* ‘algo, alguma coisa’; *tsyke* ‘outro, outra coisa’; *tsake* ‘nada’. A distribuição e a aplicabilidade dos pronomes indefinidos é demonstrada no quadro abaixo:

PRONOMES INDEFINIDOS	
PARA SERES HUMANOS	PARA NÃO-HUMANOS E COISAS
<i>nuvi</i> ‘quem, alguém, ninguém’	<i>naj</i> ‘algo, alguma coisa’
<i>tsyke</i> (-GEN) ‘outro, outra’	<i>tsake</i> ‘outra coisa’

Quadro 15: Distribuição dos pronomes indefinidos

Exemplos:

(523) *nuvi mō-ø-kỹj k-e-re*  
 alguém dormir-3-olho NEG-DECL-AUX  
 ‘Alguém não dormiu.’

(524) *oj naj topi-e u-ro e-re*  
 3SG algo podre-NLZ comer-CLV DECL-AUX  
 ‘Ele comeu alguma coisa estragada.’  
 (Lit.: ‘Ele comeu algo podre’)

(525) *tsyke-kỹj tū-o e-re*  
 outro-MASC morrer-INTR DECL-AUX  
 ‘O outro morreu.’

(526) *oj tsake u-ro k-e-re*  
 3SG nada comer-CLV NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele não comeu nada.’

### 3.5.4.1 Marcação de gênero nos pronomes indefinidos

O pronome indefinido *tsyke* ‘outro’ recebe marca de gênero, por meio do acréscimo sufixal de {-*kỹj*} ‘MASC’ ou de {-*nake*} ‘FEM’, quando aplicável a referentes humanos, resultando respectivamente *tsake-kỹj* ‘outro’ e *tsake-nake* ‘outra’. Exemplos:

(527) *tsyke-kỹj ja-kjũ k-e-re*  
 outro-MASC gostar-3.IR NEG-DECL-AUX  
 ‘O outro não gosta dele.’ (Lit: ‘Outro não gosta dele.’)

(528) *tsyke-nake ja-kjũ k-e-re*  
 outro-FEM gostar-3.IR NEG-DECL-AUX  
 ‘A outra não gosta dele.’ (Lit: ‘Outra não gosta dele.’)

Do mesmo modo, o indefinido *nuvi* ‘alguém, ninguém’, que na grande maioria das ocorrências não recebe marcação de gênero, em certos contextos especiais, recebe as mesmas marcações, resultando *nuvi-kỹj* ‘alguém (masculino)’ e *nuvi-nake* ‘alguém (feminino)’. Contudo, isso acontece quando *nuvi* se aplica como interrogativo, como nestes exemplos:

(529) *nuvi-nake-tsi pja kani poa-e-re*  
 alguém-FEM-INT POSS2SG criança casar-DECL-AUX  
 ‘Com quem teu filho se casou?’

(530) *nuvi-kỹj-tsi pja minake poa e-re*  
 alguém-MASC-INT POSS2SG filha mais velha casar DECL-AUX  
 ‘Com quem tua filha mais velha se casou?’

(531) *nuvi-kỹj-tsi oj i-væ-kuta ni-tsi*  
 alguém-MASC-INT 3SG brigar-DU-cabeça 3-INT  
 ‘Com quem ele brigou?’

### 3.5.4.2 Funções sintáticas dos pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos exercem primordialmente as funções argumentais de núcleo de um SN-sujeito ou SN-objeto, conforme ilustram os seguintes exemplos:

(532) *nuvi ja-ø-kỹj k-e-re*  
 alguém gostar-3-MASC NEG-DECL-AUX  
 ‘Ninguém gosta dele.’ (Lit: ‘Alguém não gosta dele.’)

(533) *aj nuvi tsere-õ-to k-e-re*  
 1SG alguém ver-1-TRA NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não vi ninguém.’ (Lit: ‘Não vi alguém.’)

(534) *meja-ni naj para-ja n-e-re*  
 terreiro-OBL algo cair-DIR.baixo 3-DECL-AUX  
 ‘Alguma coisa caiu no terreiro.’ (Lit.: ‘Algo está caído no terreiro.’)

### 3.5.5 Locuções pronominais interrogativas

Em Kanoê, não existem pronomes interrogativos propriamente ditos, mas há duas locuções pronominais interrogativas, cujas estruturas morfossintáticas são nucleadas pelos pronomes indefinidos *nuvi* “alguém” e *naj* “algo”. A esses núcleos se afixa {-*tsi*} ‘INT’, de acordo com a seguinte regra de reescrita: PRO.INT → INDEF+(GEN)+INT.

Em outras palavras, o pronome indefinido recebe a marca de modo interrogativo. Não se trata, portanto, de sufixo derivacional. Logo, como *nuvi* ‘alguém’ pode ocorrer marcado quanto a gênero, por meio de {-*kỹj*} ‘MASC’ ou de {-*nake*} ‘FEM’, a locução interrogativa dele originária também recebe tais marcações. A distribuição e aplicabilidade das locuções pronominais interrogativas são refletidas no Quadro 16:

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INTERROGATIVAS	
PARA SERES HUMANOS	PARA COISAS
<i>nuvi</i> -(-GEN)- <i>tsi</i> ‘Quem?’	<i>naj</i> - <i>tsi</i> ‘O quê?’

Quadro 16: Distribuição dos pronomes interrogativos

Exemplos:

(535) *nuvi-kỹj-tsi jũ kani papa-ni-tsi*

alguém-MASC-INT DEM. prox criança pai-3-INT

‘Quem é o pai desta criança?’

(536) *nuvi-kỹj-tsi pja minake-o ævo re ni-tsi*

alguém-MASC-INT POSS2SG filha.mais.velha-POSS homem matar 3-DECL-AUX

‘Quem matou o marido de sua filha?’

(Lit.: ‘Quem matou o homem de sua filha mais velha?’)

(537) *naj-tsi mi pi-tej-ja-ry mi-tsi*

algo-INT 2SG 2-trazer- DIR-REFL 2-INT

‘O que você está trazendo consigo?’

(538) *naj-tsi pja koro ja ni-tsi*

algo-INT POSS2SG irmão querer 3-INT

‘O que teu irmão está querendo?’

### 3.5.5.1 Marcação de genitivo possessivo em locução pronominal interrogativa

Numa sentença interrogativa marcada por {-*tsi*}, na qual se questiona a posse de alguma coisa, o indefinido *nuvi* ocorre acrescido do marcador possessivo {-*o*}. Em outras palavras, a estrutura morfológica de uma locução pronominal interrogativa possessiva é a seqüência de pronome indefinido mais marcador de genitivo possessivo, com o marcador interrogativo incidindo sobre nome que é o pivô da interrogação. Assim sendo, essa estrutura vale por pronome interrogativo e traduzível por “de quem?”. Não foram registrados casos similares para *naj-tsi*. Exemplos:

(539) *nuvi-o jũ tyj-tsi*

alguém-POSS DEM.prox casa-INT

‘De quem é esta casa?’

(540) *nuvi-o jũ mapi-ka-tsi*

INDEF-POSS-INT DEM.prox flecha-CLE.duro-INT

‘De quem é este arco?’

(541) *nuvi-o ũko kani-tsi*

alguém-POSS-INT DEM.dist criança-INT

‘De quem é aquela criança?’

(542) *nuvi-o jũ e-tsĩkwa-tsi*

INDEF-POSS-INT DEM.prox mulher-DIM-INT

‘De quem é esta menina?’

(543) *nuvi-o i-ta-tsi*

alguém-POSS RN-pele-INT

‘De quem é a roupa?’

(544) *nuvi-o ũko kani-tsi*

alguém-POSS DEM.dist criança-INT

De quem é aquela criança?

### 3.5.5.2 Marcação de gênero em locução pronominal interrogativa

Embora seja raro, o pronome interrogativo *nuvi-tsi*, aplicável a seres humanos, pode receber marcação de gênero por meio de {-*kỹj*} ‘MASC’ ou de {-*nake*} ‘FEM’, após a raiz e antes do marcador interrogativo. Exemplos:

(545) *nuvi-nake-tsi pja kani poa e-re*

alguém-FEM-INT POSS2SG criança casar DECL-AUX

‘Com quem teu filho se casou?’

(546) *nuvi-kỹj-tsi pja minake poa e-re*  
 alguém-MASC-INT POSS2SG filha mais velha casar DECL-AUX  
 ‘Com quem tua filha se casou?’

(547) *nuvi-kỹj-tsi mi i-pe-kuta mi-tsi*  
 alguém-MASC-INT 2SG brigar-2-cabeça 2-INT  
 ‘Com quem você brigou?’

(548) *nuvi-kỹj-tsi pja papa re n-e-re*  
 alguém-MASC-INT POSS2SG pai matar 3-DECL-AUX  
 ‘Quem matou teu pai?’

### 3.5.5.3 Funções sintáticas das locuções pronominais interrogativas

As locuções pronominais interrogativas não possessivas exercem, em geral, as funções argumentais de núcleo de um SN-sujeito ou de um SN-objeto e, ainda, a de complemento adverbial comitativo. Ocorrem focalizadas na cabeça da sentença interrogativa. Exemplos:

a) na função de sujeito:

(549) *nuvi-tsijato æky pō-ø-ky ni-tsi*  
 alguém-INT POSS1PL banana comer-3-CLE 3-INT  
 ‘Quem comeu nossas bananas?’

(550) *nuvi-tsi orymape*  
 alguém-INT pajé  
 ‘Quem é o doutor?’ (Lit.: ‘Quem é o pajé?’)

(551) *nuvi-tsi akutsū-o eae*  
 alguém-INT Akuntsum-POSS cacique  
 ‘Quem é o cacique dos Akuntsum?’

(552) *naj-tsi ña ita-ni kyky-ve<sup>126</sup>-ro<sup>127</sup> n-e-re*  
 algo-INT POSS1SG pele-OBL coçar-CLV-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘O que está coçando em minha pele?’

b) na função de objeto direto:

(553) *naj-tsi oj po-ro ni-tsi*  
 algo-INT 3SG fazer-2-CLV 3-INT  
 ‘O que você está fazendo?’

(554) *naj-tsi ajte u-væ-ro õ-e-re*  
 algo-INT 1PL comer-DU-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘O que vamos comer?’

(555) *naj-tsi mi u-mi-ro-e*  
 algo-INT 2SG comer-2-CLV-NLZ  
 ‘O que você está comendo?’

<sup>126</sup> O morfema {-ve} acrescenta a idéia de incorporação do próprio corpo físico no processo verbal (vide 4.5.1).

<sup>127</sup> O classificador verbal {-ro} relaciona-se à função de sujeito, no papel semântico de agente.



c) na função periférica de complemento adverbial comitativo:

(556) *nuvi-tsi mi po-turo mi-tsi*

alguém-INT 2SG fazer-espaco 2-INT  
‘Com quem você está trabalhando?’

(557) *nuvi-tsi mi kwini po mi-tsi*

alguém-INT 2SG peixe capturar 2-INT  
‘Com quem você vai pescar?’

### 3.5.6 Os pronominais {-kjũ} e {njũ}

As funções morfossintáticas de {-kjũ} ainda não estão muito claras. Esse morfema ocorre sempre como forma presa, com valor pronominal anafórico co-referente à terceira pessoa *irrealis*, em construções sintáticas simples e/ou complexas. Whaley (1997: 297) define *irrealis* como “um termo usado para pintar situações que não são ou ainda não são uma realidade, só possibilidades”. Paralelamente, *realis* é “um termo para pintar situações que o falante julga ser ou terem sido eventos atuais.” Em Kanoê, parece ser o caso das funções dos pronominais {-kjũ} e {njũ} e, ainda, de {-n}, marca flexional regular de terceira pessoa. Se esta hipótese estiver correta, {-kjũ} ‘3.IR’ opõe-se a {-n} ‘3’, que seria inerentemente *realis*. Do mesmo modo, o morfema {-kjũ} se oporia a {-njũ} ‘3.RE’. De fato, a maior parte das ocorrências de {-kjũ} sugerem a indefinidade da terceira pessoa, em sentenças infinitivas, como em (558) e (559), ou, a imperfectividade da ação da terceira pessoa no passado remoto, como em (560) e (561):

(558) *oj po-ø-ro-e-kjũ munaw e*

3SG fazer-3-CLV-DECL-3.IR rede mulher  
‘Quem faz rede é mulher!’

(559) *numunu i-væ-kuta-ry-n-e kjũ-re*

borduna brigar-DU-cabeça-REFL-3-NLZ 3.IR-AUX  
‘Borduna serve para brigar.’

(560) *ña muj po-ø-ro-e kjũ-re munaw*

POSS 1SG fazer-3-CLV-NLZ 3.IR-AUX rede  
‘Minha mãe fazia rede.’

(561) *ajte mumu-væ kjũ-re atiti tsuæ vavo mumu-væ kjũ-re*

1PL plantar.RED-DU 3.IR-AUX milho macaxeira batata plantar.RED-DU 3.IR-AUX  
‘A gente plantava milho, macaxeira e batata.’  
(Lit.: ‘A gente plantava milho, macaxeira e batata plantava.’)

Com efeito, {-kjũ} 3.IR parece ser etimologicamente formado por {-k} ‘NEG’ mais {jũ} ‘DEM.prox’, ou seja, a negação do demonstrativo remete à terceira pessoa *irrealis*. Assim sendo, a negação do demonstrativo próximo {jũ} indefine a terceira pessoa e a ela se refere de modo muito vago, impreciso. Por sua vez, {njũ} ‘3.RE’ também parece ser etimologicamente formado por {-n} ‘3’ mais {jũ} ‘DEM.prox’, o que afirmaria o caráter *realis* do referente. É importante lembrar que {njũ} tem distribuição muito restrita, pois ocorre somente em sentenças imperativas, tais como:

(562) *po njũ*

capturar 3.RE  
'Pega ele!'

(563) *tatsunu re-kuta njũ*

depressa matar-cabeça 3.RE  
'Mata ele depressa!'

Por outro lado, as probabilidades de distribuição de {-*kjũ*} ~ {-*kjũ-*} são amplas e constituem um dos pontos mais interessantes e, ao mesmo tempo, mais complicados da morfossintaxe do Kanoê. Em construções sintáticas simples, pode ocorrer:

a) sufixado à estrutura verbal principal, como nos exemplos abaixo:

(564) *ña muj pe-õ-tso-e-kjũ i-ta more-ta e-re*

POSS1SG mãe dar-1-dedo-ASP-3.IR RN-pele bom-pele DECL-AUX  
'Minha mãe me deu roupa que é bonita.'  
(Lit.: 'Minha mãe me deu pele e está boa.')

(565) *mi mapi pe-õ-tso-e-kjũ more ni-k-e-re*

2SG flecha dar-1-dedo-NLZ-3.REL bom 3-NEG-DECL-AUX  
'A flecha que você me deu está estragada.'  
(Lit.: 'Você me deu flecha e não está boa.')

b) prefixado ao auxiliar {-*re*}:

(566) *kani tsere-õ-to-kjũ kjũ-re*

criança ver-1-TRA-3.IR 3.IR-AUX  
'Eu vi um menino.' (Li: 'Eu vi uma criança.')

(567) *urudãw po-turo-ro k-e kjũ-re*

oro.não fazer-espaco-CLV NEG-DECL 3.IR-AUX  
'Oro Não não sabe fazer nada.' (Lit: Oro Não não trabalha.')

(568) *ña muj po-ø-ro-e kjũ-re munaw*

POSS 1SG fazer-3-CLV-DECL 3.IR-DECL rede  
'Minha mãe fazia rede.'

Some-se a isso que, nas construções sintáticas complexas, esse morfema pode ocorrer simultaneamente nas seguintes posições:

a) sufixado na fronteira final de estruturas verbais transitivas declarativas, como cópia pronominal de um SN-objeto direto nominal antecedente, ou posposto, com o qual estabelece ter uma estreita relação de concordância; e ainda prefixado ao auxiliar como neste exemplo:

(569) *aj tsere-õ-to-kjũ kjũ-re itevæ pæ-kỹj-e-kjũ ø-munu-ro k-e kjũ-re*

1SG ver-1-TRA-3.IR 3.IR-AUX gente branco-MASC-NLZ-3.IR 3-ouvir-CLV NEG-DEC 3.IR-AUX  
'Eu conheci um homem que é surdo.'

b) na fronteira final de algumas estruturas verbais declarativas, sejam elas descritivas ou atributivas, como em *pæ-kỹj-e-kjũ* 'é branco'. Nessa posição, {-*kjũ*} é co-referente a outras de suas ocorrências no mesmo contexto frasal, como neste exemplo:

(570) *oj e pæ-nake-e-kjũ ø-munu-rok-e kjũ-re*

3SG mulher branco-FEM-NOM-3.REL 3-ouvir-CLV NEG-DECL 3.IR-AUX

‘Ela é mulher branca que não escuta.’

Em (569) e (570), observa-se que, em se tratando de concordância de gênero, {-*kjũ*} é neutro, podendo assim ser anafórico relacionado tanto a um nome masculino.

c) prefixado ao auxiliar {-*re*}, tal como em *kjũ-re*, no meio e no final de uma construção sintática complexa, estabelecendo uma relação morfossintática com outras de suas ocorrências, como nos exemplos acima e nos exemplos a seguir:

(571) *aj tsere-õ-to-kjũ kjũ-re itevæ pæ-kuta kjũ-re*

1SG ver-1-TRA-3.REL 3.3.IR-AUX gente branco-cabeça 3.3.IR-AUX

‘Eu conheci um homem que é careca.’

(572) *ajte mumu-væ kjũ-re atiti tsuæ vavo mumu-væ kjũ-re*

1PL plantar.RED-DU 3.3.IR-AUX milho macaxeira batata plantar.RED-DU 3.3.IR-AUX

‘A gente plantava milho, macaxeira e batata.’

(Lit.: ‘A gente plantava milho, macaxeira e batata plantava.’)

(573) *aj tsere-õ-to-kjũ kjũ-re ũko e pæ-nake-kjũ ø-munu-rok-e kjũ-re*

SG ver-1-CLV-3.IR 3.IR-AUX DEM.dist mulher branco-FEM-3.IR 3-ouvir-CLV-NEG-DECL 3.IR-AUX

‘Eu conheci aquela mulher branca que é surda.’

### 3.6 Numerais e quantificadores

Em Kanoê, os numerais cardinais de 1 a 9 são notáveis: a partir de um sistema binário, composto pelas raízes *pja* [*pja*] “um” e *mow* [*mõw̃*]<sup>128</sup> “dois”, são formados todos os demais, de 3 a 9, implicando uma adição mental sistemática, conforme o quadro abaixo:

NUMERAIS E QUANTIFICADORES		
QUANT.	NUMERAL	TRADUÇÃO
1	<i>pja</i>	‘um’
2	<i>mow</i>	‘dois’
3	<i>mow pja</i>	‘três’
4	<i>mow mow</i>	‘quatro’
5	<i>mow mow pja</i>	‘cinco’
6	<i>mow mow mow</i>	‘seis’
7	<i>mow mow mow pja</i>	‘sete’
8	<i>mow mow mow mow</i>	‘oito’
9	<i>mow mow mow mow pja</i>	‘nove’
10	<i>itso mow</i>	‘dez’
15	<i>itso mow itsotsi pja</i>	‘quinze’
20	<i>itso mow itsotsi mow</i>	‘vinte’
muitos	<i>arakere</i>	‘não poucos’

Quadro 17: Numerais e quantificadores

<sup>128</sup> Do ponto de vista fonético, esse ditongo realiza-se sistematicamente nasalizado.

Como se vê, a partir de nove não existem numerais específicos, mas sintagmas nominais nucleados pelas palavras para “mão” e “pé”, determinadas por numeral posposto, compondo um sistema matemático de base 5. Assim, para **10**, usa-se *itso mow* “duas mãos”<sup>129</sup>; para **15**, *itso mow itsotsi pja* “duas mãos e um pé”; e, para **20**, emprega-se *itso mow itsotsi mow* “duas mãos e dois pés”. O quantificador **arakere** “muitos” se aplica um número indefinido de quaisquer seres e objetos.

No exemplo a seguir, observa-se que um numeral pode ser verbalizado, constituindo o núcleo de uma estrutura verbal incorporativa:

(574) *aj kani mow-kani-e-re*

1SG criança dois-criança-DECL-AUX

‘Eu tenho dois filhos.’ (Lit.: ‘Eu criança são dois.’)

### 3.6.1 Numerais e quantificadores no escopo do SN

Nas estruturas nominais, os numerais e o quantificador **arakere** “muitos”, ocorrem na posição de determinante do núcleo de um SN. Em outras palavras, os numerais ocorrem frequentemente antepostos, como determinantes do nome que quantificam. Exemplos:

(575) *aj re õ-e-re [pja arak-e uromu]*

1SG matar 1-DECL-AUX um pouco NEG-NLZ jacaré

‘Eu matei apenas um jacaré.’

(576) *aj [mow-kỹj kani] õ-tsi mo-e-re*

1SG dois-MASC criança 1-ter APL-DECL-AUX

‘Eu tenho dois filhos.’

(577) *oj [mow-nake kani] ø-tsi mo-e-re*

3SG dois-FEM criança 3-ter APL-DECL-AUX

‘Ele tem duas filhas.’

(578) *aj [mow-kỹj kani mow-pja-nake kani] õ-tsi mo-e-re*

1SG dois-MASC criança dois-um-FEM criança 1-ter APL-DECL-AUX

‘Eu tenho dois filhos e três filhas.’

(579) *mini aj [mow-mowara k-e mapi] õ-tsi mo-e-re*

hoje 1SG dois-dois pouco NEG-NLZ flecha 1-ter APL-DECL-AUX

‘Agora eu tenho apenas quatro flechas.’

### 3.6.2 O quantificador *ara kere*

Considerando que, em Kanoê, muitas expressões qualificativas são construídas através do mecanismo da litotes, é oportuno pressupor que o mesmo ocorra também em relação ao quantificador predicativo **arakere** “muitos”. Em princípio, parece que esse quantificador é etimologicamente produto de litotes, de tal modo que sua provável estrutura interna seja a seqüência de {*ara*} ~ {*ara-*} ‘pouco’ e {-*k*} ‘NEG’ + {-*e*} ‘DECL’ {-*re*} ‘AUX’. Embora **arakere** pareça estar cristalizado na grande maioria de suas ocorrências, a elicitação de novos dados revelou que essa estrutura é descontínua, podendo ocorrer incorporação nominal após a raiz {*ara-*} “pouco”, cuja negação é utilizada para significar “muitos”. Exemplo:

<sup>129</sup> Não raro os Kanoê empregam metonimicamente *itso* “dedo” no sentido de *ikotso* “mão”.

(580) *aj ara k-e-re kani õ-tsi mo-e-re*  
 1SG pouco NEG-DECL-AUX criança 1-ter APL-DECL-AUX  
 ‘Eu tenho muitos filhos.’

(581) *oj kani ara-kani k-e-re*  
 3SG criança pouco-criança NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele tem muitos filhos.’ (Lit.: ‘Ele tem não poucos filhos.’)

Nos exemplos a seguir, é provável que a estrutura morfológica seja dada por tais glosas:

(582) *ojte arak-e-re u-ro-e ø-tsi mo-e-re*  
 3PL pouco NEG-DECL-AUX comer-CLV-NLZ 3-ter APL-DECL-AUX  
 ‘Eles têm muita comida.’ (Lit.: ‘Eles têm não pouca comida.’, por litotes)

(583) *oj tu-kwã ara-tũ-kwã k-e-re*  
 3SG irmão-MASC pouco-irmão-MASC NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele tem muitos irmãos.’ (Lit.: ‘Ele tem não poucos irmãos.’)

### 3.6.3 Numerais verbalizados como determinantes de SN

A par de ocorrências como determinantes do núcleo de um SN, foram registrados casos em que os numerais constituem por si mesmos núcleos de um predicado quantificador que, por sua vez, como determinante de um nome, incide diretamente sobre o núcleo de um SN. Exemplo:

(584) *oj [mõw-n-e-re mapi] pe-õ-tso e-re*  
 3SG dois-3-DECL-AUX flecha dar-1-dedo DECL-AUX  
 ‘Ele me deu duas flechas.’

Em alguns casos o SQ ocorre deslocado, constituindo por si mesmo uma oração coordenada justaposta que incide indiretamente, à distância, sobre o nome que quantifica. Exemplos:

(585) *ña kani tæræj po n-e-re mõw-kỹj e-re*  
 POSS1SG criança pacu capturar 3-DECL-AUX dois-MASC DECL-AUX  
 ‘Meu filho pescou dois pacus.’  
 (Lit.: ‘Meu filho capturou pacu, são dois.’)

(586) *aj kwini po-õ-e tsoækypwae po-õ-e mõw-kỹj e-re*  
 1SG peixe capturar-1-DECL mandi capturar-1-DECL dois-MASC DECL-AUX  
 ‘Eu estava pescando, pesquei mandi, são dois.’  
 (Lit.: ‘Eu estava capturando peixe, capturei mandi, são dois.’)

### 3.6.4 Marcação de gênero no SQ

Os numerais simples ou sintagmas quantificadores, como determinantes de nomes de gênero inerente na estrutura de um SN estão sujeitos a receber marcação de gênero, pelo acréscimo sufixal de {-kỹj} para “masculino” ou de {-nake} para “feminino”. Exemplos:

(587) *aj ævo mow-kỹj tsere-õ-to e-re kuni-o kærny-ni*  
 1SG homem dois-MASC ver-1-TRA DECL-AUX água-POSS margem-OBL  
 ‘Eu vi dois homens na beira do rio.’

(588) *aj e mow-nake tsere-õ-to e-re kuni kær-y-ni*

1SG mulher dois-FEM ver-1-TRA DECL-AUX água margem-OBL

‘Eu vi duas mulheres na beira do rio.’

(589) *aj ævo nuti mow-pja-kÿj e-re e nuti mōw-nake e-re õ-tsi-mo e-re*

1SG homem neto dois-um-MASC DECL-AUX mulher neto dois-FEM DECL-AUX 1-ter -APL DECL-AUX

‘Eu tenho três netos e duas netas.’

(Lit.: ‘Eu homem neto são dois, mulher neta são duas, tenho.’)

Em (589), nota-se a complexidade de uma estrutura sintática com co-ocorrência de numerais. Na função argumento-objeto direto de *õtsimoere* “ter”, ocorre uma estrutura sintagmática muito complexa, constituída de nome mais predicado quantificador, coordenada por justaposição a outra estrutura de mesma estrutura e natureza. Além disso, nessas estruturas verbais quantificativas, há a incorporação da marca de gênero, numa relação de concordância com os nomes quantificados, quais sejam: *ævo nuti* “neto” e *nuti* “neta”.

### 3.6.5 Sintagma quantificador interrogativo

As interrogativas quantificativas são dadas pelo SQ interrogativo *nētoe* “quantos” que ocorre na cabeça da sentença, exercendo as seguintes funções sintáticas:

a) determinante de um SN na função argumental de sujeito, como nestes exemplos:

(590) *nētoe kani tuvo ni-tsi*

quantos criança adoecer 3-INT

‘Quantas crianças estão doentes?’

(591) *nētoe nake ñomu-ni po-turo-tsi*

quantas mulher roça-OBL trabalhar-espaco-INT

‘Quantas mulheres estão trabalhando na roça?’

(592) *nētoe itevæ tū-o e-re*

quantos gente morrer INTR-DECL-AUX

‘Quantos homens morreram?’ (Lit.: ‘Quanta gente morreu?’)

b) determinante de um SN na função argumental de objeto direto. Exemplos:

(593) *nētoe kani mi pe-tsi mi-tsi*

quantos criança 2SG 2-ter 2-INT

‘Quantos filhos você tem?’

(594) *nētoe mapi oj po-ø-ro ni-tsi*

quantas flecha 3SG fazer-3-CLV 3-INT

‘Quantas flechas ele fez?’

(595) *nētoe kwini po mi-tsi*

quantos peixe capturar 2-INT

‘Quantos peixes você pescou?’

### 3.7 Morfossintaxe adverbial

Em Kanoê, as ocorrências e valores dos vocábulos que constituem a categoria dos advérbios são muito claras. Morfologicamente, as palavras adverbiais são indecomponíveis, na absoluta maioria dos casos. Em alguns poucos itens, pode-se notar que a constituição morfológica dos mesmos é etimologicamente composta, mas, do ponto de vista sincrônico, os possíveis morfemas já estão lexicalizados. É o caso de *jūni* “aqui”, que parece ser formado de *jū* ‘DEM.prox’ + {-*ni*} ‘OBL’. Do mesmo modo, *kamitsi* “ontem”, “ontem”, parece conter uma raiz á qual se agregou o sufixo {-*tsi*}. Como isso é apenas hipotético, optou-se aqui por considerar tais casos como lexicalização e, por isso, não proceder à segmentação dos mesmos.

Por outro lado, os advérbios se caracterizam por não estarem sujeitos à marcação de gênero, o que os difere dos nomes; nem à marcação número-pessoal, o que os torna distintos das estruturas verbais. Some-se a isso que os advérbios ou expressões adverbiais também se caracterizam por apresentarem um alto grau de mobilidade sintática, o que os individualiza em relação às demais categorias de palavras. De fato, os advérbios ou expressões adverbiais podem ocorrer focalizados na cabeça de uma sentença, em várias posições: a) entre um SN-sujeito e um SV; b) entre um SN-sujeito e um SN-objeto; c) entre um SN-objeto e um SV transitivo; d) no final da oração. Por outro lado, jamais poderiam estar inseridos entre um determinante e um nome, na configuração de um SN. Em quaisquer das posições em que ocorrem, os advérbios ou expressões adverbiais incidem sobre a estrutura verbal ou sobre a oração como um todo, introduzindo determinadas noções circunstanciais (tempo e espaço físico), modais e intensificativas, em relação ao evento verbal da estrutura predicativa. No caso específico dos advérbios temporais, em vários casos, nota-se que eles contribuem para a formação da idéia de tempo verbal. No âmbito discursivo, alguns dos advérbios de tempo e lugar de diferem dos demais por exercerem inegavelmente uma função dêitica, já que situam o enunciado num determinado momento do tempo cronológico e o localizam num determinado espaço físico, em relação aos interlocutores. Para efeito de descrição, procedeu-se a uma tipologia dos advérbios, baseada em subcategorizações semânticas, quais sejam:

#### 3.7.1 Expressões adverbiais de tempo

Em Kanoê, as referências dêiticas ao tempo cronológico são dadas por três advérbios de tempo, semanticamente distinguíveis entre si pela combinação dos traços [± PASS] e [± FUT], a saber: *kamitsi* “ontem, certo dia passado”, *mini* “hoje, agora”, *pejake* “outro dia, amanhã, depois”. Somam-se se a essa tricotomia temporal básicas outras nuances de tempo assinaladas por: *pejake totsie* “depois de amanhã”, *oke* “ainda”, *mike* “já, faz tempo”, *mipo* “depois” e *nini* “novamente, outra vez”. A estrutura morfológica de alguns desses advérbios provavelmente é composta, mas ainda não foi possível determiná-la com precisão. O quadro a seguir apresenta a distribuição dos advérbios temporais:

ADVÉRBIOS DE TEMPO						
ADVÉRBIO	SENTIDO	noção temporal				
		PASSADO			PRESENTE	FUTURO
		remoto	contínuo	próximo		
<i>kamitsi</i>	‘ontem’	-	-	+	-	-
<i>mini</i>	‘hoje’	-	-	-	+	-
<i>pejake</i>	‘amanhã’	-	-	-	-	+
<i>oke</i>	‘ainda’	-	+	-	+	-
<i>mike</i>	‘já’	-	-	-	+	-
<i>nini</i>	‘novamente’	-	-	+	+	+

Quadro 18: Advérbios de tempo

Do ponto de vista sintático, na função de adjunto adverbial temporal, na maioria dos casos os sintagmas adverbiais temporais ocorrem na cabeça da sentença, embora também possam ser pospostos ao sujeito, ou antepostos à estrutura verbal, ou, mais raramente, no final da sentença. Exemplos:

### 3.7.1.1 *kamitsi* “ontem”

(596) *kamitsi wæ-tsi wæ-tsi e-re*

ontem chuva-CLG chuva-CLG DECL-AUX  
‘Ontem choveu muito.’

(597) *aj tsuæ tutu õ-e-re kamitsi*

1SG macaxeira pilar 1-DECL-AUX ontem  
‘Eu pisei maçaco ontem.’ (Lit.: ‘Eu pilei macaxeira ontem.’)

(598) *kamitsi itsaj-e-ni ojo ævo e i-ø-kuta e-re*

ontem anoitecer-NLZ-OBL POSS3SG homem mulher brigar-3-cabeça DECL-AUX  
‘Ontem à noite o marido da mulher a agrediu.’

### 3.7.1.2 *mini* “hoje, agora”

(599) *mini wæ-tsi ara k-e-re kamitsi wæ-tsi tsĩ ni-k-e-re*

hoje chuva-CLG pouco NEG-DECL-AUX ontem chuva-CLG grosso 3-NEG-DECL-AUX  
‘Hoje choveu mais do que ontem.’  
(Lit.: Hoje choveu muito, ontem a chuva não foi grossa.)

(600) *mini aj mũ õ-e-re oti*

hoje 1SG plantar 1-DECL-AUX algodão  
‘Hoje eu plantei algodão.’



(601) *kani pa-e-re mini*  
criança nascer-DECL-AUX hoje  
'O neném nasceu hoje.' (Lit.: 'A criança nasceu hoje.')

### 3.7.1.3 *pejake* "amanhã, outro dia"

(602) *aj pejake mū ã-e-re popotsi*  
1SG amanhã plantar 1-DECL-AUX taioba  
'Amanhã eu vou plantar taioba.'

(603) *pejake ña kani ojo keke-o tyj-ni mō-ø-kỹj ku-n-e-re*  
amanhã POSS1SG criança POSS3SG avó-POSS casa-OBL dormir-2-olho FUT.neg-3-DECL-AUX  
'Amanhã meu filho não vai dormir na casa da avó dele.'

(604) *pejake mi aj vara-pe-ro-õ-to mi-tsi*  
amanhã 2SG 1SG falar-2-CLV-1-TRA 2-INT  
'Amanhã você conversa comigo?'

### 3.7.1.4 *oke* "ainda"

(605) *aj oke tsere-õ-ro ã-e-re*  
1SG ainda ver-1-CLV 1-DECL-AUX  
'Eu ainda estou acordado.' (Lit. "Eu ainda estou vendo.')

(606) *kūkoe oke tsere-ro n-e-re*  
tatu ainda ver-CLV 3-DECL-AUX  
'O tatu ainda está vivo.' (Lit: O tatu ainda está vendo.')

(607) *oj tūvo n-e-re oke*  
3SG adoecer 3-DECL-AUX ainda  
'Ele ainda está doente.'

(608) *aj u-ro no-e-re oke*  
1SG comer-CLV VOL-DECL-AUX ainda  
'Eu ainda quero comer.'

### 3.7.1.5 *mike* "já, faz tempo"

(609) *ava pæræ n-e-re mike*  
arara voar 3-DECL-AUX já  
'A arara já voou.'

(610) *ña kani mike tēpū-kỹj e-re*  
POSS1SG criança já velho-MASC DECL-AUX  
'Meu filho já está velho.'

(611) *kani-o i-kuta kotso-ve-kuta e-re mike*  
criança-POSS RN-cabeça lavar-CLV-cabeça DECL-AUX já  
'A cabeça do menino já está lavada.'

### 3.7.1.6 *nini* “novamente, outra vez”

Esse advérbio ocorre, em geral, posposto à estrutura verbal, em sentenças declarativas e exortativas e interrogativas, conforme os seguintes exemplos:

(612) *neunu pja vae-kỹj kwini po n-e-re nini mini*  
 talvez POSS2SG primo-MASC peixe capturar-3-DECL-AUX novamente hoje  
 ‘Talvez teu primo vá pescar outra vez hoje.’

(613) *neunu v̄-tsi-e ara k-e-re nini*  
 talvez chuva-CLG-DECL pouco NEG-DECL-AUX novamente  
 ‘Talvez chova muito novamente.’

(614) *kape-ãw atiti-tekwa mu-v̄ nini*  
 vamos-IMP milho-CLE plantar-DU novamente  
 ‘Vamos plantar arroz outra vez!’

(615) *mi ñomu-ni po-turo-mi-tsi nini*  
 2SG roça-OBL trabalhar-espaco-2-INT novamente  
 ‘Você vai trabalhar na roça outra vez?’

### 3.7.2 Expressão adverbial espaço ou lugar

Em Kanoê, as noções espaciais locativas são expressas por sintagmas adverbiais de valor *dêitico* (cf. Crystal, 1988: 74), tomando-se como referência o espaço físico no qual os interlocutores se situam, a saber: *juni* “aqui” e *jũ tsituroni* “neste lugar (aqui)”, para referência ao espaço em que se inserem os interlocutores; e *ũkoni* “lá” e *ũko tsituroni* “naquele lugar (lá)”, em referência a espaço distante dos interlocutores.

Por outro lado, as noções de distância espacial são dadas pelos sintagmas adverbiais *jekoere* “estar longe” e por sua negação *jekonikere* “estar perto” (= “não longe”), tomando-se como referencial o local em que se situam os interlocutores. O quadro a seguir resume o subsistema espácio-distal em Kanoê:

EXPRESSÃO ADVERBIAL DE ESPAÇO	
PRÓXIMO AOS INTERLOCUTORES	DISTANTE DOS INTERLOCUTORES
<i>juni</i> ‘aqui’	<i>ũkoni</i> ‘lá’
<i>jũ tsituroni</i> ‘neste lugar’	<i>ũko tsituroni</i> ‘naquele lugar’
<i>jekonikere</i> ‘perto’	<i>jekoere</i> ‘longe’

Quadro 19: Expressões adverbiais espácio-distais

Na estrutura da sentença essas expressões adverbiais espácio-distais exercem a função sintática de complemento locativo. No plano pragmático-discursivo, valem como dêiticos espaciais. A sinonímia entre *juni* “aqui” e *jũ tsituroni* “neste lugar” é clara, quando os exemplos (613) e (615), a seguir, são comparados entre si. Paralelamente, há sinonímia e entre *ũkoni* “lá” e *ũko tsituroni* “naquele lugar”, comparando (613) a (615). Nos subtópicos abaixo, as expressões adverbiais espácio-distais são arroladas e exemplificadas:

### 3.7.2.1 *jūni* “aqui”

- (616) *tepy more e-re jū-ni*  
terra bom DECL-AUX DEM.prox-OBL  
‘A terra aqui é boa.’

- (617) *jū-ni u-ro-e tsi ni-k-e-re*  
DEM.prox-OBL comer-CLV-NLZ ter 3-NEG-DECL-AUX  
‘Aqui não há comida.’

### 3.7.2.2 *jū tsituroni* “neste lugar”

- (618) *tepy jū tsi-turo-ni more e-re*  
terra DEM. prox ter-espaço-OBL bom DECL-AUX  
‘A terra neste lugar é boa.’

- (619) *jū tsi-turo-ni aj kwini po-ō-e ja ō-k-e-re*  
DEM. prox ter-espaço-OBL 1SG peixe capturar-1-NLZ querer 1-NEG-DECL-AUX  
‘Eu não vou pescar naquele lugar.’  
(Lit.: Neste lugar eu não quero capturar peixe.)

### 3.7.2.3 *ukoni* “lá”

- (620) *ūko-ni more e-re ara k-e-re*  
DEM.dist-OBL bom DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
‘Lá é muito bonito.’

- (621) *ūko-ni oj aj-ø-ja e-re*  
DEM.dist-OBL 3SG sentar-3-DIR DECL-AUX  
‘Ele mora lá.’ (Lit.: ‘Ele está sentado lá.’)

### 3.7.2.4 *ūko tsituroni* “naquele lugar”

- (622) *ūko tsi-turo-ni more e-re ara k-e-re*  
DEM.dist ter-espaço-OBL bom DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
‘Aquele lugar é muito bonito.’

- (623) *ūko tsi-turo-ni aj kwini po-ō-e ja ō-k-e-re*  
DEM. prox ter-espaço-OBL 1SG peixe capturar-1-NLZ querer 1-NEG-DECL-AUX  
‘Eu não vou pescar naquele lugar.’  
(Lit.: ‘Naquele lugar eu não quero capturar peixe.’)

A expressão adverbial distal é expressa pela raiz verbal {*jeko-*} “ser longe” e sua respectiva negação, que traduzem respectivamente as noções de distância ou de proximidade no espaço físico, em relação aos interlocutores. Logo, sintaticamente são dois predicados locativos, um afirmativo e outro negativo, ambos nucleados pela mesma raiz. Exemplos:

### 3.7.2.5 *jeko* “ser longe”

- (624) *ñā tyj jeko e-re*  
POSS1SG casa longe DECL-AUX  
‘Minha casa é longe.’

- (625) *ña papa kwini po-n-e jeko e-re*  
 POSS1SG pai peixe capturar-3-NLZ longe DECL-AUX  
 ‘Meu pai foi pescar muito longe.’

### 3.7.2.6 *jeko nikere* “ser perto” (= “não longe”)

- (626) *ña tyj jeko ni-k-e-re*  
 POSS1SG casa longe 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Minha casa está perto.’ (Lit.: ‘Minha casa está não longe.’)

- (627) *aj kwini po-õ-e jeko ni-k-e-re*  
 1SG peixe capturar-1-NLZ longe 3-DECL-AUX  
 ‘Eu vou pescar aqui perto.’  
 (Lit.: ‘Eu vou pescar não longe.’)

### 3.7.3 Advérbios de dúvida ou probabilidade

A expressão da dúvida ou da probabilidade de um processo verbal é dada pelo advérbio *neunu* ‘talvez’, que ocorre na cabeça da oração, exercendo a função sintática de complemento adverbial dubitativo. Exemplos:

- (628) *neunu aj tsuæ mu õ-e-re mini*  
 talvez 1SG macaxeira plantar 1-DECL-AUX hoje  
 ‘Talvez eu vá plantar macaxeira hoje.’

- (629) *neunu væt-si-e ara k-e-re mini*  
 talvez chuva-ter-NLZ pouco NEG-DECL-AUX hoje  
 ‘Talvez chova muito hoje.’

- (630) *jũ opera tũvo ara k-e-re neunu pejake tũ-o e-re*  
 DEM.prox onça adoecer pouco NEG-DECL-AUX talvez amanhã morrer-INTR DECL-AUX  
 ‘Este cachorro está muito doente, talvez ele morra amanhã.’

### 3.7.4 Expressão adverbial de modo

Em Kanoê, a expressão adverbial de modo pode ser assinalada por:

a) um sintagma verbal nucleado pela raiz verbal {*taj-*} “depressa” e sua respectiva negação, que expressa “devagar”:

- (631) *mi vara-pe-ro taj-e-re aj vara-õ-ro taj k-e-re*  
 2SG falar-2-CLV depressa-DECL-AUX 1SG falar-1-CLV depressa NEG-DECL-AUX  
 ‘Você fala mais depressa do que eu.’  
 (Lit.: ‘Você fala depressa, eu falo não depressa.’)

- (632) *itevæ tete-ro n-e-re taj e-re*  
 gente andar.RED-CLV 3-DECL-AUX depressa DECL-AUX  
 ‘O homem está andando depressa.’

b) pelo advérbio *tatsunu* “logo, depressa, rápido”:

(633) *tatsunu re-kuta njũ*  
depressa matar-cabeça 3.IMP  
‘Mata ele depressa!’

(634) *tatsunu pururu njũ*  
depressa caminhar 3.IMP  
‘Anda depressa!’

### 3.7.5 Expressão adverbial de intensidade

Além de outros recursos, como a duplicação da raiz verbal em determinados casos, em Kanoê, a noção de intensidade de uma ação é freqüentemente expressa por *arakere*. Esse sintagma verbal, quando incide sobre um nome, determina-o como quantificador; mas, quando incide sobre a estrutura verbal, funciona como intensificador. Exemplos:

(635) *oj iriri-ø-ro e-re ara k-e-re*  
3SG correr-3-CLV DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
‘Ele correu muito.’

(636) *akutsũ vara-ø-ro-e arak-e-re*  
Akuntsum falar-3-CLV-DECL pouco NEG-DECL-AUX  
‘Os Akuntsum falam muito.’

(637) *jato tsutsu tũvo n-e-re ara k-e-re*  
POSS1PL avô adoecer-3 DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
‘Nosso avô está muito doente.’ (Lit.: Nosso avo está doente (e) muito’).

### 3.7.6 Expressão adverbial de inclusão

As ocorrências de *maere* sugerem que se trata de uma palavra constituída de um predicado verbal já lexicalizado como forma única, cuja natureza é adverbial, pois denota a idéia de inclusão, traduzível por “também”, como nos seguintes exemplos:

(638) *mi maere mo-kỹj mi-kũ*  
2SG também dormir-olho 2-INT.neg  
‘Você também não quer dormir?’

(639) *mi maere erej puro-e pi-ẽ-to-tsi*  
2SG também bola jogar-NLZ 2-saber-TRA-INT  
‘Você também sabe jogar bola?’

(640) *iry pãwpãw-e-ro n-e-re ajte maere pãwpãw-e-ro-nu*  
macaco pular.RED-ASP-CLV-3-DECL-AUX 1PL também pular.RED-DU-ASP-CLV-FUT  
‘O macaco pula, nós também vamos pular.’

### 3.7.7 Sintagmas adverbiais interrogativos

Os sintagmas adverbiais interrogativos ocorrem na cabeça das orações interrogativas, marcadas ou não por {-*tsi*} ‘INT’, nas quais exercem a função sintática de complemento adverbial, tipificado de acordo com a respectiva natureza semântica. Exemplos:

### 3.7.7.1 *nuũ* “aonde?”

(641) *nuũ aj-ø-ja-tsi masaka-o atsoni*

aonde sentar-3-DIR-INT masaká-POSS aldeia

‘Onde fica a maloca dos Masaká?’

(642) *nuũ ovæ-mi-ro-tsi*

aonde ir-2-CLV-INT

‘Aonde você vai?’

### 3.7.7.2 *ne turoene* “quando?”

(643) *ne turo-e ne ty mi-nu*

quando espaço-NLZ quando movimentar 2-FUT

‘Quando você volta?’

(644) *ne turo-e ne ajte tyvæ-ro-nu*

quando espaço-NLZ quando 1PL caçar-CLV-FUT

‘Quando vamos caçar?’

### 3.7.7.3 *najne toekotsi* “por que?”

Em Kanoê, para interrogar a causa de um evento, emprega-se a expressão adverbial interrogativa *najne toekotsi* “por que?”. Do ponto de vista de sua constituição interna, esse sintagma adverbial interrogativo apresenta uma estrutura morfológica muito complexa e de difícil depreensão, de modo que não se procedeu à respectiva segmentação, porquanto não foi possível definir a exata constituição morfêmica. Exemplos:

(645) *naj-n-e toekotsi mi i mi-tsi*

algo-3-NLZ TRA-COP-INT 2SG chorar 2-INT

‘Por que você está chorando?’ (Lit.: ‘Por que algo você está chorando?’)

(646) *naj-n-e toekotsi mi ty mi-kũ*

algo-3-NLZ TRA-COP-INT 2SG movimentar 2-NEG

‘Por que você não veio?’ (Lit.: ‘Por que algo você não veio?’)

### 3.7.8 O sufixo oblíquo {-ni}

Em Kanoê, esse sufixo, enquanto forma, funciona como um marcador de sintagmas oblíquos no escopo do sintagma oracional. De fato, o sufixo {-ni} ‘OBL’ agrega-se ao núcleo de sintagma nominal, marcando-o como um adjunto de natureza adverbial dentro de uma oração. Em decorrência, um nome marcado por esse sufixo jamais pode ser interpretado como núcleo de um sintagma nominal, que exerça a função de sujeito ou a de objeto direto. Antes, pelo contrário, a ocorrência desse sufixo marca os sintagmas nominais como participantes não nucleares de um evento. Por outro lado, um SN marcado por {-ni} ‘OBL’ exerce a função de complemento de natureza adverbial, cuja interpretação do respectivo “papel semântico” (cf. Payne 1997:48), seja como locativo, temporal, benefactivo, instrumental ou comitativo, depende do contexto frasal. Exemplos:

(647) *aj ña i-tso-ni ñoña õ-tsi mo-e-re*

1SG POSS1SG RN-dedo-OBL ferida 1-ter APL.poss-DECL-AUX

‘Eu tenho uma pereba no dedo.’ ou ‘Eu tenho uma ferida no dedo.’

(648) *naj-tsi para-ja n-e-re meja-ni*

IND-INT cair-DIR-3 DECL-AUX terreiro-OBL  
'O que está caindo no terreiro?'

(649) *aj ipæ õ-e-re iry mapi-ni*

1SG matar 1-DECL-AUX macaco flecha-OBL  
'Eu mato macaco com flecha.'

(650) *itsaj-e-ni ajte pe-væ-ja õ-e-re*

anoitecer-NLZ-OBL 1PL dançar-DU-DIR 1-DECL-AUX  
'À noite, nós vamos dançar.'

### 3.7.9 Conectivos e partículas

#### 3.7.8.1 *tõ*: conectivo explicativo

O conectivo inter-oracional *tõ* ocorre sempre como forma dependente, coordenando duas orações e estabelecendo uma relação de causa e conseqüência entre ambas. Assim, a segunda oração traduz semanticamente a causa da ação verbal da primeira oração. De outro modo, a segunda oração contém uma explicação para o avento da primeira. Exemplos:

(651) *kani i-n-e-re tõi ojo ype iva e-re*

criança chorar-3-DECL-AUX porque POSS1SG dente doer DECL-AUX  
'A criança está chorando porque o dente dela está doendo.'

(652) *ña uru-nake i n-e-re tõi ojo kani tu-o e-re*

POSS1SG novo-FEM chorar 3-DECL-AUX porque POSS3SG criança morrer-INTR DECL-AUX  
'Minha filha mais nova está chorando porque a criança dela morreu.'

#### 3.7.8.2 *tsoke*: conectivo disjuntivo

O conetivo *tsoke* ocorre estabelecendo uma relação coordenativa disjuntiva ou "adversativa" entre duas orações, tal como nestes exemplos:

(653) *aj pe-õ-ja tsoke mo-õ-kỹj õ-k-e-re*

1SG deitar-1-DIR mas dormir-1-olho 1-NEG-DECL-AUX  
'Eu deitei, mas não dormi.'

(654) *ña mũj kuni tsã-mu tsoke aj ja õ-k-e-re*

POSS1SG mãe água buscar-CLE mas 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX  
'Minha mãe mandou buscar água mas eu não quero (ir).'

## MORFOSSINTAXE VERBAL

### 4.1 Concordância verbal

A complexidade dos sintagmas verbais em Kanoê é, antes de tudo, um fenômeno morfossintático. Isso significa dizer que não existe uma fronteira bem nítida entre estruturas morfológicas e sintáticas, pois as primeiras estão intrinsecamente relacionadas às segundas. Essa complexidade é decorrente de um duplo sistema de concordância que envolve um sintagma verbal e seus argumentos, em dois níveis distintos, a saber:

1º.) concordância entre SN-sujeito e marcas flexionais na estrutura do SV:

a) nomes e pronomes pessoais livres, na função de núcleo de *sujeito*, concordam por referência cruzada com pronominais flexionais presos, prefixais ou sufixais, na estrutura predicativa (*vide* Bacelar 2001). Exemplos:

(1) *aj i-jê-to e-re mapi po-ro-e*  
 1SG 1-saber-TRA DECL-AUX flecha fazer-CLV-NLZ  
 ‘Eu sei fazer flecha.’

(2) *mi pi-jê-to e-re mapi-ka po-ro-e*  
 2SG 2-saber-TRA DECL-AUX flecha-CLE fazer-CLV-NLZ  
 ‘Você sabe fazer arco.’

(3) *oj mi ø-pateñu-pe-to ni-k-e-re*  
 3SG 2SG 3-conhecer-2-TRA 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele não te conhece.’

b) os pronomes possessivos, como *determinantes* do núcleo do sujeito, concordam por referência cruzada com pronominais flexionais presos, prefixais ou sufixais, na estrutura predicativa. Exemplos:

(4) *ña i-kỹj voro-õ-kỹj e-re*  
 POSS1SG RN-olho preto-1-olho DECL-AUX  
 ‘Meus olhos são pretos.’

(5) *pja i-kuta ej-pe-kuta e-re*  
 POSS2SG RN-cabeça grande-2-cabeça DECL-AUX  
 ‘Tua cabeça é grande.’

c) raízes nominais podem ser parcial ou totalmente incorporadas em certas estruturas verbais. Exemplo:

(6) *ña i-tsotsi pæ-tsotsi e-re*  
 POSS1SG RN-pé branco-pé DECL-AUX  
 ‘Meu pé está limpo.’  
 (Lit.: ‘Meu pé está branco.’)

2º.) concordância entre SN-objeto direto e SV:



a) nomes marcados por classificador nominal específico são co-referentes ao mesmo classificador, que, incorporado na estrutura do sintagma verbal, estabelece uma relação de concordância transparente. Exemplo:

(7) *aj atiti-kaña o-õ-kaña õ-e-re*  
 1SG milho-CLE.farinha comer-1-CLE.farinha 1-DECL-AUX  
 ‘Eu como paçoca de milho.’

(8) *ña kani i-ni pyj-ni n-e-re*  
 POSS1SG criança RN- fogo queimar-fogo 3-DECL-AUX  
 ‘Meu filho está acendendo fogo.’

b) pronomes pessoais livres concordam com a respectiva marca de flexão pessoal na estrutura verbal. Exemplos:

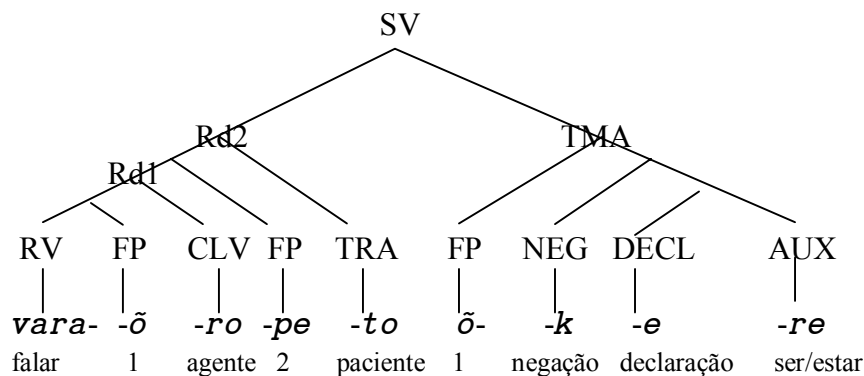
(9) *aj mi vara-õ-ro-pe-to õ-k-e-re*  
 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA 1- NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não falo com você.’ (Lit: ‘Eu não estou falando com você.’)

(10) *mi aj vara-pe-ro-õ-to mi-k-e-re*  
 2SG 1SG falar-1-CLV-2-TRA- 2- NEG-DECL-AUX  
 ‘Você não fala comigo.’ (Lit.: Você não está falando comigo.)

Além desses dois níveis de concordância, à função de sujeito pode corresponder o classificador verbal {-ro}, dependendo da natureza e da valência da raiz, tornando o sistema ainda mais denso. Some-se a isso que, em casos especiais, pode haver relação entre um classificador nominal incorporado na estrutura verbal e o núcleo de um SN na função de complemento verbal locativo, como será demonstrado em 4.1.4.

Em princípio, para se compreender a constituição morfológica de uma determinada forma verbal do Kanoê, antes de tudo há que se conhecer as relações de concordância verbal. Essas relações condicionam a ocorrência das marcas de flexão pessoal, suas possibilidades de elipse ou não e até mesmo a distribuição das estruturas verbais em classes e subclasses, caracterizadas por um mesmo comportamento morfossintático. Contudo, a complexidade morfossintática do sintagma verbal transcende os limites da concordância, pois, dependendo da natureza da raiz, podem ocorrer outros tipos de morfemas, tais como direcionais e aspectuais, e marcador de modo frasal, de acordo com o tipo de sentença.

Infelizmente, as limitações de um modelo analítico baseado numa segmentação linear não deixam transparecer os níveis hierárquicos em que os elementos se inserem na estrutura do sintagma verbal. A hierarquia entre os diversos elementos na configuração morfossintática do sintagma verbal muito complexo, como o de (9) acima, somente se torna transparente se for representada por um diagrama arbóreo, como no seguinte esboço simplificado:



Esse diagrama é útil para se perceber não só os níveis de hierarquia do radical verbal (Rd), mas também para se perceber o escopo ou domínio da raiz verbal principal (RV) em relação ao escopo ou domínio do auxiliar. Como se observa em (9) e (10), no domínio da raiz verbal principal podem ocorrer duas marcas de flexão pessoal (FP): a primeira, imediatamente antes de {-ro} ‘CLV’, concorda com o pronome livre na função de sujeito; a segunda, antes de {-to} ‘TRA’, concorda com o pronome livre na função de objeto. Por sua vez, no domínio de {-re} ‘AUX’, a marca de flexão pessoal concorda com o pronome na função de sujeito.

É importante lembrar que, em Kanoê, os radicais verbais podem ser:

a) *simples* ou *contínuos*: radicais constituídos por uma única raiz verbal livre, como {mu} ‘plantar’ em *aj i vo muõere* ‘Eu planto cará.’:

b) *compostos* ou *descontínuos*: radicais constituídos de uma raiz verbal presa e uma raiz nominal, que representa a incorporação da parte ou órgão do corpo humano com a qual a ação verbal é instrumentalizada, como, por exemplo {mo-} ‘dormir’ e {-kÿj} ‘olho’, entre as quais pode ocorrer a marca de flexão pessoal: *aj mo-õ-kÿj õere* ‘Eu estou dormindo.’

Assim sendo, como ponto de partida para a descrição da morfossintaxe verbal, o sistema de concordância verbal e suas implicações será pormenorizado em cada um de seus níveis, nos tópicos a seguir.

#### 4.1.1 Concordância entre sujeito pronominal e estrutura verbal

Com base nas sentenças declarativas, sejam afirmativas ou negativas, observa-se que a concordância entre um pronome pessoal na função de *sujeito*, qualquer que seja seu papel semântico, e a respectiva marca de flexão pessoal na estrutura verbal implica a existência de três grandes classes de sintagmas verbais:

a) *sintagmas verbais com flexão pessoal prefixal*, cuja concordância é restrita à relação com o *sujeito*;

b) *sintagmas verbais com flexão pessoal após a raiz verbal*, as quais apresentam pronominais presos sufixais, cujo espectro de concordância é mais amplo, em relação ao *sujeito* e também ao objeto direto;

c) *sintagmas verbais com flexão pessoal apenas no domínio do auxiliar* {-re}.

De acordo com a posição de ocorrência da flexão pessoal e ainda a presença ou não de classificadores verbais, classificadores nominais ou raízes nominais incorporadas, essas três grandes classes podem ser subcategorizadas em subclasses, abaixo descritas e exemplificadas:

##### 4.1.1.1 Classe I: sintagmas verbais com flexão pessoal na cabeça da estrutura

Os sintagmas verbais da Classe I se caracterizam pela ocorrência das marcas de flexão pessoal de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoa, singular ou plural, na cabeça da estrutura verbal, ao passo que, na mesma posição, a 3<sup>a</sup>. pessoa é não-marcada (=  $\emptyset$ ). Essas marcas prefixais concordam com o nome ou pronome na função de *sujeito*. Se a estrutura for transitiva, pode haver flexão pessoal após a raiz, concordando com o núcleo do objeto direto. Exemplo:

(11) *aj mi i-pateñu-pe-to e-re*

1SG 2SG 1-conhecer-2-TRA DECL-AUX

‘Eu te conheço.’

Não produtiva, essa classe se restringe às raízes verbais que denotam processos mentais, afirmados ou negados: {jẽ-} ‘saber’, {pateñu-} ‘conhecer’ e {munu-} ‘ouvir’. Inclui ainda {memu-} ‘gostar’ e sua negação, que pode conotar ‘detestar’. A constituição morfológica prototípica das respectivas formas verbais é a seqüência de flexão pessoal, raiz verbal, seguida ou não de flexão pessoal, mais marcador de modo declarativo e, na

fronteira final, o auxiliar. Se a sentença é negativa, a marca de negação se insere antes do marcador de modo frasal. Em síntese: SV → (FP)-V<sub>raiz</sub>-(FP)-(CLV) (NEG)-DECL-AUX. Exemplos:

(12) *mi ũko itevæ pi-patenũ-ø-to k-e-re*

2SG DEM.dist gente 2-conhecer-3-TRA NEG DECL-AUX

‘Você não conhece aquele homem.’ (Lit.: ‘Você não conhece aquela gente.’)

(13) *kani æky pejka-e ø-memu-ro e-re*

criança banana assar-NLZ 3-gostar-CLV DECL-AUX

‘O menino gosta de banana assada.’

Comparando-se esses exemplos, nota-se a marcação de pessoa na cabeça da estrutura verbal. Além disso, em (12) ocorre {-to} ‘TRA’, relacionado ao papel de paciente, mas não há marcador do papel de agente. Em (13), ao contrário, {-ro} ‘CLV’ relaciona-se ao papel de sujeito, mas não há marca relacionada ao papel de objeto. Embora as duas raízes verbais em foco estejam empregadas transitivamente e inseridas numa mesma ordem sintática, a única generalização possível é arrolar as mesmas em uma única classe, caracterizada pela flexão pessoal prefixal. A conjugação de {memu-} serve como paradigma dessa classe:

(14) *aj toky i-memu-ro e-re*

1SG mamão 1-gostar-CLV DECL-AUX

‘Eu gosto de mamão.’

(15) *ajte toky i-memu-ro e-re*

1PL mamão 1-gostar-CLV DECL-AUX

‘Nós gostamos de mamão.’

(16) *mi toky pi-memu-ro e-re*

2SG mamão 2-gostar-CLV DECL-AUX

‘Você gosta de mamão.’

(17) *mite toky pi-memu-ro e-re*

2PL mamão 2-gostar-CLV DECL-AUX

‘Vocês gostam de mamão.’

(18) *oj toky ø-memu-ro e-re*

3SG mamão 3-gostar-CLV DECL-AUX

‘Ele gosta de mamão.’

(19) *ojte toky ø-memu-ro e-re*

3PL mamão 3-gostar-CLV DECL-AUX

‘Eles gostam de mamão.’

Como se vê, as marcas flexionais pessoais são válidas tanto para o singular quanto para o plural. Logo, as formas verbais são marcadas quanto a *pessoa*, mas não quanto a *número*, que é indicado apenas pelos pronomes livres, no domínio do sujeito. Por outro lado, a diferença nas ocorrências de {-ro} e {-to} é um indício de que essas raízes pertencem a subcategorias distintas. Assim, a Classe I se parte em duas subclasses, abaixo especificadas:

#### a) Subclasse I-A: estruturas verbais não-marcadas por {-ro}

A esta subclasse, muito restrita, se filiam as raízes que repelem {-ro}, com o qual nunca ocorrem e, quando transitivas, exigem {-to} ‘TRA’. Nas respectivas estruturas verbais declarativas, a ordem sequencial dos morfemas é dada pela seguinte fórmula geral: SV → FP-V<sub>raiz</sub>-(TRA)-(NEG) (FP)-DECL-AUX. Exemplos:

(20) *aj i-pateñu e-re*<sup>130</sup>

1SG 1-conhecer DECL-AUX

‘Eu conheço.’

(21) *ajte ũko itevæ i-pateñu-ø-to e-re*

1PL DEM.dist gente 1-conhecer-3-TRA DECL-AUX

‘Nós conhecemos aquele homem.’

<sup>130</sup>Como em Kanoê as raízes verbais tendem a ser mono ou dissilábicas, é provável que, etimologicamente, a raiz {-pateñu} ‘conhecer’ seja composta de {-pa} mais {-teñu}, raiz nominal de *i-teñu* ‘orelha, ouvido’. Uma vez que essa incorporação nominal já se fossilizou, não é possível segmentá-la numa análise sincrônica.

(22) *aj i-jê-to e-re*  
 1SG 1-saber-TRA DECL-AUX  
 ‘Eu sei’

(23) *mi pi-jê-to-kũ tyj po-ro-e*  
 2SG 2-saber-TRA-INT.neg casa fazer-CLV-NLZ  
 ‘Você não sabe fazer maloca?’

(24) *aj i-munu-to e-re*  
 1SG 1-ouvir-TRA DECL-AUX  
 ‘Eu ouço.’

(25) *mi pi-munu-to k-e-re*  
 2SG 2-ouvir-TRA NEG-DECL-AUX  
 ‘Você não ouve.’

De acordo com a fórmula geral, pertencem a essa subclasse as respectivas formas negativas, dadas pela inserção do morfema negativo {*k-*}, anteposto ao marcador ‘DECL’, que, além de valer pela negação, também pode acarretar mutação do conteúdo semântico:

(26) *aj i-pateñu k-e-re*  
 1SG 1-conhecer NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu duvido.’ (Lit.: ‘Eu não conheço.’)

As raízes dessa subclasse parecem repelir {-*ro*} ‘CLV’, provavelmente porque não se referem exatamente a ações físicas propriamente ditas, mas a processos ou ações puramente mentais. Como em geral são transitivas, exigem {-*to*}, sem o qual se detransitivizam, tal como em (26).

#### b) Subclasse I-B: sintagmas verbais que exigem {-*ro*} e flexão pessoal prefixal

Essa subclasse é restrita às formas nucleadas por {*memue-*} “gostar” e {*teje-*} “transportar” (= “levar” ou “trazer”). A estrutura morfológica canônica dos sintagmas verbais é a seqüência de marca de flexão pessoal, raiz verbal seguida de {-*ro*}, mais o marcador de negação (se for o caso), marcador de modo declarativo e o auxiliar {-*re*}. Observe-se que, embora transitivas, essas raízes dessa classe repelem {-*to*} ‘TRA’. A seqüência morfêmica é dada pela fórmula: SV → FP-V<sub>raiz</sub>-(-FP)-CLV ~ REFL (NEG)-DECL-AUX. Exemplos:

(27) *aj atiti-tekwa mu kwini i-memu-ro e-re ara k-e-re*  
 1SG milho-CLE com peixe 1-gostar-CLV DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu gosto muito de arroz com peixe.’

(28) *aj na mapi i-tej-ro ã-e-re*<sup>131</sup>  
 1SG POSS1SG flecha 1-transportar-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu vou levar minha flecha.’ (Lit.: ‘Eu estou levando minha flecha.’)

#### 4.1.1.2 Classe II: sintagmas verbais transitivas com flexão pessoal sufixal

A Classe II é a maior e a mais produtiva, pois envolve a grande maioria das estruturas verbais. Caracteriza pela ocorrência de flexão pessoal após a raiz verbal e antes de um classificador, nominal ou verbal, ou ainda de um reflexivo, conforme a seguinte fórmula geral: SV → V<sub>raiz</sub>-FP-(CLE ~ TRA) (FP)-(NEG)-DECL-AUX. Exemplos:

(29) *aj mapi-ka ti-õ-ka ã-e-re*  
 1SG flecha-CLE.duro esticar-1-CLE.duro 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estico o arco.’ (Lit.: ‘Eu estou esticando o arco.’)

<sup>131</sup> Em se tratando dessa raiz, há casos em que a estrutura canônica é quebrada, mas isso será enfocado oportunamente.

- (30) *mi karo-pe-twa k-e-re*  
 2SG forte-2-pescoço NEG-DECL-AUX  
 ‘Você está fraco.’ (Lit.: ‘Você não está pescoço forte.’)

- (31) *ojte ore-ø-ry e-re*  
 3PL cansar-3-REFL DECL-AUX  
 ‘Eles estão cansados.’

Como se observa em (29), há a possibilidade de ocorrência simultânea de dupla flexão pessoal: a primeira imediatamente após da raiz verbal; a segunda, no domínio da marcação modo-temporal. A ocorrência ou não de um segundo clítico permite a subcategorização da Classe II em duas subclasses, quais sejam:

**a) Subclasse II-A: estruturas verbais com flexão pessoal apenas após a raiz**

Essa subclasse restrita se caracteriza pela ocorrência de flexão pessoal apenas após a raiz verbal e antes de {-ry}, que traduz uma idéia de próxima à de reflexividade, algo como a introspectividade do processo verbal. Em outros casos específicos, esse mesmo morfema pode indicar reciprocidade. A título de simplificação, {-ry} será como ‘REFL’.

A não ocorrência de flexão pessoal em TMA se justifica, pois a natureza dos predicados é estativa e o aspecto é durativo. Filiam-se a esse grupo algumas das raízes intransitivas não ativas que denotam alguns estados físicos específicos, quais sejam: {koko-} “estar rouco”, {oj-} “estar gripado”, {ore-} “cansar-se”, e as respectivas formas negativas. A estrutura básica é: SV → V<sub>raiz</sub>-FP-REFL (NEG)-DECL-AUX. Exemplo:

- |   |   |
|---|---|
| (32) <i>aj koko-õ-ry e-re</i><br>1SG rouco-1-REFL DECL-AUX<br>‘Eu estou rouco.’ | (33) <i>aj ore-õ-ry k-e-re</i><br>1SG cansar-1-REFL NEG-DECL-AUX<br>‘Eu não estou cansado.’ |
|---|---|

As estruturas nucleadas por {ore-} “cansar-se” dão o paradigma dessa subclasse:

- |   |   |
|---|---|
| (34) <i>aj ore-õ-ry e-re</i><br>1SG cansar-1-REFL DECL-AUX<br>‘Eu estou cansado.’ | (35) <i>ajte ore-õ-ry e-re</i><br>1PL cansar-1-REFL DECL-AUX<br>‘Nós estamos cansados.’ |
|---|---|

- |   |  |
|---|--|
| (36) <i>mi ore-pe-ry e-re</i><br>2SG cansar-2-REFL DECL-AUX<br>‘Você está cansado.’ | (37) <i>mite ore-pe-ry e-re</i><br>2PL cansar-2-REFL DECL-AUX<br>‘Vocês estão cansados.’ |
|---|--|

- |   |  |
|---|--|
| (38) <i>oj ore-ø-ry e-re</i><br>3SG cansar-3-REFL DECL-AUX<br>‘Ele está cansado.’ | (39) <i>ojte ore-ø-ry e-re</i><br>3PL cansar-3-REFL DECL-AUX<br>‘Eles estão cansados.’ |
|---|--|

**b) Subclasse II-B: dupla flexão pessoal**

Essa subclasse envolve a grande maioria das estruturas verbais ativas, transitivas e intransitivas. As formas do presente contínuo caracterizam-se pela dupla ocorrência das marcas de flexão pessoal. A primeira após a raiz verbal e antes de {-ro}, se intransitivas; ou antes de {-to} ou de classificador, se transitivas. A segunda, no domínio de TMA. A estrutura básica é: SV → V<sub>raiz</sub> (FP)-(CLV ~ IN) (FP)-(NEG)-DECL-AUX. Exemplos:

(40) *aj iriri-õ-ro õ-e-re*  
 1SG correr-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu corro.’ (Lit.: ‘Eu estou correndo.’)

(41) *aj mo-õ-kỹj õ-e-re*  
 1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX  
 ‘Eu durmo.’ (Lit.: ‘Eu estou dormindo.’)

(42) *aj ytse titi-õ-to õ-e-re*  
 1SG árvore puxar-1-TRA 1-DECL-AUX  
 ‘Eu puxo madeira.’ (Lit.: ‘Eu estou puxando árvore.’)

(43) *aj tynu-ty titi-õ-ty õ-e-re*  
 1SG cipó-CLE.fio puxar-1-CLE.fio 1-DECL-AUX  
 ‘Eu puxo a corda.’ (Lit.: ‘Eu estou puxando o cipó.’)

#### 4.1.1.3 Classe III: flexão pessoal apenas no domínio de TMA

Essa classe se caracteriza por não apresentar marcas flexionais pessoais imediatamente após a raiz verbal, mas apenas no domínio da flexão modo-temporal, haja ou não a ocorrência de classificadores verbais, classificadores ou raízes nominais incorporadas. A seqüência morfêmica básica é:  $SV \rightarrow V_{\text{raiz}} \text{-(CLV~CLE)-(FP)-(NEG)-DECL-AUX}$ . De acordo com a natureza da raiz, esta classe divide-se em duas subclasses:

##### a) Subclasse III-A: raízes não-incorporativas – flexão pessoal no domínio de TMA

Essa subclasse é composta por raízes intransitivas *não-incorporativas*. A seqüência estrutural é:  $SV \rightarrow V_{\text{raiz}} \text{(FP)-(NEG)-DECL-AUX}$ . Para ilustrar, as formas resultantes da conjugação de  $\{imujkaj-\}$  “cuspir” servem como paradigma para as demais:

(44) *aj imujkaj õ-e-re*  
 1SG cuspir 1-DECL-AUX  
 ‘Eu cuspo.’

(45) *ajte imujkaj õ-e-re*  
 1PL cuspir 1-DECL-AUX  
 ‘Nós cuspimos.’

(46) *mi imujkaj p-e-re*  
 2SG cuspir 2-DECL-AUX  
 ‘Você cospe.’

(47) *mite imujkaj p-e-re*  
 2PL cuspir 2-DECL-AUX  
 ‘Vocês cospem.’

(48) *oj imujkaj n-e-re*  
 3SG cuspir 3-DECL-AUX  
 ‘Ele cospe.’

(49) *ojte imujkaj n-e-re*  
 3PL cuspir 3-DECL-AUX  
 ‘Eles cospem.’

Quanto à marcação de 2<sup>a</sup>, pessoa, alternam-se  $\{-pe\} \sim \{-p\}$  e  $\{-mi\}$ , provavelmente condicionados pela natureza da raiz, mas as condições em que isso ocorre ainda não foram determinadas. O alomorfe  $\{-p\}$  é produto da crase entre a vogal final de  $\{-pe\}$  e a vogal solitária de  $\{-e\}$  ‘DECL’. Comparem-se os exemplos abaixo:

(50) *mi i mi-e-re*  
 2SG chorar 2-DECL-AUX  
 ‘Você está chorando.’

(51) *mi pi-tej-ro p-e-re*  
 2SG 2-transportar-CLV 2-DECL-AUX  
 ‘Você leva.’ (Lit.: ‘Você vai levando.’)

Pertencem a essa classe não só a maioria das construções verbais intransitivas, dadas pelas raízes {*atsi-*} “temer”, {*i-*} “chorar”, {*imujkaj-*} “cuspir”, {*kotso-*} “lavar”, {*kujkuj-*} “escarrar”, {*kununu-*} “roncar”, {*paj-*} “rir”, {*pæræ-*} “voar”, {*pæ-*} “dançar”, {*tetej-*} “andar”, {*tīkū-*} “soluçar”, {*vaj-*} “cantar”, bem como várias raízes verbais transitivas, como é o caso de {*re-*} “matar”, {*ipæ-*} “matar”<sup>132</sup>, {*itæ-*} “beber”, {*meja-*} “plantar”, {*mũ-*}<sup>133</sup> “plantar”, {*re-*} “matar”, {*po-*} “capturar (pegar, pescar)”, {*tuti-*} “flechar”, {*toro-*} “engolir”, {*tsere-*} “ver, olhar”, {*twĩ-*} “nadar”, {*ty-*} “encontrar”, {*tyvæ-*} “caçar”, {*tsutsi-*} “cortar”. Outras, apenas se intransitivas ou detransitivizadas: {*vara-*} “falar, dizer, conversar”.

### b) Subclasse III-B: raízes incorporativas – flexão pessoal no domínio de TMA

Essa subclasse, em princípio, parece estar restrita a {*kotso-*} “lavar” seguida de {*ve-*}, quando *incorporativa*. Caracteriza-se pela incorporação total ou parcial da raiz nominal do núcleo de um objeto direto, quando este é um nome inalienavelmente possuído: o próprio corpo humano ou algumas de suas partes. Além disso, flexão pessoal se restringe ao domínio de TMA. A constituição morfológica obedece à seguinte ordem básica: SV → V<sub>raiz</sub> - (CLV)-(N) (FP)-DECL-AUX, conforme os exemplos a seguir:

(52) *aj ña i-tso kotso-ve-tso õ-e-re*  
 1SG POSS1SG RN-dedo lavar-CLV-dedo 1-DECL-AUX  
 ‘Eu lavo meu dedo.’

(53) *ojte kotso-ve-ña n-e-re kuni purere-ni*  
 3SG lavar-CLV-rostro 3-DECL-AUX água sabão-OBL  
 ‘Eles estão lavando o rosto com água e sabão.’

Assim, considerando a posição de ocorrência das marcas de flexão pessoal em relação à raiz verbal principal, de um modo generalizante é possível vislumbrar as três grandes classes verbais e respectivas subclasses. Além dessas, soma-se aí uma quarta classe, específica dos sintagmas verbais de movimento, e ainda uma quinta classe, específica de verbos impessoais, i. e., de valência zero, relativos a fenômenos meteorológicos. Contudo, essa subcategorização é parcial, pois há ainda outros fatores, como a ocorrência ou não de classificadores ou o acréscimo de valência, que condicionam não só a constituição morfológica das estruturas verbais, bem como a distribuição das mesmas em classes, de acordo com os respectivos paradigmas. O Quadro 1 apresenta uma síntese dessas classes:

<sup>132</sup> Em Kanoê, há raízes diferentes para “matar”, equivalendo a “caçar”, pois cada uma é específica para um modo como a ação é praticada, por exemplo, se com determinado tipo de flecha ou se com pancada na cabeça, etc.

<sup>133</sup> Idem, pois as raízes distintas se referem a modos diferentes de “plantar”.

CLASSE VERBAL	sub-classe	ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA E CONTEÚDO SEMÂNTICO											
		FLEXÃO PESSOAL			CLV			INCORP		SEMÂNTICA			
		antes de V	após V	apenas em TMA	-ro	-to	-ry	N <sub>raiz</sub>	CLE CLG	ação	pro-cesso	esta-do	movi-mento
I	I-A	+	-	(+)	-	(+)	-	-	-	-	+	-	-
	I-B	+	-	(+)	+	-	-	-	-	+	-	-	-
II	II-A	-	(+)	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-
	II-B	-	+	+	-	+	-	+	(+)	+	-	-	-
III	III-A	-	+	+	(+)	-	-	-	-	+	-	-	-
	III-B	-	-	+	-	-	-	+	+	+	-	-	-
IV		-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+
V		-	-	+	(+)	-	-	-	-	+	-	-	-

Quadro 1: Categorização e subcategorização das estruturas verbais com a posição de flexão pessoal

Por outro lado, tomando-se como base apenas as três grandes classes e os sintagmas verbais declarativo-afirmativos no presente contínuo, o quadro abaixo apresenta os pronomes pessoais livres, suas respectivas marcas flexionais e ambientes de ocorrência, sintetizando as relações de concordância entre sujeito e estrutura verbal:

pronominais		POSIÇÃO DA FLEXÃO PESSOAL NO SV			
		Classe I	Classe II	Classe III	
1	2	3	1	2	3
1	SG	<i>aj</i>	<i>i-</i>	<i>-õ</i>	<i>-õ</i>
2		<i>mi</i>	<i>pi-</i>	<i>-pe, -mi</i>	<i>-p, -pe, -mi</i>
3		<i>oj</i>	$\emptyset$	$\emptyset$	<i>-n, -ní</i>
1	PL	<i>ajte</i>	<i>i-</i>	<i>-õ</i>	<i>-õ</i>
2		<i>mite</i>	<i>pi-</i>	<i>-pe, -mi</i>	<i>-p, -pe, -mi</i>
3		<i>ojte</i>	$\emptyset$	$\emptyset$	<i>-n, -ní</i>

Quadro 2: Pronomes pessoais e flexão pessoal por referência cruzada

Como já se mencionou, as marcas flexionais pessoais valem tanto para as pessoas do singular, quanto para as do plural, obedecendo à mesma posição de ocorrência, exceto {-æ} ~ {-væ} ‘DU’, que marca o número dual. De fato, a flexão dual se evidencia na oposição entre os exemplos abaixo:

(54) *ajte mō-õ-kỹj õ-e-re*  
 1PL dormir-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Nós dormimos.’

(55) *ajte mō-væ-kỹj õ-e-re*  
 1PL dormir-DU-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Nós dormimos juntos.’  
 (Lit: ‘Nós dormimos a dois.’)



(56) *aj pæ-õ-ja õ-e-re*  
 1SG dançar-1-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou dançando.’

(57) *ajte pæ-væ-ja õ-e-re*  
 1PL dançar-DU-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Nós estamos dançando juntos.’  
 (Lit.: ‘Nós estamos dançando a dois.’)

(58) *aj æj pwã õ-e-re*  
 1SG tabaco fumar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou fumando.’

(59) *ajte æj pwã-væ õ-e-re*  
 1PL folha fumar-DU 1-DECL-AUX  
 ‘Nós estamos fumando tabaco juntos.’  
 (Lit.: Nós estamos fumando a dois.’)

Em (59), o próprio informante MK sugeriu o dado [*æj<sup>h</sup> põ<sup>1</sup> wæ*] “fumar a dois” espontaneamente, por contraste com (58), depois confirmados por TK. Assim, surgiu o primeiro indício de que a língua, em alguns casos, faz distinção entre o número *dual* e o *plural*. Com efeito, se o SN sujeito é composto de dois núcleos pronominais coordenados, o que semanticamente é sujeito “dual”, na relação de concordância anafórica por referência cruzada, a marca DU ocorre após a raiz verbal, como nos exemplos abaixo:

(60) *aj mi akiki-væ-ro õ-e-re*  
 1SG 2SG gritar-DU-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu e você gritamos.’ ou ‘Nós gritamos juntos.’ (Lit.: ‘Nós gritamos a dois.’)

(61) *aj oj akiki-væ-ro õ-e-re*  
 1SG 3SG gritar-DU-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu e ele gritamos.’ ou ‘Nós gritamos juntos’ (Lit.: ‘Nós gritamos a dois.’)

(62) *ajte oti mu-væ õ-e-re*  
 1PL algodão plantar-DU 1-DECL-AUX  
 ‘Nós plantamos algodão juntos.’ (Lit.: ‘Nós plantamos algodão a dois.’)

Nesses exemplos, observa-se a ocorrência de {-væ} marcando dualidade no escopo da raiz principal, ao passo que {-õ}, flexão de 1<sup>a</sup>. pessoa, ocorre em TMA. Como se verá na descrição do modo verbal em Kanoê, o morfema {-væ}<sup>134</sup> aparece com alta frequência em orações exortativas, o que acentua seu caráter dual.

Em suma, descritas as ocorrências dos marcadores pessoais clíticos em relação à raiz verbal no tempo presente, o quadro anterior pode ser assim condensado:

pessoa	número	FLEXÃO PESSOAL		
		/ # V <sub>raiz</sub>	/ V <sub>raiz</sub>	__ ( ) AUX
1	singular ou	<i>i-</i>	-	-
		-	<i>-õ</i>	<i>-õ</i>
2	singular ou	<i>pi-</i>	-	-
		-	<i>-pe, -mi</i>	<i>-p, -pe, -mi</i>
3	plural	<i>ø</i>	-	-
		-	<i>ø</i>	<i>ø, -n, -ni</i>

Quadro 3: Distribuição da flexão pessoal

<sup>134</sup> Esse morfema não pode ser confundido com {-væ} ‘CLV’, outro morfema foneticamente muito próximo, que, como se viu, ocorre em algumas raízes verbais transitivas como {*kotso-*} “lavar” e {*taja-*} “enxugar”, se o nome na função de objeto é parte ou órgão do corpo (vide 4.5.1.).

#### 4.1.2 Concordância entre estrutura verbal e sujeito nominal

Com um verbo no presente contínuo, a ocorrência de um SN referencial na posição de sujeito implica a ocorrência da flexão de 3<sup>a</sup>. pessoa no sintagma verbal, obedecendo aos paradigmas válidos para os pronomes pessoais, como se viu nas seções anteriores. Exemplos:

(63) *opera pyræ un-e-re*

onça rato comer 3-DECL-AUX  
'O gato comeu o rato.'

(64) *oky kwaatsie toron-e-re*

cobra sapo engolir 3-DECL-AUX  
'A cobra está engolindo o sapo.'

Nos exemplos acima, ocorrem dois nomes antepostos à estrutura verbal, que apresenta apenas uma marca flexional, concordando com o sujeito e não com objeto. Logo, se na função núcleo do SN-sujeito o nome for substituído pelo pronome pessoal de terceira pessoa, e vice-versa, a construção verbal não se altera. Exemplos:

(65) *kani mo-ø-kỹj n-e-re*

criança dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
'O menino está dormindo.'

(66) *oj mo-ø-kỹj n-e-re*

3SG dormir-3-olho DECL-AUX  
'Ele está dormindo.'

Isso pode parecer obviedade, quando se consideram somente as sentenças simples, pois o primeiro nível de concordância, anafórica, entre *sujeito* e *predicado*, prevalece sobre o segundo, entre *predicado* e *objeto direto*. No entanto, em sintagmas verbais transitivos mais complexos, esses dois níveis de concordância podem coocorrer e, como a marca de 3<sup>a</sup>. pessoa em muitos casos é zero, nem sempre essas relações são muito transparentes. Daí a importância dos classificadores verbais, como se deduz a partir da comparação entre exemplos, tais como:

(67) *pja e ña kani vara-ø-ro-ø-to n-e-re*

POSS2SG mulher POSS1SG criança falar-3-CLV-3-TRA 3-DECL-AUX  
'Tua mulher está conversando com meu filho.'

(68) *aj pja tũ-kwã vara-õ-ro-ø-to õ-e-re*

1SG POSS2SG irmão-MASC falar-1-CLV-3-TRA 1-DECL-AUX  
'Eu estou conversando com teu irmão.'

(69) *pja tũ-kwã (aj) vara-ø-ro-õ-to n-e-re*

POSS2SG irmão-MASC (1SG) falar-3-CLV-1-TRA 3-DECL-AUX  
'Teu irmão está conversando comigo.'

#### 4.1.3 Concordância de gênero entre estrutura verbal e sujeito

Conforme descrito em 3.4.3.1, em alguns casos, verifica-se a concordância de gênero entre a estrutura do predicado e nome na função sujeito da oração: Exemplos:

(70) *kani pe-ø-ja-kỹj e-re*

criança deitar-3-DIR-MASC DECL-AUX  
'O menino está deitado.'

(71) *e kani pe-ø-ja-nake e-re*

mulher criança deitar-3-DIR-FEM DECL-AUX  
'A menina está deitada.'

#### 4.1.4 Concordância entre estrutura verbal transitiva e objeto direto

Em Kanoê as relações de concordância entre sintagma verbal transitivo e objeto direto são complexas, pois ocorrem em três casos distintos:

1º.) nomes, marcados ou não por classificador, correspondem a {-to}, se a raiz verbal é transitiva *não-incorporativa* ou se realiza como tal;

2º.) nomes lexicalmente classificados são co-referentes ao respectivo classificador incorporado no sintagma verbal, se a raiz verbal é *incorporativa* ou se realiza como tal;

3º.) raízes nominais podem ser parcial ou totalmente incorporadas em certas estruturas verbais específicas.

Logo, para se compreender a concordância entre estrutura verbal e nome na função de núcleo do objeto direto, antes de tudo devem ser considerados dois tipos básicos de raízes transitivas:

1º.) *incorporativas*: são as que, em boa parte dos casos, incorporam os classificadores nominais, mesmo fossilizados, ou determinadas raízes nominais;

2º.) *não-incorporativas*: embora transitivas, jamais incorporam raiz ou classificador nominal.

Esses dois tipos de raízes são exemplificados a seguir:

(72) *aj atiti-tekwa mu õ-e-re*

1SG milho-CLE.semente plantar 1-DECL-AUX

‘Eu planto arroz.’

(Lit.: ‘Eu estou plantando arroz.’)

(73) *aj atiti-tekwa o-õ-tekwa õ-e-re*

1SG milho-CLE.semente comer-1-CLE.semente 1-DECL-AUX

‘Eu como arroz.’

(Lit.: ‘Eu estou comendo arroz.’)

Nos exemplos acima, nota-se a diferença em termos de complexidade morfológica dos predicados. As duas raízes verbais transitivas comportam-se de maneira distinta em relação ao mesmo nome, marcado por classificador, na função objeto.

Em (72), percebe-se que a raiz {*mu*-} “plantar” é do tipo *não-incorporativa*, pois a respectiva estrutura predicativa não apresenta qualquer vínculo explícito ou implícito com o objeto direto: não incorpora o classificador e nem exige o transitivizador {-to}. Logo, sendo *não-incorporativa*, nunca ocorre com dupla flexão pessoal em nível do sintagma verbal e não há relação explícita com o objeto direto. Já em (73), nota-se que {*o*-} “comer” realiza-se como *incorporativa*, razão pela qual a estrutura do sintagma verbal é mais complexa: ao incorporar {-*tekwa*}, no presente contínuo, a estrutura implica a dupla marcação da flexão pessoal: uma no escopo da raiz principal e outra no âmbito do auxiliar {-*re*}.

Em Kanoê, em um número significativo de sentenças, a relação de concordância entre estrutura verbal e objeto direto é opaca, pois a grande maioria das raízes transitivas é *não-incorporativa*. Por outro lado, não se pode afirmar que uma raiz *incorporativa* apresente sempre uma relação transparente com o objeto direto. Isso só acontece se o nome nessa função é morfológicamente marcado como pertencente a uma classe nominal mais ou menos definida. Assim, uma raiz *incorporativa* pode oscilar entre nomes incorporáveis e nomes não incorporáveis, quanto a classificador. Para ilustrar, observem-se os seguintes exemplos:

(74) *aj mapi-ka tyry-õ-ka õ-e-re*

1SG flecha-CLE.duro amarrar-1-CLE.duro 1-DECL-AUX

‘Eu estou amarrando o arco de flecha.’

(75) *aj ña jy tyry-õ-ty õ-e-re*

1SG POSSISG cabelo amarrar-1-CLE.fio 1-DECL-AUX

‘Eu estou amarrando meu cabelo.’

(76) *aj ña itsote tyry-õ-to õ-e-re*

1SG POSSISG sapato amarrar-1-TRA 1-DECL-AUX

‘Eu estou amarrando meu sapato.’

Em (74) a relação entre objeto e estrutura predicativa é clara, pois a raiz é *incorporativa*: na função de objeto direto, tem-se um nome marcado por um classificador, incorporado no predicado. Em (75), tem-se a mesma raiz, mas o nome não apresenta marca classificatória, pertencendo apenas por inerência a uma classe nominal específica: *ɟy* “cabelo” relaciona-se a {-*ty*}, classificador para “fio, linhas e objetos lineares”. A relação entre ambos é opaca, ficando restrita ao nível semântico. Já em (76), ainda para a mesma raiz, não há incorporação porque o nome não apresenta classificador e nem por inerência se filia a uma classe nominal determinada. Nesse caso, a posição de classificador é ocupada por {-*to*} ‘TRA’, que preenche essa lacuna, e, ao mesmo tempo, parece relacionar-se ao papel semântico de “paciente” ao núcleo do SN-objeto direto. Essa relação é implícita.

Evidentemente, seria necessário verificar os níveis de incorporação de determinadas raízes verbais, caso por caso, contrapostos às raízes não-incorporativas. Contudo, os dados disponíveis revelam que há aí um *continuum* ou uma gradação: ao lado de raízes com baixo potencial de incorporação (mesmo porque o próprio conteúdo semântico o delimita); há raízes com alta capacidade incorporativa, pela própria natureza de suas propriedades semânticas e pela diversidade de nomes, classificados ou não, que podem exercer a função de objeto direto. Some-se ainda a frequência de uso pragmático, que pode ser condicionado por necessidades vitais. Por exemplo, o contraste entre alguns sintagmas verbais nucleados pelas raízes para “comer” evidencia o fenômeno da incorporação e parte do sistema de classificação nominal:

(77) *e kani atiti o-ø-ti n-e-re*  
mulher criança milho comer-3-CLE 3-DECL-AUX  
‘A menina está comendo milho.’

(78) *ajte atiti-tekwa o-õ-tekwa e-re*  
1PL milho-CLE.semente comer-1-CLE.semente DECL-AUX  
‘Nós comemos arroz.’

(79) *kani epykwã o-ø-kwa e-re*  
criança amendoim comer-3-CLE DECL-AUX  
‘O menino comeu amendoim.’

(80) *ove tẽ o-ø-kwa n-e-re*  
cutia coco comer-3-CLE 3-DECL-AUX  
‘A cutia está comendo coco.’

(81) *aj kometaw uru-taw o-õ-taw õ-e-re*  
1SG fava novo-CLE comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
‘Eu como feijão verde.’ (Lit.: ‘Eu estou comendo fava nova.’)

(82) *aj atiti-kaña o-õ-kaña õ-e-re*  
1SG milho-CLE.farinha comer-1-CLE.farinha 1-DECL-AUX  
‘Eu como paçoca de milho.’

(83) *oj atiti-tæmu o-ø-tæmu n-e-re*  
1SG milho-CLE comer-3-CLE 3-DECL-AUX  
‘Ele está comendo beiju de milho.’

(84) *oj tyytsi-o i-tekwa o-ø-tekwa n-e-re*  
3SG tanajura-POSS RN-barriga comer-3-barriga 3-DECL-AUX  
‘Ele está comendo bunda de tanajura.’

- (85) *ore tyy o-ø-katsi n-e-re*  
 tamanduá tocanguira comer-3-CLE 3-DECL-AUX  
 ‘O tamanduá come tocanguira.’

Como se nota nessa série de exemplos, se o objeto direto é um nome marcado ou um nome que se filia por inerência a uma certa classe nominal, a raiz {o-} ‘comer’ o incorpora de modo ora transparente, ora opaco, em sua estrutura predicativa. Por outro lado, se o nome-objeto é da classe dos tubérculos comestíveis (batatas em geral, batata-doce, cará, inhame e taioba), assados ou cozidos, a variante {o-} “comer” repele {-ro} e não incorpora qualquer tipo de classificador. Exemplos:

- (86) *aj vavo pejka-e o ã-e-re*  
 1SG batata assado-NLZ comer 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou comendo batata assada.’

- (87) *ña e vavo pwe-n-e o n-e-re*  
 POSS1SG mulher batata cozido-3-NLZ comer 3-DECL-AUX  
 ‘Minha mulher está comendo batata cozida.’

- (88) *ña kani tsuæ pejka-e o n-e-re*  
 POSS1SG filha macaxeira assado-NLZ comer 3-DECL-AUX  
 ‘Minha filha está comendo macaxeira assada.’

- (89) *ña muj tsuæ pwe-n-e o n-e-re*  
 POSS1SG mãe macaxeira cozido-3-NLZ comer 3-DECL-AUX  
 ‘Minha mãe está comendo macaxeira cozida.’

- (90) *oj ivo pwe-n-e o n-e-re*  
 3SG cará cozido-3-NLZ comer 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está comendo cará cozido.’

Por sua vez, a raiz {u-}, também ‘comer’ aceita qualquer tipo de incorporação. Contudo, em alguns casos essa forma requer {-ro}, como nos exemplos (91) e (92); em outros, não, como em (93) e (94):

- (91) *ævjũ irãw u-ro k-e-re*  
 paca carne comer-CLV NEG-DECL-AUX  
 ‘A paca não come carne.’

- (92) *tipy æj u-ro n-e-re*  
 preguiça folha comer-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘O bicho-preguiça come folhas.’

- (93) *ævjũ tsuæ u n-e-re*  
 paca macaxeira comer 3-DECL-AUX  
 ‘A paca come macaxeira.’

- (94) *opera ñukwã<sup>135</sup> kwini u n-e-re*  
 onça (espécie) peixe comer 3-DECL-AUX  
 ‘A lontra come peixe.’

<sup>135</sup> Não foi possível traduzir o sentido exato do termo, após várias tentativas com TK.

Por outro lado, se o nome na função de objeto direto é *mati* “fruta”, a raiz verbal específica {*põ-*} “comer frutas” incorpora o classificador {-*ti*}. Caso na mesma função ocorra um nome de uma fruta específica, a mesma raiz incorpora {-*ky*}, ainda que esse classificador esteja lexicalizado ou não integre a estrutura nominal. Se o objeto é “cana de açúcar”, o respectivo classificador é incorporado. Exemplos:

(95) *aj mati põ-õ-ti õ-e-re*  
 1SG fruta comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu como frutas.’

(96) *aj æky põ-õ-ky õ-e-re*  
 1SG banana comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu como banana.’

(97) *aj eremu po-õ-ky õ-e-re*  
 1SG jenipapo comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu como jenipapo.’

(98) *aj tove-kava po-õ-kava õ-e-re*  
 1SG mel-CLE comer-1-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu chupo cana.’ (Lit.: ‘Eu como cana-de-açúcar.’)

Nos exemplos da série acima, observa-se que o único caso de concordância não transparente, se verifica em (97), onde {-*ky*} concorda com *eremu* “jenipapo”, por ser nome de fruta específica.

Como se nota, é possível que a importância vital e cultural de “comer” e a variedade de itens que podem ser objetos dessa ação acarrete uma variedade de formas verbais que refletem seus diferentes modos de realização. Por conseguinte, a partir do contraste entre todos os exemplos arrolados, observa-se a variedade de sintagmas verbais para a noção verbal de “comer”, que pode ser sintetizada no seguinte quadro:

VARIÇÕES DOS PREDICADOS NUCLEADOS POR PELAS RAÍZES PARA “COMER”						
raiz verbal	significado	CLV	INCORPORAÇÃO		CLASSE	EXEMPLO
			CLE	CLG		
o-	“comer”	-	-ti	-	sementes: milho	(77)
		-	-tekwa	-	sementes: arroz	(78)
		-	-kwa	-	coco, castanhas, frutas secas e amêndoas	(79), (80)
		-	-taw	-	favas e feijões	(81)
		-	-kaña	-	farinhas e paçocas	(82)
		-	-tæmu	-	beijus e tapiocas	(83)
		-	-tekwa	-	bunda de tanajura	(84)
		-	-kwatsi	-	formiga	(85)
		-	-	-	tubérculos, batatas	(86) a (90)
u-	“comer”	-ro	-	-	diversos: carne, folhas	(91) a (92)
		-	-	-	peixes, macaxeira	(93), (94)
põ-	“comer frutas”	-	-	-ti	fruta não especificada	(95)
		-	-ky	-	frutas especificadas: mamão, banana, abacaxi, jenipapo	(96), (97)
		-	-kawa	-	cana-de-açúcar	(98)

Quadro 4: Variações dos sintagmas verbais relativos a “comer”

É válido supor, por exemplo, que {põ-} se aplique apenas a frutas e a cana-de-açúcar, porque comidas *in natura*, geralmente cruas. Nos demais casos, as outras variações das formas para “comer” têm maior abrangência, incluindo os crus e os cozidos. A raiz {põ-}, porém, não pode ser interpretada como “chupar”, pois existe uma raiz específica para tal:

(99) *aj mati tõtõ õ-no-e-re*

1SG fruta chupar 1-VOL-DECL-AUX

‘Eu quero chupar fruta.’ (Lit.: ‘Eu vou chupar fruta.’)

Diante do fenômeno da incorporação, uma questão a ser respondida é: sendo uma raiz *incorporativa*, o que acontece na estrutura verbal quando a função de objeto direto é exercida por dois nomes marcados, coordenados entre si, mas de classes distintas? Para respondê-la, tomou-se como base a raiz {o-} “comer”, a fim de se verificar a possibilidade ou não de ocorrência de SNs compostos na função de objeto direto. Constatou-se que, se o objeto direto é composto por dois nomes incorporáveis, morfologicamente marcados ou não por um classificador nominal, a raiz {o-} “comer” é substituída por {u-} “comer”, que, nesse caso, exige {-ro}.

- (100) *oj epykwã atiti-tekwa u-ro n-e-re*  
 3SG amendoim milho-CLE.semente comer-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está comendo amendoim e arroz.’

Isso faz pensar que esse {-ro} talvez pudesse ser interpretado como um classificador genérico. Contudo, há muitas evidências de que esse classificador verbal só se relaciona à função de sujeito, nunca à de objeto, a serem enfocadas em 4.2. É importante salientar que existem poucas raízes com um espectro de incorporação de classificadores nominais tão amplo, como {o-} “comer”. Inversamente, há sintagmas verbais nucleados por raízes que jamais incorporam classificadores, nominais ou verbais, como é o caso de {itæ-} “beber”:

- (101) *aj kuni itæ õ-e-re*  
 1SG água beber 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou bebendo água.’

- (102) *kãpore kuni itæ n-e-re*  
 jacu água beber 3-DECL-AUX  
 ‘O jacu bebe água.’

- (103) *aj tove-ka-mu itæ õ-e-re*  
 1SG mel-CLE-CLE.líqu beber 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou tomando garapa.’

- (104) *ajte tsero itæ õ-e-re*  
 1PL chicha beber 1-DECL-AUX  
 ‘Nós bebemos chicha.’

- (105) *aj mike mutiry-ko-mu itæ õ-e-re*  
 1SG já açaí-CLE.coco-CLE.líqu beber 1-DECL-AUX  
 ‘Eu já tomei vinho de açaí.’

#### 4.1.5 Concordância entre estrutura verbal e argumento periférico

Existem alguns casos de relação entre estrutura verbal e um argumento periférico, na função de adjunto adverbial locativo: raízes como {vyry-} “deslocar-se” e {para-} “cair” incorporam {-mu} ‘CL.líqu’, se o núcleo do SN-locativo é {kuni} “água, rio”. Exemplos:

- (106) *aki kuni-ni para-ø-ja-mu n-e-re*  
 pedra água-OBL cair-3-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
 ‘A pedra caiu na água.’

- (107) *aj kuni-ni vyry-õ-tu-mu õ-e-re*  
 1SG água-OBL deslocar-1-DIR-CLE.líqu 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou saindo da água.’

## 4.2 Classificadores e aplicativos verbais

Nota-se que, em Kanoê, existe um conjunto de morfemas gramaticais sufixais diretamente relacionados à distribuição das raízes em termos de classes verbais, do ponto de vista morfossintático, enquanto formas, e estritamente relacionados aos possíveis papéis semânticos dos argumentos nas funções sintáticas de sujeito e objeto.



#### 4.2.1 Os papéis morfossintáticos e semânticos dos classificadores verbais

Os morfemas {-ro} e {-to} são de alta frequência nas estruturas verbais ativas. Embora sejam ambos classificadores verbais, para se estabelecer uma distinção entre eles, quando coocorrem, optou-se por tratar {-ro} como ‘CLV’ e {-to} como ‘TRA’. Todas as possibilidades de análise desses morfemas, desde a hipótese de tratá-los como classificadores genéricos à de interpretá-los somente como aplicativos verbais se esgotaram, em função de muitos contra-exemplos que não confirmavam essas pressuposições. As análises convergiram para a interpretação como classificadores verbais que se revestem de funções morfossintáticas e semânticas específicas.

No primeiro caso, a hipótese de tratá-los como classificadores genéricos se esvazia quando ambos co-ocorrem e as funções de sujeito e objeto são preenchidas por pronominais. No segundo caso, interpretá-los apenas como aplicativos verbais é possível, mas não condiz com a importância dos mesmos na gramática do Kanoê.

De fato, com base na ausência, presença ou simultaneidade desses morfemas nas estruturas predicativas ativas, podem ser definidas classes e subclasses de raízes verbais em termos de intransitividade, transitividade e valência. No entanto, não podem ser vistos como meros morfemas classificatórios, já que existem relações implícitas entre esses morfemas e os papéis semânticos do sujeito e do objeto no escopo da oração, e também com a natureza das raízes, se ativas ou não. Isso quer dizer que os morfemas {-ro} e {-to} transcendem as funções meramente classificatórias e ganham em funções morfossintáticas e semânticas, pois estabelecem relações lógico-gramaticais entre uma estrutura verbal e seus argumentos. Assim, sem negar-lhes as funções no conjunto da gramática Kanoê, a solução parece ser considerá-los classificadores verbais. Optou-se por identificá-los como {-ro} ‘CLV’ e {-to} ‘TRA’, haja vista que uma glosa única para ambos não traduz o mecanismo gramatical subjacente às ocorrências dos mesmos, sobretudo as simultâneas.

Em termos de função semântica, pode-se assegurar que, na maioria dos casos, {-ro} relaciona-se ao papel de “agente” do núcleo (ou núcleos) de um SN na função de sujeito. Do mesmo modo, {-to} tem relação com o papel de “paciente” a um núcleo (ou aos núcleos) de um SN na função de objeto direto, além de assinalar a transitividade verbal. Com efeito, quando ocorre apenas {-ro}, em sintagmas verbais a partir de raízes como {vara-} “falar” ou {akiki-} “gritar”, a estrutura é intransitiva, monovalente, exigindo apenas um argumento na função de sujeito. Exemplos:

(108) *aj vara-õ-ro õ-e-re*

1SG falar-1-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu falo.’

(Lit.: ‘Eu estou falando.’)

(109) *kore vara-ø-ro n-e-re*

papagaio falar-3-CLV 3-DECL-AUX

‘O papagaio fala.’

(Lit.: ‘O papagaio está falando.’)

(110) *aj akiki-e-õ-ro õ-e-re*

1SG gritar-ASP-1-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu estou gritando.’

(111) *opera akiki-e-ø-ro e-re*

onça gritar-ASP-1-CLV DECL-AUX

‘O cachorro latiu.’

(Lit.: ‘A onça gritou.’)

Por outro lado, se ambos coocorrem, a estrutura é transitiva e, no mínimo, bivalente, com um argumento na função de sujeito e outro na função de objeto. Exemplos:

(112) *aj pja koro vara-õ-ro-ø-to no-e-re*

1SG POSS2SG irmão falar-1-CLV-3-TRA VOL-DECL-AUX

‘Eu quero falar com teu irmão.’

- (113) *ñā papa (aj) akiki-e-ø-ro-õ-to e-re*  
 POSS1SG pai 1SG gritar-ASP-3-CLV-1-TRA DECL-AUX  
 ‘Meu pai gritou comigo.’

Nos exemplos acima, pode-se notar uma relação referencial entre {-ro} e a função de sujeito, que é simultânea à entre {-to} e a função de objeto direto. Logo, as condições para a coocorrência são: a) raiz verbal ativa, realizando-se como transitiva e, no mínimo, bivalente; b) posição argumental preenchida por pronominal ou por nome não-marcado por classificador específico.

#### 4.2.2 Os papéis semânticos dos argumentos

A ordem seqüencial desses morfemas na constituição da forma verbal, em princípio, corresponde à ordem SOV, predominante em Kanoê. Existem pouquíssimos casos em que isso não ocorre. Essa ordem somente se evidencia quando ambos coocorrem, num predicado transitivo multiargumental, no mínimo bivalente. Exemplos:

- (114) *pejake aj mi vara-õ-ro-pe-to no-e-re*  
 amanhã 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA VOL-DECL-AUX  
 ‘Amanhã eu quero falar com você.’

- (115) *aj mi more k-e vara-õ-ro-pe-to e-re*  
 1SG 2SG bom NEG-DECL falar-1-CLV-2-TR DECL-AUX  
 ‘Eu estou com raiva de você.’ (Lit.: ‘Eu não quero falar bom com você.’)

Note-se que, em (114) e (115), o pronominal de 1SG, no papel de agente, antecede o de 2SG, no papel de paciente, do mesmo modo que, na constituição mórfica da estrutura verbal, a flexão de 1ª. pessoa, seguida de {-ro}, antecede a de 2ª. pessoa, seguida de {-to}. Em construções análogas, em que tais pronomes exerçam os mesmos papéis invertidamente, os as marcas flexionais pessoais se invertem, mas {-ro} e {-to}, não. Exemplos:

- (116) *pejake mi aj vara-pe-ro-õ-to-numi-tsi*  
 amanhã 2SG 1SG falar-2-CLV-1-TRA-FUT 2-INT  
 ‘Amanhã você quer conversar comigo?’

- (117) *mi aj more k-e vara-pe-ro-õ-to mi-tsi*  
 2SG 1SG bom NEG-DECL falar-2-CLV-1-TRA 2-INT  
 ‘Você está com raiva de mim?’  
 (Lit.: ‘Você não está bom falando comigo?’)

Nesses exemplos, as relações são transparentes porque as formais verbais são bem-marcadas quanto à flexão pessoal. No entanto, quando o argumento é nome ou pronominal de 3ª. pessoa, não marcada nas estruturas transitivas, não há concordância explícita. Porém, sendo {-ro} co-referente ao agente e {-to} ao paciente, nessa ordem, parece que a possível ambigüidade se desfaz. Exemplo:

- (118) *na minake ũko uruã more-kỹj k-e-re vara-ø-ro-ø-to k-e-re*  
 POSS1SG filha.velha DEM.dist. rapaz bom-MASC NEG-DECL-AUX falar-3-CLV-3-TRA NEG-DECL-AUX  
 ‘Minha filha não conversa com aquele rapaz feio.’

Mesmo havendo inversão da ordem básica de constituintes, com a posposição do sujeito ou do objeto, a seqüência desses morfemas não se altera, como em (119):

- (119) *na minake vara-ø-ro-ø-to k-e-re ũko uruã more-kj k-e-re*  
 POSS1SG filha.velha falar-3-CLV-3-TRA NEG-DECL-AUX DEM.dist. rapaz bom-MASC NEG-DECL-AUX  
 ‘Minha filha não conversa com aquele rapaz feio.’

O princípio de economia linguística atua nesse tipo de construção sintática, de tal sorte que as redundâncias podem ser eliminadas. Nas orações transitivas, se os nomes ou pronomes na função de sujeito e objeto podem ser potencialmente agentes da ação verbal, a pressão estrutural da ordem básica de constituintes na ocorrência da flexão pessoal permite que {-ro} seja omitido, desde que a flexão pessoal referente ao sujeito-agente seja mantida. Por sua vez, a flexão pessoal relativa ao objeto pode ser omitida, mas {-to} obrigatoriamente permanece. Exemplo:

- (120) *pejake aj mi vara-õ-to no-e-re*  
 amanhã 1SG 2SG falar-1-CLV-2 VOL -DECL-AUX  
 ‘Amanhã eu quero falar com você.’

Todavia, o contrário não ocorre: {-to} não pode ser apagado em favor de {-ro}. Se isso for praticado, a sentença é agramatical e inaceitável em Kanoê. Exemplo:

- (121) \**pejake aj mi vara-ro-pe no-e-re*  
 amanhã 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA VOL-DECL-AUX  
 ‘Amanhã eu quero falar com você.’

É importante ressaltar que, submetido à pressão da ordem de constituintes, do princípio de economia e do sistema de concordância por referência cruzada, esse jogo de presença e ausência da flexão pessoal e dos classificadores verbais está relacionado à realização fonética plena ou não de SNs pronominais. Isso quer dizer que o Kanoê é uma língua que admite a omissão de argumentos pronominais, desde que a flexão pessoal e pelo menos {-to} ocorram na estrutura verbal.

Acrescente-se aí que isso até certo ponto se estende ao domínio da flexão modo-temporal, para distinção entre o presente contínuo e o passado perfectivo, tornando o sistema ainda mais complexo. De qualquer modo, a gramática do Kanoê oferece a seus usuários várias possibilidades de expressão sem que a informação fundamental seja perdida.

Para exemplificar, tome-se o paradigma de {vara-} “falar”, realizando-se ora como intransitiva, ora como transitiva. Optou-se por demonstrá-lo com os pronomes 1SG como “agente”, e 2SG como “paciente”, porque são marcados na estrutura verbal. Assim, o quadro a seguir apresenta as possíveis variações da estrutura verbal nucleada por essa raiz, no presente contínuo, a partir de duas sentenças básicas; a saber:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(122) <i>aj vara-õ-ro õ-e-re</i><br/>         1SG falar-1-CLV 1-DECL-AUX<br/>         ‘Eu falo.’<br/>         (Lit.: ‘Eu estou falando.’)</p> | <p>(123) <i>aj mi vara-õ-ro-pe-to õ-e-re</i><br/>         1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA 1-DECL-AUX<br/>         ‘Eu falo com você.’<br/>         (Lit.: ‘Eu estou falando com você.’)</p> |
|--|---|

CATEGORIA	ESTRUTURA ORACIONAL PROTOTÍPICA										
	papéis semânticos			DOMÍNIO DA RAIZ PRINCIPAL					DOMÍNIO DE TMA		
	SUJ	SUJ	OD	V <sub>raiz</sub>	FP-SUJ	CLV	FP-OD	TRA	FP	DECL	AUX
INTRANS	<i>aj</i>	-	-	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	<i>aj</i>	-	-	<i>vara</i>	-	<i>ro</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	-	-	-	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
TRANS	<i>aj</i>	<i>mi</i>	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	
	-	<i>mi</i>	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	
	<i>aj</i>	-	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	
	-	-	<i>vara</i>	<i>õ</i>	<i>ro</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	
	<i>aj</i>	<i>mi</i>	<i>vara</i>	<i>õ</i>	-	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	
	<i>aj</i>	<i>mi</i>	<i>vara</i>	<i>õ</i>	-	-	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	

Quadro 5: Variações formais de {*vara*-} “falar” a partir da eliminação de redundâncias

Foram consideradas *hiper-redundantes* as sentenças que, além de pronominais nas funções de sujeito e objeto, apresentam a flexão pessoal duplamente marcada. Nesses casos, o princípio de economia se impõe e, assim, a tendência é a omissão dos argumentos pronominais, quando a forma verbal, por si mesma, vale por uma sentença:

(124) *vara-õ-ro-pe-to e-re*

falar-1-CLV-2-TRA      DECL-AUX  
 ‘Conversei com você.’

Em se tratando da 3<sup>a</sup>. pessoa, que apresenta marca de flexão apenas no domínio de TMA, quando agente e paciente são pronominais e potencialmente aptos à mesma ação verbal, há manutenção de {-*ro*} e da flexão pessoal relativa ao objeto direto. Exemplos:

(125) *oj aj vara-ro-õ-to k-e-re*

3SG 1SG falar-CLV-1-TRA      NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele não conversou comigo.’ (Lit.: ‘Ele não falou comigo’.)

(126) *aj oj vara-õ-ro-to k-e-re*

1SG 3SG falar-3-CLV-1-TRA      NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não conversei com ele.’

Como se viu em 4.1.1.1, as raízes das classes **Classe I** exigem flexão pessoal prefixal e se dividem em duas subclasses com base nas ocorrências de {-*ro*}: 1<sup>a</sup>.) **subclasse I-A**: as que o repelem e, quando transitivas, exigem {-*to*} ; 2<sup>a</sup>.) **subclasse I-B**: as que o exigem, mas repelem {-*ro*}, mesmo transitivas. Assim, para as estruturas que apresentam flexão pessoal prefixal (**subclasse I-A**), tem-se então um paradigma similar ao anterior. É o caso, por exemplo, de {*pateñu*-} “saber”, como intransitiva e como transitiva. Para evidenciá-lo, optou-se pelos pronominais de 1SG e 2SG, agente e paciente, nessa ordem. O quadro a seguir as apresenta estruturas nucleadas por essa raiz, a partir de duas sentenças básicas; ou sejam:

(127) *aj i-pateñu õ-e-re*

1SG 1-conhecer      1-DECL-AUX  
 ‘Eu sei.’ (Lit.: ‘Eu conheço.’)

(128) *aj mi i-pateñu-pe-to õ-e-re*

1SG 2SG 1-conhecer-2-TRA      1-DECL-AUX  
 ‘Eu te conheço.’

CATE- GORIA	ESTRUTURA ORACIONAL PROTOTÍPICA									
	função sintática		DOMÍNIO DA RAIZ PRINCIPAL				DOMÍNIO DE TMA			
	SUJ	OD	FP-SUJ	V <sub>raiz</sub>	FP-OD	TRA	FP	DECL	AUX	
INTRANS	<i>aj</i>			<i>i</i>	<i>pateñu</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	-			<i>i</i>	<i>pateñu</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	<i>aj</i>	-	-	-	<i>pateñu</i>	-	-	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
TRANS		<i>aj</i>	<i>mi</i>	<i>i</i>	<i>pateñu</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		$\emptyset$	<i>mi</i>	<i>i</i>	<i>pateñu</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		<i>aj</i>	<i>mi</i>	-	<i>pateñu</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		<i>aj</i>	-	-	<i>pateñu</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		-	<i>mi</i>	<i>i</i>	<i>pateñu</i>	-	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	-	-	<i>i</i>	<i>pateñu</i>	<i>pe</i>	<i>to</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>	

Quadro 6: Variações formais de {*pateñu*-} “conhecer” a partir da eliminação de redundâncias

Por outro lado, tratando-se das estruturas nucleadas por raízes da **subclasse I-B**, o paradigma diverge do anterior: as raízes exigem apenas {-*ro*} ‘CLV’, seja como transitivas ou intransitivas. É o caso, por exemplo, da variação das estruturas de {*memu*-} “gostar”, apresentadas no quadro a seguir, a partir das seguintes sentenças:

(129) *aj i-memu-ro õ-e-re*

1SG 1-gostar-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu gosto.’

(130) *aj mi i-memu-ro õ-e-re*

1SG 2SG 1-gostar-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu gosto de você.’

CATE- GORIA	ESTRUTURA ORACIONAL PROTOTÍPICA								
	função sintática		DOMÍNIO DA RAIZ PRINCIPAL				DOMÍNIO de TMA		
	SUJ	OD	FN-SUJ	V <sub>raiz</sub>	CLV	FN	DECL	AUX	
INTRANS	<i>aj</i>			<i>i</i>	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	-			<i>i</i>	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
	<i>aj</i>	-	-	-	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
TRANS		<i>aj</i>	<i>mi</i>	<i>i</i>	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		<i>aj</i>	<i>mi</i>	-	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>
		-	<i>mi</i>	<i>i</i>	<i>memu</i>	<i>ro</i>	<i>õ</i>	<i>e</i>	<i>re</i>

Quadro 7: Variações formais de {*memu*-} “gostar”, a partir da eliminação de redundâncias

As raízes da **Classe II** e suas subclasses seguem paradigmas similares, segundo o tipo de classificador que exigem, ou análogo ao de {*vara*-} “falar”, se aceitam {-*ro*} e {-*to*}.

#### 4.2.3 O papel classificatório de {-*ro*}

Enquanto morfema classificatório, {-*ro*} ocorre nas estruturas verbais que, do ponto de vista semântico, denotam ações voluntárias atribuíveis a um agente; com média e baixa frequência em algumas que denotam processos fisiológicos, movimentos ou deslocamentos no espaço, e, ainda, nas que denotam alguns dos fenômenos naturais. Em outros termos, boa parte das formas verbais efetivamente ativas, interpretáveis como ações atribuíveis um *agente* ou a uma *força* (em “ventar”), requerem essa marca morfológica.

Contudo, há também raízes que, embora ativas, sejam intransitivas ou transitivas, jamais exigem esse classificador verbal e há ainda as que o aceitam facultativamente. Desse modo, podem ser postuladas pelo menos quatro grandes classes de raízes verbais, sob o critério de serem ou não sucedidas por {-ro}:

#### 4.2.3.1 Raízes verbais intransitivas que jamais exigem {-ro} e {-to}

Filiam-se a essa subclasse:

a) raízes monoargumentais referentes a processos fisiológicos vitais, voluntários ou involuntários, e/ou a processos existenciais ou mudanças de estado: {*epæ-*} “nascer, brotar”, {*etsivju-*} “urinar”; {*i-*} “chorar, piar”; {*kununu-*} “roncar”; {*mõ-*} “dormir”; {*nũve-*} “defecar”; {*pa-*} “viver, morar, ficar, permanecer”; {*pyne-*} “sentir fisgadas”; {*tikũ-*} “soluçar”; {*tũ-*} “morrer” e {*tũvo-*} “adoecer”. Exemplos:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(131) <i>matoko i n-e-re</i><br/>         macaco zogue-zogue chorar 3-DECL-AUX<br/>         ‘O macaco zogue-zogue está chorando.’</p> | <p>(132) <i>zwãw kununu n-e-re</i><br/>         João roncar 3-DECL-AUX<br/>         ‘João está roncando.’</p>         |
| <p>(133) <i>kani nuvæ n-e-re</i><br/>         criança defecar 3-DECL-AUX<br/>         ‘O neném está defecando.’</p>                      | <p>(134) <i>opera tũvo n-e-re</i><br/>         cachorro adoecer 3-DECL-AUX<br/>         ‘O cachorro está doente.’</p> |

b) raízes monoargumentais referentes a processos físicos ou existenciais, que não denotam ações praticáveis, mas sofríveis ou experienciáveis por um sujeito: {*ētē-*} “estragar”, “quebrar-se”; {*iva-*} “doer”; {*kañakaña-*} “escorregar”; {*pa-*} “viver”; {*para-*} “cair”; {*rwa-*} “machucar-se”; {*topi-*} “apodrecer”; {*tũkỹ-*} “espigar, dar espigas”, {*uj-*} “acabar, findar”. Exemplos:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(135) <i>kãpore para-ja n-e-re</i><br/>         jacu cair-DIR 3-DECL-AUX<br/>         ‘O jacu caiu.’</p>                  | <p>(136) <i>mũj ña tsero uj n-e-re</i><br/>         mãe POSS1SG chicha acabar 3-DECL-AUX<br/>         ‘Mãe, minha chicha acabou.’</p> |
| <p>(137) <i>ña i-kuta iva e-re</i><br/>         POSS1SG RN-cabeça doer DECL-AUX<br/>         ‘Minha cabeça está doendo.’</p> | <p>(138) <i>atiti tũkỹ e-re</i><br/>         milho espigar DECL-AUX<br/>         ‘O milho deu espigas.’</p>                           |

c) raízes inargumentais, impessoais, referentes a fenômenos temporais, naturais e meteorológicos, que exigem sujeito nulo e estrutura verbal de 3ª. pessoa, ou sejam: {*ikura-*} “fazer calor”, {*itsaj-*} “anoitecer”; {*peja-*} “amanhecer”; {*tararaw-*} “relampejar”; {*tõturo-*}<sup>136</sup> “fazer frio”, {*vætsi-*} “chover”; {*vururu-*} “trovejar”. Exemplos:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(139) <i>vururu n-e-re</i><br/>         trovejar 3-DECL-AUX<br/>         ‘Está trovejando.’</p>                 | <p>(140) <i>væ-tsi e-re</i><br/>         chuva-ter DECL-AUX<br/>         ‘Choveu.’</p>                |
| <p>(141) <i>itsaj e-re</i><br/>         anoitecer DECL-AUX<br/>         ‘Está anoitecendo.’ (Lit.: ‘É noite.’)</p> | <p>(142) <i>ikura-tsi e-re</i><br/>         calor-ter DECL-AUX<br/>         ‘Está fazendo calor.’</p> |

<sup>136</sup> Aqui há incorporação de {-turo} que denota espaço e tempo.

d) raízes monoargumentais denotativas de ações, individuais ou coletivas, que não transitam de um agente para um paciente, tais como: {*pæræ-*} “voar”, {*pururu-*} “rolar”, {*ujuj-*} “engatinhar”. Algumas raízes dessa subclasse exigem {-*ja*} ‘DIR’, que indicia “ação ou movimento para baixo”: {*pæ-*} + {-*ja*} “dançar”; {*pe-*} + {-*ja*} “deitar” e {*teva-*} + {-*ja*} “brincar”. Outras raízes podem sofrer acréscimo de valência, passando a biargumentais, pois o evento a que se referem pode admitir outro ou outros participantes. Como transitivas, requerem {-*to*}: , {*pe-*} + {-*ja*} + {-*to*} “deitar com”, {*teva-*} + {-*ja*} + {-*to*} “brincar com”. Exemplos:

(143) *aj pe-õ-ja õ-e-re*

1SG deitar-1-DIR 1-DECL-AUX  
‘Eu deito.’

(144) *kani tevæ-ja n-e-re*

criança brincar-DIR 3-DECL-AUX  
‘A criança está brincando.’

(145) *aj ña e pe-õ-ja-to-ky õ-to-e-re*

1SG POSS1SG mulher deitar-1-DIR-TRA-COMIT 1-TRA DECL-AUX  
‘Eu deitei com minha mulher.’

(146) *mi aj teva-pe-ja-õ-to mi-tsi*

2SG 1SG brincar-2-DIR-1-TRA 2-INT  
‘Você quer brincar comigo?’

#### 4.2.3.2 Raízes verbais intransitivas que exigem {-*ro*}

Incluem-se nessa classe as raízes intransitivas relacionadas a:

a) ações individuais que denotam processos fisiológicos, geralmente involuntários: {*atsitsĩ-*} “espirrar”; {*ææ-*} “vomitar” e {*nutētē-*} “peidar”. Exemplos:

(147) *kani ææ-ro e-re*

criança vomitar.RED-CLV DECL-AUX  
‘O neném vomitou.’

(148) *kwaatsie pæwpæw-e-ro n-e-re*

sapo pular.RED-ASP-CLV DECL-AUX  
‘O sapo está pulando.’

(149) *zwāw nutētē-ro e-re*

João peidar-CLV DECL-AUX  
‘João peidou.’

b) ações intransitivas: {*akiki-*} “gritar”; {*iriri-*} “correr”; {*kutsitsi-*} “ciscar”; {*kūkūj-*} “assobiar”; {*kyky-*} “coçar-se”; {*kytsi-*} “coçar-se”; {*mænæ-*} “mentir”; {*paj-*} “rir, sorrir, gracejar”; {*pæwpæw-*} “pular, saltar, saltitar”, {*potu-*} “trabalhar”, {*tetej-*} “caminhar”, {*tsere-*} “ver, acordar”; {*tsūtsū-*} “mamar, sugar”; {*vara-*} “falar”; {*vaj-*} “cantar”. Inclui ainda a impessoal {*vuj-*} “ventar”. Exemplos:

(150) *e kani iriri-ø-ro e-re*

mulher criança correr-3-CLV DECL-AUX  
‘A menina correu.’

(151) *ævo tsere-ro n-e-re*

homem ver-CLV 3-DECL-AUX  
‘O homem acordou.’  
(Lit.: ‘O homem está vendo.’)

(152) *vuvuj-ro e-re*

ventar.RED-CLV DECL-AUX  
‘Está ventando.’

#### 4.2.3.3 Raízes verbais transitivas que jamais exigem {-ro}

São elas: {*atsi*} “temer”; {*jũ-*} “cozinhar”; {*iite-*} “saltar”; {*ipæ-*} “caçar, matar”; {*itæ-*} “beber”; {*itse-*} “parir, botar ovo”; {*ja-*} “querer, desejar”; {*kyjũ-*} “raspar”; {*kokoj-*} “fritar”; {*kotso-*} “lavar”; {*kujkuj-*} “raspar”; {*mama-*} “morder”; {*meja-*} “plantar”; {*moja-*} “apagar”; {*mu-*} “plantar”; {*po-*} “capturar”<sup>137</sup>; {*pe ja-*} “deitar, derrubar, fazer cair”; {*pepej-*} “colher, tirar”; {*pejkaj-*} “assar, grelhar”; {*peky-*} “peneirar”; {*pyj-*} “acender”; {*pyry-*} “flechar”; {*re-*} “matar”; {*taja-*} “enxugar”; {*tinutinu-*} “beliscar”; {*tivoj-*} “grelhar”, {*tseme-*} “molhar”. Exemplos:

(153) *aj atiti mu õ-e-re*

1SG milho plantar 1-DECL-AUX

‘Eu planto milho.’

(154) *ña kani kwini po n-e-re*

POSS1SG filho peixe capturar 3-DECL-AUX

‘Meu filho está pescando.’

(155) *aj mūtyrĩ-ko-mu mike itæ õ-e-re*

1SG açai-CLE.coco-CLE.líqu já beber 1-DECL-AUX

‘Eu já tomei vinho de açai.’

#### 4.2.3.4 Raízes verbais transitivas que sempre exigem {-ro}

As raízes dessa subclasse exigem {-ro} e repelem {-to}, embora sejam transitivas: {*ævætse-*} “esperar”, {*emu-*} “comprar”; {*kamu-*} “procurar”; {*memu-*} “gostar”; {*õ-*} “responder”; {*oo-*} “comer (roer)”; {*pepej-*} “cortar unhas”; {*po-*} “fazer”; {*puro-*} “jogar bola”; {*tej-*} “transportar”, {*titi-*} “puxar”; {*tõtõ-*} “chupar, sugar”; {*tsõj-*} “beijar”, {*tsutsi-*} “roçar”, {*turo-*} “vender”; {*tuti-*} “flechar”, {*tutu-*} + {-ja} “cavar, fazer buraco”; {*tyvæ-*} “caçar”; {*uj-*} “brocar roça”; {*uraty-*} “conseguir, obter”; {*vava-*} “jogar, arremessar”; e ainda {*u-*} “comer” (em casos específicos, cf. Quadro 4). Em alguns casos, {-ro} parece já estar fossilizado junto à raiz como em {*toro-*} “engolir, ingerir, comer”; {*turo-*} “vender”; {*vero-*} “entender”. Exemplos:

(156) *aj uræ tyvæ-ro õ-e-re*

1SG porco caçar-CLV 1-DECL-AUX

‘Eu caço porco.’

(157) *opera i-utã oo-ro n-e-re*

onça RN-osso comer.RED 3-DECL-AUX

‘O cachorro está roendo osso.’

(158) *kwini vāj toron-e-re*

peixe verme engolir 3-DECL-AUX

‘O peixe engole minhoca.’

(159) *oj tunemu turo n-e-re*

3SG veneno vender 3-DECL-AUX

‘Ele vende cachaça.’

(160) *urukutæ opje topi-e u-ro n-e-re*

urubu carniça apodrecer-NLZ comer-CLV 3-DECL-AUX

‘O urubu come carniça.’

<sup>137</sup> A raiz {po-}, no sentido de “pescar”, pode exigir {-to} se o evento tem mais um participante: “pescar com...”



#### 4.2.4 O papel classificatório de {-to}

O classificador {-to} marca a transitividade verbal de um grupo delimitado de raízes. Assim, com base nos casos onde é obrigatório, contrapostos àqueles em que jamais ocorre, podem ser definidas duas subclasses de raízes verbais transitivas em Kanoê, quais sejam:

##### 4.2.4.1 Raízes verbais transitivas que exigem apenas {-to}

Essa subclasse é composta por raízes verbais efetivamente transitivo-diretas, no mínimo biargumentais. Essas raízes admitem a omissão do sujeito-agente quando o mesmo é pronominal de primeira ou de segunda pessoas, desde que haja flexão pessoal. Incluem-se aí:

a) raízes da restrita **subclasse I-A**, que exigem flexão pessoal prefixal: {-jẽ} “saber”, {-patẽñu-} “conhecer”; {munu-} “ouvir, escutar”. Exemplos:

(161) *oj aj ø-pateñu-õ-to k-e-re*  
3SG 1SG 3-conhecer-1-TRA NEG-DECL-AUX  
‘Ele não me conhece.’

(162) *oj aj ø-munu-ø-to ni-k-e-re*  
3SG 1SG 3-ouvir-1-TRA 3-DECL-AUX  
‘Ele não está me escutando.’

b) raízes da **subclasse II-B**, biargumentais, transitivas flexão pessoal sufixal: {kæj-} “arrancar (amendoim)”; {pajũ-} “colher (quebrar milho)”; {pojũ-} “segurar”, {py-} “pendurar”, {pyej-} “soprar”, {pwe-} “acender”, {ta-} “debulhar” {tsere-} “ver, olhar”<sup>138</sup>, {tsoe-} “coar (café)”; {tyja-} “enrolar”; {tutu-} “pilar, socar”; {tsutsu-} “picar”; {tyry-} “amarrar”; {vaj-} “cantar”. Algumas das raízes dessa subclasse se podem realizar como *incorporativas*, de tal modo que, havendo incorporação, {-to} não ocorre (cf. 4.1.3). Alguns exemplos de estruturas com raízes dessa classe:

(163) *e ava tsere-ø-to e-re*  
mulher arara ver-3-TRA DECL-AUX  
‘A mulher viu a arara.’

(164) *aj epykwã kæj-õ-to õ-e-re*  
1SG amendoim arrancar-1-TRA 1-DECL-AUX  
‘Eu estou arrancando amendoim.’

(165) *aj epykwã ta-õ-to õ-e-re*  
1SG amendoim debulhar-1-TRA DECL-AUX 1SG  
‘Eu estou debulhando amendoim.’

(166) *aj ña itsote tyry-õ-to õ-e-re*  
1SG POSSISG sapato amarrar-1-TRA 1-DECL-AUX  
‘Eu estou amarrando meu sapato.’

<sup>138</sup> Há registro de uma ocorrência dessa raiz também no sentido de “conhecer”.

#### 4.2.5 Aspectos morfológicos e semânticos da alternância entre {-ro} e {-to}

Em relação a certas raízes, a ocorrência de {-ro} em oposição à de {-to}, pode implicar a redução da valência. Comparem-se:

(167) *ña kani mike tsere-ø-ro n-e-re*  
POSS1SG criança já ver-3-CLV 3-DECL-AUX  
‘Meu filho já acordou.’ (Lit.: ‘Minha criança já está vendo.’)

(168) *e kani ava tsere-ø-to e-re*  
mulher criança arara ver-3-TRA DECL-AUX  
‘A menina viu a arara.’ (Lit.: ‘A mulher criança viu a arara.’)

Em (167) a raiz verbal {*tsere-*}, seguida de {-ro}, denota “estar vendo” e conota “acordar”, despertar”. Em (168), seguida de {-to}, significa “ver, olhar”. No primeiro caso, a raiz é intransitiva; no segundo, transitiva. Não se pode, nesse caso, analisador {-ro} como *detransitivizador* em oposição a {-to} *transitivizador*. Uma série de contra-exemplos eliminam essa hipótese. Assim, {-ro} pode ocorrer em sintagmas verbais intransitivos (cf. 4.2.3.2) ou transitivos (cf. 4.2.3.4). A transitividade é determinada pela presença ou ausência de {-to}, e não de {-ro}.

Comparando estruturas verbais transitivas *incorporativas* e *não-incorporativas*, nota-se que o morfema {-to} ocupa a posição prototípica dos classificadores e, de certa forma, indiretamente os substitui, mas não é um classificador genérico. Assim, as ocorrências desse morfema dependem das seguintes condições:

- a) raiz verbal semanticamente ativa;
- b) função argumental de objeto direto exercida por nome não-marcado por classificador, ou por pronominal; ou, ainda, por uma oração complementar infinitiva.

Comparem-se os exemplos:

(169) *aj ña mapi-ka tyry-õ-ka õ-e-re*  
1SG POSS1SG flecha-CLE.duro amarrar-1-CLE.duro 1-DECL-AUX  
‘Eu estou amarrando meu arco de flecha.’

(170) *jato mũj ojo mūnaw tyry-ø-to n-e-re*  
POSS1SG mãe POSS3S rede amarrar-3-TRA 3-DECL-AUX  
‘Nossa mãe está amarrando a rede dela.’

(171) *aj i-jẽ-to e-re [mapi po-ro-e]*  
1SG 1-saber-TRA DECL-AUX flecha fazer-CLV-NLZ  
‘Eu sei fazer flecha.’

#### 4.2.6 Alomorfia dos morfemas {-ro} e {-to}

Esses morfemas verbais são passíveis de algumas variações alomórficas, algumas das quais decorrentes de alofonia; outras de condicionamentos morfofonológicos, a saber:

#### 4.2.6.1 A alomorfa de {-ro}<sup>139</sup>

Do ponto de vista fonético, {-ro} pode realizar-se como [-rɔ] ~ [-dɔ]. Em 2.4.6, foi descrita a alofonia do fonema /r/, que pode se realizar como [r] ou [d]. Logo, a alomorfa é decorrente dessa alofonia, ou seja, a alofonia de /r/ implica a alomorfa de {-ro}. Por conseguinte, {-ro} se realiza foneticamente como [-dɔ], com frequência, em construções verbais negativas, marcadas por {-k} ‘NEG’, que parece ser o fator condicionante. Em outros casos, há alternância entre [-ro] ~ [-dɔ], sem se possa determinar exatamente quais são os condicionamentos morfofonológicos que acarretam essa variação. Exemplos:

- (172) [ɲa ka'ni mi'ke urɔɛ'ɾɛ] ~ [ɲa ka'ni mi'ke udɔɛ'ɾɛ]  
ñã kani mike u-ro e-re  
POSS1SG criança já comer-CLV DECL-AUX  
‘Meu filho já almoçou.’ (Lit.: ‘Minha criança já comeu.’)

- (173) [ɲa ka'ni udɔiŋkɛ'ɾɛ] ~ [ɲa ka'ni urɔiŋkɛ'ɾɛ]  
ñã kani u-ro ni-k-e-re  
POSS1SG criança comer-CLV 3-NEG-AUX  
‘Meu filho não almoçou.’ (Lit.: ‘Minha criança não comeu.’)

#### 4.2.6.2 A alomorfa de {-to}<sup>140</sup>

Em alguns registros, no mesmo ambiente, {-to} se realiza como [-tɔ] ~ [-ta]. Ainda não foi possível descobrir que sorte de condicionamento acarreta essa variação. Pode ser que o fenômeno tenha implicações gramaticais mais profundas, mas, por enquanto, ainda não se pode assegurar isso. Por essa razão, numa primeira análise, essa variação está sendo tratada como alomorfa, cuja conseqüência é a neutralização entre os fonemas /a/ e /o/. Exemplos:

- (174) [ɛ: a'wa tserɛtaj'ɾɛ] (175) [ite'wæ tserɛtoɛ'ɾɛ opɛ'ra]  
e ava tsere-ø-to e-re itevæ tsere-ø-to e-re opera  
mulher arara ver-3-TRA-DECL-AUX gente ver-3-TRA DECL-AUX onça  
‘A mulher viu a arara.’ ‘O homem viu o cachorro.’

#### 4.2.7 O morfema {-ry}

O morfema {-ry} ocorre em predicados nucleados por raízes referentes a processos físico-somáticos, tais como {ej-} “respirar”, {mio-} “descansar” e {ore-} “cansar”. Esse morfema relaciona-se ao papel do sujeito da oração, acrescentando um traço semântico próximo ao de reflexividade relativa ou de introspectividade do processo verbal. Como já se afirmou, por falta de uma glosa mais apropriada, optou-se por ‘REFL’, embora não seja reflexividade propriamente dita, mas a marca morfológica de um processo verbal que reverte para o sujeito da sentença. Nesses casos, {-ry} ocorre após a raiz, seguida ou não de flexão pessoal. Fórmula geral: V → Raiz-(FP)-REFL-(FP)-(NEG)-DECL-AUX. Exemplos:

- (176) aj mio-ry õ-e-re  
1SG descansar-REFL 1-DECL-AUX  
‘Eu estou descansando.’

<sup>139</sup> Essa variação foi testada um bom número de vezes nas três últimas sessões de trabalho de campo, mas a variação entre [r] e [d] não implicou qualquer tipo de mutação semântica.

<sup>140</sup> Outro tipo de alomorfa de {-to} é tratado em 4.7.3.1, na apresentação do modo imperativo.

(177) *e ej-ø-ry n-e-re*  
mulher respirar-3-REFL 1-DECL-AUX  
'A mulher está respirando.'

(178) *aj ore-õ-ry e-re arak-e-re*  
1SG cansar-1-REFL DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
'Eu estou muito cansado.' (Lit.: 'Eu me cansei muito.')

Além disso, {-ry} ocorre também em sintagmas verbais relativos a processos mentais, ativos mas introspectivos, como "pensar", por exemplo:

(179) *oj ø-jẽ-ve-ry-ro e-re*  
3SG 3-saber-CLV-REFL-CLV DECL-AUX  
'Ele está pensando.'

(180) *aj i-jẽ-ve-ry-ro e-re*  
3SG 1-saber-CLV-REFL-CLV DECL-AUX  
'Eu estou pensando.'

Em outros casos, {-ry} traduz a idéia de reciprocidade, em estruturas nas quais o núcleo ou os núcleos do SN-sujeito possam ser interpretáveis e compatíveis com os papéis de agente e paciente da ação verbal. Para tanto, a função de sujeito deve ser exercida por:

a) um nome simples, ativo, semanticamente plural:

(181) *kurakura tūtũj-ve-ry e-re*  
galináceo bicar-CLV-REFL DECL-AUX  
'Os galos estão brigando.' (Lit.: 'Os galos estão se bicando.')

(182) *opera mama-ve-ry e-re*  
cachorro morder-CLV-REFL DECL-AUX  
'Os cachorros estão brigando.' (Lit.: 'Os cachorros estão se mordendo.')

b) um nome simples marcado morfológicamente por coletivizador:

(183) *kani-te i-ve-kuta-ry-ni-ro e-re*  
criança-COL brigar-CLV-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
'As crianças estão brigando.'

c) dois nomes simples, inclusive antropônimos, coordenados entre si:

(184) *pura tsinamaty i-ve-kuta-ry-ni-ro e-re*  
Purá Txinamanty brigar-CLV-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
'Purá e Txinamanty estão brigando.'

d) pronominal plural, pronominais coordenados, ou pronominal e nome coordenados:

(185) *ajte i-ve-kuta-ry-õ-ro e-re*  
1PL brigar-CLV-cabeça-REFL-1-CLV DECL-AUX  
'Nós estamos brigando.'

(186) *aj ũko uruã i-ve-kuta-ro-õ-ro e-re*  
 rapaz DEM.dist rapaz brigar-CLV-cabeça-REFL-1-CLV DECL-AUX  
 ‘Eu e aquele rapaz estamos brigando.’

(187) *aj oj i-ve-kuta-ry-õ-ro e-re*  
 1SG 3SG brigar-CLV-cabeça-REFL-1-CLV DECL-AUX  
 ‘Eu e ele estamos brigando.’

Nos exemplos acima, dada a proximidade fonética entre {-væ} ‘DU’ e {-ve} ‘CLV’, optou-se provisoriamente pela segunda glosa. Todavia, essa questão ainda precisa ser esclarecida, pois a segunda opção parece ser válida, já que o morfema {-ve} assinala o uso do próprio corpo como instrumento de ação. Ainda que parem algumas dúvidas sobre a exata constituição morfológica das estruturas verbais, não se pode omitir os dois casos raros em que {-ry} ocorre em predicado transitivo, conservando seu valor reflexivo e/ou recíproco. São eles:

(188) *ajte kurakura ævæ-ry-to õ-e-re*  
 1PL galináceo trocar-REFL-TRA 1-DECL-AUX  
 ‘Nós estamos trocando galinhas.’

(189) *e tyto-ry-to e-re ojo ævo*  
 mulher mudar-TRA-REFL-TRA DECL-AUX POSS3SG homem  
 ‘A mulher trocou de marido.’

Há ainda ocorrências de {-ry}, em predicados nucleados pelas raízes transitivas {tej-}, “transportar” como “trazer”<sup>141</sup> e {pwa-} “conduzir” “levar consigo”. Parece que nesses casos esse morfema também introduz um traço de reflexividade relativa, de tal modo que as traduções mais aproximadas para o conteúdo semântico da estrutura verbal, conforme a pessoa gramatical, parecem ser “trazer comigo”, “trazer contigo”, “trazer consigo” e “levar comigo”, “levar contigo”, a assim por diante. Observem-se os seguintes exemplos:

(190) *ña tũ-kwã ø-tej-ja-ry-nu n-e-re atiti-tekwa*  
 POSS1SG irmão-MASC 1-transportar-DIR-REFL-FUT 3-DECL-AUX milho-CLE  
 ‘Meu irmão vai trazer arroz.’ (Lit.: ‘Meu irmão vai trazer arroz consigo.’)

(191) *mi pja kani pi-pwa-ry-nu-ni mĩ-e-re ojo keke-o tyj-ni*  
 2SG POSS2SG filho 2-conduzir-REFL-FUT-3 2-DECL-AUX POSS3SG avó-POSS casa-OBL  
 ‘Você vai levar teu filho à casa da avó dele.’  
 (Lit.: ‘Você vai levar contigo seu filho à casa da avó dele.’)

Note-se {-ry} ainda em “estar alegre”:

(192) *ña muj tsutsu-ø-ry e-re*  
 POSS1SG mãe gostoso.RED-1-REFL DECL-AUX  
 ‘Minha mãe está muito alegre.’ (Lit. aprox: ‘Minha mãe está gostosa.’)

(193) *aj tsutsu-õ-ry e-re*  
 1SG gostoso.RED-1-REFL DECL-AUX  
 ‘Eu estou muito alegre.’ (Lit. aprox: ‘Eu estou gostoso.’)

<sup>141</sup> No sentido de “levar”, a mesma raiz exige {-ro} no lugar de {-ry} e não é seguida de {-ja}.

<sup>142</sup> Em Kanoê, a raiz {tsu-} significa “gordura”. Em certos contextos, conota “gostoso”; em outros “bom”.

Nos exemplos acima, a raiz {*tsu*-} literalmente significa gostoso, mas nesses casos, conota “estar bom”. Em outros, conota “gordura, gordo”. Em um caso raro, {-*ry*} aparece co-ocorrendo com {-*ro*} na estrutura de “estar triste” que, em sentido literal, é “estar pensando, estar pensativo”. Exemplos:

(194) *aj i-jẽ-ve-ry-ro e-re*  
 1SG 1-saber-CLV-REFL-CLV DECL-AUX  
 ‘Eu estou triste.’ (Lit.: ‘Eu estou pensativo.’)

(195) *mi pi-jẽ-ve-ry-ro mi-tsi*  
 2SG 2-saber-CLV-REFL-CLV 2-INT  
 ‘Você está triste?’ (Lit.: ‘Você está pensativo?’)

Note-se, nos exemplos acima, que o conceito verbal de “pensar” é formado por uma seqüência de morfemas: à raiz de {*jẽ*-} “saber” agregam-se {-*ve*}, que assinala incorporação do próprio corpo, {-*ry*}, que reflete o caráter introspectivo da ação, seguido de {-*ro*}.

#### 4.2.8 O morfema {-*o*}

Trata-se de um morfema de baixa frequência e de ocorrências muito restritas, se comparado aos produtivos {-*ro*} e {-*to*}. Até certo ponto, a função deste morfema é análoga à de {-*to*}, mas sua distribuição é distinta. Assim, enquanto {-*to*} só ocorre em estruturas transitivas e relacionado ao objeto, {-*o*} é restrito às intransitivas, relacionado ao sujeito, ao qual atribui o papel semântico de paciente do processo verbal. Logo, as ocorrências desse morfema também se opõem as de {-*ro*}. Assim, esse morfema está sendo interpretado como um classificador verbal marcador de intransitividade.

De fato, foram verificadas ocorrências de {-*o*} somente em estruturas nucleadas por certas raízes verbais não-ativas, para as quais não se pode falar em sujeito agente, mas paciente de um processo verbal. Entre essas raízes, destacam-se {*tũ*-} “morrer”, {*ẽtẽ*-} “estragar(-se)” e {*rwa*-} e “quebrar(-se)”. Exemplos:

(196) *ojo ævo mike tũ-o e-re*  
 POSS3SG homem já. morrer-INTR DECL-AUX  
 ‘O marido já dela morreu.’ ou ‘O homem dela já está morto.’

(197) *ava tũ-o e-re*  
 arara morrer-3-INTR DECL-AUX  
 ‘A arara morreu.’ ou ‘A arara está morta.’

(198) *jato keke tũ-o e-re*  
 POSS1PL avó morrer-INTR DECL-AUX  
 ‘Nossa avó morreu.’ ou ‘Nossa avó está morta.’

No exemplo a seguir, na mesma posição e com o mesmo valor ocorre {-*a*}:

(199) *ũa ype ẽtẽ-a e-re*  
 POSS1SG dente estragado-INTR DECL-AUX  
 ‘Meu dente está estragado.’

Em outro raciocínio, poderia se pensar que alomorfemas ou morfemas {-*a*} e {-*o*} seriam relacionados ao aspecto finito da ação verbal. Todavia, essa hipótese parece

inválida, quando se observa que eles ocorrem aparentemente na mesma posição do aplicativo {-to} ou a de incorporação, como se verifica no contraste entre (200) e exemplos subsequentes:

(200) *ñã mapi-ka rwa-ka e-re*  
 POSS1SG flecha-CLE.duro quebrar-CLE.duro DECL-AUX  
 ‘Meu arco de flecha quebrou-se.’

(201) *mapi rwa-a e-re*  
 flecha quebrar-INTR DECL-AUX  
 ‘A flecha está quebrada.’

(202) *ñã tsutsi-ra-e rwa-o e-re*  
 POSS1SG cortar-CLV-NLZ quebrar-INTR DECL-AUX  
 ‘Meu terçado está quebrado.’

Nota-se que em (200), o classificador específico {-ka} é incorporado na estrutura verbal, co-referente ao núcleo do SN-sujeito. Em (201), o SN-sujeito é um nome não-marcado por classificador e, assim, na mesma posição na estrutura verbal ocorre {-a}. Já em (202), a estrutura é análoga aos demais exemplos, mas, em lugar de {-a}, nota-se {-o}. Assim, se ambos têm o mesmo valor e se ocorrem em casos análogos, pode ser que se trate de um caso de alomorfia. É provável que {-a} seja apenas uma variação alomórfica de {-o}, paralela à de {-to} → [tɔ] ~ [ta], descrita em 4.2.8, com a conseqüente neutralização fonêmica vocálica ou decorrente dela. Por outro lado, quando se considera a sistematicidade da alternância entre {-a} e {-o}, intriga e incomoda considerá-la tão-somente um fenômeno de alomorfia, de modo que essa solução é apenas provisória.

#### 4.2.9 O aplicativo {-mo}

Em sintagmas verbais que traduzem as noções de “ter” ou “possuir”, {-mo} ocorre como aplicativo associado à idéia de possessividade do objeto. A propósito, é oportuno lembrar que as estruturas verbais para “ter” não seguem os paradigmas válidos para a grande maioria das raízes em Kanoê. São os únicos casos em que {-ō} ou {ō-} e {-pe}, {pe-}, flexões de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, ocorrem na cabeça da estrutura verbal. Além disso, em alguns casos, a raiz {tsi-} é intransitiva, impessoal e tem o sentido existencial de “haver”. Seu poder verbalizador é verificável em {vætsi-} “chover”, forma constituída de {væ-} “chuva” + {tsi-} “haver” ou em {ikuratsi-} “faz calor”, constituída de {ikura-} “suor, calor” + {tsi-}.

Por outro lado, como transitiva, essa raiz exige {-mo}, que assinala o papel semântico de “possuído” em relação ao objeto. Logo, em Kanoê, a noção verbal de “ter” é dada pela raiz {tsi-} e a coocorrência de {-mo}, um aplicativo que transitiviza a raiz verbal. Exemplos:

(203) *e ævo ø-tsi mo e-re*  
 mulher homem 3-ter APL.poss-DECL-AUX  
 ‘A mulher é casada.’  
 (Lit.: ‘A mulher tem homem.’)

(204) *aj aere oj õ-tsi mo-e-re*  
 1SG machado 3SG 1-ter APL.poss-DECL-AUX  
 ‘Eu tenho machado.’  
 (Lit. ‘Eu machado ele tenho.’)

Entretanto, se a sentença é negativa, não há posse. Por conseguinte, {-mo} não ocorre e sua posição é ocupada por {-ni}, marca flexional de 3<sup>a</sup>. pessoa. Há uma razão lógica e semântica para a não ocorrência do morfema em questão, pois, negando-se a posse, não há como afirmá-la e marcá-la morfossintaticamente. Comparem-se:

(205) *aj e õ-tsi mo e-re*  
 1SG mulher 1-ter APL.poss-DECL-AUX  
 ‘Eu sou casado.’ (Lit.: ‘Eu tenho mulher.’)

(206) *aj e õ-tsi ni-k-e-re*  
 1SG mulher 1-ter 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu sou solteiro.’ (Lit.: ‘Eu não tenho mulher.’)

(207) *aj ñoña õ-tsi ni-k-e-re.*  
 1SG ferida 1-haver 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não tenho pereba.’ (Lit.: ‘Eu não tenho ferida.’)

Do mesmo modo, nas interrogativas acerca da idéia de posse, não se verifica a ocorrência de {-mo}, mas se confirma {tsi-} como raiz para “ter”:

(208) *mi kani pe-tsi mi-tsi*  
 2SG criança 2-ter 2-INT  
 ‘Você tem filhos?’ (Lit.: ‘Você tem criança?’)

Parece haver aí a mesma razão lógico-semântica: se a posse do objeto não está sendo afirmada, mas antes questionada, não há razão para marcá-la morfossintaticamente. Ainda com o a mesma função {-mo} ocorre em exemplos como:

(209) *muj ña tsero tove mo e-re*  
 mãe POSS1SG chicha mel APL.poss-DECL-AUX  
 ‘Mãe, minha chicha está muito doce.’ (Lit.: ‘Mãe, minha chicha tem mel.’)

O quadro a seguir resume as características distribucionais dos morfemas enfocados em relação às estruturas verbais que os exigem e às funções argumentais de sujeito e objeto:

mor- fema	ESTRUTURA VERBAL							RELAÇÃO MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA						
	INTRANSITIVA				TRANSITIVA			SUJEITO					OBJETO	
	meteor	inativ.	estat.	ativa	ativa	poss.	refl.	força	agente	exper.	pac	possui dor	pac.	possuí do
{-o}	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
{-ro}	(+)	-	-	+	+	-	-	(+)	+	+	-	-	-	-
{-to}	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-
{-ry}	-	-	+	-	(+)	-	+	-	(+)	+	-	-	+	-
{-mo}	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-

Quadro 8: Distribuição dos classificadores e aplicativos verbais

No quadro acima, algumas raízes verbais, embora ativas e distintas das demais, como {ore-} “gripar” {ej-} “respirar”, que exigem {ry-}, por generalização e simplificação, foram tomadas como “estativas”. Para “gripar” o papel semântico do sujeito gramatical foi considerado “paciente” e, para “respirar”, “experenciador”, pois denota ação vital involuntária. Por outro lado, quando seguidas de {ry-}, raízes como {mama-} “morder(se)” e {tũjtũj-} “bicar(se)”, {i-(kuta)} “brigar” e casos similares, foram consideradas excepcionalmente como “transitivo-reflexivas”, como nos exemplos de (181) a (187). A raiz {tsi-} ‘ter’ foi considerada como “transitivo-possessiva”, nesse caso, o papel semântico do



sujeito como “possuidor” e o do respectivo objeto como “possuído”.

#### 4.2.10 Os classificadores verbais e a categoria de voz

Em Kanoê, a categoria gramatical de voz das estruturas verbais está relacionada aos papéis funcionais dos classificadores verbais. Nos casos em que ocorre, {-ro} marca a estrutura como ativa, pois exige no mínimo um argumento com o papel semântico de agente. Por sua vez, {-to}, como transitivizador, exige dois argumentos: um sujeito-agente e um objeto-paciente. Assim, as ocorrências alternadas ou simultâneas desses dois classificadores delimitam a voz verbal como ativa. No caso das raízes ativas que nunca os exigem, os papéis de agente e paciente são assinalados pela posição sintática dos argumentos e pela compatibilidade lógico-semântica entre nomes e conteúdo da raiz verbal.

Não existe um mecanismo gramatical regular para a transformação de uma oração na voz ativa para a passiva, válido para todas as sentenças ativas. Logo, não há voz passiva propriamente dita, mas tão-somente construções verbais de sentido passivo. Por sua vez, o que poderia ser considerado voz medial corresponde às ocorrências de {-ry} ‘REFL’. Do mesmo modo, não existe voz causativa, mas somente construções causativas, nas quais o predicado da oração principal é nucleado pelas raízes {vara} “falar” e {varo} “mandar”.

Contudo, há dois casos de relação entre predicado ativo e predicado estativo, semanticamente passivo, que merecem destaque:

1º.) predicados transitivos *não-incorporativos*: como {-to} relaciona-se ao papel de paciente do objeto direto; podem ocorrer casos em que o mesmo se refira a um sujeito paciente ou passivo, como no contraste entre os seguintes exemplos:

(210) *e kani pe-ja-to-kỹj e-re*  
mulher criança deitar-DIR-TRA-MASC DECL-AUX  
‘A mulher deitou o menino.’

(211) *kani pe-ja-to-kỹj e-re*  
criança deitar-DIR-TRA-MASC DECL-AUX  
‘O menino está deitado.’

Nota-se que em (210) a raiz {pe-} “deitar”, como transitiva, exige {-to}. Logo, há aumento de valência e a estrutura verbal requer um sujeito-agente *e* “mulher” e um objeto-paciente *kani* “criança”. Em (211), nota-se um sujeito-paciente e a natureza estativa do predicado.

2º.) *predicados incorporativos*: verifica-se um processo similar: sujeito-paciente e natureza estativa do predicado. Exemplos:

(212) *aj atiti-tekwa pærætæ ej-ru-ni jũ-tekwa e-re*  
1SG milho-CLE.semente panela grande-estômago-OBL cozinhar-CLE.semente DECL-AUX  
‘Eu cozinhei arroz na panela grande.’

(213) *atiti-tekwa jũ-tekwa e-re*  
milho-CLE.semente cozinhar-CLE.semente DECL-AUX  
‘O arroz está cozido.’

## 4.3 Morfemas direcionais

### 4.3.1 O direcional {-to}: movimento para o interior

O morfema {-to} tem status de direcional-locativo, indicando “para o interior de”, “para dentro de”. Ocorre sufixado a algumas raízes verbais denotativas de deslocamento no espaço físico. Trata-se de um morfema homófono a {-to} ‘TRA’ e não de uma função especial deste, pelas seguintes razões:

1<sup>a</sup>.) {-to} ‘TRA’ só ocorre com raízes transitivas, ao passo que {-to} ‘DIR’ ocorre com algumas raízes denotativas de movimento, não tem relação com a função de objeto direto, mas apenas com a de sujeito;

2<sup>a</sup>.) {-to} ‘DIR’ indica “para o interior de”, e assim se opõe-se a {-tu} “DIR”, de modo sistemático (vide 4.3.2). Exemplos:

(214) *erekanã tyj-ni vyry-to n-e-re*  
idoso casa-OBL deslocar-DIR 3-DECL-AUX  
‘O velho está entrando na maloca.’

(215) *kūkoe vawe-ni vyry-to e-re*  
tatu toca-OBL deslocar-DIR DECL-AUX  
‘O tatu entrou na toca.’

(216) *oky vyry-to-mu n-e-re kuni-ni*  
cobra deslocar-DIR-CLE.liqu 3-DECL-AUX água-OBL  
‘A cobra está entrando no rio.’

### 4.3.2 O direcional {-tu}: movimento para o exterior

Contrapondo-se a {-to} ‘DIR’, o direcional {-tu} sufixado a raízes como {vyry-} “deslocar-se” e {uj-} “ir”, indica direção “para o exterior de”, “para fora”. Exemplos:

(217) *erekanã tyj-ni vyry-tu n-e-re*  
idoso casa-OBL deslocar-DIR 3-DECL-AUX  
‘O velho está saindo da maloca.’

(218) *aj kuni-ni uj-õ-tu õ-e-re*  
1SG água-OBL ir-1-DIR 1-DECL-AUX  
‘Eu estou indo ao rio.’

### 4.3.3 O direcional {-ja}: movimento para baixo

As ocorrências de {-ja} ‘DIR.baixo’ são freqüentes em estruturas verbais nucleadas por raízes que denotam algum tipo de ação ou movimento vertical, quais sejam: {aj-} “sentar”, {para-} “cair”, {pej-} “deitar” e {tsu-} “agachar”. Exemplos:

(219) *aj aj-õ-ja õ-e-re æræra-ni* (220) *aj pe-õ-ja õ-e-re*  
1SG sentar-1-DIR 1-DECL-AUX banco-OBL 1SG deitar-1-DIR 1-DECL-AUX  
‘Eu estou sentado no banco.’ ‘Eu estou deitado.’

(221) *alešādri tsu-ø-ja e-re*  
 Alexandre agachar-3-DIR DECL-AUX  
 ‘Alexandre está agachado.’

(222) *ajte æpy pe-õ-ja no-e-re*  
 1PL castanha deitar-1-DIR VOL-DECL-AUX  
 ‘Nós queremos derrubar castanhas.’

Além disso, {-ja} ocorre em estruturas nucleadas por {pæ-} “dançar” (possivelmente “bater os pés”) e {teva-} “brincar”. Exemplos:

(223) *aj pæ-õ-ja õ-e-re*  
 1SG dançar-1-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou dançando.’

(224) *ajte pæ-væ-ja õ-e-re*  
 1PL dançar-DU-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Nós dois estamos dançando.’

(225) *aj mi teva-ja-õ-to no-e-re*  
 1SG 2SG brincar-DIR-1-TRA VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu quero brincar com você.’

Outra evidência do valor de direcional desse morfema é dada pela seqüência de *tepy* “terra” + {-ja} ‘DIR.baixo’ + {-ni} ‘OBL’ → *tepyjani*, que significa “fazer cair no chão, desmanchar, derrubar”, como neste exemplo:

(226) *kapeãw jato atsoni tepy-ja-ni*  
 vamos-IMP POSS1PL aldeia terra-DIR-OBL  
 ‘Vamos derrubar nossa maloca.’ (Lit.: ‘Vamos nossa aldeia para baixo na terra.’)

#### 4.3.4 O direcional {-mu}: movimento para cima

Por enquanto, tem-se apenas poucos registros de {-mu} ‘DIR.’ que, embora homófono, não se confunde com o classificador para líquidos, pois as ocorrências são distintas. Como direcional, esse morfema ocorre em estruturas verbais que denotam um movimento composto, ou seja, uma ação de baixo para cima. Por essa razão, coocorre com outro direcional. Observe-se o seguinte exemplo:

(227) *tsere-to-mu-j-ãw*  
 ver-3-TRA-DIR-DIR-IMP  
 ‘Olha para cima!’

Em (227), nota-se que o direcional {-ja} perde a vogal antes de {-ãw}. Em casos mais complexos, além de {-mu} e {-ja}, a ocorrência de dois {-to}, dificulta muito a compreensão, de tal modo que ainda não se pode assegurar a constituição morfológica precisa da estrutura verbal em:

(228) *opera-tsíkwa tsere-to-mu-ja-to e-re kiki*  
 onça-DIM ver-TRA-DIR-DIR-TRA DECL-AUX periquito  
 ‘O gato está olhando o periquito de baixo para cima.’

Nesse exemplo, colhido numa situação concreta, pois havia um gato no solo olhando para um periquito em uma gaiola na parede. O informante MK traduziu a forma verbal acrescentando o “de baixo para cima”, espontaneamente. O referente-sujeito estava numa posição inferior, daí a ocorrência de {-ja} “para baixo, de baixo”. Por sua vez, o referente-objeto se encontrava em posição superior, daí {-mu} “para cima”. O valor direcional desse morfema e sua coocorrência com {-to} também se evidenciam nos seguintes exemplos:

(229) *kwikaj ty-to-mu-kaj e-re*  
 sol movimentar-DIR-DIR-sol DECL-AUX  
 ‘Oito horas da manhã.’ (Lit: ‘O sol está movimentando para dentro e para cima.’)

(230) *iry ty-to-mu n-e-re ytse-ni*  
 macaco movimentar-DIR-DIR 3-DECL-AUX árvore-OBL  
 ‘O macaco subiu na árvore.’

(231) *itevæ te-to-mu n-e-re*  
 gente andar-DIR-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘O homem está subindo.’ (Lit.: ‘Gente está andando para dentro e para cima.’)

A oposição entre os valores semânticos dos direcionais {-*mu*} “para cima” e {-*ja*} “para baixo” se confirma a partir do confronto entre os exemplos acima e os dois subsequentes:

(232) *iry ty-ja n-e-re*  
 macaco movimentar-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘O macaco está descendo.’

(233) *kani ty-ja-nu n-e-re*  
 criança movimentar-DIR-FUT 3-DECL-AUX  
 ‘O menino vai descer.’ (Lit.: ‘A criança vai descer.’)

#### 4.3.5 O direcional {-*vo*}: movimento para baixo

O morfema {-*vo*}<sup>143</sup> tem status de “direcional para baixo”, assim como {-*ja*}. Considerada a imprevisibilidade das ocorrências esparsas desse morfema, não se pôde ainda determinar sua distribuição em relação ao outro direcional de mesmo valor. Comparem-se:

(234) *itevæ ty-vo n-e-re ytse-ni*  
 gente movimentar-DIR 3-DECL-AUX árvore-OBL  
 ‘O homem está descendo.’ (Lit.: ‘Gente está descendo.’)

(235) *uru-nake ty-ja n-e-re*  
 novo-FEM movimentar-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘A moça está descendo.’

(236) *aj tsere-vo õ-e-re*  
 1SG ver-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou olhando para baixo.’

Uma visão preliminar do sistema de morfemas direcionais do Kanoê pode ser resumida no seguinte quadro:

<sup>143</sup> Assim como {-*o*}, {-*ro*} e {-*to*}, esse morfema também se sujeita à variação [o] ~ [a].

GLOSA	MORFEMA	VALOR DIRECIONAL			
		para dentro	para fora	para baixo	para cima
DIR	{-to}	+	-	-	-
	{-tu}	-	+	-	-
	{-ja}	-	-	+	-
	{-vo}	-	-	+	-
	{-mu}	-	-	-	+

Quadro 9: Distribuição dos direcionais

#### 4.4 Incorporação nominal instrumental

Em Kanoê, existe ainda uma série de outros morfemas verbais sufixais, alguns dos quais parecem funcionar como classificadores verbais, cuja função seria a de especificar, delimitar ou restringir o conteúdo semântico da raiz.

Considerando que alguns desses morfemas verbais têm origem etimológica em raízes nominais relativas a partes do corpo humano com a quais determinadas ações são instrumentalizadas, não foram considerados classificadores verbais. Esses casos mais claros e específicos estão sendo interpretados e glosados pelo conteúdo semântico, a fim de evidenciar que se trata do fenômeno de incorporação nominal instrumental. Por exemplo, uma ação que implica o uso das mãos: {pe-} “dar” + (FP) + {-tso} ‘IN’ (“dedo, mão”) = *pe-(õ)-tso* “dar”.

Algumas estruturas verbais assim construídas configuram casos especiais, que, até certo ponto, parecem fugir aos paradigmas regulares anteriormente apresentados. No entanto, uma análise mais profunda revela que a incorporação nominal, parcial ou total, ocorre de modo sistemático na mesma posição prototípica da incorporação de classificadores ou do transitivizador {-to}. Assim, embora na aparência certas estruturas pareçam exceções, em essência não o são. É o caso da estrutura para “barbear-se”, na qual o objeto direto *ytautsi* “barba” é integralmente absorvido no predicado:

(237) *aj kuj-ve-ytautsi õ-e-re*

1SG raspar-CLV-barba 1-DECL-AUX

‘Eu estou me barbeando.’ (Lit.: ‘Eu estou raspando minha barba.’)

Em (238), elicitado com MK, nota-se a incorporação de {-tsonu}, nome na função de núcleo do argumento na função objeto direto. Em (239), elicitado com PK, verifica-se o mesmo tipo de incorporação:

(238) *kani opera-tsíkwa ojo tsonu tapa-e-tsonu n-e-re*

criança onça-DIM POSS3SG rabo pisar-ASP-rabo 3-DECL-AUX

‘O menino está pisando no rabo do gato.’

(239) *mi oroe-tinu topi-e-tinu tapa-pe-tinu-kũ*

2SG barro-CLE.pastoso podre-NLZ-CLE.pastoso pisar-2-CLE.pastoso-NEG

‘Você não está pisando em barro podre?’

Já em (240) e (241), abaixo, elicitado com TK, ocorre a incorporação de {-tsotsi} “pé”, instrumento da ação:

(240) *aj i õ-e-re tō y tapa-e-tsotsi e-re*  
 1SG chorar 1-DECL-AUX porque espinho pisar-ASP-pé DECL-AUX  
 ‘Eu estou chorando porque pisei num espinho.’

(241) *aj y tapa-e-tsotsi e-re tō iva-eko i õ-e-re*  
 1SG espinho pisar-ASP-pé DECL-AUX porque doer-COP chorar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou chorando porque pisei num espinho.’

Os quatro exemplos, elicitados com informantes distintos, parecem refletir certa flexibilidade no sistema de incorporação nominal em casos especiais. Os exemplos de MK e PK incorporam o objeto “pisado” da ação de pisar, enquanto nos dados de TK, parece incorporação instrumental: incorpora-se “pé”, instrumento inerente à ação de pisar.

Há outros casos mais raros e mais complexos, como {*tyveko*-} “levar nas costas” ou {*pevako*-} “carregar nas costas”, nos quais se nota a provável aglutinação e fossilização de uma seqüência de morfemas. Exemplos:

(242) *aj ty-ve-ko õ-e-re ña uru*<sup>144</sup>  
 1SG movimentar-CLV-costas 1-DECL-AUX POSS1SG novo  
 ‘Eu estou levando minha irmãzinha nas costas.’

(243) *aj uræ peva-ko n-e ty õ-no-e-re*  
 1SG porco carregar-costas 3-DECL movimentar 1-VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu vou carregar o porco nas costas.’

É possível que, em (242), a noção de “levar nas costas” seja dada pela aglutinação de {*ty*-} “movimentar” + {*ve*-} ‘CLV’ + {-*ako*} “costas”, do ponto de vista etimológico.

## 4.5 Outros morfemas verbais:

### 4.5.1 O morfema {-*ve*}

As ocorrências de {-*ve*} são restritas a estruturas verbais que fazem referência ao corpo humano ou partes do mesmo, traduzindo algo como a incorporação do próprio corpo físico referencializado na ação verbal. As raízes {*kotso*-} “lavar-(se)” e {*taj*-} “enxugar-(se)” sempre ocorrem seguidas de {-*ve*}, se o objeto direto é nome referente a parte ou órgão do corpo humano. Nesses casos, a ocorrência de SN-objeto é facultativa, pois as estruturas verbais já o incorporam, como nas três sentenças abaixo:

(244) *aj (ña i-kÿj) kotso-ve-kÿj õ-e-re*  
 1SG (POSS1SG RN-olho) lavar-CLV-olho 1-DECL-AUX  
 ‘Eu vou lavar meus olhos.’

(245) *ña kani (ojo i-ña) kotso-ve-ña e-re*  
 POSS1SG criança (POSS3SG RN-rostho) lavar-CLV-rostho DECL-AUX  
 ‘Meu filho lavou o rosto.’

(246) *aj (ña i-tso) taj-ve-tso õ-e-re*  
 1SG (POSS1SG RN-dedo) enxugar-CLV-dedo 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou enxugando minha mão.’

<sup>144</sup> Redução de *urunake* ‘irmã mais nova’.

Se o objeto direto é *kani* “criança”, verifica-se a incorporação nominal total, paralela à ocorrência de {-ve}:

(247) *e ojo kani kotso-ve-kani n-e-re*  
mulher POSS3SG criança lavar-CLV-criança 3-DECL-AUX  
‘A mulher está dando banho no filho dela.’

(248) *aj ña kani taj-ve-kani õ-e-re*  
1SG POSS1SG criança enxugar-CLV-criança 1-DECL-AUX  
‘Eu estou enxugando meu filho.’

Não havendo referência direta a parte do corpo ou ao próprio corpo, o morfema {-ve} não ocorre e nem se efetiva a incorporação nominal. Exemplos:

(249) *pja e ita kotso n-e-re*  
POSS2SG mulher roupa lavar 3-DECL-AUX  
‘Tua mulher está lavando roupa.’

(250) *aj ña i-ta taja õ-e-re*  
1SG POSS1SG RN-pele enxugar 1-DECL-AUX  
‘Eu estou enxugando minha roupa.’

O mesmo morfema ocorre ainda junto às raízes {*tã-*} “dobrar” (= “fechar a mão”) e {*kæ-*} “desdobrar”, já que o SN-objeto faz referência a parte do corpo, representada na incorporação nominal. Exemplos:

(251) *aj ña i-tso ta-ve-tso õ-e-re*  
1SG POSS1SG RN-dedo dobrar-CLV-dedo 1-DECL-AUX  
‘Eu fecho minha mão’. (Lit.: ‘Eu dobro meus dedos.’)

(252) *aj ña i-tso kæ-ve-tso õ-e-re*  
1SG POSS1SG RN-dedo desdobrar-CLV-dedo 1-DECL-AUX  
‘Eu abro minha mão’. (Lit.: ‘Eu desdobro meus dedos.’)

Para (252), há uma construção paralela, na qual não ocorre a incorporação nominal:

(253) *aj ña i-tso kæ-ve-ry mo-e-re*  
1SG POSS1SG RN-dedo desdobrar-CLV-REFL APL.poss- DECL-AUX  
‘Eu abro minha mão’.

O morfema {-ve} ocorre ainda junto à raiz {*vyry-*}, que, seguida de direcionais, significa “entrar” ou “sair”, mas, nesse caso, é transitiva e significa “vestir”. Exemplos:

(254) *aj ña i-ta vyry-ve õ-e-re*  
1SG POSS1SG RN-pele deslocar-CLV 1-DECL-AUX  
‘Eu visto minha roupa.’

(255) *mi pja i-ta vyry-ve-mi-e-re*  
2SG POSS2SG RN-pele deslocar-CLV-2-DECL-AUX  
‘Você veste tua roupa.’

Nos exemplos acima, o nome *ita* é originalmente relacionado a parte do corpo, pois denota “pele, couro”, daí a ocorrência de {-*ve*}. Por extensão semântica, conota “roupa”. Já nos exemplos abaixo, embora não ocorra em relação a {*kotso*-} “lavar” e a {*taj*-} “enxugar”, em (249) e (250); o morfema {-*ve*} se agrega à raiz {*tso*-} “despir-se”, com o mesmo nome na função de OD:

(256) *aj ña i-ta tso-ve õ-e-re*  
 1SG POSS1SG RN-pele tirar-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu tiro minha roupa.’

(257) *mi pja i-ta tso-ve mi-e-re*  
 2SG POSS2SG RN-pele tirar-CLV 2-DECL-AUX  
 ‘Você tira tua roupa.’

#### 4.5.2 O morfema {-*twa*}

Esse morfema ocorre restrita e sistematicamente com determinadas raízes denotativas de estados físicos ou de saúde que têm alguma relação direta ou indireta com “pescoço” e ou “garganta”, sobretudo “estar rouco” e “estar gripado”. Incluem-se aí também “estar fraco” e “abraçar”. Quando se observa que o termo para “pescoço” é *i-twa*, é muito provável que também se trata de incorporação nominal. A estrutura canônica das estruturas verbais que o apresentam é: V → V<sub>raiz</sub>-(FP)-pescoço-(NEG) DECL-AUX. Exemplos:

(258) *aj oj-õ-twa e-re*  
 1SG gripar-1-pescoço DECL-AUX  
 ‘Eu estou gripado.’

(259) *mi koko-pe-twa e-re*  
 2SG rouco-2-pescoço DECL-AUX  
 ‘Você está rouco.’

(260) *aj karo-õ-twa k-e-re*  
 1SG forte-1-pescoço NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu estou fraco.’  
 (Lit.: ‘Eu não estou forte.’)

(261) *ameja zwãw uja-ø-twa e-re*  
 Amélia João abraçar-3-pescoço DECL-AUX  
 ‘Amélia abraçou João.’

#### 4.5.3 O morfema {-*kỹj*}

Este morfema parece ser originário de {*kỹj*-} raiz de “olho”, sobretudo porque restrito a sintagmas verbais como “dormir” e “sonhar”. Mais uma vez, trata-se de mais um caso de incorporação do nome da parte do corpo com a qual a ação é instrumentalizada. Comparem-se:

(262) *pja i-kỹj more-pe-kỹj e-re*  
 POSS2SG RN-olho bonito-2-olho- DECL-AUX  
 ‘Teus olhos são bonitos.’

(263) *aj mo-õ-kỹj õ-e-re ña munaw-ni*  
 1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX POSS1SG rede-OBL  
 ‘Eu durmo na minha rede.’

(264) *mo-ø-kỹj-to e-re*  
 dormir-1-olho-TRA DECL-AUX  
 ‘sonhar’



Poder-se-ia postular a descontinuidade da raiz para “dormir”, que seria então {*mo-*(FP)-*kɔ̃j*} dada a possibilidade de inserção de marca de flexão pessoal, como em (263). Porém, isso implicaria considerar todos os casos análogos de incorporação, nominal ou de classificadores nominais, como raízes verbais descontínuas, com flexão pessoal infixal, como nos exemplos de (258) a (261). Além do mais, geraria uma assimetria formal com as ocorrências de {-*to*} ‘TRA’, que também teria de ser considerado parte das raízes em que ocorre. Essa hipótese contraria todo o sistema gramatical do Kanoê. Daí a importância da distinção entre raiz e radical verbal. Estes, sim, podem ser descontínuos; aquelas, não. De outro modo, também seria incoerente tratar apenas esse caso como raiz descontínua, quando há muitas estruturas análogas em Kanoê.

#### 4.5.4 O morfema {-*ky*}<sup>145</sup>

A frequência deste morfema é muito baixa, restrita a raras ocorrências. Em princípio, {-*ky*} parece marcar a comitatividade de uma ação, como nestes exemplos:

(265) *aj oj nake pe-ja-to-ky-õ-to no-e-re*  
 1SG 3SG FEM deitar-DIR-TRA-COMIT-1-TRA VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu quero deitar com ela.’

(266) *aj mi pe-ja-to-ky-õ-to õ-no-e-re*  
 1SG 2SG deitar-DIR-TRA-COMIT-TRA 1-FUT-DECL-AUX  
 ‘Eu vou deitar com você.’

Vale lembrar que (265) foi elicitado em 1991, com MK; e (266) com TK, revistos em 2002. Apesar da distância temporal, as estruturas verbais são idênticas, o que garante não ter havido quaisquer equívocos dos informantes. Nesses exemplos, a raiz {*pe-*} “deitar” ocorre como transitiva (“deitar com”). Verifica-se aí a dupla ocorrência de {-*to*} ‘TRA’, concomitante com a de {-*ky*}. Ao tentar esclarecer essa questão, elicitando novos dados, a informante TK surpreendeu e usou uma construção analítica, dividindo a mesma idéia em dois predicados, no primeiro dos quais {-*ky*} ocorre com o mesmo valor comitativo aproximado:

(267) *e pe-ø-ja-ky-e-ko ævo pe-ø-ja-to-ro e-re*  
 mulher deitar-3-DIR-COMIT-DECL-COP homem deitar-3-DIR-TRA-CLV DECL-AUX  
 ‘A mulher está deitada com o marido.’

Os exemplos acima podem ser confrontados com outras estruturas nucleadas pela raiz {*pe-*} “deitar”, quais sejam:

a) com flexão pessoal bem marcada, como em todos os casos análogos:

(268) *aj pe-õ-ja õ-e-re*  
 1SG deitar-1-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou deitado.’

(269) *mi pe-pe-ja mi-e-re*  
 2SG deitar-2-DIR 2-DECL-AUX  
 ‘Você está deitado.’

<sup>145</sup> Não deve ser confundido com o homófono {-*ky*}, classificador para frutas especificadas.

b) com marcação de gênero:

(270) *kani pe-ø-ja-kỹj e-re*  
criança deitar-3-DIR-MASC DECL-AUX  
‘O menino está deitado.’

(271) *kani pe-ø-ja-nake e-re*  
criança deitar-3-DIR-FEM-DECL-AUX  
‘A menina está deitada.’

c) transitiva, com a ocorrência de {-to}, tanto na voz ativa, como em (272), quanto na construção de sentido passivo, como em (273):

(272) *e kani pe-ø-ja-to-kỹj e-re munaw-ni*  
mulher criança deitar-3-DIR-TRA-MASC DECL-AUX rede-OBL  
‘A mulher está deitando o menino na rede.’

(273) a. *kani pe-ø-ja-to-kỹj e-re munaw-ni*  
criança deitar-3-DIR-TRA-MASC DECL-AUX rede-OBL  
‘O menino foi deitado na rede.’

b. *e kani pe-ø-ja-to-nake e-re munaw-ni*  
mulher criança deitar-3-DIR-TRA-FEM DECL-AUX rede-OBL  
‘A menina foi deitada na rede.’

#### 4.5.5 O morfema {-mu}<sup>146</sup>

Conforme descrito em 4.1.5, {mu} ‘CLE’ para “líquidos” é incorporado na estrutura verbal, concordando com “água” como núcleo de SN-locativo. Mais um exemplo:

(274) *aki kuni-ni para-ja-mu n-e-re*  
pedra água-OBL cair-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
‘A pedra caiu na água.’ (Lit.: ‘A pedra está caindo na água.’)

Além de {para-} “cair” e {vry-} “deslocar-se”, esse morfema pode ocorrer ainda em estruturas nucleadas por {vava-} “arremessar”. Exemplo:

(275) *aj aki kuni-ni vava-õ-ro-mu õ-e-re*  
1SG pedra água-OBL arremessar-1-CLV-CLE.líqu 1-DECL-AUX  
‘Eu estou jogando pedras no rio.’

#### 4.5.6 O morfema {-tsi}

Este classificador ocorre esparsamente em determinados sintagmas verbais transitivos nos quais não há incorporação nominal nem a ocorrência de {-to} ‘TRA’. Numa relação de concordância não-transparente com o objeto direto, {-tsi} ‘CLG’ substitui a incorporação de nome ou classificadores ou e de ‘TRA’, ocupando-lhes a posição. Exemplo:

(276) *aj vara-õ-tsi õ-e-re portuges*  
1SG falar-1-CLG 1-DECL-AUX português  
‘Eu falo português.’

<sup>146</sup> Em Kanoê existe outro morfema homófono, de valor direcional.

É bom lembrar que esse morfema não pode ser confundido a raiz {*tsi*-} “existir, “ter” nem com {-*tsi*”} ‘INT’. Esses morfemas homófonos podem coocorrer, como nestes exemplos:

(277) *mi portuges vara-pe-tsi mi-tsi*  
 2SG português falar-2-CLG 2-INT  
 ‘Você fala Português?’

(278) *mi e pe-tsi mi-tsi*  
 2SG mulher 2-ter 2-INT  
 ‘Você é casado?’ (Lit.: ‘Você tem mulher?’)

#### 4.5.7 O morfema {-vi}

Este classificador genérico é restrito a predicados nucleados por {*pira*-} “azul, verde”, se o sujeito é nome de pássaro da família dos psitacídeos (arara, curica, papagaio etc.). Exemplos:

(279) *ava pira-vi e-re*  
 arara azul-CLG DECL-AUX  
 ‘A arara é azul.’

(280) *twīpæ pira-vi e-re*  
 curica azul-CLG DECL-AUX  
 ‘A curica é verde.’

Por esses dados, tem-se a impressão de que {-*vi*} seria um classificador específico para pássaros psitacídeos, mas não o é. O mesmo morfema ocorre ainda em (267), elicitado com TK, que contrasta com (268), elicitado com MK, onde na mesma posição ocorre {*ro*-}:

(281) *akita pira-vi e-re*  
 céu azul-CLG DECL-AUX  
 ‘O céu está (todo) azul.’

(282) *akita pira-ro e-re*  
 céu azul-CLV DECL-AUX  
 ‘O céu é azul.’

Parece que, nesses casos, {-*vi*} parece traduzir a idéia de integralidade ou totalidade, de tal modo que as traduções aproximadas poderiam ser, por exemplo, “A curica é toda verde.”, para (280) e “O céu está todo azul.”, para (281). Por outro lado, há uma forma foneticamente idêntica, que ocorre como forma livre, significando “só, sozinho”. Exemplos:

(283) *aj vi pa-õ-ro e-re*  
 1SG sozinho ficar-1-CLV DECL-AUX  
 ‘Eu fiquei sozinho.’

(284) *aj vi tyvæ-ro ae-ni aj atsi õ-k-e-re*  
 1SG sozinho caçar-CLV mato-OBL 1SG temer 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu ando sozinho no mato e não tenho medo.’

Há pelo menos um registro de {*vi*} co-ocorrendo com o numeral *pja* “um” verbalizado, compondo um sintagma verbal surpreendente, como nos seguintes exemplos:

(285) *aj vi pja-õ-ro õ-e-re kwini po õ-e-re*  
 1SG só um-1-CLV 1-DECL-AUX peixe capturar-1-DECL-AUX  
 ‘Eu vou pescar sozinho.’

(286) *aj vipja-õ-ro õ-k-e-re kwini po õ-e-re*  
 1SG só um-1-CLV 1-DECL-AUX peixe capturar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou pescar sozinho.’

O morfema {*vi-*} pode ocorrer eventualmente reduplicado, com sentido análogo, como se nota a partir do contraste entre os exemplos que se seguem:

(287) *oj tunemu koro-e-to n-e-re*  
 3SG veneno suicidar-ASP-TRA 3-DECL-AUX  
 ‘Ele se envenenou.’ (Lit. aprox.: ‘Ele suicidou com veneno.’)

(288) *oj tunemu vivi koro-e-to n-e-re*  
 3SG veneno só.RED suicidar-ASP-TRA 3-DECL-AUX  
 ‘Ele mesmo se envenenou.’ (Lit. aprox.: ‘Ele suicidou sozinho com veneno.’)

#### 4.6 Sintagmas verbais atributivos

Em Kanoê, ao contrário dos nomes, não existe lexicalmente uma classe prototípica de adjetivos, mas somente raízes verbais com conteúdo semântico adjetival (cf. 3.3.). Assim, os adjetivos são substituídos por uma classe de raízes verbais descritivas e qualificativas, que funcionam como núcleo de um predicado atribuível a um nome. A raiz {*more-*} “bom, bonito, certo”, por exemplo, só ocorre com um núcleo de um predicativo qualificativo. Não havendo diferença formal entre adjetivo e verbo, uma raiz de sentido adjetival só se realiza nos seguintes casos:

a) verbal, numa estrutura do tipo  $V_{\text{raiz}}\text{-(FP)\text{-(Gen)\text{-(NEG) DECL-AUX}}$ ;

(289) *ña kani tepũ-ø-kỹj e-re*                      (290) *aj ã-õ-kỹj e-re*  
 POSS1SG criança velho-3-MASC DECL-AUX                      1SG gordo-1-MASC DECL-AUX  
 ‘Meu filho está velho.’    ‘Eu estou gordo.’

b) nominalizada, num sintagma do tipo  $SN \rightarrow N [V_{\text{raiz}}\text{-(FP)\text{-NLZ}}$ . Exemplos:

(291) *itevæ voro-n-e*  
 gente preto-3-NLZ  
 ‘homem preto’

292) *tæræj pẽ-n-e*  
 pacu vermelho-3-NLZ  
 ‘pacupeba’, espécie de peixe

##### 4.6.1 Predicativos atributivos em construções negativas

Na maioria dos casos, não há no léxico Kanoê pares de raízes verbais qualificativas antônimas e distintas, como em Português “alto” *versus* “baixo” ou “bom” *versus* “ruim”. Assim sendo, a *litotes*, figura que consiste em afirmar algo pela negação de seu contrário, configura um recurso expressivo muito comum em Kanoê (cf. Bacelar & Silva Jr, 1996).

Isso significa dizer que, em Kanoê, as oposições semânticas entre boa parte das expressões predicativas não são dadas por itens lexicais antagônicos pertencentes a campos semânticos opostos. Antes, a maioria das oposições descritivas ou qualificativas se realizam no mesmo campo semântico, por intermédio de construções afirmativo-negativas litóticas dadas pelo morfema {-*k*} ‘NEG’. Desse modo, a afirmação de uma característica,

qualidade se opõe à negação da mesma: *more ere* “é bom” se opõe a *more nikere* “é ruim”, literalmente “não é bom”. Logo, a oposição semântica fica restrita a *afirmação* versus *negação*, e não a itens lexicais antônimos. Comparem-se:

(293) *e-o i-teñu ej-ø-teñu e-re*  
mulher-POSS RN-orelha grande-3-orelha DECL-AUX  
‘A orelha da mulher é grande.’

(294) *e-o i-teñu ej-ø-teñu k-e-re*  
mulher-POSS RN-orelha grande-3-orelha NEG-DECL-AUX  
‘A orelha da mulher é pequena.’ (Lit.: ‘A orelha da mulher não é grande.’)

#### 4.6.2 Concordância em predicados atributivos:

##### 4.6.2.1 Concordância de gênero

Como foi descrito em 3.4.3, nas sentenças atributivas, se o núcleo do sujeito é nome ou pronome marcado quanto a gênero ou ainda um nome de gênero inerente, o predicado concorda com esse núcleo, a partir de {-*kỹj*} para ‘MASC’ e {-*nake*} para ‘mulher, FEM’, tal como nos seguintes exemplos:

(295) *ña ævo æ-ø-kỹj e-re*  
POSS1SG homem gordo-3-MASC DECL-AUX  
‘Meu marido está gordo.’

(296) *ña e æ-ø-nake e-re*  
POSS1SG mulher gordo-3-FEM DECL-AUX  
‘Minha esposa está gorda.’

##### 4.6.2.2 Incorporação nominal em predicados atributivos

Em geral, nas orações atributivas, a raiz do núcleo de um SN-sujeito determinado por possessivo é incorporada após a raiz verbal e a flexão de pessoa, que concorda com o pronome possessivo. Assim, se o núcleo do sujeito é, por exemplo, nome referencial a parte ou órgão do corpo, a respectiva raiz é reiterada no predicado, conforme os exemplos abaixo:

(297) *pja i-teñu ej-pe-teñu e-re*  
POSS2SG RN-orelha grande-2-orelha DECL-AUX  
‘Tua orelha é grande.’

(298) *nã i-tso ej-õ-tso e-re*  
POSS1SG RN-dedo grande-1-dedo DECL-AUX  
‘Meus dedos são grandes.’

(299) *pja i-kỹj pira-pe-kỹj e-re*  
POSS2SG RN-olho azul-2-olho DECL-AUX  
‘Teu olho é verde.’

Em Kanoê, incorporação nominal às vezes pode surpreender: uma palavra que na maioria absoluta de suas ocorrências não sofre incorporação, de repente aparece parcialmente incorporada, revelando que sua estrutura interna é composta, do ponto de vista etimológico. É o que acontece com *kwikaj* “sol” ou *mitae* “lua”, se ocorrem na função de

sujeito de uma construção complexa, ao qual se atribui uma seqüência de predicados atributivos. Exemplos:

(300) *kwikaj ereã more-kaj-e kwi-kuta e-re*  
 sol grande bom-CLE-NLZ sol-cabeça DECL-AUX  
 ‘O sol é grande, bonito e é redondo.’

(301) *mita ej-ta e-re more-ta-e mita-kuta<sup>67</sup>-e-kjũ kjũ-re*  
 lua grande-lua DECL-AUX bom-CLE-NLZ lua-cabeça-DECL-DECL-3.IR 3.IR-AUX  
 ‘A lua é grande, bonita e redonda.’

Esses casos também poder ser interpretados como incorporação de uma das sílabas do nome por analogia com a incorporação de classificadores.

#### 4.6.2.3 Incorporação de classificador

Em vários casos, o classificador<sup>147</sup> específico do núcleo do SN-sujeito, fossilizado ou não, incorpora-se ao SV em predicados nucleados por certas raízes atributivas. Exemplos:

(302) *epykwã tsu-kwã e-re* (303) *atiti tsu-ti e-re*  
 amendoim gostoso-CLE DECL-AUX milho gostoso-CLE -DECL-AUX  
 ‘O arroz é gostoso.’ ‘O milho é gostoso.’

(304) *atiti-tæmu<sup>148</sup> tsu-tæmu e-re* (305) *atiti karo-ti e-re*  
 milho-CLE gostoso-CLE DECL-AUX milho duro-CLE DECL-AUX  
 ‘O beiju de milho é gostoso.’ ‘O milho está duro.’

Como se nota, a relação entre nome-sujeito e o respectivo classificador incorporado é transparente em alguns predicados nucleados por raízes descritivas ou atributivas tais como: {*karo-*} “duro”, {*pæ-*} “branco”, {*tsu-*} “gostoso”, {*uru-*} “novo”, {*voro-*} “preto”. Porém, essa relação é implícita e opaca em relação a nomes não marcados por classificador. No primeiro caso, ainda que o classificador esteja fossilizado, a incorporação o evidencia, como em (302), (303) e (305). Comparem-se os exemplos:

(306) *mitsire tẽ o-ø-kwa e-re* (307) *mitsire epy o-ø-kwa e-re*  
 quatipuru coco comer-3-CLE-DECL-AUX quatipuru castanha comer-3-CLE DECL-AUX  
 ‘O quatipuru come coco.’ ‘O quatipuru come castanha.’

(308) *tẽ karo-kwa-e-re* (309) *epy karo-kwa e-re*  
 coco duro-CLE-DECL-AUX castanha duro-CLE DECL-AUX  
 ‘O coco é duro.’ ‘A castanha é dura.’

Em (306) e (307) *tẽ* “coco” e *epy* “castanha” são referidos por {-*kwa*}, num predicado transitivo. Também o são em (308) e (309), em predicados atributivos.

#### 4.6.3 Sintagmas verbais atributivos comparativos

Para expressar o grau comparativo de superioridade ou de inferioridade, dois predicados atributivos são justapostos, um dos quais é uma negação em relação ao outro:

<sup>147</sup> Incluem-se aí as sílabas terminais que se ajustaram ao sistema da língua como classificadores (ex.: *atiti*)

<sup>148</sup> Este classificador específico é muito pouco produtivo, razão pela qual não foi listado em 3.4.6.1.

- (310) *uromu ereã e-re kometakãw ereã k-e-re*  
 jacaré grande DECL-AUX lagartixa grande NEG-DECL-AUX  
 ‘O jacaré é maior que a lagartixa.’ (Lit.: ‘O jacaré é grande, a lagartixa não é grande.’)

Para o comparativo de igualdade, duas sentenças afirmativas se justapõem, mas a segunda recebe o acréscimo de *maere* “também”, que equaciona a igualdade. Exemplo:

- (311) *ña tyj ej-turo e-re pja tyj ej-turo e-re ma-e-re*  
 POSS1SG casa grande-espaço DECL-AUX POSS2SG casa grande-espaço DECL-AUX também-DECL-AUX  
 ‘Minha casa é tão grande quanto a tua.’  
 (Lit.: ‘Minha casa é grande espaço, tua casa é grande espaço também.’)

#### 4.6.4 Sintagmas verbais descritivos cromáticos

Em Kanoê existem cinco raízes verbais básicas para cores, quais sejam: {*iene-*} “amarelo”, {*pæ-*} “branco”, {*pẽ-*} “vermelho” ou “alaranjado”, {*pira-*} “azul” ou “verde”, e {*vor-*} “preto” ou “marrom”. Para roxo ou violeta, a raiz {*pẽ-*} “vermelho” é determinada por {*vor-*} “preto”, resultando *pẽere vorotsie* “roxo” (= “vermelho escuro”). Exemplos:

- (312) *jati iene-ati e-re* (313) *jati pæ-ati e-re*  
 flor amarelo-flor DECL-AUX flor branco-flor DECL-AUX  
 ‘A flor é amarela.’ ‘A flor é branca.’
- (314) *tara pẽ-ro e-re* (315) *akita pira-turo e-re*  
 urucum vermelho-CLV DECL-AUX céu azul-espaço DECL-AUX  
 ‘O urucum é vermelho.’ ‘O céu é azul.’

Algumas dessas raízes podem ganhar outras conotações, de acordo com o contexto em que foram empregadas. Assim, {*vor-*} “preto, negro, escuro” pode significar “sujo” ou se nominalizar e significar “escuridão”, e até conotar “febre” ou “malária”<sup>149</sup>. Talvez haja aí uma extensão semântica entre “preto”, “morte”, “febre” e “escuridão da mente”.

Do mesmo modo, {*pæ-*} “branco” em certos casos pode significar “claro”, “limpo”, em outros “calvo, careca”. Por sua vez, {*pẽ-*} “vermelho” pode conotar “maduro”. Exemplos:

- (316) *aj voro-õ-tsi e-re* (317) *ña i-tsotsi voro-õ-tsotsi e-re*  
 1SG preto-1-CLG DECL-AUX POSS1SG RN-pé preto-1-pé DECL-AUX  
 ‘Eu estou com febre.’ ‘Meu pé está sujo.’

Note-se que {*pæ-*} “branco”, por oposição semântica sistemática a {*vor-*} “sujo”, pode significar “limpo”:

- (318) *ña i-tsotsi pæ-õ-tsotsi e-re*  
 POSS1SG RN-pé branco-1-pé DECL-AUX  
 ‘Meu pé está limpo.’ (Lit.: ‘Meu pé está branco.’)

Entretanto, ainda que a oposição supracitada tenha sido verificada, para as noções de “limpo” e “sujo”, o que se observa com mais frequência, é – mais uma vez – o recurso expressivo da litotes. Assim, (318) pode ser negada para a afirmação de seu contrário:

<sup>149</sup>Aqui caberia também postular duas raízes distintas, homófonas: {-*vor-*} ‘preto’ versus {-*vor-*} ‘febre’.

(319) *ña i-tsotsi pæ-õ-tsotsi k-e-re*  
 POSS1SG RN-pé branco-1-pé NEG-DECL-AUX  
 ‘Meu pé está sujo.’ (Lit.: ‘Meu pé não está branco.’).

#### 4.7 As categorias de modo e as modalidades

Considerando-se as possibilidades de realização do modo verbal, em Kanoê não existem marcas morfológicas específicas, nos sintagmas verbais, para a distinção entre modo indicativo e subjuntivo. Porém, é possível distinguir categorias modais morfológicamente marcadas, quais sejam: a) modo declarativo, b) modo interrogativo, c) modo imperativo. Incidem sobre o declarativo as nuances de volitividade e sobre o imperativo a exortatividade, no âmbito da sentença, de acordo com o contexto pragmático.

##### 4.7.1 Modo declarativo

O modo declarativo é subdividido em dois submodos, sejam eles o *declarativo-afirmativo* e o *declarativo-negativo*, abaixo detalhados.

##### 4.7.1.1 Modo declarativo-afirmativo

Em Kanoê, o modo *declarativo-afirmativo* se caracteriza pela ocorrência sistemática, de {-e} ‘DECL’ no domínio de TMA. Exemplo:

(320) *tsinamaty ove-o i-utã o-ø-ro-to n-e-re*  
 Txinamanty cutia-POSS RN-osso segurar-3-CLV-TRA 3-DECL-AUX  
 ‘Txinamanty está segurando o osso de cutia.’

Entretanto, em algumas sentenças complexas, nas quais se verifica a ocorrência de {*kjũ*} ‘3.IR’ na fronteira de uma forma verbal no passado, o marcador de modo declarativo não ocorre, como em (321):

(321) *jũ e aj mi vara-õ-ro-pe-to-kjũ kjũ-re*  
 DEM.prox mulher 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA-3.IR 3.IR-AUX  
 ‘Esta é a mulher da qual eu falei com você.’

No exemplo a seguir, foram omitidas todas as marcas morfológicas no âmbito de TMA, mas a sentença é declarativa. O modo aqui é dado pela entoação:

(322) *aj kuni para-ve-ja-mu ajũkoe-ni*  
 1SG água cair-CLV-DIR-CLE lagoa-OBL  
 ‘Eu caí na lagoa.’

##### 4.7.1.2 Modo declarativo-negativo

Em Kanoê, o *declarativo-negativo* em Kanoê é marcado pela simples inserção de {-k} ‘NEG’ antes do marcador de modo declarativo-afirmativo. Exemplos:

(323) *aj ja õ-e-re*  
 1SG querer 1-DECL-AUX  
 ‘Eu quero.’

(324) *aj ja õ-k-e-re*  
 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não quero.’



A ocorrência de *tsokere* “não”, que geralmente ocorre na cabeça de uma sentença, pode marcá-la duplamente como declarativo-negativa:

- (325) *tsokere oj tūvo ni-k-e-re*  
 não 3SG adoeecer 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Não, ele não está doente.’

Em outras sentenças declarativo-negativas, para negar uma ação inconclusa ou futura, nota-se a ocorrência do morfema {-*kū*} ‘NEG’, em oposição a {-*nu*}, que marca o futuro afirmativo, como atesta o contraste entre (326) e as sentenças subseqüentes:

- (326) *aj o-ō-ro-nu ō-e-re ña mapi-ka*  
 1SG segurar-1-CLV-FUT 3-DECL-AUX POSS1SG flecha-CLE  
 ‘Eu vou levar meu arco.’

- (327) *tsokere aj o-ō-ro-kū ō-e-re ña mapi-ka*  
 não 1SG segurar-1-CLV-NEG 1-DECL-AUX POSS1SG flecha-CLE  
 ‘Não, eu não estou levando meu arco.’

- (328) *kamitsi vættsi vættsi e-re mini vætts-kū n-e-re*  
 ontem chuva-ter chuva-ter DECL-AUX hoje chuva-ter-NEG 3-DECL-AUX  
 ‘Ontem choveu muito, hoje não vai chover.’  
 (Lit.: ‘Ontem choveu muito, hoje não vai estar chovendo.’)

- (329) *aj vajvaj-ō-kū ō-e-re*  
 1SG cantar.RED-1-NEG 1-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou cantar.’

- (330) *aj vajvaj-ō-kū pæ-ja-ō-kū ō-e-re*  
 1SG cantar.RED-1-NEG dançar-DIR-1-NEG 1-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou cantar nem dançar.’

#### 4.7.2 Modo interrogativo

O modo *interrogativo* é caracterizado pela entoação ascendente, se divide em dois submodos marcados por morfemas distintos: *interrogativo-positivo* e *interrogativo-negativo*.

##### 4.7.2.1 Modo interrogativo-positivo

O *interrogativo-positivo* é marcado por {-*tsi*} ‘INT’, como forma presa na fronteira final de estruturas verbais. Exemplos:

- (331) *pyytsi ru pe-tso-tsi*  
 mutum ferir 2-dedo-INT  
 ‘O mutum bicou seu dedo?’

- (332) *mī pi-pateñu-to-tsi kuni kū-o-ni tyj-o-ni*  
 2SG 2-conhecer-TRA-INT água caminho-POSS-OBL casa-POSS-OBL  
 ‘Você sabe o caminho de casa?’ (Lit.: ‘Você conhece o rio do caminho de casa?’)

Visto que {-*tsi*} ocorre também na constituição dos pronomes interrogativos (cf. 3.5.5), nas sentenças iniciadas por esses pronominais, não raro, pode haver redundância na marcação desse modo, como em (333):

- (333) *nuvi-tsi ñã e kani tsere-ø-to-tsi*  
 alguém-INT POSS1SG mulher criança ver-3-TRA-INT  
 ‘Quem viu minha filha?’

#### 4.7.2.2 Modo interrogativo-negativo

O modo *interrogativo-negativo*, além da entoação ascendente, no nível morfológico é marcado por {-*kũ*} ‘NEG’, na fronteira final da estrutura verbal. Exemplos:

- (334) *mi pi-jẽ-to-kũ tyj po-ro-e*  
 2SG 2-saber-TRA-NEG casa fazer-CLV-NLZ  
 ‘Você não sabe fazer maloca?’

- (335) *mi æj pwã-mi-kũ*  
 2SG folha fumar-2-NEG  
 ‘Você não quer fumar?’

- (336) *mi pi-memu-ro-kũ gwazara*  
 2SG 2-gostar-CLV-NEG Guajará?  
 ‘Você não gosta de Guajará-Mirim?’

#### 4.7.3 Modo imperativo

O modo imperativo também se divide em *afirmativo* e *negativo*. Do ponto de vista fonético-fonológico, caracteriza-se pela entoação descendente, e, do ponto de vista sintático, pela supressão ou posposição do sujeito em orações intransitivas e pela posposição do objeto em sentenças transitivas. Concomitantemente, podem ocorrer ou não marcas morfológicas para esse modo. Porém, há muita variação nas sentenças imperativas. Em certos casos, são regulares e previsíveis; em outros, imprevisíveis.

##### 4.7.3.1 Modo imperativo-afirmativo

A marcação mais regular e previsível do modo *imperativo-afirmativo* é dada pelo morfema {-*ãw*} ‘IMP’, em geral em sentenças nucleadas por raízes transitivas da **Subclasse II-B** (as que exigem {-*to*} ‘TRA’) ou por raízes transitivas incorporativas:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(337) <i>kots-ãw pja i-ta</i><br/>         lavar-IMP POSS2SG RN-pele<br/>         ‘Lava tua roupa!’</p> | <p>(338) <i>kotso-ve-ts-ãw pja i-tso</i><br/>         lavar-CLV-dedo-IMP POSS2SG RN-dedo<br/>         ‘Lava tuas mãos!’</p> |
| <p>(339) <i>tsere-t-ãw ereremu</i><br/>         ver-TRA-IMP pombo<br/>         ‘Veja um pombo!’</p>        | <p>(340) <i>kani taja-kut-ãw</i><br/>         criança enxugar-cabeça-IMP<br/>         ‘Menino, enxuga a cabeça!’</p>        |

Como se vê, a ocorrência de {-*ãw*} acarreta a queda da vogal final em raízes verbais, como a de {-*kotso*-} “lavar” em (337); nominais, como a de {-*tso*} “dedo” em (338), e a do aplicativo {-*to*}, em (339) e a de {-*kuta*} “cabeça” em (340). A marca de imperativo é sufixada à raiz {-*kape*-}, na raiz verbal exortativa *kapeãw* “vamos”. Exemplo:

- (341) *kape-ãw tẽ-ko-mu itæ*  
 vamos-IMP coqueiro-CLE.coco-CLE.líqui beber  
 ‘Vamos beber água de coco!’

Por outro lado, outros casos de imperativo são dados por:

a) pela posposição do sujeito, em imperativas intransitivas:

- (342) *aj-ja mĩ*  
 sentar-DIR 2SG  
 ‘Fica quieto!’ (Lit.: ‘Senta você!’)

b) apenas pela supressão do sujeito e entoação descendente:

- (343) *kuni tsa-mu*  
 água buscar-CLE.líqui  
 ‘Vá buscar água!’

#### 4.7.3.2 Modo imperativo-negativo

Além da entoação descendente no plano frasal, não há marca morfológica específica para o imperativo negativo. Assim, *imperativo-negativo* e *proibitivo*, a maioria dos casos, são assinalados pela ocorrência de {-ku} ou de {-k}, ambos ‘NEG’. Exemplos:

- (344) *akiki-e-mi-ro-kũ* (345) *jũ mati põ-mi-ky-kũ*<sup>150</sup>  
 gritar-ASP-2-CLV-NEG DEM.prox fruta. comer-2-CLE-NEG  
 ‘Não fica gritando!’ ‘Não coma esta fruta!’

- (346) *po-mi-ro-kũ jũ*  
 fazer-2-CLV-NEG DEM.prox  
 ‘Não faça isso!’

#### 4.7.4 Exortatividade

Não existe uma marca morfológica específica para a exortatividade. Essa modalidade tem como escopo toda a sentença. É assinalada pela ocorrência sistemática de {*kape-ãw*}, na cabeça do enunciado. Exemplo:

- (347) *kape-ãw õkwa-tsíkwa pyryry-væ*<sup>151</sup>  
 vamos-IMP pássaro-DIM flechar-DU  
 ‘Vamos caçar passarinhos.’

#### 4.7.5 Volitividade

Não propriamente um modo, mas uma modalidade que incide sobre o declarativo, a *volição* é marcada por morfema {-no} ‘VOL’, que expressa vontade ou desejo. Exemplos:

<sup>150</sup> Aqui a informante usou o classificador {-ky} para frutas especificadas e não {-ti}, como se esperava.

<sup>151</sup> Essa raiz, em outros casos ocorre apenas como {pyry-}.

(348) *kani mo-ø-kỹj no-e-re*  
 criança dormir-3-olho VOL-DECL-AUX  
 ‘O menino quer dormir.’

(349) *aj etsivi-ũ no-e-re*  
 1SG urinar-ASP VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu quero urinar.’

(350) *papa aj kwini u no-e-re*  
 pai 1SG peixe comer VOL-DECL-AUX  
 ‘Pai, eu quero comer peixe.’

O *volitivo* pode se realizar, nos níveis semântico e pragmático-discursivo, por meio da raiz transitiva {*ja-*} “querer”, pois é inerente ao conteúdo semântico da mesma. Em tais casos, do ponto de vista morfossintático, a sentença é declarativa afirmativa ou negativa. Exemplos:

(351) *aj ja õ-k-e-re eremu*  
 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX jenipapo  
 ‘Eu não quero jenipapo.’

(352) *jũ tsituro ja-õ-turo k-e-re*  
 DEM.prox lugar querer-1-espaco NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não quero ficar aqui.’ (Lit.: ‘Este espaço eu não quero.’)

As categorias de modo podem ser resumidas no quadro a seguir:

CATEGORIAS DE MODO	SUBMODOS E MODALIDADES	MARCAS MORFOLÓGICAS	GLOSA	ESCOPO
declarativo	afirmativo	{-e}	DECL	morfossintaxe verbal
	negativo	{-k}	NEG	
interrog. direto	positivo	{-tsi}	INT	
	negativo	{-kũ}	NEG	
imperativo	afirmativo	{-ãw}	IMP	
	exortativo			
	negativo	{-kũ}	NEG	

Quadro 10: Categorias e subcategorias de modo

#### 4.8 Tempo e aspecto

A categoria gramatical de tempo verbal em Kanoê é dada por um sistema que opõe as estruturas do futuro, morfologicamente marcadas por {-*nu*}, às do presente contínuo e do passado, que não têm marcas morfológicas específicas. Por sua vez, a distinção entre o presente contínuo e o passado é assinalada pela presença ou não das marcas flexionais de pessoa, no escopo de {-*re*} ‘AUX’. Assim, os sintagmas verbais no presente contínuo se caracterizam pela ocorrência de marcas de flexão pessoal, opondo-se às estruturas do passado perfeito, que não as

apresentam. É importante lembrar que {-nu} ‘FUT’ ocorre no escopo da raiz verbal principal, ao passo que o escopo do presente contínuo e do passado é em torno do auxiliar {-re}. O infinitivo, não propriamente um tempo, é uma forma nominalizada da estrutura verbal.

Nesse sistema, acumulam-se as noções aspectuais, de modo que o passado é *perfectivo*, denotando um evento finito, concluso; o presente é *progressivo*, denotando um evento em curso; e o futuro é *incoativo*, denotando um evento que poderá ocorrer em algum momento posterior ao do enunciado. A caracterização dos tempos verbais se reflete no Quadro 11:

TEMPO	CARACTERIZAÇÃO			
	traços aspectuais	marca morf	flexão pess.	escopo
PASSADO	perfectivo / finito/ concluso	-	-	{-nu}
PRESENTE	contínuo / progressivo	-	+	
FUTURO	incoativo	{-nu}	-	V.raiz

Quadro 11: Caracterização dos tempos verbais quanto a tempo e aspecto

Embora esse sistema pareça funcionar como princípio geral, a ele se relacionam a natureza das raízes verbais e a forma como ocorrem (simples ou reduplicadas), de modo que as noções de tempo, aspecto e modo verbal se superpõem. Assim, por exemplo, uma raiz verbal reduplicada pode denotar freqüentatividade ou intensividade ou a imperfectividade aspectual. Acrescente-se a isso que, no contexto frasal, as noções temporais e aspectuais podem ser condicionadas pela ocorrência de advérbios de tempo, como neste exemplo:

(353) *kamitsi ivo mūmū e-re*

ontem cará plantar.RED DECL-AUX

‘Ontem eu plantei cará.’ (Lit.: ‘Ontem eu estava plantando cará.’)

Como se observa, no exemplo acima, do ponto de vista da morfologia verbal, a não ocorrência da marca de marca flexional, caracteriza-a como passado. Além disso, a ocorrência do advérbio de tempo na cabeça da estrutura também condiciona a interpretação da ação verbal como no passado. Por sua vez, a reduplicação da raiz assinala a imperfectividade ou a progressividade da ação no passado próximo. Portanto, o sistema de categorização temporal em Kanoê é flexível, ajusta-se ao contexto frasal, situacional e às necessidades expressivas dos falantes.

#### 4.8.1 O presente progressivo versus o passado perfectivo

A maioria absoluta dos dados sob análise indicia que, em Kanoê, a concepção aspectual do presente é como *contínuo* ou *progressivo*, denotando o curso de um evento, no caso de raízes verbais ativas. Logo, superpõem-se aí as noções de tempo *presente* e aspecto *contínuo* ou *progressivo* e, decorrentemente, um evento *inconcluso*, em sentenças declarativo-afirmativas. No caso de raízes atributivas, descritivas ou qualificativas, o presente denota aspecto *permansivo*. No sintagma verbal, a noção de *presente* é construída, na absoluta maioria dos casos, pela ocorrência das marcas de flexão pessoal, antes da terminação antes de {-re.} ‘AUX’. Exemplo:

(354) *ñã kani mo-ø-kỹj n-e-re ojo munaw-ni*  
 POSS1SG criança dormir-3-olho 3-DECL-AUX POSS3SG rede-OBL  
 ‘Meu filho está dormindo na rede dele.’

Nos exemplo acima, se for omitida a flexão pessoal em TMA, a forma verbal fica no passado perfeito e a ação se torna conclusa. Isso se evidencia no contraste entre os seguintes pares de exemplos:

(355) *aj mutyri-ko-mu itæ õ-e-re* (356) *aj mutyri-ko-mu itæ e-re*  
 1SG açai-CLE.coco-CLE.líqu beber 1-DECL-AUX 1SG açai-CLE.coco-CLE.líqu beber DECL-AUX  
 ‘Eu estou bebendo vinho de açai.’ ‘Eu bebi vinho de açai.’

(357) *iriri-ro n-e-re* (358) *iriri-ro e-re*  
 correr-CLV 3-DECL-AUX correr-CLV DECL-AUX  
 ‘Está correndo.’ ‘Correu.’

Logo, os sintagmas verbais que apresentam flexão pessoal não podem ser interpretados como passado *perfectivo*, e sim como *presente contínuo*, durativo, ainda que o evento seja finito, como neste exemplo:

(359) *kani para-ø-ja n-e-re*  
 criança cair-3-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘O menino caiu.’ (Lit.: ‘A criança está caída.’)

A par da ausência de flexão pessoal em TMA, em alguns casos assistemáticos, o passado perfectivo aparece pela adição de {-*tsere*} no final da sentença. Como ainda não foi possível desvendar plenamente a forma {-*tsere*-}, que é homófona à raiz de “ver”, em caráter preliminar, será tratada como “PASS”. Exemplos:

(360) *kamitsi aj kwini po õ-e tsere-re*  
 ontem 1SG peixe capturar 1-DECL PASS-AUX  
 ‘Ontem eu fui pescar.’

(361) *kamitsi ñã e kwini peoj-e tsere-re*  
 ontem POSS1SG mulher peixe assar-NLZ PASS-AUX  
 ‘Ontem minha mulher assou peixe.’

(362) *aj tyvæ-ro-ehĩ kũkoe re ikũkũtæ tsere-re*  
 1SG caçar-CLV-COP tatu matar tracajá PASS-AUX  
 ‘Eu fui caçar tatu e matei tracajá.’

Por outro lado, considerando-se a estrutura frasal, a distinção entre o passado próximo e o passado remoto pode vir marcada por meio do emprego de advérbios de tempo, tais como *kamitsi* “ontem”, para o passado próximo, ou *mike* “já, há muito tempo”, para o passado remoto. Assim, a marcação de tempo decorrido por meio de {-*tsere*} ‘PASS’, nesses casos, é facultativa, como se observa nos exemplos que se seguem:

(363) *kamitsi aj karana-ko-mu itæ e-re*  
 ontem 1SG patauá-CLE.coco-CLE.líqu beber DECL-AUX  
 ‘Ontem eu bebi vinho de patauá.’

- (364) *aj mike karana-ko-mu itæ e-re*  
 1SG já patauá-CLE.coco-CLE.líqu beber DECL-AUX  
 ‘Eu já bebi vinho de patauá.’

#### 4.8.2 O passado imperfeito

Em alguns casos, a duplicação da raiz verbal indica o aspecto *imperfectivo* do evento, concomitante com a ocorrência de marca de flexão pessoal no escopo de TMA. Nesses casos, acumula-se aí a noção de aspecto freqüentativo, como nos seguintes exemplos:

- (365) *ajte vajvaj õ-e-re*  
 3SG cantar.RED 1-DECL-AUX  
 ‘Nós estávamos cantando.’

- (366) *mini aj ivo mumu õ-e-re*  
 hoje 1SG cará plantar.RED 1-DECL-AUX  
 ‘Hoje eu estava plantando cará.’

- (367) *kamitsi oj vavo mumu n-e-re*  
 ontem 3SG batata plantar.RED 3-DECL-AUX  
 ‘Ontem ele estava plantando batata.’

- (368) *ña e epykwã kæjkæj n-e-re kamitsi*  
 POSS1SG mulher amendoim arrancar.RED DECL-AUX ontem  
 ‘Minha mulher estava arrancando amendoim ontem.’

#### 4.8.3 O futuro

Em muitas ocorrências, o futuro aparece marcado por {-nu}, como nestes exemplos:

- (369) *aj (oj) vara-õ-ro-ø-to-nu k-e-re*  
 1SG 3SG falar-1-CLV-3-TRA-FUT NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou falar com ele.’

- (370) *pejake aj vara-õ-ro-pe-to-nu e-re*  
 outro dia 1SG falar-1-CLV-2-TRA-FUT DECL-AUX  
 ‘Amanhã eu vou conversar com você.’

#### 4.8.4 O infinitivo

Em Kanoê, o infinitivo é uma forma verbal nominalizada, pois, na maioria dos casos, é coincidente com a forma dos nomes deverbais. A estrutura básica de uma forma verbal no infinitivo é dada pela seguinte regra:  $INF \rightarrow V_{raiz}-(CLV \sim DIR)-NLZ$ . Exemplos:

- |  |   |
|--|---|
| (371) <i>vara-ro-e</i> ‘falar’<br>falar-CLV-NLZ  | (372) <i>po-ro-e</i> ‘fazer’<br>fazer-CLV-NLZ   |
| (373) <i>vaj-ro-e</i> ‘cantar’<br>cantar-CLV-NLZ | (374) <i>aj-ja-e</i> ‘sentar’<br>cantar-CLV-NLZ |

O infinitivo ocorre como complemento de algumas raízes verbais, tais como “saber” e “conhecer”:

(375) *aj i-jě-to e-re      ătăpætə po-ro-e*  
 1SG 1-saber-TRA DECL-AUX canoa      fazer-CLV-NLZ  
 ‘Eu sei fazer canoa.’

(376) *aj ja õ-e-re      i-jě-to-e      neko ojo      i-kuta iva e-re*  
 SG querer 1-DECL-AUX 1-saber-TRA-DECL se      POSS3SG RN-cabeça doer DECL-AUX  
 ‘Eu quero saber se a cabeça dela está doendo.’

#### 4.8.5 O aspecto freqüentativo ou iterativo

Em Kanoê, a marcação do aspecto freqüentativo por meio da reduplicação da raiz verbal de ser observada em três casos:

1º.) determinadas raízes verbais só ocorrem reduplicadas, pois fazem referência a ações inerentemente freqüentativas, ou seja, processos verbais que denotam micro-ações repetitivas, como nos seguintes exemplos:

(377) *kwaatsie pəwpəw-e-ro-n-e-re*  
 sapo      pular-ASP-CLV-3-DECL-AUX  
 ‘O sapo está pulando.’

(378) *zwāw boj-o i-rāw mañumañu n-e-re*  
 João      boi-POSS RN-carne mastigar      3-DECL-AUX  
 ‘João está mastigando carne de boi.’

(379) *tete-õ-ro õ-e-re i-kaw-ni*  
 andar-1-CLV 1-DECL RN-canela-OBL  
 ‘Eu estou andando a pé.’ (Lit.: ‘Eu estou andando com as canelas.’)

2º.) raízes simples são reduplicadas, denotando o aspecto freqüentativo do processo verbal e, do ponto de vista semântico, ganhando conotações específicas. É o caso da raiz {*mana-*} “apertar” que, reduplicada, pode ser interpretada como “amassar”, assim como {*o-*} “comer” pode conotar “roer” e {*i-*} “chorar” pode conotar “piar”. Exemplos:

(380) *uru-nake tsuæ-tinu manamana n-e-re*  
 novo-FEM macaxeira-CLE apertar.RED 3-DECL-AUX  
 ‘As moças estão amassando massa de macaxeira.’

(381) *pyræ jato atiti oo-ro e-re.*  
 rato POSS1PL milho comer.RED-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Os ratos comeram nosso milho.’

(382) *kurakura-tsikwa ii n-e-re*  
 galináceo-DIM chorar.RED 3-DECL-AUX  
 ‘O pintinho está piando.’

3º.) raízes verbais que só ocorrem reduplicadas se referem a ações involuntárias que implicam a emissão de ruídos repetitivos, daí serem onomatopaicas, mas, ao mesmo tempo, denotam freqüentatividade, como se viu em 3.2.2.4. Exemplos:



(383) *kani ewew-ro e-re.*  
 criança arrotar.RED-CLV DECL-AUX  
 ‘O menino arrotou.’

(384) *kani-tsíkwa ææ-ro e-re.*  
 criança-DIM vomitar.RED-CLV DECL-AUX  
 ‘O neném vomitou.’

#### 4.8.6 O aspecto intensivo

Em alguns casos, parece quer, dependendo da intenção do falante, a reduplicação da raiz denota o aspecto intensivo de um processo verbal, concomitantemente com a de um intensificador adverbial, tal como neste exemplo:

(385) *ña muj vara-ø-ro-eko mini oj ore-ø-rye-re ara k-e*  
 POSS1SG mãe falar-3-CLV-COP hoje 3SG cansar-3-REFL DECL-AUX pouco NEG-DECL  
 ‘Minha mãe falou que hoje ela está muito cansada,

*ara k-e oreore-ø-ry e-re*  
 pouco NEG-DECL cansar.RED-3-REFL DECL-AUX  
 muito cansada.’

Em outros casos, a intensidade de um evento é dada pela simples reduplicação da raiz verbal, como no seguinte exemplo:

(386) *aj momo-õ-kỹj e-re*  
 1SG dormir.RED-1-olho DECL-AUX  
 ‘Eu dormi muito.’

#### 4.8.7 Possíveis marcadores aspectuais

Nesta sessão, são listados e exemplificados alguns morfemas verbais para os quais ainda não há uma descrição segura, haja vista a ocorrência de alguns contra-exemplos. Até certo ponto, esses morfemas consistem em entrave na compreensão das estruturas verbais do Kanoê. Assim sendo, os resultados parciais aqui apresentados são apenas provisórios e, por isso, têm caráter especulativo. Uma descrição mais segura dos mesmos, que depende de estudos mais avançados.

##### 4.8.7.1 O morfema {-e}

Este morfema está sendo considerado como um marcador aspectual, porquanto ainda não foi possível precisar com segurança sua função nas estruturas verbais em que ocorre. Em muitos dados, suas ocorrências são, até certo ponto, imprevisíveis. Em alguns casos, parece ser um nominalizador incorporado; mas, por outro lado, pode ser que seja um caso de homofonia entre morfemas. Em outros, parece ter relação com o aspecto verbal inconcluso. Comparem-se (390) aos demais exemplos:

(387) *akiki-mi-ro-õ-to-kũ*  
 gritar-2-CLV-1-TRA-NEG  
 ‘Não grita comigo!’

(388) *akiki-e-mi-ro-ø-to-kũ pja papa*  
 gritar-ASP-2-CLV-3-TRA-NEG POSS2SG pai  
 ‘Não fica gritando com teu pai!’

(389) *oj ty-e-ro-n-e-re*  
3SG movimentar-ASP-CLV-3-DECL-AUX  
'Ele está indo.'

(390) *ña nuti ty-e-ro n-e-re*  
POSS1SG neto movimentar-ASP-CLV 3-DECL-AUX  
'Meu neto está indo embora.'

(391) *aj tutuj-e-ro ã-e-re*  
1SG cavar-ASP-CLV 1-DECL-AUX  
'Eu estou cavando.'

#### 4.8.7.2 O morfema {-ũ}

Foneticamente muito próximo a {-õ}, marca flexional de 1<sup>a</sup>. pessoa, com o qual não raro pode ser confundido, o morfema {-ũ} parece assinalar o aspecto *incoativo* de um evento verbal que está prestes a acontecer, ou uma ação na iminência de se realizar. Porém, como ainda pairam muitas dúvidas, por enquanto esse morfema está sendo glosado apenas como 'ASP'. Exemplos:

(392) *itevæ tsere-ũ-to n-e-re*  
gente ver-ASP-TRA 3-DECL-AUX  
'O homem está indo olhar o papagaio.'

(393) *kani i-ũ n-e-re*  
criança chorar-ASP 3-DECL-AUX  
'O neném vai chorar.'

(394) *kani vara-ũ-ro n-e-re*  
criança falar-ASP-CLV 3-DECL-AUX  
'O menino vai falar.'

Outro indicio desse valor é dado pelo par de exemplos abaixo:

(395) *e atiti paj-ũ-to-n-e-re*  
mulher milho quebrar-ASP-TRA-3-DECL-AUX  
'A mulher vai quebrar milho.'

(396) *e atiti paj-to-ø-erĩ tso-ũ-to n-e-re*  
mulher milho quebrar-TRA-3-COP torrar-ASP-TRA-3-DECL-AUX  
'A mulher quebrou milho e vai torrar.'

#### 4.8.8 O auxiliar {-re}

Como se nota ao longo deste trabalho, o morfema {-re} 'AUX' é, sem dúvida, o mais freqüente na morfossintaxe verbal do Kanoê, pois ocorre na grande maioria das sentenças declarativas, afirmativas ou negativas. No âmbito do sintagma verbal, {-re} constitui um núcleo auxiliar em torno do qual gravitam a marcação do modo frasal e as nuances de tempo e aspecto verbal, a partir da presença ou ausência das marcas fé flexão pessoal, como se viu em 4.8. Por outro lado, {-re} ainda se reveste de poder verbalizador, sobretudo em sintagmas verbais nucleados por uma raiz nominal, desempenhando um papel de elemento de ligação entre o argumento na função de sujeito e o nome na função de núcleo do predicado, como nestes exemplos:

(397) *ajte uruã õ-e-re*  
1SG rapaz 1-DECL-AUX1SG  
'Nós somos rapazes.'

(398) *oj oke kani e-re*  
1SG ainda criança DECL-AUX  
'Ele ainda é criança.'

(399) *ũa muj kanoë e-re*  
1SG mãe Kanoê DECL-AUX  
'Minha mãe é Kanoê.'

(400) *aj ævo õ-e-re*  
1SG homem 1-DECL-AUX  
'Eu sou homem.'

Esse poder verbalizador permite, inclusive, que {-re} se afixe a um pronome pessoal e não , na configuração de um predicado estativo, embora isso ocorra com baixa frequência;

(401) *aj-re kanoë*  
1SG-AUX Kanoê  
'Eu sou Kanoê.'

(402) *mi-re ãa tsake-kjũ*  
2-AUX POSS1SG outro-MASC  
'Você é meu amigo.'

Acrescente-se a isso que {-re} 'AUX' também ocorre esparsamente na constituição de alguns nomes compostos, tais como:

(403) *oky mama-re*  
cobra moder-AYX  
'jararaca.'

(404) *epikwã pẽ-re*  
amendoim vermelho  
'amendoim vermelho'

Finalmente, {-re} 'AUX' também estabelece as relações morfossintática e semântica entre um nome ou pronominal neutro e a determinação do gênero, em exemplos tais como:

(405) *uræ ævo-re*  
porco homem-AUX  
'porco macho'

(406) *uræ e-re*  
onça mulher-AUX  
'porco fêmea'

(407) *ojte ævo-re*  
3PL homem-AUX  
'Eles são homens.'

(408) *ojte e-re*  
3PL mulher-AUX  
'Elas são mulheres.'

## SINTAXE E SEMÂNTICA

### 5.1 Considerações preliminares

Este capítulo apresenta uma descrição dos sintagmas oracionais simples e complexos da língua Kanoê, em termos de relações que se estabelecem entre argumentos e predicados, considerando que as propriedades sintáticas que melhor identificam essas relações são a ordem de constituintes e o sistema de concordância verbal.

A análise se baseia no conjunto das orações elicitadas ou sugeridas pelos informantes, e, assim, tem como limite a estrutura das sentenças complexas. Não se trata, portanto, de uma descrição *transfrásica*, ou, em outros termos, de uma descrição no nível textual. O emprego do termo *oração* é equivalente ao de *cláusula*; o de *sentença* corresponde ao conceito tradicional de *período* e, em alguns casos, ao de *frase*. A exemplificação preferencial em 1<sup>a</sup>. ou em 2<sup>a</sup>. pessoa se justifica, pois as respectivas estruturas verbais são transparentes em termos de relações de concordância.

Em Kanoê, a oração mínima é constituída tão-somente por um predicado, mas a grande maioria das estruturas oracionais apresenta pelo menos um argumento na função de sujeito, no caso dos verbos intransitivos de valência um; ou dois argumentos, um na função de sujeito e outro na de objeto direto, os quais exercem respectivamente os papéis semânticos de agente e de paciente.

A complexidade sintática do Kanoê é decorrente não só dos sistemas de concordância nominal e verbal, bem como da natureza dos predicados, condicionada pela transitividade ou não da estrutura predicativa. Assim, da oração mínima às construções mais complicadas, o menor ou maior grau de complexidade das estruturas sintáticas está intrinsecamente relacionado à natureza, à valência e ao conteúdo semântico das raízes verbais.

### 5.2 Classificação tipológica

Para a descrição da tipologia sintática do Kanoê foram considerados os critérios básicos arrolados por Mithun (1987), que se traduzem por: a) simplicidade descritiva; b) estatísticas de ocorrência; e c) neutralidade pragmática. Somam-se aí ainda três critérios efetivamente sintáticos, quais sejam: a) a ordem sintática preferencial; b) os papéis semânticos dos argumentos fundamentais em orações transitivas; c) a possibilidade de ocorrência de sujeito foneticamente nulo. Assim, em relação à tipologia sintática do Kanoê, pode-se assegurar que:

1<sup>o</sup>) em termos de ordem básica de constituintes, trata-se de uma língua de padrão SOV, pois esta é a ordem sintática preferencial e a de maior frequência em sentenças declarativas, cf. Bacelar & Pereira (1996: 51);

2<sup>o</sup>) trata-se de língua *não-configuracional*, haja vista a relativa mobilidade sintática de constituintes, de sorte que outras ordens sintáticas também são possíveis;

3<sup>o</sup>) é uma língua que, em boa parte dos casos, admite a elipse do sujeito ou do objeto direto pronominais, quando referencializados por marca flexional na estrutura verbal; logo, é uma língua *pro-drop* (Payne, 1997: 170; Whaley, 1997:289), cf. a terminologia gerativista.

## 5.3 Estrutura sintática das sentenças simples

### 5.3.1 Ordem básica de constituintes

Quanto à ordem sintática preferencial dos constituintes oracionais, Bacelar & Pereira (1996) demonstraram que o Kanoê é uma língua predominantemente SOV. Para tanto, uma primeira análise tomou como base um *corpus* de 468 orações transitivas, elicitadas junto aos informantes bilíngües MK e TK. Posteriormente, considerando-se que os dados foram elicitados junto a falantes que já não usam o Kanoê como primeira língua e que uso diário do Português poderia ter influenciado nos resultados, foi feito um segundo levantamento, tomando-se um total de 532 outros exemplos, abstraídos de contexto pragmático, incluindo-se agora os dados elicitados junto aos falantes “isolados do Omeré”, ainda monolíngües em Kanoê. Assim, a soma dos dois levantamentos totaliza 1000 orações declarativas, cuja análise em termos de percentuais de ocorrência das possíveis ordens de constituintes resultou no seguinte quadro:

	ordem de constituintes						
	SVO	SOV	VSO	VOS	OSV	OVS	TOTAL
MK/TK	15,8	27,3	0,2	0,2	0,9	0,2	50
“Omeré”	8,3	46,2	0,2	0,2	0,4	0,1	50
percentual	24,1	73,5	0,4	0,4	1,3	0,3	100

Quadro 1: Ordem de constituintes em orações transitivas declarativas

Como se vê, em termos percentuais, confirmou-se a predominância de SOV como ordem sintática preferencial em orações declarativas afirmativas ou negativas. Evidentemente, se fossem considerados outros tipos de estruturas oracionais, sobretudo as imperativas, nas quais sujeito e objeto direto, via de regra, ocorrem pospostos, e também as interrogativas diretas, esses percentuais sofreriam reajustes. Mesmo assim, no conjunto da língua, a ordem SOV se impõe como preferencial.

Esse resultado não é apenas numérico, pois a alta frequência da ordem SOV é, até certo ponto, análoga ao sistema de concordância verbal e se reflete explicitamente na própria constituição morfológica das estruturas verbais. Pode ser que haja (ou não) uma relação profunda entre a ordem sintática preferencial e a seqüência não só das marcas de flexão pessoal, mas também dos morfemas verbais {-ro} e {-to}, quando ocorrem, na configuração do sintagma verbal. Ainda que isso seja especulativo, o fato é que na grande maioria das construções sintáticas, em outras palavras, como na ordem sintática básica o sujeito se antepõe ao objeto, na estrutura das formas verbais, em geral, a marca de flexão pessoal referente ao sujeito também se antepõe a quaisquer marcas morfológicas relacionadas ao objeto. Exemplos:

(1) *mũ aj æky pō-ō-ky ō-no-e-re*

mãe 1SG banana comer-1-CLE-1 VOL-DECL-AUX

‘Mãe, eu estou querendo comer banana.’

(2) *aj atiti-tekwa o-ō-tekwa ō-e-re*

1SG milho-CLE.semente comer-1-CLE.semente 1-DECL-AUX

‘Eu estou comendo arroz.’

Em (1), {-*õ*} ‘1’, concorda com o sujeito *aj* ‘1SG’, antecedendo {-*ky*} ‘CLE’, que se refere ao objeto direto *æky* “banana”. Do mesmo modo, em (2), a mesma marca flexional concorda com o sujeito e antecede {-*tekwa*} ‘CLE’, que se refere à incorporação parcial do nome na função de objeto direto: *atititekwa* “arroz”. Isso não se evidencia na 3ª. pessoa, singular ou plural, visto que a mesma é freqüentemente não-marcada, como se nota na comparação entre os exemplos acima e os dados a seguir:

(3) *oj æky põ-ø-ky no-e-re*  
 3SG banana comer-3-CLE VOL-DECL-AUX  
 ‘Ele está querendo comer banana.’

(4) *oj atiti o-ø-ti e-re*  
 3SG milho comer-3-CLE DECL-AUX  
 ‘Ele comeu milho.’

### 5.3.2 Papéis sintático-semânticos de sujeito e objeto

Como na estrutura de nomes e pronomes não existem marcas morfológicas nominais para expressar os papéis sintático-semânticos nucleares de sujeito e objeto. Na verdade, essas funções sintáticas são não-marcadas entre si, mas ambas se opõem às funções marcadas pelo sufixo {-*ni*} ‘OBL’. Assim, seja numa oração transitiva, exercendo o papel de agente ou o de paciente; seja numa oração intransitiva, exercendo o papel de sujeito; nomes (ou pronomes) têm sempre a mesma forma. Exemplos:

(5) *kani mõ-ø-kỹj n-e-re*  
 criança dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
 ‘O menino está dormindo.’

(6) *opera kani mama n-e-re*  
 onça criança morder 3-DECL-AUX  
 ‘O cachorro mordeu o menino.’

(7) *kani opera tsere-ø-to e-re*  
 criança onça ver-3-TRA DECL-AUX  
 ‘O menino viu o cachorro.’

(8) *opera mo-ø-kỹj e-re*  
 onça dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
 ‘O cachorro dormiu.’

Em (5), o nome *kani* “criança” exerce o papel sintático-semântico de sujeito-agente do núcleo verbal intransitivo {-*mo*-} “dormir”; ao passo que, em (6), exerce o de objeto-paciente do núcleo verbal transitivo {-*mama*-} “morder”. Em (7), sem qualquer marca morfológica, o mesmo nome desempenha o papel de sujeito-agente de {-*tsere*-} “ver”, outro núcleo verbal transitivo. Nas três ocorrências, como núcleo de um SN simples, o nome tem sempre a mesma forma. O mesmo acontece com o nome *opera* “cachorro” que, em (6) e (8) desempenha o papel de sujeito-agente, e, em (7), o de objeto-paciente.

Conforme descrito em 4.2.2, os papéis sintático-semânticos fundamentais são indiretamente relacionados a morfemas específicos na estrutura do predicado, dependendo da intransitividade ou transitividade, da natureza semântica e da classe ou subclasse a que se filia a raiz verbal, e têm intrínseca relação com o sistema de concordância por referência cruzada. Assim, demonstrou-se que {-*ro*} ‘CLV’ se relaciona aos papéis de

experienciador, em predicados verbais ativos intransitivos, ou de agente, nos predicados transitivos. Por sua vez, analogamente {-*to*} ‘TRA’ relaciona-se indiretamente ao papel de um argumento na função de objeto direto, razão pela qual esse morfema só ocorre em estruturas transitivas. Comparem-se:

(9) *kani i n-e-re*

criança chorar 3-DECL-AUX  
‘O menino está chorando.’

(10) *kani iriri-ø-ro e-re*

criança correr-3-CLV DECL-AUX  
‘O menino correu.’

(11) *kani vara-ø-ro e-re*

criança falar-3-CLV DECL-AUX  
‘O menino falou.’

(12) *pja e ña kani vara-ø-ro-ø-to n-e-re*

POSS2SG mulher POSS1SG criança falar-3-CLV-3-TRA 3-DECL-AUX  
‘Tua mulher está falando com meu filho.’

Em (9), o predicado monoargumental exige apenas um argumento na função de sujeito, pois a raiz verbal {*i-*} “chorar” é intransitiva. Em (10), o predicado também é monoargumental, pois a raiz verbal {*iriri-*} “correr”, intransitiva, exige apenas um argumento na função de sujeito. Na estrutura verbal aparece o morfema {-*ro*} ‘CLV’, que se liga ao argumento o papel de *agente* da ação verbal. O mesmo se verifica em (11), com a raiz {*vara-*} “falar” que, como intransitiva, exige apenas um argumento na função de sujeito. Já em (12), essa mesma raiz se realiza como transitiva, multiargumental, exigindo dois argumentos, ou seja, o sujeito-agente *pja e* “tua mulher”, relativo a {-*ro*}, e o objeto-paciente *ña kani* “meu filho”, relativo a {-*to*} ‘TRA’.

Tal como as marcas de flexão pessoal, esses morfemas verbais ocorrem em correlação com a ordem SOV e podem ser considerados, em princípio, como “operadores de ajuste de valência” (Payne, 1997:172), pois são manifestações de valência verbais morfologicamente marcadas, além de funcionarem como atribuidores de papéis semânticos em “caso abstrato” (cf. Chomsky, 1980; Raposo, 1992: 349-352).

É importante lembrar que, em Kanoê, existem várias classes e subclasses de raízes verbais, mas nem todas exigem tais morfemas, mesmo que algumas dessas raízes sejam transitivas, como é o caso de {*mama-*} “morder”, como em (6). De fato, as ocorrências de {-*to*} ‘TRA’ são restritas a estruturas verbais transitivas na voz ativa e, em alguns casos raros, em estruturas de sentido passivo.

Pode-se deduzir então que, em Kanoê, o sistema de relações gramaticais é do tipo *nominativo-acusativo*, num plano abstrato, uma vez que o sujeito e objeto são geralmente tratados do mesmo modo. Comparem-se, as ocorrências de *atiti* “milho”, nas funções de sujeito e objeto direto, nos exemplos abaixo:

(13) *jato atiti epæ-ro n-e-re*

POSS1PL milho nascer-3-CLV DECL-AUX  
‘Nosso milho está nascendo.’

(14) *ævo atiti paj-ø-to e-re*

homem milho quebrar-3-TRA DECL-AUX  
‘O homem colheu milho.’ (Lit.: ‘O homem quebrou milho.’)

(15) *atiti uru-ti e-re*  
 milho novo-CLE DECL-AUX  
 ‘O milho está verde.’

Já nos pares de sentenças abaixo, tem-se respectivamente uma oração transitiva direta seguida uma estativa correspondente, ou seja, (16) vs (17) e (18) vs (19). Nestes exemplos, nota-se que o objeto direto da oração ativa conserva o seu papel semântico de *paciente* também numa oração estativa:

(16) *e atiti paj-to e-re*  
 mulher milho quebrar-TRA DECL-AUX  
 ‘A mulher colheu milho.’

(17) *atiti paj-to e-re mike*  
 milho quebrar-TRA DECL-AUX já  
 ‘O milho já está colhido.’

(18) *aj pærætæ-tsíkwa tsara-õ-to e-re*  
 1SG panela-DIM esvaziar-1-TRA DECL-AUX  
 ‘Eu esvaziei a panela pequena.’

(19) *pærætæ-tsíkwa tsara-to e-re*  
 panela-DIM esvaziar-TRA DECL-AUX  
 ‘A panela está vazia.’

### 5.3.3 O sujeito pronominal

Quanto à possibilidade ou não de apagamento de sujeito pronominal, o Kanoê é tipologicamente uma língua que admite sujeito elíptico (ou língua *pro-drop*), posto que as estruturas verbais são, na maioria dos casos, explicitamente marcadas em relação à primeira e segunda pessoas, que se opõem à terceira, não-marcada em um bom número de ocorrências, como foi descrito e exemplificado em 3.8. Contudo, como nas estruturas verbais não existem marcas morfológicas para a distinção de número, exceto ocasionalmente a de dual, há situações em que pode haver duplicidade de interpretação, uma vez que uma mesma estrutura pode concordar com um sujeito pronominal singular ou plural, como se deduz a partir da comparação entre os exemplos abaixo:

(20) *aj mo-õ-kỹj õ-e-re*  
 1SG dormir-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Eu durmo.’

(21) *ajte mo-õ-kỹj õ-e-re*  
 1PL dormir-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Nós dormimos.’

(22) *mo-õ-kỹj õ-e-re*  
 dormir-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Durmo.’ ou ‘Dormimos.’

Em (22), a ambigüidade se desfaz no contexto pragmático e, nesse aspecto, a elipse ou apagamento de sujeitos pronominais no singular é muito mais freqüente que a de sujeitos pronominais no plural. No entanto, a maior evidência de que o Kanoê admite o apagamento de sujeito é dada por construções completivas, nas quais, quando se tem um mesmo sujeito para uma seqüência de predicados, ele se realiza foneticamente apenas em relação à primeira raiz verbal, ficando elíptico relação às demais raízes. Logo, verifica-se aí o princípio



de economia lingüística a partir da eliminação das redundâncias, uma vez que os elementos apagados são recuperáveis na estrutura verbal. É o que se observa nos seguintes exemplos:

- (24) *kani iriri-ron-e para-ja n-e rwa-ø-kwa mo-e-re*  
 criança correr-CLV 3-DECL cair-DIR 3-DECL quebrar-3-braço APL.poss-DECL-AUX  
 ‘O menino correu, caiu e quebrou o braço.’  
 (Lit. aprox.: ‘O menino correu, caiu e tem o braço quebrado.’)

- (25) *aj mapi-ka ti-õ-ka re õ-e-re*  
 1SG flecha-CLE.duro esticar-1-CLE.duro matar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estiquei o arco e matei.’

Nos exemplos acima, além da elipse do sujeito, pode-se notar ainda a elipse de  $\{-re\}$  ‘AUX’, que é mantido apenas na última estrutura verbal da construção completiva. A língua Kanoê admite ainda, em alguns casos, o apagamento de objeto direto quando o mesmo é parcial ou totalmente incorporado na estrutura verbal. Acrescente-se ainda que sujeito e objeto pronominais podem ser omitidos simultaneamente, se os mesmos já aparecem referencializados por meio de flexão pessoal e incorporação nominal na constituição morfológica do verbo. Esse fenômeno pode ser observado na comparação entre (26), abaixo, na qual tanto o sujeito-agente quanto o objeto-paciente aparecem redundantemente referencializados na construção verbal, e (27) e (28), nas quais os mesmos foram apagados em suas respectivas posições argumentais, visto que continuam incorporados na estrutura verbal:

- (26) *aj ña i-ña kotso-ve-ña õ-e-re*  
 1SG POSS1SG RN-rostho lavar-CLV-rostho 1-DECL-AUX  
 ‘Eu lavo meu rosto.’

- (27) *aj kotso-ve-ña-õ-e-re taja-ña õ-e-re*  
 1SG lavar-CLV-rostho-1-DECL-AUX enxugar-rostho 1-DECL-AUX  
 ‘Eu lavo e enxugo meu rosto.’

- (28) *kotso-ve-ña õ-e-re taja-ña õ-e-re*  
 lavar-CLV-rostho 1-DECL-AUX enxugar-rostho 1-DECL-AUX  
 ‘Lavo e enxugo meu rosto.’

### 5.3.4 Sujeito e objeto direto: os papéis semânticos atribuídos por $\{-ry\}$

Conforme descrito em 4.2.7, o morfema  $\{-ry\}$  também ocorre marcando uma espécie de “reflexividade recíproca”, na voz medial. Isso ocorre quando se tem, no papel de *agente*, um argumento composto por dois nomes coordenados, ou um nome semanticamente dual, que pode estar determinado ou não por numeral, ou ainda coletivizado. Assim, a ocorrência desse morfema determina os papéis semânticos simultâneos de *agente* e *paciente* do único SN, simples ou composto, como argumento nominal na função de sujeito. Exemplos:

#### 5.3.4.1 Argumento composto com papéis simultâneos de agente e paciente

- (29) *ña papa pja mujoiteñaj i-væ-kuta-ry-ni-ro e-re*  
 POSS1SG pai POSS2SG tio brigar-DU-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
 ‘Meu pai e teu tio estão brigando.’

- (30) *ojo papa ojo muj i-væ-kuta-ry-ni-ro e-re*  
 POSS3SG pai POSS3SG mãe brigar-DU-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
 ‘O pai e a mãe dele estão brigando.’

### 5.3.4.2 Nome semanticamente plural com papéis simultâneos de agente e paciente

- (31) *jato papa i-væ-kuta-ry-ni-ro e-re*  
 POSS1PL pai brigar-DU-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
 ‘Nossos pais estão brigando.’

- (32) *uruã mow-kÿj i-væ-kuta-ry-ni-ro e-re*  
 rapaz dois-MASC brigar-DU-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
 ‘Os dois rapazes estão brigando.’

- (33) *uruã-te i-væ-kuta-ry-ni-ro e-re*  
 rapaz-COL brigar-DU-cabeça-REFL-3-CLV DECL-AUX  
 ‘Os rapazes estão brigando.’

### 5.3.5 Objeto direto versus argumentos periféricos

Em predicados multiargumentais, um argumento na função sintática de objeto direto, preenchido por um sintagma nominal a cujo núcleo se atribui papel semântico *dativo*, *recipiente*, *alvo* ou ainda *benefactivo*, em geral não apresenta marca morfológica que o evidencie como tal. Também nesses casos, o argumento objetivo de distingue dos argumentos periféricos marcados por {-*ni*} ‘OBL’. Incluem-se aí alguns casos esparsos de argumento pronominal marcado por {-*o*} ‘POSS’, e por {-*ni*} ‘OBL’. Por exemplo, em (34), tem-se o pronome *aj* ‘1SG’ na função de objeto direto; em (35), o mesmo pronome aparece em outra função periférica, marcado por {-*ni*}, já que o objeto é *æky* “banana”:

- (34) *mi aj vara-pe-ro-õ-to k-e-re*  
 2SG 1SG falar-2-CLV01-TRA NEG-DECL-AUX  
 ‘Você não quer falar comigo.’

- (35) *pa-pe-t-ãw æky aj-o-ni*  
 arremessar-2-TRA-IMP banana 1SG-POSS-OBL  
 ‘Joga as bananas para mim!’

#### 5.3.5.1 Argumento periférico como complemento recipiente

Em Kanoê, SNs nominais ou pronominais como argumentos periféricos como um terceiro participante de um evento, cujo papel semântico é o de *recipiente*, são encontráveis em orações, no mínimo, trivalentes. A posição desse argumento é, com alta frequência, imediatamente após a do objeto direto e antes da estrutura verbal, como em (36). Entretanto, como em Kanoê há certa tendência à mobilidade sintática, esse argumento pode ocorrer também imediatamente depois do sujeito e antes do objeto direto, como em (37), ou ainda pós-verbal, como em (38):

- (36) *aj namu oj pe-ø-tso õ-e-re*  
 1SG remédio 3SG dar-3-dedo 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou dando remédio a ele.’

(37) *oj ña kani i-ta pe-ø-tso-e-re*  
 3SG POSS1SG criança RN-pele dar-3-dedo-DECL-AUX  
 ‘Ele deu roupa a meu filho.’

(38) *aj u-ro-e pe-ø-tso õ-e-re ña kani*  
 1SG comer-CLV-NLZ dar-1-dedo 1-DECL-AUX POSS1SG criança  
 ‘Eu estou dando comida a meu filho.’

Quando tal argumento é pronominal e já está referencializado por meio de flexão pessoal na estrutura verbal, o mesmo pode ser apagado, sem prejuízo da informação, como em (39) vs (40) e (41) vs (42), a seguir:

(39) *aj u-ro-e mĩ pe-pe-tso õ-e-re*  
 1SG comer-CLV-NLZ 2SG dar-2-dedo 1-DECL-AUX  
 ‘Eu dou comida a você.’

(40) *aj u-ro-e pe-pe-tso õ-e-re*  
 1SG comer-CLV-NLZ dar-2-dedo 1-DECL-AUX  
 ‘Eu te dou comida.’

(41) *mi aj u-ro-e pe-õ-tso mi-e-re*  
 2SG 1SG comer-CLV-NLZ dar-1-dedo 2-DECL-AUX  
 ‘Você me dá comida.’

(42) *mi u-ro-e pe-õ-tso mi-e-re*  
 2SG comer-CLV-NLZ dar-1-dedo 2-DECL-AUX  
 ‘Você me dá comida.’

### 5.3.5.2 Argumento periférico como complemento benefactivo

No papel semântico de *benefactivo*, um argumento pode ocorrer posposto ao sujeito e anteposto ao objeto direto, como *ojo atã* “tia dele” em (43), ou no final da oração, nos demais exemplos:

(43) *ña nuti ojo atã atiti paj-to n-e-re*  
 POSS1SG neto POSS3SG tia milho quebrar-TRA 3-DECL-AUX  
 ‘Meu neto está quebrando milho para a tia dele.’

(44) *aj u-ro-e o-ro-õ-e-re ña kani*  
 1SG comer-CLV-NLZ segurar-CLV-1-DECL-AUX POSS1SG criança  
 ‘Eu estou levando comida para meu filho.’

(45) *mi pi-tej-ja-ry-nu mi-tsi piña aj-o-ni*  
 2SG 2-transportar-DIR-REFL-FUT 2-INT abacaxi 1SG-POSS-OBL  
 ‘Você traz abacaxi para mim?’ (Lit.: ‘Você traz consigo abacaxi para mim?’)

(46) *aj æj-mu po-õ-ro õ-e-re ña kani tō oj tūvo n-e-re*  
 1SG folha-CLE.líqu fazer-1-CLV 1-DECL-AUX POSS1SG criança porque 3SG adoecer 3-DECL-AUX  
 ‘Eu estou fazendo chá para meu filho porque ele está doente.’

### 5.3.5.3 O complemento genitivo possessivo

Como se viu em 3.4.8.5, na estrutura de sintagmas nominais possessivos, um argumento como complemento genitivo possessivo é assinalado pelo morfema {-o} ‘POSS’ no nome possuidor, que se antepõe ao nome possuído, configurando a seguinte estrutura morfossintática: SN → N-POSS N. Exemplos:

- (47) [*ñā kani-o i-kuta*] *iva e-re*  
 [POSS1SG criança-POSS RN-cabeça] doer DECL-AUX  
 SN-sujeito SV  
 ‘Meu filho está com dor de cabeça.’ (Lit.: ‘A cabeça de meu filho está doendo.’)
- (48) [*ũko uru-nake-o muj*] [*ñā tsyke-kỹj-o kani*] *ø-memu-ro-to k-e-re*  
 [DEM.dist novo-FEM-POSS mãe] [POSS1SG outro-MASC-POSS criança] 3-gostar-CLV-TRA NEG-DECL-AUX  
 SN-sujeito SN-objeto SV  
 ‘A mãe daquela moça não gosta dos filhos de meu amigo.’
- (49) [*ñā tsyke-kỹj-o e*] [*ojo kani-o i-kuta*] *kotso-ve-kuta n-e-re*  
 [POSS1SG outro-MASC-POSS mulher] [POSS3SG criança-POSS RN-cabeça] lavar-CLV-cabeça 3-DECL-AUX  
 SN-sujeito SN-objeto SV  
 ‘A mulher de meu amigo está lavando a cabeça do filho dela.’
- (50) [*ñā tũ-kwã-o nuti*] [*ojo keke-o tyj-ni*] *mo-ø-kỹj no-e-re*  
 [POSS1SG irmão-MASC-POSS neto] [POSS3SG avó-POSS casa-OBL] dormir-3-olho VOL-DECL-AUX  
 SN-sujeito SN-objeto SV  
 ‘O neto de meu irmão quer dormir na casa da avó dele.’

### 5.3.6 Os argumentos oblíquos e seus papéis semânticos

Em Kanoê, os sintagmas nominais que exercem a função periférica de complemento oblíquo, de natureza adverbial, nos papéis semânticos de *locativo*, *temporal*, *instrumental* e, em alguns casos, *comitativo*, são morfologicamente marcados pelo morfema {-ni} ‘OBL’, em fronteira final do núcleo do SN. Essa marcação, como *locativo* e *instrumental*, ocorre com alta frequência e, como *temporal*, se restringe às raízes nominais relativas a partes do dia.

É importante lembrar aqui que um dos fenômenos fonético-fonológicos mais frequentes em Kanoê é a queda de vogais altas, nasais ou nasalizadas, em fronteira final de vocábulo, após transmissão de nasalidade para a vogal precedente. Com isso, quaisquer que sejam seus valores morfossintáticos e semânticos conforme o contexto frasal, {-ni} pode realizar-se foneticamente seja como [*nĩ*]; seja como [*n*] ou ficar reduzido à nasalidade da vogal final do nome ao se agrega, como nos seguintes exemplos:

- (51) *ini-ni* → [*ininĩ*] > [*inĩn*] > [*inĩ*]  
 fogo-OBL  
 ‘no fogo’
- (52) *i-kuta-ni* → [*ikutanĩ*] > [*ikutãn*] > [*ikutã*]  
 RN-cabeça-OBL  
 ‘na cabeça’ ou ‘com a cabeça’
- (53) *itsaj-ni* → [*itsajenĩ*] > [*itsajên*] > > [*itsajê*]  
 anoitecer-NLZ-OBL  
 ‘à noite’ ou ‘de noite’

(54) *ña kani-ni* → [*ña kaninĩ*] > [*ña kanĩ*]

POSS1SG criança-OBL

‘com meu filho’

### 5.3.6.1 Argumento oblíquo locativo

Em boa parte das ocorrências, a função de *argumento oblíquo locativo* é exercida por um sintagma nominal, cuja marcação é feita por {-*ni*} ‘OBL’. Em outros casos, essa mesma função é exercida por um advérbio de lugar. Desse modo, o acréscimo de {-*ni*} ‘OBL’ ao núcleo de um SN, inserido no contexto oracional, evidencia-o como complemento oblíquo locativo, que pode ser assim reescrito: SAdv.loc → (Det) N-OBL.

Em relação à ordem básica de constituintes, os dados disponíveis revelam uma certa imprevisibilidade quanto à posição sintática de um argumento oblíquo locativo, pois o mesmo pode ocorrer anteposto ou posposto à estrutura verbal. Exemplos:

(55) *aj ña i-tso-ni ñoña õ-tsi mo-e-re*

1SG POSS1SG RN-dedo-OBL ferida 1-ter APL.poss-DECL-AUX

‘Eu tenho uma pereba no dedo.’ ou ‘Eu tenho uma ferida no dedo.’

(56) *uruã-te ajũkoe-ni twĩtwĩ n-e-re*

rapaz-COL lagoa-OBL nadar.RED 3-DECL-AUX

‘A rapazeada está nadando na baía.’ ou ‘Os rapazes estão nadando na lagoa.’

(57) *oky twĩ n-e-re tepy-ni*

cobra nadar 3-DECL-AUX terra-OBL

‘A cobra arrasta-se no chão.’ (Lit.: ‘A cobra nada na terra.’)

(58) *pejake ña kani ojo keke-o tyj-ni mo-ø-kỹj-kũ n-e-re*

amanhã POSS1SG criança POSS3SG avó-POSS casa-OBL dormir-3-olho-NEG 3-DECL-AUX

‘Amanhã meu filho não vai dormir na casa da avó dele.’

As raízes verbais relativas a movimento ou deslocamento no espaço físico, tais como “ir”, “vir”, “andar”, “cair”, “voar”, podem requerer um argumento oblíquo locativo marcado por {-*ni*}. Exemplos:

(59) *ña koro ty-e-ro n-e-re ojo tyj-ni*

POSS1SG irmão movimentar-ASP-CLV 3-DECL-AUX POSS3SG casa-OBL

‘Meu irmão está indo para a casa dele.’

(60) *naj-tsi para-ja n-e-re meja-ni*

algo-INT cair-DIR 3-DECL-AUX terreiro-OBL

‘O que está caindo no terreiro?’

(61) *tuture pære n-e-re ojo iñui-ni*

rolinha voar 3-DECL-AUX POSS3SG ninho-OBL

‘A rolinha está voando para o ninho dela.’

Entretanto, no caso de uma construção sintática complexa, com uma série de orações coordenadas nucleadas por raízes verbais relativas a movimento ou deslocamento, pelo princípio de economia lingüística, o argumento oblíquo locativo é citado na primeira oração e

apagado na segunda. Vejam-se os exemplos abaixo, nos quais a raiz {*vyry-*, seguida de {-*to*} ‘DIR’, significa ‘entrar’ e seguida de {-*tu*} ‘DIR’ significa ‘sair’:

(62) *aj tsere-õ-to nẽ-turo-eko oj ña tyj-ni vyry-to n-eko*  
 1SG ver-1-TRA quando-espaço-COP 3SG POSS1SG casa-OBL deslocar-DIR 3-DECL-COP

*vyry-tu n-eko iriri-ro n-e ña tsutsira-e ø-tej-ro e-re*  
 deslocar-DIR 3-COP correr-CLV 3-DECL POSS1SG terçado-NLZ 3-transportar-CLV DECL-AUX  
 ‘Eu vi quando ele entrou na minha casa e saiu correndo levando meu terçado.’

Se o núcleo do argumento oblíquo locativo for um nome relativo a líquido ou substância pastosa, o respectivo classificador nominal específico, ainda que não ocorra na estrutura nominal, aparece incorporado na estrutura verbal, de tal modo que essa relação de concordância se torna opaca.

Além disso, a marcação de caso locativo, como se afirmou acima, pode estar reduzida à nasalidade da vogal precedente ou simplesmente não ocorrer, posto que a incorporação do classificador na estrutura verbal já traduz essa noção. Exemplos:

(63) *aj kuni-ni vyry-õ-tu-mu õ-e-re*  
 1SG água-OBL deslocar-DIR-CLE.líqu 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou saindo da água.’

(64) *jũ kuky para-ja-mu n-e-re ña tsero-ni*  
 DEM.prox. mosca cair-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX POSS1SG chicha-OBL  
 ‘Caiu mosca na minha chicha.’

Em (63), incorporado na estrutura verbal, o classificador {-*mu*} ‘CLE.líqu’ concorda, em referência cruzada, com *kunĩ* ‘água’. Em (64), o mesmo classificador é co-referente a *tsero* ‘chicha’. Nos dois exemplos, tais nomes são morfologicamente marcados por sufixo marcador de oblíquo. Essa relação de concordância com o classificador {-*mu*} ‘CLE.líqu’ é implícita. Caso contrário, quando o mesmo classificador integra a estrutura nominal e aparece incorporado na estrutura verbal, a concordância é transparente, {-*ni*} ‘OBL’ não ocorre. O mesmo vale para o classificador {-*tinu*} ‘CLE.pastoso’. Exemplos:

(65) *ña kope-ko-mu tove-ñu para-ja-mu n-e-re*  
 POSS1SG café-CLE-CLE mel-CLE cair-DIR-CLE 3-DECL-AUX  
 ‘Caiu abelha no meu café.’

(66) *kani iriri-ro-eko oro-e-tinu para-ja-tinu n-e-re*  
 criança correr-CLV-COP barro-CLE.pastoso cair-DIR-CLE.pastoso 3-DECL-AUX  
 ‘O menino correu e caiu na lama.’

Nesses casos específicos, havendo incorporação de classificador, o Kanoê admite o apagamento do complemento adverbial locativo, conforme os exemplos a seguir, decorrentes de (65) e (66), respectivamente:

(67) *aj vyry-õ-tu-mu õ-e-re*  
 1SG deslocar-1-DIR-CLE 1-DECL-AUX  
 ‘Eu saio da água.’

- (68) *kani iriri-ro-eko para-ja-tinu n-e-re*  
 criança correr-CLV-COP cair-DIR-CLE 3-DECL-AUX  
 ‘O menino correu e caiu na lama.’

### 5.3.6.2 Argumento oblíquo instrumental

Um argumento oblíquo instrumental também é marcado por {-*ni*}, posposto a um sintagma nominal, a cujo núcleo se atribui o papel semântico de instrumento da realização de uma determinada ação, de acordo com a natureza semântica da raiz verbal: SN → (Det) N-OBL. Em termos de ordem sintática, em boa parte das ocorrências, um argumento oblíquo instrumental ocorre após a estrutura verbal, como em (69), (70) e (71), mas pode ocorrer anteposto ao verbo, como em (72), e ainda até mesmo anteposto ao objeto e ao verbo, como em (73):

- (69) *kani-te erej puro-ro n-e-re i-kuta-ni*  
 criança-COL bola jogar-CLV 3-DECL-AUX RN-cabeça-OBL  
 ‘A meninada está jogando bola com a cabeça.’

- (70) *aj ipæ õ-e-re iry mapi-ni*  
 1SG matar 1-DECL-AUX macaco flecha-OBL  
 ‘Eu mato macaco com flecha.’

- (71) *aj ña i-tso rwa-õ-tso õ-e-re tsutsi-ra-e-tsíkwa-ni*  
 1SG POSS1SG RN-dedo cortar-1-dedo 1-DECL-AUX cortar-CLV-NLZ-DIM-OBL  
 ‘Eu cortei meu dedo com a faca.’

- (72) *ajte tsutsi-ra-e-ni tsutsi-õ-ro õ-e-re*  
 1PL cortar-CLV-NLZ-OBL cortar-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Nós estamos roçando com o terçado.’

- (73) *kani ytso-ni æky tutu-e-to e-re*  
 criança madeira-OBL banana cutucar-ASP-TRA DECL-AUX  
 ‘O menino está cutucando as bananas com a vara.’

É importante ressaltar que, em algumas ocorrências esparsas, em predicados transitivos multiargumentais, observa-se um nome na função de objeto direto e outro na argumento periférico. Esse argumento ocorre não marcado por {-*ni*}. Nesses casos, parece que a ordem básica de constituintes parece se impor, de tal sorte que o argumento objetivo antecede o argumento instrumental. É o que se nota nos seguintes exemplos:

- (74) *aj ña i-ña tara pūpūj õ-e-re*  
 1SG POSS1SG RN-rostro urucum pintar 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou pintando o rosto com urucum.’

- (75) *oj nake ojo kani-o i-ña eremu pūpūj n-e-re*  
 3SG FEM POSS3SG criança-POSS RN-rostro jenipapo pintar 3-DECL-AUX  
 ‘Ela está pintando o rosto do filho dela com jenipapo.’

- (76) *oj kwini kwini-o-y po n-e-re*  
 3SG peixe peixe-POSS-espino capturar 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está pescando com anzol.’

Há casos de orações em que não há um argumento instrumental explícito, pois as raízes dos respectivos sintagmas verbais são inerentemente instrumentais. Em outros termos, se o conteúdo da raiz verbal já referencializa o instrumento da ação, não há necessidade de argumento instrumental: {*væũ-*} “abanar”, {*vare-*} “remar”, {*pyryry-*} “flechar”(= “matar pássaros com flecha de três pontas”)<sup>152</sup>. Exemplos:

(77) *aj ña uru-kanĩ væũ-to õ-e-re*  
 1SG POSS1SG novo-criança abanar-TRA 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou abanando meu bebê.’

(78) *aj varevare-õ-to õ-e-re*  
 1SG remar.RED-1-TRA 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou remando.’

(79) *kape-ãw õ-kwa-tsĩkwa pyryry-væ*  
 vamos-IMP pássaro-CLE-DIM flechar-DU  
 ‘Vamos matar passarinho!’

### 5.3.6.3 Argumento oblíquo temporal

A par dos advérbios de tempo que usualmente exercem tal função, os nomes *pejae* ‘manhã, dia, ‘claridade’ e *itsaje* ‘noite, ‘escuro’’, quando marcados posposicionalmente por {-*ni*} constituem locuções nominais que funcionam como complementos oblíquos, de natureza adverbial temporal, cujo escopo é toda a oração. Essas locuções nominais podem ocorrer sozinhas, como em (80), ou co-ocorrer com outro argumento adverbial nucleado por advérbio de tempo, como em (81):

(80) *itsaj-e-ni ajte pe-væ-ja õ-e-re*  
 anoitecer-NLZ-OBL 1PL dançar-DU-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘À noite, nós vamos dançar.’

(81) *kamitsi peja-ni ajte itsæ ipæ e-re kaurua-o kæry-ni*  
 ontem dia-OBL 1PL anta matar DECL-AUX Kauruá-POSS margem-OBL  
 ‘Ontem de manhã nós matamos uma anta às margens do Kauruá.’

### 5.3.6.4 Argumento oblíquo comitativo

Considerando que o comitativo expressa companhia, tem-se então um evento verbal para o qual há, no mínimo, dois argumentos nominais: um SN cujo núcleo se refere a um sujeito *agente* ou *experenciador* e um SN complementar, que denota um co-participante como coadjuvante secundário da ação ou processo expresso pelo verbo.

Em Kanoê, existem pelo menos quatro estratégias lingüístico-discursivas para a expressão da comitatividade, a saber: a) por meio do sufixo {-*ni*} na estrutura do sintagma nominal; b) pela posposição do complemento adverbial comitativo; c) por meio do marcador de dualidade {-*væ*}; d) por meio da concordância verbal.

As especificidades dessas estratégias e respectiva exemplificação são dadas a seguir.

<sup>152</sup> MK nomeou-a “flecha de três garranchos”, em Português.



### a) comitativo marcado por {-ni}

O comitativo marcado pelo sufixo {-ni}, em determinadas estruturas transitivas, evita que haja ambigüidade. Para ilustrar, tomem-se os seguintes exemplos:

(82) *aj ña koro-ni tyvæ-ro õ-e-re*  
1SG POSS1SG irmão-OBL caçar-CLV 1-DECL-AUX  
'Eu caço com meu irmão.'

(83) % *aj ña koro tyvæ-ro õ-e-re*  
1SG POSS1SG irmão caçar-CLV 1-DECL-AUX  
'Eu caço meu irmão.'

(84) *aj itsæ tyvæ-ro õ-e-re*  
1SG anta caçar-CLV 1-DECL-AUX  
'Eu caço anta.'

Em (82), se não houvesse tal marcação, o SN *ña koro* poderia ser interpretado como objeto direto, uma vez que a raiz {*tyvæ-*} "caçar", embora transitiva, não requer {-to}. Além disso, essa raiz também não aceita incorporação nem de classificadores nem do próprio nome na função de objeto direto. Logo, o acréscimo de {-ni} ao núcleo do SN elimina qualquer outra possibilidade de interpretação. Já em (83), sem a marca de comitatividade, o SN *ña koro* "meu irmão" é potencialmente o objeto direto, por analogia estrutural com (84). Entretanto, sem a marca de comitatividade, há incompatibilidade entre *ña koro* e o papel de "paciente", posto que "irmão" não é objeto "caçável" dos pontos de vista lógico e semântico, o que torna a sentença inaceitável. Em (84), ao contrário, *itsæ* "anta" é um nome compatível com o conteúdo semântico da raiz verbal, uma vez que os traços semânticos de {*tyvæ-*} conotam precisamente "andar no mato procurando animais para matar a fim de comer."

### b) posposição de argumento comitativo

Nas sentenças multiargumentais, a posposição argumento comitativo evita o acúmulo de sintagmas nominais em posição preverbal, o que poderia levar a equívocos de interpretação. Assim, parece que a marcação de comitatividade se torna facultativa, pois estando o objeto direto em sua posição fundamental, distante do complemento comitativo. Não ocorre ambigüidade, uma vez que os nomes não disputam papéis semânticos, como em (85) e (86). Por outyrolado, havendo também a posposição do SN objeto direto, o acréscimo de {-ni} 'OBL' parece ser obrigatório, como em (87):

(85) *aj tyvæ-ro õ-e-re ña koro*  
1SG caçar-CLV 1-DECL-AUX POSS1SG irmão  
'Eu vou caçar com meu irmão.'

(86) *aj kwini po õ-e-re ña kani*  
1SG peixe capturar 1-DECL-AUX POSS1SG criança  
'Eu vou pescar com meu filho.'

(87) *aj po õ-e-re kwini ña kani-ni*  
1SG capturar 1-DECL-AUX peixe POSS1SG criança-OBL  
'Eu vou pescar com meu filho.'

Como em Kanoê é relativamente freqüente a queda de vogais nasais altas em final de vocábulo, de tal modo que o morfema {-*ni*} pode se reduzir a um traço de nasalidade, a marcação de comitatividade perde a transparência, se o nome ao qual se agrega já termina por vogal nasal ou nasalizada. Por isso, não é fácil perceber se houve ou não a marcação de caso comitativo, como acontece com os demais casos adverbiais marcados pelo mesmo morfema. A título de ilustração, observe-se o seguinte exemplo:

- (88) [*aj u' ræ ipæõε' rε na mũjõite' nãj*]  
*aj uræ ipæõ-e-re ña mujoiteñaj-ni*  
 1SG porco matar 1-DECL-AUX POSS1SG tio-OBL  
 'Eu vou caçar porco junto com meu tio.'

Em (88), do ponto de vista fonético, é impossível perceber marcação de comitativo. De qualquer forma, ela é facultativa, porque o objeto direto está anteposto e, assim, não há possibilidade de ambigüidade. Por outro lado, em alguns casos específicos de comitativo pronominal, verifica-se que ao pronome se agrega {-*o*} 'POSS', seguido de {-*ni*} 'OBL', tal como nos seguintes exemplos:

- (89) *oj uræ ipæ n-e-re aj-o-ni*  
 3SG porco matar 3-DECL-AUX 1SG-POSS-OBL  
 'Ele caça porco comigo.'

- (90) *aj uræ ipæ õ-e-re mi-o-ni*  
 1SG porco matar 1-DECL-AUX 2SG-POSS-OBL  
 'Eu caço porco com você.'

### c) comitativo por meio de marcador de dualidade

Outra estratégia para a expressão da comitatividade em Kanoê é a inserção do {-*væ*} 'DU', após a raiz verbal. Simultaneamente, o reajuste da valência verbal implica incorporação de {-*to*} 'TRA' em estruturas verbais que, na absoluta maioria dos casos, não o requerem, tais como {-*po*-} "capturar, pescar" e {-*po*-} "fazer" + {-*turo*} "espaço" = "trabalhar". Vale acrescentar que, nesse tipo de construção, se o sintagma comitativo é pronominal, ele pode ser apagado e ficar referencializado tão-somente por meio de flexão pessoal na estrutura verbal. Exemplos:

- (91) *ña avae-kỹj kwini po-væ-õ-to n-e-re*  
 POSS1SG primo-MASC peixe capturar-DU-1-TRA 3-DECL-AUX  
 'Meu primo vai pescar comigo.'

- (92) *ojo tũ-kwæ ña papa po-væ-ø-turo-to e-re*  
 POSS3SG irmão-MASC POSS1SG pai trabalhar-DU-3-espaço-TRA DECL-AUX  
 'O irmão dele trabalhou com meu pai.'

- (93) *oj po-væ-turo-ø-pe-to-nu n-e-re*  
 3SG fazer-DU-espaço-3-2-TRA-FUT 3-DECL-AUX  
 'Ele vai trabalhar com você.' (Lit.: 'Ele vai estar trabalhando com você.')

Em se tratando de raízes verbais relativas a deslocamento no espaço físico, pode ocorrer um argumento nominal ou pronominal após um sujeito também nominal ou pronominal. Nesses casos, a concordância por referência cruzada entre sujeito e a respectiva marca flexional na estrutura verbal elimina qualquer possibilidade de outra

interpretação. Além disso, nesses casos específicos, a ordem básica de constituintes parece se impor. Assim, mesmo que ocorram dois pronomes em posição pré-verbal, o primeiro, focalizado no início da oração, em concordância com a estrutura verbal é inequivocamente o sujeito. O segundo só pode ser compreendido como argumento objetivo e não como comitativo. Exemplos:

(94) *mi aj punu mi-e-re*

2SG 1SG acompanhar 2-DECL-AUX

‘Você vai comigo.’ (Lit.: ‘Você vai me acompanhando.’)

(95) *ña e aj punu n-e-re*

POSS1SG mulher 1SG acompanhar 3-DECL-AUX

‘Minha mulher vai comigo.’ (Lit.: ‘Minha mulher vai me acompanhando.’)

(96) *aj na e punu ã-e-re*

1SG POSS1SG mulher acompanhar 1-DECL-AUX

‘Eu vou com minha mulher.’ (Lit.: ‘Eu vou acompanhando minha mulher.’)

## 5.4 Tipologia do predicado oracional

Os predicados prototípicos em Kanoê são de natureza *nominal* e *verbal*. Os primeiros são nucleados por raízes de categorias lexicais não-verbais, sobretudo nomes, pronomes, e quantificadores. Os predicados verbais são expressos por um sintagma verbal nucleado por uma raiz verbal, simples ou reduplicada. Em outros casos, o predicado é constituído por um sintagma verbal complexo, em se tratando de verbos antecidos por um objeto direto, às vezes opcional, no caso de raízes transitivas. Há, ainda, os predicados em que ocorre um argumento oblíquo locativo, nos casos das raízes relativas a movimento ou deslocamento.

No Quadro 2, abaixo, são apresentados os traços redundantes e traços distintivos e que permitem a caracterização geral e a distinção entre os dois tipos básicos de predicados:

TIPO DE PREDICADO	CARACTERÍSTICAS DOS PREDICADOS								
	núcleo			incorporação			flexão pessoal		
	N	V	CLE	CLE	N.raiz	V.raiz	__V.raiz	V.raiz__	__AUX
nominal	+	-	-	-	+	-	-	-	+
verbal	-	+	+	+	+	+	(+)	(+)	(+)

Quadro 2: Traços característicos dos predicados nominais e verbais

Quando dois ou mais predicados compartilham um mesmo argumento, a segunda ocorrência deste é omitida, para a eliminação de redundâncias, em decorrência do padrão *pro-drop*, do princípio de economia lingüística, do complexo sistema de concordância por referência cruzada por flexão pessoal, classificadores ou incorporação nominal.

### 5.4.1 Predicados nucleados por raízes nominais

Os predicados nominais se distinguem dos verbais não só por serem nucleados por categorias não-verbais (nomes, pronomes, advérbios), mas também por jamais apresentarem os morfemas *{-ro}* e *{-to}* em suas estruturas morfossintáticas. Some-se a isso que são passíveis de concordância em gênero, quando isso se faz necessário. Esses predicados requerem um argumento, simples ou complexo, na função de sujeito da oração. Por conseguinte, são prototipicamente monovalentes. Contudo, como o Kanoê admite a elipse de sujeito pronominal, essa posição sintática pode ficar vazia, sobretudo numa série de

predicados coordenados, cujo sujeito referencial é o mesmo. Exemplos:

(97) *aj kanoë õ-e-re*

1SG Kanoê 1-DECL-AUX  
'Eu sou Kanoê.'

(98) *oj orymape e-re*

1SG pajé DECL-AUX  
Ele é o pajé.

Dada a natureza não-verbal de suas raízes, os predicados nominais não denotam ações nem processos, mas noções descritivas, determinativas, equativas, estativas, existenciais e quantificativas, entre outras. Essas predicacões são atribuídas afirmativamente, ou negadas ou ainda questionadas em relação a um sintagma nominal, simples ou complexo, na função argumental de sujeito. Logo, os predicados nominais são submetidos a marcações frasais de modo declarativo-afirmativo, declarativo-negativo e interrogativo. Em casos especiais, a relação de concordância é feita ou por meio de classificadores nominais específicos ou genéricos ou por incorporação nominal. Via de regra, os predicados nominais concordam em pessoa, por meio de marca de flexão pessoal, e eventualmente em gênero, quando isso se impõe.

#### 5.4.1.1 Predicados equativos e inequativos

São semanticamente equativos os predicados nucleados por raízes que traduzem uma relação de identidade ou igualdade entre o núcleo do SV predicativo e o núcleo de um SN simples ou os núcleos de um SN composto na função argumental de sujeito, ao qual é atribuído. Por sua vez, são inequativos os predicados nominais que negam a mesma relação de identidade ou igualdade. Vejam-se os exemplos abaixo, entre os quais os dois últimos apresentam predicados equativos e inequativos coordenados por justaposição:

(99) *ña papa eae e-re*

POSS1SG pai tuxaua DECL-AUX  
'Meu pai é tuxaua.'

(100) *tsinamaty opera-o tũ-nake e-re*

Txinamanty Opera-POSS irmão-FEM DECL-AUX  
'Txinamanty é irmã de Operá.'

(101) *aj eae õ-e-re*

1SG tuxaua 1-DECL-AUX  
'Eu sou o chefe.' (Lit.: 'Eu sou tuxaua.')

(102) *ajte kanoë õ-e-re tsoke jũ uruã masaka e-re*

1PL Kanoê 1-DECL-AUX mas DEM.prox. rapaz Masaká DECL-AUX  
'Nós somos Kanoê, mas este rapaz é Masaká (Aikanã).'

(103) *pupaki kanoë ni-k-e-re oj akũtsũ e-re*

Pupaki Kanoê 3-NEG-DECL-AUX 3SG Akuntsum DECL-AUX  
'Pupaki não é Kanoê, ele é Akuntsum.'

(104) *tsinamaty akũtsũ ni-k-e-re oj kanoë e-re*

Txinamanty Akuntsum 3-NEG-DECL-AUX 3SG Kanoê DECL-AUX  
'Txinamanty não é Akuntsum, ela é Kanoê.'

### 5.4.1.2 Predicados com raízes nominais determinativas

Foram denominados determinativos os predicados de natureza dêitica cujos núcleos são vocábulos que normalmente funcionam como determinantes do núcleo de um sintagma nominal, ou seja, os pronomes possessivos e os demonstrativos. No entanto, em casos excepcionais, condicionados por situações pragmáticas concretas, essas categorias podem funcionar como núcleos de predicados nominais. Assim, de acordo com a classe morfológica do núcleo, os predicados determinativos podem ser subcategorizados em duas subclasses: a) predicados nominais possessivos e b) predicados nominais demonstrativos. Ambos são atribuídos a um argumento na função de sujeito a fim de afirmar ou negar ou questionar-lhe uma relação de posse ou sua localização espacial.

Os predicados nominais possessivos se caracterizam por apresentarem um pronome demonstrativo como adjunto determinante de um nome, núcleo de um SN na função de sujeito, e um pronome possessivo como núcleo do SV predicativo. Excepcionalmente, no caso de primeira pessoa singular, no lugar do respectivo possessivo, ocorre uma construção morfêmica possessiva *ajo*, constituída de *aj* ‘1SG’ + {-o} ‘POSS’, análoga à estrutura de *ojo* ‘POSS3SG’, constituído de *oj* ‘3SG’ + {-o}. Exemplos:

(105) *jũ tyj ojo e-re*  
DEM.prox casa POSS3SG DECL-AUX  
‘Esta casa é dele.’

(106) *ũko tyj aj-o ni-k-e-re*  
DEM.dist casa 1SG-POSS 3-NEG-DECL-AUX  
‘Aquela casa não é minha.’

(107) *jũ mapi-ka ojo ni-tsi*  
DEM.prox flecha-CLE.duro POSS3SG 3-INT  
‘Este arco de flecha é dele?’

Por sua vez, inversamente, os predicados nominais demonstrativos têm um pronome possessivo como determinante do nome na estrutura de um SN sujeito e um pronome demonstrativo como núcleo do SV predicativo. Exemplos:

(108) *ũa tyj jũ e-re ãa mũj-o tyj ũko e-re*  
POSS1SG casa DEM.prox DECL-AUX POSS1SG mãe-POSS casa DEM.dist DECL-AUX  
‘Minha casa é esta, a casa de minha mãe é aquela.’

(109) *jato tyj jũ ni-k-e ũko e-re*  
POSS1PL casa DEM.prox NEG-DECL DEM.dist DECL-AUX  
‘Nossa casa não é esta, é aquela.’

(110) *pja tyj jũ ni-tsi*  
POSS2SG casa DEM.prox 3-INT  
‘Tua casa é esta?’

### 5.4.1.3 Predicados quantitativos nucleados por numerais

São quantitativos os predicados dados por estruturas nucleadas por numerais. Esses predicados são eventualmente sujeitos à concordância de gênero, quando ela se faz necessária. Embora esses predicados possam ser interpretados também como existenciais, a essência da

informação predicativa é dada pela noção de quantidade, numérica ou indeterminada. Exemplos:

(111) *uræ mow e-re*

porco dois DECL-AUX  
'São dois porcos'.

(112) *ævo mow-kjỹ-e-re*

homem dois -MASC-DECL-AUX  
'São dois homens'.

(113) *e mōw-nake e-re*

mulher dois-FEM DECL-AUX  
'São duas mulheres'.

Incluem-se entre os predicados quantificativos aqueles que, nucleados por numerais ou quantificadores, a par da noção quantificativa, acumulam também uma noção possessiva, pois são, em essência, possessivo-quantificativos. Caracterizam-se por serem biargumentais, exigindo um argumento nominal ou pronominal na função de sujeito possuidor e um nome na função de objeto possuído e quantificado. Nesse tipo de predicado, em pelo menos um caso, se o nome na função de objeto é *kani* 'criança', empregado genericamente, sem referência à especificação de gênero, ocorre a incorporação nominal total imediatamente após a raiz numeral ou quantificativa, como nos seguintes exemplos:

(114) *oj kani mōw-kani e-re*

3SG criança dois-criança DECL-AUX  
'Ele tem dois filhos.'

(115) *oj kani ara-kani k-e-re*

3SG criança pouco-criança NEG-DECL-AUX  
'Ele tem muitos filhos.' (Lit.: 'Ele tem não poucas crianças.')

Por outro lado, quando há concordância de gênero, dada por {-*kỹj*} para o masculino e por {-*nake*} para o feminino, não ocorre a incorporação nominal. Exemplos:

(116) *aj ævo kani mōw-mōw-kỹj e-re*

1SG homem criança dois-dois-MASC DECL-AUX  
'Eu tenho quatro filhos.' (Lit.: 'Eu tenho quatro crianças homens.')

(117) *oj e kani mōw-pja-nake e-re ma-e-re*

3SG mulher criança dois-um-FEM DECL-AUX também-DECL-AUX  
'Ele também tem três filhas.' (Lit.: 'Ele também tem três crianças mulheres.')

(118) *aj ævo kani mōw-kỹj-e-re e kani mōw-nake e-re*

1SG homem criança dois-MASC-DECL-AUX mulher criança dois-FEM DECL-AUX  
'Eu tenho dois filhos e duas filhas.'

#### 5.4.2 Predicados nucleados por raízes verbais

Os predicados verbais, em geral, se distinguem dos nominais por apresentarem como núcleo uma raiz efetivamente verbal, denotativa de fenômenos naturais, movimento ou deslocamento no espaço físico, ou ainda processos ou ações verbais, intransitivas,

transitivas ou bitransitivas. Assim, esses predicados são classificáveis em intransitivos, transitivos e ditransitivos, conforme se demonstrou em 4.2 e subtópicos.

O espectro de valência verbal é variável, havendo raízes verbais inargumentais, de valência zero, e raízes verbais multivalentes, que exigem mais de um argumento. Muitas dessas raízes podem sofrer acréscimo ou decréscimo de valência, de tal modo que uma determinada raiz intransitiva pode se realizar também como transitiva; do mesmo modo que uma raiz transitiva pode eventualmente ocorrer como intransitiva. Além disso, podem ser tipificados segundo a natureza e o valor semântico do núcleo verbal.

#### 5.4.2.1 Predicados verbais quantitativos nucleados por *ara-k-e-re*

São quantitativos os predicados verbais dados por estruturas nucleadas por {*ara-*} ‘pouco’. Pode haver concordância de gênero, quando ela se faz necessária. Embora esses predicados possam ser interpretados

(119) *itevæ ara k-e-re*

gente pouco NEG-DECL-AUX  
‘É muita gente.’

(120) *kwini ara k-e-re tanaru<sup>153</sup>-ni*

peixe pouco NEG-DECL-AUX Tanaru-OBL  
‘Havia muito peixe no Tanaru.’

(121) *e ara-kỹj k-e-re*

mulher pouco-MASC NEG-DECL-AUX  
‘São muitos homens.’ (Lit.: ‘Não são poucos homens.’)

(122) *e ara-nake k-e-re*

mulher pouco-FEM NEG-DECL-AUX  
‘São muitas mulheres.’ (Lit.: ‘Não são poucas mulheres.’)

#### 5.4.2.2 Predicados verbais atributivo-qualificativos

Sob esse rótulo foram arrolados os predicados verbais descritivos, nucleados por raízes qualificativas, que funcionam na língua como verbos descritivos. Esses predicados denotam afirmação, negação ou questionamento de estados ou características inerentes ou atribuíveis, subjetiva e arbitrariamente, a um ou a mais de um núcleo de um SN, como argumento na função de sujeito, com os quais concordam em pessoa e gênero, quando for o caso. Exemplos:

(123) *pja i-kỹj voro-pe-kỹj e-re*

POSS2SG RN-olho preto-2-olho DECL-AUX  
‘Teus olhos são pretos.’

(124) *ñã mūj uru-nake more-nake e-re*

POSS1SG mãe novo-FEM bom-FEM DECL-AUX  
‘Minha mãe é nova e bonita.’

(125) *ojo e ojo kani more-nake e-re*

POSS3SG mulher POSS3SG criança bom-FEM DECL-AUX  
‘A mulher e a filha dele são bonitas.’

<sup>153</sup> Tanaru é hidrônimo relativo ao rio em cuja cabeceira viveram os Kanoê, na mesma região do Omeré.

(126) *jato orymape more-kỹj e-re*  
 POSS1PL pajé bom –MASC DECL-AUX  
 ‘Nosso pajé é bom.’

(127) *ña papa ña mũjoitěñaj ã-kỹj e-re*  
 POSS1SG pai POSS1SG tio gordo-MASC DECL-AUX  
 ‘Meu pai e meu tio são gordos.’

Há ocorrências específicas nas quais a relação entre predicado atributivo-qualificativo e argumento como sujeito é dada por incorporação nominal ou classificador incorporado. Essa relação é opaca, se o classificador já está lexicalizou, como em (128); ou quando o mesmo inexistente na morfologia nominal, como em (129). Nesses casos, o classificador aparece incorporado, relacionando-se a um nome não marcado explicitamente por um classificador específico (p.ex.: *epy* ‘castanha’ ↔ {-*kwa*} ‘CLE’). Por outro lado, a concordância é transparente, se um classificador nominal, segmentável no nome, é incorporado ao predicado. Exemplos:

(128) *atiti karo-ti k-e-re*  
 milho duro-CLE NEG-DECL-AUX  
 ‘O milho está mole.’ (Lit.: ‘O milho não está duro.’)

(129) *twīpæ pira-vi e-re*  
 curica azul-CLE DECL-AUX  
 A curica é verde.’

(130) *epykwā tsu-kwa e-re*  
 amendoim gostoso-CLE DECL-AUX  
 ‘O amendoim é gostoso.’

(131) *kometaw uru-taw jũ-taw-e-re tsu-taw-e-re*  
 fava novo-CLE cozinhar-CLE-DECL-AUX gordo-CLE-DECL-AUX  
 ‘Feijão verde cozido esta cozido e é gostoso.’

(132) *õkwa-tsĩkwa voro-kwa-e e-re*  
 pássaro-DIM preto-CLE-NLZ mulher-AUX  
 ‘O passarinho preto é fêmea.’

### 5.4.2.3 Predicados verbais comparativos equativos e inequativos

Os predicados verbais comparativos ocorrem em sentenças complexas, nas quais duas orações são coordenadas entre si por parataxe. Numa perspectiva semântica, se a comparação é inequativa, um dos predicados da comparação é sempre a negação do outro. Caso contrário, se a comparação é equativa, os predicados são idênticos. Exemplos:

a) predicados nominais comparativos equativos:

(133) *pja tyj ej-turo e-re ña tyj ej-turo e-re ma-e-re*  
 POSS2SG casa grande-espaço DECL-AUX POSS1SG casa grande-espaço DECL-AUX também-DECL-AUX  
 ‘Tua casa é tão grande quanto a minha.’  
 (Lit.: Tua casa é grande espaço, minha casa é grande espaço também’)



b) predicados nominais comparativos inequativos:

- (134) *ña tyj ej-turo-e-re pja tyj ej-turo k-e-re*  
POSS1SG casa grande-espaço-DECL-AUX POSS2SG casa grande-espaço NEG-DECL-AUX  
'Minha casa é maior que a tua.'  
(Lit.: 'Minha casa é grande espaço, tua casa não é grande espaço.')

#### 5.4.2.4 Predicados verbais existenciais

Os predicados verbais existenciais predicam a existência ou inexistência de seres, seja no modo declarativos (afirmativo ou negativo); seja no modo interrogativo (positivo ou negativo). Esses predicados são assim estruturados :

1<sup>o</sup>) a partir da raiz {*tsi*-} “haver, ter, existir”, que exige um argumento na função de sujeito e, em geral, um argumento oblíquo locativo. Exemplos:

- (135) *u-ro-e tsi-ni-tsi masaka-o atso-ni*  
comer-CLV-NLZ ter-3-INT Aikanã-POSS aldeia-OBL  
'Há comida na aldeia dos Aikanã?'
- (136) *u-ro-e tsi ni-k-e-re masaka-o atso-ni*  
comer-CLV-NLZ ter 3-NEG-DECL-AUX Aikanã-POSS aldeia-OBL  
'Não há comida na aldeia dos Aikanã.'
- (137) *atiti tsi ni-kū pja tū-kwã-o ñomu-ni*  
milho ter 3-NEG POSS2SG irmão-MASC-POSS roça-OBL  
'Não há milho na roça de teu irmão?'
- (138) *atiti tsi e-re ojo ñomu-ni*  
milho ter DECL-AUX POSS3SG roça-OBL  
'Há milho na roça dele.'
- (139) *pja i-kuta-ni tēky pe-tsi mo-e-re*  
POSS2SG RN-cabeça-OBL piolho 2-ter APL.poss-DECL-AUX  
'Há piolho em tua cabeça'. (Lit.: 'Na tua cabeça tem piolho.')

2<sup>o</sup>.) a partir do um núcleo verbal {*ara*-} “pouco”, que, nesse caso, atesta a existência quantitativa ou não do ser ou dos seres que predica. Logo, esse predicado exige um argumento na função de sujeito e, na maioria dos casos, um complemento locativo. Exemplos:

- (140) *varyvary ara k-e-re akita-ni*  
estrela pouco NEG-DECL-AUX céu-OBL  
'Há muitas estrelas no céu.'
- (141) *u-ro-e ara k-e-re ña tyj-ni*  
comer-CLV-NLZ pouco NEG-DECL-AUX POSS1SG casa-OBL  
'Há muita comida na minha casa.'

#### 5.4.2.5 Predicados verbais meteorológicos

Devido a sua natureza meteorológica, esses predicados são inargumentais, impessoais, e exigem que a posição de sujeito fique “zerada”. A estrutura verbal desses predicados é sempre em terceira pessoa. Como não têm sujeito gramatical, não têm função

predicativa: são simplesmente enunciativos. Logo, não se submetem às relações de concordância e, por si mesmos, constituem casos especiais de orações mínimas em Kanoê. Embora não os exijam, esses predicados admitem argumentos oblíquos como complementos de natureza adverbial, sejam eles intensificativos, temporais e locativos. Exemplos:

(142) *vuvuj-ro-e-re ara k-e-re*

ventar-CLV-DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX

‘Está ventando muito.’

(143) *jũ-ni v̄æ-tsi e-re ara k-e-re*

DEM.prox-OBL chuva-ter DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX

‘Aqui chove muito.’

(144) *kamitsi itsaj-e-ni vuvuj-ro-e-re ara k-e-re jũ-ni*

ontem anoitecer-NLZ-OBL ventar-CLV-DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX DEM.prox-OBL

‘Ontem à noite ventou muito aqui.’

(145) *ju-ni ikura-tsi e-re*

DEM.prox-OBL calor-ter DECL-AUX

‘Aqui faz calor.’

(146) *mini peja-ni tunini-tsi e-re jũ-ni*

hoje manhã-OBL frio-ter DECL-AUX DEM.prox-OBL

‘Hoje de manhã fez muito frio aqui.’

#### 5.4.2.6 Predicados verbais temporais

Em virtude de denotarem noções temporais, esses predicados também são inargumentais e impessoais, exigem que a posição sujeito fique “zerada” e, como apresentam as mesmas características dos predicados meteorológicos, assumem a forma básica de terceira pessoa:

(147) *itsaj e-re*

anoitecer DECL-AUX

‘É noite.’

(148) *peja e-re*

dia DECL-AUX

‘É dia.’

(149) *itsaj-kaj e-re*

anoitecer-sol DECL-AUX

‘São seis horas da tarde.’

#### 5.4.2.7 Predicados verbais possessivos

Foram considerados predicados verbais possessivos os predicados transitivos diretos nucleados pela raiz {-*tsi*}, independentemente do modo frasal, quando a mesma denota precisamente ‘ter, possuir’, em oposição aos casos em que denota ‘haver’, existir’. Exemplos:

(150) *kwini-kete y ø-tsi mo-e-re*  
 peixe-CLE espinho 3-ter APL.poss-DECL-AUX  
 ‘A traíra tem espinhos.’

(151) *aj aere õ-tsi ni-k-e-re*  
 1SG machado 1-ter 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não tenho machado.’

(152) *ña kani tyj ø-tsi mo e-re*  
 POSS1SG criança casa 3-ter APL.poss DECL-AUX  
 ‘Meu filho tem casa.’

#### 5.4.2.8 Predicados verbais locativos

Os predicados verbais locativos são dados pelas raízes verbais que denotam movimento ou deslocamento. Em geral, apresentam um sintagma nominal na função de sujeito um complemento oblíquo, cujo núcleo é marcado por {-*ni*} ‘OBL’. Exemplos:

(153) *aj ponu õ-e-re pja koro-o tyj-ni*  
 1SG visitar 1-DECL-AUX POSS2SG irmão-POSS casa-OBL  
 ‘Eu vou visitar a casa de teu irmão mais novo.’

(154) *kūkoe vawe-ni vyry-to e-re*  
 tatu buraco-OBL deslocar-DIR DECL-AUX  
 ‘O tatu entrou no buraco.’

(153) *mi pja tyj-ni vyry-pe-tu mi-e-re*  
 2SG POSS2SG casa-OBL deslocar-2-DIR 2-DECL-AUX  
 ‘Você saiu de sua casa.’

(154) *aj ae-ni uj-õ-væti-e aj ty õ-no-e-re*  
 1SG mato-OBL ir-1-capim-DECL 1SG movimentar 1-VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu estou indo ao mato e quero voltar.’

#### 5.4.2.9 Predicados verbais posicionais e posturais

São predicados posicionais os sintagmas verbais intransitivos, monovalentes, que denotam “estar em uma determinada posição ou uma postura”, nucleados pelas raízes {*aj*-} “sentar”, {*pe*-} “deitar”, {*tsu*-} “agachar”, {*ty*-} “movimentar” (no sentido de “levantar-se, ficar de pé”). Exemplos:

(155) *aleſandrɪ ty n-e-re*  
 Alexandre movimentar 3-DECL-AUX  
 ‘Alexandre levantou-se.’

(156) *aleſandrɪ tsu-ø-ja e-re*  
 Alexandre agachar-3-DIR DECL-AUX  
 ‘Alexandre está agachado.’

(157) *aleſandrɪ aj-ø-ja e-re*  
 Alexandre sentar-3-DIR DECL-AUX  
 ‘Alexandre está sentado.’

(158) *ajte pe-væ-õ-ja õ-e-re*  
 1PL deitar-DU-1-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Nós dois estamos deitados juntos.’

(159) *ojte pe-væ-ø-ja n-e-re*  
 3PL deitar-DU-3-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘Eles dois estão deitados juntos.’

#### 5.4.2.10 Predicados verbais locativo-posicionais ou locativo-posturais

Os predicados verbais aqui considerados locativo-posicionais são os que denotam uma posição ou postura e um local no espaço físico. Para tanto, além de um SN como sujeito, apresentam um sintagma verbal nucleado por uma raiz verbal posicional. Além disso, apresentam ainda um SN complementar oblíquo, marcado por {-*ni*} ‘OBL’, ou um locativo nucleado por um advérbio de lugar. Exemplos:

(159) *tsutsira-e-tsikwa pe-ø-ja e-re æræræ-ni*  
 terçado-NLZ-DIM deitar-3-DIR DECL-AUX banco-OBL  
 ‘A faca está em cima do banco.’ (Lit.: ‘A faca está deitada no banco.’)

(160) *itsote parawe-ni pe-ø-ja e-re*  
 sapato jirau-OBL deitar-3-DIR DECL-AUX  
 ‘O sapato está debaixo do jirau.’ (Lit.: ‘O sapato está deitado debaixo do jirau.’)

(161) *mī ty mī-e-re æræræ-ni*  
 2SG movimentar 2-DECL-AUX banco-OBL  
 ‘Você está em pé perto do banco.’

(162) *tekukae pe-ø-ja e-re yki-ni*  
 pente deitar-3-DIR DECL-AUX marico-OBL  
 ‘O pente está dentro do marico.’ (Lit.: ‘O pente está deitado dentro do marico.’)

(163) *yki pe-ø-ja e-re paparitæ-ni*  
 marico deitar-3-DIR DECL-AUX mesa-OBL  
 ‘O marico está na mesa.’ (Lit.: ‘O marico está deitado na mesa.’)

Se ao núcleo do complemento locativo, marcado por {-*ni*} ‘OBL’, for atribuída uma predicação secundária, o núcleo desse adjunto também recebe a mesma marca. Exemplos:

(164) *aj ty õ-e-re æræræ-ni ejūkje-ni*  
 1SG movimentar 1-DECL-AUX banco-OBL direito-OBL  
 ‘Eu estou do lado direito do banco.’

(165) *aj pe-õ-ja õ-e-re æræræ-ni kotsoe-ni*  
 1SG deitar-1-DIR DECL-AUX banco-OBL esquerdo-OBL  
 ‘Eu estou deitado do lado esquerdo do banco.’

(166) *aj ty õ-e-re æræræ-ni jako mūko-ni*  
 1SG movimentar 1-DECL-AUX banco-OBL costas atrás-OBL  
 ‘Eu estou em pé atrás das costas do banco.’

Num outro caso específico, análogo ao que acontece com as noções verbais de “entrar”, “sair” e “cair”; se o núcleo do complemento locativo é um nome relativo a objeto líquido (p.ex.: água, lago, igarapé, rio etc.), {-*mu*} ‘CLE’ incorpora-se à estrutura verbal. Exemplos:

(167) *oj kuni-ni ty-mu n-e-re*  
 3SG água-OBL movimentar-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está em pé dentro do rio.’

(168) *oj kuni-ni pe-ø-ja-mu n-e-re*  
 3SG água-OBL deitar-3-DIR-CLE.líqu 3-DECL-AUX  
 ‘Ele está dentro d’água.’ (Lit.: ‘Ele está se deitando dentro d’água.’)

## 5.5 Inversões da ordem básica de constituintes

Na grande maioria das orações elicitadas, verifica-se a ocorrência de dois, três ou, raramente, quatro argumentos, que se agregam ao predicado. Além disso, somam-se aí complementos de natureza adverbial, os quais podem ocorrer simultaneamente, configurando assim sintagmas oracionais ainda mais complexos. Nas sentenças declarativas, embora predomine SOV como ordem básica, as demais ordens de constituintes resultam de deslocamentos sintáticos por focalização, anteposição ou por posposição de argumentos em relação ao verbo. Desse modo, a necessidade de ênfase ou focalização de um constituinte, por exemplo, implica seu deslocamento, provocando uma reestruturação sintática no plano oracional. Os principais casos de deslocamentos sintáticos serão descritos a seguir:

### 5.5.1 Focalização de SN na função objeto direto

Nas sentenças transitivas, afirmativas ou negativas, um sintagma nominal na função de objeto direto pode eventualmente ser deslocado para a posição focal, na cabeça da sentença, embora isso ocorra com baixa frequência. Exemplos:

(169) *mūtyry-ko-mu aj itæ e-re*  
 açai-CLE. coco-CLE.líqu 1SG beber DECL-AUX  
 ‘Eu tomei vinho de açai.’

(170) *atiti-tekwa tepy-ni aj pe-ø-ja õ-e-re*  
 milho-CLE.semente terra-OBL 1SG deitar-1-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu vou colocar o arroz no chão.’ (Lit.: ‘Eu estou deitando o arroz no chão.’)

Em (170), observa-se não só a anteposição do SN-objeto direto como também a do complemento oblíquo locativo. Analogamente, um SN-objeto direto também pode ocorrer na cabeça de uma oração coordenada. Exemplo:

(171) *kape-āw tyvæ-ro [neunu uræ ajte ipæ õ-e-re]*  
 vamos-IMP caçar-CLV talvez porco 1PL matar 1-DECL-AUX  
 ‘Vamos caçar, talvez a gente mate um porco.’

Em (171), nota-se que o dubitativo *neunu* ‘talvez’ e o objeto direto *uræ* ‘porco’ antecedem o sujeito, na estrutura sintática da segunda oração. Em outros casos, um SN na função de objeto direto anteposto pode implicar a ocorrência de cópia do mesmo, por meio do pronominal anafórico {-*kjũ*} ~ {*kjũ*~}:

(172) *peutæ tsuæ-tinu oj po-ro-e kjũ-re*  
 beiju macaxeira-CLE.pastoso 3SG fazer-CLV-NLZ 3.IR-AUX  
 ‘Ele faz beiju de macaxeira.’ (Lit.: ‘Beiju de massa de macaxeira, ele o faz.’)

(173) *ojo tyj aj tsere-õ-to kjũ-re*  
 POSS3SG casa 1SG ver-1-TRA 3.IR-AUX  
 ‘Eu vi a casa dele.’ (Lit.: ‘A casa dele, eu a vi.’)

(174) *jũ itevæ aj i-pateñu-to-kjũ kjũ-re*  
 DEM.prox gente 1SG 1-conhecer-TRA-3.IR 3.IR-AUX  
 ‘Eu conheci este homem.’ (Lit.: ‘Este homem, eu o conheci.’)

### 5.5.2 Focalização de complementos periféricos adverbiais

O Kanoê admite o deslocamento sintático de quaisquer sintagmas adverbiais e de complementos oblíquos de natureza adverbial. Porém, apenas os sintagmas adverbiais temporais, locativos e os dubitativos ocorrem, com alta frequência, na cabeça da oração.

#### 5.5.2.1 Complemento oblíquo instrumental focalizado

(175) *jũ tsutsi-ra-e-tsikwa-ni mĩ uræ re mĩ-k-e-re*  
 DEM.prox cortar-CLV-NLZ-DIM-OBL 2SG porco matar 2-NEG-DECL-AUX  
 ‘Com esta faca você não mata o porco.’

(176) *jũ oty-ty-ni aj munaw po-õ-ro e-re*  
 DEM.prox algodão-CLE-OBL 1SG rede fazer-1-CLV DECL-AUX  
 ‘Com este fio de algodão eu fiz a rede.’

#### 5.5.2.2 Sintagma adverbial temporal focalizado

(177) *kamitsi itsaj-e-ni ojo ævo e i-ø-kuta e-re*  
 ontem anoitecer-NLZ-OBL POSS3SG homem mulher brigar-3-cabeça DECL-AUX  
 ‘Ontem, à noite, o marido agrediu a mulher.’

(178) *pejake ña kani ojo keke-o tyj-ni mō-ø-kỹj-kũ n-e-re*  
 amanhã POSS1SG criança POSS3SG avó-POSS casa-OBL dormir-3-CLV-NEG 3-DECL-AUX  
 ‘Amanhã meu filho não vai dormir na casa da avó dele.’

Uma vez que o escopo dos sintagmas adverbiais temporais é, na maioria dos casos, toda a sentença, eles podem incidir simultaneamente sobre duas orações coordenadas, como nos seguintes exemplos:

(179) *mini ajte pæ-væ-ja vajvaj-væ-ro-nu e-re*  
 hoje 1PL dançar-DU-DIR cantar.RED-DU-CLV-FUT DECL-AUX  
 ‘Hoje nós vamos dançar e cantar.’

(180) *itsaje-ni ajte pæ-væ-ja õ-e vajvaj-væ-ro no-e-re*  
 anoitecer-OBL 1PL dançar-DU-DIR 1-DECL cantar.RED-DU-CLV VOL-DECL-AUX  
 ‘À noite nós queremos dançar e cantar.’

Todavia, se o escopo é tão-somente uma oração coordenada ou co-subordinada, o complemento adverbial temporal ocorre na cabeça dessa oração, e não na cabeça da sentença como um todo. Exemplos:

(181) *aj mi vara-õ-ro-pe-to-eko [itsaj-e-ni pja papa ty no-e-re]*  
 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA-COP anoitecer-OBL-NLZ POSS2SG pai movimentar VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu já falei com você que teu pai só chega à noite.’

(182) *ña papa vara-ro-eko [mini ojo i-tekwa iva-e ara k-e-re]*  
 POSS1SG pai falar-CLV-COP hoje POSS3SG RN-barriga doer-NLZ pouco NEG-DECL-AUX  
 ‘Meu pai falou que hoje a barriga dele está doendo muito.’

### 5.5.2.3 Sintagma adverbial locativo focalizado

(183) *jũ-ni atiti-tekwa epæ-ro n-e-re*  
 DEM.prox-OBL milho-CLE.semente germinar-CLV 3-DECL-AUX  
 ‘Aqui vai dar arroz.’ (Lit.: ‘Aqui está nascendo arroz.’)

(184) *kuni-tsĩkwa-ni mi aj twa õ-e-re taruy*  
 água-DIM-LOC 2SG 1SG catar 1-DECL-AUX camarão  
 ‘No igarapé você e eu vamos pegar camarão no igarapé.’

### 5.5.2.4 Sintagma adverbial dubitativo topicalizado

(185) *neunu ña kani pja tyj-ni uj-pe-nu-n-e-re*  
 talvez POSS1SG criança POSS2SG casa-OBL ir-2-FUT-3-DECL-AUX  
 ‘Talvez meu filho vá à tua casa hoje.’

(186) *neunũ pja vae-kỹj kwini po-n-e-re nini mini*  
 talvez POSS1SG primo-MASC peixe capturar-3-DECL-AUX novamente hoje  
 ‘Talvez teu primo vá pescar outra vez hoje.’

### 5.5.3 Focalização de sintagmas interrogativos

Em Kanoê, as interrogativas diretas o SN interrogativo, seja ele de natureza nominal ou adverbial, geralmente ocorre na cabeça da sentença. Exemplos:

(187) *nuvi-tsi mi tsere-ũ-to mi-tsi*  
 algo-INT 2SG ver-ASP-TRA 2-INT  
 ‘Quem você estava vendo?’

(188) *naj-tsi pja muj-o-ni mi o-mi-ro mi-tsi*  
 algo-INT POSS2SG mãe-POSS-OBL 2SG levar-2-CLV 2-INT  
 ‘O que você está levando para tua mãe?’

(189) *naj-n-e to-eko-tsi mi tymi-kũ*  
 algo-3-NLZ TRA-COP-INT 2SG movimentar 2-NEG  
 ‘Por que você não virá?’

### 5.5.4 Posposição de constituintes em orações declarativas

Tomando-se como referencial o padrão SOV, nas sentenças declarativas quaisquer deslocamentos de constituintes nominais pré-verbais para as posições terminais da oração foram considerados deslocamentos sintáticos sob o rótulo geral de posposição de constituintes. Por outro lado, os fenômenos de alteração da ordem sintática têm relação direta com a tipologia das orações. Assim, se nas interrogativas diretas o constituinte nominal interrogativo é focalizado, nas orações imperativas e exortativas, os constituintes argumentais básicos – sujeito e objeto – tendem a ser pospostos.

Dado o caráter *não-configuracional* do Kanoê, nas sentenças declarativas, afirmativas ou negativas, quaisquer argumentos pré-verbais, isto é, sintagmas nominais nas funções de sujeito, de objeto direto ou indireto, eventualmente podem ocorrer pospostos ao verbo:

#### 5.5.4.1 Posposição de sujeito

De um modo geral, em Kanoê a posposição do sujeito é muito menos freqüente que a de quaisquer outros constituintes. Exemplos:

(190) *kuni ytsi-væ ajte*

água banhar.-DU 1PL

‘Nós estamos tomando banho juntos.’

(191) *eremu i-memu-ro õ-e-re aj*

jenipapo 1-gostar-CLV 1-DECL-AUX 1SG

‘Eu gosto de jenipapo.’

Por outro lado, é mais freqüente a ocorrência de cópia pleonástica posposta de sujeito pronominal, por ênfase, focalização ou reforço em final de sentença. Exemplo:

(192) *aj eremu ja õ-k-e-re aj*

1SG jenipapo querer 1-NEG-DECL-AUX 1SG.

‘Eu não quero jenipapo.’

#### 5.5.4.2 Posposição de objeto direto

A posposição do objeto direto ocorre com relativa freqüência, principalmente nos dados elicitados junto aos falantes já inculturados, talvez por influência do Português. Exemplos:

(193) *aj mike itæ õ-e-re karana-ko-mu*

1SG já beber 1-DECL-AUX patauá-CLE.coco-CLE.líqu

‘Eu já tomei vinho de patauá.’

(194) *ojo muj ee-to e-re oj kani*

3SG mãe xingar.RED-TRA DECL-AUX 3SG criança

‘A mãe do menino está xingando-o.’ (Lit.: ‘A mãe dele está xingando ele criança.’)

(195) *itsækūmjũ u-ro e-re vætie*

capivara comer-CLV DECL-AUX capim

‘A capivara comeu capim.’



(196) *aj i-pateñu ã-e-re votsi-o va-ro-e*  
 1SG 1-conhecer-CLV 1-DECL-AUX homem branco-POSS falar-CLV-NLZ  
 ‘Eu estou sabendo a língua do civilizado.’

Argumentos na função de objeto direto, sob a forma de oração complementar, ocorrem geralmente pospostos. Exemplos:

(197) *aj ña ãtã vara-õ-ro-ø-to-eko [namũ õ-tsi õ-k-e-re]*  
 1SG POSS1SG tia falar-1-CLV-3-TRA-COP remédio 1-ter 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu disse a minha tia que não tenho remédio.’

(198) *orymape vara-ø-ro-eko [ña papa pejake more-kỹj-nu n-e-re]*  
 pajé falar-3-CLV-COP POSS1SG pai amanhã bom-MASC-FUT 3-DECL-AUX  
 ‘O pajé falou que amanhã meu pai vai ficar bom.’

#### 5.5.4.3 Posposição de complemento benefactivo

A análise revelou que há um relativo equilíbrio entre as ocorrências de argumentos no papel de complemento benefactivo, sejam antepostos ou pospostos, mas com tendência à posposição. Isso parece evitar que dois SNs pré-verbais se confundam nas funções de objeto direto e complemento benefactivo. Assim, pode-se considerar que a posição canônica do complemento benefactivo é pós-verbal. Logo, os casos de anteposição, como em (200), (202) e (204), abaixo, devem ser tratados como deslocamentos sintáticos. Exemplos:

(199) *mi mati pa-pe-to mi-e-re aj*  
 2SG fruta arremessar-2-TRA 2-DECL-AUX 1SG  
 ‘Você joga as frutas para mim.’

(200) *mi aj mati pa-pe-to mi-e-re*  
 2SG 1SG fruta arremessar-2-TRA 2-DECL-AUX  
 ‘Você joga as frutas para mim.’

(201) *kamitsi aj pærætæ po-õ-ro e-re ña ãtã*  
 ontem 1SG panela fazer-1-CLV DECL-AUX POSS1SG tia  
 ‘Ontem eu fiz panela para minha tia.’

(202) *kamitsi ña ãtã aj pærætæ po-õ-ro e-re*  
 ontem POSS1SG tia 1SG panela fazer-1-CLV DECL-AUX  
 ‘Ontem eu fiz panela para minha tia.’

(203) *naj-tsi mi o-mi-ro-mi-tsi pja muj*  
 algo-INT 2SG segurar-2-CLV-2-INT POSS2SG mãe  
 ‘O que você está levando para tua mãe?’

(204) *naj-tsi pja muj o-mi-ro mi-tsi*  
 algo-INT POSS2SG mãe segurar-2-CLV 2-INT  
 ‘O que você está levando para tua mãe?’

#### 5.5.4.4 Posposição de complementos adverbiais

Em Kanoê, complementos periféricos adverbiais ocorrem normalmente pospostos, sobretudo em orações complexas, multiargumentais. Exceto os dubitativos e os

temporais, que normalmente encabeçam as orações que introduzem, complementos adverbiais de qualquer outra natureza têm mobilidade sintática. Assim, se por um lado podem ocorrer focalizados, por outro tendem à posposição. Logo, se que a posição ótima dos complementos adverbiais é em posição pós-verbal, como em (205) e (206); apenas os casos de anteposição podem ser considerados deslocamentos sintáticos, como em (207).

(205) *ajte mo-õ-kỹj no-e-re nini*  
 1PL dormir-1-olho VOL-DECL-AUX novamente  
 ‘Nos queremos dormir outra vez.’

(206) *ña i-taw aj-ø-ja e-re ñã i-a-ni*  
 POSS1SG RN-língua sentar-3-DIR DECL-AUX POSS1SG RN-boca-OBL  
 ‘A língua fica na boca’. (Lit.: ‘Minha língua está sentada na boca.’)

(207) *ña i-a-ni ñã i-taw aj-ø-ja e-re*  
 POSS1SG RN-boca-OBL POSS1SG RN-língua sentar-3-DIR DECL-AUX  
 ‘Minha língua está na minha boca.’

### 5.5.5 Posposição de constituintes em orações imperativas

Nas orações imperativas transitivas, que encerram ordem, interdição ou proibição, e nas apelativas, que denotam pedido ou apelo, observa-se que sintagmas nominais na função sujeito (agente ou experienciador) e de objeto direto (paciente) são geralmente pós-verbais.

#### 5.5.5.1 Posposição de sujeito

(208) *pa-ro mĩ*  
 ficar -CLV 2SG  
 ‘Fica tu!’

(209) *i-væ-kuta-ry k-e mow-kỹj*  
 brigar-DU-cabeça-REFL NEG-DECL dois-MASC  
 ‘Não briguem vocês dois!’

(210) *aj-j-ãw mi tevæ-mi-ja-ro e-re*  
 sentar-DIR-IMP 2SG brincar-2-DIR-CLV DECL-AUX  
 ‘Senta e brinca!’

#### 5.5.5.2 Posposição de objeto direto

Nas orações imperativas, o objeto direto pode ocorrer anteposto, mas, em geral, é posposto, sobretudo nos predicados transitivos que exigem {-to} e a marca morfológica de modo imperativo, como em (215), entre os exemplos abaixo:

(211) *kuni tsa-mu*  
 água buscar-CLE.líqu  
 ‘Vá buscar água!’

(212) *pe-õ-tso tsutsi-ra-e*  
 dar-1-dedo cortar-CLV-NLZ  
 ‘Me dá o terçado!’

- (213) *pō-mi-ky-kū jū mati*  
 comer-2-CLE.fruta-NEG DEM.prox fruta  
 ‘Não coma esta fruta!’
- (214) *tapa-pe-tsi-kū pja koro*  
 pisar-2-CLV-NEG POSS2SG irmão.mais.novo  
 ‘Não pisa no teu irmãozinho!’
- (215) *tsere-t-ãw ereremu*  
 ver-TRA-IMP pombo  
 ‘Veja o pombo!’

## 5.6 Vocativo parentético

Em Kanoê, um constituinte parentético, extra-oracional, ao qual se atribui o papel de vocativo, geralmente ocorre encabeçando a sentença. Exemplos:

- (216) *kani ii mi-e-re tsoke aj i-munu-to k-e ja õ-k-e-re*  
 criança chorar.RED 2-DECL-AUX mas 1SG 1-ouvir-TRA NEG-DECL querer 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Menino, você está chorando, mas eu não quero escutar.’
- (217) *okynoe mini mĩ pja kani-ni u-ro-e po-mi-ro mi-tsi*  
 Okynoé hoje 2SG POSS2SG criança-OBL comer-CLV-NLZ fazer-2-CLV 2-INT  
 ‘Okynoé, hoje você já fez comida para seu filho?’

Se essa função é exercida por *papa* ‘pai’ e *muj* ‘mãe’, esses nomes sofrem redução respectivamente para *pa* [pa:] e *mu* [mu:], como tratamento afetivo. Exemplos:

- (218) *pa aj ivo u no-e-re*  
 pai 1SG cará come VOL-DECL-AUX  
 ‘Pai, eu quero comer cará!’
- (219) *mu ña tsero tõe mo-e-re*  
 mãe POSS1SG chicha mel APL.poss-DECL-AUX  
 ‘Mãe, minha chicha está muito doce!’ (Lit.: ‘Mãe, minha chicha tem doce.’)

### 5.6.1 Posição de vocativo

Foram registrados alguns casos em que o vocativo ocorre no final da sentença:

- (220) *po-ro kani*  
 fazer-CLV criança  
 ‘Faz, minha filha!’
- (221) *tiri mo-e-re ña minake*  
 azedo APL.poss-DECL-AUX POSS1SG filha  
 ‘Está azeda, minha filha!’
- (222) *toky para-ø-ja-eko kapajre u-ro n-e-re tu-kwã*  
 mamão cair-3-DIR-COP tatu.canastra comer-CLV 3-DECL-AUX irmão-MASC  
 ‘O mamão caiu e o tatu canastra está comendo, irmão!’

## 5.7 Coordenação no do plano dos constituintes oracionais

O princípio fundamental e universal do processo de coordenação ou parataxe é dado pela equivalência entre dois elementos que exercem uma mesma função sintática em relação a um terceiro elemento. Isso significa dizer que são coordenáveis entre si dois (ou mais) elementos estruturais que, preenchendo uma única posição argumental, exercem a mesma função sintática e o mesmo papel semântico em relação a outro elemento. Logo, formam um constituinte sintagmático composto, binuclear ou até mesmo multinuclear, em contraste com os constituintes simples, mononucleares. Tem-se, então, por exemplo, sujeito simples (mononuclear) *versus* sujeito composto (bi ou multinuclear); objeto direto simples (mononuclear) *versus* objeto direto composto (bi ou multinuclear); e assim por diante. Em hipótese, toda e qualquer função argumental pode estar preenchida por uma estrutura sintagmática simples ou composta.

Em Kanoê, no nível da estrutura dos sintagmas nominais complexos, são coordenáveis os núcleos que exercem uma mesma função sintática e um mesmo papel semântico em relação a uma raiz verbal, ou em relação a um outro núcleo nominal, do qual são complementos periféricos. O processo de coordenação desses núcleos se realiza tão-somente por meio da simples justaposição seqüencial de elementos.

A partir de alguns dados elicitados nas sessões anteriores, na 4ª. sessão de trabalho de campo foram testadas as probabilidades de constituintes sintagmáticos bi-, tri- e multinucleares. Constataram-se as seguintes possibilidades de constituintes compostos, cujos núcleos ocorrem coordenados por justaposição: a) até três núcleos, na função de sujeito; b) até três núcleos, na função de objeto direto, c) de até dois núcleos, como complemento periférico ; d) até dois núcleos, nas função de complemento oblíquo, seja locativo, comitativo ou instrumental.

### 5.7.1 Argumento composto na função de sujeito

(223) *ñã papa nã muj tũvo n-e-re*  
POSS1SG pai POSS1SG mãe adoecer 3-DECL-AUX  
'Meu pai e minha mãe estão doentes.'

(224) *e uru-nake ævo uru-ã poa e-re*  
mulher novo-FEM homem novo-grande casar DECL-AUX  
'A moça e o rapaz se casaram.'

(225) *ñã papa na tũ-kwã ñã mũjoitẽñaj tsero itæ n-e-re*  
POSS1SG pai POSS1SG irmão-MASC POSS1SG tio chicha beber 3-DECL-AUX

*ara ke-e-re*  
pouco NEG-DECL-AUX  
'Meu pai, meu irmão e meu tio bebem muita chicha.'

### 5.7.2 Argumento composto na função de objeto direto

(226) *kamitsi aj iry uræ ipæ õ-e-re*  
ontem 1SG macaco porco matar 1-DECL-AUX  
'Ontem eu matei porco e macaco.' (Lit.: 'Ontem eu estava matando porco e macaco.')

(227) *ajte atiti atiti-tekwa mu õ-e-re*  
1PL milho milho-CLE.semente plantar 1-DECL-AUX  
'Nós plantamos milho e arroz.'

- (228) *jato atso-ni ajte tsero tsuæ-kaña atiti-kaña po-õ-ro õ-e-re*  
 POSS1PL aldeia-OBL 1PL chicha macaxeira-CLE.farinha milho-CLE.farinha fazer-1-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Na nossa aldeia nós fazemos chicha, farinha de mandioca e farinha de milho.’

Um caso especial de objeto direto composto se verifica nos sintagmas nominais cujos núcleos são coordenados pela partícula *mu*, que denota “com (misturado com)”. Exemplos:

- (229) *mi ja u-ro mi-tsi atiti-tekwa mu kurakura*  
 você querer comer-CLV 2-INT milho-CLE.semente com galináceo  
 ‘Você quer comer arroz com galinha?’

- (230) *aj i-memu-ro e-re atiti-tekwa mu kurakura*  
 1SG 1-gostar-CLV DECL-AUX milho-CLE.semente com com galinha  
 ‘Eu gosto de arroz com galinha.’

- (231) *aj kwini mu atiti-tekwa i-memu-ro õ-e-re ara k-e-re*  
 1SG peixe com milho-CLE 1-gostar-CLV 1-DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu gosto muito de peixe com arroz.’

### 5.7.3 Complemento benefactivo composto

- (232) *aj kwini o-õ-ro õ-e-re ña muj ña papa*  
 1SG peixe segurar-1-CLV 1-DECL-AUX POSS1SG mãe POSS1SG pai  
 ‘Eu estou levando peixe para meu pai e minha mãe.’

- (233) *ña nūti epykwā kaj-to n-e-re ojo keke ojo ātā*  
 POSS1SG neto amendoim arrancar-TRA 3-DECL-AUX POSS3SG avó POSS3SG tia  
 ‘Meu neto está arrancando amendoim para a avó dele e a tia dele.’

- (234) *ña kani u-ro-e o-ro no-e-re ojo tsutsu ojo keke*  
 POSS1SG criança comer-CLV-NOM segurar-CLV VOL-DECL-AUX POSS3SG avô POSS3SG avó  
 ‘Minha filha quer levar comida para o avô e a avó dela.’

### 5.7.4 Complementos oblíquos compostos

#### 5.7.4.1 Complemento oblíquo locativo composto

- (235) *ajte kwini po õ-e-re kuni-mu-ni ajūkoe-ni*  
 1PL peixe capturar 1-DECL-AUX água-CLE.líqu-OBL lagoa-OBL  
 ‘Nós pescamos no rio e na lagoa.’

- (236) *na opera ojo i-kuta-ni ojo i-ako-ni ñoña ø-tsi mo-e-re*  
 POSS1SG onça POSS3SG RN-cabeça-OBL POSS3SG RN-costas-OBL pereba 3-ter APL.possDECL-AUX  
 ‘Meu cachorro tem pereba na cabeça dele e nas costas dele.’

#### 5.7.4.2 Complemento oblíquo instrumental composto

- (237) *tsu-kwæ uræ ipæ n-e-re mapi-ka-ni mapi-ni*  
 nu-MASC porco matar 3-DECL-AUX flecha-CLE.duro-OBL flecha-OBL  
 ‘O índio caça porco com arco e flecha.’

(238) *ojte kotso-ve-ña n-e-re kuni-ni purene-ni*

3PL lavar-CLV-rostro 3-DECL-AUX água-OBL sabão-OBL  
 ‘Eles estão lavando o rosto com água e sabão.’

### 5.7.4.3 Complemento oblíquo temporal composto

(239) *itsaj-e-ni peja-e-ni wæ-tsi ara k-e-re kamitsi*

anoitecer-NLZ-OBL dia-NLZ-OBL chuva-ter pouco NEG-DECL-AUX ontem  
 ‘Ontem choveu muito de dia e de noite.’

(240) *kurakura ævo vajvaj-ro n-e-re peja-e-ni itsaj-e-ni*

galináceo homem cantar.RED-CLV 3-DECL-AUX ser dia-NLZ-OBL anoitecer-NLZ-OBL  
 ‘O galo canta de dia e de noite.’

### 5.6.4.4 Complemento comitativo composto

(241) *na koro po-ø-turo-n-e-re ña tsutsu ña papa*

POSS1SG irmão trabalhar-3- IN-3-DECL-AUX POSS1SG avô POSS1SG pai  
 ‘Meu irmão mais novo está trabalhando com meu pai e meu avô.’

(242) *aj itsækūmjū ipæ õ-e-re ña papa ña koro*

1SG capivara matar 1-DECL-AUX POSS1SG pai POSS1SG irmão.mais.novo  
 ‘Eu vou matar capivara com meu pai e meu irmão caçula.’

## 5.8 Sintaxe das sentenças complexas

As relações gramaticais e semânticas entre as orações que constituem as sentenças complexas são dadas por coordenação ou subordinação. No primeiro caso, duas ou mais orações se justapõem ou são interligadas por elemento copulativo, sem que haja uma relação de dependência sintática entre as mesmas. No segundo caso, uma oração se subordina a uma outra, que lhe é principal, havendo aí uma intrínseca relação de dependência sintático-semântica.

### 5.8.1 Coordenação interoracional em sentenças complexas

Em Kanoê, existem três subprocessos para a coordenação de orações sintaticamente independentes, mas conceitualmente inter-relacionadas em sentenças complexas, a saber: a) coordenação por justaposição; b) coordenação conjuntiva aditiva; c) coordenação conjuntiva disjuntiva. O Quadro 3 apresenta a distribuição dos elementos conjuntivos em Kanoê:

elemento interoracional	valor semântico	PROCESSOS SINTÁTICOS									
		coordenação por justaposição			coordenação conjuntiva		co-subordinação				
					aditiva	advers.	explic.	compl	condic	conces	final
<i>-eko</i>	‘e’	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-
<i>tsoke</i>	‘mas’	-	-	-	-	+	-	-	-	(+)	-
<i>tõ</i>	‘porque’	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
<i>nēko</i>	‘embora’	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
<i>neko</i>	‘se’	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>ehĩ</i>	‘para que’	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+

Quadro 3: Distribuição dos elementos conjuntivos

<sup>154</sup> Sempre com a vogal nasal.

### 5.8.1.1 Coordenação por justaposição

Nesse processo, as orações têm estrutura sintática auto-suficiente e, como não ocorre nenhum marcador de coordenação entre as mesmas, são justapostas em seqüência. Exemplos:

- (243) *ævo tūvo n-e-re pejake nūj-turo n-e-re*  
homem adoecer 3-DECL-AUX amanhã morrer-espaco 3-DECL-AUX  
'O homem está doente, vai morrer amanhã.'

- (244) *ña munaw jū e-re ña tū-kwã-o munaw ũko e-re*  
POSS1SG rede DEM.prox DECL-AUX POSS1SG irmão-MASC-POSS rede DEM.dist DECL-AUX  
'Minha rede é esta, a rede do meu irmão é aquela.'

Quanto ao modo, são coordenáveis as orações de mesma natureza modal, ou seja, uma declarativa se coordenar a outra declarativa, uma interrogativa se coordena a outra interrogativa, e assim por diante. Exemplos:

#### a) declarativas afirmativas coordenadas justapostas

- (245) *oj ñomu-ni uj n-e-re tsuæ o-ro n-e-re*  
3SG roça-OBL ir-3 DECL-AUX macaxeira segurar-CLV 3-DECL-AUX  
'Ele foi à roça e está trazendo macaxeira.'

- (246) *uruã more-kỹj e-re uru-nake more-nake e-re*  
rapaz bom-MASC DECL-AUX novo-FEM bom-FEM DECL-AUX  
'O rapaz está bonito, a moça está bonita.'

#### b) declarativas negativas coordenadas justapostas

- (247) *aj vajvaj-e ja õ-k-e pæ-ja-e ja õ-k-e-re*  
1SG cantar.RED-NLZ querer 1-NEG-DECL dançar-DIR-NLZ querer 1-NEG-DECL-AUX  
'Eu não quero cantar, nem dançar.'

- (248) *aj kwini ja õ-k-e atiti-tekwa ja õ-k-e-re*  
1SG peixe querer 1-NEG-DECL milho-CLE.semente querer 1-NEG-DECL-AUX  
'Eu não quero peixe, nem quero arroz.'

#### c) interrogativas positivas coordenadas

- (249) *oj vajvaj ni-tsi pæ-ja ni-tsi*  
3SG cantar.RED 3-INT dançar-DIR 3-INT  
'Ele vai cantar e dançar?'

#### d) interrogativas negativas coordenadas

- (250) *mi vajvaj mi-kū pæ-ja mi-kū*  
3SG cantar.RED 2-NEG dançar-DIR 2-NEG  
'Você não vai cantar nem dançar?' (Lit.: 'Você não vai cantar, não vai dançar?')

Embora tenham autonomia sintática, as orações coordenadas justapostas somente são seqüenciáveis iconicamente, ou seja, de acordo com a ordem natural dos eventos a

que se referem, de tal modo que uma determinada oração só pode ocorrer seguida à outra. Por assim dizer, há subordinação no plano semântico. Alguns exemplos:

(251) *opera-tsíkwa ty-ø-to-mu e-re pe-ø-ja e-re æræræ-ni*  
 onça-DIM movimentar-3-DIR-DECL-AUX deitar-3-DIR DECL-AUX banco-OBL  
 ‘O gato subiu e deitou no banco.’

(252) *kani iriri-ro-n-e para-ø-ja n-e rwa-ø-kwa mo-e-re*  
 criança correr-CLV-3-DECL cair-3-DIR 3-DECL quebrar-3-braço APL.poss-DECL-AUX  
 ‘O menino correu, caiu e quebrou o braço.’

### 5.8.1.2 Coordenação adversativa ou disjuntiva

A coordenação adversativa entre orações é dada pela conjunção adversativa *tsoke* “mas, porém”, a qual estabelece uma relação de oposição ou incompatibilidade entre os conteúdos das orações que interliga. Se o argumento na função de sujeito é comum às duas orações, ele é omitido na segunda. Inversamente, {-re} ‘AUX’ é omitido na primeira e mantido na segunda. Exemplos:

(253) *aj pja uru-nake i-memu-ro ã-e ara k-e-re tsoke oj nake*  
 1SG POSS2SG novo-FEM 1-gostar-CLV 1-DECL pouco NEG-DECL-AUX mas 3SG FEM

*aj ø-memu-ro ni-k-e-re*  
 1SG 3-gostar-CLV 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu gosto muito de sua filha, mas ela não gosta de mim.’

(254) *aj u-ro no-e tsoke oke u-ro ã-k-e-re*  
 1SG comer-CLV VOL-DECL mas ainda comer-CLV 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu estou com fome, mas ainda não vou comer.’

(255) *ña muj majkamu<sup>155</sup>-ro e-re tsoke aj i-munu-to k-e-re*  
 POSS1SG mãe chamar-CLV DECL-AUX mas 1SG 1-ouvir-TRA NEG-DECL-AUX  
 Minha mãe chamou, mas eu não escutei.’

A ocorrência de *tsoke* ‘mas’ pode implicar o apagamento do verbo principal na segunda oração, em predicados complexos nos quais o verbo “querer” é auxiliar, reduzido apenas à raiz na primeira oração, traduzindo a idéia de volição. Exemplo:

(256) *oj ja vara-ø-ro-õ-ton-e tsoke aj ja ã-k-e-re*  
 3SG querer falar-3-CLV-1-TRA 3-DECL mas 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Ele quer falar comigo, mas eu não quero (falar com ele).’

Como os processos sintáticos não são estanques e nem mutuamente excludentes: em algumas construções sintáticas complexas ocorrem orações coordenadas por justaposição e por conjunção adversativa, simultaneamente. Exemplos:

<sup>155</sup> Esta questão ainda não pôde ser plenamente esclarecida: determinados conceitos verbais tais como “chamar”, “esperar”, “toçaia” são formados por duas raízes verbais de difícil segmentação.



(257) *aj vavo pej-õ-kaj e-re ja õ-e-re u-ro-e tsoke vavo*  
 1SG batata assar-1-CLG DECL-AUX querer 1-DECL-AUX comer-CLV-NLZ mas batata

*more ni-k-e-re ãtã-a e-re*  
 bom 3-NEG-DECL-AUX estragar-APL DECL-AUX

‘Eu assei batata, queria comer, mas a batata não presta, está estragada.’

(258) *oj uræ tyværo kũkoe tyværo tsoke re ni-k-e-re*  
 1SG porco caçar-CLV tatu caçar mas matar 3-NEG-DECL-AUX  
 Ele caçou porco, caçou tatu, mas não matou.’

### 5.8.1.3 Coordenadas explicativas justapostas

Em Kanoê, podem ocorrer orações que, sem apresentar qualquer elemento conjuntivo, contêm uma explicação para o enunciado de outra oração. Eventualmente, podem conter uma relação de causa e consequência, o que indicia co-subordinação no plano semântico.

Por outro lado, existem outras orações análogas, porém introduzidas pela conjunção *tõ* “porque” na cabeça da segunda estrutura oracional, nas quais a relação de causa e consequência se deixa transparecer. Assim, com base na ocorrência ou não de conjunção, optou-se aqui nomear coordenadas explicativas as orações paratáticas que traduzem explicação, ao passo que as relacionadas por *tõ* foram consideradas co-subordinadas explicativas, a serem detalhadas mais adiante. Exemplos:

(259) *kape-ãw iriri-õ-ro vujvuj-ro-e ty no-e-re*  
 vamos-IMP correr-1-CLV ventar-RED-CLV-NLZ movimentar VOL-DECL-AUX  
 ‘Vamos correr porque quer cair um temporal.’

(260) *ña tyj aj koro-ro õ-e-re pæ-turo k-e-re ãa tyj*  
 POSS1SG casa 1SG varrer-CLV 1-DECL-AUX branco-espaço NEG-DECL-AUX POSS1SG casa  
 ‘Eu estou varrendo minha casa porque está suja.’  
 (Lit.: ‘Minha casa eu estou varrendo, não está branca minha casa.’)

(261) *aj mi tævæ-ja-pe-to õ-k-e-re mini aj mo-õ-kỹj no-e-re*  
 1SG 2SG brincar-DIR-2-TRA NEG-DECL-AUX hoje 1SG dormir-1-olho VOL-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou brincar com você agora porque quero dormir.’

### 5.8.1.4 Coordenação por paralelismo sintático

Considerando que são coordenáveis dois ou mais elementos que exercem uma mesma função sintática em relação a um outro elemento, evidencia-se aí o princípio de paralelismo sintático. Assim, no plano das sentenças complexas, uma única oração principal pode ter duas co-subordinadas coordenadas entre si, se elas têm o mesmo valor sintático. Exemplo:

(262) *ña ãtã aj vara-ø-ro-õ-to-eko [[ña vae-nake oj-ø-twa-e]*  
 POSS1SG tia 1SG falar-3-CLV-1-TRA-COP POSS1SG primo-FEM gripar-3-CLV-DECL

*[voro-ø-tsi ara k-e-re]*  
 febre-3-ter pouco NEG-DECL-AUX

‘Minha tia me disse que minha prima está gripada e tem muita febre.’

Em (262), as duas orações coordenadas justapostas entre si são paralelas, pois ambas exercem a função de objeto direto de {*vara-*} “falar, na primeira oração, que lhes é

principal. Similarmente, se duas orações exercem o papel de principal em relação a uma subordinada, são sintaticamente coordenadas entre si, como neste exemplo:

- (263) *aj kwini po õ-k-e-re uræ ipæ õ-k-e-re [tõ tũvo õ-e-re]*  
 1SG peixe capturar 1-NEG-DECL porco matar 1-DECL-AUX porque adoecer 1-DECL-AUX  
 ‘Eu não vou pescar nem caçar porco porque estou doente.’

Acima, nota-se que a oração explicativa iniciada por *tõ* incide, ao mesmo tempo, sobre as duas antecedentes que, assim, lhes são semanticamente principais.

### 5.8.2 Co-subordinação interoracional em sentenças complexas

O processo de co-subordinação se traduz pela combinação de dois elementos formais que cria uma relação de dependência entre os mesmos, mas nenhum dos dois elementos é previamente dependente um do outro, segundo Whaley (1997:283).

Em Kanoê, o processo de co-subordinação consiste numa relação sintático-semântica entre, no mínimo, duas orações, uma das quais é a matriz (principal) em relação à outra, que lhe é complemento argumental ou determinante circunstancial. Daí decorre uma tipologia sintática das orações subordinadas em relação à função sintática e ao papel semântico que as mesmas possam exercer em relação à matriz. Assim sendo, tem-se duas grandes categorias de orações co-subordinadas: orações co-subordinadas argumentais e co-subordinadas de natureza adverbial. Uma relação interoracional co-subordinativa é obtida por meio do sufixo {-eko} ‘COP’ ou de *tõ* ‘porque’. Tome-se o seguinte exemplo:

- (264) *na kani tsurune-kaña po-ø-ro-eko o-õ-kaña tsu-kaña-e-re*  
 POSS1SG criança paçoca-CLE.farinha fazer-3-CLV-COP comer-1-CLE, farinha gostoso-CLE-DECL-AUX  
 ‘Minha filha fez paçoca e eu comi paçoca gostosa.’

Em (264), {-eko} funciona como elemento coordenativo. No entanto, as orações se amarram não só pela concordância dada pela incorporação de {-kaña} ‘CLE.farinha’, mas também pela elipse do objeto direto na segunda oração, por economia lingüística, porque é idêntico ao da primeira. Mais que a mera coordenação de orações, aí há indubitavelmente também uma espécie de unificação semântica. Assim, é melhor analisar esse e casos análogos como decorrentes do processo de co-subordinação. Considerar {-eko} como coordenativo é apenas uma questão de interpretação, já que o mesmo é mais freqüentemente co-subordinativo na gramática do Kanoê. Mais um exemplo, no qual não há concordância por meio de incorporação de classificador nominal específico:

- (265) *aj kãpore re õ-eko para-ø-ja n-e-re*  
 1SG jacu matar 1-COP cair-DIR 3-DECL-AUX  
 ‘Eu acertei o jacu e está caindo.’

A relação entre as duas orações da sentença acima é a de coordenação, mas, do ponto semântico, nota-se que a segunda é subordinada consecutiva em relação à primeira. Casos similares podem ser interpretados como decorrentes do processo de co-subordinação.

#### 5.8.2.1 Orações co-subordinadas argumentais

Consideradas somente as sentenças complexas por coordenação e co-subordinação simultâneas ou tão-somente por subordinação, observa-se a existência de apenas dois tipos de orações argumentais: 1<sup>o</sup>) a que exerce a função de *objeto direto* da estrutura verbal transitiva da oração principal; 2<sup>o</sup>) a que exerce uma função causativa. Em relação ao primeiro

tipo, podem ser postulados pelo menos dois subtipos de construções dessa natureza, com base na ocorrência ou não de {*eko*} ~ {-*eko*} ‘COP’.

O primeiro tipo é dado pelas construções nas quais a função objeto direto da oração principal é exercido pela oração co-subordinada relacionada por {-*eko*}. O segundo tipo, sem {-*eko*}, realiza-se em construções infinitivas. Nesse caso, as orações infinitivas funcionam como argumento na função de objeto direto de predicados transitivos referentes a processos mentais, sejam eles: {*jê-*} “saber” e {*patêñu-*} “conhecer”; ou a processo volitivo: {*ja-*} “querer”.

### a) Orações subordinadas argumentais conjuncionais

O protótipo de oração subordinada argumental conjuncional é um objeto direto sob a forma de constituinte oracional, cuja ocorrência é sempre pós-verbal. Por conseguinte, esse tipo de oração não tem mobilidade sintática, pois jamais pode ocorrer anteposta à principal. A relação de co-subordinação é dada por *eko* ~ {-*eko*} ‘COP’. Exemplos:

(266) *oj vara-ø-ro eko [pja koro ty no-e-re]*  
 1SG falar-3-CLV COP POSS1SG irmão.mais.novo movimentar VOL-DECL-AUX  
 ‘Ele está avisando que teu irmão mais novo quer chegar.’

(267) *orymape vara-ø-ro eko[ña papa pejake more-kỹj e-re]*  
 pajé falar-3-CLV COP POSS1SG pai amanhã bom-MASC DECL-AUX  
 ‘O pajé falou que meu pai vai estar bom amanhã.’

### b) Orações co-subordinadas argumentais infinitivas

Além de não apresentarem nenhum elemento conjuntivo, as orações co-subordinadas infinitivas constituem um argumento na função de objeto direto oracional. Essas orações ocorrem sempre pospostas em relação à oração que lhes é principal. Do ponto de vista formal, constituem sintagmas verbais cujo núcleo é uma forma infinitiva nominalizada. Além disso, se caracterizam também pela ausência de sujeito e, conseqüentemente, de flexão pessoal na respectiva estrutura verbal, uma vez que a mesma é impessoal. Exemplos:

(268) *aj i-jê-to-e-re [mapi po-ro-e]*  
 1SG 1-saber-TRA-DECL-AUX flecha fazer-CLV-NLZ  
 ‘Eu sei fazer flecha.’

(269) *mi pi-jê-to-kũ [twĩ-n-e]*  
 2SG 2-saber-TRA-NEG nadar-3-NLZ  
 ‘Você não sabe nadar?’

### c) Orações argumentais com função causativa

As construções causativas são compostas por duas orações nucleadas por verbos causativos, bivalentes na primeira oração. O predicado dessa oração exige um sujeito agente de uma ação causativa, que recai sobre o sujeito da segunda, implicando uma oração argumental infinitiva. Do ponto de vista semântico, pode-se dizer uma construção causativa pode ser resumida em ‘X faz com que Y faça algo’.

Em Kanoê, a raiz é {*va-*} “mandar” é inerentemente causativa, ao passo que outras raízes, tais como {*vara-*} “falar” e {*po-*} “fazer” são eventualmente causativas. Exemplos:

(270) *aj ña kani va-õ-ro e-re [kwini po-n-e]*  
 1SG POSS1SG criança mandar-1-CLV DECL-AUX peixe capturar-3-NLZ  
 ‘Eu mandei meu filho pescar.’

(271) *ojo papa va-ø-ro-e-re [oj mapi-ka po-ø-ro-e]*  
 POSS3SG pai mandar-3-CLV-DECL-AUX 3SG flecha-CLE.duro fazer-3-CLV-DECL  
 ‘O pai dele mandou ele fazer arco de flecha.’

(272) *aj ña kani va-õ-ro-õ-e-re [mo-ø-kỹj-e-re ojo munaw-ni]*  
 1SG POSS1SG criança mandar-1-CLV-DECL-AUX 3SG dormir-3-CLV-DECL-AUX POSS3SG rede-OBL  
 ‘Eu estou mandando meu filho dormir na rede dele.’

Nos exemplos acima, observa-se que a relação entre as duas orações da construção causativa não é mediada por {-eko}. Por sua vez, uma construção análoga, a raiz {vara-} exige {-eko}. Assim, do ponto de vista sintático, são efetivamente causativas as construções não conjuncionais dos exemplos acima, ao passo que, no exemplo abaixo, a relação entre as orações é coordenativa, mediada por elemento conjuncional:

(273) *ña mũj vara-ø-ro-õ-to-eko [aj kuni tsa-mu õ-e-re]*  
 POSS1SG mãe falar-3-CLV-1-TRA-COP 1SG água buscar-CLE.líqu 1-DECL-AUX  
 ‘Minha mãe me pediu e eu estou indo eu buscar água.’

### 5.8.3. Orações co-subordinadas de natureza adverbial

As orações co-subordinadas de natureza adverbial funcionam como complementos adverbiais que incidem sobre a oração principal. Em Kanoê, as orações adverbiais podem se apresentar meramente justapostas ou introduzidas por algum elemento conjuntivo. Quanto à posição sintática, podem vir antepostas ou pospostas à principal, mas essa mobilidade sintática depende de fatores de ordem semântica. De acordo com as noções que traduzem, as co-subordinadas adverbiais podem ser tipificadas em subcategorias específicas, quais sejam: explicativas, comparativas, concessivas, condicionais, temporais e finais.

#### 5.8.3.1 Co-subordinadas causais

Em Kanoê, as orações *co-subordinadas explicativas* denotam uma relação direta de causa e conseqüência, são introduzidas pela conjunção explicativa *tõ* ‘porque’ e ocorrem sempre pospostas à oração principal. Em termos semânticos, essas orações tornam explícita a causa ,que justifica a ação ou processo verbal da oração a que se subordinam. Exemplos:

(274) *aj i õ-e-re [tõ y tapa-e-tsotsi e-re]*  
 1SG chorar 1-DECL-AUX porque espinho pisar-ASP-pé DECL-AUX  
 ‘Eu estou chorando porque pisei num espinho.’

(275) *kani i n-e-re [tõ para-ø-ja n-eko rwa-roko e-re]*  
 criança chorar 3-DECL-AUX porque cair-3-DIR 3-COP quebrar-joelho DECL-AUX  
 ‘O menino está chorando porque caiu e quebrou o joelho.’

(276) *opera uryketa e-re [tõ tũvo n-e-re]*  
 onça magro DECL-AUX porque adoecer 3-DECL-AUX  
 ‘O cachorro está magro porque está doente.’

### 5.8.3.2 Co-subordinadas comparativas equativas e inequativas

As construções *comparativas* em Kanoê se caracterizam por serem seqüências de duas orações justapostas, mas o pivô da comparação, seja ela de natureza nominal ou verbal, se encontra sempre na primeira oração. Se a comparação é descritiva, qualificativa ou atributiva, o pivô da comparação é o sujeito da primeira. Se a comparação é de natureza verbal ou adverbial, o pivô é respectivamente a estrutura verbal ou o complemento adverbial. Do ponto de vista semântico, a segunda oração é co-subordinada comparativa em relação à primeira. Logo, há aí um processo de co-subordinação.

Além disso, a inequação comparativa de superioridade ou de inferioridade é dada pela estratégia de emprego sistemático da negação, de tal forma que uma das orações é sempre a contradição da outra. Some-se a isso que a posição sintática das orações é importante para a denotação: se a oração negativa é a primeira da seqüência, tem-se a inequação de inferioridade; caso contrário, se é a segunda, tem-se a inequação de superioridade. Por outro lado, no comparativo de igualdade, a equação é dada pela ocorrência de *maere* “também”, que ocorre no final da segunda oração, de modo sistemático. Exemplos:

a) comparativo de igualdade:

- (277) *ña keke tēpū-nake e-re [pja keke tēpū-nake ma-e-re]*  
 POSS1SG avó velho-FEM DECL-AUX POSS2SG avó velho-FEM também-DECL-AUX  
 ‘Minha avó é tão velha quanto a tua.’  
 (Lit.: ‘Minha avó está velha, tua avó está velha também.’)

b) comparativo de superioridade:

- (278) *ña i-ta more-ta e-re [pja i-ta more-ta ni-k-e-re]*  
 POSS1SG RN-pele bom-pele DECL-AUX POSS2SG RN-pele bom-pele 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘Minha roupa é melhor que a sua.’ (Lit.: ‘Minha pele é boa, tua pele não é boa.’)

c) comparativo de inferioridade:

- (279) *ña vae-nake ã-nake k-e-re [aj ã-kỹj-õ-e-re]*  
 POSS1SG primo-FEM alto-FEM NEG-DECL-AUX 1SG alto-MASC 1-DECL-AUX  
 ‘Minha prima é menor que eu.’ (Lit.: ‘Minha prima não é alta, eu sou alto.’)

### 5.8.3.3 Co-subordinadas concessivas

Em Kanoê, do ponto de vista sintático, a oração *subordinada concessiva* é encabeçada pela conjunção *nēko* ‘embora, ainda que’. É importante lembrar que a vogal nasal ocorre sistematicamente, distinguindo *nēko* “embora” de *neko* ‘COND’.

Do ponto de vista semântico, essa subordinada denota a idéia de obstáculo, mas não de impedimento, em relação à realização ou não do processo verbal da oração que lhe é principal. Exemplos:

- (280) [*nēko vae-tsi ara-k-e-re*] *aj tyvæ-ro õ-e-re*  
 embora chuva-ter pouco DECL-AUX 1SG caçar-CLV 1-DECL-AUX  
 ‘Embora esteja chovendo muito, eu vou caçar.’]

- (281) [*nēko na papa ja nik-e-re*] *aj twītwī õ-e-re ajūkoe-ni*  
 embora POSS1SG pai querer 3-NEG-DECL-AUX 1SG nadar.RED 1-DECL-AUX lagoa-OBL  
 ‘Embora meu papai não queira, eu estou nadando na baía.’

### 5.8.3.4 Co-subordinadas condicionais

Em Kanoê, as *subordinadas condicionais* são geralmente infinitivas e relacionadas à principal por meio da conjunção *neko* “se”. Semanticamente, traduzem uma pré-condição para a realização ou não evento da oração principal. Exemplos:

(282) [*mini væ-tsi-e neko*] *aj tyvæ-ro õ-k-e-re*  
hoje chuva-ter-NLZ COND 1SG caçar-CLV 1-NEG-DECL-AUX  
‘Se chover hoje, não vou caçar.’

(283) [*mĩ ãa muj tsere-pe-to neko*] *vara-pe-to eko ãa mũj*  
2SG POSS1SG mãe ver-2-TRA COND falar-2-TRA COP POSS1SG mãe

[*aj kwini po õ-e-re jũ tsituro-ni*]  
1SG peixe capturar 1-DECL-AUX DEM.prox lugar-OBL  
‘Se você vir minha mãe, diga-lhe que estou pescando neste lugar.’

(284) *væ-tsi ni-k-eko tsoke [vætsi-e neko] jato ãtã-o tyj-ni*  
chuva- ter 3-NEG-COP mas chuva-ter-NLZ COND POSS1PL tia-POSS casa-OBL

*ajte mo-õ-kỹj õ-e-re*  
1PL dormir-1-olho 1-DECL-AUX  
‘Não está chovendo, se chover, vamos dormir na casa de nossa tia.’

### 5.8.3.5 Co-subordinadas temporais

As *orações co-subordinadas temporais* ocorrem relacionadas à principal por {-*eko*} ‘COP’. Na maioria dos casos, são antepostas e, semanticamente, denotam uma noção de temporalidade em relação ao processo verbal da oração principal. Exemplos:

(285) [*vævætsi-e pej-o nu-eko*] *ivo mu-væ õ-e-re*  
chuva.RED-ter-NLZ parar-INTR FUT-COP cará plantar-DU 1-DECL-AUX  
‘Quando a chuva parar, vamos plantar cará.’

(286) *jato koro ty- nu-eko [itsaj-nu n-e-re]*  
POSS1PL irmão movimentar FUT-COP anoitecer-FUT 3-DECL-AUX  
‘Nosso irmão vai chegar quando anoitecer.’

(287) [*aj atiti me-õ-ja õ-eko*] *oky mama õ-e-re*  
1SG milho plantar-1-DIR 1-COP cobra morder 1-DECL-AUX  
‘Quando eu estava plantando milho, uma cobra me mordeu.’

### 5.8.3.6 Co-subordinadas finais

Foram nomeadas *co-subordinadas finais* as orações que, relacionadas à principal por meio de {-*ehĩ*} “COP” na fronteira final da estrutura verbal antecedente ou de si mesmas, denotam um propósito ou finalidade de uma ação verbal na oração principal. Exemplos:

(288) *mapikwari itevæ po n-e-re [u n-ehĩ]*  
mapinguari gente capturar 3-DECL-AUX comer-3-COP  
‘O mapinguari pega gente para comer.’

(289) *ña      ãtã veo-õ-to eko aj namu õ-tsi mo-e-re*

POSS1SG tia      perguntar-1-TRA COP 1SG remédio 1-ter      APL.poss-DECL-AUX

*[pe-ø-tso õ-erĩ ãa vae-nake]*

dar-3-dedo-DECL 1-COP      POSS1SG primo-FEM

‘Minha tia me perguntou se eu tenho remédio para dar para minha prima.’

## LÉXICO E SEMÂNTICA

O presente capítulo apresenta algumas considerações acerca do léxico e de aspectos semânticos do Kanoê. Para tanto, foram considerados: a) alguns dos campos léxico-semânticos em que determinados itens lexicais se agrupam por meio de significações correlatas dentro da cultura do povo Kanoê; b) os fenômenos de polissemia; c) as relações de hiperonímia, hiponímia, sinonímia e antonímia que se estabelecem dentro de um determinado campo semântico ou entre campos semânticos.

### 6.1 Campos léxico-semânticos

O léxico Kanoê se distribui em *campos semânticos*<sup>156</sup>, que constituem domínios da significação mais ou menos bem delineados, dentro dos quais se estabelecem as associações de sentido entre determinados grupos de itens lexicais ou expressões nominais descritivas. De acordo com Crystal (1988: 41), um campo semântico se define como um sistema de redes lexicais e não um inventário de itens lexicais independentes. Assim, por exemplo, os nomes relativos a partes, órgãos e detalhes do corpo humano e dos animais, em conjunto, constituem um campo delimitado, dentro do qual os itens lexicais se inter-relacionam, se definem e se complementam semanticamente. Do mesmo modo, a nomenclatura para as relações de parentesco, a terminologia para referência às cores, o conjunto de nomes de partes das plantas ou o de nomes de nomes de pássaros, entre outros, também configuram campos semânticos relativamente delimitados. Nos subtópicos a seguir são apresentados alguns desses campos semânticos em Kanoê.

### 6.2 Terminologia para partes, órgãos e detalhes do corpo humano ou de animal

Do ponto de vista semântico, as raízes referenciais a partes, órgãos e detalhes do corpo humano ou animal nomeiam objetos inalienavelmente possuídos. Na maioria dos casos, esses itens lexicais requerem morfologicamente a raiz neutra {*i*-}, e, no escopo do sintagma nominal, a expressão do possuidor ou o determinante possessivo. Exemplos:

#### 6.2.1 Partes, detalhes e órgãos da cabeça e termos afins

(1) <i>i-kuta</i>	‘cabeça’
(2) <i>i-ryūkjætə</i>	‘crânio’
(3) <i>jy</i>	‘cabelo’
(4) <i>i-ña</i>	‘rosto’
(5) <i>i-ñaty</i>	‘rugas’
(6) <i>i-ñaο iutã</i>	‘ossos do rosto’
(7) <i>i-tekuña</i>	‘testa’
(8) <i>i-teñu</i>	‘orelha’
(9) <i>i-teñuo jako</i>	‘dorso da orelha’ (Lit.: ‘costas da orelha’)
(10) <i>i-teñuo nu</i>	‘canal auricular’ (Lit.: ‘orifício da orelha’)
(11) <i>i-teñutsíkwa</i>	‘ponta da orelha’

<sup>156</sup> A noção de campo semântico aqui aplicada fundamenta-se em Ullmann (1962: 494-498).



(12) <i>i-teñuo wəj</i>	‘furo na orelha’
(13) <i>i-tekỹjaere</i>	‘sobrancelhas’
(14) <i>i-kỹj</i>	‘olho’
(15) <i>i-kỹjñe</i>	‘cílios’
(16) <i>i-kỹjune</i>	‘cílios’
(17) <i>i-kỹjpetso</i>	‘pálpebra’
(18) <i>i-kỹjoerej</i>	‘globo ocular’
(19) <i>i-kỹjo erejtsíkwa</i>	‘pupila’
(20) <i>i-kỹjmũ</i>	‘lágrima’
(21) <i>i-kỹjtinu</i>	‘remela no olho’
(22) <i>i-kañu</i>	‘nariz, focinho, bico’
(23) <i>i-kañu ime</i>	‘ponta do nariz’
(24) <i>i-kañuo vəj</i>	‘narina’
(25) <i>unekaño</i>	‘pêlo da narina’
(26) <i>urakañune</i>	‘furo intranasal para botoque’
(27) <i>i-ñakje</i>	‘bochecha’
(28) <i>i-ure</i>	‘costeleta’
(29) <i>ykerare</i>	‘bigode’
(30) <i>i-taytsie</i>	‘barba’
(31) <i>i-a</i>	‘boca’, céu da boca, palato’
(32) <i>i-kerao wəj</i>	‘furo supralabial’
(33) <i>oko</i>	‘furo infralabial’
(34) <i>i-ker</i>	‘lábio’
(35) <i>i-kerao wəj</i>	‘trato bucal’ (Lit.: ‘buraco da boca’)
(36) <i>ypekatsi</i>	‘alvéolo’ (Lit: raiz do dente’)
(37) <i>i-arakere ype</i>	‘arcada dentária (Lit.: muitos dentes)’
(38) <i>ype</i>	‘dente’
(39) <i>i-taw</i>	‘língua’
(40) <i>i-mujkaj</i>	‘saliva’
(41) <i>i-mujkaje</i>	‘cuspe’
(42) <i>topiiaere</i>	‘mau hálito’ (Lit.: ‘boca podre’)
(43) <i>i-tokytwa</i>	‘garganta’
(44) <i>i-twa</i>	‘pescoço’
(45) <i>i-pekotso</i>	‘dorso do pescoço’
(46) <i>i-tokytwa</i>	‘pomo-de-adão’
(47) <i>i-ure</i>	‘costeleta’
(48) <i>i-toetæ</i>	‘queixo’
(49) <i>i-aatsie</i>	‘ombro’
(50) <i>varoroe</i>	‘voz’
(51) <i>varoroe tsítwaere</i>	‘voz fina, voz aguda, voz feminina’
(52) <i>varoroe ejtwaere</i>	‘voz grossa, voz grave, voz masculina’

### 6.2.2 Partes, detalhes e órgãos do tronco, internos e externos, e termos afins

(53) <i>i-utâtsie</i>	‘esqueleto do corpo’
(54) <i>i-vetsi</i>	‘corpo’
(55) <i>i-ta</i>	‘pele’
(56) <i>i-aatsie</i>	‘ombro’
(57) <i>i-ako</i>	‘costas’
(58) <i>i-pera</i>	‘lombo superior’
(59) <i>i-toroti</i>	‘coluna vertebral’
(60) <i>i-toroti</i>	‘espinha dorsal’

(61) <i>i-toroti</i>	‘nervo’
(62) <i>i-parawe</i>	‘clavícula’
(63) <i>i-ary</i>	‘tórax’
(64) <i>i-ary karoe</i>	‘músculos peitorais’
(65) <i>i-ary karoe</i>	‘músculo peitoral’
(66) <i>i-tekwa</i>	‘barriga’
(67) <i>i-tukje</i>	‘axila, sovaco’
(68) <i>i-tukje une</i>	‘pêlo das axilas’
(69) <i>kūpere</i>	‘bodum, cheiro corporal’
(70) <i>i-ary une</i>	‘pêlo do peito do homem’
(71) <i>i-utã</i>	‘osso’
(72) <i>i-kotsi</i>	‘costela’
(73) <i>i-ororykwa</i>	‘pulmão’
(74) <i>i-aryky</i>	‘pulmão’, <sup>157</sup>
(75) <i>i-ru</i>	‘estômago’
(76) <i>i-ry</i>	‘fígado’
(77) <i>i-oroetetsie</i>	‘rim’
(78) <i>i-oroetekwa</i>	‘rim’, <sup>158</sup>
(79) <i>tsuere</i>	‘gordura’
(80) <i>i-tetse</i>	‘asa’
(81) <i>i-tetsi</i>	‘pena’
(82) <i>i-va</i>	‘intestinos’
(83) <i>nū</i>	‘seio, mama, teta’
(84) <i>nuoñu</i>	‘mamilo’
(85) <i>i-rãw</i>	‘carne’
(86) <i>i-kūkwa</i>	‘coração’
(87) <i>i-kūni</i>	‘sangue’
(88) <i>i-ūkyty</i>	‘veia’
(89) <i>i-ūkyty ejkyty</i>	‘veia grande, veia saliente’
(90) <i>i-tie</i>	‘cintura’
(91) <i>i-ui</i>	‘quadril’
(92) <i>nutiru</i>	‘umbigo’
(93) <i>i-ari</i>	‘bacia’
(94) <i>i-ari jutã</i>	‘osso da bacia’
(95) <i>i-tetsekuta</i>	‘virilha’
(96) <i>une</i>	‘pelo da virilha’
(97) <i>i-etsikwa</i>	‘bexiga’
(98) <i>etsivjūe</i>	‘urina’
(99) <i>nupi</i>	‘pênis’
(100) <i>kanio nupi</i>	‘pipiu, pênis de criança’
(101) <i>nupioitae</i>	‘prepúcio’
(102) <i>nupiokutae</i>	‘glândula’
(103) <i>nupiñajtae</i>	‘saco escrotal’
(104) <i>ævo iñaj</i>	‘testículo’ (lit.: ‘ovo de homem’)
(105) <i>une</i>	‘pêlo pubiano’
(106) <i>emoe</i>	‘esperma’
(107) <i>i-kūkwe</i>	‘útero’
(108) <i>nutiruty</i>	‘cordão umbilical’
(109) <i>kanio iva</i>	‘cordão umbilical’

<sup>157</sup> Variação de forma que os informantes não souberam esclarecer.

<sup>158</sup> Variação de forma também não esclarecida.

(110) <i>i-toti</i>	‘placenta’
(111) <i>jūpene</i>	‘vagina’
(112) <i>jūpene nu</i>	‘clitóris’
(113) <i>jūpeneo nutsíkwa</i>	‘clitóris’
(114) <i>jūpene itae</i>	‘pequenos lábios, grandes lábios’
(115) <i>tsonu</i>	‘bunda, nádegas’
(116) <i>nuoku</i>	‘ânus’
(117) <i>nū</i>	‘fezes’
(118) <i>nutētē</i>	‘ventosidade, gases, flatulência’

### 6.2.3 Partes, detalhes dos membros e termos afins

(118) <i>i-kwamu</i>	‘braço’
(119) <i>i-ūtā i-kwa</i>	‘osso do braço’
(120) <i>i-kwamuo i-ūta</i>	‘osso do antebraço’
(121) <i>karoe</i>	‘bíceps’, ‘tríceps’
(122) <i>i-tēñukywāmu</i>	‘cotovelo’
(123) <i>i-kwamu</i>	‘antebraço’
(124) <i>yjūkwamoere</i>	‘pêlo do braço’
(125) <i>i-kotso</i>	‘punho, mão’
(126) <i>i-tso ejtsoere</i>	‘dedo grande’
(127) <i>i-tso tsíkere</i>	‘dedo polegar’
(128) <i>i-tsotsíkwa</i>	‘dedo mínimo’
(129) <i>piko</i>	‘unha’
(130) <i>i-tso piko</i>	‘unha do dedo da mão’
(131) <i>i-tso iutā</i>	‘osso do dedo’
(132) <i>i-tetse</i>	‘perna. coxa’
(133) <i>i-tetse karoe</i>	‘músculo da coxa’
(134) <i>i-tetseo iūtā</i>	‘fêmur, ossos da coxa’
(135) <i>i-kawo iūtā</i>	‘ossos da canela, tibia’
(136) <i>yjkawere</i>	‘pêlo da perna’ (lit.: ‘cabelo da perna’)
(137) <i>i-roko</i>	‘joelho’
(138) <i>i-roko iūtā</i>	‘rótula’ (Lit.: ‘osso do joelho’)
(139) <i>i-kaw</i>	‘canela’
(140) <i>i-pāpikwā</i>	‘maléolo tibial’
(141) <i>i-kaw</i>	‘tornozelo’
(142) <i>i-tēñukytsotsi</i>	‘calcanhar’
(143) <i>i-tsotsi</i>	‘pé’
(144) <i>i-tsotsi ajukjaere</i>	‘pé direito’
(145) <i>i-tsotsi ajukjenikere</i>	‘pé esquerdo’
(146) <i>i-tsotsitsíkwa</i>	‘dedo do pé’
(147) <i>i-tsotsio piko</i>	‘unha do dedo do pé’
(148) <i>i-ary itsotsi</i>	‘sola do pé’
(149) <i>i-tsotsio kuti</i>	‘calo no pé’

### 6.3 Terminologia para doenças, sintomas e afins

(150) <i>ææroe</i>	‘vômito’
(151) <i>æjmu</i>	‘chá de folha’
(152) <i>ehehe</i>	‘tosse, ‘rouquidão’
(153) <i>ewewe</i>	‘arroto’
(154) <i>ikanūtinu</i>	‘catarro’

(155) <i>ikuramũ</i>	‘suor’
(156) <i>ikwatsiere</i>	‘íngua’
(157) <i>ivae</i>	‘dor’
(158) <i>kawkawe opera</i>	‘mordida de animal’
(159) <i>kawkawe</i>	‘picada de inseto’
(160) <i>kuti</i>	‘calo’
(161) <i>kuti vetsoj</i>	‘calo d’água’
(162) <i>kyve</i>	‘queimadura’
(163) <i>naũere</i>	‘menstruação’
(164) <i>namu</i>	‘remédio’
(165) <i>ñoña</i>	‘ferida, pereba’
(166) <i>ñoñakatsi</i>	‘casca de ferida’
(167) <i>nũtsutsu</i>	‘diarréia’
(168) <i>ojtwæ</i>	‘gripe’
(169) <i>pyne</i>	‘fisgada, pontada’
(170) <i>tíkũe</i>	‘solução’
(171) <i>topimũ</i>	‘pus’
(172) <i>tsutsive</i>	‘cicatriz’
(173) <i>tũvoe</i>	‘doença’
(174) <i>ytæ</i>	‘berruga’
(175) <i>tũtũe</i>	‘tonteira’
(176) <i>vorotsiere</i>	‘febre, malária’

#### 6.4 Terminologia de órgãos e partes das plantas e termos afins

(177) <i>æj</i>	‘folha’
(178) <i>æj kani</i>	‘broto’
(179) <i>i-ati</i>	‘flor’
(180) <i>i-atitsetæ</i>	‘pétala’ (Lit.: ‘asa de flor’)
(181) <i>i-katsi</i>	‘raiz’
(182) <i>i-kũ</i>	‘galho’
(183) <i>i-rãw</i>	‘polpa de fruta (Lit.: ‘carne’)
(184) <i>i-tæ</i>	‘casca de árvore’
(185) <i>i-kyetæ mati</i>	‘casca dura de fruta’
(186) <i>y</i>	‘espinho’
(187) <i>mati ~ nati</i> <sup>159</sup>	‘fruta’
(188) <i>matio itæ</i>	‘casca de fruta’ (Lit.: ‘pele da fruta’)
(189) <i>matio væky</i>	‘cachos de fruta’
(190) <i>tekwa</i>	‘semente’
(191) <i>ytse</i>	‘tronco, madeira’
(192) <i>ytse kani</i>	‘muda de árvore’
(193) <i>ytsemu</i>	‘seiva’

#### 6.5 Terminologia dos laços de parentesco

Em Kanoê, a nomenclatura dos laços de parentesco compõe um campo semântico bem delimitado, cujos itens refletem um sistema de organização social centrado na base familiar, que distingue relações consangüíneas e relações por afinidades decorrentes da união conjugal. Nos dois casos, tomando-se como referencial o EGO, ou seja, a pessoa em torno da qual

<sup>159</sup> Há variação de forma fonética: Becker-Donner (1955) registrou *mati*. MK pronunciava *mati*; TK: *mati*. No Omeré também foi observada essa variação. Há aí neutralização entre /m/ e /n/.

gravitam as relações de parentesco, os itens lexicais acumulam inerentemente alguns traços semânticos decorrentes de parâmetros classificatórios, a saber: a) sexo do EGO; b) sexo do parente, c) geração do parente em relação ao EGO; d) idade do parente; e) sexo do parente intermediário.

### 6.5.1 Terminologia das relações de parentesco consangüíneo

A terminologia de parentesco consangüíneo implica um sistema de relações familiares que se assenta em cinco gerações em relação ao EGO, a saber: a) geração do EGO; b) primeira geração ascendente, ou seja, a dos pais do ego; c) segunda geração ascendente ou a geração dos pais dos pais (avós) do EGO; d) primeira geração descendente, isto é, as dos filhos do EGO; e) segunda geração descendente ou a geração dos filhos dos filhos (netos) do EGO.

#### 6.5.1.1 Segunda ascendente em relação ao EGO

(194) <i>tsutsu</i>	‘avô paterno ou materno’
(195) <i>keke</i>	‘avó paterna ou materna’
(196) <i>tsutsu</i>	‘tio-avô paterno ou materno’
(197) <i>keke</i>	‘tia-avó paterna ou materna’

#### 6.5.1.2 Primeira geração ascendente em relação ao EGO

(198) <i>papa</i>	‘pai’
(199) <i>pa</i>	‘pai’(VOC)
(200) <i>mūj</i>	‘mãe’
(201) <i>mu</i>	‘mãe’ (VOC)
(202) <i>mūjoiteñae</i>	‘tio paterno ou materno’
(203) <i>ātā</i>	‘tia paterna ou materna’

#### 6.5.1.3 Geração do EGO

(204) <i>tukwæ</i>	‘irmão mais velho’
(205) <i>tunake</i>	‘irmã mais velha’
(206) <i>koro</i>	‘irmão mais novo’
(207) <i>urunake ~ uru</i>	‘irmã mais nova’
(208) <i>vaekwæ</i>	‘primo’
(209) <i>vaenake</i>	‘prima’

#### 6.5.1.4 Primeira geração descendente em relação ao EGO

(210) <i>kani ~ ævo kani</i>	‘filho’ (Lit.: ‘criança’ ~ ‘homem criança’)
(211) <i>kani ~ e kani</i>	‘filha’ (Lit.: ‘criança’ ~ ‘mulher criança’)
(212) <i>tēpūkani</i>	‘filho mais velho’
(213) <i>tēpūnake</i>	‘filha mais velha’
(214) <i>urukānikwæ</i>	‘filho mais novo, o caçula’
(215) <i>uruminake ~ uru</i>	‘filha mais nova, a caçula’
(216) <i>minake</i>	‘filha mais nova’
(217) <i>itēkyokwæ</i>	‘sobrinho (Lit.: ‘filho do irmão’)
(218) <i>itēkyokani nake</i>	‘sobrinha’ (Lit.: ‘filha do irmão’)

Os itens de (212) a (215) compõem um subsistema que faz a distinção entre filhos por idade aproximada. No entanto, a frequência desses termos é muito baixa, se comparada às de (210) e (211), as mais usadas.

### 6.5.1.5 Segunda geração descendente em relação ao EGO

- (219) *nuti* ‘neto’  
 (220) *ævo nuti* ‘neto’  
 (221) *e nuti* ‘neta’

Como se observa, ao lado de termos cujo gênero é inerente, vários dos itens para parentesco consanguíneo são morfologicamente marcados quanto a gênero, por meio dos morfemas sufixais {-*kwã*} para masculino e {-*nake*} para feminino (cf. descrito em 3.4.3). Há, ainda, os casos esparsos de marcação de gênero pela anteposição de *e* “mulher” a um nome não marcado, como em (220) *versus* (221). O diagrama baixo sintetiza o sistema de parentesco, até duas gerações antes e depois, em relação ao EGO, apresentando apenas os termos de alta frequência:

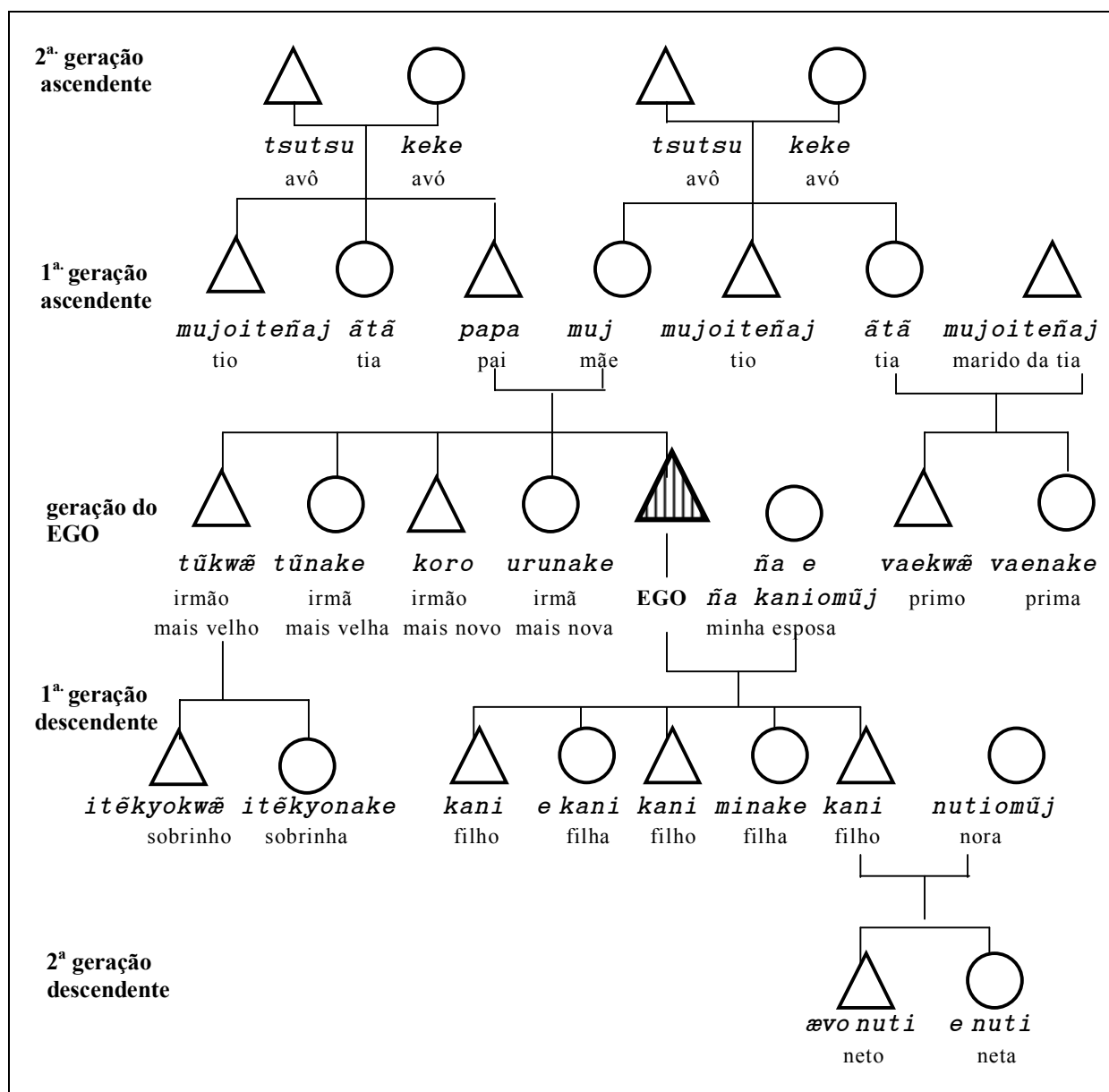


Diagrama 1: Terminologia das relações de parentesco consanguíneo

A par dessa terminologia, cujas balizas são duas gerações anteriores e duas posteriores à geração do EGO, a língua oferece a possibilidade de referência a outras gerações por meio de construções sintagmáticas descritivas, tomando-se como referencial um termo de parentesco intermediário. Assim, a segunda geração ascendente é uma referência para a nomeação de bisavós. Nesse caso, nota-se uma terminologia feita por meio das seguintes expressões nominais descritivas:

- (222) *ña tsutsu-o-papa* ‘meu bisavô (paterno)’ (Lit.: ‘o pai de meu avô’)  
POSS1SG avô-POSS-pai
- (223) *ña tsutsu-o-mũj* ‘minha bisavó (paterna)’ (Lit.: ‘a mãe de minha avó’)  
POSS1SG avó-POSS-mãe
- (224) *ña keke-o-papa* ‘meu bisavô (materno)’ (Lit.: ‘o pai de minha avó’)  
POSS1SG avó-POSS-pai
- (225) *ña tsutsu-o-mũj* ‘minha bisavó (materna)’ (Lit.: ‘a mãe de minha avó’)  
POSS1SG avó-POSS-mãe

Por outro lado, são possíveis construções nominais sinônimas, tomando-se por base a primeira geração ascendente, ou seja, os pais, como intermediária, para referência a bisavós:

- (226) *ña papa-o-tsutsu* ‘meu bisavô (paterno)’ (Lit.: ‘o avô de meu pai’)  
POSS1SG pai-POSS-avô
- (227) *ña papa-o-keke* ‘minha bisavó (paterna)’ (Lit.: ‘a avó de meu pai’)  
POSS1SG pai-POSS-avó
- (228) *ña mũj-o-tsutsu* ‘meu bisavô (materno)’ (Lit.: ‘o avô de minha mãe’)  
POSS1SG mãe-POSS-avô
- (229) *ña mũj-o-keke* ‘minha bisavó (materna)’ (Lit.: ‘a avó de minha mãe’)  
POSS1SG mãe-POSS-avó

Do ponto de vista pragmático, essas construções são raríssimas, não-espontâneas e não cristalizadas como itens lexicais. Por conseguinte, configuram tão-somente alternativas de nomeação, mesmo porque a geração dos atuais últimos falantes do Kanoê dificilmente chegou a conhecer os próprios avós e bisavós, paternos ou maternos. De qualquer modo, a aceitação dessas expressões nominais como válidas por TK, para a descrição de relações de parentesco mais distantes, evidencia o mecanismo gramatical subjacente às mesmas, mediado pelo sufixo {-o} ‘POSS’, também evidente em outras expressões nominais possessivas análogas formadas pelo mesmo processo, conforme se descreveu em 3.4.2 e em 3.4.6.1.

### 6.5.2 Terminologia de parentesco afim

A terminologia de parentesco por afinidade implica um sistema de relações familiares decorrentes do matrimônio, o qual se assenta em três gerações em relação ao EGO, quais sejam: a) geração do EGO; b) primeira geração ascendente, ou seja, a dos pais do ego; c) primeira geração descendente, isto é, as dos filhos do EGO.

Observa-se que, em Kanoê, não há diferença terminológica substancial para nomear as relações de parentesco afim em decorrência do sexo do EGO. Assim, os termos para

“sogro” e “sogra”, por exemplo, são os mesmos, independentemente de o EGO ser do sexo masculino ou do feminino.

Por outro lado, a maioria desses termos são morfologicamente marcados quanto a gênero por meio de {-*kwã*}, para masculino, e de {-*nake*}, para feminino, como, por exemplo em *ãtã-kwã* “sogro” versus *ãtã-nake* “sogra”, termos cuja raiz nominal é *ãtã* “tia”. A terminologia de parentesco por afinidade é detalhada a seguir:

### 6.5.2.1 Geração ascendente em relação ao cônjuge do EGO (MASC. ou FEM.)

(230) *ãtã-kwã* ‘sogro’  
tia-MASC

(231) *ãtã-nake* ‘sogra’  
tia-FEM

Esses termos podem ser substituídos por expressões descritivas sinônimas, tais como:

a) para EGO masculino:

(232) *ñã e-o-papa* ‘sogro (Lit.: ‘pai de minha mulher)’  
POSS1SG mulher-POSS-pai

(233) *ñã e-o-muj* ‘sogra’ (Lit.: ‘mãe de minha mulher)’  
POSS1SG mulher-POSS-mãe

b) para EGO feminino

(234) *ñã ævo-o-papa* ‘sogro (Lit.: ‘pai de meu homem)’  
POSS1SG homem-POSS-pai

(235) *ñã ævo-o-muj* ‘sogra’ (Lit.: ‘mãe de eu homem)’  
POSS1SG homem-POSS-mãe

### 6.5.2.2 Geração do EGO

Abaixo, nota-se que há sinonímia entre (236) *ñã ævo* “meu marido” e (237) *ñã kaniopapa* “meu marido” e entre (238) *ñã e* “minha esposa” e (239) *ñã kaniomũj* “esposa”. Por outro lado, em decorrência do sistema de patrilinearidade, o genro é referido como (240) *ñã kaniøvo* “marido de minha filha” (Lit.: “homem de minha criança”), e a nora é referida como (241) *ñã nutiomũj* “mãe de meu neto”.

(236) *ñã ævo* ‘marido (Lit.: ‘meu homem)’  
POSS1SG homem

(237) *ñã kani-o-papa* ‘marido’ (Lit.: ‘pai da minha criança)’  
POSS1SG criança-POSS-pai

(238) *ñã e* ‘esposa (Lit.: ‘minha mulher)’  
POSS1SG mulher

(239) *ñã kani-o-mũj* ‘esposa (Lit.: ‘mãe da minha criança)’  
POSS1SG criança-POSS-mãe



(240) *ñā kani-o-ævo* ‘genro’ (Lit.: ‘homem da minha criança’)  
 POSS1SG criança-POSS-homerm

(241) *ñā nuti-o-mūj* ‘nora’ (Lit.: ‘mãe do meu neto’)  
 POSS1SG neto-POSS-mãe

(242) *tetoekwæ* ‘cunhado’  
 cunhado-MASC

(243) *tetoenake* ‘cunhada’  
 cunhado-FEM

### 6.5.2.3 Primeira geração descendente à do EGO

(244) *emī* ‘sobrinho (filha do cunhado)’

(245) *ūkū* ‘sobrinha(filha do cunhado)’

A terminologia de parentesco por afinidade pode ser sintetizada no seguinte diagrama:

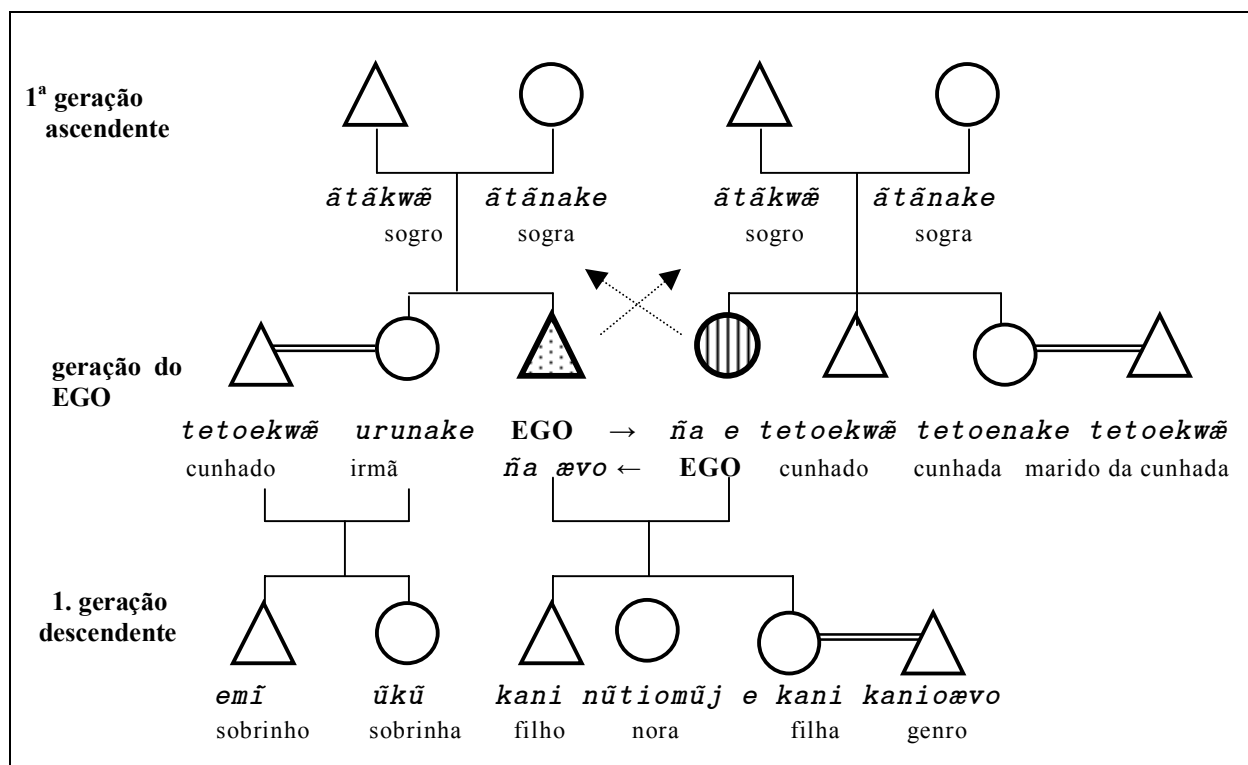


Diagrama 2: Terminologia das relações de parentesco afim

### 6.5.2.4 Outros termos de parentesco afim e formas de tratamento pessoal íntimo

(246) *patsyke* ‘padrasto (Lit.: ‘pai outro’)  
 pai-outro

(247) *mujsyke* ‘madrasta’ (Lit.: ‘mãe outra’)  
 mãe-outro

(248) <i>tsykepapa</i> pai-outro	‘meu padrinho’ (Lit.: ‘outro pai’)
(249) <i>tsykemũj</i> mãe-outro	‘minha madrinha’ (Lit.: ‘outra mãe’)
(250) <i>ævo kani-kitã</i> homem criança-enteado	‘filho de criação, enteado’
(251) <i>e kani-kitã</i> mulher criança-enteado	‘filha de criação, enteada’
(252) <i>tu-kwã-kitã</i> irmão-MASC-enteado	‘irmão de criação’
(253) <i>tu-nake-kitã</i> irmão-FEM-enteado	‘irmã de criação’
(254) <i>te-kỹj-uru-e</i> parente-MASC-novo-DECL	‘parentes’
(255) <i>te-nake-uru-e</i> parente-FEM-novo-DECL	‘parentas’
(256) <i>enuetere</i>	‘família’
(257) <i>tsykekỹj</i> outro-MASC	‘amigo’
(258) <i>tsykenake</i> outro-FEM	‘amiga’

## 6.6 Antropônimos

Segundo TK, de acordo com a tradição do povo Kanoê, cabia ao pajé (xamã) a atribuição de nome ao recém-nascido, em geral, tomando-se o nome do avô paterno, do próprio pai ou dos tios paternos, no caso dos meninos, e da avó paterna, a própria mãe ou das tias paternas, em se tratando de meninas. Essa regra, entretanto, poderia ser quebrada, caso a criança nascesse com algum sinal que a identificasse, como, por exemplo, uma mancha nas costas.

Entretanto, há indícios de que as pessoas podiam trocar de nome, na puberdade, após a realização de um ritual, ou em decorrência do nascimento de um filho ou irmão ou ainda de apadrinharem uma criança, para a qual cediam seu nome e adotavam um outro nome. Entre os Kanoê do Omeré, que ainda preservam as tradições, o rapaz chamava-se *opera* “♂, onça” mas, tão logo nasceu seu sobrinho, cedeu seu nome ao mesmo e adotou *pura* “♂, cigarra”. Entre os Kanoê do vale do Guaporé, Munuzinho teve como primeiro nome *opera* “♂, onça” e posteriormente *munu* “♂, o que escuta” e, depois de “civilizado” e cristianizado, foi registrado como Luís Canoê.

Em outras situações, a pessoa era nomeada de acordo com algum acontecimento que marcasse sua vida. Teresa informou que inicialmente seu nome era *okynoe* “♀, será como cobra brava”. Porém, ainda criança, depois de ter sido picada por uma espécie de besouro quando trabalhava com os pais na roça, passou a ser chamada de *pirake* “♀,

besouro brilhante”. Cristianizada, foi registrada como Teresa, mas é tratada como “Teresa Piraguê”, onde se observa a sonorização de /k/, resultando /g/, estranho à fonologia Kanoê.

Em Kanoê, os antropônimos são, em geral, derivados de nomes comuns aplicáveis a espécies animais ou a algum elemento da natureza ou ainda derivado de uma raiz verbal atributiva ou ativa. Alguns dos antropônimos podem ser considerados verdadeiras metáforas funcionais, posto que parecem conter uma carga de significação simbólica ou um possível vaticínio sobre o futuro da pessoa (p.ex.: *okynoe* “será como cobra”). Outros são de ordem metonímica, pois são expressões nominais descritivas que acentuam uma característica física como a cor ou tipo dos cabelos ou uma marca física (p.ex.: *voroko* “♀, mancha nas costas”) ou habilidade do indivíduo (p.ex.: *kuminoekyj* “♂, esperto no trabalho”). Alguns desses nomes correspondem a nomes de entidades míticas. Nos demais casos, os informantes não souberam informar o significado de certos antropônimos, referindo-se aos mesmos apenas como “um nome” ou “o nome dele” (p.ex.: *tsanamaj* “♂, nome próprio”).

Semanticamente, os antropônimos se distribuem em duas subcategorias quanto a gênero inerente, havendo nomes considerados masculinos (p.ex.: *opera* “♂, onça”; *pura* “♂, cigarra”) e nomes tidos como femininos (p.ex.: *avae* “♀, arara”; *varyvary* “♀, estrela”). Não foi possível deduzir a lógica subjacente à categorização dos nomes quanto ao gênero. Há, porém, alguns casos de pares de nomes pessoais morfologicamente marcados quanto a gênero, tais como *aki-kyj* “♂, pedra” + MASC”, nome *versus* *aki-nake* “♀, pedra” + FEM”, ou como *pipi-kyj* “♂, bonito” + MASC”, primeiro *versus* *pipi-nake* “♀, bonita” + FEM”; primeiro nome de uma prima de TK. Nos subtópicos a seguir, são apresentadas as subcategorias de nomes com base em sua origem etimológica:

### 6.6.1 Antropônimos derivados de nomes de animais e plantas

Alguns desses antropônimos metafóricos são morfologicamente indecomponíveis, ou seja, se reduzem exatamente ao nome que se aplica a uma dada espécie animal. Exemplos:

(259) <i>atsuki</i>	‘♀, bicho branco que vive pregado no pau’ (tia de TK);
(260) <i>korokoro</i>	‘♂, vespa (espécie)’; nome de um tuxaua Kanoê
(261) <i>kykynu</i>	‘♂, colibri, beija-flor’; nome de um homem Kanoê
(262) <i>opera</i>	‘♂, onça’; primeiro nome de MK
(263) <i>pirake</i>	‘♀, besouro brilhante’; segundo nome de TK
(264) <i>pura</i>	‘♂, cigarra’; segundo nome do rapaz dos isolados do Omeré
(265) <i>pyytsi</i>	‘♂, mutum’; nome original de Adão, filho de MK
(266) <i>tawiw</i>	‘♂, espécie de pássaro’
(267) <i>tawiw vorokjũ</i>	‘♂, espécie de pássaro preto’
(268) <i>tũpũ</i>	‘♂, nambuaçu’; nome original de Marcelino Kanoê
(269) <i>tutua</i>	‘♀, abelha brava’; nome de Francisca, irmã de MK; nome da mãe de Purá e Txinamanty
(270) <i>tsiruru</i>	‘♀, coisa que está voando’; nome da mãe de MK

Há, porém, antropônimos com morfologia mais complexa, como nestes exemplos:

(271) <i>ava-e</i> arara-DECL	‘♀, arara’; nome da esposa de Munuzinho Kanoê’
(272) <i>oky-no-e</i> cobra-FUT-NLZ	‘♀, ‘será como cobra brava’; nome original de TK
(273) <i>peoky-no-e</i> lagarta-FUT-NLZ	‘♀, será como lagarta que prega no pau’; nome original de LK

- (274) *pyytsi-kỹj* ‘♂, mutum’  
mutum-MASC
- (275) *tuutu-nake* ‘♀, ‘mulher da flor de lírio’ (Lit.: ‘lírio + FEM’)  
lírio-FEM

### 6.6.2 Antropônimos derivados de nomes de outros elementos naturais e afins

A esse grupo filiam-se antropônimos relativos a elementos naturais diversos (sal, estrela, mel, pedra, teia de aranha) ou a produtos fabricados pelo homem (rapé). Exemplos:

- (276) *aki-kỹj* ‘♂, pedra homem’, nome de Francisco, filho de criação de UK  
pedra-MASC
- (277) *aki-nake* ‘♀, pedra mulher, nome de uma prima de MK  
pedra-FEM
- (278) *atsimi-nake* ‘♀, mulher do rapé, nome original MAK  
rapé-FEM
- (279) *atsine* ‘♂, medroso’, nome de um tio de TK  
temer-3-NLZ
- (280) *kyj-kỹj* ‘♂, homem do sal’  
sal-MASC
- (281) *pipiw-kỹj* ‘♂, árvore grande (espécie), nome de Carlos, irmão de TK  
árvore.esp-MASC
- (282) *pipiw-nake* ‘♀, árvore grande (espécie) + FEM’  
árvore.esp-FEM
- (283) *tovemo* ‘♂, espírito do mel’  
mel-espírito
- (284) *tsinama-ty* ‘♀, teia de aranha’  
aranha-CLE
- (285) *varyvary* ‘♀, estrela’

### 6.6.3 Antropônimos compostos decorrentes de características físicas

Os antropônimos deste grupo são morfologicamente complexos e constituem uma expressão descritiva de uma característica física individualizante, ou seja, uma marca pessoal de nascença ou decorrente de algum acontecimento posterior ao nascimento. Alguns desses nomes se relacionam a personagens mitológicas, que seriam portadoras da mesma característica. Em alguns casos, não foi possível decompô-los morfologicamente. Exemplos:

- (286) *atsuki* ‘♀, cabelos cacheados’; nome de uma das irmãs de MK, assim nomeada por ter sofrido um corte ainda muito nova

- (287) *iēne-kỹj* ‘♂, homem amarelo’; nome próprio do pai de TK, assim chama  
amarelo-MASC por ter a pele mais clara, considerada amarela
- (288) *pē-kuta* ‘♀, cabeça vermelha’; nome original da mãe de SK, porque seus  
vermelho-cabeça cabelos eram considerados avermelhados
- (289) *tsikaña* ‘♀, a que levou um corte’; nome de uma das irmãs de MK,  
assim nomeada por ter sofrido um corte ainda muito nova
- (290) *voro-ako-e* ‘♀, mancha nas costas’; nome de uma das irmãs de MK, assim  
preto-costas-NLZ chamada por ter nascido com um sinal, uma mancha nas costas;  
nome de uma personagem mítica com um sinal negro nas costas
- (291) *voro-ker-a* ‘♀, lábios roxos’ (Lit.: ‘lábios pretos’); nome de umas das  
preto-lábio-NLZ irmãs de MK, que recebeu esse nome porque seus lábios eram  
escuros, considerados arroxeados

#### 6.6.4 Antropônimos compostos decorrentes de características comportamentais

Os antropônimos desta subcategoria fazem referência direta a alguma característica comportamental do indivíduo. Exemplos:

- (292) *avava* ‘♀, sorridente’, irmã de MK e tia de TK’
- (293) *iry-nake* ‘♀, macaco mulher’; nome de uma mulher criava macaco  
macaco-mulher
- (294) *kumi-no-e* ‘♀, esperta no trabalho’, nome de prima de TK  
esperto-VOL-NLZ
- (295) *kumi-no-e-kỹj* ‘♂, esperto no trabalho’; porque trabalhava muito  
esperto-VOL-NLZ-MASC
- (296) *munu* ‘♂, escutar’; segundo nome de Munuzinho Kanoê’ e de ‘Carlos,  
ouvir esposo de Maria Atiminaké’; sogro de Munuzinho, primeiro  
nome original de Marcos Kanoê, filho de Munuzinho

#### 6.6.5 Antropônimos de significação indeterminada

- (297) *keke-nake* ‘♂, nome da avó paterna de TK  
avó-FEM
- (298) *kwaryry* ‘♀, nome relativo ao ‘deus do milho’
- (299) *majra* ‘♂, nome próprio de uma tia de TK’
- (300) *memetsaru* ‘♀, nome de uma tia de TK
- (301) *mune* ‘♂, nome original de Pedro, irmão de MK’
- (302) *tsanamaj* ‘♂, nome original de um primo de TK’
- (303) *teteru* ‘♂, nome’
- (304) *tsirute* ‘♀, mãe original da mãe de TK’
- (305) *turue* ‘♂, nome do pai de TK, nome original de Adão Kanoê’
- (306) *turuetsu* ‘♂, nome’
- (307) *tsikururunoe* ‘♀, nome de uma irmã de criação de TK’

- (308) *tsiroe* ‘♂, nome de um tio materno de TK’  
 (309) *tsiwawa* ‘♂, nome de um tio materno de TK’

### 6.7 Etnônimos e afins

Não é fácil recompor com exatidão o conjunto dos etnônimos com os quais os Kanoê nomeavam seus vizinhos, com os quais mantinham relações amistosas, e outros povos indígenas que, ora mais, ora menos próximos, lhes eram hostis, considerados inimigos. Os depoimentos confirmam os estreitos laços de amizade que uniam os Kanoê e os Aikanã (Masaká), os vizinhos mais próximos. Segundo TK, bastava atravessar o rio Apediá (Pimenta Bueno) para se chegar à aldeia dos Aikanã, onde iam para as festas ou para jogar bola. Alguns dos Kanoê foram criados entre os Aikanã, razão pela qual falavam a língua desse povo e não aprenderam sua língua paterna, o Kanoê. Os informantes citam também um grupo indígena nomeado *kurape*, considerados muito perigosos, que posteriormente teriam sido totalmente extintos. Mencionam ainda os *akutsũ*, subgrupo Latundê-Nambikwára, muito temidos porque lhes eram hostis. Ainda hoje, no Omeré, os vizinhos são nomeados *akutsũ*, um subgrupo Tupari, são hostis aos Kanoê. Esse povo habitava relativamente próximo, mas os Kanoê e os Aikanã não ousavam cruzar o território deles durante o dia. Segundo TK, muitas vezes, seu pai e o tuxaua dos Aikanã saíam à noite apenas para escutar a cantoria dos *akutsũ*. Abaixo, são listados os etnônimos citados por TK<sup>160</sup>:

- (310) *akutsũ* ‘índios Latundê-Nambikwára’  
 (311) *arui* ‘índios Aruá, Mondé’  
 (312) *atsatsare* ‘homem branco, gente branca, civilizado’  
 (313) *ĩko-tekãw* ‘povo do morcego, subgrupo Makuráp’  
           morcego-povo  
 (314) *iry-tekãw* ‘povo do macaco’, índios Koaratira, subgrupo Mequéns  
           macaco-povo  
 (315) *ĩkũkũ-tekãw* ‘povo do tracajá, índios Jeoromitxi (Jabuti)’  
           tracajá-povo  
 (316) *kurape* ‘índios extintos, “porque tinham a boca torta”, cf. TK’  
 (317) *monde* ‘índios Kasupá, Mondé (= Aikanã)’  
 (318) *pyræ-tekãw* ‘povo do rato’, índios de um subgrupo Makuráp’  
           rato-povo  
 (319) *pẽ-kuta-tekãw* ‘índios Ajuru, Wayoró, Wayurú’  
           vermelho-cabeça-povo

<sup>160</sup> Essa relação de etnônimos pode conter equívocos da informante TK, não só em decorrência de seus lapsos de memória, mas também porque em sua geração os Kanoê a maior parte dos deixou suas terras e, assim, as crianças não chegaram a conhecer a maioria dos grupos indígenas vizinhos, dos quais só tomavam conhecimento nas conversas com os pais.

- (320) *putsua-tekāw* ‘povo do cachorro do mato’, índios de grupo já extinto  
raposa-povo
- (321) *tsiwawa* ‘índios Kepikiriwat-Tupari (?)’
- (322) *tsanamakāw* ‘índios Salamãï ou Sanamaiká (Tupi-Mondé)’
- (323) *tsanawere* ‘índios Arikapu’
- (324) *tinupa* ‘índios Aikanã’, nome pessoal em Aikanã
- (325) *tajnakāw* ‘índios Koaiá (Kwaza)’
- (326) *tija* ‘índios Koaiá (Kwaza), caboclo Tiá’
- (327) *uræ-tekāw* ‘povo do queixada’, índios Sakirap (Tuparí do Omeré)  
queixada-povo
- (328) *urudāw* ‘índios Oro Não, subgrupo Txapakúra
- (329) *votsi* ‘homem branco, gente branca’
- (330) *votsi pē-n-e* ‘homem branco loiro’ (Lit.: ‘homem branco vermelho’)  
homem vermelho-3-NLZ
- (331) *votsi voro-n-e* ‘homem negro, gente da raça negra’  
homem preto-3-NLZ

## 6.8 Mitônimos

Nesse conjunto agrupam-se alguns dos nomes de entidades míticas, embora ainda não tenha sido possível resgatar e recompor o conjunto da mitologia Kanoê. A nomenclatura para entidades espirituais deixa entrever que os Kanoé acreditavam na existência de vários espíritos masculinos e femininos relativos a elementos naturais e temporais (p.ex.: água, fogo, noite, trovão etc).

Na relação abaixo, alguns desses termos são empréstimos lingüísticos e se referem a mitos de origem possivelmente Tupi, alguns dos quais são amplamente difundidos em toda a Amazônia brasileira e já se incorporaram ao folclore nacional: Caipora, Iara, Mapinguari. Do ponto de vista morfológico, boa parte dos mitônimos e nomes afins, efetivamente Kanoê, são decomponíveis, marcados quanto a gênero, por meio dos morfemas {-*kỹj*}, para o masculino, e {-*nake*}, para o feminino. Nos demais casos, os nomes têm gênero inerente.

- (332) *aki-moã-kỹj* ‘♂, espírito das pedras’, ser mitológico masculino que habitava  
pedra-espírito-MASC o interior de uma montanha
- (333) *aki-moã-nake* ‘♂, espírito do fogo’, ser mitológico masculino  
pedra-espírito-FEM
- (334) *arakwamũ* ‘♂, personagem mítica à qual TK se refere como Jesus Cristo.  
Um mitônimo parecido foi usado pelos Kwaza.<sup>161</sup>

<sup>161</sup> Segundo Van der Voort, comunicação pessoal, janeiro de 2004.

- (335) *atsimikỹj* ‘♂, personagem mítica masculina’, nome do homem que decidiu virar macaco’
- (336) *atsiminake* ‘♀, personagem mítica feminina, nome da mulher que decidiu virar macaco’
- (337) *atsine* ‘♀, personagem mítica feminina, à qual TK se refere sendo mãe de Arakwamun, equivalente a Maria, mãe de Jesus Cristo’
- (338) *erej-kwa-kỹj* ‘♂, bicho de seringueira’, espécie de bicho antropomórfico, que vive nos seringais: captura os seringueiros para dar-lhes uma surra; lenda difundida na Amazônia, inclusive entre não-índios  
bola-CLE-MASC
- (339) *ini-moã-kỹj* ‘♂, espírito do fogo dos raios’  
fogo-espírito-MASC
- (340) *itsaj-moã-kỹj* ‘♂, espírito da noite masculino’  
anoitecer-espírito-MASC
- (341) *itsaj-moã-nake* ‘♀, espírito da noite feminino’  
anoitecer-espírito-FEM
- (342) *kajpora* ‘♀, Caipora, mulher caipora’, personagem de origem Tupi
- (343) *kuni-mu-e* ‘♀, mulher d’água’  
água-CLE.líq-NLZ
- (344) *kuni-muj* ‘♀, Iara, a mãe d’água’  
água-mãe
- (345) *kūkūenake* ‘♀, mulher muito idosa que trouxe as sementes de milho’
- (346) *kwaryry* ‘♂, deus, espírito do milho’
- (347) *kwini itevæ* ‘boto’ (Lit.: ‘peixe gente’)  
peixe gente
- (348) *kwy-kỹj* ‘♂, bicho de apuizeiro’, ser antropomórfico que habitava no oco do apuizeiro  
apuí-MASC
- (349) *kwy♀nake* ‘♀, bicho de apuizeiro’, ser antropomórfico que habitava no oco do apuizeiro  
apuí-FEM
- (350) *mapĩkwari* ‘♂, Matinguari’, personagem de mito de origem Tupi
- (351) *moãkã* ‘espírito’
- (352) *mo-kỹj* ‘♂, homenzinho do mato’, espécie de duende masculino  
espírito-MASC
- (353) *mo-nake* ‘♀, mulherzinha do mato’, espécie de duende feminino  
espírito-FEM



- (354) *oky-moã-kỹj* ‘♂, espírito das cobras’  
cobra-espírito-MASC
- (355) *oky-moã-nake* ‘♀, espírito das cobras’  
cobra-espírito-FEM
- (356) *tepy-mũj* ‘♀, mãe da terra’, personagem mítica feminina  
terra-mãe
- (357) *toakũ* ‘♂, Toãkun’, menino índio que parece ser uma das principais personagens míticas dos Kanoê; Deus, Jesus Cristo’
- (358) *votsi peñ-e* ‘♂, espírito ruim, diabo, satanás’ (Lit.: ‘homem vermelho’)  
homem vermelho-3-NLZ
- (359) *vuru-moã-kỹj* ‘♂, espírito dos trovões’  
trovão-espírito-MASC

## 6.9 Hidrônimos

Em Kanoê, em boa parte os hidrônimos são expressões nominais descritivas que acentuam uma característica permanente ou sazonal de um rio ou ribeirão, como, por exemplo, a cor das águas (p.ex.: *voromoe* ‘rio Carvão’ (Lit: ‘rio preto’). Todos se referem principalmente aos cursos d’água das bacias do rios Apediá (ou Pimenta Bueno, que cai no Machado), Mequéns, Tanaru e rio Corumbiara, as quais delimitam o território onde tradicionalmente viviam os Kanoê. A seguir, são listados os principais hidrônimos mencionados pelos informantes MK e TK<sup>162</sup>, alguns dos quais são morfologicamente indecomponíveis:

- (360) *apediã* ‘rio Apediá’ (ou Pimenta Bueno), tributário do Machado
- (361) *aritsine* ‘rio Chupinguaia’, afluente da margem esquerda do rio Apediá
- (362) *atsi-n-e-mo-e* ‘Cascaata’, lugarejo no alto Apediá, cuja cascata fazia medo  
medo-3-DECL-CLE-NLZ
- (363) *etekere* ‘rio Colorado’, tributário do Guaporé, paralelo ao Mequéns
- (364) *iene-mo-e* ‘igarapé tributário do Corumbiara’, porque as águas ficavam muito amarelas na estação das chuvas’ (?)  
amarelo-CLE-DECL
- (365) *kaurua* ‘rio Guarajus’, afluente da margem direita do Corumbiara
- (366) *kuni-mo-e-tsikwa* ‘igarapé, afluente do Tanaru’, tributário do Pimenta Bueno  
água-CLE-DECL-DIM

<sup>162</sup> Essa relação vale tão-somente como exemplos de hidrônimo, mas não como mapa lingüístico exato da hidrografia da região em virtude dos lapsos de memória dos informantes, mesmo porque estes deixaram suas terras ainda crianças. Nota-se que, na estrutura morfológica, muitos dos hidrônimos apresentam o morfema {-mo}, provavelmente originário de {-mu} ‘CLE’ para líquidos.

- (367) *kuni-tsu-mo-e* ‘rio Corumbiara’  
 água-gostoso-CLE-DECL
- (368) *nunumoe* ‘nome de um igarapé, afluente do Omeré’, que era *habitat* de uma espécie de inseto (“bicho branco de asa que prega no pau”, segundo TK)
- (369) *omo-e-re* ‘rio Omeré’, afluente da margem esquerda do rio Corumbiara, porque o mesmo tinha muitas pedras que pareciam crista de galo’  
 crista-DECL-AUX
- (370) *oneru* ‘igarapé Ipiranga’
- (371) *tanaru* ‘rio Tanaru’, tributário da margem esquerda Apediá, onde se encontravam conchas muito grandes
- (372) *turumoe* ‘igarapé São Pedro’
- (373) *tsimoe* ‘igarapé São João’, tributário do Mequéns
- (374) *voro-mo-e* ‘rio Carvão’, porque suas águas eram escuras  
 preto-CLE-DECL

## 6.10 Hiperonímia

A análise das categorias léxico-semânticas do Kanoê revela a existência de alguns nomes que, em virtude de sua alta frequência de uso, em determinados contextos e situações pragmáticas, funcionam como *hiperônimos*. São, portanto, nomes generalizantes que podem substituir nomes específicos, seus *hipônimos*. Assim, *itæ* “pele, couro”, pode eventualmente se referir a qualquer peça do vestuário, inclusive adereços como pulseiras, braceletes, tangas, grinaldas de palha etc. Abaixo, são apresentados alguns de casos de hiperonímia:

a) *pærætæ* “panela” nomeia genericamente alguns dos recipientes redondos (panela, caldeirão, pote, urna funerária) e até mesmo superfícies planas arredondadas (prato) e, por extensão, superfícies não-redondas (escada):

(375) <i>pærætæ</i> ‘panela’	{	<i>pærætæ</i>	{	<i>pærætæ ej-ru-n-e</i>
		‘escada’		panela grande-estômago-3-NLZ
		<i>pærætæ</i>		‘panela grande’, ‘urna funerária’
		‘panela’		<i>pærætæ-tsíkwa</i>
				panela-DIM
		‘panela pequena’		
		<i>pærætæ</i>		<i>pærætæ kojkoj-ε</i>
		‘pote’		panela-fritar.RED-NLZ
				‘frigideira’
		<i>pærætæ</i>		
		‘prato’		

b) *opera* “onça” é um nome generalizante, ao qual subordinam nomes específicos, sobretudo nomes compostos, aplicáveis à identificação de vários animais felídeos das espécies (*Panthera [Jaguarius] onça*) e (*Felis Puma concolor*) e de suas variações meliânicas (onça vermelha, onça parda, onça preta). Enquanto hiperônimo, *opera* engloba também animais canídeos, como cachorro e lobo, e ariranha (*Pteronura brasiliensis*), carnívoro da família dos mustelídeos.

Curiosamente, o cachorro doméstico também é nomeado *opera*, mas outras espécies de canídeos, entre as quais as subespécies de “cachorro-do-mato” (*Speothos venaticus Lund*) são genericamente nomeados *putsua*. A esse nome subordinam-se outros nomes compostos: *putsua kūkūjvejkore* “cachorro-do-mato-vinagre”, *putsua vorone* “cachorro-do-mato preto” e *putsua pēne* “cachorro-do-mato vermelho”.

Como se observa, em decorrência de determinados casos de hiperonímia, o sentido preciso de uma sentença como *opera tūoere*, literalmente “A onça morreu”, só pode ser dado pelo contexto pragmático-discursivo.

(376) <i>opera</i> ‘onça’	}	<i>opera</i> ‘antropônimo’	}	<i>opera karanakāw</i> onça suçuarana ‘onça suçuarana’
		<i>opera</i> ‘gato’		<i>opera kūkūj-vej-ko-re</i> onça cinza-corpo-CLE-AUX ‘onça cinzenta, onça parda’
		<i>operatsíkwa</i> ‘gato doméstico’		<i>opera pē-n-e</i> onça vermelho-3-NLZ ‘onça vermelha’
		<i>opera</i> ‘onça’		<i>opera kani-tsíkwa</i> ‘onça’ criança-DIM ‘filhote de onça’
		<i>opera</i> ‘animal’		<i>opera pūpū-n-e</i> onça pintar-3-NLZ ‘onça pintada, jaguapinima’
		<i>opera jūkwā</i> ‘lontra’		<i>opera-tsíkwa</i> onça-DIM maracajá, gato selvagem, jaguatirica’
		<i>opera kuni</i> onça água ‘ariranha’		<i>opera voro-n-e</i> onça preto-3-NLZ ‘onça preta, jaguaretê’
		<i>opera</i> ‘cachorro’		
		<i>opera vovo-tsi-e</i> onça latir.RED-CLE-NLZ ‘cachorro’		

Do mesmo modo, (377) *kwini* “peixe”, abaixo, é um hiperônimo em relação a seus hipônimos, isto é, os nomes específicos das espécies de peixe:

(377) <i>kwini</i> ‘peixe’	<i>ærytykwa</i> ‘curaçu’	<table> <tr> <td><i>kwini ajtemu</i> ‘pirapitinga’</td> </tr> <tr> <td><i>kwini itsæ</i> peixe anta ‘tambaqui’ (Lit.: ‘peixe anta’)</td> </tr> <tr> <td><i>kwini æky</i> peixe banana ‘jaturana’</td> </tr> <tr> <td><i>turoakē ~ kwini itevæ</i> peixe gente ‘boto’ (Lit.: ‘peixe gente’)</td> </tr> <tr> <td><i>kwini pūpū-n-e</i> peixe pintar-3-NLZ ‘pintado, surubim’</td> </tr> </table>	<i>kwini ajtemu</i> ‘pirapitinga’	<i>kwini itsæ</i> peixe anta ‘tambaqui’ (Lit.: ‘peixe anta’)	<i>kwini æky</i> peixe banana ‘jaturana’	<i>turoakē ~ kwini itevæ</i> peixe gente ‘boto’ (Lit.: ‘peixe gente’)	<i>kwini pūpū-n-e</i> peixe pintar-3-NLZ ‘pintado, surubim’
	<i>kwini ajtemu</i> ‘pirapitinga’						
	<i>kwini itsæ</i> peixe anta ‘tambaqui’ (Lit.: ‘peixe anta’)						
	<i>kwini æky</i> peixe banana ‘jaturana’						
	<i>turoakē ~ kwini itevæ</i> peixe gente ‘boto’ (Lit.: ‘peixe gente’)						
	<i>kwini pūpū-n-e</i> peixe pintar-3-NLZ ‘pintado, surubim’						
	<i>kwirikete</i> ‘acari’						
	<i>kwirikete onomunu</i> ‘bagre, jundiá’						
	<i>kwini</i> ‘peixe’						
	<i>kwini-o nomunu</i> peixe-POSS borduna ‘poraquê’						
	<i>kwini-tsíkwa</i> peixe-DIM ‘piaba’						
<i>nunu-kuta</i> ‘pirambóia-cabeça’							
<i>tsemaj</i> ‘piranha’							
<i>tsoækypwae</i> ‘mandi’							

## 6.11 Metáforas

Como se afirmou em 3.4.2, alguns dos nomes compostos por justaposição podem ser considerados verdadeiras metáforas funcionais, tais como:

(378) *æky-o kani* ‘muda (broto) de bananeira’ (Lit.: ‘criança de banana’)  
banana-POSS criança

(379) *ātāpætæ i-tsitse tsi-mo-e* ‘avião’ (Lit.: ‘barco (que) tem asa’)  
canoa RN-asa ter-APL.poss-NLZ

(380) *ātāpætæ kūkoe* ‘automóvel’ (Lit.: ‘canoa tatu’)  
canoa tatu

(381) *kwini æky* ‘jaturana’ (Lit.: ‘peixe banana’)  
peixe banana

(382) *kwini-kete-o numunu* ‘poraquê, peixe elétrico’ (Lit.: ‘peixe de borduna’)  
peixe-longo-POSS borduna

(383) *oky-kūti* ‘sucuri’ (Lit.: ‘cobra pilão’)  
cobra-pilão

Acima, nota-se que dados culturais novos, em (378) e (379), foram nomeados por meio de expressões descritivas metafóricas, por analogia com dados culturais preexistentes. Do mesmo modo, conforme descrito em 5.6, alguns dos antropônimos são metafóricos. Além disso, foram registrados alguns casos em que os referentes são nomeados por um nome ou por expressões frasais, que constituem descrições metafóricas cristalizadas. Exemplos:

(384) *uru-nake*  
novo-FEM  
‘estrela d’alva (Vênus)’ = ‘moça nova’

(385) *oky-kūti more-e-re*  
cobra-pilão bom-DECL-AUX  
‘A sucuri está bonita.’ = ‘arco-íris’ (Lit.: ‘A cobra pilão está bom.’)

(386) *varyvary pyræ pænə-n-e-re*  
estrela rato voar-3-DECL-AUX  
‘estrela cadente’ (Lit.: ‘estrela rato voando’)

Nos itens acima, a nomeação metafórica dos referentes possivelmente tenha origem mítica, mas ainda não foi possível resgatar a lenda que justifica tais nomeações. Por outro lado, enquanto recurso expressivo baseado na transposição livre de imagens, parece que as expressões metafóricas podem ser construídas livremente, a partir de um nome empregado como núcleo de um predicado equativo, implicando o sentido figurado, conotativo. Exemplos:

(387) *ojo e oky-e-re*  
POSS1SG mulher cobra-DECL-AUX  
‘A mulher dele é uma cobra.’

(388) *ũko ævo opera-e-re*  
DEM.dist homem onça-DECL-AUX  
‘Aquele homem é uma onça.’

(389) *ũko ævo opera more k-e vara-ro-e-re*  
DEM.dist homem onça bom NEG-DECL falar-CLV-DECL-AUX  
‘Aquele homem é um cachorro bravo.’

Somem-se ainda os casos em que, por falta de termo próprio, a nomeação do referente é dada por meio de uma *catacrese*, isto é, da construção de uma metáfora cristalizada, calcada na analogia visual com outro objeto. Exemplos:

(390) *pærætæ-o i-kãñu* ‘cabo da panela’ (Lit.: ‘nariz da panela’)  
panela-POSS RN-nariz

(391) *pikutsa-o i-kuta* ‘cabo da colher’ (Lit.: ‘cabeça da concha’)  
concha-POSS RN-cabeça

(392) *pirÿrōj-o i-kuta* ‘cabo do garfo’ (Lit.: ‘cabeça do garfo’)  
garfo-POSS RN-cabeça

## 6.12 Polissemia

Em Kanoê, o fenômeno da polissemia pode ser observado em alguns casos, nos quais uma determinada raiz nominal ou verbal, por extensão semântica, acumula uma série de outros significados afins ou correlatos. Como o fenômeno da *litotes* é altamente produtivo na língua, conseqüentemente a polissemia de uma raiz pode acarretar também a polissemia de sua negação. Desse modo, a raiz {*more-*} “bom”, por exemplo, no modo declarativo-afirmativo, de acordo com o contexto morfossintático de ocorrência ou do contexto de uso pragmático, pode conotar “bonito”, “certo”, “calmo”, “correto”, “gostoso”, “manso”, “útil”. Sua negação, no modo declarativo-negativo, implica “mau”, “ruim”, “nervoso”, “incorreto”, “bravo”, “inútil”. Alguns exemplos:

(393) *jũ epy more-ro-e-re*

DEM.prox castanha bom-CLV-DECL-AUX  
'Esta castanha está boa.'

(394) *ava more-e-re*

arara bom-DECL-AUX  
'A arara é bonita.'

(395) *urukutæ more ni-k-e-re*

urubu bom 3-NEG-DECL-AUX  
'O urubu é feio.'

(396) *ojo mũj more k-e vara-ro e-re*

POSS3SG mãe bom NEG-DECL falar-CLV DECL-AUX  
'A mãe dele está nervosa.'

(397) *oky-kūti more k-e vara-ro e-re*

cobra-pilão bom NEG-DECL falar-CLV DECL-AUX  
'A sucuri é perigosa.'

(398) *opera more k-e vara-ro k-e-re*

onça bom NEG-DECL falar-CLV NEG-DECL-AUX  
'O cachorro é manso.'

Para citar mais um caso, como se viu em 3.4.3.4, o fenômeno da polissemia também se verifica nas diversas acepções de *kani* “criança”, de acordo com o contexto de uso: ora conota “bebê”, ora “menino” ou “menina”, ora “filho” ou “filha”; e ainda “filhote” ou “larva de inseto” (se aplicado a animais) e “muda” (se aplicado a plantas).

## 6.13 Sinonímia

No âmbito do vocabulário, a análise revelou alguns casos de sinonímia lexical. No entanto, os sinônimos distinguem-se entre si pela amplitude maior ou menor da significação: um vocábulo tem significação mais ampla e maior freqüência; o outro tem significação mais restrita e, decorrentemente, menor freqüência. É o caso, por exemplo, dos itens lexicais *ævo* e *i tevæ*, ambos significando “homem”, no par de sentenças abaixo:

(399) *ævo mo-ø-kỹj n-e-re*

homem dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
'O homem está dormindo.'

- (400) *itevæ mo-ø-kÿj n-e-re*  
 gente dormir-3-olho 3-DECL-AUX  
 ‘O homem está dormindo.’

Todavia, *ævo* pode conotar “marido, esposo”, quando precedido de um possessivo no âmbito de um sintagma nominal, o que jamais acontece com *itevæ*, que, ao contrário, repele o possessivo e não apresenta mesma conotação:

- (401) *ñā ævo mo-ø-kÿj-n-e-re*  
 POSS1SG homem dormir-3-olho-3-DECL-AUX  
 ‘Meu marido está dormindo.’ (Lit.: ‘Meu homem está dormindo.’)

- (402) \**ñā itevæ mo-ø-kÿj-n-e-re*  
 POSS1SG gente dormir-3-olho-3-DECL-AUX  
 ‘Meu gente está dormindo.’

Logo, embora em alguns contextos possam ser substituíveis, os vocábulos em foco não são sinônimos absolutos, pois há restrições de ocorrência e de distribuição morfossintática do segundo em relação ao primeiro. Quanto à amplitude do sentido, *itevæ* significa “homem”, mas num sentido mais generalizante, indeterminado, conotando “ser humano, gente, pessoa”, ao passo que *ævo* tem sentido menos generalizante, mais determinado e mais íntimo. Além disso, pode funcionar morfossintaticamente como marcador do gênero masculino, o que não acontece com *itevæ*.

Um caso similar é dado por *turoakē versus kwini itevæ ~ itevæ kwini*: o primeiro significa “boto”, enquanto espécie de animal, ao passo que o segundo e sua variação constituem expressões descritivas que descrevem o “boto” no sentido mítico: o peixe que se transforma em homem à noite para seduzir e engravidar mulheres à beira dos rios. Portanto, nesse caso também não há sinonímia absoluta. Já nos casos a seguir, os termos foram empregados com o mesmo sentido em contextos equivalentes, mas também não são sinônimos perfeitos em função de suas respectivas amplitudes semânticas:

- (403) *atsarare ~ votsi* ‘gente branca, homem branco, civilizado’

- (404) *e-tsíkwa ~ e kani* ‘menina’  
 mulher-DIM mulher criança

- (405) *kani-tsíkwa ~ uru-kani* ‘bebê, neném, criança de colo’  
 criança-DIM novo-criança

- (406) *ñā e kani ~ ñā uru-nake* ‘minha filha’  
 POSS1SG mulher criança POSS1SG novo-FEM

Registrou-se ainda um caso que parece originar-se de um lapso de memória do informante, de modo que, por não se lembrar de um nome específico, o mesmo usou uma expressão perifrástica hipônima equivalente:

- (407) *pykyro ej-kuta ~ pæætæ ej-ru-n-e* ‘urna funerária grande’  
 urna.funerária grande-cabeça panela grande-estômago-3-NLZ

## 6.14 Empréstimos lingüísticos

Foram aqui considerados empréstimos lingüísticos eventuais determinados itens lexicais originários de outras línguas, alguns dos quais não foram plenamente acomodados ao sistema fonético-fonológico e ao léxico do Kanoê, mesmo porque boa parte dos mesmos é relativamente recente e restrita aos falantes do Omeré. Assim, alguns desses itens apresentam fonemas estranhos à fonologia do Kanoê, quais sejam: /b/ , /g/ e /ʒ/. Por outro lado, há outros itens de etimologia desconhecida e difícil de ser determinada (p.ex.: *atiti* ‘milho’, *kurakura* ‘galinha’), também existentes em outras línguas regionais<sup>163</sup> (p.ex.: Kwaza, Aikanã, Arikapú).

### 6.14.1 Empréstimos do Português

Foram registrados alguns casos de empréstimos lingüísticos originários do Português, a maioria dos quais junto aos falantes monolíngües do Omeré, referentes a dados culturais novos introduzidos após o contato diário com falantes o acampamento da FUNAI a partir de 1995. Incluem-se aí alguns nomes próprios. Em alguns casos, mas não em todos, observa-se uma adaptação de vocábulos portugueses ao sistema fonético-fonológico do Kanoê:

(408) <i>alexandrɪ</i>	‘Alexandre’
(409) <i>ameja</i>	‘Amélia’
(410) <i>arami</i>	‘arame’
(411) <i>atsuka</i>	‘açúcar’
(412) <i>boj</i>	‘boi’
(413) <i>deorīda</i>	‘Deolinda’, topônimo
(414) <i>kaneko</i>	‘caneco, caneca’
(415) <i>kaskata</i>	‘Cascata’, topônimo
(416) <i>kavaru</i>	‘cavalo’
(417) <i>kope</i>	‘café’
(418) <i>kopu</i>	‘copo’
(419) <i>kowvi</i>	‘couve’
(420) <i>ʒwāw</i>	‘João’
(421) <i>matsã</i>	‘maçã’
(422) <i>rarātsa</i>	‘laranja’
(423) <i>teresa</i>	‘Teresa’
(424) <i>tsavi</i>	‘chave’
(425) <i>tseborā</i>	‘cebola’
(426) <i>tseborīña</i>	‘cebolinha’
(427) <i>tsikara</i>	‘xícara’
(428) <i>tsīturō</i>	‘cinto, cinturão’

Por outro lado, em relação a outros itens, também relativos a dados culturais novos, os falantes nomearam os objetos a partir de expressões nominais descritivas genuinamente Kanoê, alguns dos quais segmentação morfológica apenas hipotética nos exemplos abaixo:

(429) <i>kuni-kuta-e</i>	‘aparelho de filtro para água’
água      cabeça-DECL	
(430) <i>kykyo</i>	‘prego’

<sup>163</sup> Vide Van der Voort (2000: 525-531).



- (431) *pirȳrōj* ‘garfo’
- (432) *tsere i-ña-n-e* ‘espelho’  
ver RN-rosto-3-NLZ
- (433) *tsi-to-e* ‘serrote’  
cortar-TRA-NLZ
- (434) *voro-kun-a-e* ‘galão preto para água’  
preto-água-3-NLZ

#### 6.14.2 Possíveis empréstimos de etimologia Tupi

Os dados abaixo foram interpretados como casos de prováveis empréstimos lingüísticos originários do Tupinambá como língua-fonte, mas incorporados ao léxico dos informantes MK e TK, via Português ou via Nheengatu/Língua Geral. Assim, não são evidências de parentesco lingüístico entre o Kanoê e línguas Tupi, mesmo porque foram elicitados junto aos falantes aculturados e, além disso, já estão incorporados e adaptados ao Português falado no Brasil há muito tempo. São eles:

- (435) *akapitã* ‘cardeal (espécie de pássaro)’
- (436) *kajpora* ‘caipora’, do tupi *kaa'pora*, ‘morador do mato’
- (437) *kapĩ* ‘capim, do tupi *ka'apĩ* ‘folha delgada’
- (438) *kirikiri* ‘certa espécie de gavião, do tupi *kiriri*, ou provável onomatopéia reproduzindo o canto do pássaro’
- (439) *gwazara* ‘Guajará-Mirim’; topônimo do tupi *waya'ra*, uajará, planta da família das sapotáceas
- (440) *guarana* ‘guaraná’, fruto e bebida
- (441) *mamore* ‘Mamoré (hidrônimo)’
- (442) *mapikwari* ‘Mapinguari’, do tupi *mappingua'ri*, personagem mítica antropomórfica, que tem o corpo coberto de pêlos e que usa uma armadura de cascos de tartaruga’
- (443) *marakuza* ‘maracujá, do tupi *murukuja*’
- (444) *pipoka* ‘pipoca, do tupi *pipoka*’
- (445) *tatare* ‘pau-ferro (árvore), do tupi *tatarē*’
- (446) *tupi* ‘do tupi *tupi*’

#### 6.15 Algumas semelhanças entre Kanoê e Kwaza (Koiá)

Abaixo são apresentadas algumas evidências de semelhanças esparsas entre o Kanoê e o Kwazá, uma língua vizinha, cujos remanescentes ainda sobrevivem aproximadamente na mesma região. Estas e outras possíveis semelhanças, a partir de correlações fonético-fonológicas, um pouco menos evidentes, mas válidas, podem ser encontradas em Van der Voort (2000b: 526-527), que também demonstra que alguns desses itens lexicais também são encontráveis em outras línguas regionais, tal como “milho” *atiti* em Akuntsum; *atixixi* em Kwaza etc. Alguns desses casos, numa primeira hipótese, talvez possam ser considerados empréstimos lingüísticos de origem desconhecida, pois se referem a itens introduzidos após o contato com a civilização majoritária (p.ex. “galinha”) ou resultados de difusão cultural na área. Numa segunda hipótese, seriam indícios de parentesco, ainda que longínquo, entre algumas línguas regionais.

**Kanoê**

(447) <i>aki</i>	‘pedra’
(448) <i>akutsu</i>	‘índios Akuntsum’
(449) <i>atiti</i>	‘milho’
(450) <i>avakã</i>	‘garça (espécie)’
(451) <i>ikaw</i>	‘canela, tibia’
(436) <i>ikÿj</i>	‘olho’
(437) <i>kurakura</i>	‘galinha’
(438) <i>manare</i>	‘peneira’
(439) <i>-mũ</i>	‘CLE, para líquidos’
(440) <i>pura</i>	‘cigarra’
(441) <i>tara</i>	‘urucum’
(442) <i>tæmu</i>	‘pato’
(443) <i>tæræj</i>	‘peixe pacu’
(444) <i>tsãkawnu</i>	‘arraia de ferrão’
(445) <i>voró-</i>	‘preto, negro’

**Kwaza**

<i>haki(dwa)</i>	‘pedra’
<i>akucũ</i>	‘índios estranhos’
<i>atxitxi</i>	‘milho’
<i>awakã</i>	‘garça’
<i>ekai</i>	‘tibia’
<i>ekãi</i>	‘rosto, face’
<i>kurakura</i>	‘galinha’
<i>manary</i>	‘peneira’
<i>-mũ</i>	‘CL, para líquidos’
<i>pura</i>	‘mariposa’
<i>toro</i>	‘urucum’
<i>damũ</i>	‘pato’
<i>terei</i>	‘peixe pacu’
<i>tsakarũ</i>	‘arraia de ferrão’
<i>ho’ho-</i>	‘preto’

## ADENDO: TEXTOS

### 7.1 Considerações preliminares

Neste breve capítulo, como um “adendo”, em transcrição fonológica e segmentação morfológica não definitiva, são apresentados alguns textos produzidos não espontaneamente por MK, TK e PK, posto que, para obtê-los, foi necessário estimular muito os informantes. Incluem-se aí algumas letras de canções das quais TK ainda se lembra e gosta de cantá-las com relativa espontaneidade.

Os **Textos 1 e 2** foram produzidos por Munuzinho Kanoê, durante a 2<sup>a</sup>. sessão de trabalho de campo, em janeiro de 1997. Na ocasião, a elicitación de algumas narrativas curtas foi bastante difícil, dado o declínio da competência textual do informante, em virtude não só de seus lapsos de memória decorrentes da idade avançada, mas também pela falta de situações concretas para falar sua própria língua nativa. Além disso, não raro o informante alegava não querer falar, por se emocionar muito ao reviver as lembranças de fatos vividos. Somam-se aí as eventuais influências do português coloquial, sobretudo a expressão fática “aí né?” e o uso do chamado “plural de modéstia”: MK sistematicamente usava a forma “nós” (= 1PL) ao invés de “eu” (=1SG), como, por exemplo, “cacemos” ao invés de “cacei”.

Observa-se, ainda, uma certa confusão em relação às noções temporais em relação às estruturas verbais, e quanto ao emprego dos advérbios de tempo, não raro trocando equivocadamente “amanhã” por “ontem”, e vice-versa. Assim sendo, o informante revelava muita dificuldade de traduzir um texto de sua língua para o português, e vice-versa, de tal forma que suas traduções não são literais, mas paráfrases aproximadas, com algumas digressões de pensamento.

Quando os textos produzidos por MK foram ouvidos por TK, em alguns momentos, a mesma afirma não entender exatamente o que ele quis dizer e atribui a MK muitos erros, informando que “Munuzinho não falava bem a nossa ‘gira’ (= língua) porque foi criado entre os Aikanã (Masaká) desde menino e falava mais a língua deles”. A mesma reação apresentaram Tutuá, Txinamanty e Purá, no Omeré, durante a 3<sup>a</sup>. sessão de trabalho de campo. Embora não pudessem traduzir e explicar em português, pois são monolíngües, os informantes pareciam estranhar ou não entender vários trechos das gravações de textos de Munuzinho, mesmo porque os ouvintes possivelmente não conseguiam compreender o contexto em que os mesmos foram produzidos.

Entretanto, o problema de declínio da competência textual parece não ser exclusivo de MK, uma vez que TK também já não produz textos com fluência e espontaneidade em sua própria língua. TK tem razão quando alega não gostar de lembrar-se de coisas do passado, pois fica triste, emociona-se e sente vontade de chorar. Foram feitas algumas tentativas, mas o pouco que se consegue são apenas textos curtos e não-espontâneos, também sujeitos aos mesmos lapsos de memória e a algumas influências ocasionais do português.

De qualquer forma, os textos revelam pelo menos uma das propriedades pragmático-discursivas da língua: a repetição insistente de um nome ou uma determinada raiz verbal isolada para intensificar uma ação, como, por exemplo, *kwini kwini po po poõe* “peixe peixe capturar, capturar, capturei” para dizer aproximadamente “pesquei muito” ou “fiquei muito tempo pescando”.

O **Texto 3** é uma narração simples, produzida por TK, primeiramente em Português, sobre a morte do pai de MK. Em seguida, o pesquisador motivou-a a “traduzi-la” para sua língua nativa. O resultado final é claro e coerente.

O **Texto 4** é resultado de um diálogo previamente montado pelo pesquisador, a partir de algumas sentenças interrogativas diretas de fácil elaboração e compreensão, para

tentar manter conversação com Purá Kanoê, durante a 3<sup>a</sup>. Sessão de trabalho de campo, no Acampamento da FUNAI no Omeré.

Finalmente, os **Textos de 5 a 9** são letras de canções que TK gosta de cantar, as quais revelam alguns aspectos da etnomusicologia dos Kanoê: canções curtas, em duas estrofes, a segunda das quais é geralmente uma referência às danças nas festas tribais. Tão logo o acervo se amplie, esse material musical deverá ser registrado em um CD específico, a fim de se preservar a melodia e garantir o resgate de um aspecto importante da cultura dos Kanoê: a música.

## 7.2 Texto 1 (MK: jan/ 1997, versão de TK: set/2002)

*urunãw-o atso-ni ara k-e-re urunãw # urunãw po-turo-ro k-e*  
 Oro Não-POSS aldeia-OBL pouco NEG-DECL-AUX Oro Não Oronão trabalhar-espaco-CLV NEG-DECL  
 ‘Na maloca dos Oronãw tem muito índio. Oronãw não trabalha

*kjũ-re # urunãw po-turo-ro k-e kjuĩ-re iñaw po-ro k-e*  
 3.IR-AUX Oro Não trabalhar-espaco-CLV NEG-DECL 3.IR-AUX coisas fazer-CLV NEG-DECL  
 Urudão não trabalha, não sabe fazer coisas

*kjũre #urunãw kani popo-ro e-re # tse tso kani popo-ro e-re #*  
 3.IR-AUX Oro Não criança fazer-RED-CLV DECL-AUX assim apenas criança fazer-RED-CLV DECL-AUX  
 Urudão só quer fazer menino, assim somente fazer menino.

*tsere tso # urunãw e memu-ro e-re # urunãw popoj-e-ro-e*  
 ver apenas Oro Não mulher gostar-CLV DECL-AUX Oro Não agachar-ASP-CLV-NLZ  
 Urudão só pensa em mulher. Os Oronãw ficam agachados

*naj naj urunãw nave tsi-ro e-re nave kaj kaj u-ro*  
 algo algo Oro Nãw o histórias narrar-CLV DECL-AUX histórias sempre sempre comer-CLV  
 só conversando muito tempo, comendo e contando histórias.

*nave tsi-ro e-re # kanoë i-teñu ojo i-ry more e-re*  
 histórias narrar-CLV DECL-AUX Kanoê RN-orelha POSS RN-figado bom- DECL-AUX  
 Kanoé é bom de cabeça.

*kanoë jẽ-to-e kjũre # makurapi po-turo n-e-re more e-re*  
 Kanoê saber-TRA-DECL 3.IR-AUX Makurápe trabalhar-espaco 3-DECL-AUX bom DECL-AUX  
 Kanoé sabe das coisas. Makuráp trabalha bem

*ojte kanoë taw-e-re # kanoë po-turo n-e ara k-e-re*  
 PL Kanoê igual-DECL-AUX Kanoê trabalhar-espaco-3-DECL pouco NEG-DECL-AUX  
 eles são igual aos Kanoê. Os Kanoê trabalham muito,

*makurapi ojteo atsoni po-turo n-e ma-e-re*  
 Makuráp POSS3PL aldeia trabalhar-espaco 3-DECL também-DECL-AUX  
 Os Makuráp também trabalham na aldeia deles.’

## 7.3 Texto 2 (MK: jan/1997)

*aj tywæ-ro erĩ kukoe re ikũkutæ tsere-re re ikũkutæ*  
 1SG caçar-CLV COP tatu matar jabuti ver-AUX matar jabuti

*tsere-re # ty ty tyvæ-ro-ni n-eri pejake aj ikūkūtæ*

ver-AUX movimentar movimentar caçar-CLV-3 3-COP outro dia 1SG jabuti

*tyvæ tsere-re kūkoe po õ-e tsere-re # aj ty õ-e re õ-e*

caçar ver-AUX tatu capturar 1-DECL ver-AUX 1SG movimetar 1-DECL matar 1-DECL

*ty-õ-nu ne # pejake tyvæ-ro iry re iry re õ-e tsere-re*

movimentar-1-FU 3-DEL outro dia caçar-CLV macaco matar macaco matar 1-DECL ver-AUX

*pejake tyvæ-ro-nun-e # pejake iry tosie iry totsie nu*

outro dia caçar-CLVFUT 3-DECL outro dia macaco guariba macaco guariba

*tyvæ-ro-ni iry re uræ re õ-e tsere-re ereja te tsere-re*

caçarmos macaco matar porco matar 1-DECL ver-AUX ver-AUX

*# pejake mipo kwini po õ-e-re mi kwini kwini po õ-e*

outro dia depois peixe capturar 1-DECL-AUX 2SG peixe peixe capturar 1-DECL

*po po po õ-e ty õ-no-e tsere-re itsaj-e-ni ty*

capturar capturar capturar 1-DECL movimentar 1-VOL-DECL ver-AUX anoitecer-NLZ-OBL movimentar

*õ-no-e mipo # aj neko pe-õ-ja ne neko pejake totsie*

10VOL-DECL depois 1SG COND deitar1-DIR COND outra dia

*aj po-õ-turo õ-e æky pepe-ja aj æky pepe-ja ty õ-e ty*

1SG fazer-1-espaco 1-DECL bananas tirar-DIR 1SG banana tirar-DIR movimentar 1-DECL movimetar

*õ-e titi-õ-e titi muvæ tsi-e ña æky ty pepe-ja-ro-ni*

1-DECL cavar-1-NLZ cavar plantar-DU ter-NL POSS1SG bananas movimentar pendurar-DIR-CLV-3

*pe n-eko æky pō-õ-ky õ-e-re*

pendurar 3-COP bananas comer-1-CLE 1-DECL-AUX

Versão aproximada em português, feita pelo próprio informante:

‘Eu fui caçar. Eu matei jabuti, tatu. Eu fui de novo, matei tatu. Outro dia eu fui caçar, peguei jabuti e matei macaco. Eu voltei outro dia, fui caçar matei macaco e porco. Eu fui de novo, fui pescar. Eu peguei um bocado de peixe e cheguei. Eu fui pra roça. Eu matei e cozinhei peixe. Foi de manhã cedo fui tirar (colher) minhas bananas, se estava tudo maduro. Apanhei (= colhi) minhas bananas. Eu trouxe as minhas bananas. Pendurei tudo. Para amadurecer para eu comer.’

#### 7.4 Texto 3 (TK: set/2002): “A morte de Turué”<sup>164</sup>

*munu oke kani-re # ojo papa ojo tyj-tsikwa po-ro e-re ava*

Munu ainda criança-AUX POSS3SG pai POSS3SG casa-DIM fazer-CLV DECL-AUX arara.

*ævæ-tsere-ro n-ehĩ ytse-ni # munu-o papa para-ja n-eko*

esperar-ver-CLV 3-COP árvore-OBL Munu-POSS pai cair-DIR 3-COP

<sup>164</sup> Narração de Teresa Kanoê, setembro de 2002.

*tsi-kuta-e-kjũ tũ-o e-re # para-o-k-e-re ojo kani #*  
cortar-cabeça-DECL-3.IR morrer-CLV DECL-AUX cair-CLV-NEG-DECL-AUX POSS3SG criança

*ojo kani i n-e-re ara k-e-re # tepy-ni tujtuj-o n-e-re*  
POSS3SG criança chorar 3-DECL-AUX pouco NEG-DECL-AUX terra-OBL cavar.RED-CLV 3-DECL-AUX

*tõ tsi-kuta-e-kjũ tũ-o e-re # aj e kani-õ-e-re maere #*  
porque cortar-cabeça-DECL-3.IR morrer-CLV DECL-AUX 1SG mulher criança-1-DECL-AUX também

*aj i õ-e-re i-jẽ-ve-<sup>165</sup>-ry-ro e-re tõ ña mujoiteñaj*  
1SG chorar 1-DECL-AUX 1-saber-CLV-REFL-CLV DECL-AUX porque POSS1SG tio

*tũ-o e-re #*  
morrer-CLV DECL-AUX

‘Munu ainda era criança. O pai dele fez sua cabaninha na árvore para tocaiar araras. O pai de Munu caiu, bateu a cabeça e morreu. Não estavam seus filhos. Seus filhos choraram muito. No cemitério foi enterrado porque bateu com a cabeça. Eu era menina também. Eu chorei, fiquei pensativa (Lit. triste), porque meu tio morreu.’

#### 7.5 Texto 4 (LNB/PK: ago/2000): “Diálogo sobre os Akuntsum”<sup>166</sup>

LB: — *naj-tsi tyj-te*  
algo-INT casa-COL  
‘O que é tyjté?’

PK: — *atsoni ara k-e-re atsoni # ara k-e-re tyj-re # aj*  
aldeia pouco NEG-DECL-AUX aldeia pouco NEG-DECL-AUX casa-AUX 1SG  
‘Tem muitas aldeias. Muitas casas. Eu

*i-jẽ-to e-re # atsoni-ni ara k-e-re tyj tsi e-re*  
1-saber-TRA DECL-AUX aldeia-OBL pouco NEG-DECL-AUX casa ter DECL-AUX  
sei. Na aldeia há muitas casas.’

LB: — *mi tsake atsoni pi-jẽ-to mi-tsi*  
2SG outra aldeia 2-saber-TRA 2-INT  
‘Você conhece outra aldeia?’

PK: — *mini aj akũtsũ ojoteo atsoni aj i-patenũ õ-e-re # jũ*  
agora 1SG Akuntsum POSS3PL aldeia 1SG 1-conhecer 1-DECL-AUX DEM.prox  
‘Hoje eu conheço a aldeia dos Akuntsum. Este,

<sup>165</sup> Aqui morfema (-væ) aqui traduz a incorporação do próprio corpo no processo verbal. Por sua vez, (-ry) ‘REFL’ traduz a introspectividade da ação. Assim, “estar ensimesmado”, isto é, pensativo ou refletivo, é o mesmo que “estar triste”.

<sup>166</sup> Diálogo não-espontâneo entre o pesquisador (LB) e Purá Kanoê (PK), no acampamento do Omeré, agosto de 2000. As perguntas foram preparadas previamente pelo pesquisador, em transcrição fonética.

*jū jū*<sup>167</sup> *ojoteo akūtsū atsoni jeko e-re ae-ni*  
 DEM.prox DEM.prox POSS3PL Akuntsum aldeia longe DECL-AUX mato-OBL  
 ‘este, este... A aldeia dos Akuntsum está longe no mato.’

LB: — *akūtsū-o atsoni more-tsi*  
 Akuntsum-POSS aldeia bom-INT  
 ‘A aldeia dos Akuntsum é bonita?’

PK: — *ojoteo akūtsū atsoni more ni-k-e-re #*  
 POSS3PL Akuntsum aldeia bom 3-NEG-DECL-AUX  
 ‘A aldeia deles não é bonita.’

*aj ja õ-k-e-re akūtsū-o atsoni*  
 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX Akuntsum-POSS aldeia  
 ‘Eu não gosto da aldeia dos Akuntsum’

LB: — *nuvi-tsi akūtsū-o eae ni-tsi*  
 alguém-INT Akuntsum-POSS cacique 3-INT  
 ‘Quem é o cacique dos Akuntsum?’

PK: — *baba-re akūtsū-o eae # aj i-pateñu õ-e-re # oj more-k-e*  
 Babá-AUX Akuntsum-POSS cacique 1SG 1-conhecer 1-DECL-AUX 1SG bom-NEG-NLZ  
 ‘Babá é cacique dos Akuntsum, eu sei. Ele é bravo (i.e. é nervoso, Lit. ‘fala não bom’)

*vara-ro e-re # aj baba ja õ-k-e-re*  
 falar-CLV DECL-AUX SG Babá querer 1-NEG-DECL-AUX  
 ‘Eu não gosto do babá.’ (Lit. ‘Eu não quero o Babá.’)

LB: — *mi pupaki pi-jē-to mi-tsi*  
 2SG Pupaki 2-saber-TRA 2-INT  
 ‘Você sabe quem é Pupaki?’

PK: — *aj pupaki i-pateñu õ-e-re # oj uruã akutsū-re*  
 1SG Pupaki 1-conhecer 1-DECL-AUX 3SG rapaz Akuntsum-AUX  
 ‘Eu conheço o Pupaki. Ele é rapaz Akuntsum.’

## 7.6 Texto 5 (TK: 1991, 1997, 2002).<sup>168</sup> - Canção A: “O kujubim está voando”

*kāpore pæne n-e-re pæne n-e-re # (BIS)*  
 kujubim voar 3-DECL-AUX voar 3-DECL-AUX  
 ‘O kujubim está voando, está voando...’

*aj pæ-ja õ-e-re # aj pæ-ja õ-e-re*  
 1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX 1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX  
 ‘Eu estou dançando, eu estou dançando.’

<sup>167</sup> Aqui o informante apontou o caminho para a aldeia dos índios Akuntsum e, concomitantemente, para enfatizar e intensificar a idéia de grande distância, repetiu o demonstrativo três vezes, subindo o tom de 1 para 3, como propriedade expressiva da língua, verificável também em outros dados.

<sup>168</sup> Cantada por Teresa Kanoê (1991, 1997, 2002).

### 7.7 Texto 6 (TK: set/ 2002) - Canção B: “Avavá está brilhando”

*avava tenene-ro tenene-ro # (BIS)*

Avavá      brilhar-CLV      brilhar-CLV  
'Avavá está brilhando, está brilhando...'

*aj pæ-ja õ-e-re # aj pæ-ja õ-e-re*

1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX    1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX  
'Eu estou dançando, eu estou dançando.'

### 7.8 Texto 7 (TK: set/ 2002) - Canção C: “As estrelas estão brilhando”

*varyvary tenene-ro tenene-ro # (BIS)*

estrela      brilhar-CLV      brilhar-CLV  
'Estrelas, estrelas estão brilhando...'

*aj pæ-ja õ-e-re # aj pæ-ja õ-e-re*

1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX    1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX  
'Eu estou dançando, eu estou dançando.'

### 7.9 Texto 8 (TK: set/ 2002) - Canção D: “Vamos comer milho com tatu”

*kūkoe atiti u-væ atiti u-væ # (BIS)*

tatu      milho      comer-DU    milho      comer-DU  
'Estamos comendo milho com tatu...'

*aj pæ-ja õ-e-re # aj pæ-ja õ-e-re*

1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX    1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX  
'Eu estou dançando, eu estou dançando.'

### 7.10 Texto 9 (TK: set/ 2002) - Canção E: “Eu sou”

*aj-re aj-re aj-re # aj-re aj-re aj-re (BIS)*

1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL  
Eu sou, eu sou, eu sou... Eu sou, eu sou, eu sou...

*aj-re aj-re aj-re # aj-re aj-re aj-re (BIS)*

1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL 1SG-DECL  
Eu sou, eu sou, eu sou... Eu sou, eu sou, eu sou...

*aj pæ-ja õ-e-re # aj pæ-ja õ-e-re*

1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX    1SG dançar-DIR 1-DECL-AUX  
'Eu estou dançando, eu estou dançando.'



## BIBLIOGRAFIA

Adelaar, Willem

1991. "The Endangered Languages Problem: South America." In: Robins, R. H. and E. M. Uhlenbeck (eds.) *Endangered languages*. Oxford: Berg, pp: 45-92.  
2000. "La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas." In: Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (orgs.), pp. 29-36.

Aguirre, Dirceu & Rodrigues, Aryon Dall'Igna

1985. *Povos indígenas e presença missionária* (mapa). Brasília: CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

Asher, R. E. (ed.)

1994. *The Encyclopedia of language and linguistics*. Oxford, New York, Seoul, Tokyo: Pergamon Press.

Associação Brasileira de Antropologia

1954. "Convenção para a grafia dos nomes tribais" (CGNT) - 1ª. Reunião Brasileira de Antropologia. In: *Revista de Antropologia*, vol. 2, n. 2. São Paulo: ABA, pp. 150-152.

Bacelar, Laércio N.

1992. *Fonologia preliminar da língua Kanoê*. Brasília: Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado, 129 p., manuscript.  
1994. "Fonologia segmental da língua Kanoé: uma análise preliminar". In: *Signótica – Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, vol. 6, jan./dez. Goiânia: Editora da UFG, pp. 59-72.  
1996. *Vocabulário preliminar Português-Kanoê - transcrições fonológicas preliminares*. Goiânia: UFG, manuscrito, ilustrado, 49 pp.  
1997. *Relação dos remanescentes Kanoê*. Goiânia: manuscript, 4pp.  
2000a. *A first overview of the morphology of Kanoê*. Leiden: manuscript, 20 pp.  
2000b. *Língua Kanoê - cartilha de apoio lingüístico para assistência médico- odontológica*. Goiânia: manuscript, 24 pp.  
2001. "O sistema pronominal e a concordância cruzada em Kanoê". In: *Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes de Minas Gerais*, cd-rom, Viçosa: Universidade Federal de Viçosa.  
2002. "Kanoê" (verbete). In: *Povos Indígenas / Lista de Povos*. São Paulo: Instituto Socioambiental (<http://www.socioambiental.org/website/index.cfm>)

Bacelar, Laércio N. & Pereira, Cleiton dos S.

1996. "Aspectos morfossintáticos da Língua Kanoê". In: *Signótica – Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, vol. 8, jan./dez. Goiânia: Ed. da UFG, pp. 45-55.

Bacelar, Laércio N. & Silva Jr, Augusto R.

1996. "A negação e a litotes na língua Kanoê". In: *Signótica – Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*. Goiânia: Ed. da UFG, no prelo (2004).

Baker, Mark C.

1988. *Incorporation - a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.

Becker-Donner, Etta

1955. "Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé." In: *Archiv für Völkerkunde*, vol. 10, Wien: Wilhelm Braumüller Universitäts-Verlag G.M.B.H., pp. 275-343.  
1962. "Guaporé-Gebiet". In: *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, n. 5. Wien: Committee's Secretariat Universitätsstraße, pp. 146-150.

- Bontkes, Willem  
 1967. *Kanoê. Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. – Questionário.* Rio de Janeiro: Museu Nacional – Divisão de Antropologia – Setor Lingüístico, manuscript, 11 p.
- Braga, Alzerinda de O. & Bastos, Ana Cláudia  
 1998. “O português do posto indígena Guaporé: breve história do contato lingüístico”. In: *Moara – Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*, n.9, jan-jun. Belém: UFPA, pp. 135-151.
- Burling, Robbins  
 1987. *Learning a field language.* 4<sup>th</sup> ed., Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Câmara Jr., J. Mattoso  
 1964. *Princípios de lingüística geral.* 4a. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.  
 1971. *Introdução às línguas indígenas brasileiras.* Rio de Janeiro: Padrão.
- Campbell, Lyle  
 1997. *American indian languages – the historical linguistics of native America.* Oxford: Oxford University Press.
- Caspar, Franz  
 1975. *Die Tuparí: Ein Indianerstamm in Westbrasilien.* Berlin: Walter de Gruyter
- Chomsky, Noam  
 1980. “On Binding”. In: *Linguistic Inquiry*, 11: 1, pp. 1-46.
- Craig, Colette Grinevald  
 1986. Noun classes and categorization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.  
 1992. “Classifiers in a functional perspective.” In: Fortescue, Michael *et alii* (eds.) *Layered structure and reference in a functional perspective: papers from the functional grammar conference in Copenhagen 1990.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp. 277-301.
- Crystal, David  
 1988. *Dicionário de lingüística e fonética.* Trad. e adapt. de Maria Carmelita P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Dequech, Victor  
 1942. *Trabalhos da Comissão do Urucumacuan nos rios Apediá e Corumbiara* [mapa mineralógico e toponímico das bacias do Pimenta Bueno e Corumbiara].  
 1943. *Comissão para estudos das jazidas auríferas do Urucumacuan - relatório.* Rio de Janeiro: M.A – D.N.P.M – Divisão de Fomento da Produção Mineral, junho de 1943.
- Derbyshire, Desmond & Payne, Doris L.  
 1990. “Noun classification systems of Amazonian languages.” In: Payne (ed.), pp. 243-271.
- Dixon, Robert M. W.  
 1977. “Where have the adjectives gone?”. In: *Studies in language*. I (1): pp.19-80
- Dixon, Robert M. W. & Aikhenvald, Alexandra (eds.).  
 1999. *The Amazonian languages.* Cambridge: Cambridge University Press.
- Ferrarezi Jr., Celso  
 2003. *Livres pensares.* Porto velho: Edufro.
- Galvão, Eduardo  
 1960. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. n. 8 (Antropologia). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.  
 1979. *Encontro de sociedades – índios e brancos no Brasil.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. Governo Federal do Brasil  
 1973. *Estatuto do Índio.* Brasília: DOU, 21/12/1973.

- Greenberg, Joseph H.  
 1978 [1963]. "Some universals of grammar with a particular reference to the order of meaningful elements". In: Greenberg, Joseph H. (ed.), *Universals of Language*. 2. ed. Cambridge, Mass.: The MIT Press.  
 1987. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.
- Grimes, Joseph & Grimes, Barbara (eds.)  
 2000. *Ethnologue: languages of the world*. 14. ed. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Grinevald, Colette  
 2000. "A morphosyntactic typology of classifiers". In: G. Senft (ed.) *Systems of Nominal Classification*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 50-92.
- Gudschinsky, Sara. C.  
 1967. *How to learn an unwritten language*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Isto É.  
 1995. "Perdidos na Selva." In: *Isto É*, n. 1357. São Paulo: Editora Três, 04/10/95, semanal, p. 58.
- Hargreaves, Maria Inês Saldanha  
 1995. Palavras dos índios do Omeré, manuscrito com 91 itens, Rondônia.
- Holanda, Aurélio B.  
 1994. *Dicionário Aurélio Eletrônico*, vol. 1.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Kaufman, Terrance  
 1990. "Language classification en South America: what we know and how to know more". In: Payne (ed.), pp. 13-74.
- Kindell, Gloria E.  
 1981. *Guia de análise fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Lévi-Strauss, Claude  
 1948a. "Tribes of the right bank of the Guaporé River". In: Julian H. Steward (ed). *Handbook of South American Indians*, vol. 3., Washington: Smithsonian Institution, pp. 361-369.  
 1948b. "The Nambikwara". In: Julian H. Steward (ed). *Handbook of South American Indians*, vol. 3., Washington: Smithsonian Institution, pp. 370-379.
- Loukotka, Čestmír  
 1950. "La parenté des langues du bassin de la Madeira". In: *Lingua posnaniensis*, vol. 2, Poznań, pp. 123-144.  
 1963. "Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains." In: *Journal de la Société des Américanistes*, nouvelle série, tome LII. Paris, Musée de l'Homme, pp. 7-60.  
 1968. *Classification of South American Languages*. Los Angeles: University of California / Latin American Center.
- Lyons, John  
 1977. *Lingua e lingüística*. Ed. bras. Rio de Janeiro: Guanabara
- Maldi Meireles, Denise.  
 1984. *Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia*. Cuiabá: UFMT.  
 1991. "O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia*. Vol. 7, n. 2. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 209-269.
- Martins, Edílson  
 1978. *Nossos índios, nossos mortos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Codrecri.
- Melatti, Julio Cezar  
 1993. *Índios do Brasil*. 7 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb.

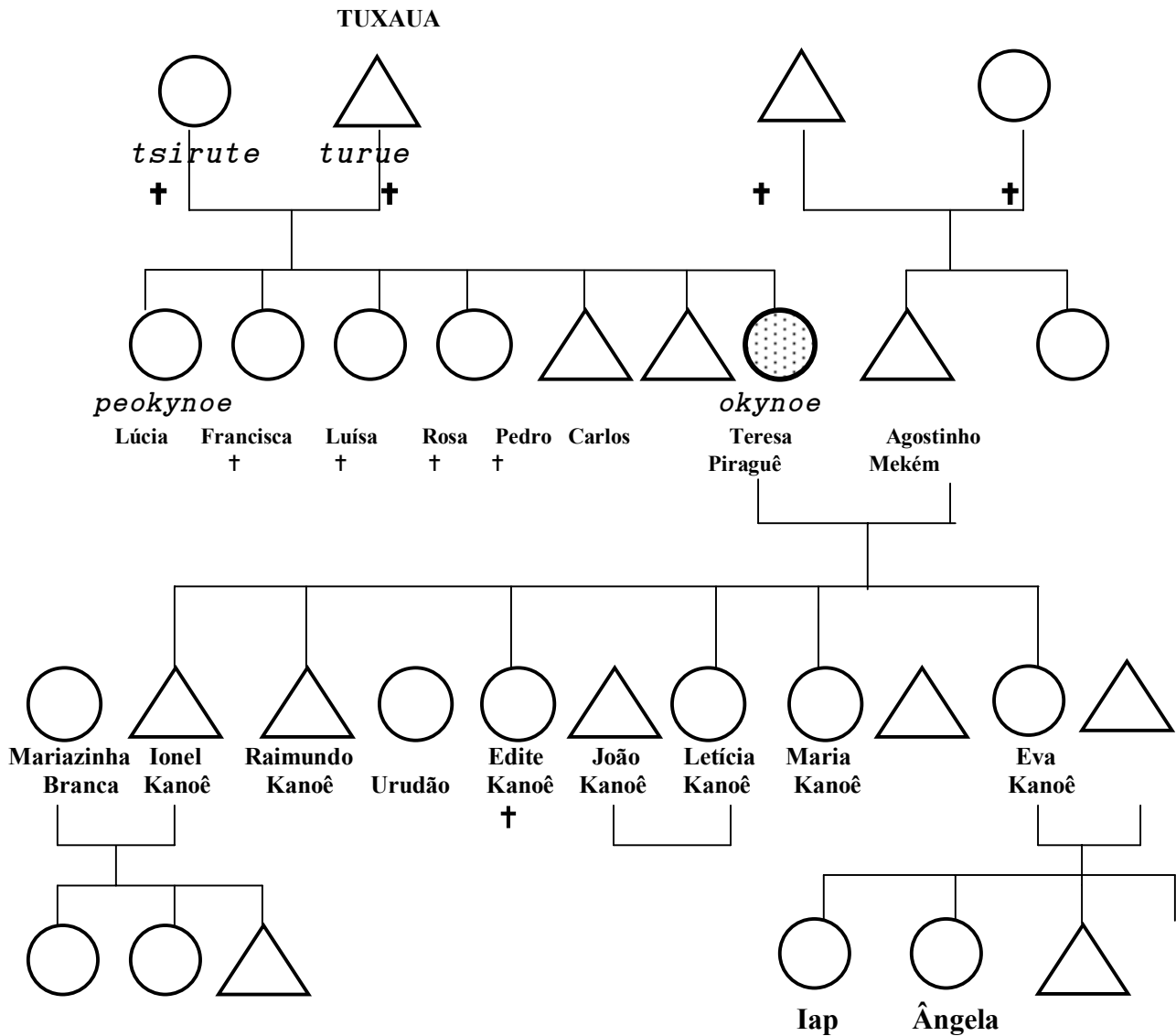
1996. *Áreas culturais indígenas do Brasil*. Fascículo 24- Guaporé - Curso introdutório em 33 capítulos. Brasília: UnB. Disponível <http://www.indios.info/>; acessado em 12/01/2004.
- Mindlin, Betty
1995. *Antologia de mitos dos povos Ajuru, Arara, Arikapu, Aruá, Kanoê, Jabuti e Makurap*. São Paulo: Iamá.
1999. *Terra grávida*. Betty Mindlin e narradores indígenas. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos.
- Ministério da Educação e do Desporto
2002. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC / SEF/ Cordenadoria Geral de Apoio às escolas Indígenas.
- Mithun, Marianne
1986. "The convergence of noun classification systems". In: Colette Craig (ed.), *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; pp. 379-97.
1987. "Is the basic order universal?" In: Tomlin, Russel ed.) *Coherence and grounding in discourse - Typological studies in language* 11. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, pp. 281-328.
- Montserrat, Ruth Maria F.
1994. "Línguas indígenas no Brasil contemporâneo". In: Grupioni, Luís D. B. (org.) *Índios do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- Museu do Índio
1982. Catálogo do material lingüístico originário da Comissão Rondon. *Boletim do Museu do Índio - Documentação*, n. 2, Rio de Janeiro: Museu do Índio, pp. 1-39.
- Nanne, Kaíke
1996. "Filhos de tupã – quem são e como vivem as duas novas tribos encontradas na Amazônia". In: *Caminhos da Terra*. Ano 5, n. 2, ed. 46., fev. 96, . São Paulo: Editora Azul, pp. 58-67.
- Nida, Eugene A.
1970. *Morphology – the descriptive analysis of words*. 2. ed., Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Nimuendajú, Curt
1955. "Vocabulários Makuši, Wapičána, Ipurinã' e Kapišana'." In: *Journal de la Société des Américanistes*, nouvelle série – tome XLIV. Paris: Musée de l'Homme, pp.179-197.
1981. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE/Fundação Nacional Pró-Memória.
- Payne, Doris L (ed.)
1990. *Amazonian linguistics - Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press.
- Payne, Thomas E.
1997. *Describing morphosyntax – a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Perdigão, Francisca Francinete dos S.
1990. *Rondônia: a fronteira da escravidão*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Instituto de Ciências Humanas da UnB, 06.07.90 ([www.unb.br/ih/his/hi-teses-1990.htm](http://www.unb.br/ih/his/hi-teses-1990.htm) - 18k)
- Pike, Kenneth L.
1943. *Phonetics: a critical analysis of a phonetic theory and a technique for the practical description of sounds*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
1947. *Phonemics: A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

- Price, David  
 1978. "The Nambiquara linguistic family." In: *Antropological linguistics*, vol. 20, n. 1, pp.14-39.  
 1983. "Pareci, Cabixi, Nambiquara: a case study in the Western classification of native peoples". In: *Journal de la Societé des Américanistes* 69: 129-148. Paris.
- Pottier, Bernard  
 1983. *America latina en sus lenguas indígenas - coordinación, presentación y documentación*. Caracas: UNESCO/Monte Ávila Editores.
- Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (orgs.)  
 2000. *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Raposo, Eduardo Paiva  
 1992. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho Editorial.
- Ribeiro, Darcy  
 1996. *Os índios e a civilização – a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Cia das Letras.
- Ribeiro, Darcy et alii  
 1987. *Suma etnológica brasileira – edição atualizada do Handbook of South American Indians*, vol. 1,2 e 3. Petrópolis: Vozes.
- Ricardo, Carlos Alberto (ed.)  
 1996. *Povos indígenas do Brasil - 1991-1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental.  
 2000. *Povos indígenas do Brasil - 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Robins, R. H.  
 1981. *Linguística geral. 2. ed.* Trad. de Elizabeth C. A. da Cunha e Maria Isabel E. Ilha. Rio de Janeiro: Globo.
- Rocha, Luís Carlos de Assis  
 1998. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna  
 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.  
 1996. *Classificação das línguas indígenas brasileiras*. Quadro acessável em <http://www.socioambiental.org/website/pib/portugues/linguas/index.shtm>  
 2000. "Panorama das línguas indígenas da Amazônia." In: Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (orgs.), pp. 15-28.
- Rondinelli, Rosely Curi  
 1995. *Inventário analítico do arquivo do SPI*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/ Fundação Biblioteca Nacional.
- Rosch, Eleanor & Lloyd, B. (eds.)  
 1978. *Cognition and categorization*. Hillsdale: Erlbaum Associates.
- Sakamoto, Leonardo.  
 2000. "O último sobrevivente : equipe da Funai tenta contatar indígena que vive sozinho". In: *Problemas Brasileiros*, São Paulo: SESC, n. 338, p.18-20, mar./abr. 2000.
- Samarin, W. I.  
 1967. *Field linguistics: a guide to linguistic field work*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston.
- Santos, Marcelo dos  
 1996. "Os índios acossados em Rondônia." In: Ricardo, Carlos Alberto (ed.).  
 1998. "Proposta para interdição isolado Tanaru." Vilhena: manuscrito 5 p.  
 2000. "Os 'isolados' de Rondônia". In: Ricardo, Carlos Alberto (ed.).

- Snethlage, Emil Heinrich  
 1939 “Musikinstrumente der Indianer des Guaporégebietes”. In: *Baessler-Archiv, Beiträge zur Völkerkunde*, Beiheft X. Berlin: Dietrich Reimer – Andrews & Steiner.
- Spencer, Andrew  
 1991. *Morphological Theory*. Oxford: Basil Blackwell.
- Swadesh, Morris  
 1959. *Mapas de clasificación lingüística de México y las Américas*. México: UNAM.
- Tovar, Antonio.  
 1961. *Catálogo de las lenguas de América de Sur*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- Ullmann, Stephen.  
 1962. *Semantics: an introduction to the science of meaning*. Oxford: Basil Blackwell & Mott
- Valadão, Virgínia.  
 1996. “Os índios ilhados do igarapé Omeré.” In: Ricardo, Carlos Alberto (ed.).
- Voort, Hein van der.  
 2000a. “Kwaza or Koaiá, an unclassified language of Rondônia, Brazil.” In: van der Voort, Hein, and van de Kerke, Simon (eds.), *Indigenous Languages of Lowland South America*. Leiden: Research School of Asian, African and Amerindian Studies (CNWS), pp. 39-52.  
 2000b. *A grammar of Kwaza: A description of an endangered and unclassified indigenous language of Southern Rondônia, Brasil*. Universiteit Leiden.  
 2004. *Kwaza in a comparative perspective*. Manuscript, 34 p.
- Weiss, Helga E.  
 1980. *Fonética articulatória – guia e exercícios*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Whaley, Lindsay J.  
 1997. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. London: Sage Publications.
- Zack, Estanislau  
 1943 *Relatório, Vocabulário das tribos Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoê*. Manuscrito inédito, no. 308; Rio de Janeiro: Arquivo do Museu do Índio, pp. 328-35.

# ANEXO 1: GENEALOGIAS DE ALGUMAS FAMÍLIAS KANOÊ

## 1.1 GENEALOGIA DE TERESA KANOÊ (PIRAGUÊ)



† Turué Kanoê, *causa mortis*: queda de árvore

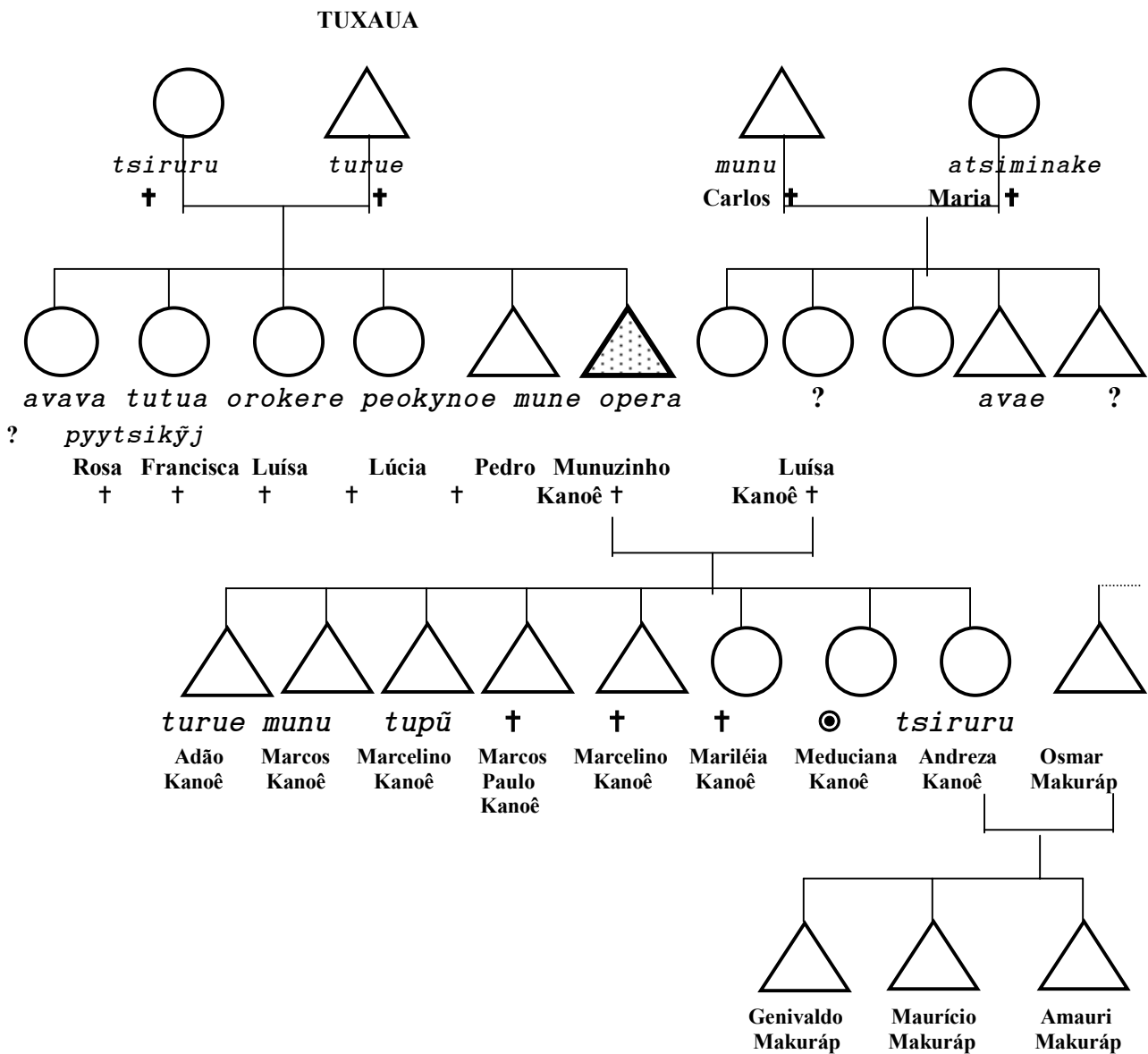
⊙ Meduciana Kanoê, *desaparecimento* : roubada em Porto Velho

Obs: A união de Teresa com Agostinho Mekém não foi um casamento oficial, pois filha de tuxaUA não podia se casar, segundo as tradições da tribo. Contudo, os filhos de Teresa filhos são considerados Kanoê e têm esse sobrenome porque são netos do tuxaUA Turué.

Convenções:

⊙ = EGO = Okynoé = Teresa Kanoê ; † = falecimento; ⊙ = desaparecimento

## 1.2 GENEALOGIA DE LUÍS KANOÊ (MUNUZINHO)



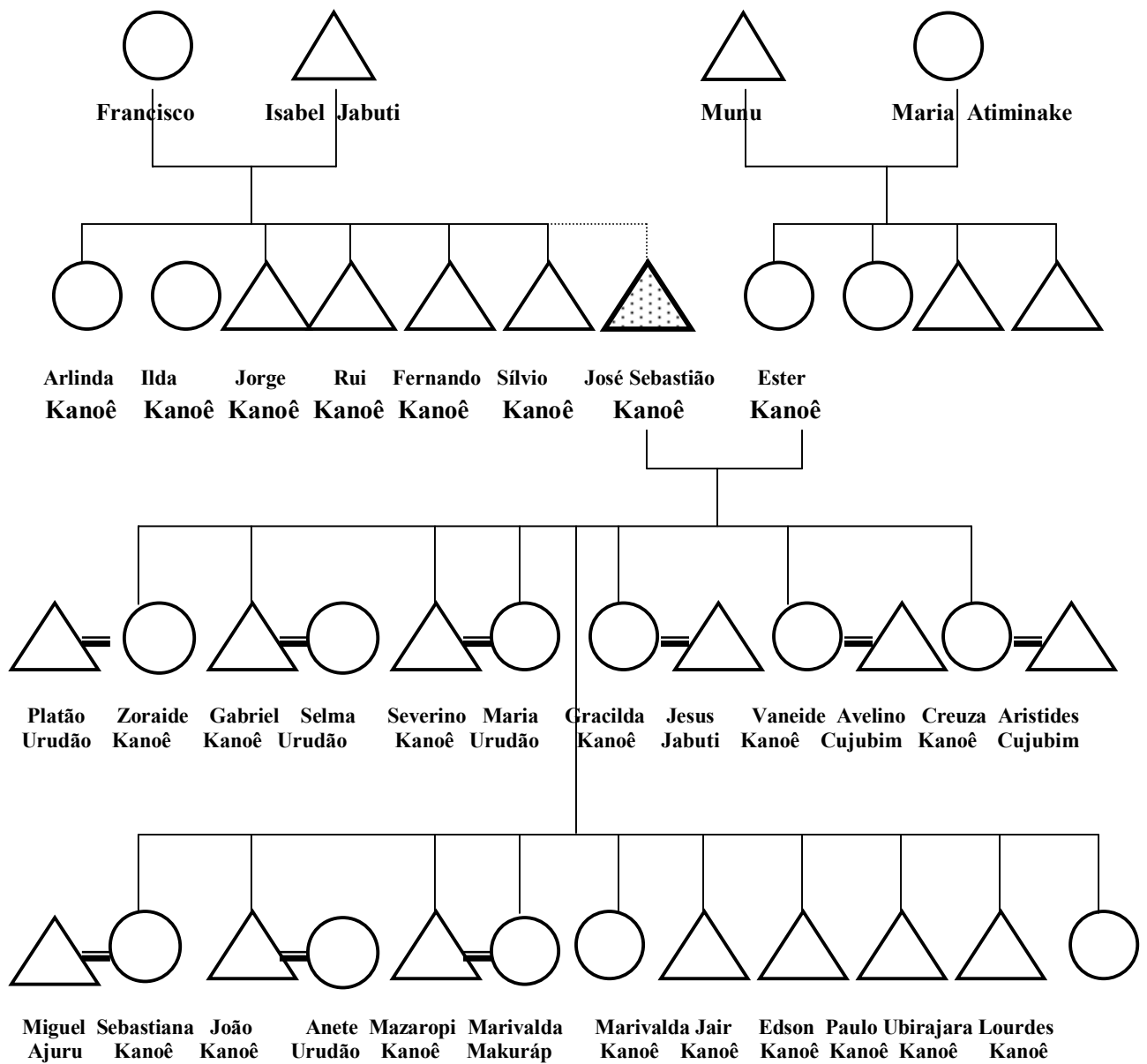
- † Turué Kanoê, *causa mortis*: queda de árvore
- † Txiruru Kanoê, *causa mortis*: problemas no último parto
- ⊙ Pedro Kanoê, *desaparecimento*
- ⊙ Francisca Kanoê, *desaparecimento*
- † Munuzinho Kanoê, *causa mortis*: coqueluche
- † Marcelino Kanoê, *causa mortis*: coqueluche
- † Marcos Paulo Kanoê, *causa mortis*: vermes (“bicho na barriga”)
- † Maria de Lourdes Kanoê, *causa mortis*: sarampo
- † Mariléia Kanoê, *causa mortis*: sarampo
- ⊙ Meduciana Kanoê, *desaparecimento* : roubada em Porto Velho

### Convenções:

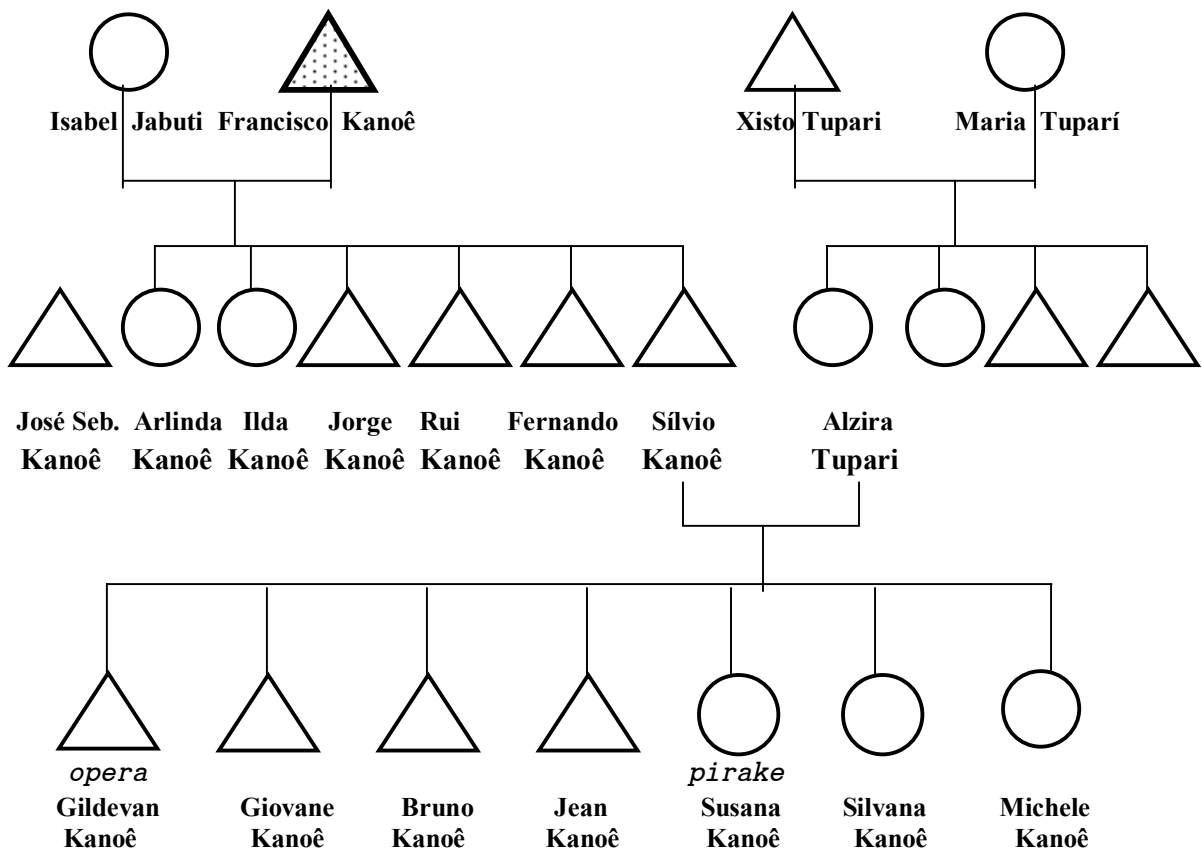
= EGO = Operá = Munuzinho = Luís Kanoê; † = falecimento; ⊙ = desaparecimento



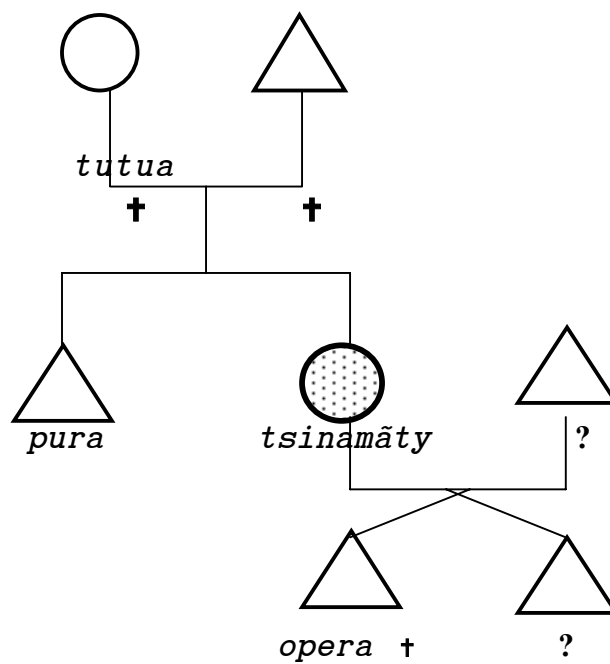
### 1.3 GENEALOGIA DE JOSÉ SEBASTIÃO KANOÊ



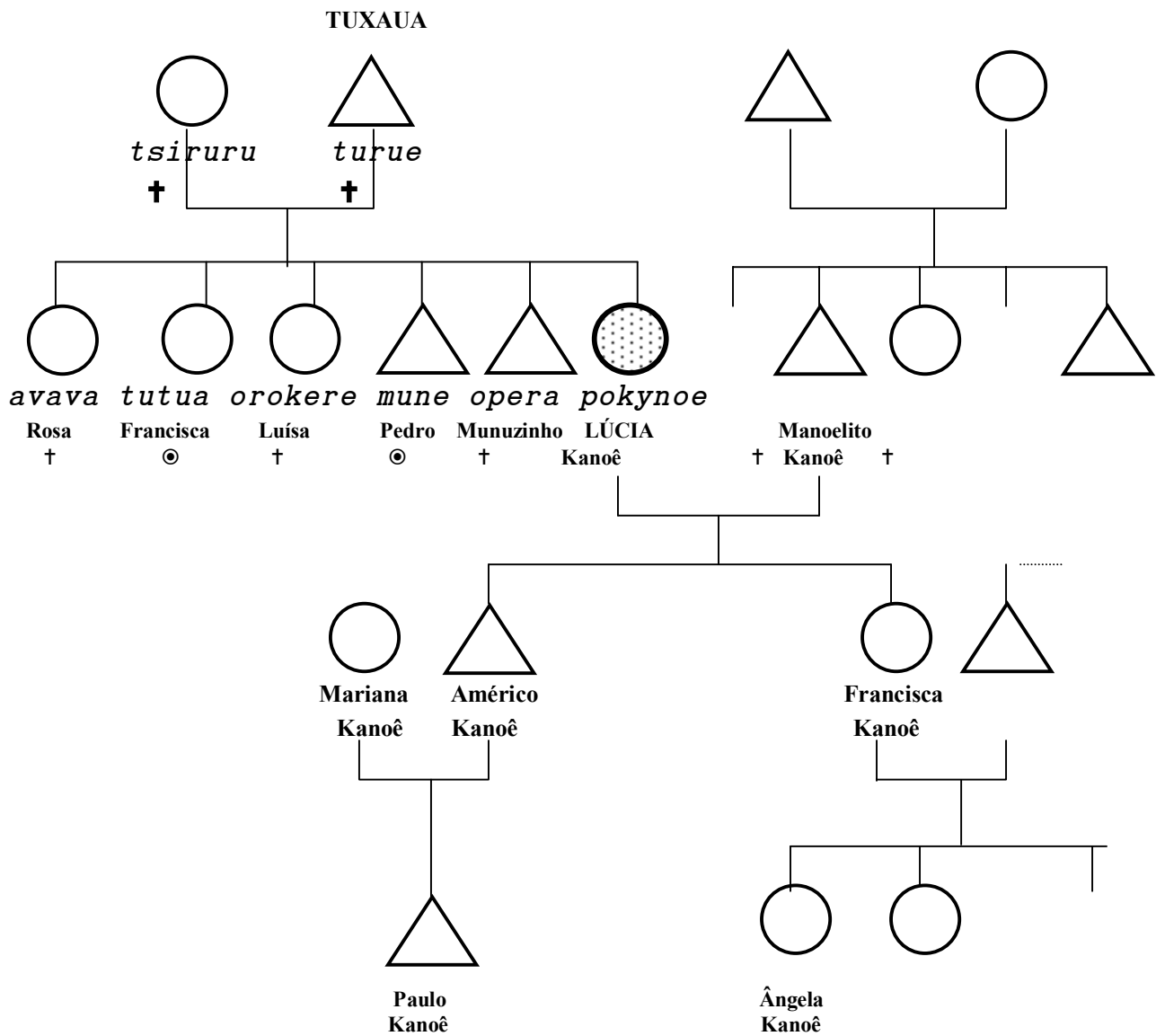
### 1.4 GENEALOGIA ASCENDENTE DE FRANCISCO KANOÊ



### 1.5 GENEALOGIA DE TXINAMANTY KANOÊ (ISOLADOS DO OMERÉ)



## 1.6 GENEALOGIA DE LÚCIA KANOÊ



- † Turué Kanoê, *causa mortis*: queda de árvore
- † Txiruru Kanoê, *causa mortis*: problemas no último parto
- † Munuzinho Kanoê, *causa mortis*: senilidade
- ◎ Pedro Kanoê, *desaparecimento*
- ◎ Francisca Kanoê, *desaparecimento*

### Convenções:

● = EGO = Lúcia Kanoê ; † = falecimento; ◎ = desaparecimento

**ANEXO 2:**  
**RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE REMANESCENTES KANOÊ**  
**(predominantemente da Área Indígena Rio Guaporé)**

**1. Família de Geraldo Cujubim**

- 1.1 Geraldo Cujubim
- 1.2 *Conceição Kanoê* (esposa)
- 1.3 *Lindalva Kanoê*
- 1.4 Liliane Cujubim
- 1.5 Salatiane Cujubim
- 1.6 Aldelina Cujubim
- 1.7 Rodney Cujubim
- 1.8 Ronaldo Cujubim

**2. Família de José Augusto Kanoê**

- 2.1 José Augusto Kanoê
- 2.2 *Núzia Makuráp* (esposa)
- 2.3 Arlinda Kanoê
- 2.4 José Augusto Filho Kanoê
- 2.5 Joseandro Kanoê

**3. Sílvio Kanoê**

- 3.1 Sílvio Kanoê
- 3.2 *Alzira Makuráp* (esposa)
- 3.3 Geovane Kanoê
- 3.4 Silvalene Kanoê
- 3.5 Suzana Kanoê
- 3.6 Gean Kanoê
- 3.7 Geldevan Kanoê
- 3.8 Michele Kanoê
- 3.9 Bruno Kanoê

**4. Família de Jorge Santos Kanoê**

- 4.1 Jorge Santos Kanoê
- 4.2 *Maria Antônia Ajuru* (esposa)
- 4.3 Sueli Kanoê
- 4.4 Tânia Kanoê
- 4.5 Sancler Kanoê
- 4.6 Sulândi Kanoê
- 4.7 Milâni Kanoê
- 4.8 Sanrley Kanoê
- 4.9 Josiane Kanoê
- 4.10 Tatiane Kanoê
- 4.11 Natália Kanoê

**5. Família de Ismael Kanoê**

- 5.1 Ismael Kanoê
- 5.2 *Máisa Makuráp* (esposa)
- 5.3 Sandriely Kanoê
- 5.4 Inês Kanoê

**6. Família de Robério Ajuru**

- 6.1 Robério Ajuru
- 6.2 *Sandra Kanoê* (esposa)
- 6.3 Sâmia Ajuru
- 6.4 Rosiane Ajuru

**7. Família de Francisco Kanoê**

- 7.1 Francisco Kanoê
- 7.2 Isabel Kanoê

**8. Família de Estanislau Tupari**

- 8.1 Estanislau Tupari
- 8.2 *Ilda Kanoê* (esposa)
- 8.3 Gretha Tupari
- 8.4 Gigliane Tupari
- 8.5 Euzébio Tupari
- 8.6 Bigaí Tupari
- 8.7 Marcos Tupari
- 8.8 Marconéio Tupari
- 8.9 Kiaurélio Tupari
- 8.10 Isabela Tupari
- 8.11 Romildo Tupari

**9. Família de Sebastião Kanoê**

- 9.1 Sebastião Kanoê
- 9.2 Ester Kanoê
- 9.3 Marivaldo Kanoê
- 9.4 Jairzinho Kanoê
- 9.5 Paulo Kanoê
- 9.6 Ubirajara Kanoê
- 9.7 Lourdes Kanoê
- 9.8 Gabriel Kanoê

**10. Família de Aristides Cujubim**

- 10.1 Aristides Cujubim
- 10.2 *Creuza Kanoê* (esposa)
- 10.3 Ednéia Cujubim
- 10.4 Mara Núbia Cujubim
- 10.5 Arionete Cujubim
- 10.6 Júnio Cujubim
- 10.7 Bianca Cujubim
- 10.8 Amarildo Cujubim
- 10.9 Keusiane Cujubim
- 10.10 Kássio Cujubim

**11. Família de Jesus Jabuti**

- 11.1 Jesus Jabuti
- 11.2 *Gracilda Kanoê* (esposa)
- 11.3 Graciela Jabuti
- 11.4 Danni Jabuti
- 11.5 Gerson Jabuti
- 11.6 Djemenly Jabuti
- 11.7 Camila Jabuti
- 11.8 Kalebe Jabuti

**12. Família de Avelino Cujubim**

- 12.1 Avelino Cujubim
- 12.2 *Vaneide Kanoê* (esposa)
- 12.3 Andréia Cujubim
- 12.4 Liviete Cujubim
- 12.5 Najani Cujubim
- 12.6 Josineide Cujubim
- 12.7 Matheus Cujubim
- 12.8 Renê Cujubim
- 12.9 Matias Cujubim

**13. Família de Rui Kanoê**

- 13.1 Rui Kanoê
- 13.2 *Rosilda Aruá* (esposa)
- 13.3 Valcemir Kanoê
- 13.4 Plínio Kanoê
- 13.5 Ruizinho Kanoê

**14. Família de Severino Kanoê**

- 14.1 Severino Kanoê
- 14.2 *Maria Eva Oronão* (esposa)
- 14.3 José Luiz Kanoê
- 14.4 Elivelton Kanoê
- 14.5 Lucimaria Kanoê
- 14.6 Cleudo Kanoê
- 14.7 Saramaia Kanoê

**15. Família de Mazaropi Kanoê**

- 15.1 Mazaropi Kanoê
- 15.2 *Marivalda Makuráp* (esposa)
- 15.3 Beatriz Kanoê
- 15.4 bebê

**16. Família de João Kanoê**

- 16.1 João Kanoê
- 16.2 *Aneti Oronão* (esposa)

**17. Família de Luiz H. Jabuti**

- 17.1 Luiz Henrique Jabuti
- 17.2 *Gleiciane Kanoê* (esposa)
- 17.3 Poliana Jabuti
- 17.4 bebê

**18. Família de Fernando Kanoê (Rio Branco)**

- 18.1 Fernando Kanoê
- 18.2 *Rosalina Aruá* (esposa)
- 18.3 Paulo Rossi Kanoê
- 18.4 Mical Kanoê
- 18.5 Alisson Kanoê
- 18.6 Misma Kanoê
- 18.7 Raile Kanoê
- 18.8 Elisson Kanoê
- 18.9 Sandro Kanoê

**19. Família de Célio R. Kanoê**

- 19.1 Célio Roberto Kanoê
- 19.2 *Marly Jabuti* (ex-esposa)
- 19.3 Nicolly Kanoê
- 19.4 Michael Kanoê
- 19.5 Cássia Kanoê
- 19.6 Rogério Kanoê
- 19.7 Emerson Kanoê
- 19.8 Viviane Kanoê

**20. Família de Tiago Jabuti**

- 20.1 Tiago Jabuti
- 20.2 *Lindalva Kanoê* (esposa)
- 20.3 Tauane Paula Jabuti

TOTAL:           40 HOMENS  
                      34 MULHERES  
                      **74 KANOÊ**

Data: 13 de abril de 2003

Informantes:

Sueli Kanoê  
Valcemir Kanoê  
Mazaropi Kanoê

**ANEXO 3:  
FOTOS**



**Foto 1**  
Teresa Kanoê com o filho Leonel,  
em Guajará-Mirim, RO.  
Foto: LNB, jun. / 1991.



**Foto 2**  
Maria Atximinaké Kanoê (falecida em 1996)  
em Guajará-Mirim, RO.  
Foto: LNB, jun. / 1991.



**Foto 3**  
Munuzinho Kanoê e Jorge Santos Kanoê,  
descendo o rio Guaporé para a realização da 3ª. sessão de trabalho de campo.  
Foto: LNB / jan. / 1997



**Foto 4**

Munuzinho Kanoê, no Hotel Fênix, em Guajará-Mirim, RO,  
por ocasião da 3ª. sessão de trabalho de campo  
Foto: LNB / jan. / 1997



**Foto 5**

Txinamanty Kanoê com o filho Operá  
(falecido em fev. / 2003)  
na aldeia do Omeré. Foto: LNB, ago/2000.



**Foto 6**

Tutuá Kanoê (falecida em fev. / 2003),  
na aldeia do Omeré. Foto: LNB, ago/2000.



**Foto 7**

Purá Kanoê com o técnico indigenista Marcelo dos Santos,  
na ocasião do primeiro contato no Omeré, em 03 de setembro de 1995.  
Foto: Marcos Mendes / Agência Estado, set. / 1995.  
Fonte: <http://www.socioambiental.org/website/pib/epi/kanoe/omere.shtm>



**Foto 8**

Purá Kanoê com o técnico indigenista Altair Algayer  
na ocasião do primeiro contato no Omeré, em 03 de setembro de 1995.  
Foto: Marcos Mendes / Agência Estado, set. / 1995.  
Fonte: <http://www.socioambiental.org/website/pib/epi/kanoe/omere.shtm>



## RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição e a análise dos aspectos fundamentais da gramática da língua Kanoê, com ênfase em sua fonologia e morfossintaxe. Hoje, essa língua é ainda falada por apenas cinco pessoas que vivem na região sul do Estado de Rondônia, Brasil, na região da fronteira nacional com a Bolívia.

No **Capítulo 1**, sob o título “Introdução”, são apresentados o povo e a língua Kanoê, sua classificação genética e uma revisão da literatura, a partir das citações bibliográficas anteriores. Além disso, são descritos os contextos geográfico, sócio-econômico, histórico e sociocultural em que a língua é falada; os traços culturais, a demografia e a história social do povo Kanoê. O capítulo é finalizado com um breve histórico da pesquisa, da primeira à quarta sessões de trabalho de campo, e com a metodologia aplicada na análise dos dados e resultados.

O **Capítulo 2** – “Fonologia” – apresenta o sistema fonológico da língua Kanoê, com base numa análise das oposições fonológicas a partir de “pares mínimos”. O subsistema de fonemas consonantais é visto num quadro sintético, a partir do qual se faz o inventário e a descrição de cada uma das consoantes: seus traços articulatorios, suas realizações fonéticas e a demonstração de suas oposições fonológicas em relação aos fonemas contíguos. Além disso, são avaliados os resíduos da análise dos fonemas consonantais.

O mesmo procedimento é aplicado na descrição do subsistema de fonemas vocálicos, subdividido em vogais orais e nasais: inventário, descrição, realizações e respectivas oposições fonológicas. Soma-se aí a descrição dos resíduos da avaliação fonológica dos sons vocálicos. Essa descrição culmina com os quadros sinóticos dos fonemas e suas respectivas realizações fonéticas. Em seguida, são descritos o acento de intensidade silábica, os padrões silábicos, os ditongos e hiatos, e, ainda, alguns processos morfofonológicos, tais como a queda de vogais nasalizadas, ditongação e alomorfia, entre outros. O capítulo se encerra com uma breve descrição da entoação frasal e com uma proposta preliminar de alfabeto para o Kanoê.

No **Capítulo 3** – “Morfologia e Morfossintaxe” – são apresentadas a tipologia morfológica do Kanoê, a composição e a derivação como processos morfológicos de formação de palavras, a definição das classes de palavras com base em critérios morfossintáticos. A partir daí, dá-se ênfase à morfologia e à morfossintaxe de cada uma das classes de palavras, exceto das estruturas verbais, que, por sua complexidade, mereceram um capítulo específico.

Assim sendo, em relação aos nomes, faz-se a distinção entre os morfemas nominais recorrentes, a descrição da estrutura morfológica dos nomes simples, das nominalizações deverbais e dos nomes compostos, a marcação do gênero nominal, o número e os diminutivos. Dada sua importância no sistema da língua, são detalhados os classificadores nominais transparentes e os opacos. A morfossintaxe nominal é descrita em termos de estruturas sintagmáticas: o sintagma nominal, a ordem de palavras nos sintagmas nominais, as relações de concordância em gênero e por classificadores nominais, o sintagma nominal possessivo.

Em seguida, a morfologia e a morfossintaxe pronominal são descritas a partir de uma tipologia que, com base em critérios semânticos e funcionais, os distribui em cinco subclasses específicas, a saber: a) pronomes pessoais livres; b) pronomes possessivos; c) pronomes demonstrativos; d) pronomes indefinidos; e) locuções pronominais interrogativas. Este capítulo é finalizado com a apresentação dos numerais e quantificadores, dos advérbios e de alguns conectivos e partículas.

No **Capítulo 4** – “Morfossintaxe Verbal” – as relações de concordância verbal e as posições de ocorrência das marcas de flexão pessoal nos sintagmas verbais são o ponto de partida para a determinação de cinco grandes classes de estruturas verbais em Kanoê. Por outro lado, são definidas e descritas algumas classes de raízes verbais com base na

ocorrência ou não dos morfemas tipicamente verbais, sobretudo {-ro} e {-to}. Além disso, são também descritos outros morfemas verbais, entre os quais os direcionais; a tipologia dos predicados verbais, o modo, o tempo e o aspecto verbal; e, ainda, algumas considerações sobre o auxiliar {-re}.

No **Capítulo 5** – “Sintaxe e semântica” – são tecidas algumas observações acerca da tipologia sintática do Kanoê; da descrição das estruturas sintáticas das sentenças simples – dos argumentos nucleares aos periféricos e suas respectivas funções sintáticas; a tipologia do predicado oracional; as inversões da ordem básica de constituintes. O capítulo traz ainda não só uma análise preliminar da sintaxe das sentenças complexas, a partir dos processos de coordenação e co-subordinação, mas também uma classificação sintático-semântica das orações co-subordinadas.

Alguns dos campos léxico-semânticos, tais como a terminologia para partes, órgãos e detalhes do corpo humano ou de animal e a terminologia dos laços de parentesco, entre outros, são apresentados no **Capítulo 6** – “Léxico e Semântica”. Aí, somam-se algumas observações sobre a antroponímia e sobre os nomes de entidades mitológicas, povos e rios, na cultura Kanoê. O capítulo se completa com a descrição parcial de fenômenos tais como metáforas, polissemia, sinonímia, alguns possíveis empréstimos lingüísticos, e, ainda, algumas semelhanças entre Kanoê e Kwazá (Koaiá).

Finalmente, no **Capítulo 7** – “Textos” - são transcritos e decompostos morfologicamente alguns textos e letras de canções do povo Kanoê.

**Palavras-chave:** 1. Línguas indígenas brasileiras; 2. Gramática; 3. Fonologia; 4. Morfossintaxe; 5. Semântica

## SAMENVATTING

Dit boek bevat de beschrijving en de analyse van de fundamentele grammaticale aspecten van het Kanoê, met nadruk op de fonologie en de morfosyntaxis. Vandaag de dag wordt deze taal door nog slechts vijf mensen gesproken in de zuidelijke streken van de Braziliaanse deelstaat Rondônia, in het grensgebied met Bolivia.

In **Hoofdstuk 1**, getiteld “Introductie”, wordt het Kanoê volk gepresenteerd, de Kanoê taal en haar genetische classificatie, en de bestaande bronnen. Voorts worden de geografische, historische, sociaal-economische en sociaal-culturele contexten van de taal beschreven, alsmede de culturele kenmerken, demografie en de sociale geschiedenis van het volk. Het hoofdstuk eindigt met een kort overzicht van het voorafgaande onderzoek, van de eerste tot en met de vierde periode in het veld, en de bij de gegevensanalyse gebruikte methodologie.

**Hoofdstuk 2** – “Fonologie” – beschrijft het fonologisch systeem van het Kanoê, gebaseerd op de analyse van fonologische opposities in termen van minimale paren. Het subsysteem van de medeklinkers wordt gepresenteerd in een tabel, waarna elke medeklinker voor zich wordt beschreven: zijn uitspraakkenmerken, zijn fonetische realisaties, gevolgd door een beschrijving van zijn fonologische opposities met betrekking tot aangrenzende fonemen. Daarnaast worden overige aspecten van de analyse der medeklinkers behandeld.

Dezelfde procedure is ook toegepast op de beschrijving van het subsysteem van de klinkers, die zijn onderverdeeld in orale en nasale klinkers: overzicht, beschrijving, uitspraak en fonologische opposities. Daarna worden overige fonologische aspecten van de klinkers behandeld. Deze beschrijving eindigt met overzichtelijke tabellen van de fonemen en hun allofönen. Achtereenvolgens worden dan nog beschreven: het lettergreepaccent, lettergreepatronen, de diftongen, hiatus, en enkele morfofonologische processen, zoals onder andere het wegvallen van genasaliseerde klinkers, diftongering en allomorfie. Het hoofdstuk wordt afgesloten door een korte beschrijving van intonatie, en een voorlopig voorstel voor een praktisch alfabet voor gebruik door de sprekers van het Kanoê zelf.

In **Hoofdstuk 3** – “Morfologie en Morfosyntaxis” – worden de morfologisch-typologische kenmerken van het Kanoê gepresenteerd, samenstelling en afleiding als woordvormingsprocessen, en de definities van de woordklassen, gebaseerd op morfosyntactische criteria. Daarna worden de morfologische en morfosyntactische eigenschappen van elke woordklasse voor zich behandeld, met uitzondering van de werkwoordelijke structuren, die vanwege hun complexiteit een apart hoofdstuk verdienen.

Met betrekking tot de naamwoorden worden de meest voorkomende nominale morfemen besproken, de morfologische structuur van zelfstandige naamwoorden, deverbale nominalisaties en nominale samenstellingen, de markering van naamwoordelijk geslacht, getal, en de verkleinvormen. Vanwege hun belang in het grammaticaal systeem worden de nominale classificeerders in detail behandeld, en onderverdeeld in een transparante en een opake groep. De nominale morfosyntaxis wordt beschreven in termen van syntagmatische structuren: het naamwoordgroep, woordvolgorde binnen de naamwoordgroep, congruentie voor geslacht en naamwoordklasse (dmv. classificeerders), en de bezittelijke naamwoordgroep.

Vervolgens worden de morfologie en morfosyntaxis van de voornaamwoorden beschreven vanuit een op semantische en functionele criteria gebaseerde typologie die ze verdeelt in vijf specifieke klassen, te weten: a) persoonlijke voornaamwoorden; b) bezittelijke voornaamwoorden; c) aanwijzende voornaamwoorden; d) onbepaalde voornaamwoorden; e) vragende voornaamwoordelijke uitingen. Dit hoofdstuk wordt afgesloten met een bespreking van getallen en kwantoren, de bijwoorden en enkele voegwoorden en partikels.

In **Hoofdstuk 4** – “Verbale Morfosyntaxis” – worden, op basis van werkwoordelijke congruentierelaties en persoonsverbuiging van werkwoorden vijf belangrijke klassen van werkwoordstructuren in het Kanoê bepaald. Anderzijds worden er ook enkele klassen van werkwoordstammen bepaald op grond van het al dan niet voorkomen van typisch werkwoordelijke morfemen, bovenal {-ro} e {-to}. Daarnaast worden ook andere werkwoordelijke morfemen beschreven, waaronder de directionelen, en wordt de typologie van werkwoordelijke predicaten behandeld, werkwoordswijze, -tijd en -aspect, alsmede enkele overwegingen met betrekking tot het auxiliaire element {-re}.

In **Hoofdstuk 5** – “Syntaxis en semantiek” – worden enkele observaties gedaan met betrekking tot de syntactisch-typologische kenmerken van het Kanoê; de beschrijving van de syntactische structuur van enkelvoudige zinnen - van de nucleaire argumenten tot de perifere en hun respectievelijke syntactische functies; de typologische kenmerken van het predicat; omkering van de basisvolgorde der constituenten. Dit hoofdstuk bevat hiernaast niet alleen een voorlopige analyse van de structuur van complexe zinnen, op basis van coördinatie en cosubordinatie, maar eveneens een syntactisch-semantische classificatie van gecosubordineerde zinnen.

Een aantal lexicaal-semantische velden, zoals delen, onderdelen en organen van het menselijk en dierlijk lichaam, de verwantschapsterminologie, en andere, worden behandeld in **Hoofdstuk 6** – “Lexicon en Semantiek”. Hier worden de persoonsnamen, mythologische namen, volkennamen en riviernamen die in de cultuur van de Kanoê gebruikelijk waren behandeld. Het hoofdstuk wordt afgesloten met een gedeeltelijke beschrijving van verschijnselen als beeldspraak, polysemie, synoniemen, mogelijke taalkundige ontleningen en enkele overeenkomsten tussen Kanoê en Kwaza (Koaiá).

Tenslotte worden in **hoofdstuk 7** – “Teksten” – enkele teksten en gezangen van het Kanoê volk getranscribeerd en morfologisch ontleed.

**Sleutelwoorden:** 1. Braziliaanse inheemse talem; 2. Grammatica; 3. Fonologie; 4. Morfosyntaxis; 5. Semantiek

## ABSTRACT

This work presents a description of some basic aspects of the grammar of Kanoê, with emphasis on phonology and morphosyntax. Today, this language has only five speakers left, which live in southern Rondônia, a state of Brazil, near the border with Bolivia.

In **Chapter 1**, “Introduction”, the people are introduced, and the Kanoê language, its genetic classification and a literature review are presented, with the previous sources. Besides, the geographical, socioeconomic, historical and sociocultural context is described in which this language still survives; the cultural traces, the demography, and the social history of the Kanoê people. The chapter concludes with a brief account of the first to the fourth fieldwork sessions, and of the methodology applied in the data analysis.

**Chapter 2**, “Phonology”, presents the phonological system of Kanoê, based on an analysis of phonological oppositions in minimal pairs. The consonantal subsystem is synthesized in a table, with an inventory of each consonant: articulatory basis, phonetic realization, and phonological oppositions regarding the contiguous phonemes. Besides, the consonantal phonemes are evaluated.

The same procedure is applied to the subsystem of vowel phonemes, subdivided into oral and nasal vowels: inventory, description, realization and respective phonologic oppositions, and evaluation of some residues of vocalic sounds. This description culminates in the tables of the phonemes and their allophones. Soon after, the syllabic intensity accent are described, the standard syllables, the diphthongs and hiatuses, and other morpho-phonological processes such as vowel nasalization, diphtongization, and allomorphy, among others. The chapter concludes with a brief description of intonation, and a preliminary alphabet proposal for Kanoê.

In **Chapter 3**, “Morphology and morpho-syntax”, there is a morphologic typology of Kanoê; composition and derivation as word formation processes; a definition of parts of speech on the basis of morpho-syntactic criteria. Consequently, there is focus on the morphology and morpho-syntax of each one of the parts of speech, except for the verbal structures, which are discussed in a separate chapter.

With respect to the nouns, a distinction is made between recurring nominal morphemes, morphologically simple nouns and nominalizations, the structural description of composed nouns, nominal gender demarcation, number and the diminutive. Because of their importance in Kanoê, the system of nominal classification is detailed, and split into transparent and opaque classifiers. Nominal morphosyntax is described in terms of syntagmatic structures, word order in NPs, agreement in gender and nominal classifiers, and nominal possessive NPs. Soon after, pronominal morphology and morphosyntax are described from a typological perspective, with a base in semantic and functional criteria, and distributed over five specific subclasses, namely: a) free personal pronouns; b) possessive pronouns; c) demonstrative pronouns; d) indefinite pronouns; and e) interrogative pronominal forms. This chapter concludes with the numerals and quantifiers, adverbs, and some connective particles.

In **Chapter 4**, “Verbal morpho-syntax”, verbal agreement relations and the inflection for person marks the occurrence of verbal structures as the starting point for the determination of five verbal classes in Kanoê. On the other hand, some verbal root classes are defined and described with a basis in the occurrence or not of typically verbal morphemes, such as  $\{-ro\}$  and  $\{-to\}$ . Besides, other verbal morphemes are also described, such as directional markers; a typology of verbal predicates is given; mood, tense and verbal aspect are described; and finally the auxiliary  $\{-re\}$  is discussed.

In **Chapter 5** – “Syntax and semantics” – there are some observations concerning the syntactic typology of Kanoê; a description of the syntactically simple nuclear and peripheral arguments and their syntactic functions; a typology of predicates is given; basic word order changes are discussed. The chapter also discusses complex sentences in a preliminary

analysis, both coordination and co-subordination processes, and a syntactic-semantic classification of co-subordinate clauses.

Some considerations about lexical-semantic sets, such as terminology for human or animal body parts, social kinship terminology, among others, are introduced in **Chapter 6**, under the title “Lexicon and semantics”. Also, there are some observations about anthroponymy and about names for mythological entities, peoples and rivers, in the culture of the Kanoê. The chapter is concluded with partial description of phenomena such as metaphors, polysemy, synonymy, possible loan words, and some lexical correspondences between Kanoê and Kwaza (Koaiá).

Finally, in **Chapter 7**, “Texts”, texts and songs in Kanoê are transcribed and morphologically decomposed.

**Key-words:** 1. Brazilian Indigenous languages; 2. Grammar; 3. Phonology; 4. Morpho-syntax; 5. Semantics.

## BIOGRAFIA SUCINTA DO AUTOR

Laércio Nora Bacelar nasceu em e sob o sol de um Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em 17 de novembro de 1955. Coursou o antigo Ginásio e o II Grau no Colégio Municipal de Belo Horizonte, onde revelou tendência para os estudos lingüísticos e literários, estimulado, entre outros, pela Profa. Sílvia Martins. Nos anos negros da ditadura, militando clandestinamente a favor da abertura política do País desde a adolescência, em 1977, sofreu violência física brutal por membros de organizações paramilitares, mas não desistiu de suas convicções.

Em 1980, iniciou o Curso de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, concluído em 1983. Nesse período surgiu a curiosidade lingüística acerca das línguas indígenas brasileiras, pois seu irmão Eber, engenheiro militar, trabalhando na implantação e pavimentação da BR-364, falava do contato com índios e suas línguas desconhecidas. Assim, em 1984, a convite do irmão, Laércio foi mudado-se para Porto Velho e, em 1985, iniciou sua carreira como professor universitário na UNIR - Universidade Federal de Rondônia, efetivando-se por meio de concurso em julho de 86.

No período de janeiro de 86 a junho de 88, fez Especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pretendia seguir estudos nessa área. Contudo, a leitura de “Tarefas da lingüística no Brasil” (1966), ainda durante a graduação, e *Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*, lançado em 1986, ambos do Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, fizeram-no conscientizar-se de que poderia contribuir no salvamento científico de pelo menos uma das línguas indígenas brasileiras.

A falta de perspectivas locais levou-o a demitir-se da UNIR para, no segundo semestre de 88, iniciar o Mestrado da UnB - Universidade de Brasília, optando pela linha de pesquisa etnolingüística e, mais precisamente, pela documentação e análise da língua Kanoê, sob a orientação do Prof. Aryon. Na UnB, cursou Fonética e Lingüística Histórica com o Prof. Aryon Dall’ Igna Rodrigues; Fonologia com o Prof. Hildo Honório do Couto; Morfologia com a Profa. Stella Maris Bortone; Sintaxe, na linha gerativo-transformacional, com a Profa. Lúcia Maria Pinheiro Lobato; e Sociolingüística com a Profa. Lúcia Quental; aos quais é grato pela formação.

Nesse meio tempo, participou de um programa de intercâmbio entre a UnB e a Universidade Adam Mickiewicz, em Poznań, Polônia, onde lecionou Língua Portuguesa e Cultura Brasileira. De volta ao Brasil, as sucessivas e abruptas mudanças na política econômica, educativa e científica do País, sobretudo durante o desastroso governo de Fernando Collor, quase o fizeram desistir do projeto, mas, persistindo, em maio de 1992, concluiu o Mestrado com uma análise preliminar da fonologia da língua Kanoê.

A partir daí prestou concurso e lecionou na Universidade Federal de Uberlândia, mas, naquela instituição, não encontrou espaço nem apoio para continuar na mesma linha de pesquisa. Prestou então novo concurso na Universidade Federal de Goiás, onde encontrou algum espaço para o prosseguimento da pesquisa. Nesse período iniciou o intercâmbio científico com o lingüista holandês Dr. Hein van der Voort, que pesquisava a língua Kwaza, na mesma região de Rondônia. Entretanto, novas mudanças econômicas e educacionais, mais uma vez quase o fizeram desistir do projeto. Para que tal não acontecesse, demitiu-se da UFG e aceitou proposta de trabalho da Universidade de Uberaba, uma instituição particular, na ilusão de cursar o doutorado na UNESP-Araraquara, pela proximidade geográfica, dando prosseguimento ao projeto Kanoê. As condições de trabalho na instituição particular, no entanto, criavam obstáculos ainda maiores à pesquisa. inviabilizando-a.

Em outubro de 1999, a Universidade de Leiden e, posteriormente, a Universidade Católica de Nijmegen, na Holanda, por meio do Prof. Dr. Pieter Muysken e do Dr. Hein van der Voort, ofereceram o estímulo e as condições materiais para a continuidade da pesquisa Kanoê, que resulta parcialmente na presente gramática.